



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação
Departamento de Ciência da Informação e Documentação

Bibliotecários no Brasil

representações da profissão

Maria Tereza Machado Teles Walter

Tese apresentada ao curso de Doutorado, do programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sofia Galvão Baptista

Brasília, 2008.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Ernesto Guilherme Walter (*in memoriam*), à minha mãe Maria de Lourdes Machado Telles Walter e às minhas tias, as bibliotecárias Marietta Telles Machado (*in memoriam*) e Maria Amélia Telles di Machado (*in memoriam*), exemplos vários.

Sobretudo dedico a você, Walmir, por tudo que é, que representa e com quem tenho a enorme ventura de compartilhar minha vida.

AGRADECIMENTOS

Dentre os materiais que sempre gostei de trabalhar estão as dissertações e as teses, especialmente para ler os agradecimentos, que espelham os dramas, alegrias, desesperos e humores dos autores. E não farei diferente...

Mesmo correndo o risco de ser injusta e esquecer alguém que caminhou de algum modo ao meu lado, muitas vezes à frente e outras me empurrando, especialmente agradeço:

- À Prof^a Dr^a Sofia Galvão Baptista, de quem fui estagiária e cuja postura profissional e o misto equilibrado de seriedade e bom humor serviram de guia na minha carreira, e que continuou com sua orientação atenciosa, precisa e sempre disponível para minhas dúvidas, incertezas e angústias;

- À Prof^a Dr^a Suzana Mueller pelas críticas, pelas sugestões e por ser outro paradigma profissional;

- Ao Prof. Dr. Valdir Morigi cujas sugestões no início desse processo significaram muito e definiram alguns vários caminhos e ao Prof. Dr. Murilo Cunha que sempre tem algo a oferecer e que não foi percebido antes;

- À Prof^a Dr^a Marta Valentim, que fez alguns questionamentos interessantes, que ainda me fazem pensar e à Prof^a Dr^a Maria Alice Borges, cujo apoio e carinho significaram muito por vários momentos, especialmente na defesa;

- Ao pessoal da biblioteca da Embrapa Sede, especialmente Maria Helena Kurihara, grande bibliotecária e ser humano ímpar, Simara, Rosângela, Chiquinho e, mais recentemente, Joyce, sempre eficientes na recuperação de artigos e outros documentos no país e no exterior;

- À minha irmã Dr^a Maria Inez Machado Telles Walter, cujo auxílio é muito maior que o apoio em estatística, fundamental para este trabalho;

- Aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia-CRB da 1^a, da 3^a, da 5^a, da 8^a e da 12^a Regiões que prontamente forneceram os cadastros dos bibliotecários, sem o que essa pesquisa não se realizaria e ao CRB10 que, mediante solicitação do Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB, ao qual igualmente agradeço, colocou o questionário na *Internet*, possibilitando que mais pessoas da região Sul do país participassem da pesquisa;

- Aos bibliotecários respondentes dos questionários, que se dispuseram a doar seu tempo e atenção para explicitarem, mesmo que de forma anônima, suas opiniões acerca da imagem profissional da categoria;

- Aos professores entrevistados que consentiram em possibilitar o aprofundamento das discussões sobre questões tão sensíveis e que certamente contribuirão para a abertura de novos horizontes de pensamento e de pesquisas futuras;

- Às minhas amigas e grandes bibliotecárias Maria Alice Bianchi, Dauí Corrêa e Luciana Reis, com quem aprendo sempre;

- Às eternas companheiras e amigas desde os tempos do mestrado, cujo trabalho e exemplos tento acompanhar: Adelaide Côrte, Ieda Almeida, Celinha Almeida, Neide Sordi, Suelena Bandeira, Estefânia Pontes, Fabiene Diógenes e Patrícia Balduino;

- Aos amigos de risos, de lágrimas e de todas as horas Márcia Moura, Paula Daher dos Santos, Calléria Witczak e José Carlos Silva;

- À Lilian Januzzi, Coordenadora da Biblioteca do Supremo Tribunal Federal, o apoio e a paciência em conduzir com sabedoria as discussões e as trocas de idéias, à Mônica Fischer, bibliotecária muito companheira, que com leveza, inteligência e bom-humor torna o trabalho um prazer diário, em nome de quem agradeço, também, ao pessoal da Seção de Biblioteca Digital, com quem convivi durante quase dois anos e à Dr^a Altair Costa, então Secretária de Documentação, pelo apoio que sempre deu em várias ocasiões e em diversas atividades, sobretudo na fase do doutorado;

- À Lucylene Rocha, Chefe da Seção de Referência e Empréstimo, que no momento final da tese, mesmo sabendo que ficaria afastada por três meses em licença capacitação, me recebeu na Seção com sua calma, gentileza e paciência, em nome de quem agradeço aos demais alegres e empenhados colegas de trabalho que tornam prazeroso cada dia de trabalho;

- Ao Supremo Tribunal Federal, que me concedeu a licença capacitação, o que possibilitou a dedicação integral nesse momento final que é ao mesmo tempo angustiante e apavorante e a todos os companheiros da Coordenadoria de Biblioteca, por diversas razões, cada um a seu modo;

- Aos amigos que construí nesse processo, em especial, Fernanda Moreno, Miguel Márdero Arellano e Fernando Leite, todos ótimos exemplos nesse percurso;

- Ao Nerione Cardoso Junior que mesmo sem saber me apresentou um começo e à Alcidina Cunha Costa pelas valiosas sugestões e correções nos textos iniciais;

- Aos Professores do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da UnB aos quais agradeço sempre pelo conhecimento que compartilham com os alunos e pela gentileza com que sempre me trataram, desde a graduação, do mesmo modo que ao pessoal da Secretaria da Pós e da Graduação;

- À Prof^a Dr^a Elmira Simeão, do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da UnB, que possibilitou e facilitou a utilização do Portal do CID para colocação do questionário eletrônico e aos seus sempre prestativos e eficientes estagiários Douglas e Carol, alunos de Arquivologia, que sempre se colocaram à disposição para manter o questionário eletrônico em produção;

- À Prof^a Dr^a Sely Costa que propiciou momentos tão interessantes de discussão com calouros da disciplina de Introdução à Biblioteconomia, no módulo que trata de mercado de trabalho, formação profissional e ética;

- Ao Walmir, que a despeito de tudo que teve que lidar nesse período e de todo destempero emocional que um estudo dessa natureza significa, sempre foi um dos grandes incentivadores desse caminho e me ajudou, com sua calma e com suas sugestões práticas nessa pesquisa;

- À minha grande família sempre e em qualquer circunstância presente.

“A ciência depende não da acumulação indutiva de demonstrações,
mas do princípio metodológico da dúvida.”¹

¹ GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. p. 26.

Resumo

Essa pesquisa teve por objetivo geral verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, constroem a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa imagem são positivos. A partir desse ponto desdobraram-se os objetivos específicos: verificar como os bibliotecários e o corpo docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação definem o que é o bibliotecário e o seu mercado de trabalho e que elementos se destacam nessa definição; identificar quais competências os bibliotecários e o corpo docente destacam sobre a profissão bibliotecária e para o profissional contemporâneo; examinar quais as condutas (morais e éticas) apontadas pelos bibliotecários e o corpo docente como essenciais na vida profissional do bibliotecário; verificar, entre as práticas da profissão, quais são as mais destacadas pelos bibliotecários, corpo docente e pela mídia (reportagens com profissionais); e identificar quais os valores e as crenças sobre os bibliotecários que os docentes transmitem aos alunos por meio das práticas pedagógicas e dos conteúdos das disciplinas ministradas nos cursos para bibliotecários. A revisão de literatura incluiu temas como auto-imagem/autoconceito; identidade; estereótipos; valores ocupacionais; formação profissional; Biblioteconomia no Brasil; normas regulamentares; ética profissional e organizações representativas da categoria. A teoria que fundamentou a pesquisa foi a de Representações Sociais, na perspectiva de Serge Moscovici. Foi realizado um *survey* junto aos bibliotecários, selecionados por amostra sistemática, cujos dados foram coletados por intermédio de questionários. Procurou-se incluir dois estados por região do país, com exceção da região Norte, cujos cadastros não foram obtidos junto aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia. Com relação aos professores, foi feita uma pesquisa exploratória, com amostra intencional de docentes que atuassem na graduação em Biblioteconomia e que não tivessem como linha de pesquisa o profissional da informação, desconsiderando-se outras características como sexo, idade, formação básica, tempo de docência ou titulação. As entrevistas foram realizadas com um docente de um dos estados das regiões da pesquisa. Como as amostras dos participantes da pesquisa não foram probabilísticas, os dados não podem ser extrapolados. Foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences-SPSS* para análise dos dados quantitativos e a análise de conteúdo, sob a perspectiva de Laurence Bardin, para análise dos dados qualitativos dos questionários e para as entrevistas. As análises dos dados foram agrupadas conforme as dimensões estabelecidas pelo questionário, que incluiu perguntas sobre os bibliotecários, sobre a Biblioteconomia, sobre o mercado de trabalho e sobre a formação profissional, que foram parcialmente observadas nas entrevistas, pelo roteiro estabelecido. Foram analisadas, também, as escolas que formam bibliotecários, nos estados nos quais os professores entrevistados atuam, procurando identificar a matriz curricular, as características gerais dos cursos, o quadro de docentes, entre outros itens. Os dados obtidos sugerem que existem tendências de imagem positiva ou negativa associando-se os indicadores das dimensões e variáveis como avaliação da escola e salário, entre outras, assim como relacionada à percepção dos professores sobre questões como valorização da profissão e formação profissional dos bibliotecários.

Abstract

The main objective of this study was to examine in which way librarians and Librarianship teachers, in Brazil, construct the professional image of librarians, and if the factors which represent this image are positive. From this point specific objectives were unfolded: how librarians and Librarianship and Information Science teachers define the librarian and its labour market and which elements may be put in relief; which abilities librarians and teaching staff point out on the librarian career and on contemporary librarians; which moral and ethic elements are essential to the *métier* according to librarians and teaching staff; which are the more relevant professional practices to librarians, teaching staff and mass media; and at last which values and beliefs about librarians are transmitted by librarianship teachers through their pedagogical practices and through the disciplines taught at Library Schools. The literature review included themes such as self-image/self-concept, identity, stereotypes, working values, professional formation, Librarianship in Brazil, Librarianship codes and laws in Brazil, professional ethics and librarians professional organizations. This work was based on the Theory of Social Representations, under the perspective of Serge Moscovici. A survey was carried out on librarians selected by systematic sample, using questionnaires. Two States were selected in each geographical region, with the exception of the Northern part of Brazil, due to lack of librarians addresses. An exploratory survey was performed with librarian teachers, with intentional sample, selecting those who teach at graduate level and do not conduct research on the information professional, disregarding characteristics such as sex, age, graduation level, teaching experience or academic titles. One interview was made with a teacher from one of the States of the regions included in this study. Data collected were not probabilistic and therefore results cannot be extrapolated to the whole population of librarians in Brazil. The Statistical Package for the Social Sciences-SPSS was employed for analyzing quantitative data and to perform contents analysis of qualitative data it was used Laurence Bardin's methodology. Data were grouped under the dimensions established on the questionnaire which included questions about librarians, Librarianship, librarian labor market and professional formation. This division was partially observed on the analysis of interviews. Other data collected were about the Library and Information Sciences Schools, their disciplines, general characteristics of the courses offered and information about teachers. Results of these data indicate tendencies of the association of positive and negative images with some of the dimensions and variables, such as analysis of schools and wages, as well as professional values and professional education under the opinion of the teachers who were interviewed.

Lista de Figuras

Figura 1 – Representação de aspectos dos estereótipos sob a perspectiva da força das relações	49
Figura 2 – Imagem dos bibliotecários	51
Figura 3 – Boneca bibliotecária.....	53
Figura 4 – Características do trabalho e motivação profissional	77
Figura 5 – As três dimensões da competência	79
Figura 6 – Ciclo de vida de competências organizacionais	82
Figura 7 – Descrição esquemática da sociogênese das representações sociais	124
Figura 8 – Esquema de pesquisa/questionário	160
Figura 9 – Esquema de pesquisa/entrevista	165
Figura 10 – Esquema de pesquisa/análise documental	168
Figura 11 – Conselhos Regionais de Biblioteconomia.....	344

Lista de Quadros

Quadro 1 - O dinamismo da modernidade	35
Quadro 2 – Legislação	100
Quadro 3 – O espaço de estudo das representações sociais	116
Quadro 4 – Amostra inicial da pesquisa.....	134
Quadro 5 – Amostra da pesquisa.....	135
Quadro 6 – Escolas pesquisadas – características gerais	158
Quadro 7 – Questionários enviados e devolvidos pelo correio.....	173
Quadro 8 – Variáveis do questionário	175
Quadro 9 - Escola em que se formou	181
Quadro 10 – Relação entre a dimensão bibliotecário e as variáveis.....	201
Quadro 11 – Relação entre a dimensão Biblioteconomia e as variáveis.....	206
Quadro 12 – Relação entre a dimensão mercado de trabalho e as variáveis	211
Quadro 13 – Relação entre a dimensão formação profissional e as variáveis.....	218
Quadro 14 – Relação entre as dimensões e as variáveis.....	218
Quadro 15 – Nichos de mercado	261
Quadro 16 – Disciplinas sugeridas para os cursos	263
Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil	337
Quadro 18 – Bibliotecários inscritos nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia	343

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Classes de idade.....	179
Tabela 2 – Maior formação acadêmica.....	180
Tabela 3 – Região	183
Tabela 4 – Forma de conhecimento do curso.....	184
Tabela 5 - Motivação na escolha da carreira	186
Tabela 6 - Tipo de unidade de informação que trabalha	187
Tabela 7 – Faixa salarial x unidade de informação.....	191
Tabela 8 – Indicador bibliotecário e ano de formatura.....	196
Tabela 9 - Indicador bibliotecário e avaliação do curso	197
Tabela 10 - Indicador bibliotecário e tipo de unidade de informação	198
Tabela 11 - Indicador bibliotecário e nº de usuários	199
Tabela 12 - Indicador bibliotecário e salário.....	199
Tabela 13 – Indicador Biblioteconomia e nº de bibliotecários.....	204
Tabela 14 - Indicador Biblioteconomia e vinculação da unidade de informação.....	204
Tabela 15 – Indicador mercado e formação acadêmica	208
Tabela 16 - Indicador mercado e avaliação do curso	208
Tabela 17 - Indicador mercado e função.....	209
Tabela 18 - Indicador mercado e tipo de unidade de informação.....	209
Tabela 19 - Indicador mercado e faixa salarial	210
Tabela 20 – Indicador formação e idade.....	212
Tabela 21 - Indicador formação e ano de ingresso.....	213
Tabela 22 - Indicador formação e ano de formatura.....	215
Tabela 23 - Indicador formação e avaliação do curso	216
Tabela 24 - Indicador formação e nº de usuários	217
Tabela 25 - Percebo resistência, em meus colegas, em proposições de mudanças ou implantação de novos produtos e serviços.....	221
Tabela 26 - Aconselharia um amigo a ser bibliotecário	222

Tabela 27 - Atividade de atendimento é a que melhor traduz a profissão bibliotecária	225
Tabela 28 - Biblioteconomia oferece poucas oportunidades de ascensão a cargos de direção que não sejam em bibliotecas tradicionais.....	225
Tabela 29 - Meu chefe imediato é bibliotecário.....	227
Tabela 30 - O trabalho que desenvolvo na minha instituição é útil para que ela atinja seus objetivos.....	229
Tabela 31 - Onde trabalho existem oportunidades de crescimento na carreira e progresso profissional..	230
Tabela 32 - As atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras	231
Tabela 33 - Pela formação que recebem, os bibliotecários têm capacidade técnica para atuar melhor em bibliotecas tradicionais	234
Tabela 34 - A formação humanista é útil para o bibliotecário atuar nas diferentes unidades de informação	235
Tabela 35 - Percebo tendência à acomodação profissional nos bibliotecários	245

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract.....	viii
Lista de Figuras	ix
Lista de Quadros.....	x
Lista de Tabelas.....	xi
1 Introdução.....	16
1.1 Apresentação do tema	18
1.2 Objetivos.....	20
1.2.1 Objetivo geral.....	20
1.2.3 Objetivos específicos	20
2 Revisão de literatura	20
2.1 Imagem e Auto-imagem profissional	21
2.1.1 Identidade	33
2.1.2 Estereótipos	45
2.1.3 Valores ocupacionais	62
2.2 Formação profissional.....	72
2.2.1 Profissão, trabalho e emprego	74
2.2.2 Competência profissional	78
2.2.3 Formação profissional dos bibliotecários.....	83
2.3 Biblioteconomia no Brasil.....	89
2.3.1 Normas regulamentares de Biblioteconomia no Brasil	99
2.3.1.1 Ética profissional	101
2.3.2 As organizações representativas da classe bibliotecária.....	105
2.4 Representações sociais	112
2.4.1 Ancoragem e objetivação.....	117
2.4.2 Aplicações, estudos e críticas	120
3 Metodologia	127
3.1 Tema e abordagem teórica	127
3.2 Constructos e definições operacionais para o estudo	128
3.2.1 Constructos.....	128
3.2.2 Definições operacionais	129
3.3 Pressuposto, problema, hipóteses	130
3.3.1 Problema.....	130
3.3.2 Hipóteses.....	130

3.4 Universo e amostra.....	131
3.4.1 Características das Escolas.....	136
- Bahia.....	136
- Distrito Federal.....	138
- Goiás.....	139
- Santa Catarina.....	140
- São Paulo.....	143
- Resumo dos dados das Escolas.....	156
3.5 Instrumentos de coleta de dados.....	158
3.5.1 Questionários.....	159
3.5.2 Roteiro da entrevista.....	164
3.5.3 Análise documental.....	168
4 Análise e discussão dos resultados.....	170
4.1 Participantes da Pesquisa.....	172
4.2 Análise dos questionários aplicados aos bibliotecários.....	173
4.2.1 Perfil pessoal e profissional da amostra de bibliotecários.....	177
4.2.2 Resultados das dimensões bibliotecário, Biblioteconomia, mercado de trabalho e formação profissional.....	194
- Dimensão bibliotecários.....	194
- Dimensão Biblioteconomia.....	201
- Dimensão mercado de trabalho.....	206
- Dimensão formação profissional.....	211
4.2.3 Análise dos dados quantitativos dos questionários.....	219
- Dimensão bibliotecários: dados quantitativos.....	219
- Dimensão Biblioteconomia – dados quantitativos.....	223
- Dimensão mercado de trabalho e tecnologias de informação – dados quantitativos.....	226
- Dimensão formação profissional – dados quantitativos.....	231
4.2.4 Análise dos dados qualitativos dos questionários.....	236
- Dimensão bibliotecários: dados qualitativos –.....	238
- Estereótipos.....	239
- Competências.....	244
- Reconhecimento social da profissão.....	246
- Dimensão Biblioteconomia: dados qualitativos.....	248
- Exercício profissional de pós-graduados em Ciência da Informação.....	248
- Características distintivas da profissão bibliotecária.....	252
- Dimensão mercado de trabalho: dados qualitativos.....	256
- Tecnologias de informação e exercício profissional dos bibliotecários.....	257
- Mercado de trabalho dos bibliotecários.....	261
- Dimensão formação profissional: dados qualitativos.....	262
- Disciplinas para os cursos de Biblioteconomia.....	263
- As organizações representativas da categoria na visão dos bibliotecários.....	265
- Participação em eventos técnicos.....	267
- Espaço aberto aos bibliotecários.....	267
4.3 Análise das entrevistas realizadas com os professores.....	270
4.3.1 Perfil pessoal e profissional da amostra de docentes.....	274
4.3.2 Análise dos conteúdos das entrevistas.....	275
- Formação profissional dos bibliotecários na visão dos docentes.....	276
- Organização das disciplinas nos cursos.....	280

- Mercado de trabalho na visão dos docentes	281
- Influências percebidas pelos professores relacionadas a escola, estágios, atividades, instituições	285
5 Conclusões	295
5.1 As conclusões dos questionários	295
5.1.1 As conclusões sob a perspectiva dos bibliotecários	297
- Dimensão bibliotecários – dados quantitativos e qualitativos	297
- Dimensão Biblioteconomia – dados quantitativos e qualitativos.....	298
- Dimensão mercado de trabalho – dados quantitativos e qualitativos	299
- Dimensão formação profissional – dados quantitativos e qualitativos	300
- Eventos e espaço aberto	302
5.2 As conclusões das entrevistas	303
5.3 As conclusões e os objetivos	305
5.4 As conclusões e as hipóteses	306
6 Síntese geral.....	307
- Perspectivas de estudos futuros	309
7 Referências.....	312
Anexos.....	327
Anexo I – Questionário.....	328
Anexo II – Roteiro da entrevista	335
Anexo III – Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação.....	337
Anexo IV – Relação de bibliotecários em atividade nos Estados	343
Anexo V – Modelo da Correspondência Enviada aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia.....	345

1 Introdução

Como e por que pensar em auto-imagem profissional dos bibliotecários diante da identificação, por meio da literatura técnica, das limitações de suas competências, de seu tradicionalismo na atuação profissional, de seu baixo investimento em educação continuada, de sua timidez na carreira e, também, das deficiências de sua formação?

Este grupo profissional, embora não seja uma profissão jovem, como, por exemplo, a de *webdesigners*, tradicionalmente atravessa os tempos ameaçado de extinção, aspecto mais agudamente percebido em decorrência dos progressos advindos das tecnologias de informação e de comunicação, sobretudo com o advento da *web*, a partir da década de 1990, e pelas críticas ao seu modo de atuar.

Não é propósito desta pesquisa defender ou atacar a importância desse segmento para a sociedade, mas tentar compreender, por meio da identificação da imagem projetada pelos integrantes da profissão, que conjunto de fatores está presente e influenciando a auto-imagem profissional dos bibliotecários, de que forma ela se projeta no exercício profissional e de que modo os bibliotecários analisam os colegas de profissão.

Paralelamente, foi feito um estudo exploratório para levantar a visão do corpo docente dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e daqueles cuja responsabilidade seja formar profissionais da informação – ainda que este conceito não esteja consolidado – foi levantada, assim como o retrato dos bibliotecários a partir do mapeamento da literatura técnica.

A revisão de literatura desse trabalho iniciou-se com o estudo de imagem e auto-imagem profissional, a partir do qual emergiram outros tópicos que têm convergência com essa temática e incluíram:

- Identidade;
- Estereótipos;
- Valores ocupacionais;
- Formação profissional;
 - Profissão, trabalho e emprego;
 - Competência profissional;
 - Formação profissional dos bibliotecários;
- Biblioteconomia no Brasil;
 - Normas regulamentares da profissão;
 - Ética profissional
- Organizações representativas da classe bibliotecária.

O marco teórico para compreensão do fenômeno da imagem profissional na pesquisa foi fundamentado na Teoria das Representações Sociais sob a perspectiva de Serge Moscovici. Outras teorias, igualmente válidas como, por exemplo, da sociologia das profissões ou aquelas vinculadas à educação, não abrangeriam os aspectos mais fortemente impactantes no processo de construção da auto-imagem que são a visão pessoal dos indivíduos sobre si mesmos e sobre a profissão que abraçaram e a influência do meio e do contexto nesse processo.

A coleta de dados incluiu questionários para os bibliotecários e entrevistas com os professores, contemplando questões semelhantes para possibilitar a comparação das representações profissionais e visando identificar outras a partir das narrativas.

A relevância da compreensão dos fatores que compõem a imagem profissional dos bibliotecários encontra resposta nas próprias Instituições de Ensino Superior - IES no Brasil. Mesmo tendo alterado a denominação dos Departamentos ou Institutos essas Instituições continuam formando bacharéis em Biblioteconomia que precisam se colocar no mercado e que lutam por espaço e reconhecimento, tarefas que talvez pudessem ser realizadas com maior maestria se, ao longo dos cursos que realizam, esses pontos fossem estudados e compreendidos como fatores críticos de sucesso...ou de fracasso.

Esses fenômenos exaustivamente debatidos acerca dos bibliotecários que envolvem aspectos como invisibilidade profissional, apego a técnicas, dissociação com a realidade tecnológica e o paradigma da aceitação da profissão pelo mercado mereciam ser estudados considerando os seguintes pontos:

- uma profissão assim se pode denominar, conforme vários autores, se reúne aspectos como as suas técnicas, o seu embasamento teórico, as normas e os códigos de ética. Mas ela existe igualmente, em função de seu capital humano. Esse último, aliás, pode ser determinante para que os resultados sejam negativos ou positivos em relação a qualquer proposição de trabalho, realização de metas e desenvolvimento da profissão;
- se um profissional merece ser assim denominado é porque passou por um curso de formação em que há indicações de que a carga de competências adquiridas pode ter sido influenciada pelo corpo docente, com suas experiências, práticas pedagógicas e por seus esquemas de valores;
- se os bibliotecários continuam sendo formados e colocados num mercado reconhecidamente mais agressivo, mais concorrido e mais tecnológico, além de as fronteiras da profissão estarem sendo alteradas pelo ingresso de perfis formados em

cursos de pós-graduação em Ciência da Informação, então é relevante prepará-los de forma a poderem atuar e competir em igualdade de condições. Do mesmo modo, é importante que o mercado reconheça suas competências não pelos seus discursos, mas sim pelas práticas profissionais que respondam às necessidades expressadas ou prospectadas por perfis que reconheçam cenários, mudanças de mentalidade social e caminhos alternativos para o exercício profissional;

- finalmente, se essa é uma profissão que merece sobreviver, compreender quem é e como se percebe o bibliotecário pode contribuir para que as novas gerações sejam formadas em bases que as tornem mais evidentes socialmente e que possibilitem que o reconhecimento da profissão nas instituições não seja um procedimento pessoal, ou seja, reconhecer qualidade e competência no profissional A ou B, mas no grupo que atua na área de informação.

1.1 Apresentação do tema

O estudo da imagem profissional para uma determinada carreira parece ser mais relevante para aquelas profissões cuja remuneração percebida, em geral, não é das mais altas, nas quais os estereótipos são associados mais comumente a fatores negativos ou em que há baixo reconhecimento social no seu exercício. Embora não se possa falar em hierarquia de profissões, no sentido de importância de uma em relação às demais, é possível inferir, com base, por exemplo, em índices como procura de alunos nos vestibulares nas universidades brasileiras, haver algumas mais atraentes que outras, seja pelo *status* que representam, como os médicos e advogados, ou pela possibilidade de colocação no mercado, como, a partir da década de 1990, as ligadas às tecnologias de informação e de comunicação.

Para profissões como bibliotecários, enfermeiros, assistentes sociais e outras que têm características de atuação em nível intermediário nas organizações, ou mesmo no caso do exercício profissional de iniciativa individual, a sociedade tende a desconhecer suas potencialidades e, por consequência, não as reconhecer como significativas. E, nesse sentido, a imagem dessas profissões torna-se uma questão relevante e merecedora de ser mais profundamente entendida e reconhecida como potencial fator de impacto no exercício e na projeção profissionais.

As pesquisas que procuram identificar a imagem da profissão bibliotecária, seu perfil e seu mercado de trabalho são relativamente comuns. Os marcos iniciais da presente pesquisa foram os trabalhos de Oliveira (1980) e de Baptista (1998) que buscaram, respectivamente,

construir a auto-imagem dos bibliotecários e compreender a carreira dos bibliotecários frente ao mercado e à vinculação institucional.

Embora várias das questões levantadas por Oliveira (1980) ainda sejam importantes para compreender o fenômeno da auto-imagem, a distância daquele período relacionada à realidade tecnológica atual não permitiriam a simples transposição de seus questionamentos e de suas conclusões. Aquele foi um período marcado pelo início dos processos de automação de acervos e serviços, onde as pesquisas na área não tinham o volume e a capilaridade atual e, sobretudo, poucos bibliotecários buscavam os cursos de pós-graduação, por essa não ser uma demanda do mercado.

Vários anos depois, mesmo não tendo os mesmos propósitos de Oliveira (1980), Baptista (1998) focalizou outro aspecto da carreira dos bibliotecários, cooperando para o reconhecimento dos impactos que as tecnologias de informação e comunicação tiveram sobre o mercado de atuação profissional e, conseqüentemente, sobre seu comportamento e visão da profissão.

Para o enfoque desta pesquisa, além da identificação da auto-imagem profissional expressada pelos indivíduos participantes da pesquisa, buscou-se conhecer, como contraponto e forma de comparação, a visão do corpo docente dos cursos que formam bibliotecários no país.

Evidentemente, qualquer trabalho que tenha por objeto as pessoas é passível de distorções que variam desde a maquiagem da realidade, pelos respondentes, passando pela dificuldade de formulação de questões que consigam, efetivamente, identificar aqueles fatores que caracterizam a profissão, além de a preocupação com elaboração de perguntas que possam incorrer em duplicidade de interpretação, até as limitações de cadastros, de acesso e de interesse em responder questionários, independentemente do meio e da finalidade deles.

De todo modo, espera-se que com os dados obtidos neste estudo os professores dos cursos – que hoje possuem variadas denominações – possam dispor de informações adicionais sobre os bibliotecários que se formam a partir de sua atuação na condição de docentes e de como esses profissionais se colocam e se percebem nesse mercado e no contexto social em que atuam posteriormente.

Paralelamente, se o retrato identificado espelha com fidedignidade a realidade, mesmo que de forma não passível de extrapolação para a população de bibliotecários em atuação no país, então os Conselhos de Classe, as Associações, os Sindicatos e os profissionais que trocam informações e que discutem virtualmente, por intermédio das listas de discussão gerais

ou especializadas, disporão, igualmente, de elementos adicionais para pensar a profissão, conhecer as opiniões dos demais colegas e situar-se no contexto profissional.

1.2 Objetivos

A partir desse ponto definiram-se, então, os objetivos da pesquisa, divididos em geral e específicos e que nortearam o desenvolvimento do trabalho.

1.2.1 Objetivo geral

- Verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, constroem a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa imagem são positivos.

1.2.3 Objetivos específicos

- Verificar como os bibliotecários e o corpo docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação definem o que é o bibliotecário e o seu mercado de trabalho e que elementos se destacam nessa definição;
- Identificar quais competências os bibliotecários e o corpo docente destacam sobre a profissão bibliotecária e para o profissional contemporâneo;
- Examinar quais as condutas (morais e éticas) apontadas pelos bibliotecários e o corpo docente como essenciais na vida profissional do bibliotecário;
- Verificar, entre as práticas da profissão, quais são as mais destacadas pelos bibliotecários, corpo docente e pela literatura técnica;
- Identificar quais os valores e as crenças sobre os bibliotecários que os docentes transmitem aos alunos através da prática pedagógica e das disciplinas ministradas nos cursos para bibliotecários.

2 Revisão de literatura

A revisão de literatura que embasou esse estudo teve como marco inicial o tema auto-imagem dos bibliotecários, mas, da leitura de textos sobre esse tema, algumas questões foram se colocando que apontaram outros caminhos e a necessidade de conhecer outras áreas.

Numa fase inicial observou-se que auto-imagem é um tema amplo e não era propósito da pesquisa entender todos os ângulos que podem ser estudados sob ele. Assim, as leituras foram direcionadas para a auto-imagem profissional dos bibliotecários, não desconsiderando,

entretanto, textos que tratavam de imagem corporal, quando relacionadas com o exercício da profissão, especialmente por espelhar um estereótipo comum associado a essa categoria.

A partir dessa especificação outros temas emergiram como as identidades, que se manifestam no sentido de deixar explícitas as semelhanças dos indivíduos com seu grupo, os estereótipos, que guardam uma relação muito estreita com a auto-imagem e também se formam a partir da socialização dos indivíduos e da constituição de grupos sociais, que podem ser profissionais, e os valores ocupacionais, que igualmente distinguem as profissões e os profissionais, fechando, desse modo, um primeiro bloco de temas.

Como a proposta dessa pesquisa era perceber se as representações profissionais dos bibliotecários tinham relação com o corpo docente, a formação profissional, a Biblioteconomia no Brasil, as Normas regulamentares para o exercício profissional, com destaque para a ética profissional e as organizações representativas da classe bibliotecária foram estudadas no que complementa o segundo bloco da revisão.

Finalmente, a terceira e última parte trata da teoria das representações sociais, que é recorrentemente apresentada por diferentes textos como um modo de entender os fenômenos de auto-imagem, estereótipos e de expressão da percepção dos grupos sobre essas questões e que se constituiu na teoria que fundamentou a tese, sob a perspectiva de Serge Moscovici.

2.1 Imagem e Auto-imagem profissional

“O QUE VOCÊ DISSE AOS BIBLIOTECÁRIOS?’ interpelou a voz do outro lado da linha.
‘Do que você está falando?’, perguntei curioso.
‘Você foi a New Jersey e contou tudo aos bibliotecários!’
‘Não havia bibliotecário algum em New Jersey e como você sabe o que eu falei lá?’
‘Descobrimos na *internet*. Uma bibliotecária está espalhando a história toda.
E AGORA ESTAMOS RECEBENDO E-MAILS FURIOSOS DE BIBLIOTECÁRIOS!’
Humm, pensei, os bibliotecários certamente são um grupo terrorista com o qual ninguém quer se meter. [...].
A maioria acha que eles [os bibliotecários] são reservados e quietos e que vivem dizendo ‘SHHHH’ para todo mundo. Agora estou convencido de que ‘shhh’ é simplesmente o barulho que sai das bocas deles enquanto planejam a revolução!”²

A formação de profissionais está vinculada a imagens e projeções feitas para uma determinada categoria que juntamente com as pressões mercadológicas são consideradas para a montagem de currículos. Entre os fatores que concorrem de modo significativo para essas considerações inclui-se a auto-imagem profissional. Para compreender esse constructo existem vários estudos, abordando os diversos aspectos passíveis de análise.

O entendimento da auto-imagem e dos fatores que interferem em sua construção são pesquisados em relação a diversos temas como as relações de poder, a absorção de novos

² NA: Trata-se do comentário do autor sobre a editora ter pretendido não lançar mais seu livro em razão das críticas que faz aos Estados Unidos. MOORE, Michael. Introdução à edição inglesa. In: _____. **Stupid white men**: uma nação de idiotas. São Paulo: Francis, 2003. p. 26-27.

conhecimentos e, também, pela influência no trabalho. O que se depreende das diferentes análises é a importância desse elemento como fator de impacto para as pessoas no exercício profissional e, em certo sentido, no desenvolvimento das profissões. A influência da auto-imagem, identificada por alguns autores como autoconceito, é pesquisada sob vários enfoques, e, segundo Costa (2002, p. 46), sua influência pode ser determinante em vários aspectos da vida pessoal e profissional dos indivíduos, dependendo de sua percepção ser positiva ou negativa.

A relevância da compreensão desse fenômeno, então, justifica o interesse do estudo sobre auto-imagem e sua definição se entrelaça com outros como autoconceito, auto-identidade e auto-estima, cujo contorno tem relação com o contexto e com os grupos aos quais o sujeito pertence. Nas dissertações e teses sobre o tema observa-se, igualmente, que o conceito de *self* é abordado como precursor dos estudos nessa área. Costa (2002, p. 37), em sua tese, analisa o estudo de *self* de forma histórica e sua evolução até o autoconceito e o autoconceito no trabalho.

O *self* pode ser resumido, conforme L'Ecuyer (1978, p. 17), como sendo constituído por tudo aquilo que pode ser chamado de meu ou que faça parte de mim. Adiante, o autor acrescenta que com o avanço dos estudos sobre o *self*, a importância do meio se coloca no processo de estruturação do autoconceito e sua compreensão emerge a partir da comunicação com os outros.

Em seu livro sobre autoconceito, L'Ecuyer (1978, p. 27) explica que os termos usados pelos pesquisadores dos Estados Unidos e pelos europeus diferem um pouco, sendo que os primeiros utilizam autoconceito, enquanto os últimos preferem as expressões imagem de si, ou de mim, percepção de si, representação de si, consciência de si. A raiz dessa distinção, segundo ele, está centrada nos sujeitos das pesquisas. Para ele, quando se utiliza a expressão autoconceito, deve-se considerar que o termo conceito “[...] refere-se necessariamente a um nível de organização muito mais elaborado, complexo e elevado.” (L'ECUYER, 1978, p. 27, tradução nossa). Assim, as crianças, por exemplo, não teriam desenvolvimento intelectual para terem essa percepção delas, como teriam os adultos.

Em seu resgate histórico do desenvolvimento terminológico dos estudos sobre autoconceito, L'Ecuyer (1978, p. 28-30, tradução nossa) passa pelas diferentes fases, que são:

- do campo da consciência para a auto-consciência e consciência dos outros;
- da auto-consciência para a auto-imagem;
- da auto-imagem para a auto-representação;
- da auto-representação para o autoconceito.

Embora seja perceptível a circularidade e a afirmação de sinonímia em relação aos significados de auto-imagem e autoconceito, em Costa (2002, p. 40) autoconceito é entendido como

[...] a imagem, sentimentos e atitudes que a pessoa tem de si mesma, é um processo psicológico que tem seu conteúdo e sua dinâmica determinada socialmente. Apesar de não ser unicamente uma simples reprodução da forma como o indivíduo é percebido pelos outros, o autoconceito é construído fundamentalmente a partir das percepções e representações sociais dos outros significativos.

Outro autor que tenta identificar as fronteiras e convergências dos constructos de auto-imagem, autoconceito e auto-identidade é Bailey (2003). Ele reconhece a existência do que denominou de “confusão terminológica” e tenta estabelecer suas definições:

[...] parece que a auto-imagem pertence aos concretos (mensuráveis) em relação ao que fazemos (por exemplo, alcançar os resultados do trabalho, como recordes esportivos), aspectos mensuráveis de como a gente aparece (por exemplo, as proporções de nossos corpos) e os bens materiais que temos.

[...] Autoconceitos são qualidades presentes em nós mesmos. [...] Essas qualidades podem se relacionar com o que fazemos (por exemplo, ter uma disposição para a compaixão e a consideração) e/ou pode ter relação com aspectos não mensuráveis de como uma pessoa parece (por exemplo, bonita). As avaliações colocadas nessas qualidades podem ser significativamente influenciadas por estranhos ao ambiente mais próximo da pessoa e/ou pela sociedade de forma mais ampla.

[...] Auto-identidade é o resultado de uma série de complicados passos num período de tempo. (BAILEY, 2003, p. 385, tradução nossa)

Os passos mencionados por Bailey, relacionados com o último tópico, vão de I a VI e se referem à relação das pessoas com o mundo, ao longo do tempo, e de como essa relação interfere no desenvolvimento da auto-identidade.

Quando se fala de auto-imagem parece haver uma tendência de associar esse constructo com outro que é auto-estima. Há trabalhos, como o de Baumeister *et al.* (2004) que discutem se de fato a auto-estima pode influenciar a vida profissional das pessoas e também ser determinante para a compreensão de problemas sociais como violência, uso de drogas e até mesmo de gravidez em adolescentes. Em outro trabalho, esse mesmo grupo de autores (BAUMEISTER *et al.*, 2003) reconhece que auto-estima tem forte relação com felicidade. Mesmo sendo possível inferir que uma auto-estima positiva pode ser benéfica para os indivíduos, e, por extensão, para a sociedade, esse constructo não é objeto de estudo dessa pesquisa, que se concentra efetivamente em auto-imagem, em imagem profissional e em autoconceito, não apenas pela tarefa árdua de medir auto-estima, reconhecida por Baumeister *et al.* (2003), como pelas conclusões de seus estudos em que os autores explicitam a dificuldade em correlacionar a auto-estima com diversos problemas como alcoolismo, tabagismo ou distúrbios de natureza alimentar, como bulimia ou anorexia.

Voltando, então aos constructos objetos desta pesquisa, Tamayo (2002, p. 16), em estudo acerca do impacto do treinamento no trabalho em relação ao autoconceito profissional, sintetiza os conceitos de auto-imagem, autoconceito e auto-estima, igualmente encontrados em Mosquera (1977, p. 42) e Oliveira (1991, p. 16), de cujo trabalho é extraído o trecho a seguir:

O autoconceito apresenta-se como a atitude que o indivíduo tem de si mesmo, decorrente da maneira como se percebe; a auto-imagem constitui-se como um sinônimo do autoconceito que possui ênfase no aspecto social; e a auto-estima, refere-se a uma atitude valorativa (positiva ou negativa) do indivíduo com relação a si mesmo, isto é, o sentimento que ele tem por si mesmo. Estes três conceitos são diferentes, mas não necessariamente isolados uns dos outros.

Para efeito deste estudo, o interesse está vinculado à auto-imagem e autoconceito profissional dos bibliotecários, sendo tratados como sinônimos, pois essa circularidade nas definições é observável, como, por exemplo, em Tamayo (2002, p. 16), que continua dizendo que “De maneira geral podemos nos referir a autoconceito como sendo a imagem, os sentimentos e as atitudes que as pessoas têm de si mesmas.”

De todo modo, conforme Costa (2002, p. 40), “[...] o autoconceito é apenas uma das variáveis que intervêm no comportamento humano [...]”, não representando, segundo Cerqueira (1991, p. 16, p. 18), “[...] uma entidade estática independente das relações sociais do indivíduo [...]”, sendo, ao contrário, dinâmico, alterando-se, de acordo com esta autora, que disse que “[...] o autoconceito [...] é dinâmico, isto é, se modifica em função das experiências do indivíduo, bem como as influencia.”

Em relação aos bibliotecários, além dos cuidados expressos anteriormente para o estudo da auto-imagem/autoconceito, alia-se outro item que é a dificuldade de estabelecimento de seus limites de atuação. Este fator se torna mais claro pelo exame da literatura onde confundem-se os conceitos de profissional da informação e bibliotecários (BERAQUET e VALENTIM, 1998; CASTRO, 2000a; GUIMARÃES, 1997; NEVES e LONGO, 1999/2000). Nos estudos sobre o profissional da informação, percebe-se, de modo geral, que os textos começam tratando genericamente de profissionais da informação, mas ao longo dos conteúdos destaca-se a menção aos bibliotecários, não sendo claro quando se trata de um ou de outro, ou que outros perfis integram efetivamente esse grupo que, pelos discursos, congrega maior número de perfis de profissionais.

Ainda sobre esse fator, que tem impacto na construção e desenvolvimento da auto-imagem profissional, Abbott (1988), tratando da questão de delimitação ou jurisdição profissional, no capítulo referente àquelas vinculadas à informação, constata essa dificuldade mostrando que até recentemente a Biblioteconomia dominava a área, mas que a introdução de

tecnologias de informação e de comunicação tem modificado esse contorno. E essas tecnologias são reconhecidamente um fator de impacto em todas as profissões, de acordo com Barros (2001, p. 74) que coloca esse ponto de maneira bastante clara quando diz que:

Os estudos que buscam caracterizar e analisar as transformações por que passam as sociedades contemporâneas tomam, geralmente, como ponto de partida os avanços científico-tecnológicos ocorridos na segunda metade do século XX. Isso porque na base explicativa desse processo histórico está evidente o papel fundamental de um novo paradigma tecnológico organizado sobretudo em torno da tecnologia da informação.

No campo da ciência da informação não é novidade reconhecer que as tecnologias de informação exercem um papel preponderante em todas as rotinas de qualquer atividade que se possa imaginar, relacionadas à informação. Nas bibliotecas, nos centros e serviços de informação essa situação ocorre igualmente. As tecnologias de informação e de comunicação são utilizadas em todos os processos, desde o planejamento, incluindo a interface com clientes dos serviços, que se tornam igualmente remotos em função das possibilidades de comunicação, até trabalhos mais administrativos, como o empréstimo de material bibliográfico (WALTER, 2005) e interferem na composição da imagem da profissão bibliotecária e na auto-imagem dos profissionais que os realizam.

Embora tenha sempre absorvido de maneira bastante evidente as tecnologias que se apresentam, é oportuno lembrar as palavras de Barbosa (1998, p.53):

No momento em que se procura mensurar a crescente importância dos setores produtivos que lidam com a informação, em que se observa a contínua introdução das novas tecnologias de informação e se constata o desenvolvimento de [...] campos de informação irmãos (processamento de dados, sistemas de informação, ciência da computação, ciência da informação, inteligência artificial, multimídia etc.), é irônico observar que o papel das bibliotecas e dos bibliotecários esteja recentemente sendo colocado em xeque.

Ao confrontar a colocação de Barbosa (1998) com a pesquisa de Morigi e Silva (2005), exatamente sobre a questão da representação dos bibliotecários em relação ao paradigma tecnológico, os autores enfatizam que:

A representação social dos bibliotecários universitários a respeito das mudanças tecnológicas está associada ao processo de modernização em curso. Nas narrativas, o processo de “adaptação” dos profissionais é enfatizado, isto é, a capacidade de aprender continuamente e de acompanhar os “progressos” das tecnologias. O computador figura, para os bibliotecários, como um dos símbolos da “modernidade”.

Essa dicotomia entre o que a literatura identifica no processo de caracterização dos bibliotecários e o que pesquisas de campo demonstram é um fator que merece ser apreciado.

Parece haver, entre os profissionais, um reconhecimento positivo acerca deles mesmos, de sua facilidade em utilizar e manipular as tecnologias de informação, mas isso nem sempre é identificado, na literatura, como parte da imagem dos bibliotecários.

Há alguns estudos sobre o bibliotecário e sua auto-imagem, como o de Oliveira (1980), Morigi e Silva (2005) e permeando vários dos textos de Souza (1990, 2001). O trabalho de Tarapanoff (1997), mesmo não tendo por objetivo conceituar profissional da informação, utiliza esse termo para identificar os integrantes de sua amostra, mas os dados, à época, ainda apresentaram a maior parte sendo de bibliotecários, representando 82,54% do total pesquisado.

Essa dificuldade de delimitação parece evidenciar que ainda não são claros os contornos demarcatórios dos limites para cada segmento atuar – se é que devem haver – entre os bibliotecários e os profissionais da informação, mesmo reconhecendo que os bibliotecários fazem parte desse grupo ocupacional, conforme atesta a Tabela de Classificação Brasileira de Ocupações³. Observe-se que não estão incluídos nessa categoria os arquivistas e os museólogos, embora, na literatura que discute sobre o profissional da informação esses segmentos sejam considerados integrantes do universo dos profissionais da informação:

- Profissionais da informação incluem:

Bibliotecário - Bibliógrafo, Biblioteconomista, Cientista de informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação.

Documentalista - Analista de documentação, Especialista de documentação, Gerente de documentação, Supervisor de controle de processos documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação.

Analista de informações (pesquisador de informações de rede) - Pesquisador de informações de rede.

E a descrição das atividades inclui a disponibilização de informação em qualquer suporte; o gerenciamento de unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação, complementando com a responsabilidade pelo tratamento técnico e desenvolvimento de recursos informacionais; disseminação de informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvimento de estudos e pesquisas; difusão cultural e ações educativas, podendo, também, prestar serviços de assessoria e consultoria.

A comparação dessa relação com o que se estuda em Biblioteconomia, como se especifica de forma sintética, por exemplo na página do Departamento de Ciência da

³ Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2006.

Informação e Documentação da Universidade de Brasília⁴, que “Tem por objetivo formar profissionais aptos a trabalhar com a organização, tratamento e recuperação da informação independente do espaço no qual se insere (bibliotecas, videotecas, museus, livrarias e outros).” mostra que as diferenças são de uma sutileza que realmente não contribui para identificar de forma precisa os limites de esfera de atuação e as diferenças.

A questão levantada tem mais relação com a dificuldade não explicitada pelos textos de reconhecer, de fato, nesses estudos, quem são os demais perfis que integram esse conjunto e de que forma essa inserção ocorre: se por formação em cursos de pós-graduação, se por exercício profissional ou, ainda, se por dificuldade de delimitar a competência laboral dos bibliotecários no cenário mais tecnológico.

O que parece visível é que a forma como o profissional se vê e se coloca no mundo tem conseqüências para ele próprio, para a profissão e para o mercado no qual ele necessariamente se insere. Anos de observação não sistematizada têm reforçado as avaliações mais pessimistas que representam os bibliotecários, de forma genérica e talvez injusta com uma parte significativa, mas talvez menos distante da realidade como seria ideal, como acomodados, pouco afeitos a mudanças, pouco curiosos e conformados com a própria realidade profissional. Em texto extremamente crítico acerca da postura e da acomodação dos bibliotecários, Smit (1982) coloca um elemento importante nessa questão da imagem profissional, revelando um aspecto incômodo e aparentemente pouco discutido que é o que a autora denominou de “culpado externo”.

Para Smit (1982), “Em outras palavras, instalamo-nos, confortavelmente na posição do “culpado externo”. Se a coisa vai mal, é porque o contexto está ruim, e já que não temos meios para mudar o contexto, não somos culpados. Melhor ainda: somos vítimas.” Posto dessa forma extrema podemos até reagir com certa indignação contra a imagem que Smit coloca. Mas será que ela é tão distanciada da realidade como gostaríamos? Será que passados tantos anos da publicação de seu artigo, ao mapearmos a imagem dos profissionais observaremos um quadro diferente? Será que continuaremos percebendo a Biblioteconomia como uma profissão desvalorizada? E, se assim percebemos, será que estamos trabalhando no sentido de mudar isso?

Dupré (2001), em estudo sobre a percepção, imagem e status da profissão bibliotecária, apresenta algumas premissas que são bastante instigantes. Segundo a autora, a preocupação com a imagem que os bibliotecários possuem é complexa, pois é quase uma obsessão. Para ela, existe um círculo vicioso em que esse reforço negativo de abordagem da imagem dos

⁴ Disponível em: http://www.cid.unb.br/21/M0011000.asp?txtID_PRINCIPAL=21. Acesso em: 28 nov. 2006.

bibliotecários inicia-se na escola, é perpetuado pelas associações profissionais e pelos contatos dos profissionais, que não conseguem se desvencilhar dessa força dos estereótipos e da fragilidade com que se sentem como profissionais. Valentim (2002, p. 119), entretanto, tem uma percepção um pouco diferente relacionada à questão da imagem profissional, que, conforme suas palavras, deveria estar presente no conjunto de questões observadas pelos bibliotecários:

O indivíduo deve respeitar-se como um profissional de valor, e isso é essencial em qualquer ambiente organizacional. A preocupação com auto-imagem, nesse prisma, é fundamental para a imagem do profissional na organização em que está atuando.

Dupré (2001), entretanto, reforça que se o eixo de preocupação fosse alterado para aspectos relacionados com a atuação e não com a imagem física dos profissionais, talvez não houvesse necessidade de tanto gasto de energia com estudos e campanhas de reforço de auto-imagem e provavelmente os bibliotecários teriam mais certeza acerca de sua importância e relevância para a sociedade. Schuman (1990) foi outra autora que levantou essa obsessão com a imagem que os bibliotecários possuem, considerando que essa preocupação é associada ao reconhecimento de que o que as pessoas pensam sobre os bibliotecários pode influenciar o crescimento da profissão, os salários o status profissional do bibliotecários. Schuman (1990, tradução nossa) também identificou outro ponto que merece reflexão que é o fato de que “Poucas pessoas fora da profissão bibliotecária entende exatamente o que os bibliotecários são ou o que os bibliotecários fazem”.

A constatação de Schuman (1990) é confirmada pela pesquisa de Rothwell (1990), que também relaciona diversos estudos que igualmente constata que a imagem dos bibliotecários é associada à questão física, mas que pode haver impacto em pontos como salários, oportunidades profissionais, entre outros. Mesmo se considerado o tempo em que foi publicado, parece haver uma tendência de achar que os bibliotecários não necessitam de curso superior ou de maiores investimentos em formação profissional. Se é assim na Inglaterra não deve ser diferente no Brasil. Conforme Rothwell (1990, p. 26, tradução nossa)

Apesar de a maioria dos respondentes saberem de sua falta de conhecimento e experiência em relação às habilidades do *staff* da biblioteca, os bibliotecários eram vistos como acadêmicos não-profissionais sem necessidade de treinamento em nível superior pois eles somente proviam serviços e muitos consideraram que eram empregados com salários muito generosos.

Rothwell (1990, p. 27, tradução nossa) coloca que a imagem de qualquer grupo ou profissão é importante e resume suas leituras sobre o tratamento aos bibliotecários pela mídia concluindo que:

- As imagens da mídia e da literatura são vistas como negativas e depreciativas.
- Estas imagens influenciam a visão das pessoas sobre os bibliotecários.
- Algumas pesquisas têm mostrado que as pessoas não estão completamente informadas sobre o trabalho que os bibliotecários fazem, mas, apesar das limitações de seu conhecimento, elas geralmente têm uma visão positiva deles.
- O aumento no uso de bibliotecas, das habilidades e dos conhecimentos dos bibliotecários, geralmente resultam em aumento da informação sobre suas habilidades e, conseqüentemente, da imagem mais positiva.
- Apesar de as pessoas saberem que os bibliotecários variam em idade, vestimenta, aparência, etc., o estereótipo tradicional está ainda arraigado de modo que as pessoas estão incertas acerca de como substituí-lo.

Em outra parte do estudo, voltando a Dupré (2001), a autora demonstra que essa auto-imagem distorcida dos profissionais acerca de suas competências implica em problemas gerenciais, mesmo que isso não esteja no foco das discussões sobre o tema. Para ela, é importante notar que a percepção problemática tanto da imagem dos bibliotecários quanto do *status* profissional foi trazida pelos procedimentos da profissão nas áreas de gerência de estruturas organizacionais, liderança, poder e autoridade e comunicação.

É perceptível, entretanto, que nas pesquisas de campo sobre esse assunto, como em Tarapanoff (1997), não necessariamente se comprova o que a literatura teórica traz sobre essa análise mais negativa do bibliotecário. Henczel (2002), por exemplo, tem uma visão mais pragmática da questão de auto-imagem e inclui em seu texto um instrumento de auto-avaliação que tem por objetivo possibilitar ao profissional identificar quais são seus pontos fracos e fortes e em que aspectos ele deve reforçar seus conhecimentos e capacidades para atuar como um profissional da informação do século XXI.

É evidente que as visões apresentadas são, geralmente, caricatas e parciais, posto que provavelmente se encontrem perfis e posturas variados, havendo diferenças que podem advir da formação, da região geográfica de atuação profissional, da educação continuada, entre outros fatores. O que parece ser um traço dominante, entretanto, é exatamente essa auto-imagem com tendências negativas dos profissionais que tem como resultado uma lentidão muito maior para que as mudanças, necessárias até mesmo para a condução diária dos trabalhos, se faça. Essa constatação do efeito da auto-imagem no exercício profissional é identificada também por Dupré (2001).

Parece existir uma consciência difusa entre os bibliotecários de que são profissionais de segunda classe e que, de certa forma, estão no mundo “apenas” para “servir” exatamente aquilo que lhes é pedido. Esse aspecto pode ser observado no folheto sobre a carreira em

Ciência da Informação da ASLIB (19?), que faz a ressalva explícita de que embora a profissão apresente superposição com a Biblioteconomia, distingue-se dela pela habilidade de prover informação avaliada, baseada em profundo conhecimento do assunto, aparentemente querendo dizer que não se espera essas mesmas características profissionais dos bibliotecários.

Evidentemente está sendo abordado apenas o lado negativo do tema, pois aparentemente esse é dos poucos assuntos sobre o qual não há maiores preocupações em apresentar apenas aquilo que deu certo. Em outras linhas de pesquisa, como as dos produtos e serviços, se tem notícia apenas dos sucessos. E talvez até isso seja um fenômeno que mereça ser mais estudado.

Voltando, então, às características dos bibliotecários, é provável que a região onde o profissional se forma e atua também contribua para a consolidação de seu perfil, reforçando atitudes mais ou menos “agressivas” diante do mercado. Em Brasília, por exemplo, predominam os órgãos públicos e a indústria ocupa lugar menor em relação à prestação de serviços, que gravita em torno do governo local e do federal. A oferta de trabalho para os bibliotecários não é pequena e concentra-se em bibliotecas de instituições públicas, embora haja bastante espaço para prestadores de serviço exatamente para essas instituições, que geralmente não dispõem de pessoal com formação e em número compatível com as necessidades, além das instituições privadas de ensino superior, que cresceram em número a partir dos anos de 1990.

Essa relação do perfil profissional com a região de atuação também poderia ser examinada, de forma a ampliar o entendimento e possibilidade de análises mais realistas sobre o bibliotecário, sua auto-imagem e as conseqüências para o trabalho e a oferta de produtos e serviços de informação. Valentim (2002, p. 118) reconhece essa questão relacionada com a formação profissional quando diz que os cursos para bibliotecários deveriam pensar nas “[...] especificidades de cada região do país e sua relação com as demandas sociais existentes.”

Outro aspecto da construção da auto-imagem está relacionado à formação profissional, que pode ser um fator relevante para a construção de uma percepção positiva ou negativa. Mas, a julgar pela literatura sobre o tema, não parece equivocado imaginar que os bibliotecários esperam pouco deles mesmos se os professores e aqueles que escrevem sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação reforçam de modo explícito ou subliminar essa condição “menor” da categoria. O capítulo 2.2, que trata de formação profissional, no presente estudo, focaliza mais os aspectos teóricos que nortearam a criação e o desenvolvimento dos cursos no país, mas não se deve deixar de observar com atenção os comentários dos autores acerca dos bibliotecários.

Fonseca (1992, p. 103) explicitamente critica-os pelo seu apego aos aspectos mais técnicos da profissão e pela sua, de certa forma, negligência com os usuários. Embora esse comentário possa ser considerado radical em essência, pode igualmente servir de alerta para a imagem que os bibliotecários projetam deles mesmos. E minimizar a importância da organização da informação certamente não concorrerá para a melhoria da oferta de produtos e serviços de qualidade a esses mesmos usuários que aparentemente estão sendo defendidos de forma tão contundente.

Em trecho que analisa a criação de cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no país Souza (1990, p. 73) mostra como o então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD sempre se “[...] empenhou em diferenciar seu Curso de Mestrado de um Curso de Biblioteconomia.” Conforme aponta o autor (1990, p.74, grifos nossos), o propósito era de atrair principalmente bacharéis das mais diversas áreas e a passagem transcrita a seguir de certo modo reforça a percepção de que a presença de bibliotecários nesse mestrado não era propriamente bem-vinda:

Mesmo que uma parte dos alunos do Curso tenha sido de bibliotecários, isso não invalida o propósito do Mestrado em Ciência da Informação **desde** que se considere o seguinte:

a. ao atingir outros profissionais o Curso alcançou pessoal com conhecimento formal e domínio de terminologia satisfatório para atuação imediata em centros de documentação técnica. **Nesse sentido, e por este ângulo de visão, estes candidatos poderiam até ser recém-formados.**

b. ao atingir o bibliotecário deveria atingir aqueles já atuantes em sistemas de informação técnico-científica que por meio prático e pela convivência no trabalho já adquiriram, a um custo de tempo, e de acerto e erro, domínio parcial daquela terminologia.

Com essas duas considerações, **ao contrário de afirmativas que fazem críticas ao Curso por ter tido a presença de muitos bibliotecários como alunos** o Mestrado em Ciência da Informação terá demonstrado o cumprimento de seu maior propósito que é o de que os profissionais para informação técnica e documentação científica devem ser formados ao nível de pós-graduação e nunca ao nível de graduação, ou bacharelado universitário.

Mesmo os mais ácidos nas críticas aos bibliotecários não podem deixar de considerar que em muitos textos da literatura técnica da área a visão e a opinião sobre a categoria não podem ser consideradas muito estimulantes.

A partir dessas colocações, outro ponto se discute que é o modo com se pode avaliar e medir a auto-imagem. De acordo com Costa (2002, p. 48),

A melhor forma encontrada para a mensuração do autoconceito e que é utilizada mais comumente é a autodescrição. A mensuração do autoconceito não visa a verdade

absoluta do indivíduo, mas a verdade que ele percebe, enfatizando suas percepções fundamentais sobre si mesmo e a maneira como são vivenciadas.

Essas medidas podem ser realizadas a partir de instrumentos previamente elaborados com base em escalas que podem considerar tanto a abordagem individual quanto a abordagem social. Para Costa (2002, p. 64), o autoconceito no trabalho “[...] se caracteriza por seis dimensões [...]” que são:

- Autonomia, “[...] que diz respeito à percepção do indivíduo sobre sua capacidade de resolver, sem necessidade de ajuda, problemas complexos que surgem durante a execução de suas tarefas, bem como sua capacidade de tomada de decisões.”
- Realização, “[...] diz respeito à percepção do indivíduo em relação à consciência de si mesmo no que diz respeito às suas aspirações e ideais realizados através do trabalho que executa, bem como da percepção de seu papel e de seu status na organização na qual atua.”
- Competência, “[...] diz respeito à percepção valorativa do indivíduo sobre suas capacidades e em relação à sua atuação no trabalho, bem como os sentimentos de dominação e possessividade que derivam desta sua percepção.”
- Saúde, que diz respeito “[...] à percepção do indivíduo sobre como o trabalho ou os fatos que o envolvem podem afetar sua saúde.”
- Segurança, “[...] diz respeito à percepção do indivíduo em relação às suas dúvidas e hesitações diante de situações novas.”
- Ajustamento, “[...] que se refere à maneira como o indivíduo se percebe enquanto adaptado às regras e normas da organização na qual trabalha e a como ele se sente adaptado ao trabalho que realiza.”

Uma ressalva importante em relação aos trabalhos de medição da autoimagem/autoconceito é feita por Oliveira (1991, p. 19) que enfatiza, em primeiro lugar, que normalmente as escalas são importadas e adaptadas de pesquisas realizadas no exterior, com culturas, padrões e comportamentos diferentes dos brasileiros e, em segundo e mais relevante, é o fato de que essas escalas “[...] pressupõem um tipo de conduta ‘ideal’ [...]” e que é com base nesses pressupostos que “[...] se definem os padrões de normalidade e anormalidade, quanto à percepção [...]” que o indivíduo elabora de si mesmo e que serão determinantes para as decisões posteriores de ação em relação ao aspecto estudado e analisado. No caso específico, a intenção da autora foi de alertar para as possíveis distorções em relação à construção dos instrumentos de medição de autoconceito, de tal forma que estes não reflitam e

reforcem preconceitos, mas, sobretudo, consigam extrair os aspectos importantes que auxiliem na compreensão do fenômeno de construção do autoconceito da população em estudo.

Finalmente, independentemente do quanto essas dimensões propostas por Costa (2002) sejam enfatizadas no estudo e caracterização da auto-imagem dos bibliotecários, não parece difícil relacioná-las com outras variáveis como valores, identidade, influência da escola e da atividade realizada.

2.1.1 Identidade

Identidade, pelo dicionário⁵, é a qualidade do que é idêntico, análogo, semelhante. Pode-se, também, utilizar o termo associado à questão profissional, como o outro possuidor das características que o tornam reconhecível, pessoas que guardam mesmos valores, competências, visões e perspectivas sobre propósitos semelhantes ou comuns.

Essa necessidade de sermos semelhantes, de buscarmos nossos pares, vem das características gregárias dos homens, que fazem com que nos reunamos em torno de idéias, de ideais, de comunidades e/ou de profissões. E mesmo essas congregações iniciam-se por escolhas nem sempre claras que fazemos em nossas vidas. Escolhas que são muitas vezes ditadas pelo acaso, mais que pela afinidade; escolhas que podem ser fortuitas, representativas de um momento de nossas vidas, mas que perenizamos por diversas razões. Nesse mundo tão complexo e intenso, oportunas são as palavras de Bauman (2005, p. 18) sobre a identidade: “Mas a descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era “líquido-moderna”.

Em seu livro sobre o poder da identidade, Castells (2001, p. 22-23) considera que identidade é o “[...] processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Adiante o autor prossegue afirmando que “[...] do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída”. Andrade (2000, p. 141-142) reconhece esse ponto e considera que:

Dentre estas questões consideradas consensuais, deve-se destacar, em primeiro lugar, o entendimento da identidade, não como uma substância, como algo dado e imutável, ou como uma condição, mas ao contrário, como um processo, um fenômeno construído de forma dinâmica e dialética, um processo identitário, um processo de personalização, sempre mutável.

⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. e aum. 11. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

Os estudos sobre a identidade, conforme Santos (2000, p. 152) desenvolveram-se, no âmbito da psicologia, em duas subáreas que são relacionadas, uma com a identidade pessoal e outra com a identidade social. Sua proposta de estudo é tentar compreender as duas subáreas como articuladas e interdependentes, sob a teoria das representações sociais, de Serge Moscovici, que, conforme interpretação de Santos (2000, p. 151) rompe “[...] com a forma tradicional da Psicologia, que concebia o sujeito separado do contexto social em que vive [...]” provocando “[...] um debate sobre as dimensões coletivas e individuais do conhecimento social e do processo de construção da realidade social.”

Assim, o indivíduo constrói sua identidade a partir de um conhecimento coletivo, ou das representações dessa identidade coletiva, por meio de fontes diversas como família, trabalho, escola e participação em grupos sociais. E a construção dessa identidade coletiva, que reflete os significados tanto para aqueles que se sentem partícipes de um grupo específico, quanto para a sociedade em geral, é um processo complexo, pois mesmo a visão sendo coletiva é feita de indivíduos, que possuem suas idiossincrasias, seus valores, seus medos, seus desejos particulares.

Em livro de entrevistas sobre identidade, Bauman (2005, p. 23), respondendo a uma pergunta sobre ao quanto o conceito de identidade é escorregadio, coloca que “[...] você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma forma.” Em parte anterior, na mesma pergunta, o autor (2005, p.21-22) considerou que:

[...] de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Em estudo acerca da identidade de professores, Brzezinski (2002, p. 8) define essa questão dizendo que:

A identidade construída pode ser pessoal ou coletiva. A primeira é configurada pela história e experiência pessoal e implica um sentimento de unidade, originalidade e continuidade, enquanto que a segunda é uma construção social que se processa no interior dos grupos e das categorias que estruturam a sociedade e que conferem à pessoa um papel e um *status* social. A identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva.

Esta identidade profissional é um dos aspectos dessas várias identidades que possuem cada sujeito, conforme Castells (2001), e pode ser estudada em função de suas características

explicitadas pelo grupo, pelos reflexos sociais que esse segmento produz, pelos valores que levaram à constatação de existência de uma sociedade e pelas crenças que permeiam o imaginário de seus membros.

A psicologia é uma área que tem bastantes pesquisas nessa linha, variando os focos da necessidade de integrar um sujeito a um grupo ou comunidade, até às maneiras como se constroem as identidades e que mecanismos interferem nesse processo. Um exemplo disso é uma pesquisa sobre a formação da identidade ocupacional de adolescentes da periferia de Porto Alegre, em que são abordados os pontos de certa forma determinantes para as pessoas e para suas vidas e que consistiram na capacidade de identificar a identidade pessoal (quem sou?), que, segundo os pesquisadores, “guarda íntima relação com a escolha vocacional (quem quero ser?), em consonância com os interesses e habilidades do adolescente (do que eu gosto?)” (SARRIERA *et al.*, 2001). Ainda segundo esses autores, a escolha da profissão é uma maneira de responder aos anseios, expectativas e habilidades do indivíduo.

Esse processo de definição de rumos que fazemos na adolescência e que significam, então, uma projeção do que queremos construir de nós mesmos, poderá ser determinante para nosso exercício profissional e para o que agregaremos de valor ao nosso desempenho. Conforme Allen (1998), pessoas que escolhem a mesma carreira e pertencem a um mesmo grupo ocupacional têm muito em comum. De acordo com seu trabalho, os valores da profissão têm importante papel na atração de indivíduos que desejam participar desse grupo.

O estudo de Giddens (2002, p. 22) mostra que a identidade, no mundo moderno, é uma construção complexa, pois existe um conjunto de elementos que torna dinâmica a vida social e que pode ser sintetizado pelo quadro, apresentado pelo autor, denominado *O dinamismo da modernidade*:

<p><i>Separação de tempo e espaço</i>: a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais.</p> <p><i>Mecanismos de desencaixe</i>: consistem em fichas simbólicas e sistemas especializados (em conjunto = sistemas abstratos). Mecanismos de desencaixe separam interação das particularidades do lugar.</p> <p><i>Reflexividade institucional</i>: o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação.</p>

Quadro 1: O dinamismo da modernidade⁶

⁶ Fonte: Giddens, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. p. 26.

Em seu livro, Giddens (2002) mostra o quanto a modernidade interfere no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, na construção das identidades. Na explicação de seu quadro acerca do dinamismo da modernidade, Giddens (2002, p. 21-23) demonstra que houve uma ruptura da questão de tempo e de espaço, no sentido de que na pré-modernidade, “[...] tempo e espaço se conectavam *através* da situacionalidade do lugar [...]”, o que não ocorre agora em que embora, como diz o autor, haja necessidade de uma “[...] coordenação precisa de ações de seres humanos fisicamente distantes; o ‘quando’ dessas ações está diretamente conectado ao ‘onde’, mas, não, como em épocas pré-modernas, pela mediação do lugar.”

Prosseguindo, Giddens (2002, p. 23-25) afirma que esse “[...] esvaziamento do tempo e do espaço é crucial [...]” para entender o que ele denomina de desencaixe das instituições sociais. Na explicação desses mecanismos de desencaixe Giddens (2002, p. 24) utiliza-se do que denomina de sistemas abstratos. Esses sistemas abstratos constituem-se de “fichas simbólicas e sistemas especializados”. As fichas simbólicas, de acordo com o autor, “[...] são meios de troca que têm um valor padrão, sendo assim intercambiáveis numa pluralidade de contextos [...]”, exemplificando esse conceito com o dinheiro, que é reconhecido como forma de troca e padroniza valores, independentemente do lugar. Já os sistemas especializados compreendem “[...] todos os aspectos da vida social na modernidade – em relação aos alimentos que comemos, aos remédios que tomamos, [...] e muitos outros fenômenos”, mas estendem-se, também. “[...] às próprias relações sociais e às intimidades do eu.” (p. 24)

Permeando esses sistemas especializados está a noção de confiança, embora, como Giddens afirma (p. 25), “[...] a confiança nem sempre é o resultado de decisões conscientes: é mais freqüentemente uma atitude geral da mente que subjaz a essas decisões, algo que tem suas raízes na conexão entre confiança e desenvolvimento da personalidade.” E, conforme Giddens, a decisão de confiar é decorrente do terceiro elemento da modernidade, denominado de reflexividade intrínseca, que significa utilizar o conhecimento para compreender o mundo e para transformá-lo.

E esse mundo moderno, em constante transformação, reflete-se na questão identitária de modos diversos, complexos e profundos. Conforme Giddens (2002), não se pode considerar que as incertezas, os riscos e as ansiedades sejam fenômenos exclusivos das sociedades modernas. Para o autor, “Ansiedade e insegurança afetaram outras épocas além da nossa, e é provavelmente pouco justificável supor que a vida em culturas menores e mais tradicionais tenha um teor mais equilibrado que o de hoje.” (p. 37). Mas, ainda conforme o autor, “[...] o conteúdo e a forma das ansiedades predominantes certamente mudaram.” (p. 37). Um dos pontos é a instabilidade em todos os sentidos: sociais, econômicos, trabalhistas, pessoais.

Neste contexto de incertezas e riscos, em ambiente em que as relações se processam em meio global, os antigos “[...] *ritos de passagem* [...]” (p. 37), que demarcavam, nessas culturas, as transições nas vidas dos indivíduos (por exemplo da adolescência para a vida adulta) e construía de forma mais particular as identidades, modificaram seu modo de se processar.

Para Giddens (2002, p. 37), “Nos ambientes da modernidade, por contraste, o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social.” Se antes a educação e a iniciação das crianças se processava no âmbito familiar e eram passadas de geração em geração, a tendência moderna é que esse procedimento ocorra cada vez mais por intermédio de professores, pediatras e educadores, o que provavelmente se refletirá na construção da identidade. (GIDDENS, 2002, p. 37).

Deve-se notar que essa questão da construção da identidade, conforme abordada por Giddens (2002), no mundo moderno, pode ser compreendida pelo que afirma Jovchelovitch (1996) no tocante ao papel das representações sociais neste sentido. Para a autora (1996, p. 125, tradução nossa), “[...] as representações sociais estão geminadas com o processo de construção da identidade. Construir as representações sociais envolve, ao mesmo tempo, propor uma identidade e uma interpretação da realidade.” e prossegue dizendo que:

[...] quando sujeitos sociais constroem e organizam seus campos de representação, eles o fazem com o objetivo de dar sentido à realidade, de se apropriarem e de interpretá-la. Fazendo isso, esses sujeitos estabelecem *quem* eles são, como eles entendem tanto a si mesmos como aos outros, onde eles se localizam e localizam os outros, e quais são os recursos cognitivos e afetivos que estão disponíveis para eles num dado período histórico.

Conforme Jovchelovitch (1996, p. 125, tradução nossa),

Não há possibilidade de identidade sem o trabalho das representações, assim como não há trabalho de representação sem uma fronteira identificatória entre o eu e o não-eu. [...] as representações sociais são uma rede de mediação de significados sociais a qual empresta textura e material para a construção de identidades.

Woodward (2005, p. 17) também reconhece o papel das representações na construção das identidades quando diz que

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-o como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Para Andrade (2000, p. 144, nota nossa), a questão identitária é fundamental para as representações dos objetos, questão que ela explicita dizendo que “[...] a identidade é uma

representação chave que está presente no campo de representação de qualquer objeto.” Para a autora (p. 145), “A questão da identidade deve ser considerada central na teoria das RS⁷ [...]”

Outro autor, cujas pesquisas são realizadas com base na teoria das representações sociais e que também a relaciona com identidade é Wagner (2000). Para esse autor (2000, p. 12, tradução e nota nossas),

“Pensamento” coletivo e grupos reflexivos⁸ se complementam um ao outro e são requisitos fundamentais para o que chamamos de identidade social. A identidade social envolve, por um lado, o conhecimento de a qual grupo alguém pertence; por outro, o surgimento da experiência comum do conhecimento, o senso comum e padrões justificatórios.

No caso dos profissionais da informação, focalizando mais especificamente os bibliotecários, em cuja sociedade da informação deveriam, em tese, ter um papel de destaque, observa-se, em vários textos, que sua identidade é difusa, seus contornos modificam-se paulatinamente e seus valores ainda se constroem.

De acordo com Souza (2004), as discussões sobre a mudança da denominação da profissão em nada contribuem para o fortalecimento da identidade dos bibliotecários. Essa posição é a mesma de Silva e Ribeiro (2004), que a uma lista de nomenclaturas propostas para os bibliotecários, acrescentam questionamentos sobre a validade dessas proposições, se elas têm algum fundamento teórico ou se são apenas especificações associadas ao contexto do exercício profissional.

Ainda conforme Souza (2004) são recorrentes em reuniões de bibliotecários as discussões referentes ao tema da busca da identidade profissional. Isso, “[...] pode querer significar um sujeito [...] desejando encontrar os fundamentos para delimitar ou dizer claramente os contornos de seu campo de atuação e sobrevivência, por representar seu capital de participação no universo das relações de trabalho.”

Para o autor (2004, p. 101),

[...] se for considerado que o papel social do bibliotecário carrega a expressão de duas missões básicas: a) conhecer e utilizar os meios que levam a localização de qualquer fonte de informação cujo conteúdo possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa; b) produzir informação sintética, descritiva e analítica de todo o acervo físico, ou não, que constituído pelo conjunto de todas as fontes conhecidas tenha conteúdo que possa a qualquer momento ser pedido por qualquer pessoa. É a capacidade operativa do papel social de bibliotecário em atender a essas duas missões cumulativa e

⁷ NA: RS: Representações Sociais.

⁸ Para Wagner (2000, p. 11), “Um grupo reflexivo é entendido como um grupo que é definido pelos seus membros, que conhecem sua afiliação e dispõem de critérios para decidir sobre quem são seus membros. O fato de pertencerem ao grupo é guardado conscientemente em mente pelos seus membros.”

simultaneamente, que faz com que as pessoas que são bibliotecárias sejam reconhecidas como prestadoras de serviços relevantes.

Independentemente de concordar ou não com as afirmações de Souza (2004), percebe-se que essa dificuldade de identificação não é um processo exclusivo do Brasil, conforme discurso corrente e como se poderá observar adiante. Parece haver relação entre aspectos como invisibilidade profissional e dificuldade de noção de comunidade bibliotecária com as óbvias carências de bibliotecas públicas e escolares que redundam em atuação profissional voltada para ambientes mais especializados e elitizados. Nesse contexto, como os bibliotecários são pouco presentes na vida comunitária do país, pelo menos em grande parte dos municípios brasileiros, isso contribuiria para essa aparente ausência de uma identidade profissional nacional.

Mas esse aspecto particular do Brasil pode contribuir para explicar, mas não parece ser determinante, pois, pela literatura, esses mesmos pontos são debatidos de forma bastante contundente em textos estrangeiros. Alguns são bastante críticos, como é o caso de Lapèlerie (2004), que tenta compreender essa falta de identidade em função da ausência de parâmetros de qualidade emanados pelos estatutos das bibliotecas, pelos baixos índices de pesquisas realizados pelos profissionais e pelo recorrente questionamento acerca de ser a Biblioteconomia ciência ou técnica, na França.

Como no Brasil a eterna falta de investimentos em bibliotecas e acervos parece ter sido incorporada ao cotidiano profissional dos bibliotecários, como se esse fosse um problema genuinamente nacional, é surpreendente verificar, no artigo de Lapèlerie (2004, p.67), a menção de dois relatórios: um que apresentava questionamentos acerca do ensino universitário e outro que visava à melhoria da questão pedagógica na universidade. No primeiro, há, de acordo com Lapèlerie (2004, p. 67), duas menções a bibliotecas: uma para observar que os periódicos eletrônicos devem redundar na eliminação dos bibliotecários e outro para constatar que as mesas dos restaurantes universitários são mais utilizadas pelos estudantes que as mesas das bibliotecas. No segundo, de 2002, a situação pode ser considerada ainda pior: em suas 41 páginas, conforme Lapèlerie (2004, p.67), nenhuma menção à palavra biblioteca ou bibliotecário é feita.

Um artigo muito citado por Lapèlerie (2004) é o de Kupiec (2003), autora que igualmente tenta entender o porquê da falta de identidade dos bibliotecários traçando seu histórico da atuação na França desde o século XIX. Nesse caminho percorrido pelo desenvolvimento das bibliotecas naquele país, a autora mostra, de forma sintética, como a mentalidade, as ocorrências político-sociais e as correntes de pensamento ocorreram. Nesse contexto, Kupiec

(2003) identifica, paralelamente, o posicionamento dos bibliotecários em relação a esses mesmos movimentos sociais e mostra a mudança de visão de um procedimento mais voltado para a conservação dos acervos, para ressaltar a importância da comunicação.

Kupiec (2003) continua seu trabalho apresentando a evolução no processo de formação dos bibliotecários, que igualmente influencia os aspectos relacionados à construção das identidades profissionais. Para ela, as discussões havidas acerca do elenco e do conteúdo das disciplinas que deveriam constituir o arcabouço da formação dos profissionais certamente tiveram impacto na atuação. Havia grupos que advogavam uma formação mais profunda e erudita, enquanto que outros segmentos argumentavam contrariamente dizendo que o bibliotecário não era um sábio. E, para Kupiec (2003), essas escolhas têm efeitos inclusive na visão do que é o fazer bibliotecário.

A variedade de competências que os bibliotecários possuem, têm capacidade e responsabilidade de atuação redonda na dificuldade de estabelecimento e de construção da identidade profissional, conforme Kupiec (2003). Segundo ela, não há como definir, utilizando apenas uma palavra, todos os aspectos da profissão. Ela utiliza, então, vários autores que tentam mapear essas competências identificando aquelas que são fundamentais e as gerais, mas não se trata de uma lista conclusiva. Além desse aspecto relacionado com as competências, outros se colocam, como a necessidade de modernização e a visão social que as bibliotecas têm.

Em seu texto, Kupiec (2003) faz uma compilação das definições de diversos autores que tratam da identidade dos bibliotecários. Conforme sua constatação, independente das classificações adotadas, o que parece ser bastante evidente em relação à influência na caracterização das identidades é o tipo de organização para a qual o profissional trabalha. O que ela constata, também, é que o tema identidade dos bibliotecários é uma questão complexa e extravasa as fronteiras da profissão bibliotecária para incluir os perfis que atuam no mundo da informação, de modo geral. Além do mais, o desenvolvimento das tecnologias de informação e de comunicação certamente causou impacto profundo na atuação profissional e na delimitação da área de trabalho dos bibliotecários, o que se coaduna com outros estudos ou aspectos pesquisados acerca da profissão bibliotecária e de sua atuação. Um exemplo desse fator é o estudo de Cunha (1984, p. 111-112) que já reconhecia a necessidade de investimento em treinamento dos bibliotecários para a utilização das tecnologias e do número insuficiente de profissionais capacitados, à época, para lidar com bases de dados. Embora não fosse intenção da pesquisa de Cunha, percebe-se que a maciça introdução de tecnologias de informação e

comunicação foi um marco na profissão bibliotecária em todos os sentidos: formação, identidade, técnicas e relação com usuários.

Essa influência das tecnologias de informação é também encontrada em Miranda (2000) no documento que visava à identificação de conteúdos para serem disponibilizados na rede, no projeto da Sociedade da Informação no Brasil. Ele insere o tema da identidade cultural, quando constata que as novas tecnologias de informação e comunicação revolucionaram e fragmentaram o indivíduo, fazendo-o assumir várias identidades. Para ele, identidade não é fixa, mas é construída e desenvolvida nos vários contextos em que o sujeito deve viver, atuar, trabalhar, relacionar-se. Esse pensamento se coaduna com Hall (2005, p. 7) quando diz, em seu primeiro capítulo que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Que a *Internet* e as tecnologias de informação modificaram o modo de agir e de interagir de quase todos os segmentos profissionais parece ser consenso e fundamenta vários estudos sobre identidades. Terêncio e Soares (2003) confirmam essa característica fragmentada e multifacetada das identidades pessoais, resultado do advento da *Internet* e das novas formas de relacionamento e interação. Embora o espectro de sua pesquisa fosse a questão de orientação profissional nesse novo contexto, as mudanças na construção das identidades foram evidentes para eles.

Outro autor que constata a influência da *Internet* na questão da identidade é Agier (2001), que apresenta um enfoque diferente, relacionando com a cultura. Em seu texto ele discute que a definição de identidade não existe dissociada de um contexto. E esse contexto é uma comunidade específica que guarda suas características, valores, culturas. Adiante ele constata que a *Internet* explodiu essa noção de comunidade, pois tornou o mundo interlocutor de cada indivíduo. Evidente que essa influência é mais expressiva e concreta para aqueles que têm acesso à rede, mas a extensão de sua interferência não pode ser desprezada por nenhum estudo dessa natureza.

Ciampa (1997, p. 58-59), também discorre acerca das dificuldades de estabelecimento, delimitação e contorno de uma identidade, além de sua importância para a sociedade em questões diversas como a relação entre as pessoas, o reflexo da identidade de cada um em

relação aos outros, ou, ainda, as razões pelas quais nos tornamos o que somos (ou o que parecemos ser) e, por fim, as transformações pelas quais passamos ao longo da vida e que nos modificam. Seu estudo sobre identidades apresenta vários questionamentos instigantes acerca da identidade e de seu determinismo nesse aspecto mais vinculado às relações sociais. Acerca dessa abordagem, ele considera que quando falamos de identidades estamos nos referindo a semelhanças e a diferenças: “Sucessivamente vamos nos diferenciando e nos igualando, conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte [...]” Ainda sobre essa questão Ciampa (1997, p. 64) coloca que

O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc.

e acerca da constituição dos grupos ele define que estes se compõem por intermédio das relações que seus membros estabelecem entre si e com o meio, mas que quando falamos de identidades estamos, em realidade, tratando de representações da identidade.

De todo modo, o que parece ser bastante contundente acerca do estudo das identidades, por Ciampa (1997), é a influência do contexto, o que é confirmado por Terêncio e Soares (2003), quando sintetizaram seu pensamento reconhecendo que “[...] não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade”. Woodward (2005, p. 8), tomando como exemplo um episódio acerca do conflito entre sérvios e croatas, igualmente reconhece que para haver uma identidade é necessário que haja outros indivíduos ou grupos e contextos diferenciados. Para ela,

[...] a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (Croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um ‘não-croata’. A identidade é, assim, marcada pela diferença.

Mesmo que os textos não se arrisquem a definir identidade parecem tender a considerar que a identidade é reflexiva, isto é, o sujeito identifica-se com o que percebe nos contextos que transita; ela é contextualizada; a noção de valor e cultura permeia sua significância; e, finalmente, as tecnologias de informação e comunicação têm sido determinantes para a fragmentação do indivíduo, que possui o mundo como seu parâmetro. Mas, aparentemente, ainda permanece a necessidade do indivíduo de pertencer, mesmo que de variadas maneiras, mesmo que a variados grupos.

Retomando Allen (1998), que busca um entendimento acerca do que pode ser a definição de identidade profissional, seu trabalho consiste na tentativa de compreensão de

quais são os fatores que servem de atrativos para as pessoas que escolheram determinada profissão. Isso provavelmente significa que aquele grupo de pessoas identifica, nas características que ele percebe dos profissionais, pontos de convergência com seus desejos e suas expectativas de realização de sonhos e projetos.

A questão da identidade profissional no grupo ocupacional dos profissionais da informação tem sido bastante debatida, exatamente pelas mesmas razões que afetam outros grupos. As tecnologias de informação e comunicação, em especial a *Internet*, tornaram as possibilidades de ofertas de produtos e serviços mais dinâmicas e amplas, as fronteiras de atuação profissional, geográficas, etc., mais difusas e confusas, além de as necessidades sociais para a profissão também estarem sendo alteradas por esses mesmos motivos.

Estudando os profissionais da informação sob a ótica de Abbott, Mueller (2004, p. 25), identifica alguns pontos acerca de jurisdições e de delimitações que passam pelo entendimento de questões como “[...] processos de profissionalização e papel na sociedade”. Esses contornos podem ser analisados e entendidos sob o enfoque das identidades que, de todo modo, marcam, definem e concentram algumas características de tal forma que as pessoas que integram essa comunidade possam se reconhecer.

Na parte que analisa o trabalho profissional em relação à vulnerabilidade das profissões, a autora, citando Abbott, define que “[...] a capacidade de resistência de uma profissão dominante a desafios de profissões rivais varia de acordo com a natureza de sua tarefa profissional [...]” e do problema que se pretende resolver (MUELLER, 2004, p. 31). E uma profissão provavelmente se fortalece na medida em que seus integrantes se reconhecem como semelhantes e percebem a razão de “lutar” por soluções de necessidade semelhantes.

Em seu trabalho, Mueller (2004) discute que essas identidades foram sendo alteradas de maneira profunda com a competição de outros grupos. No caso dos bibliotecários, por exemplo, em que há uma legislação que protege determinados espaços de trabalho, definindo, por exemplo, que para chefiar bibliotecas apenas os bacharéis em Biblioteconomia, as próprias organizações se defendem alterando as denominações para setores de informação, serviços de informação ou semelhantes, cujo leque permite que outros profissionais possam assumir e liderar. Isso porque há outros perfis que atuam no mundo da informação, especialmente os pós-graduados em Ciência da Informação e Documentação, que reivindicam suas possibilidades de assumir posições de controle dessas organizações, em função de reconhecerem, em suas competências, características que os permitiriam liderar com a mesma capacidade defendida de forma normativa e de formação pelos bibliotecários.

Embora a demanda dos pós-graduados em Ciência da Informação e Documentação possa ser discutida sob vários aspectos é difícil não reconhecer que essas questões interferem diretamente nas zonas de conforto dos profissionais que antes detinham esses “territórios”, confirmando-se a tendência de que cada vez mais as identidades segmentadas e múltiplas num único sujeito, nas várias situações de suas vidas, o habilitam a integrar diferentes grupos. Conforme Mueller (2004, p. 45) apresenta no caso do Brasil aparentemente a Biblioteconomia absorveu de forma mais pacífica a Ciência da Informação, incorporando os conceitos em seus discursos e mudando o enfoque dos cursos de pós-graduação e das pesquisas na área. O que não quer dizer que não haja pontos de conflito de interesses, em processo de crescimento, com o aumento no número de pós-graduados em Ciência da Informação, sem o bacharelado em Biblioteconomia, e com o avanço de instituições que “retiraram” as bibliotecas de seus organogramas para a inserção de serviços de informação, de documentação ou utilizam outras denominações não previstas ou regulamentadas pela Lei 9.674/1998.

Santos (2002, p. 104) é outra autora que reconhece que a profissão bibliotecária tem se alterado em decorrência de diversos fatores, no caso de seu estudo específico, notadamente decorrente do uso maciço das tecnologias de informação. Para ela, “A Biblioteconomia passa por um momento importante de reflexão, de (re) dimensionamento de sua identidade [...]”, em que outros grupos profissionais de áreas afins estão igualmente participando.

Em seu estudo sobre a história dos princípios da Biblioteconomia, Thompson (1977, p. 110) descreve de forma bastante pitoresca a trajetória da profissão bibliotecária, quando cita Edward Edwards⁹ e seu livro *Memoirs of libraries* (1859), para quem as qualidades que definiriam um bibliotecário de maneira mais básica eram: “[...] ser um amante de livros; um homem de hábitos metódicos e dotado de uma mentalidade de organização; um homem de temperamento cordial e de comportamento cortês”. Embora essa visão possa ser considerada bastante romanceada e simplista, parece ainda permear o imaginário da sociedade que normalmente associa os bibliotecários com os dois primeiros grupos de características, não necessariamente com a terceira premissa, relativa ao seu comportamento “desejável”.

Acerca das imagens e papéis que os bibliotecários assumem, embora mais focalizado no contexto dos Estados Unidos, é o livro editado por Arant e Benefiel (2002), que apresenta um variado estoque de estudos acerca da percepção em relação às atitudes comportamentais e características de atuação vistas pelos próprios profissionais, pelos usuários, como aparecem no cinema e na literatura, os estereótipos e as projeções para a carreira.

⁹ EDWARDS, Edward. **Memoirs of Libraries**. London: Trüebner, 1859. *Apud* THOMPSON, 1977. p. 110.

Evidentemente a profissão mudou, tornou-se feminina, num determinado momento, conforme Martucci (1996) aponta em trabalho que tenta compreender esse fenômeno do gênero na Biblioteconomia, comparando-a com a das professoras (embora isso aparentemente esteja mudando), ainda busca sua identidade, conforme atestam os vários textos que discutem papéis, funções, competências, currículos ideais e, principalmente, mercados potenciais de atuação. Contribui para essas discussões o maciço ingresso das tecnologias de informação, que ocasionaram mudanças profundas no modo de fazer bibliotecário e tem provocado o repensar de perfis profissionais, o que é confirmado por Mosley (2002, p. 168), quando, comentando acerca do futuro dos bibliotecários, disse que “[...] uma constante que se pode estabelecer com alguma certeza é o aumento do papel da tecnologia na execução de tarefas diárias”.

2.1.2 Estereótipos

“Quando você diz às pessoas que é um bibliotecário, e, claro, você só confessa isso para aquelas muito persistentes, a melhor reação que se pode esperar é de que você não parece um.”¹⁰

Conforme ensina Wilson (1982, p. 3, tradução nossa) o termo estereótipo é emprestado da pintura, quando se faz um molde em chapa de metal para que a imagem ali gravada possa ser reproduzida milhares de vezes. Esse molde é denominado estereótipo e em dicionário encontra-se também essa definição¹¹.

O termo, de acordo com Wilson (1982, p. 3, tradução nossa) passou a ser utilizado pelos cientistas sociais a partir de 1922 quando o jornalista Walter Lippmann, em livro sobre a opinião pública, escreveu que a tomada de decisão das pessoas é feita, em geral, a partir de estereótipos, exemplificando seus moldes ou modelos a partir de dois grupos fortemente reconhecidos na sociedade americana da época, e não muito bem vistos, que eram os soldados germânicos e os membros da *Ku Klux Klan*. Para a autora, “O povo americano pensou que seus conceitos desses dois tipos fossem representações acuradas de membros desses grupos.” O jornalista, então, definiu que esses conceitos eram, na verdade, estereótipos e que os americanos “[...] viam o que eles esperavam ver – o que os estereótipos diziam que devia estar lá.”

¹⁰ BLAGDEN, John. Introduction. In: _____. **Do we really need libraries?:** an assessment of approaches to the evaluation of the performance of libraries. New York: K G Saur, 1980. p. 7-9.

¹¹ Estereótipo: Forma compacta obtida pelo processo estereotípico; estereotipia, clichê. / Estereotipia: Processo pelo qual se duplica uma composição tipográfica, transformando-a em forma compacta, por meio de moldagem de uma matriz, usualmente o flã, sobre a qual se vaza metal-tipo. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. 11. impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Em geral, os estereótipos são associados a conceitos negativos manifestados quando emitimos um julgamento qualquer acerca de determinado tema, pessoa, grupo ou mesmo ações. Mas para McGarty, Yzerbyt e Spears (2002, p. 1, tradução nossa), estereótipo tem uma outra acepção, mais abrangente:

Sem indivíduos não haveria sociedade, mas a menos que indivíduos também se percebam como pertencentes a grupos, isto é, dividindo características, circunstâncias, valores e crenças com outras pessoas, então a sociedade seria sem estrutura ou ordem. Estas percepções de grupos são chamadas de estereótipos.

Ainda segundo os autores, os estereótipos só têm interesse se compartilhados pelos membros do grupo e é importante compreender porque e como eles são compartilhados. Além disso, não se pode ignorar que os estereótipos, uma vez formados, compõem o conjunto de visões que um determinado grupo tem de sua realidade, assim como possivelmente influenciarão comportamentos e atitudes, o que pode interferir positiva ou negativamente na visão interna e na externa, ou seja, daqueles que não integram aquela comunidade.

Uma das explicações possíveis é a ideia de que “[...] há compartilhamento de um conjunto cultural de conhecimento, de representações sociais, de ideologia ou cultura da qual diferentes pessoas provam e é isto que produz a semelhança das visões.” (MCGARTY, YZERBYT E SPEARS, 2002, p. 6, tradução nossa)

Há, ainda, outros entendimentos possíveis para estereótipos que são, segundo McGarty, Yzerbyt e Spears (2002, p. 7), compreender os estereótipos como um conjunto de crenças, de conceitos interrelacionados que informam as percepções de membros de um certo grupo; ou ainda como a representação específica de um grupo particular em um determinado tempo.

Pereira *et al.* (2002, p. 389-390), em estudo sobre a evolução dos métodos de estudo dos estereótipos e do processo de estereotipização, evidenciam as diferenças e contornos que esse conceito foi adquirindo, passando por entendimentos em que eram caracterizados “[...] como crenças compartilhadas pelos percebedores [...]”; “[...] fotografias na cabeça do percebedor [...]”; “[...] estruturas que contêm o conhecimento, as crenças e as expectativas do percebedor em relação a algum grupo humano.”; para, considerar os estereótipos, como “[...] crenças compartilhadas referentes aos atributos pessoais, especialmente traços de personalidade e aos comportamentos de um grupo de pessoas [...]”.

Para Wilson (1982, p. 4) os estereótipos cumprem também outras funções que incluem se constituir de um modo de organizar o aprendizado e de organizar as experiências de certos

grupos. Em suma, para Wilson (1982, p. 4, tradução nossa) “Estereótipos são percepções coletivas aprendidas”.

Televisões, filmes, livros e outros veículos de comunicação contribuem para esse fenômeno de aprendizado dos estereótipos (Wilson 1982, p. 4), que podem ser caricatos dependendo da intenção de potencializar as virtudes ou os defeitos, de forma a conseguir atrair a atenção das pessoas para os aspectos que se deseja ressaltar.

Brown e Turner (2002, p. 68, tradução nossa), estudando a formação dos estereótipos, consideram que existem três possibilidades para que ocorram:

[...] estereótipos podem se formar para refletir nossa observação direta do comportamento de um grupo [...];
[...] estereótipos podem refletir nossas expectativas e teorias mais amplas sobre como pensamos que um grupo deveria se comportar [...];
[...] os estereótipos se formam para refletir uma combinação de nossas observações (dados) e de nossas expectativas e conhecimentos (teoria).

Adiante (p. 69, tradução nossa), esses autores definem que a formação de estereótipos está ligada a um processo de categorização e que estes “[...] são inicialmente baseados na *percepção* de diferenças entre grupos, apesar de esta percepção poder não refletir diferenças reais [...].”

O livro de Hinton (2000, p. 5, tradução nossa), além de se constituir de uma leitura prazerosa, constrói a idéia de estereótipos a partir do conceito negativo para compreender a evolução, em termos de estudos sobre o tema, até chegar a uma idéia semelhante à de McGarty, Yzerbyt e Spears (2002). Em seu trabalho, ele introduz outros elementos para compreender o fenômeno dos estereótipos que teria como função, também, “[...] não ser simplesmente uma visão do mundo que é tanto certa quanto errada, mas conectada à compreensão dos indivíduos das razões pelas quais as pessoas são o que elas são.” e, continua Hinton (2000), “[...] estereótipos podem prover as pessoas de explicações que elas podem ficar felizes em aceitar.”

Essa função de contribuir para a compreensão do mundo e possibilitar a relação dos indivíduos ou grupos com o desconhecido, que é hostil e assustador, é feita, conforme Hinton (2000), pelo julgamento das pessoas não como seres individuais, mas como membros de uma determinada categoria, nesse sentido concordando com o que Brown e Turner (2002) colocaram.

Para Hinton (2000, p. 22) essas categorias compõem um esquema para organizar as informações que possuímos do mundo e que nos permitem distinguir entre, por exemplo, quem é amigo e quem não é. Assim, o conceito de amigo é composto de informações que ficam

organizadas mentalmente em categorias e em esquemas que permitem e facilitam a interação dos indivíduos e dos grupos em sociedade. Deve-se ressaltar que os estereótipos não devem ser associados apenas a conceitos negativos, como nas origens dos estudos sobre eles, mas por aquilo que é entendido e expresso pelo senso comum.

McGarty (2002, p. 17) é outro pesquisador que associa os estereótipos com as categorias e mostra que os termos conceito e categoria têm sido usados como sinônimos e nascem e se desenvolvem na medida que são compartilhados por um grupo social. Esse conhecimento acerca das categorias, conforme o autor, permite que as percepções sejam desenvolvidas e comunicadas de forma que os estereótipos passam a ser compartilhados com outras pessoas.

As categorias, que em realidade representam os estereótipos, são exemplificadas por McGarty (2002, p. 18-19) a partir do estereótipo dos bibliotecários. Como aparentemente as imagens associadas aos bibliotecários são comuns e consolidadas parece que os autores preferem essa profissão para tomar como exemplos de formação e entendimento dos estereótipos e McGarty também se utiliza desses profissionais. Na explicação de sua compreensão do fenômeno dos estereótipos, McGarty (2002, p. 18, tradução nossa) constata que

[...] a percepção do estereótipo dos bibliotecários é obviamente maior que a mera aplicação do rótulo bibliotecário para um conjunto de pessoas que compartilham da mesma profissão. É, claramente, também, mais que um estoque de conhecimentos sobre bibliotecas e sobre pessoas que trabalham nelas. [...] Esta percepção pode ser a de que os bibliotecários são vistos como tendo mais semelhanças uns com os outros em características como serem cultos e introvertidos do que as pessoas em geral. A resposta parece ser a de que os estereótipos devem ser mais que somente uma percepção de um determinado grupo.

Adiante, McGarty complementa que os estereótipos não podem ser vistos desse modo simplista e, segundo ele, que prefere utilizar o termo representação do estereótipo, eles são um conjunto de relações entre conhecimentos, rótulos e percepções de equivalência, conforme figura a seguir.

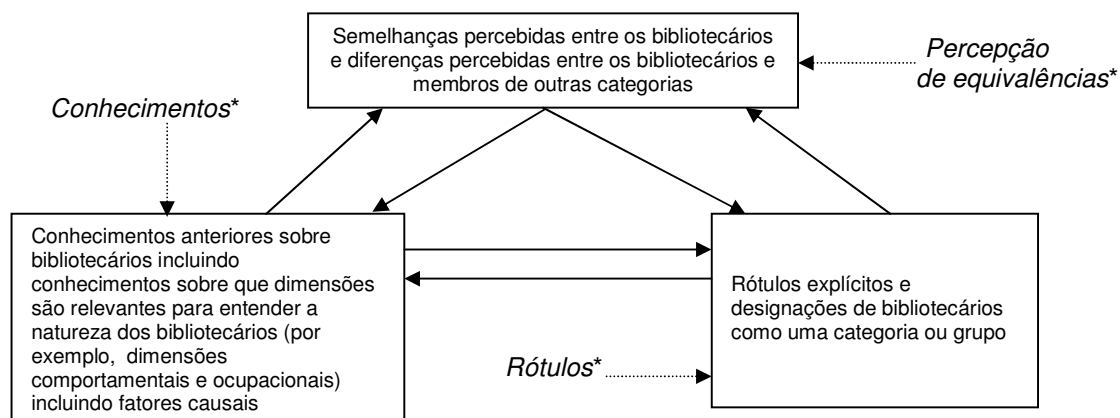


Figura 1 – Representação de aspectos dos estereótipos sob a perspectiva da força das relações¹²

Dessa figura é possível visualizar a complexidade do fenômeno dos estereótipos e a força com que eles se consolidam e o significado deles na perpetuação das representações e da comunicação deles ao longo do tempo. McGarty (2002) entende que os estereótipos que perduram devem ser classificados de conhecimento estereotipado e esses possuem características que, de certa forma, se coadunam com o que Hinton (2000) coloca acerca da relação de estereótipos com a compreensão do mundo.

Dentre essas características do que ele denominou de conhecimento estereotipado McGarty (2002, p. 23-24) coloca que: ele é explicativo, isto é, serve para ajudar o percebedor a entender aspectos dos grupos e de seus membros e pode também ajudar a explicar as relações entre os grupos; deve servir para fazer certas representações de estereótipos mais ou menos através de uma gama de contextos; deve prover um registro de semelhanças e diferenças que são constatadas com as semelhanças e diferenças observadas; deve conter aspectos explícitos e implícitos, ou seja, conhecimentos que são disponíveis de forma consciente, simbólica e passíveis de comunicação e outros que estão no nível subconsciente; deve incorporar conhecimentos de categorias, o que significa um estoque de conhecimentos sobre essas categorias; e, finalmente, que o conhecimento estereotipado deve prover as bases para as inferências na forma como as pessoas realmente as fazem.

Uma constatação que se destaca de Brown e Turner (2002, p. 70, tradução nossa) é a de que “Uma vez que um grupo é associado com um dado comportamento, isto se transforma

* Estas anotações não fazem parte da figura original de McGarty.

¹² Fonte: McGarty, Craig. Stereotype formation as category formation. In: ____; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 19. (adaptação e tradução nossa)

numa categoria significativa para o percebido e pode guiar futuras percepções do grupo.”, o que reforça a relevância desse tema na construção da visão e das crenças que grupos profissionais, por exemplo, desenvolvem e de como esses pontos podem se refletir nas práticas e exercícios de suas atividades laborais.

Este pensamento se coaduna com Hinton (2000, p. 6, tradução nossa) acerca do estabelecimento dessas categorias e quando diz que “Em grande parte do tempo nós estamos julgando outras pessoas, tanto formalmente, como num tribunal, quanto informalmente em nossas vidas cotidianas.”

Uma das definições utilizadas por Hinton (2000, p. 23, p. 26) para estereótipos é a de que eles se constituem da atribuição de características para uma pessoa, baseada em suas semelhanças com seu grupo. Definição que se complementa com a de Hamilton (1979, p. 54, tradução nossa) quando diz que “Estereotipar¹³ ocorre quando o percebido faz inferências sobre uma pessoa porque aquela pessoa é membro de um grupo.” Outro ponto colocado por Hinton (2000) é o de que essa necessidade de estabelecer categorias para o mundo social reside na busca de compreender e interagir com esse mundo, conforme dito anteriormente. E, a teoria utilizada para compreender os estereótipos, para o autor, é a de representações sociais, de Serge Moscovici, que busca entender como se constrói esse conhecimento comum.

Voltando a Wilson (1982, p. 5) acerca das origens dos estereótipos, nesse caso, aos estereótipos profissionais, os estudos nesse direcionamento datam de 1930, quando pesquisadores buscaram verificar se existia algum estereótipo associado a professores. O estudo constatou que existia sim, um estereótipo físico associado aos professores. A autora prossegue apresentando estudos sobre os estereótipos profissionais com os bibliotecários, objeto de seu livro.

No grupo profissional dos bibliotecários a preocupação com a imagem e com os estereótipos tem sua razão de ser e trabalhos que tratam desses temas, em geral, focalizam suas percepções e estudos associando os estereótipos à questão da imagem corporal em primeiro plano e na comportamental, como item posterior em termos de identificação dos profissionais. Uma demonstração dessa evidência são os estudos de Wilson (1982) em seu livro, no qual as pesquisas documentais apontaram algumas das razões pelas quais os estereótipos dos bibliotecários se consolidaram nos textos técnicos. Para a autora, um dos pontos pode ser o fato de que embora a maioria dos bibliotecários americanos seja de mulheres (84% à época), a maioria da literatura técnica era produzida por homens. Outro item assinalado

¹³ NA: Estereotipar pelo *Novo dicionário Aurélio*, 2. ed., 1986, entre seus diferentes significados, inclui “reproduzir fielmente” e tornar-se fixo, inalterado. Entretanto, em inglês, no texto referido, é empregado no sentido de estabelecer um estereótipo, definição adotada neste estudo.

foi o de que muitas das mulheres empregadas em pequenas bibliotecas públicas não tinham a formação, não participavam das associações profissionais e não se inteiravam da profissão por meio da leitura. Mas, para Wilson (1982), mesmo quando os bibliotecários negavam os estereótipos, eles o faziam, na verdade, apontando pessoas absolutamente diferentes dos estereótipos, como se essa explicação fosse suficiente para refutar a associação aos conceitos e imagens negativas relacionadas, sobretudo, a outros aspectos como à acomodação, à falta de curiosidade intelectual, à baixa energia física.

Morrisey e Case (1988, p. 454, tradução nossa) consideram que

O estereótipo negativo dos bibliotecários atrapalha o recrutamento para a profissão; diminuem o respeito que os grupos de usuários e de administradores manifestam pelos bibliotecários; inibem iniciativas individuais ou de grupos; e, por fim, atrasam o avanço da profissão.

O aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Um exemplo disso pode ser percebido pelo resultado de uma pesquisa na *Internet* com os termos bibliotecários ou *librarian*, que recupera:



retrato, bibliotecário



adulto, livro, livros, librarian



jovem, librarian, organizando¹⁴

Figura 2 – Imagem dos Bibliotecários

As imagens selecionadas reforçam os estereótipos de bibliotecários como profissionais associados ao sexo feminino e, mesmo quando mostram jovens, como na figura da “bibliotecária jovem organizando”, apresenta uma função que normalmente não é executada pelos bibliotecários, mas sim pelos auxiliares de bibliotecas, que é a de recolocação de material nas estantes. Acerca da atividade de recolocação de livros nas estantes, aparentemente essa é

¹⁴ Legendas reproduzidas da página. Fonte: <http://www.fotosearch.com.br/>. Acesso em 20 jan. 2006.

outra percepção que acompanha os bibliotecários, idéia confirmada por Weihs (2005, p. 6), em artigo no qual critica a ignorância dos autores que, entre outros equívocos semelhantes, confundem essa como sendo uma das atribuições dos bibliotecários: “Muitos autores dos livros que li acreditavam que as pessoas que carregavam e descarregavam livros das estantes de circulação eram bibliotecários – uma percepção comum do público [...].”

Em estudo sobre os estereótipos dos bibliotecários (do sexo masculino) nos Estados Unidos, Dickinson (2002) refaz o percurso do desenvolvimento das bibliotecas universitárias para tentar compreender como se desenvolveram os estereótipos. Segundo seus trabalhos, os primeiros responsáveis pelas bibliotecas não se fixavam no cargo, apenas utilizando-o como um modo de ascender a outros postos na organização universitária. Há outros fatores, conforme Dickinson (2002), que poderiam contribuir para a visão que a sociedade desenvolveu sobre os bibliotecários que são:

- O fato de que esses primeiros profissionais eram pessoalmente responsáveis pela integridade e manutenção dos acervos, o que intensificava a necessidade de cobranças e de impedimentos de acesso às obras;
- As funções das pessoas que trabalhavam nas bibliotecas incluíam a responsabilidade pela limpeza, organização física dos livros e “arejamento” do local;
- Em muitas organizações, o pessoal da biblioteca participava do processo de seleção dos alunos das universidades;
- As organizações não consideravam necessária nenhuma qualificação especial para o pessoal que fosse trabalhar nas bibliotecas.

A partir dessas constatações comportamentais, influenciadas, evidentemente, pela época, mas que ainda perduram pelo fato, concreto, de serem os bibliotecários, na maior parte das organizações, os responsáveis pelo patrimônio documental nas instituições que dirigem, é compreensível a associação desses profissionais com pessoas que resistem em “abrir” seus acervos, que de certa forma vigiam, mais que mediam informação, e que de algum modo estão no centro das dificuldades de acesso, que muitos usuários sentem.

Um *site* que trata dessa questão é o <http://www.librarian-image.net/>¹⁵ que possui o sugestivo título “*you don’t look like a librarian*”¹⁶, cujo propósito é listar alguns comentários, fatos, e apresentar as imagens que os bibliotecários transmitem, na era da *Internet*. Entre anúncios, simpáticos ou depreciativos, com relação à figura do bibliotecário, são apresentadas

¹⁵ Acesso em 19 dez. 2006.

¹⁶ Você não parece um bibliotecário.

algumas pesquisas conduzidas com a finalidade de identificar a imagem do profissional. Em uma delas, Kneal (2004) comenta que a preocupação com a visão das pessoas acerca dos profissionais é importante, pois os empregadores vêem nessa perspectiva o quanto a profissão é valorizada socialmente, ou não, e o quanto os profissionais devem receber de remuneração.

Em outra passagem do texto Kneal (2004) indica o anúncio abaixo que apresenta a possibilidade de aquisição de um “boneco bibliotecário”. Mesmo considerando-se que essa boneca foi feita baseada em uma profissional com essas características, sua possibilidade de mover os braços para fazer o sinal de silêncio igualmente reforça essa percepção de barreira que os usuários podem sentir em relação aos profissionais.



Librarian Action Figure¹⁷

Figura 3 – Boneca Bibliotecária

É provável que a maior parte desses pontos já tenha encontrado uma solução ao longo do tempo, mas as imagens perduram, assim como os estereótipos e, junto com eles a manutenção da visão dos grupos e dos indivíduos uns acerca dos outros. Hamilton (1979, p. 72) fala sobre essa questão em seu trabalho enfatizando que é importante entender a influência do estereótipo no julgamento dos grupos.

Ainda em Hamilton (1979), falando sobre a formação de esquemas ou categorizações, é visto que o agrupamento de objetos em classes de equivalências, realizado pelo percebedor, é uma forma de reduzir a enorme complexidade de estímulos oferecida pelo mundo. Essa categorização deve ser entendida, então, como um processo basicamente funcional no sentido

¹⁷ Figura móvel do bibliotecário. Fonte: <http://www.mcphee.com/bigindex/current/11247.html>. Acesso em 19 dez. 2006.

de que “[...] empresta organização ao mundo social e provavelmente facilita a retenção de informação sobre outros indivíduos.”, além de “[...] aumentar nossa habilidade de antecipar como é e como provavelmente se comporta o membro de um determinado grupo.” (HAMILTON, 1979, p. 56, tradução nossa)

Para demonstrar os esquemas, Hinton (2000, p. 22-23, tradução nossa) também utiliza o “esquema bibliotecária” que, conforme suas palavras “[...] pode incluir características como se vestir de forma conservadora e introvertida assim como estar associada a carimbos de livros e recolocação de livros em prateleiras.” Para ele, os esquemas facilitam a vida das pessoas e os estereótipos servem igualmente para tornar o pensamento rápido e fácil, prosseguindo no exemplo das bibliotecárias:

Imagine uma pessoa muito ocupada que possui apenas alguns minutos para devolver um livro em uma biblioteca. O balcão de empréstimos está vazio e ela olha em volta à procura de uma bibliotecária. Quem é a bibliotecária? Ela deve escolher uma pessoa que caiba no estereótipo que possui acerca de uma bibliotecária, num primeiro momento. Ela pode incorrer em erro, mas se estiver certa terá resolvido seu problema rapidamente e com mínimo esforço.

Outro fator bastante relevante com relação aos estereótipos da profissão bibliotecária é a de que por ter sido, ao longo de seu desenvolvimento, associada a uma atividade essencialmente exercida por mulheres, isso redundou na agregação de outros estereótipos, que têm mais relação com o sexo feminino. Entre esses fatores podem ser identificados outros pontos, como:

- Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras;
- As mulheres, no Brasil, segundo dados constantemente divulgados pela imprensa¹⁸, percebem menores remunerações que os homens, nas mesmas posições;
- Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser “solteirona” e recalcada, enquanto que aos homens essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte.

Sobre essas associações de idéias que tratam da profissão, das mulheres e da Biblioteconomia, Lima e Almeida Júnior (1998) compilaram alguns textos acerca da forma como os bibliotecários são retratados em diferentes notícias de jornais, ou como as pessoas encaram

¹⁸ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u94094.shtml>. Acesso em: 3 dez. 2006.

a instituição biblioteca. O subtítulo do referido livro já denota o olhar dos autores na seleção de suas matérias: “crônicas bem-humoradas da Biblioteconomia aplicáveis a outras profissões desprestigiadas.”

Em uma parte do livro, de uma notícia acerca do retorno de uma atriz à televisão, o leitor do jornal é informado que ela encarnará o papel de “[...] uma comportada bibliotecária [...]” (LIMA e ALMEIDA JÚNIOR, 1998, p. 41-42). Entre os diversos comentários dos autores, destaca-se o que talvez identifique a forma como uma parcela dos profissionais se sente ao ler semelhantes notícias:

Protesto. Cansei de ver a bibliotecária como o estereótipo da boa samaritana. Quando não ridicularizada como uma velha gagá, com eternos óculos de grau na ponta-do-nariz, chafurdando em fichas catalográficas 7,5 x 12,5 cm, que as impedem de pensar, ridicularizada como uma moça esteticamente reluzente, mas com um vazio na cabeça de dar dó.

Mas não se trata apenas disso. Pela análise que fazem de cada item incluído os autores demonstram sua preocupação com a instituição biblioteca, com o hábito de leitura, com a postura dos profissionais e, sobretudo, com forma pela qual os bibliotecários e as bibliotecas são vistos por alguns veículos de comunicação.

Radford e Radford (1997) reconhecem em seu texto que a associação da imagem das mulheres bibliotecárias pode ser mais que simplesmente a manutenção de estereótipo e pode estar ligada a outros fatores como poder, conhecimento e medo. Poder, no sentido do domínio da coleção, conhecimento porque essas profissionais dominariam o ambiente biblioteca, onde se coleciona conhecimento, e medo do indivíduo que busca informação de parecer pouco inteligente diante dessas profissionais. Assim, o estereótipo negativo seria uma forma de lidar com esses elementos.

Paralelamente, os autores colocam idéias bem desconcertantes acerca da relação dos profissionais com sua atividade quando comentam o texto de Michael Winter (1994) no qual ele considera que as bibliotecas englobam duas funções básicas que são de acesso e completeza (no sentido de a organização possuir toda a informação necessitada por seus usuários). Para Winter (1994, p. 123) uma característica e provavelmente uma insolúvel tensão no âmago da Biblioteconomia se manifesta de forma diferente para os usuários e para os bibliotecários que mesmo sabendo que as coleções são desenvolvidas para serem emprestadas e sua utilidade somente existe quando o documento circula, não deixa de ser fato que ao ser fornecido o documento, a coleção passa a ficar incompleta. E o usuário, nesse caso, passa a ser aquele que personifica a ruptura desse ideal de completeza.

Seguindo nessa linha Radford e Radford (1997, tradução nossa) observam que

[...] com poucas exceções, os bibliotecários ainda decretam e impõem regras estritas para determinar a quem é permitido emprestar materiais, que materiais são passíveis de empréstimo, os prazos de circulação dos documentos e as penalidades, monetárias ou outras, impostas no caso de atrasos de devolução.

Na literatura, é bastante conhecida a figura do bibliotecário de Umberto Eco¹⁹, em seu famoso livro *O nome da rosa* e de sua postura de guardião da biblioteca e de seus preciosos livros, com poder de vida e de morte sobre quem ousasse ultrapassar e burlar as regras estritas de acesso ao acervo.

Esse poder, então, é colocado ao usuário que tem que se “[...] confrontar com o ‘deus-bibliotecário’, o guardião da racionalidade e do conhecimento, cujo domínio da ordem o usuário ousa violar, e que tem o poder de estabelecer disciplina e punição.” (RADFORD e RADFORD, 1997, tradução nossa)

Diante dessa relação conflituosa entre usuários e bibliotecários, Radford e Radford (1997, tradução nossa) analisam que

O estereótipo da bibliotecária pode ser pensado como uma estratégia na qual esse temor fundamental pode ser controlado, neutralizado e disfarçado. A bibliotecária é apresentada como medonha, mas sob esse exterior severo, nada há que temer: há somente uma mulher.

No final de seu artigo, Radford e Radford (1997, tradução nossa) colocam importantes questões acerca desse estereótipo dos bibliotecários:

Quem está falando por intermédio do estereótipo da bibliotecária, e com que finalidade? A qual interesse o estereótipo serve (certamente não às mulheres)? O que pode a imagem de subserviência e da falta de poder causar para as mulheres pode ser desafiado e mudado? Não é suficiente gritar que o estereótipo é errado, inexato e injusto.

Em relação a esses pontos, várias são as páginas na *Internet* que discutem esses estereótipos dos bibliotecários. Uma delas é “*The laughing librarian*”²⁰, que retrata os profissionais com humor. Nesta página podem ser consultadas outras de mesmo gênero, histórias e piadas sobre os profissionais, sobre a profissão e sobre a visão externa acerca dos bibliotecários.

Mas nem só de humor vive a imagem dos bibliotecários. São inúmeras páginas dedicadas ao trabalho técnico-científico, à divulgação da profissão, periódicos eletrônicos especializados, listas de discussão e os portais institucionais tanto no exterior quanto no Brasil.

¹⁹ ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 562 p.

²⁰ O bibliotecário risonho. Fonte: <http://www.laughinglibrarian.com>. Acesso em: 22 jan. 2006.

O que talvez fosse relevante, de fato, não seria somente a construção e manutenção dessas páginas, mas, sobretudo, poder estudar e compreender o comportamento profissional dos bibliotecários, especialmente aqueles vinculados às instituições de acesso público que trabalham com informação – não apenas as bibliotecas públicas, mas as escolares, as de órgãos federais, estaduais e municipais, empresas públicas, entre outras –, cuja visibilidade transcende os limites daquela organização específica, pois permite o acesso mais amplo que as empresas privadas ou os bibliotecários que prestam serviço especializado de forma autônoma.

Num país carente de bibliotecas ou outros órgãos que prestem serviço de informação, como é o caso do Brasil, por exemplo, a adaptação é feita pela própria sociedade, transformando bibliotecas universitárias e especializadas em públicas, senão pelo acervo, mas pela possibilidade de um local de estudos ou mesmo de acesso a enciclopédias, que ainda parecem ser as grandes fontes de informação para pesquisas escolares. Esse fenômeno é relatado com frequência pelos profissionais, como da Biblioteca Central da Universidade de Brasília e outras como as Bibliotecas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, também em Brasília. Além de não disporem de coleções específicas para atendimento, por não ser esse o público alvo do órgão, sofrem com as críticas das pessoas que desconhecem as funções e responsabilidades específicas de cada tipo de biblioteca e isso se reflete na imagem projetada, provavelmente na auto-imagem dos profissionais e, fundamentalmente, alimenta um círculo vicioso de baixo nível de conhecimento, baixo índice de acesso à informação necessária e desestímulo e má vontade dos usuários com a instituição biblioteca e com os profissionais que ali atuam.

Textos que tratam da imagem dos bibliotecários nos diversos veículos de comunicação são freqüentes. Soares e Freire (2005) selecionaram quatro filmes com o objetivo de identificar a imagem da categoria, incluindo a descrição dos tipos físicos e comportamentais. Entretanto, embora as análises sejam bem completas, escorregam em alguns pontos. Um exemplo é o comentário feito acerca da atuação da bibliotecária no filme *O óleo de Lorenzo*, famoso por se tratar de história baseada em fatos reais e que mostra a luta dos pais de Lorenzo na busca de informações sobre a doença degenerativa do filho, que o levaria à morte.

O filme efetivamente trata do processo de busca e obtenção de informação. Entretanto, a julgar pelo trecho selecionado para exemplificar a atitude simpática da bibliotecária (descrita como uma senhora de rosto suave, levemente acima do peso e cabelo com o inevitável coque) as próprias autoras se deixam levar pela condescendência com que a profissional é tratada. Em realidade, ao invés de perceberem que seu papel seria o realizado pelo pai de Lorenzo (de

pesquisar as informações) as autoras reforçam a idéia de que o papel dos bibliotecários é o de buscar o documento nas estantes (atribuição, em geral, dos auxiliares de biblioteca).

Mas o trabalho de Soares e Freire (2005) também explicita as relações com os estereótipos da profissão, identificando quatro tipos específicos: o de um bibliófilo especialmente esperto (no filme *O último portal*), o da senhora simpática (no filme *O óleo de Lorenzo*), o do velho estranho e desalinhado (no filme *Pagemaster, o mestre da fantasia*) e finalmente da jovem inteligentíssima, bonita e aventureira que usa óculos, acessório normalmente utilizado quando se pretende demonstrar que aquela pessoa é uma intelectual.

Embora haja muito menos textos e dados sobre o tema, existe outro estereótipo associado aos bibliotecários, nesse caso os do sexo masculino, que é o relacionado à orientação sexual dos homens que escolhem essa profissão, geralmente relacionada com a homossexualidade ou com posturas efeminadas, conforme atestam Morrisey e Case, (1988) quando reconhecem que esses pontos existem no imaginário dos próprios profissionais pelo fato de atuarem em uma profissão com predominância de mulheres. Carmichael (1995) realizou um estudo sobre o tema e levantou alguns pontos, entre os quais destacam-se:

- Que a Biblioteconomia, segundo o autor, é uma profissão com predominância de pessoas do sexo feminino e, como professores, enfermeiros e assistentes sociais são consideradas “semi-profissões” e seu baixo *status* e prestígio têm sido atribuídos à imagem negativa das mulheres;
- O pouco interesse dos homens na profissão discutirem questões de gênero;
- O fato de que na Biblioteconomia foi explícito o movimento de atração de pessoas do sexo masculino de forma a aumentar os salários recebidos pelos profissionais;
- Estereótipos e *status* são temas recorrentes em profissões que possuem baixo *status* ou profissões marginais, entre outros.

Sable (1969) foi outro autor que identificou a visão estereotipada dos bibliotecários e igualmente reconheceu o receio de os homens que exercem a profissão serem associados a uma imagem efeminada. Segundo esse autor (1969, p. 749, tradução nossa) “Os bibliotecários do sexo masculino querem primeiro, antes de comprovar que eles são bibliotecários, comprovar que são homens. Eles não querem ser considerados como pertencentes ao estereótipo feminino.” E, prossegue Sable, “Ele quer pessoalmente excluir-se das características sexuais que o pensamento popular caracteriza as bibliotecárias do sexo feminino. Sua masculinidade está em questão.”

Simpson e Simpson (1969) levantaram vários pontos para compreender as denominadas semi-profissões, a cujo conceito está associada a Biblioteconomia, Dentre outras

características os autores identificaram a maioria feminina em exercício, como um dos pontos e outro, relacionado a isso, ao fato de que as mulheres estão prioritariamente vinculadas à família que à profissão diferentemente dos homens. Mesmo considerando-se o distanciamento temporal – 37 anos – em que houve profundas mudanças no comportamento das mulheres em relação ao trabalho, quando se fala de estereótipos, essa imagem pode perdurar. Em suas pesquisas, os autores (1969, p. 202) constataram algumas evidências que igualmente podem ter contribuído para a imagem que ainda se tem da profissão bibliotecária. Um exemplo disso é a constatação de que grande parte das pessoas que exerciam a profissão não tinham formação na área e que

Em função de não haver exigência de diploma para se tornar um bibliotecário, e talvez porque a Biblioteconomia é menos socialmente visível e tem uma imagem pública menos clara que outras semi-profissões, este campo tem uma alta proporção de pessoas que decidiram seguir a carreira tardiamente.

Também dessa época é o artigo de Sable (1969, p. 748, tradução nossa) que mostra a mudança dos estereótipos quando afirma que “Os séculos dezenove e dezoito caricaturaram os bibliotecários como bibliófilos, homens pálidos e subnutridos que viviam apenas para seus livros.” Para Sable (1969) a depressão e as guerras fizeram com que a entrada das mulheres na profissão deslocasse os estereótipos para os que até hoje são mais comumente associados, como os que já foram descritos.

Retornando a Carmichael (1995), sua pesquisa, mostra a visão histórica sobre os bibliotecários nos Estados Unidos e, dentre as associações feitas em diversas circunstâncias sobre esses profissionais, constam algumas verdadeiramente estarrecedoras como, por exemplo, identificar os bibliotecários como “terceiro sexo”, ou ainda, alertar os estudantes que trabalhassem nas bibliotecas para que não se tornassem “acadêmicos efeminados”. O autor levantou, entre outros pontos que potencialmente podem servir de explicação para os estereótipos e os baixos salários para os bibliotecários, o movimento de introdução de mulheres na profissão que encontrou em Melvil Dewey um incentivador, por razões diversas e, conforme Carmichael (1995, p. 16, tradução nossa),

Por toda a subsequente história da Biblioteconomia, os bibliotecários tiveram dificuldades em obter apoio financeiro governamental para seus esforços, se não por outra razão do que ter a biblioteca pública se transformado em um ornamento municipal povoado por mulheres, no qual os bibliotecários homens eram meros ‘entregadores em vestiários de cultura’.

Newmyer (1976) constata que o registro da literatura sobre os bibliotecários é inconsistente e incongruente e reflete, em parte, a ambigüidade da auto-imagem profissional,

que tem sido formalizada através de uma miríade de estudos sobre estereótipos, personalidades e imagens, todos conduzindo para uma referência negativa do estereótipo feminino. O autor demonstra, pelo seu trabalho, que testes de personalidade buscando as referências femininas e masculinas refletem preconceitos de época atribuindo aos homens a característica de efeminados, se admitiam a possibilidade de se tornarem bibliotecários, por exemplo, e masculinizadas as mulheres que admitiam, pelos testes, que se interessavam por política ou não tinham medo de enfrentar ambientes desconhecidos. Assim, conforme o Newmyer (1976) esses estudos apenas reforçavam imagens efeminadas para os homens e submissas para mulheres, o que em nada, segundo ele, contribui para conhecer, efetivamente a imagem profissional dos bibliotecários.

A questão da orientação sexual, ou do comportamento estereotipado como efeminado associado aos homens na Biblioteconomia, mesmo no século XXI, ainda é um tema controverso e sensível e não se fala sobre isso sem suscitar desconfortos. Essa mesma sensibilidade não parece permear os textos e nem receber a mesma atenção quando se trata de discutir sobre a imagem mais comumente associada aos bibliotecários, de forma depreciativa, que é a da mulher, velha, de óculos, coque, totalmente defasada e dissociada dos movimentos mais modernos em relação à lide com a informação, como apresentado anteriormente e, claro, solteira, como outra característica negativa para as mulheres.

Mas essa associação de imagens, nesse caso específico, relacionada com os homens e com sua orientação sexual, ou com seu comportamento social, deveria ser considerada nos estudos relacionados com a imagem profissional e com os estereótipos, pois igualmente faz parte da tradição oral do que se comenta sobre os profissionais, pelo menos entre os bibliotecários. E esses comentários, como normalmente se percebe quando se fala sobre a sexualidade humana, são feitos de forma velada, em geral críticos, que são características das opiniões permeadas pelos preconceitos e pela sombra dos estereótipos associados com idéias negativas.

Que influência podem ter esses estereótipos associados aos bibliotecários – mulheres velhas e homossexuais masculinos –, mesmo que os temas recebam atenção, pesquisas e textos de forma diferenciada, na construção da imagem profissional merecem olhares mais atentos, especialmente no caso de se associar o reconhecimento profissional a oportunidades de trabalho, aos salários recebidos e às disputas de mercado, já que ambos os estereótipos são vistos como imagens negativas.

Carmichael (1995, p. 17, tradução nossa), por exemplo, explica seu interesse em estudar os homossexuais masculinos na Biblioteconomia em comparação com os

heterossexuais, bem como tornar mais aderente a existência de um estereótipo negativo masculino correspondente ao estereótipo feminino, como uma perspectiva para “[...] restaurar alguma solidariedade às reivindicações de ambos os sexos pela legitimidade da profissão.”

Em estudo anterior, Carmichael (1992, p. 414) já identificava que a Biblioteconomia é uma profissão que sofre com a questão da imagem, mas sempre associando à predominância de mulheres na área. Para ele, o silêncio sobre a questão de gênero tem relação, entre outros fatores, com a “[...] volatilidade do estereótipo sexual masculino em profissões femininas.” (CARMICHAEL, 1992, p. 414, tradução nossa). Segundo o autor, os educadores antigos esforçavam-se muito para apresentar positivamente a profissão aos potenciais empregadores, com especial atenção para acabar com a imagem efeminada associada aos homens. Na sua pesquisa, o autor tenta demonstrar que “[...] como a tecnologia e as máquinas são domínios tradicionalmente ‘masculinos’, presumiu-se que a revolução tecnológica nas bibliotecas tem tido um efeito positivo na auto-estima masculina.” (CARMICHAEL, 1992, p. 419, tradução nossa)

Carmichael (1998, p. 3, tradução nossa), comentando acerca do estudo de Newmyer (1976), sobre a imagem da profissão bibliotecária consolidada pela literatura técnica da área, enfatiza que

Todas as profissões ‘femininas’ experimentam problemas de imagem e baixa auto-estima e seus profissionais tradicionalmente colocam a culpa para esse problema nos pés de um gentil, no mínimo repugnante, estereótipo feminino (em Biblioteconomia, de óculos e uma mulher velha assexuada, meio caduca, solteira, usando coque e tênis que pede silêncio ao menor riso abafado) e na imagem feminina da profissão.

Na introdução do livro editado por Carmichael (1998), é apresentada a questão da homossexualidade relacionada à Biblioteconomia sob diversos aspectos que abrangem desde a imagem associada aos homens que atuam nessa profissão ao desenvolvimento de coleções especializadas no tema, nas bibliotecas, à mudança de paradigma da classificação das obras sobre esse assunto. Mas seu texto sempre retorna ao ponto da aceitação social relacionada com o exercício profissional, que é sempre uma discussão que permeia os estudos sobre imagem profissional dos bibliotecários.

Além desses pontos, há outras posições sobre esse assunto, que ultrapassam uma visão trivial e superficial da profissão. Um deles é o *blog*²¹ de Fiona Bradley que possui um artigo criticando as ações da *American Library Association – ALA*²² para mudar a visão da sociedade quanto ao estereótipo dos bibliotecários (senhoras idosas, em vestimentas

²¹ Disponível em <http://blisspix.net/index.php>. Acesso em 9 abr. 2006.

²² Associação dos Bibliotecários Americanos.

conservadoras, etc.) questionando que devem existir pessoas com essas características e imaginando como elas devem se sentir com essas críticas. Bradley (2003, tradução nossa) coloca que ao invés de reforçar os valores dos bibliotecários, esclarecer acerca de suas atividades que, conforme a autora, são os reais interesses de pessoas em fase de escolha da carreira, a ALA apenas reforça preconceitos e não colabora para integrar as gerações de bibliotecários mais novas e as mais antigas. Além disso, o ideal seria mostrar o uso que se faz das tecnologias de informação e de comunicação e as diferentes possibilidades de atuação profissional, o que, segundo ela, demonstra que a carreira é atraente e não apenas jovem!

2.1.3 Valores ocupacionais

Burd (2003) extraiu de Rokeach (1973, p. 5, tradução nossa) uma definição mais sintética de valores como sendo a “[...] crença duradoura de que um modo específico de conduzir ou uma finalidade de uma existência é pessoal ou socialmente preferível a um modo oposto ou contrário de conduzir ou da finalidade de uma existência.”. Mas o texto de Rokeach (1973), que estuda os valores com bastante profundidade, introduz elementos que auxiliam na compreensão desse conceito e complementa seu pensamento afirmando que esse sistema de valores e crenças é importante para um “continuum de importância relativa”.

Outro autor que estudou o sistema de valores e que complementa o pensamento de Rokeach é Schwartz (1994, p. 20, tradução nossa) que afirma haver um entendimento na literatura que considera que são cinco pontos importantes para sua definição que são:

Um valor é (1) crença (2) pertencente a um estado final ou modo de conduzir, que (3) transcende situações específicas, (4) direciona ou avalia o comportamento, pessoas e eventos, e (5) é ordenado por importância relativa a outros valores para formar um sistema de valores prioritários.

Para Schwartz (1994) esses cinco pontos distinguem valores de outros conceitos relacionados como necessidades e atitudes e que permitem compreender que segurança e independência se constituem de valores enquanto que sede e preferência por determinada cor não são. Segundo esse autor, no entanto, é importante também compreender a estrutura e a relação entre os diferentes tipos de valores e seu trabalho propõe uma metodologia de estudo dessas relações.

Schwartz (1994, p. 21, tradução nossa) entende, ainda, que os valores são objetivos e que:

[...] (1) servem aos interesses de uma entidade social, (2) [...] podem motivar ações – dando a elas direção e identidade emocional, (3) [...] funcionam como padrões para julgar

e justificar atos, e (4) [...] são adquiridos tanto pela socialização dos valores do grupo dominante quanto pelas experiências de aprendizado únicas dos indivíduos.

Pode-se considerar que os textos se complementam, pois Schwartz retoma Rokeach ao longo de seu texto, mas seu propósito foi, conforme dito anteriormente, entender essas relações, por meio de estudo conduzido em 44 países.

De todo modo, o texto de Rokeach (1973, p. 3, tradução nossa) é muito amplo e rico na condução do leitor para a visão do fenômeno da construção de valores e dos fatores que interferem nesse processo e das conseqüências que têm para o indivíduo e para a sociedade ou os grupos aos quais pertence o indivíduo. Em seu livro, além de fazer uma revisão da literatura que discute o tema, o autor parte de cinco premissas básicas que são:

1) O número total de valores que uma pessoa possui é relativamente pequeno; 2) Todos os homens em qualquer lugar possuem os mesmos valores em diferentes graus; 3) Valores são organizados em um sistema de valores; 4) Os antecedentes dos valores humanos podem ser originados na cultura, na sociedade e em suas instituições, e na personalidade; 5) As conseqüências dos valores humanos se manifestarão em virtualmente todos os fenômenos que os cientistas sociais possam considerar passíveis de investigação e de entendimento.

Em suas considerações, Rokeach (1973, p. 4-7, tradução nossa) ressalta que o conceito de valor tem sido utilizado basicamente de duas maneiras diferentes nos discursos das pessoas: elas dizem que os indivíduos possuem valores, mas também que objetos igualmente possuem valor. O autor considera que os valores são duradouros e provêem estabilidade aos indivíduos e às sociedades e que são crenças. E essas crenças podem ser classificadas em:

[...] descritivas ou existenciais, que podem ser falsas ou verdadeiras; [...] avaliativas, que são aquelas cujos objetos podem ser julgados bons ou maus; [...] prescritivas ou prospectivas, nas quais alguns meios ou ações são julgados desejáveis ou indesejáveis.

Ainda conforme Rokeach (1973, p. 7-10, tradução nossa) valores são crenças do tipo prescritivo ou prospectivo. Conforme sua análise os valores se referem ao modo de conduzir a vida; são uma preferência tanto quanto uma concepção de que alguma coisa é pessoal ou socialmente preferível.

Os valores, então, de acordo com Rokeach (1973, p. 12-13), estão contidos em um sistema de valores que permite, por exemplo, solucionar conflitos ou tomar decisões com base no referido sistema e possuem funções como o estabelecimento ou a definição de padrões, além de poder ser uma forma de dar expressão às necessidades humanas.

Outro autor que estudou a gênese dos valores foi Joas (2000, p. 1-2, tradução nossa). Seu livro busca entender de que forma os valores e o comprometimento com os valores nascem e se os valores emergem das experiências de auto-formação e de auto-

transcendência. O autor ainda acrescenta outros questionamentos relacionados à propriedade de estudar valores e se não seria melhor e mais simples desenvolver estudos acerca de atitudes, práticas ou cultura, para adiante reiterar a importância de compreender esse fenômeno, uma vez que

Em toda sociedade ocidental hoje, discussões sérias estão emergindo acerca da mudança e da perda de valores, as oportunidades e os perigos que esse processo representa e a necessidade tanto de reviver valores antigos quanto de procurar por novos.

Para Joas (2000, p. 3, tradução nossa) “Não somente as causas, mas também os efeitos dessa mudança nos valores devem ainda ser amplamente explicados.”, pois essas questões têm impacto no mercado de trabalho e na política. Ele comenta esses pontos relacionando os valores e a estabilidade econômica e legal, que, segundo sua análise, permitem emergir esses valores.

Joas (2000) faz um retrospecto do surgimento desse conceito nas pesquisas e identifica dois autores como os primeiros a levantar, ainda de forma incipiente, esse campo de influência nas sociedades que foram Émile Durkheim e Friedrich Nietzsche, origens igualmente reconhecidas por Boudon (2001), em livro que procura identificar a origem dos valores e os relaciona às crenças. Conforme Boudon (2001, p. 3, tradução nossa) os autores pós-modernistas que estudam a teoria dos valores mesmo com diferenças “[...] têm em comum o ponto de vista de ver os valores como ilusões.”

Boudon (2001, p. 4-6), fazendo uma revisão acerca dos pensadores que estudaram e estudam a influência dos valores na sociedade apresenta pontos de reflexão como, por exemplo, relacionar os valores a um conforto do ponto de vista psicológico na medida em que eles responderiam aos interesses do indivíduo; ou, que acreditamos em várias coisas porque outros pensam desse modo; ou, ainda, que os valores são funcionais para uma determinada sociedade, mas não necessariamente para outra e que são expressos por meio de símbolos, metáforas, mitos ou conceitos mais ou menos opacos.

Para Boudon (2001, p. 8, tradução nossa) a questão dos valores, de acordo com a visão contemporânea, pode ser caracterizada pela compreensão das diferenças entre normas e valores, sendo que:

1. Normas e o endosso de normas (valoração) podem ser analisados de um modo basicamente utilitário. As pessoas tendem a endossar a afirmação de que a norma X é boa quando consideram que X produziu efeitos positivos. Um exemplo disso é a constatação de que o uso do sinal de trânsito realmente facilita o tráfego;

2. Já os valores devem ser distinguidos das normas precisamente porque não podem ser justificados meramente pelos seus efeitos, o que leva à questão de por que, então devem ser endossados? A resposta mais comum é que os valores seriam endossados mesmo sob o efeito de uma decisão interior ou sob o efeito de forças psicológicas, sociológicas ou biológicas. Como exemplo a crença, para algumas pessoas, de que a poligamia, ainda hoje, é uma coisa boa. Isso porque foi funcional em algum momento da história de sua sociedade e permanece como um conceito positivo pelo peso da tradição.

Em resumo, segundo Boudon (2000) para essa teoria, o endosso para as normas seria racional enquanto que para os valores seria irracional e o autor, assim como Joas (2000), comenta acerca da importância que as discussões atuais têm dado ao que ele denominou de crise dos valores e de que compreender as origens dos valores é tarefa complexa e crucial.

Em seu livro, Boudon (2000) questiona o distanciamento dos estudos desenvolvidos por sociólogos e por filósofos e reforça que como os valores são afirmações mais problemáticas de compreender que afirmações factuais deveria haver um maior estreitamento dessas duas correntes de estudo para conseguir formar uma base teórica sobre o tema, que de fato conseguisse explicar melhor o conceito.

Allan (1993, p. 769, tradução nossa) é outro autor que define que o conceito de valores para os cientistas sociais é de que se trata de “[...] idéias abstratas mantidas por indivíduos ou grupos sobre o que é desejável, próprio, bom ou mau.” Allan (1993, p. 769, tradução nossa) prossegue dizendo que “Os diferentes valores são um importante aspecto da diversidade de culturas humanas.” e destaca as diferenças de conceitos pelos funcionalistas e pelos sociólogos marxistas. Segundo o autor, os funcionalistas acreditam que os valores são internalizados no processo de socialização e são utilizados para guiar as atividades dos indivíduos. Para os sociólogos marxistas, entretanto, segundo Allan (1993, p. 770, tradução nossa), “[...] os valores têm um significado totalmente diferente: referem-se à quantidade de força de trabalho, medida em unidades de tempo, a qual na média é necessária para produzir um bem.”

Vale acrescentar, ainda, outro significado para o termo valor, apontado por Allan (1993, p. 770, tradução nossa) como sendo utilizado nas ciências sociais, que se refere a “[...] crenças e ideais éticos acerca de como as coisas deveriam ser [...]”.

Essas definições têm consonância com a afirmação de Rokeach (1973), de que os valores são duradouros e relativos, provêm estabilidade ao indivíduo e às organizações, especialmente em tempos de grandes mudanças.

Parashar, Dhar e Dhar (2004, p. 144, tradução nossa), em estudo acerca da percepção de valores que existem ou deveriam existir na sociedade realizado junto a pós-graduados e a futuros profissionais, fazem uma extensa revisão acerca dos fundamentos do conceito de valor

e constata que “[...] pessoas nas mesmas ocupações ou categorias tendem a possuir valores semelhantes.”. Em suas conclusões os autores consideraram que os valores individuais identificados eram fortemente influenciados pela cultura do país (Índia), o que se coaduna com a identificação do conceito pelos funcionalistas, de acordo com Allan (1993). Além disso, Parashar, Dhar e Dhar (2004, p. 150, tradução nossa) concluíram que “A sociedade é uma organização espiritual de pessoas com auto-consciência e auto-determinadas que trabalham para o bem comum.” E prosseguem constatando que “Crenças apóiam e refletem nossos valores e não podem ser considerados de forma isolada da sociedade.”

Se aceitarmos as definições de valores, apresentadas de forma mais geral, do ponto de vista de compreensão do constructo, como sendo um dos componentes de um grupo social, que contribui para sua caracterização e integração, pode-se inferir que os bibliotecários e os profissionais da informação também possuem valores que os identificam.

Um texto que trata desse tema específico, relacionado aos bibliotecários, é o de Arot (2000). Neste trabalho a autora entende os valores profissionais como um conjunto de exigências e de referências de grande permanência que são ligados ao fato de que os bibliotecários exercem suas atividades em espaços públicos (a cidade, a universidade). O trabalho de Arot busca compreender esses valores sob uma perspectiva histórica na qual as competências dos bibliotecários, de guardiões de documentos foram paulatinamente se transformando em mediadores de informação cujo uso de tecnologias alterou de forma substancial a atuação. Embora ela reforce que seu trabalho de entender os valores profissionais não deve ser visto como “[...] um recorte da noção de competência [...]”, é difícil não ser direcionado para esse caminho, em função de sua linha de trabalho.

Arot (2000, p. 38) apresenta os resultados de uma pesquisa realizada entre 1997 e 1998 na qual é perguntado a bibliotecários de bibliotecas municipais e departamentais quais seriam seus valores profissionais. Pelos quadros apresentados como resultados desse trabalho são listadas características tanto de competências desejáveis quanto de valores. Por exemplo, num dos quadros estão identificados “experiência em gestão administrativa e financeira” e “paixão”, “rigor” e “gosto de contato com o público”. Mas, mesmo apresentando essa indefinição de fronteiras conceituais, Arot (2000, p. 40, tradução nossa) chega a um grupo de valores que, segundo ela, não são muito diferentes dos profissionais do passado e incluem: “[...] preservar o patrimônio e a memória, conciliar interesses locais e universais e assegurar o acesso a todo o conhecimento e a toda descoberta.”

Ainda que não considere a origem desses valores – se nasceram pelas normas e códigos de conduta, ou pelas práticas profissionais – torna-se relevante delimitar o objeto de

trabalho dos profissionais da informação, que se distinguem de outros profissionais, e atuam no conjunto de dados que auxiliam na construção de seus valores e os tornam “idênticos” e reconhecíveis. Smit (2000), “[...] fazendo um corte epistemológico neste universo informacional [...]”, identificou como objeto de trabalho da Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia “[...] uma informação que foi registrada, tendo, portanto, em algum ponto do universo, uma existência concreta, um suporte”.

Em capítulo que trata de questões como formação profissional e habilidades para o profissional da informação nesse mundo globalizado, competitivo, no qual dominam as tecnologias de informação, Borges (2004) incluiu pontos como as jurisdições, educação continuada e quebra de monopólios de atuação, onde o “[...] reconhecimento das atividades humanas [...]” é baseado “[...] em novos paradigmas e conceitos de sociedade da informação e do conhecimento [...]”. Nesse sentido, valores são construídos por outros códigos que não apenas os normativos, mas fundamentalmente relacionados ao exercício profissional baseado nas competências que são apreendidas e desenvolvidas de forma continuada pela educação e aprendizado autônomo.

Finks (1989, p. 352, tradução nossa), falando sobre os valores na Biblioteconomia, ressalta que esses

[...] representam um nível no nosso sistema de crenças que é mais profundo e mais substancial que meras atitudes, ou palpites, ou opiniões – um nível que é menos influenciado pelo tempo e pelas circunstâncias, que tem mais relação com as finalidades que com os meios.

Em artigo bastante combativo acerca da defesa dos valores da profissão bibliotecária na era da informação, Dalton (2000, tradução nossa) coloca que os bibliotecários dos Estados Unidos e, por extensão, os profissionais nos diferentes países, devem

[...] ser duros e lutarem por seus valores. Tolerância, respeito pela verdade, apreço pela qualidade, dedicação ao bem comum, e a preocupação com o bem-estar daqueles que são menos ricos, em termos culturais e informacionais, pode estar fora de moda. Mas isto não torna esses princípios menos importantes.

O aspecto relevante deste texto, que levanta pontos que afetam todos os países como acessibilidade, democratização da informação em meio eletrônico, interoperabilidade e papéis representados pela iniciativa privada e pelo governo, é não apenas a defesa intransigente que Dalton (2000) faz dos valores da profissão bibliotecária, mas do que esses valores representam em um país com tradição de bibliotecas públicas de qualidade e da relação desses princípios com as características culturais dos Estados Unidos. O que em síntese a autora coloca é que mesmo que haja valores universais em relação à informação e aos bibliotecários – e eles são

realidade – não se pode esquecer das peculiaridades e singularidades de cada sociedade, que terá um olhar particular para a questão da informação, que deve ter reflexos nos valores profissionais.

Dentre os diversos aspectos acerca de valores relativos à profissão, Dalton (2000, tradução nossa) destaca que

A biblioteca, no entanto, é o produto de diferentes valores culturais. Na América moderna, sua missão tem incluído o suporte, em todos os níveis, à educação formal assim como ao esforço individual de melhora, facilitar os estudos e a pesquisa, promover o orgulho nacional, contribuir para o lucro comercial, apoio à religião e satisfazer às necessidades intelectuais, de lazer e práticas do público.

A autora, entretanto, reconhece que relativamente à sociedade da informação e à questão da informação digital, alguns desses valores não se justificam nem se mantêm. Essa afirmação se coaduna com o que dizem Dole, Hurych e Koehler (2000, p. 285, tradução nossa):

O advento da era da informação tem trazido outras questões éticas para a atenção dos bibliotecários. Globalização e tecnologia que muda rapidamente estão forçando a profissão bibliotecária a repensar sua missão e suas responsabilidades. Tecnologia tem e continuará a ter um enorme efeito em como a informação pode ser acessível, recuperada e construída para o conhecimento. Valores anteriormente aceitos estão sendo desafiados.

Na construção dos valores da profissão, Allen (1998) realizou pesquisa junto aos estudantes de Biblioteconomia, em comparação com estudantes de administração (*business*) com base nas seguintes questões:

- Existem valores de trabalho que são comumente mantidos pelos indivíduos que buscam a carreira em Biblioteconomia?;
- O conjunto de valores em Biblioteconomia é distinto de valores de trabalho identificados em outros grupos ocupacionais?;
- De que modo o conjunto de valores em Biblioteconomia distingue esse grupo de indivíduos?.

Os resultados desse estudo definem um padrão de comportamento e visão profissional encontrado nos estudantes de Biblioteconomia de modo geral, o que sugere que a busca por determinada profissão provavelmente revela as semelhanças de identidades, ideologias e de perspectivas profissionais. Esse quadro, segundo o autor, deveria orientar tanto as escolas quanto os gerentes de bibliotecas e serviços de informação na condução e estímulo de seu pessoal, cada um em sua esfera de responsabilidade.

Voltando a Finks (1989, p. 352), podemos encontrar um paralelo com essa pesquisa de Allen (1998) a partir de sua proposição de uma taxonomia pessoal de valores que inclui os

profissionais, os gerais, os pessoais e os de concorrentes. Para cada uma dessas categorias o autor identifica as características distintivas.

Os valores profissionais são aqueles que se originam na natureza da missão dos bibliotecários e são inerentes à Biblioteconomia e à sua função na sociedade. Isso, segundo Finks (1989, p. 352, tradução nossa), inclui “[...] valores como os serviços, o comprometimento pela busca da verdade e pela liberdade de pensamento, além de um senso de responsabilidade.” Para o autor, a mediação de informação pelo bibliotecário se processa não com o intuito de seu favorecimento pessoal ou profissional, mas pela satisfação de colocar informação/documento nas mãos dos usuários. Adiante ele diz que as pessoas que decidem seguir essa profissão escolhem servir outros em suas necessidades de informação, além de abraçarem a responsabilidade pelo destino da biblioteca, como instituição.

Embora as tecnologias de informação e comunicação tenham explicitado que as fronteiras da profissão não se encerram nos edifícios das bibliotecas, pode-se depreender que os valores profissionais identificados por Finks ainda são válidos para os itens relativos à escolha por servir, que melhor poderia ser entendida por mediar informação; pela responsabilidade com a busca da melhor resposta para o usuário; e pela consciência de que a atribuição para a construção de acervos e preservação de documentos e informações, mesmo que em ambientes digitais é de competência dos bibliotecários.

Prosseguindo com as categorias de valores de Finks (1989, p. 353) estão os denominados gerais que incluem o desejo de competência e autonomia no trabalho, valores sociais como a cooperação, tolerância, senso de dever e a satisfação de necessidades básicas de segurança, aceitação e respeito próprio.

Com relação aos valores pessoais, Finks (1989, p. 354) define alguns pontos. No caso específico, pessoais tem relação com a categoria profissional dos bibliotecários e não com cada indivíduo que tem essa formação. Para ele, os bibliotecários possuem o que ele denominou de abordagem conservadora e uma visão “[...] idealista e humanista [...]” da sociedade na qual permeiam as concepções de “[...] excelência, beleza e verdade”.

Finalmente, para o que ele denominou de valores de concorrentes, concentram-se os aspectos da civilização moderna que guardam relação com a deterioração da cultura, com a burocracia, com o anti-intelectualismo e com o niilismo.

Dole, Hurych e Koehler (2000, p. 285, tradução nossa) relacionam o que eles denominam de conjunto nuclear de valores, compilados a partir dos estudos de diversos autores. Para eles, estão entre esses valores:

- Liberdade intelectual;
- Proteção dos direitos de privacidade e de confidencialidade dos usuários;
- Direitos de propriedade intelectual;
- Neutralidade profissional;
- Preservação dos registros culturais;
- Equidade de acesso.

Koehler e Pemberton (2000, p. 39, tradução nossa), analisando se havia um conjunto de princípios éticos compartilhados pelas profissões de informação, concluíram, pela análise dos códigos das Associações Profissionais, que esses princípios poderiam ser agrupados nesses grandes elementos:

- Sempre que possível, colocar as necessidades dos clientes acima de outras demandas;
- Entender os papéis do profissional da informação e esforçar-se para concatená-los com as maiores possibilidades de habilidades e de competências;
- Apoiar as necessidades e interesses da profissão e das associações profissionais;
- Ser sensível e responder às responsabilidades sociais apropriadas à profissão, na medida em que elas não conflitem com as obrigações profissionais;
- Ser consciente e responder aos direitos dos usuários, empregadores, pares, à comunidade para a qual trabalha e à sociedade em geral.

É evidente que esses estudos devem ser analisados relativamente à sociedade, aos padrões e aos costumes profissionais dos países envolvidos. Entretanto, grande parte desses princípios e desses valores é igualmente identificada nos códigos de ética dos bibliotecários no Brasil, da mesma forma que aprendidos nas diferentes disciplinas nas Universidades. Quando se traça um paralelo entre esses itens, pode-se inferir que quando, no Brasil, é reforçada a importância do atendimento de necessidades de informação dos usuários, isso é semelhante em todos os sentidos ao primeiro grupo de princípios éticos de Koehler e Pemberton (2000). Do mesmo modo, outros pontos identificados são, igualmente, defendidos no Brasil, como as questões relacionadas à preservação dos registros culturais e à equidade de acesso, defendidas como valores por Dole, Hurych e Koehler (2000).

O importante desses questionamentos não é apenas identificar padrões de comportamento que reforcem ou refutem atitudes de forma simplista, mas sim compreender a função dos valores de maneira a possibilitar o entendimento desses comportamentos

manifestados, que podem servir de impulso positivo ou negativo para a carreira e para a profissão, dependendo da forma como estes são canalizados.

Assim, a preocupação com a preservação de acervos, por exemplo, deve ser entendida, no contexto brasileiro, relacionada à eterna queixa nacional de ausência de bibliotecas públicas servidas por pessoal qualificado e coleção compatível com as demandas, mais que com um retorno às origens dos bibliotecários, cuja função primeira foi, no passado, justamente a preservação dessas coleções. Além de ser igualmente real, no Brasil, a depreciação desses acervos, mesmo onde há bibliotecários no papel de gestores, no caso das organizações públicas, pelo baixo investimento, segundo se depreende pelo que é apresentado na literatura nacional que trata desse ponto, o que poderia, então, evidenciar essa preocupação mais que outras de igual importância para os usuários.

As mudanças de papel e de valores não devem ser vistas como perigos de perda de identidade, mas decorrências naturais num mundo em que as mudanças advindas das tecnologias de informação e comunicação alteraram de forma substancial o fazer bibliotecário, ampliando e explicitando a quebra de fronteiras, que na verdade as bibliotecas de certa forma sempre patrocinaram com a oferta de produtos e serviços que sempre consideraram as organizações além de seus próprios limites físicos. Assumir novos papéis e identidades deveria ser um processo natural da evolução da própria sociedade. E textos que discutem esses novos papéis são muitos e em quase todos há um reconhecimento de que a essência do trabalho, que é de organizar, tratar e mediar a informação permanece, ampliada, todavia, para outras funções igualmente importantes como *marketing*, editoração, pesquisa, ensino. (BRAUN, 2002; CHENG, 2001)

A construção e o reconhecimento de valores podem ocorrer de diversas formas tanto espontâneas – "imitação" de profissionais que estão em atuação e que indicam maneiras de atuar e de pensar a profissão – quanto decorrentes de normas regulamentares – como os códigos de ética e leis que regulamentam as profissões. De todo modo as novas gerações, embora incorporem aquilo que percebem, incluem novos olhares e paradigmas, especialmente por pertencerem a uma sociedade mais tecnicista, que, mesmo de forma estratificada em decorrência das diferenças econômicas, produz pessoas com modelos mentais diferentes das gerações anteriores.

Aliás, num mundo em que a economia impera, os mercados são determinantes para a formação e mudança de valores em provavelmente todas as profissões. E textos que tratem da relação de mercado e competências raramente tratam das identidades e dos valores, mas de formar profissionais que respondam a esse mercado. Pode-se, de certa forma, então, extrapolar

considerando que a necessidade de sobrevivência nesse mundo competitivo, globalizado e em constante desenvolvimento tecnológico é a maior causadora das mudanças de postura, valores e perspectivas profissionais, conforme atestam os diferentes textos que tratam de mercado e perfil profissional. (BARBOSA, 1998; BORGES, 2004; BRAUN, 2002; FERREIRA, 2003; GRIFFITHS, 1995).

2.2 Formação profissional

Formação profissional é um tema amplo e envolve aspectos que compreendem desde a apreensão de conhecimentos específicos a fatores mais subjetivos que incluem ética profissional, empregabilidade e desenvolvimento da profissão. O enfoque do presente estudo é a discussão de alguns pontos que podem interferir no processo de construção da auto-imagem profissional dos bibliotecários.

Mais amplo que a formação profissional deste segmento específico, mas apresentando uma visão de integração em termos de cenário relacionada à questão de aquisição de conhecimentos é o livro de Morin (2003) que delineia *Os sete saberes necessários à educação do futuro* no qual ele identifica (p. 13-18) os “[...] problemas centrais ou fundamentais que permanecem totalmente ignorados ou esquecidos e que são necessários para se ensinar no próximo século.”

Na visão de Morin (2003) a relação ensino-aprendizagem não deve se limitar à aquisição de conhecimentos, mas também à formação de pessoas integradas socialmente com seu meio e com o mundo, capazes de responder às necessidades dos outros, aptas a perceber e se adaptar a mudanças e sobretudo éticas.

A formação dos bibliotecários, até pela natureza de algumas de suas atividades, de certo modo responde a alguns dos pontos levantados, mas será que os currículos consideram todas essas questões? Será que ao pensar em um moderno profissional da informação pensa-se igualmente em um moderno ser humano nesse contexto globalizado?

Mesmo o autor reforçando que esses itens não são definitivos e que o desenvolvimento humano pode alterá-los, vale relacioná-los como fatores que devem permear os processos de transmissão e aquisição de conhecimento também para os bibliotecários. Os saberes necessários listados por Morin (2003, p. 13-18) constituem os capítulos específicos do referido livro e discutem:

- As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão:

É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer.

- Os princípios do conhecimento pertinente:

Existe um problema capital, sempre ignorado, que é o da necessidade de promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais.

- Ensinar a condição humana:

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível apreender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros seres humanos.

- Ensinar a identidade terrena:

Será preciso indicar o complexo de crise planetária que marca o século XX, mostrando que todos os seres humanos, confrontados de agora em diante aos mesmos problemas de vida e de morte, partilham um destino comum.

- Enfrentar as incertezas:

Seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.

- Ensinar a compreensão:

A compreensão é a um só tempo meio e fim da comunicação humana. Entretanto, a educação para a compreensão está ausente do ensino. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua. Considerando a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão pede a reforma das mentalidades. Esta deve ser obra da educação do futuro.

- A ética do gênero humano:

A ética não poderia ser ensinada por meio de lições de moral. Deve formar-se nas mentes com base na consciência de que o humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie. Carregamos em nós esta tripla realidade. Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

Desse arcabouço bastante amplo, então, derivam-se questionamentos acerca do que deve compor o elenco de conteúdos ministrados aos bibliotecários de tal forma que constituam um grupo profissional atuante, reconhecido socialmente, relevante para a sociedade e apto a

desenvolver os caminhos da profissão. Assim como qualquer tema nas ciências esse processo não é apenas um exercício filosófico, mas fundamentalmente uma visão de mundo e de prospecção para todas as profissões.

E, neste sentido, colocam-se questões anteriores acerca do que se entende por profissão, do que distingue emprego e trabalho e de que se constitui o constructo de competência profissional. Muitos desses temas estão presentes nos diferentes capítulos desse trabalho, já que a formação deve considerar aspectos como identidade e valores profissionais, além de serem presentes no cotidiano das organizações representativas de categorias profissionais, o que inclui aquelas vinculadas aos bibliotecários antes, durante e após seu ingresso no mercado de trabalho.

2.2.1 Profissão, trabalho e emprego

Quando se falava em profissão, até meados do século XX, não havia maiores dificuldades de identificação de fronteiras de atuação, jurisdição, competências e reconhecimento social de existência deste ou daquele grupo profissional. Isto porque o elenco de profissões não era muito amplo, as práticas eram mais decisivas na formação das pessoas do que a academia e a idéia de profissionalização de algumas profissões é um fenômeno relativamente recente para muitas delas. Ressalve-se, inclusive, que no quesito relacionado com reconhecimento social não está embutida a forma pela qual a sociedade reconhece, mas apenas a constatação de que aquele grupo se distingue de outros e que a sociedade “conhece” isso.

No caso de definição de profissão, o trabalho de Mueller (2004) apresenta uma proposta de entendimento da concepção de profissão sob a ótica de Abbott, que identifica que as profissões existem num mesmo sistema e que competem por espaço e poder, que parecem ser os dois itens dominantes nessa visão. Embora extraído do texto da autora dessa maneira simplista, esse processo extremamente complexo de relações entre os diferentes profissionais implica em disputa do espaço de atuação, denominado de jurisdição, que é a “[...] relação entre a profissão e sua prática profissional, ou seja, o espaço de trabalho que é sua reserva de mercado na sociedade” (MUELLER, 2004, p. 29).

Prosseguindo nessa linha de entendimento da rede de relações e de disputas, Mueller (2004, p. 29) pondera que “A resistência ou fragilidade desses laços são consequência da prática diária do trabalho profissional.”, o que significa que sua permanência dependerá profundamente de suas práticas e do quanto a sociedade perceber da importância delas para satisfação de suas próprias necessidades. Ao pensar nas profissões “como um sistema

ecológico” (MUELLER, 2004, p. 29) no qual as ações de cada segmento interferem no todo, parece ficar mais clara a relevância do aspecto relacionado à formação profissional, num sentido amplo, não apenas para os bibliotecários, objeto do presente estudo, mas para qualquer perfil que deseje sobreviver nessa disputa.

Conforme estudos nessa área, Freidson (1998) explica que qualquer tentativa de definição concisa e genérica de profissão esbarra em dificuldades históricas, relações de poder, relações de troca, *status* e reconhecimento sociais. Freidson (1998, p. 48) disse que:

Sustentarei que a natureza do conceito de profissão nos proporciona um número limitado de opções. A opção que pode levar a um método coerente e sistemático de análise exige que se abandone a tentativa de tratar profissão como um conceito genérico e se volte, em vez disso, para um conceito genérico de ocupação dentro do qual possamos localizar, analiticamente, as ocupações particulares que têm sido rotuladas de profissões. Avançar numa teoria das profissões exige, porém, uma opção um pouco diferente, que trate o conceito como uma construção histórica numa quantidade limitada de sociedades, e estude seu desenvolvimento, uso e conseqüências nessas sociedades sem tentar mais do que a mais modesta das generalizações.

Para estudar uma determinada ocupação considerando-a uma profissão Freidson (1998, p. 61) coloca que

Na escolha de ocupações individuais para estudo, portanto, o reconhecimento frouxo como profissão por parte do público em geral, e mesmo a própria pretensão da ocupação (desde que seja levada a sério por algum público importante), podem ser utilizados para localizar casos. Assim, não só médicos, advogados e professores, aceitos tradicionalmente, mas também engenheiros, farmacêuticos, assistentes sociais, professores secundários, bibliotecários e muitos mais a quem o título é atribuído por algum público mas não por outros, todos podem ser casos adequados à análise, independentemente da maneira como poderiam sob outros aspectos diferir de diversas definições, ou deixar de ajustar-se a elas.

Freidson (1998, p. 246-247) considera que profissão é sinônimo de ocupação e “[...] diz respeito ao trabalho especializado pelo qual uma pessoa ganha a vida numa economia de troca.”, “[...] requer conhecimento teórico, competência e discernimento que as pessoas comuns não possuem [...]”, que os profissionais realizam um trabalho considerado importante para a sociedade e cujo exercício demanda um período de treinamento para aprender a fazer o trabalho.

Se por profissão entende-se, então, ser a atuação de pessoas que “[...] se dedicam a um conjunto de tarefas profissionais [...]” (MUELLER, 2004, p. 29) é relevante a dedicação ao estudo dessas tarefas e de como ensiná-las para que possam ser exercidas com competência, de modo que os profissionais possam se aparelhar para competir nesse ambiente. Além disso, a formação é fundamental para atender tanto aos anseios da sociedade quanto aos do próprio indivíduo que escolheu, por algum motivo, seguir determinada carreira.

Decorre desses pontos, a relevância de esclarecer o que seja emprego, o que se entende por trabalho e do sentido de trabalho para os indivíduos. Embora recorrentemente perceba-se que as pessoas não se preocupam com essa conceituação, ela não deve ser desconsiderada, pois implica em uma visão de mundo que de alguma forma se refletirá no exercício profissional e para a categoria. Essa concepção de trabalho é importante quando pensamos no quanto as tecnologias de informação e de comunicação revolucionaram as relações de emprego e renda, as possibilidades de atuação profissional, as exigências mercadológicas e as fragilidades das relações trabalhistas entre empregados e empregadores.

Em seu artigo sobre os sentidos do trabalho, Morin (2001, p. 10) se reporta ao modelo proposto por Hackman e Oldham (1976) e considera que “[...] um trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo.” E, ainda em relação ao modelo, entre as características que contribuem para dar sentido ao trabalho destacam-se, segundo Hackman e Oldham (1976, p. 257)²³:

1. A variedade das tarefas: a capacidade de um trabalho requerer uma variedade de tarefas que exijam uma variedade de competências.
2. A identidade do trabalho: a capacidade de um trabalho permitir a realização de algo do começo ao fim, com um resultado tangível, identificável.
3. O significado do trabalho: a capacidade de um trabalho ter um impacto significativo sobre o trabalho de outras pessoas, seja na sua organização, seja no ambiente social.

Além desses três itens destacados por Morin (2001), Hackman e Oldham (1976, p. 256) identificam três grandes grupos de características do trabalho e de motivação profissional, conforme colocado por eles na Figura 4, abaixo, apresentada de forma adaptada. Um aspecto importante do trabalho desses autores é que sua proposta era de medir esses fatores que potencialmente interferem na motivação profissional. E motivação no trabalho pode ser um dos fatores que interferem na construção da imagem profissional dos bibliotecários.

²³ Optou-se por utilizar a tradução feita do artigo de Morin (2001, p. 10).

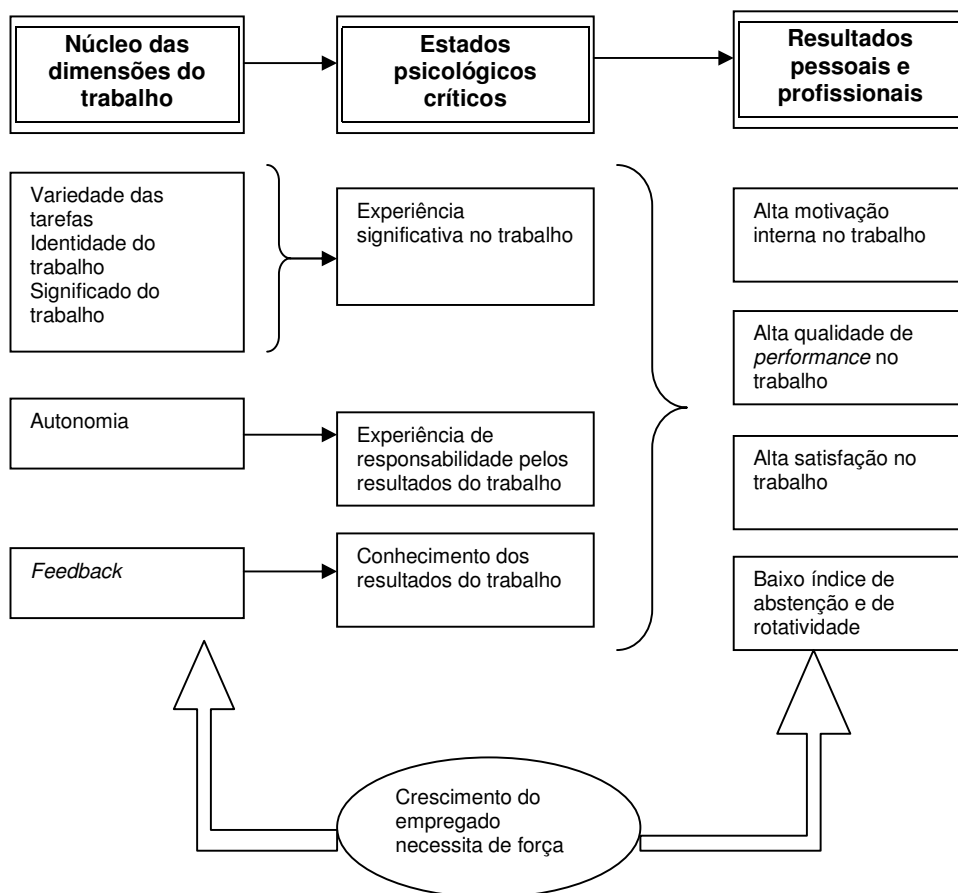


Figura 4 – Características do Trabalho e Motivação Profissional²⁴

Considerando-se as constantes críticas que são feitas ao trabalho dos bibliotecários, da figura de Hackman e Oldham (1976) destacam-se alguns aspectos que podem servir de alerta tanto a profissionais – bibliotecários – que estão na posição de empregadores quanto na de empregados. Pela coluna do *Núcleo das dimensões do trabalho*, por exemplo, coloca-se que a variedade das tarefas, a identidade do trabalho e o significado dele resultam, conforme a coluna relacionada com os *Resultados pessoais e profissionais*, em alta motivação interna no trabalho. Paralelamente, analisando-se uma das críticas feitas à profissão de que é rotineira, se é desconsiderada a coluna central *Estados psicológicos críticos*, pode-se redundar em profissionais desmotivados para o trabalho, o que causará impactos em efeito cascata para os usuários, para os colegas e para a profissão, que terá sua imagem comprometida por esse baixo nível de motivação profissional.

²⁴ Fonte: HACKMAN, J. Richard; OLDHAM, Greg R. Motivation through the design of work: test of a theory. *Organizational Behavior and Human Performance*, v. 16, n. 2, p. 256, Aug. 1976. (adaptação e tradução nossa)

E, compreender a dimensão do trabalho na vida das pessoas tem relação, evidentemente, com o aspecto da sobrevivência, pois sem trabalho não há sustento e sem o devido provimento de recursos financeiros, nem mesmo em ambientes de agricultura de subsistência as pessoas têm condições minimamente dignas de viver. O que se ressalta, no caso, é que em decorrência desse aspecto absolutamente relevante do significado do trabalho para as pessoas, as organizações empregadoras, e, sobretudo, aquelas formadoras de mão-de-obra, deveriam ter consciência desses pontos, relacionando o exercício profissional a essas questões de modo a incorporar, em suas disciplinas, esse procedimento de conscientização para os futuros trabalhadores, que incluem aí os bibliotecários.

Daí a relevância do tema no artigo de Morin (2001), quando a autora, na tentativa de compreender o que é o trabalho chega a uma distinção relacionada ao entendimento do que seja emprego. Para Morin (2001, p. 12) “O trabalho pode ser agradável ou desagradável; ele pode ser associado ou não a trocas de natureza econômica. Ele pode ser executado ou não dentro de um emprego.” Já o emprego é definido pela autora como se tratando

[...] da ocupação de uma pessoa, correspondendo ao conjunto de atividades remuneradas em um sistema organizado economicamente. A noção de emprego implica quase necessariamente a noção de salário e do consentimento do indivíduo em permitir que uma outra pessoa dite suas condições de trabalho.

De todo modo, para competir no mercado, seja com a visão e a noção clara do que significa e que sentido tem o trabalho para a categoria profissional ou para se manter “empregável”, exige-se que o trabalhador demonstre competência, que se constitui em outro constructo importante no processo de sua formação.

2.2.2 Competência profissional

Competência, conforme Brandão (1999, p. 22) dizia respeito, na Idade Média, à faculdade de alguém ou de uma instituição para julgar certas questões. Estudando a evolução do termo, Brandão mostra que competência, no meio empresarial, ficou associada à capacidade de o indivíduo realizar um determinado tipo de trabalho. Neste capítulo de sua dissertação, o estudo acerca desse constructo é bem profundo e abrangente e remonta a outros autores, como por exemplo, Durand (2000)²⁵, do qual retira os fundamentos da definição adotada por ele.

²⁵ A dissertação de Brandão referencia o trabalho de Durand ainda no prelo, motivo da diferença das datas.

Durand (2000) entende ser a competência um conceito baseado em três dimensões que são os conhecimentos, as habilidades e as atitudes, que Brandão (1999, p. 24) sintetizou da seguinte forma:

[...] englobando aspectos cognitivos, técnicos, sociais e afetivos relacionados ao trabalho. Neste caso, competência diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes interdependentes e necessários à consecução de determinado propósito.

Durand (2000) também faz uma extensa revisão dos estudos acerca da evolução do conceito de competência, que encontra suas origens nos trabalhos sobre gerência estratégica. De acordo com ele, no processo de construção de uma teoria sobre esse tema, três abordagens se sucederam que são: “[...] a original, baseada no recurso; depois sua extensão natural, fundamentada sobre o conhecimento e, finalmente, a teoria, ainda emergente, dita da competência [...].”

Adiante, neste artigo, Durand (2000, p. 95, tradução nossa) identifica, então, o que ele denominou de dimensões genéricas da competência e, para exemplificar esta concepção, o autor esquematizou, numa figura bem ilustrativa (Figura 5) os elementos que estão embutidos nessas dimensões.

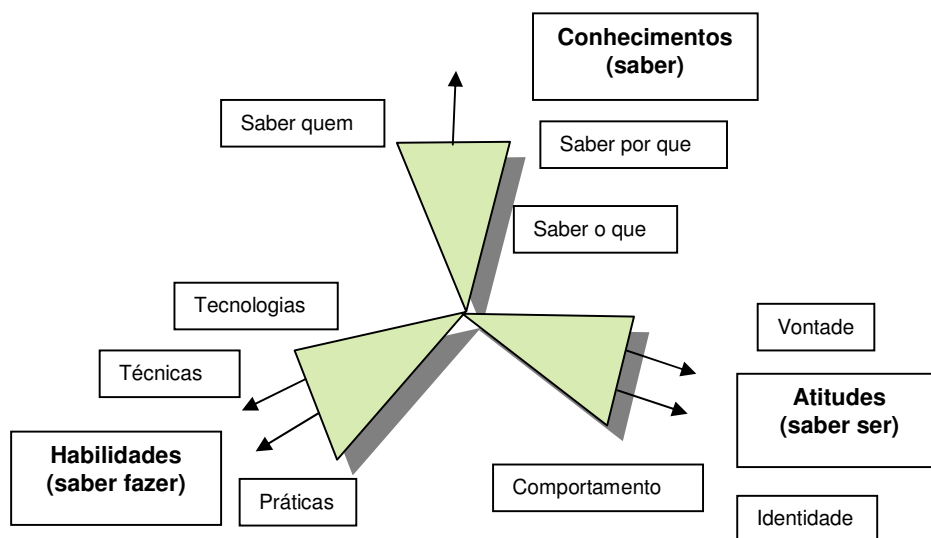


Figura 5 – As três dimensões da competência²⁶

Analisando-se a questão da competência com base na figura de Durand e traçando-se um paralelo com as práticas profissionais da Biblioteconomia verifica-se o quanto é relevante considerar esses aspectos no processo de formação dos futuros bibliotecários.

²⁶ Fonte: DURAND, Thomas. L'Alchimie de la compétence. *Revue Française de Gestion*, n.127, p. 84-102, janv./febr. 2000. (Adaptação e tradução nossa, da Figura 7)

Num mundo competitivo e globalizado, conhecimentos (saber) são exigidos não apenas do ponto de vista formal, como normalmente se associa ao conceito, mas, conforme bem ilustra Durand (2000), saber por que, saber o que se faz e quem faz. Não é difícil, ao questionar profissionais sobre as razões da adoção desta ou daquela opção encontrar respostas como: sempre foi assim. Dessa manifestação depreende-se que as pessoas sabem, do ponto de vista formal, mas desconhecem as razões, o contexto e os cenários, realizando de forma mecânica conhecimentos adquiridos no processo de formação.

Essas questões levam ao segundo ponto relacionado por Durand em sua figura que tem relação com a atitude, que por sua vez é associada à vontade, ao comportamento e à identidade. Novamente traçando um paralelo com os bibliotecários, não é incomum a associação desses profissionais com comportamentos como o de acomodação, que igualmente tem conseqüências para os próprios profissionais e para a profissão.

Atitude é um composto fundamental na questão da competência, especialmente se considerado em relação a profissões com baixo reconhecimento social. E pode ser aprendido no processo de formação profissional se o corpo docente se colocar o desafio de desenvolver esse segmento, um passo além do ensino dos conhecimentos e da apreensão das habilidades pelos alunos. Esse segmento é sensível, pois se trata de uma questão comportamental, que é sem dúvida um desafio, especialmente se consideradas todas as variáveis intervenientes nesse processo que incluem a cultura do professor e dos alunos, o ambiente universitário e social que ambos se inserem, as proposições que cada grupo – docentes e discentes – se colocam num nível mais profundo e interior.

Finalmente, a dimensão relacionada com as habilidades igualmente afeta os bibliotecários no sentido de que suas práticas, técnicas e tecnologias são essenciais para o desempenho profissional. Numa área em que as tecnologias de informação e comunicação revolucionaram de forma profunda os fazeres bibliotecários, ainda se observa que em algumas atividades, como, por exemplo, o de análise de informação, o trabalho continua sendo efetuado, em muitos casos e a despeito de todas as possibilidades existentes nas redes e nos bancos de dados locais e remotos, de forma muito semelhante ao que se fazia quando o suporte para registro e recuperação de informação eram as famosas fichas 12,5x7,5cm. Pela análise dos bancos de dados das bibliotecas, disponíveis na *Internet*, é comum perceber que foi feita uma transposição da forma de tratar os documentos nas fichas para as planilhas eletrônicas, sem, entretanto, efetivamente incorporar a relação daquela informação com outras, agregando valor ao trabalho de análise.

Esse relacionamento e integração entre as diferentes fontes e uma noção de que a profissão deve ter suas atividades vistas e executadas de forma integrada e que permitiria que os profissionais ampliassem sua visão do próprio trabalho, também poderiam ou deveriam se constituir em preocupação explícita e evidente do corpo docente na formação profissional para a aquisição de competências.

Voltando a Brandão (1999), é importante sua abordagem pela extensão que alcança no processo de compreensão do tema, especialmente quando introduz a idéia de temporalidade da competência. Baseado em Sparrow e Bonagno (1994), Brandão (1999, p. 30, adaptação nossa) aponta que as competências podem ser consideradas:

- Emergentes, [...] como exemplo, capacidade de navegar na *Internet* [...];
- Declinantes, [...] como a capacidade de datilografar [...];
- Estáveis ou essenciais, [...] raciocínio lógico [...]²⁷;
- Transitórias, competências que, embora essenciais em momentos críticos de transição, não estão diretamente relacionadas com o negócio da organização, [...] como a capacidade de administrar o *stress* e trabalhar sob pressão.

O trabalho de Sparrow e Bonagno (1994) analisa a importância da gestão de recursos humanos pelas competências; explica que existe uma distinção entre *competence* (conceito utilizado no Reino Unido) e *competencies* (abordagem advinda de organizações que identificam as próprias competências); apresenta a experiência da *British Petroleum* na utilização da gestão baseada em competências como um modo de facilitar a estratégia de mudanças; e, conforme apropriadamente extraiu Brandão (1999), identifica um ciclo de vida das competências organizacionais, traduzida, então, nessas quatro definições: emergentes, declinantes, estáveis ou essenciais e transitórias.

Mesmo considerando que o foco de Sparrow e Bonagno (1994) tenha sido nas competências organizacionais, considerando-se o fator humano das organizações, a Figura 6, abaixo, pode ser um paradigma para os profissionais pensarem sobre suas próprias competências numa linha do tempo:

²⁷ No texto de Sparrow e Bonagno (1994, p. 66) essas competências são definidas como aquelas que permanecerão importantes no futuro como são no presente e que estão no núcleo da efetividade da *performance*.

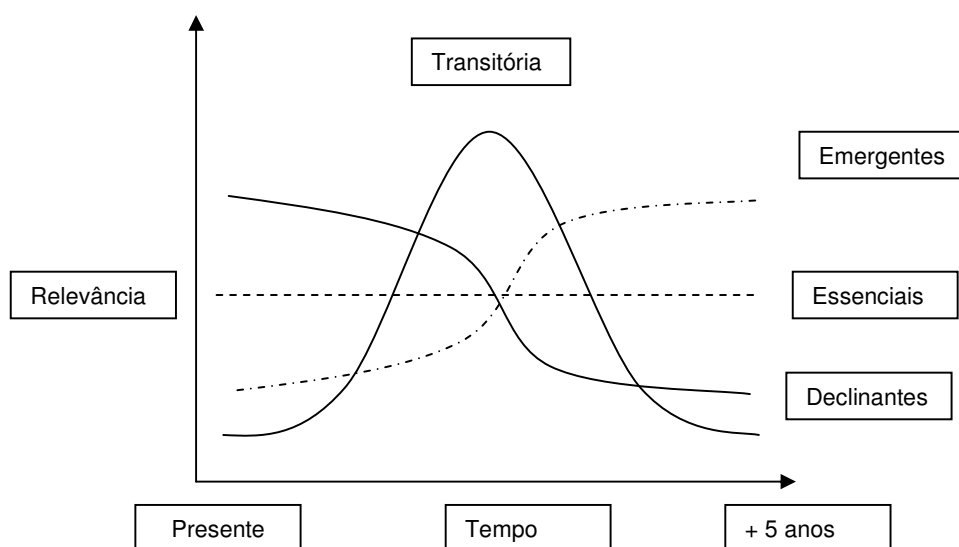


Figura 6 – Ciclo de vida de competências organizacionais²⁸

O que é relevante dessa colocação é exatamente o grau de importância que o aprendizado contínuo e a análise constante da carreira e dos desenvolvimentos técnicos ou tecnológicos representam na vida profissional dos indivíduos. Na universidade os futuros bibliotecários adquirem algumas competências que se revelam transitórias, no trabalho, independentemente da atividade que desempenham, utilizam outras que são essenciais, assim como percebem outras que podem ser emergentes ou declinantes. Em relação, sobretudo, às competências que têm essas características mais marcantes de serem emergentes ou declinantes, conforme a passagem do tempo, evidencia-se o componente de necessidade de aprendizado contínuo que possibilitará, então aos profissionais, voltando a Morin (2003, p. 16), “[...] navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certezas.”

Esses aspectos são igualmente apontados por Passos e Santos (2005, p. 14) quando dizem que “[...] o mercado atual exige mais que uma formação profissional, acrescida de especializações, pós-graduações, cursos, isto é propriamente a educação permanente, que exige de cada indivíduo uma constante busca de sua estabilidade profissional.”

Aliado a esses fatores inclui-se ainda, nesse cenário, a questão mais recente sobre os profissionais da informação e suas competências, que possuem vários pontos que convergem para o que se discute, em muitos casos, acerca da formação profissional dos bibliotecários.

²⁸ Fonte: SPARROW, Paul R.; BONAGNO, Mario. Competency requirement forecasting: issues for international selection and assessment. In: MABEY, Christopher; ILES, Paul (Ed.). **Managing learning**. London: Routledge, 1993. p. 66. (Tradução nossa da Figura 5.1)

2.2.3 Formação profissional dos bibliotecários

Em texto que discute a formação do bibliotecário na sociedade da informação, Castro e Ribeiro (2004) são bastante ácidos nas críticas aos profissionais, por considerá-los dissociados da realidade e mais preocupados com as técnicas que com os aspectos sociais do exercício do trabalho na área. Baseados em estatísticas que demonstram a exclusão digital no país, paralelamente ao alto número de analfabetos, como pode ser verificado em Baptista (2006), cujo propósito foi o de identificar o papel dos profissionais da informação em processos de inclusão digital, os autores criticam os bibliotecários relacionando características e competências que deveriam possuir, considerando fortemente o aspecto das desigualdades socioeconômicas existentes no país. Baptista (2006) mostra, ainda, embasada em dados de sua pesquisa de doutorado que, em 1998, existiam relativamente poucos bibliotecários dedicados às bibliotecas públicas e escolares.

Embora não se possa negar a razão de suas críticas, Castro e Ribeiro (2004) analisam o aspecto da formação profissional reforçando o prisma da desigualdade social, o que igualmente pode redundar em distorções. É fato que a responsabilidade social é parte intrínseca da prática profissional bibliotecária. Mas responsabilidade social não pode ser entendida apenas e somente para os excluídos socialmente, mas, igualmente, para os setores que com suas pesquisas, atuação, produção e possibilidade de oferta de produtos, serviços e empregos podem significar a diferença para os excluídos. E isso torna a formação e a responsabilidade social para atendimento desse segmento tão importante e estratégico quanto para os menos favorecidos. E mais complexa a identificação do conjunto de competências que o bibliotecário deve possuir.

Rezende (2002) é outra autora que tem um discurso bastante crítico em relação à atuação dos bibliotecários, à sua formação e, também, acerca dessas tentativas de mudança de nomes da profissão visando torná-la mais visível e reconhecida, especialmente no âmbito de empresas e indústrias. Em seu trabalho, especialmente na parte que trata das bibliotecas nesses contextos, denominando-as “castelos de livros” e relatando que esses espaços “desmoronaram” pela sua ineficiência em responder às necessidades “[...] proporcionando às empresas uma visão mais ampla, que lhes possibilitou compreender que elas precisavam de informação, e não necessariamente de livros e acervos.”, verifica-se de forma mais evidente sua crítica aos profissionais que atuam nesse espaço.

Para Rezende (2002), essa dissociação entre o que as empresas requeriam e o que os bibliotecários propiciavam e a conseqüente redução dessas bibliotecas tem relação com a formação profissional. A autora comenta que a mudança de paradigma de acesso à informação

ocorrendo essa migração das bibliotecas tradicionais, custosas do ponto de vista financeiro, de manutenção e de organização, para um mundo de informações em meio virtual, respostas com valor agregado e com menores requerimentos de desenvolvimento de acervos físicos, teve suas conseqüências para os bibliotecários, conforme seu relato:

Ocorreu, em paralelo, um aumento significativo do número de profissionais de outras áreas e especialidades, que passam a atuar dentro das empresas como intermediários nos processos de gestão da informação, devido, principalmente, ao fato de que a formação acadêmica oferecida pelas escolas de biblioteconomia ou ciência da informação já não atendia plenamente às necessidades das empresas.

Retroagindo no tempo, dois textos são recuperados, sendo um o de Milanesi (1983) e outro de Polke, Araújo e Cesarino (1974). A distância temporal não diminuiu a relevância das considerações desses trabalhos e suas preocupações são, de certa forma, complementares, pois enquanto a pesquisa de Milanesi descreveu a formação profissional dos bibliotecários, Polke, Araújo e Cesarino centraram seu interesse na relação dessa formação e o mercado de trabalho em Belo Horizonte.

Polke, Araújo e Cesarino (1974) levantaram, então, o perfil do bibliotecário e, na pesquisa, foram estudadas as perspectivas, a visão de profissão e a satisfação com os diferentes aspectos do exercício e da carreira. As conclusões são duras especialmente se destacarmos dois trechos – mesmo considerando que na década de 70 as mulheres ainda não significavam um aporte financeiro de relevância para as famílias e o casamento ainda era um fator importante de satisfação pessoal, demonstrado pelo alto índice de não exercício profissional relacionado ao casamento, 38,1% dos pesquisados.

No primeiro trecho assim se manifestam as autoras (1976, p. 177):

A baixa expectativa salarial leva-nos a acreditar na passividade do bibliotecário em relação ao mercado de trabalho. Essa passividade pode ser explicada pelo fato da profissão ser predominantemente feminina e se desenvolver principalmente em instituições. Inexiste o profissional autônomo.

No outro, que finaliza o trabalho, Polke, Araújo e Cesarino (1974, p. 177) colocam que:

É de se espantar que a ideologia do bibliotecário esteja ligada a qualidades sociais e pessoais, em detrimento dos conhecimentos teóricos e técnicos. Isto talvez justifique o fato do profissional não se sentir despreparado para o exercício da profissão. E a imagem do profissional que fica é a de “ave de vôo curto”...

Milanesi (1983), por sua vez, teve por interesse em sua pesquisa a formação profissional e a adequação dessa formação à realidade do mercado nacional. Se buscarmos os textos do final do século XX, início do século XXI e as pesquisas que são feitas nessa área, observar-se-á que não há diferenças significativas com relação à adequação dos currículos à realidade, das

preocupações com o perfil profissional e a colocação dos bibliotecários relacionados ao mercado e, também, como as Escolas de Biblioteconomia se posicionam frente a essas questões. Não está implícita, nesse comentário, nenhuma crítica às pesquisas realizadas a partir desse final de século XX, início de século XXI, pois essa revisão da, como disse Milanesi “fôrma”, é importante e sempre atual, pois a sociedade se modifica, as necessidades se alteram, as tecnologias evoluem e a formação profissional de qualquer categoria deve estar sensível a esses pontos. O que parece não ter mudado é a baixa visibilidade dos bibliotecários pela sociedade, que ainda permeia os textos que tratam desse assunto.

Outros autores revelam preocupações semelhantes com a formação profissional dos bibliotecários, como Abdullahi (1996), Basefsky (1999) e Souza (2001). No caso de Abdullahi (1996) são identificadas, entre outras questões, as responsabilidades dos docentes nesse processo. Já o texto de Basefsky (1999) é preciso em suas observações sobre o exercício profissional dos bibliotecários, muito arraigado aos fazeres tradicionais. Para ele, quando não havia a *Internet* os bibliotecários não sentiam a concorrência e não se habilitaram a competir no mercado. Assim, considera Basefsky (1999, p. 37-38, tradução nossa),

[...] a força inerente da profissão bibliotecária é encontrada na sua compreensão do valor da informação. A habilidade de selecionar, a melhor mais útil informação e organizá-la em categorias para acesso fácil indica que as bibliotecas possuem uma compreensão detalhada do que os clientes necessitam. Infelizmente, o papel tradicional das bibliotecas parou na coleta, organização e assistência e não incluiu, sob nenhuma forma significativa:

Informar o cliente acerca do material que está sendo coletado presumivelmente a seu pedido. Discutir os temas para quais o material proveria fundamentação e ilustração;

Solicitar aos usuários, por intermédio de extensivos programas de demonstração, como utilizar a melhor informação coletada e para qual propósito;

Selecionar indivíduos-chaves para serviços especiais de modo que eles possam transmitir o valor da informação para outros;

Associar-se com a gerência da instituição na discussão de problemas, projetos, iniciativas de pesquisa e instrução como participante (de política e de decisão) que traz a perspectiva significativa do provedor de conhecimento e informação (o bibliotecário) à mesa; ou

Ampliar a descrição do trabalho bibliotecário ou o papel organizacional da biblioteca para se ajustar melhor às necessidades de informação da organização a que serve.

Para Basefsky (1999, p. 38, tradução nossa) a facilidade relativa de localização de informação na *Internet*, teve como consequência paralela um questionamento, pelos dirigentes, acerca da importância de manter bibliotecas e bibliotecários que significam maior custo para a organização, sem ser evidente o retorno que trazem. Conforme o autor, “[...] se você não é

parte da solução, então você é parte do problema.” Dessa forma, complementa ele, “A maioria das bibliotecas terá que demonstrar sua utilidade para uma organização que não mais entende seu papel e sua função. Nesse processo, o papel e a função do bibliotecário não mudará muito. O que mudará será a cultura da Biblioteconomia.”

Souza (2001), em texto sobre a função de âncora das escolas de Biblioteconomia no Brasil, também manifesta suas preocupações com o papel dessas escolas, mostrando que em sua história, o eixo da visão de seu corpo docente se concentra em discussões que pouco contribuem para a consolidação da profissão no país. Propostas de mudanças de denominação, por exemplo, ao invés de consolidar o perfil profissional não no sentido de manter modos de fazer tradicionais, mas de incorporar as mudanças à formação e à denominação especial dos bibliotecários, a exemplo do que a medicina e o direito já fazem. Outra crítica do autor é acerca do baixo número de periódicos de divulgação dos desenvolvimentos da área, além de as escolas que formam bibliotecários generalistas:

Por falta de uma visão clara que articule à profissão os múltiplos papéis que o bibliotecário pode exercer na sociedade, o discurso da Escola visa formar um bibliotecário, na maioria das vezes, para uma biblioteca universal abstrata. Isso faz com que, tanto o aluno quanto o egresso fiquem perdidos em relação a que discurso identitário defender e com qual imagem se apresentar.

Essas são questões sensíveis no que tange à discussão sobre a formação profissional, sobre a relação dos bibliotecários com seu trabalho e com sua empregabilidade, reconhecida por muitos autores que estudam, também, as competências dos bibliotecários frente às novas tecnologias e às novas exigências nesse processo. (CABRERA-MORALES, 2004; DUTRA e CARVALHO, 2006; MÁRDERO ARELLANO e ANDRADE, 2006; MILLS, 2006; SANTOS e TOLFO, 2006)

Quando se colocam essas ponderações em relação ao profissional da informação, outros itens emergem. Em artigo que trata da formação do profissional da informação para o século XXI, Abels *et al.* (2003, tradução nossa) iniciam seu artigo definindo o que entendem por profissional da informação que, segundo eles, é aquele que:

[...] estrategicamente utiliza informação em seu trabalho de forma a contribuir para que a organização cumpra sua missão. O profissional da informação realiza isso por meio do desenvolvimento, implementação e gerência de recursos e serviços de informação.

Os autores prosseguem em sua definição de profissional da informação dizendo que este utiliza a tecnologia como uma ferramenta crítica para atingir seus objetivos e inclui bibliotecários, gerentes de conhecimento, gerentes, pessoas que desenvolvem páginas *web*, intermediários da informação e consultores, dentre outros.

Segundo Abels *et al.* (2003, tradução nossa) para o exercício de suas atividades esses profissionais da informação requerem dois tipos de competência que são as profissionais e a pessoais.

Entre as competências profissionais são relacionadas:

- Gerência de organizações de informação;
- Gerência de recursos de informação;
- Gerência de serviços de informação;
- Utilização de ferramentas e tecnologias de informação.

As competências pessoais, conforme os autores,

[...] representam um conjunto de atitudes, habilidades e valores que os habilitam a trabalhar efetivamente e contribuir positivamente para as suas organizações, seus clientes e para a profissão. Entre essas competências incluem-se desde serem comunicadores, saberem demonstrar o valor agregado de suas contribuições, serem flexíveis e positivos em ambientes em constante mudança.

Abels *et al.* (2003, tradução nossa) consideram que esses dois grupos de competências formam o que denominaram de núcleo de competências essenciais e que podem ser sintetizados em:

I - Profissionais da informação contribuem para a base do conhecimento da profissão pelo compartilhamento das melhores práticas e experiências e continuam a aprender sobre produtos, serviços e práticas de gerenciamento da informação, ao longo de suas carreiras;

II - Profissionais da informação são comprometidos com a excelência e a ética profissionais e com os valores e princípios da profissão.

Outros autores tratam igualmente de discutir as competências, as atitudes e os comportamentos desejáveis para os profissionais da informação, como Merlo Vega (2006, tradução nossa), que faz um extenso retrospecto de trabalhos que se identificam essas competências e relaciona o que ele denominou de decálogo de sugestões sobre como deve ser “[...] um trabalhador da informação que quer contribuir para o desenvolvimento da profissão e para o reconhecimento dela.” que inclui: estar informado, ser competente, ser ativo, saber adaptar-se, saber promover-se, sentir-se importante.

Valentim (2002, p. 122-130) é outra autora que sintetiza, em seu texto, os vários itens que compõem essa extensa lista para a qual também os bibliotecários devem estar atentos no exercício profissional. A despeito da variedade e complexidade de itens, entretanto, Valentim (2002, p. 130), considera que

Pelo exposto, verifica-se a necessidade de repensar a formação do profissional da informação, entender a formação de maneira mais ampla, mais global, buscando um profissional capaz de entender seu mundo. Estabelecer competências e habilidades para o profissional da informação, portanto, não é problema. O problema está na maneira como o profissional entende a sociedade e de que forma ele, o profissional, atende seus anseios.

Mesmo discordando da autora quando ela considera que atingir todos os níveis de exigência do mercado e as demandas sociais, além de desenvolver as competências requeridas para o exercício profissional não poder ser entendido como “problema”, pois isso parece ser um excesso de simplificação e otimismo num mundo tão complexo, não se pode deixar de reconhecer sua razão quando busca convergir os pontos relacionados com formação, educação continuada e exercício profissional, como ingredientes que integram o conjunto de fatores relacionados com a formação profissional e o perfil profissional também dos bibliotecários.

Dentre as diversas listas de recomendações dos autores acerca do grupo de competências que devem ter os modernos profissionais da informação incluem-se, conforme Guimarães (1998):

- Flexibilidade.
- Visão gerencial.
- Coragem para enfrentar os riscos, pois sua iminência é cada vez maior em tempos de competitividade.
- Criatividade.
- Liderança.
- Dinamismo.
- Responsabilidade.
- Visão interdisciplinar.
- Atuação interdisciplinar.
- Profissionalismo.
- Ética.
- Conhecimentos sobre organização do conhecimento.
- Visão política na área de informação.
- Uso da informação para vantagem competitiva.
- Uso da informação para o desenvolvimento social e humano.
- Treinamento em recursos informacionais.
- Espírito investigativo.
- Ação investigativa.
- Compromisso com a abertura de novos mercados de trabalho
- Objetividade e crítica: clareza, precisão e concisão.
- Agilidade mental.
- Motivação interna para desfrutar do trabalho como recompensa pessoal.
- Habilidade para a solução de problemas.
- Capacidade de análise.

É evidente que esse conjunto é necessário e desejável no processo de formação dos bibliotecários, que são inegavelmente profissionais da informação, mesmo quando não são considerados modernos. E é igualmente relevante verificar em que medida os cursos estão preparados e preparando os alunos para terem esse perfil, especialmente considerando-se que a denominação do bibliotecário parece ser considerada fator limitante, embora esse ponto não

esteja em discussão no presente trabalho, mas deve ser considerado, como bem frisa Souza (2006a), que critica essa tendência nos cursos e inclui entre os problemas para que o bibliotecário seja reconhecido socialmente, construa sua identidade e se afirme em suas competências. (WALTER; BAPTISTA, 2008)

2.3 Biblioteconomia no Brasil²⁹

A profissão bibliotecária é antiga e confunde-se com o surgimento da escrita e da necessidade de organização e preservação do pensamento expresso e registrado em documentos. Em entrevista para o jornal *Folha de São Paulo*, o historiador francês Roger Chartier (2006, grifo nosso) identifica com muita propriedade esse ponto quando diz que

O sonho da biblioteca que poderia abarcar todos os livros escritos ou impressos pelo homem é muito antigo. Trata-se de uma idéia que atravessa toda a civilização ocidental, desde a biblioteca de Alexandria. **Creio que corresponde a uma ansiedade dos homens com relação à perda, o medo do esquecimento coletivo.** Esse temor levou os homens a tentarem reunir, desde muito tempo atrás, os manuscritos, os escritos antigos e todos os projetos que acreditavam serem universais.

Fonseca (1979, p. 11) informa que o primeiro livro de Biblioteconomia surgiu em 1627 e intitula-se *Advis pour dresser une bibliothèque*, de Gabriel Naudé. De acordo com o autor a publicação de bibliografias, que em certo sentido podem ser consideradas precursoras dos catálogos das bibliotecas, tem sua origem em data anterior ao descobrimento da imprensa por Gutenberg e igualmente indica a demanda por organização da informação, naquele período representado pelos documentos escritos.

Segundo Fonseca (1979, p. 13), no caso do Brasil, além de serem os responsáveis pelas primeiras bibliotecas, os jesuítas foram os primeiros bibliotecários. Em seu livro, ele nomeia esses jesuítas, identifica suas funções além daquela específica relacionada às bibliotecas e localiza no tempo sua trajetória, que se situa entre os anos de 1584 e 1757. Além dessa, conforme Fonseca (1979, p. 15-17), outras ordens religiosas foram igualmente importantes na introdução de bibliotecas no país, como os franciscanos, as carmelitas e os beneditinos.

Embora o livro de Fonseca (1979) seja mais voltado ao estudo do desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil, são constantes as referências ao perfil profissional e à história dos bibliotecários no Brasil. Segundo ele (1979, p. 29), ainda no século XIX, por iniciativa de Ramiz

²⁹ Neste trabalho não se pretende resgatar o nascimento da profissão bibliotecária no mundo, pois os documentos que estudam a Biblioteconomia no Brasil fazem essa referência, evidenciando as diferentes influências nos cursos brasileiros.

Galvão³⁰, então diretor da Biblioteca Nacional, “[...] foram realizados os primeiros concursos públicos para selecionar bibliotecários.”. Fonseca (1979, p. 29) informa, ainda, que, em realidade, “[...] eles eram chamados de ‘oficiais de biblioteca’, sendo a denominação de bibliotecário privativa do diretor [...]”.

Além de Ramiz Galvão, Fonseca (1979, p. 32) destaca, ainda, a atuação de outro importante nome na Biblioteconomia brasileira, que foi Manoel Cícero³¹, que instituiu o Curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional, cujo início efetivo data de 1915.

Há vários estudos sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil, incluindo o de Población (1992, p. 1) que reconhece quatro fases distintas:

Fase I (1915 – 1928) – formação de influência européia;

Fase II (1929 – 1969) – mudança da direção da influência européia para o pragmatismo americano;

Fase III (1970 – 1985) – ufanismo nacionalista caracterizado pelo crescimento quantitativo das escolas;

Fase IV (1986 –) – estabilização do crescimento quantitativo das escolas e início do período de reflexão, objetivando a avaliação qualitativa do ensino ministrado a nível de graduação.

Esses cortes refletem, provavelmente, a evolução da formação profissional dos bibliotecários em relação às demandas e necessidades dos mercados e, na última década do século XX, decorrentes do uso das tecnologias de informação.

Embora não se pretenda recontar a história da formação em Biblioteconomia no Brasil, pois há diversos autores que fizeram esse trabalho com maior profundidade e que podem ser consultados, o estudo de Castro (2002, p. 27-46), que abrange as décadas de 1950 e 1960 é uma dessas fontes e, segundo ele

O ensino de Biblioteconomia no Brasil teve início em 1915, na Biblioteca Nacional (BN), sem qualquer planejamento curricular e sem perspectiva de atender necessidades alheias a essa instituição. As disciplinas eram oferecidas de maneira estanque e desarticuladas, sendo condizentes com a estrutura organizacional da BN. (CASTRO, 2002, p. 27)

Conforme constata o autor (2002, p. 27) o objetivo desse curso era formar pessoal para a própria Biblioteca Nacional e estruturou-se do mesmo modo que eram subdivididas as suas Seções e as disciplinas eram ministradas por professores que repassavam suas experiências.

³⁰ Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938). In: Fonseca (1979, p. 26).

³¹ Manoel Cícero Peregrino da Silva (1866-1956). In: Fonseca (1979, p. 29).

Nesse sentido, para essa concepção de profissional, o que se buscava era o que Castro denominou de “erudito-guardião”. Já em São Paulo, na década de 1920, os cursos iniciados tiveram um cunho mais técnico, visão que prevaleceria como modelo adotado nacionalmente, conforme o autor. (CASTRO, 2002, p. 29).

Mas, esse conflito entre a erudição e a ênfase em aspectos técnicos no processo de formação dos bibliotecários parece ter perdurado no tempo paralelamente à necessidade de lutar pelo reconhecimento legal da profissão (SOUZA, 1990, p. 92-98). O aspecto que se ressalta, do estudo de Castro (2002), é sua visão das dificuldades de definição de um currículo mínimo para o país, que esbarrou nas diferenças regionais e de possibilidades de implantação pelas Escolas. A análise do autor se fixa nos anos compreendidos entre as décadas de 50 e 60 do século XX e, conforme suas palavras, “[...] é necessário compreender o currículo como uma construção cultural que propicia a aquisição do saber de forma articulada com a sociedade e os interesses dos alunos.” Um livro que trata de currículo mínimo de Biblioteconomia é o de Knychala (1981, p. 7), no qual são identificados os elementos que deveriam estar contidos em qualquer curso que pretenda formar bibliotecários, o que parece indicar, nesse sentido, esse reforço no perfil dos profissionais. Em sua evolução, os cursos passaram a nortear suas grades curriculares em função das orientações do Ministério da Educação³², com base em suas resoluções e diretrizes.

Outro estudo sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil é o de Souza (1990), que se distingue de outros, pois, além de mapear o ensino no século XX, contextualiza cada período com aspectos relacionados à política, à educação e à economia, para finalmente analisar a Biblioteconomia. Um comentário de Souza (1990, p. 33) acerca do modo pelo qual as bibliotecas brasileiras se desenvolveram, com o olhar voltado para a elite sócio-econômica, fornece, de algum modo, uma certa dimensão de sua ótica em relação à formação dos bibliotecários no Brasil:

Um aspecto interessante, e assim o Brasil permaneceu coerente com a tradição portuguesa, foi que esse acúmulo de contribuições do século XIX veio a dar base ao primado da técnica. Desse modo, o século XX iniciou-se na Biblioteconomia com uma série de iniciativas visando alcançar esse objetivo, que vem sendo o tradicional na história da Biblioteconomia brasileira deste século: primeiro as normas, depois o acervo e, por último o usuário.

Em seu estudo, Souza (1990, p. 54-55), no capítulo relacionado à década de 1950, continua mostrando que as origens dos bibliotecários no país são fortemente vinculadas às

³² Ver página do Ministério da Educação em <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 8 mar. 2008.

classes economicamente mais altas e cujo reflexo da visão de mundo é sentida inclusive em eventos técnicos e científicos como, por exemplo, o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que, segundo ele

[...] não nasceu para dar respostas ao momento político, econômico e social. Ele nasceu para afirmar um grupo profissional. Os próprios profissionais da Biblioteconomia, no período, são aburguesados e o destino das bibliotecas importava muito pouco.

Adiante ele aponta que o maior interesse da classe era garantir o *status* profissional representado por uma profissão universitária, cuja concentração era em disciplinas como catalogação, classificação, referência, bibliografia organização de bibliotecas e história do livro e das bibliotecas, mas que não se preocupava com os estudos de usuários.

Esta mesma crítica é feita por Fonseca (1992, p. 103) quando, comentando o famoso texto de Ortega y Gasset sobre a missão dos bibliotecários, considera que

Infelizmente a hipertrofia dos processos técnicos fez dos bibliotecários contemporâneos uma nova espécie de mandarins, tão empenhados na discussão de filigranas catalográficas que nem se lembram do nobre objetivo da profissão, admiravelmente definido pelo preceito *servus servorum scientiae*³³.

Acrescente-se a esse quadro, ainda, a discussão relatada por Castro (2000, p. 142-150) acerca da incorporação da Documentação nos currículos de Biblioteconomia e de que modo esse entendimento permeou a criação e desenvolvimento dos vários cursos no país, que foi diferente do ocorrido em outros países, mas que certamente foram significativos no processo de formação dos bibliotecários no Brasil. Então, em relação à formação profissional, Mueller (1989) e Urra (2001), com algumas variações, descrevem os aspectos relativos a essa questão que abrangem os conhecimentos específicos, as habilidades e as atitudes necessárias para o trabalho, conceitos que estão inseridos, no presente documento, no constructo competência. Nesse contexto, são apresentadas as funções requeridas para o bibliotecário que incluiriam: a preservação, a educação, o suporte à pesquisa e a pesquisa na e para a área. (MUELLER, 1989)

Mais recentemente, os textos que estudam os bibliotecários incluíram aspectos que se referem à relação dessa categoria com outros perfis, além da maior ênfase no que genericamente se denomina de profissional da informação. Para Feather (1994, p. 141) os bibliotecários são os arquétipos dos profissionais da informação, embora diga que seja freqüente que os últimos sejam considerados e tratados como sendo mais modernos e avançados que os “tradicional bibliotecários”. Já Marchiori (1996) aborda a interface das

³³ Servo dos servos da ciência. Trad. de Castro (2000, p. 140).

diferentes formações, especialmente bibliotecários, arquivistas, jornalistas e egressos dos cursos de processamento de dados, como partes atuantes e integrantes do grupo profissional que poderia receber a denominação de profissional da informação.

Ungern-Sternberg (2002) acrescenta outro olhar para a questão da formação profissional identificando a premência de adaptação de bibliotecários e profissionais da informação às novas relações com usuários fisicamente cada vez mais distanciados, a um contexto de mídias cada vez mais diferenciadas e acessíveis globalmente, além de serem capazes de se adaptarem a mudanças.

Essa interligação, conexão e superposição de diversas áreas tem sido a tônica dos estudos acerca dos bibliotecários, paralelamente às demandas advindas da sociedade da informação, em cujo mundo competitivo e ágil estes deverão atuar. Apesar de o conceito de profissional da informação não ter se consolidado no sentido de uma definição aceita e utilizada por todos os autores, o que se depreende é que os bibliotecários integram esse grupo, mas não são considerados os líderes dessa categoria. Ao contrário, sua posição é frágil em todos os sentidos em que os temas formação, perfis e mercados na área de informação são abordados.

Com relação especificamente à formação dos bibliotecários no Brasil, os estudos costumam ser mais localizados e abrangem aspectos bastante amplos como as competências, constructo definido em capítulo anterior.

A formação profissional é, assim, o primeiro passo na construção da imagem profissional que o indivíduo desenvolverá e, portanto, o papel da Escola e dos professores é fundamental para esse processo. Quanto se conseguirá efetivamente formar pessoal que responda, de fato, às necessidades sociais e que seja aberto e apto a adquirir novos conhecimentos e competências é uma tarefa complexa e que também inclui outros pontos como a legislação profissional, o código de ética e as pressões mercadológicas. Isso sem mencionar, ainda, as tecnologias de informação e de comunicação que alteraram de forma inequívoca o mundo da informação.

A evolução da Biblioteconomia no Brasil é também tratada em texto de Souza (2002, p. 1) que mostra a mudança havida entre a definição de currículos mínimos e a estrutura dos cursos que passaram a ser orientados por Diretrizes Curriculares onde, conforme palavras do autor, “[...] mais que a orientação de conteúdo passa a existir a orientação da formação, o que envolve todos os componentes materiais e imateriais que um curso pode ofertar a seus alunos.”

Em outro texto que aborda o modelo educacional para a Ciência da Informação, Souza (2004) levanta entre as preocupações de manter esse ensino em consonância com as modernas tecnologias de informação a mudança da relação professor / aluno. Para esse autor,

se antes essa relação era baseada no sentido um ensina e outro aprende, com o advento das tecnologias, especialmente da *Internet*, os alunos passaram a uma condição diferente, pois têm acesso maior à informação e, conseqüentemente, a mais ceticismo em relação ao que escutam, exigindo dos docentes uma outra postura com relação ao ensino-aprendizagem. Nesse novo mundo, os professores realizam trocas com os alunos, reciclando-se constantemente, atualizando-se a cada dia, de forma a manter seus conteúdos ricos, atualizados e em consonância com as possibilidades tecnológicas disponíveis.

Retroagindo no tempo, num momento histórico em que as tecnologias de informação estavam iniciando seu ingresso nas unidades de informação Robredo (1989) mostrou preocupação com o ensino/aprendizagem relacionado com as tecnologias de informação, em outra abordagem do problema, relacionado com os perfis dos denominados novos profissionais da informação. Em seu texto, entre outras questões, Robredo (1989, p. 25-26), tratando da formação profissional dos profissionais da informação³⁴, afirma, entre outros pontos, que:

A maneira prática de organizar esses princípios em disciplinas concretas, capazes de integrar currículos específicos, deverá seguir alguns princípios fundamentais:

- a universidade deve mudar sua forma atual de ensinar o que se faz para passar a ensinar como se faz [...];
- os objetivos dos cursos devem ser formulados claramente, em função dos estudantes [...] e não dos conhecimentos dos docentes disponíveis [...];
- o reconhecimento da qualificação para o exercício da profissão de bibliotecário não deveria basear-se na exibição exclusiva do título de bacharel [...], mas na comprovação da experiência e competência profissionais [...].

Polêmicas à parte, outra afirmação feita pelo autor sobre a questão do ensino de Biblioteconomia no Brasil parece reforçar esse dificuldade de manter o curso consoante com as necessidades sociais e com as expectativas dos discentes, além de ter que lidar com os perfis emergentes de profissionais da informação. Não se pode deixar de reconhecer que suas palavras e constatações ainda valem, pois, de acordo com Robredo (1989, p. 20):

Desde meados da década de 60 até o momento, não cessaram de aparecer trabalhos e relatórios, em quase todos os países, sobre a formação dos bibliotecários e dos profissionais da informação. Trata-se da mais clara evidência que existe um sério problema e de que não foi encontrada para ele, até o momento, uma solução satisfatória.

De todo modo, não parece ser um problema por si só, a manutenção dessa discussão sobre o ensino de Biblioteconomia, se pensarmos a sociedade como algo vivo, que muda e que

³⁴ Em seu texto Robredo (1989) fala tanto sobre os pós-graduados em Ciência da Informação quanto sobre os bibliotecários formados no nível de graduação.

constantemente requer, das profissões, inovações que respondam aos seus anseios. Nesse sentido, Passos e Santos (2005, p. 18) colocam um ponto importante acerca da formação profissional que tem relação com dois aspectos: a influência da escola na construção da identidade profissional dos indivíduos e o papel dos professores nesse processo, com suas dificuldades, de certo modo concordando com o que Souza (2004) coloca acerca das mudanças de relação entre docentes e discentes, que são assim expressadas:

A questão é que projetamos, em nossos educadores, expectativas que vão além da realidade escolar, envolta em 'rotinas didáticas' a serem cumpridas. Apostamos em nossos educadores como 'arquitetos de identidades', sem considerar os 'limites de sua formação profissional', pois assim como todos os indivíduos inseridos na sociedade globalizada, os educadores buscam a consolidação de sua identidade profissional. (PASSOS e SANTOS, 2005, p. 18)

Lembrando um pouco as colocações de Robredo (1989), além de fatores concretos como mercado e currículo, outro item importante na formação dos bibliotecários no Brasil é a Lei que regulamenta a profissão. Se partirmos do pressuposto que uma legislação de regulamentação profissional pode ser entendida por dois ângulos, sendo um o de proteção e reserva de mercado e outro de proteção contra profissionais com insuficiência de competências, resguardando, então, os consumidores (neste caso de informação), então as críticas a esse provimento legal não seriam tão duras. Entretanto, o que se observa na prática é que a legislação e os órgãos de classe (Conselhos Regionais e Conselho Federal de Biblioteconomia) atêm-se apenas aos aspectos de proteção e reserva de mercado, sendo menos evidente o outro ponto que é o de fiscalização de exercício profissional, do ponto de vista da qualidade dos trabalhadores.

É provável que os estudantes e as Escolas, conhecedores dessa possibilidade de garantia de reserva de mercado (segundo a legislação, apenas os bacharéis em Biblioteconomia podem atuar e gerenciar as bibliotecas e seus diversos segmentos), considerem esse fator e a postura profissional tenha alguma relação com essa relativa tranquilidade. O que é uma falácia. A lei explicita essa exigência para aquelas organizações que recebem a denominação de biblioteca. Se as instâncias superiores tiverem interesse na colocação de outros perfis profissionais para assumirem as funções de lidar com a informação, uma relativamente simples mudança administrativa e organizacional elimina o termo biblioteca e, conseqüentemente, a reserva para os bibliotecários.

Esse fenômeno já aconteceu mesmo em instituições públicas, inclusive, onde modificações dessa natureza são mais complicadas e requerem maior tempo. Um dos casos foi a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, cuja importância e liderança em

vários quesitos de prestação de serviços de informação, no passado relativamente recente (décadas de 1980 e 1990), e do papel da informação para a pesquisa não foram empecilhos para a "eliminação" das bibliotecas de quase todos os organogramas das Unidades de Pesquisa e para a criação dos Setores de Informação, terrenos livres para a atuação de qualquer perfil profissional. Os resultados dessas decisões, não apenas na Embrapa, mas em outras instituições, públicas ou privadas, que igualmente optaram por essa alteração, mereceriam ser avaliados nos seus aspectos positivos e negativos e igualmente poderiam se constituir de sinalizadores para os diferentes cursos que formam "profissionais da informação" e bibliotecários.

Sobre esse tema, em forma de ficção, vale a leitura de Stevens (2001), que em seu texto intitulado "*The last librarian*" conta a história de Amy Cutter, a primeira presidente da *American Information Association*, que substituiria a poderosa *American Library Association* em 2076. Nessa peça de ficção, iniciada por duas definições de um dicionário, também fictício, sobre bibliotecas e bibliotecários, Amy, que está preparando seu discurso de posse, reconstrói a história de como as bibliotecas e os bibliotecários foram literalmente extintos com o advento dos cursos de Ciência da Informação. Vale a leitura senão como reflexão, como diversão.

Não se quer, com essas constatações, defender ou atacar a legislação, mas, sobretudo, pensar no impacto dela na formação profissional dos bibliotecários no país e do seu aparente alheamento acerca dessas discussões.

Poderia a legislação interferir na postura, no desejo de mudança, de aquisição de novos conhecimentos? Para Blattmann (1999) a mudança – de postura, de funções, de habilidades e de desempenho – somente ocorre quando há consciência de insatisfação pessoal ou institucional. Mas é evidente que não se pode aguardar esse comportamento dos indivíduos, sob pena e risco de as soluções se apresentarem de forma tardia.

O aspecto comportamental é expresso também em Neves e Longo (1999/2000) especialmente no capítulo 5, em que são descritas habilidades do profissional da informação: buscar desafios e encontrar novas oportunidades dentro e fora das bibliotecas; atuar como líder; ter senso crítico; trabalhar bem em equipe e outras tantas. Em Eastbrook (1989) essa postura e entendimento de crescimento profissional é compreendido como aumento do *status*, da autonomia e dos controles sobre o próprio trabalho. Crescimento é também visto, por esse autor, como o reconhecimento de outros pelo valor de seu trabalho.

Guimarães (1997) incluiu, em seu texto, os egressos dos cursos tradicionalmente ligados à informação e documentação, como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia,

e também faz um extenso levantamento acerca de atitudes e habilidades que devem possuir para que possam atuar como modernos profissionais da informação.

Há vários autores que tratam das mudanças de cenário no mundo da informação relacionando-as aos requisitos de formação da mão de obra que, embora não se refiram especialmente aos bibliotecários, a eles fazem menção, como parâmetros para as análises (ARAUJO e FREIRE, 1999; BAPTISTA, 2002; GUIMARÃES, 1997; HENCZEL, 2002; UNGERN-STERNBERG, 2002; URRÁ, 2001). Além de identificarem potenciais nichos de atuação, incluem possíveis conteúdos que um profissional da informação deve dominar para atuar na sociedade da informação, caracterizada como sendo aquela em que “[...] a informação é utilizada intensivamente como elemento da vida econômica, social, cultural e política”. (MOORE, 1999, p. 97)

Embora esses textos sejam relativos aos profissionais da informação, mundo que potencialmente os bibliotecários integram, ao fazerem a comparação, parecem tender para a definição de uma hierarquia das profissões. E, nesse sentido, os bibliotecários teriam uma certa dificuldade de serem incluídos no grupo de elite, em função de “deficiências” em sua formação, que não os estaria preparando para esses desafios.

Para Castro (2000a, p. 10) a formação do bibliotecário atual não o capacita a atuar como moderno profissional da informação por motivos como: a falta de professores com domínio nos diferentes campos requeridos pela Ciência da Informação e pelo fato de a maioria deles ter formação em Biblioteconomia; pela insuficiência de pesquisas e de titulação dos professores; pela ausência de recursos tecnológicos nas escolas; currículos com requisitos baseados em demandas tradicionais de organização de informação; e, finalmente, rigidez na legislação que trata da atuação dos bibliotecários e a discrepância entre os cursos que se denominam de Ciência da Informação e que formam bacharéis em Biblioteconomia.

Essa constatação é verificada em quase todos os textos que tratam do tema formação profissional como, por exemplo, em Beraquet e Valentim (1998) que afirmam: “[...] o profissional da informação não é formado para a realidade do mercado [...]”. Elas, entretanto, fazem a ressalva de que o mercado não deve se constituir de item determinante na formação dos profissionais, mas deve-se buscar desenvolver a capacidade crítica, o espírito inovador, a sensibilidade para perceber mudanças e a preocupação com a investigação constante.

Há outro fator a considerar nesse contexto do bibliotecário e do profissional da informação: se o bibliotecário tem apenas o curso de graduação, aqueles que estão sendo apontados pela literatura como profissionais da informação, de modo geral, parecem ser aqueles com graduação em outras áreas e pós-graduação em Ciência da Informação. E os

bibliotecários dificilmente discutem esse ponto, por não se interessarem, ou por desconhecimento das suas próprias potencialidades, ou por um total distanciamento do que a literatura na área está apresentando, ou pela segurança da legislação que aparentemente os protege, ou, ainda, pelo desconhecimento do que as pressões mercadológicas e as desses “modernos profissionais da informação” podem redundar para o próprio exercício do trabalho de bibliotecário, no que isso tem de mais estrito.

Se no Brasil a titulação do bibliotecário é obtida por meio de curso de Biblioteconomia, em nível de graduação, com necessidade de registro profissional para o exercício, em outros países, entretanto, não necessariamente. Nos Estados Unidos, por exemplo, de acordo com a página da *American Library Association*³⁵ o título é obtido por meio de pós-graduação, assim como no Canadá e em Porto Rico. No Reino Unido é mais complexo e existem vários graus, conforme dados disponíveis na página da *Chartered Institute of Library and Information Professionals*³⁶ podendo ser o título obtido por pessoas que tenham experiência de dois anos e complementem com cursos de educação específica, o que também pode ser realizado por pessoas que tenham outras graduações, ou, ainda, com pós-graduação. Mas eles têm diferentes valores, do ponto de vista de reconhecimento.

Na França, o ensino de Biblioteconomia também não é por apenas uma forma, semelhante ao Reino Unido e também admitem o curso de auxiliar de bibliotecas após um curso de nível médio. Cada um dos graus obtidos permite acesso a um segmento de trabalho, conforme página da *Association des Bibliothécaires de France*³⁷. Na Argentina, o aprendizado da Biblioteconomia é por curso de graduação, é necessário registro profissional e na legislação, constam as instituições que podem outorgar os títulos, conforme página da *Asociación de Bibliotecarios Graduados de La República Argentina*³⁸. Finalmente, na Espanha, na página da *Federación Española de Asociaciones de Archiveros, Bibliotecario, Arqueólogos, Museólogos y Documentalistas*³⁹ o ensino é em nível de graduação e há, em curso, com proposta de instalação em 2010, um projeto de unificação do ensino de documentação, conforme documento sobre o assunto disponível na página dessa associação.

³⁵ Associação dos Bibliotecários Americanos, disponível em: <http://www.ala.org>. Acesso em: 7 fev. 2008.

³⁶ Instituto de Bibliotecas e de Profissionais da Informação, disponível em: <http://www.cilip.org.uk>. Acesso em: 7 fev. 2008.

³⁷ Associação dos Bibliotecários da França, disponível em: <http://www.abf.asso.fr>. Acesso em: 7 fev. 2008.

³⁸ Associação dos Bibliotecários Graduados da República Argentina, disponível em: <http://www.abgra.org.ar/estatutoprof.htm>. Acesso em 7 fev. 2008.

³⁹ Federação Espanhola de Associações de Arquivistas, Bibliotecários, Arqueólogos, Museólogos e Documentalistas, disponível em: <http://www.anabad.org>. Acesso em: 7 fev. 2008.

É provável que os cursos de Biblioteconomia brasileiros conheçam as realidades de ensino no exterior, mas as experiências de incorporação de mudanças no país ainda não se consolidaram. As alterações de denominações em alguns cursos, como, entre outros, o de Campinas, em São Paulo, que retiraram a denominação de Biblioteconomia de seus diplomas, tem causado transtornos em seus formandos que se vêem impedidos de assumir em concursos públicos, pois não conseguem o registro profissional junto ao CRB. Reiterando que não se pretende defender essa ou aquela posição, é importante que os egressos dos cursos não sejam penalizados por decisões que não encontram respaldo na legislação brasileira, que se esse é um fator pacificado junto aos profissionais deveria requerer a mudança das normas de forma a atender às expectativas profissionais daqueles que decidiram seguir o caminho da informação, independentemente da denominação que os cursos possam ter.

2.3.1 Normas regulamentares de Biblioteconomia no Brasil

O exercício profissional dos bibliotecários é regulamentado por legislação federal e inclui órgãos de fiscalização profissional. A página do Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB⁴⁰ na *Internet* inclui uma apresentação acerca da estrutura, da legislação e das funções para a categoria profissional dos bibliotecários.

No tocante à legislação, o CFB relaciona apenas a Lei nº 4.084/1962, o Decreto nº 56.725/1965 e a Lei nº 9.674/1998, que são, de fato, as normas que definem as condições para o exercício profissional e para o funcionamento dos órgãos fiscalizadores. Em outro grupo de *slides* o CFB lista, também, as resoluções emanadas por esse órgão, que igualmente têm impacto sobre os Conselhos Regionais, sua atribuição de fiscalização e, também, a que institui o Código de Ética para os bibliotecários,

Para efeito desse trabalho optou-se por relacionar apenas a legislação em vigor que afeta diretamente o exercício profissional no sentido de que seu conteúdo identifica as atividades que seriam de atribuição exclusiva dos bacharéis em Biblioteconomia, assim como as áreas de atuação. O estudo histórico das leis não foi realizado e nem era propósito desta pesquisa.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.cfb.org.br>. Acesso em 4 jan. 2006.

Nº da Norma	Ementa	Fonte e Data de Publicação	Situação
Lei nº 4.084, de 30/6/1962 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm	Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício.	Diário Oficial da União, de 2/7/1962	Não consta revogação expressa ¹ .
Decreto nº 56.725, de 16/8/1965 javascript:abrePopup("https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/websearch?openagent&tipo=DEC&codigo=56.725&ementa=2&data=19650816", ""); ²	Regulamenta a Lei nº 4.080, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário.	Diário Oficial da União, de 19/8/1965	Não consta revogação expressa ¹ .
Lei nº 7.504, de 2/7/1986 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7504.htm	Dá nova redação ao art. 3º da Lei 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a profissão de Bibliotecário, e dá outras providências.	Diário Oficial da União, de 3/7/1986	Não consta revogação expressa ¹ .
Lei nº 9.674, de 26/6/1998 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9674.htm	Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências.	Diário Oficial da União, de 26/6/1998	Não consta revogação expressa ¹ .
Resolução CFB nº 42, de 11/1/2002 http://www.cfb.org.br/legislacao/resolucoes/Resolucao%20042-02.asp ³	Dispõe sobre o Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia	Diário Oficial da União, de 14/1/2002	

¹ Fonte: URL: www.planalto.gov.br. Acesso em: 30 dez. 2005.

² Fonte: URL: <http://www6.senado.gov.br/sicon/ExecutaPesquisaLegislacao.action>. Acesso em: 22 nov. 2007.

³ Fonte: URL: www.cfb.gov.br. Acesso em 22 nov. 2007.

Quadro 2 – Legislação⁴¹

Um exame mais atento à legislação, especialmente da Lei nº 9.674, indica apenas o que é, aparentemente, óbvio, isto é, que o exercício da profissão de bibliotecário é privativo apenas dos bacharéis em Biblioteconomia. Entretanto, não há restrição de exercício profissional para as atividades específicas, como havia na legislação anterior. Conforme Santos (2004), que analisou a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO⁴², do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, relacionada à Lei, constata que ela não responde à necessidade de atualização das exigências para o exercício profissional dos bibliotecários em função de ter muitos de seus artigos vetados.

Pereira (2004) é outra autora que tem trabalho nessa linha comparativa do conteúdo da Lei em relação à CBO/MTE, que definiu a família da carreira de informação. De acordo com

⁴¹ Fonte: www.planalto.gov.br. Acesso em: 30 dez. 2005.

⁴² Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br>. Acesso em: 28 nov. 2006.

Pereira (2004) a definição da CBO/MTE não tem amparo legal e os profissionais são impedidos legalmente de prestar concursos públicos ou reivindicar a possibilidade de atuar em alguns segmentos específicos, o que torna bastante complexa essa equação de normas legais, definição de carreiras e exercício profissional.

A questão que se coloca é que se não houve revogação expressa nas normas anteriores e não há artigos conflitantes com relação à lei atual, prevalece o entendimento acerca das atividades e dos locais reservados aos bibliotecários, conforme normas de 1962 e 1965. Essa é uma das grandes críticas que é feita especialmente pelos pós-graduados em Ciência da Informação, que reivindicam a ocupação de espaços como as bibliotecas e centros de documentação para exercício profissional.

Esse fato é constatado e explicitamente questionado por Souza (1990, p. 86), que analisando a dificuldade de definição de um currículo de Biblioteconomia que atendesse às demandas da sociedade disse que

Várias outras propostas apresentadas jamais poderiam funcionar na prática na medida em que todas partiam da premissa errada, ou seja, da manutenção do cartório profissional do bibliotecário, isto é, na Legislação que se sustenta na Lei nº 4.084/62.

Fonseca, Fonseca e Fonseca (2005) em estudo sobre a necessidade de o bibliotecário gerenciar sua carreira investindo em auto-formação, fazem um comentário acerca da legislação profissional e do reconhecimento e demanda por profissionais pelos empregadores potenciais que merece ser explicitado. Segundo os autores “[...] a regulamentação profissional talvez não seja mais suficiente, por si só, para garantir aos bibliotecários postos de trabalho em ambientes não tradicionais.” (FONSECA, FONSECA, FONSECA, 2005, p. 212)

2.3.1.1 Ética profissional

Dentre as normas regulamentadoras da profissão bibliotecária destaca-se o seu código de ética, na medida em que é o mecanismo que traduz a vertente de qualidade do exercício profissional. A Resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia de nº 42, de 11 de janeiro de 2002⁴³, inclui em seu conteúdo as normas e recomendações tanto para as pessoas físicas quanto jurídicas. Mas, antes de comentar sobre essa norma específica, cabem algumas considerações sobre a questão da ética e de como se colocam esses pontos em relação aos bibliotecários.

Rasche (2005, p. 175) argumenta que “[...] ética profissional pode ser entendida como o estudo da conduta humana no exercício de uma profissão, seus ideais, motivos e causas.”.

⁴³ Disponível em: <http://www.cfb.org.br/legislacao/resolucoes/Resolucao%20042-02.asp>. Acesso em: 24 mar. 2008.

Dupas (2001), estudando a ética na sociedade da informação levanta diferentes pontos acerca dessa discussão, ressaltando especialmente a influência das tecnologias de informação na ruptura de paradigmas das referências anteriores e na necessidade de construção de uma nova ética, que seja condizente com as possibilidades dessa sociedade. Para o autor, deve-se buscar esse novo conjunto de referências em que as pessoas procurem pensar suas ações e conseqüências não de modo individual, mas refletindo sobre os efeitos na humanidade. O texto de Dupas (2001) é permeado por uma preocupação explícita com os efeitos dos progressos científicos não para negá-los ou freá-los, mas de forma que realmente beneficiem os homens de modo global e que não se constituam de saberes, mas de conhecimentos:

Não se trata de ir contra o desenvolvimento tecnológico, adotando um posicionamento reacionário. A questão é bem outra: a tecnologia pode e deve se submeter a uma ética que seja libertadora a fim de contemplar o bem-estar de toda a sociedade, presente e futura, e não apenas colocar-se a serviço de minorias ou atender necessidades imediatas. (DUPAS, 2001, p. 18)

As preocupações de Dupas (2001) têm convergência com o que se tratou acerca das rupturas da modernidade e das dificuldades de construção de identidades e também com os aspectos levantados sobre a construção de valores profissionais, que estão intrinsecamente ligados à ética profissional. Trazer esses pontos para o exercício profissional dos bibliotecários tem relação com a sempre levantada questão da responsabilidade social e os limites de atuação desses profissionais. É nesse mesmo direcionamento que se situa o artigo de Aranalde (2005, p. 347), que aborda exatamente a relação entre os bibliotecários, sua ética profissional na sociedade da informação.

É bem verdade que uma profissão executada de maneira ótima pode ser considerada como uma excelência técnica, mas os julgamentos e as avaliações éticas recaem sempre sobre a concepção de ser humano que pode ou não estar exercendo uma determinada função técnica. Obviamente, o exercer bem ou mal essa função técnica influi na maneira como esse ser humano se vê eticamente, bem como a maneira como é visto pelos outros. Portanto, a referência ética recai sempre sobre o ser humano no conjunto de suas atividades e práticas.

O autor (2005, p. 353-354) prossegue em sua análise, relacionando as tecnologias com a conduta na atuação, pelos bibliotecários constatando que:

Uma postura ética se faz necessária quando interagimos com outros seres humanos na complexa teia de relações sociais na qual estamos inseridos. Isso significa que, estando em relações com outros seres humanos, as crenças e os valores fundamentais de uma ética direcionam-se na busca de uma vida mais digna. O valor primordial que norteia uma postura ética está centrado na idéia de responsabilidade social. A responsabilidade social está intrinsecamente relacionada com a formação do caráter, que possibilita que a idéia de bem estar coletivo e sua efetiva realização torne-se objetivo das ações.

O profissional bibliotecário cumpre um papel social inserido em instituições diversas e numa contínua interação com usuários em busca de informações relevantes. Dessa forma, sua responsabilidade social se traduz principalmente como o dever de gerir informações da melhor maneira possível, oferecendo-as aos usuários com o máximo de qualidade. A postura ética requerida de um profissional da informação, como no caso de um bibliotecário, inclui a busca pelas melhores alternativas para organização, recuperação e disseminação das informações, tendo em vista as necessidades dos usuários com os quais interage e das instituições em que está inserido.

Para Rasche (2005, p. 176), essa preocupação com a conduta profissional deve ser compreendida como “[...] um esforço para se obter uma uniformização da ação dos membros de uma categoria profissional.”, visando à construção de uma identidade que seja conhecida, reconhecida e respeitada pelos demais membros sociedade. Cuartas, Pessoa e Costa (2000?) concordam com a autora quando definem que “[...] a ética faz parte da competência profissional, do domínio de conhecimentos necessários para desempenhar seu papel na sociedade, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias para realização do seu trabalho.” Os autores prosseguem considerando que

Os indivíduos imbuídos dos princípios característicos da profissão encontram na Ética, um espaço de reflexão crítica, sistemática, sobre a presença dos valores presentes na ação bibliotecária, estabelecendo princípios norteadores da conduta profissional que contribuem para dirimir dúvidas e solucionar conflitos, desmentindo a tão propalada crítica de serem as profissões regulamentadas redutos de corporativismo e de mera reserva de mercado.

O trabalho de Cuartas, Pessoa e Costa (2000?) faz um retrospecto dos códigos de ética, enfatizando o esforço do Conselho Federal de Biblioteconomia de manter atualizado o elenco de recomendações para o exercício profissional dos bibliotecários brasileiros, de forma a “[...] atender os avanços do mercado frente aos avanços tecnológicos e à política econômica do país.”

Os aspectos relacionados à ética profissional como outros temas afetos aos bibliotecários e ao seu exercício profissional verifica-se também em outros países e culturas, com visões que têm convergência com o eixo de preocupações que se observa no Brasil, talvez nem tanto com a ausência dos profissionais de suas associações, como aqui, mas com as práticas profissionais, a imagem social do bibliotecário e a identidade do trabalho.

Shachaf (2005, p. 514, tradução nossa) lembra que os códigos de ética são elaborados para garantir que aquelas áreas não cobertas pela legislação e que não devem ser de livre arbítrio “[...] focalizam os princípios e os valores que governam os comportamentos de uma pessoa ou grupo, com respeito ao que é certo e o que é errado.” Para Shachaf (2005) ética reflete crenças e valores compartilhados, e os códigos de ética têm a função de assegurar, para

a sociedade, que as pessoas que atuam naquele segmento estão conscientes de sua responsabilidade e de sua função.

A pesquisa de Shachaf (2005, p. 520-522, tradução nossa) teve por objetivo fazer uma comparação dos conteúdos dos códigos de ética de 28 países, dos quais obteve a versão em inglês, analisando itens que incluíram a inserção de temas como: integridade, precisão, liberdade de acesso à informação, conflitos de interesse e ganhos pessoais, liberdade de pensamento, qualidade de serviços, cooperação entre bibliotecas, desenvolvimento de coleções, censura, direito à privacidade, competência, propriedade intelectual e proteção aos direitos do autor, responsabilidade com o usuário, responsabilidade com a profissão (organização/associação e *status* da profissão), responsabilidade com outras profissões e organizações, responsabilidade com os colegas, responsabilidade com a organização para a qual trabalha, desenvolvimento profissional, responsabilidade com a sociedade e responsabilidade administrativa.

Conforme Shachaf (2005, p. 531-532, tradução nossa) as inserções de forma mais ou menos contundente dos temas estão relacionadas à cultura do país, ao grau de liberdade do cidadão, ao desenvolvimento sócio-econômico da nação, entre outros fatores, mas o conjunto de fatores utilizado como parâmetro de seus estudos parece ter sido metodologicamente correto, pois foi identificado em todos os códigos analisados. O que se torna muito expressivo, entretanto, são suas conclusões, quando são identificados pontos que certa forma se coadunam com algumas das preocupações expressadas por autores nacionais e incluem questões como:

Em que extensão esses códigos são conhecidos pelos profissionais de cada um dos países analisados? Em que medida os novos profissionais são educados e guiados por esses códigos nos diferentes países? Qual a influência desses códigos no exercício profissional? Que tipos de problemas éticos não são cobertos por esses códigos de ética? O que torna um código de ética efetivo? Como pode ser medido o efeito de um código de ética na *performance* profissional?

Embora alguns autores considerem o Código de Ética dos Bibliotecários no Brasil (BRASIL, 2002) mais um código de conduta, mesmo reiterando a importância das discussões que permeiam esse tema, o que se coloca é que essa estrutura de regras e determinações constitui-se de outra fonte de construção da identidade profissional e outro espaço de pensar sobre as ações e consequências das atividades realizadas. Destaca-se, nesse sentido, a importância desse documento como norteador de condutas e de postura profissional para o bibliotecário e como balizador de suas ações e opiniões sobre si mesmo e sobre os demais profissionais.

2.3.2 As organizações representativas da classe bibliotecária

A formação profissional poderia – e deveria – ser influenciada pelas organizações representativas de classe no que tange à construção da identidade, da visão e da compreensão dos papéis social e político da profissão e do desenvolvimento e reforço de seus valores.

No caso dos bibliotecários brasileiros, essas organizações compreendem organismos oficiais, como os Conselhos, e, também, as associações profissionais e/ou sindicatos, como indicam Moreno *et al.* (2007) em seu estudo sobre o papel das entidades de classe na educação continuada desses profissionais.

Qual o grau e quanto os bibliotecários percebem dessa influência deve ser compreendido, pois é por intermédio dessas organizações que são elaborados códigos de ética e conduta, além de serem esses órgãos os responsáveis pela atuação junto ao Poder Legislativo para que se votem leis de interesse da categoria, relacionadas ao exercício, à normatização e à regulamentação dos espaços profissionais, além de serem espaços onde é possível atuar no sentido de adotar um piso mínimo para o salário dos profissionais.

Com relação aos Conselhos é igualmente relevante a atribuição de fiscalização do trabalho e emprego, embora se deva reconhecer que esses órgãos não atuam igualmente na observância do exercício profissional de qualidade, o que poderia ser um espaço ocupado pelas associações e pelos sindicatos. Finalmente, são essas organizações representativas da classe bibliotecária que realizam ações mais articuladas e mais evidentes de divulgação de informações sobre a profissão e sobre os profissionais e que, em suma, atuam nas questões relacionadas ao *marketing* da profissão.

Considerando a legislação existente no país para o exercício profissional e as críticas a ela, já comentadas no capítulo 2.3.1 (Normas regulamentares de Biblioteconomia no Brasil), existem autores que têm uma visão menos contrária, como é o caso de Côrte (1991, p. 69). Seu livro traduz a preocupação com o melhor exercício profissional com capítulos que tratam do movimento associativo no país, considerada outra vertente do norteamento da profissão, como dito anteriormente. Nesse sentido a autora critica os profissionais pela sua ausência das Associações de Bibliotecários, pela baixa representatividade desses movimentos e pela importância das associações para o desenvolvimento profissional da categoria.

Seu texto é uma confirmação do que havia dito Almeida Junior (1985), que de forma bastante contundente critica a não participação dos bibliotecários junto às Associações de Classe e levanta algumas hipóteses, entre as quais: “[...] complexo de inferioridade. [...] descrença na importância da profissão. [...] desconhecimento da real função social.” Adiante o autor continua tentando entender essa ausência, considerando que os bibliotecários agem

dessa forma porque acreditam “[...] numa Biblioteconomia unicamente técnica.”, não pensam em si mesmos como “[...] agentes de transformação.”, deveriam pensar em si mesmos não como “[...] trabalhadores assalariados.”, pois assim poderiam desenvolver um sentido de classe. Finalmente, conforme Almeida Junior (1985), esse distanciamento deve-se, também, à visão dos bibliotecários de que as associações de bibliotecários nada fazem.

Relacionando as ações das associações de classe, responsáveis pelos Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação, entre outras iniciativas de cunho técnico-científico, Côrte (1991, p. 70) também critica a postura dos bibliotecários, de total distanciamento dessas associações quando constata que:

[...] o que é mais grave, os profissionais estão totalmente ausentes de suas Associações. Todas as ações acima mencionadas são uma iniciativa de uma pequena minoria, de uma pequena liderança existente na classe, que de fato representa a vanguarda da nossa profissão, mas que não possui legitimidade para representação da classe como um todo. Assim, nossas associações são ilegítimas, se considerarmos que estas representam os bibliotecários de cada Estado e estes não participam e nem delas se aproximam. Este fato provoca a elitização e um excesso de corporativismo, que é prejudicial à classe na sua relação com a sociedade, não apresentando resultados práticos que, efetivamente, venham contribuir para a melhoria da qualidade de vida e pleno exercício da cidadania.

Nessa análise deve ser considerado, igualmente, o aspecto relacionado com a tradição nacional em relação aos movimentos sociais e à aptidão brasileira de trabalhar de forma cooperativa, que não parece ser, ainda, um traço dominante, especialmente em uma profissão que, apesar de ser considerada liberal, é fortemente ancorada no exercício vinculado a alguma organização. Essa mesma preocupação é evidenciada por Rasche (2005, p. 175) em seu trabalho sobre ética, quando questiona acerca da possibilidade de “[...] existir ética profissional sem existir participação dos profissionais nos órgãos representativos da categoria?”

Retomando os itens identificados por Shachaf (2005) acerca do desconhecimento dos códigos de ética pelos bibliotecários, esses tornam-se ainda mais relevantes considerando-se o ingresso de diferentes perfis profissionais na área de informação, o que tem ressonância com os estudos de Freidson (1998)⁴⁴. Esse autor discorre de forma bastante profunda acerca das dificuldades de definir o que seja profissão, em contraposição a ocupação profissional e adiciona a preocupação com o aspecto de profissionalismo, como ingrediente a ser considerado para compreender esse conceito.

Para Freidson (1998, p. 57) considerar uma determinada ocupação como profissão é tanto uma questão relacionada pela forma como seus membros realizam suas atividades quanto pela influência dos órgãos oficiais que as reconhecem como tal.

⁴⁴ Ver maiores detalhes no capítulo 2.2 sobre Formação profissional.

De acordo com Freidson (1998, p. 247-249, 252), o exercício profissional implica no contato com outros indivíduos daquela profissão/ocupação, que são realizadas por intermédio das organizações representativas de classe, que ele denominou de “instituições de profissionalismo”, que se encarregam, também, de manter e desenvolver “[...] as normas que regem as relações entre seus membros e entre seus membros e a população.”, respeitando o aspecto da autonomia, que seria a capacidade dessa categoria de controlar a realização do trabalho. Para Rasche (2005, p. 176), é no segmento autonomia, “[...] que estão as corporações profissionais, associações e sindicatos.” Ainda segundo Rasche (2005, p. 176), “As associações profissionais são entidades representativas dos membros de uma dada profissão que promovem uma maior interlocução entre seus membros e destes com a sociedade.”

Em seu texto, Rasche (2005), discute a ética profissional, o papel das associações e a participação dos profissionais nessas entidades representativas de classe, como componentes que contribuem para a formação da identidade profissional e do reconhecimento social para a profissão. A autora apresenta, em seu trabalho, uma colocação que reflete a complexidade dessas relações, além de fazer perceber sua crítica com a não participação dos profissionais nesses espaços associativos ou representativos, que lembra Côrte (1991):

Se de um lado, é no espaço associativo que as pessoas vão se encontrar, trocar idéias, resolver conflitos e encontrar soluções para problemas comuns, também é nesse ambiente que haverá espaço para a publicação de boletins informativos, revistas, realização de cursos e eventos permitindo assim a educação continuada. De outro lado, o comprometimento com a realização de um bom trabalho, a excelência de conhecimentos, competências e técnicas interferem na autonomia, reflexo de um grupo em que a ação individual integra a ação do grupo. Desse modo, as associações não devem ser compreendidas como a ação de um grupo de representantes, se assim for, as ações serão fragmentadas, a categoria não será reconhecida por uma identidade forte. É a partir de ações coletivas pautadas na compreensão do conjunto de elementos que compõe o cenário de uma sociedade profissionalista. (RASCHE, 2005)

Outra vertente de organização representativa de classe é a Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia – ABEBD, analisada por Souza (2006). Nesse trabalho, o autor reencontra os caminhos percorridos até a criação da entidade, em 1967, que teria por “[...] objetivo difundir uma reflexão [...] em torno de uma etapa importante da estruturação da carreira bibliotecária no Brasil, que foi a organização política dos profissionais mais diretamente ligados à Educação Bibliotecária.” Souza (2006) mostra que no processo de efetivação dessa associação outras instâncias que igualmente representam os bibliotecários floresceram, como a Federação das Associações de Bibliotecários - FEBAB, em 1959, consolidam-se os eventos para a categoria, como o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação – CBBDD, cuja primeira edição remonta a 1954, todos com a mesma perspectiva de discussão, proteção e

profissionalização da carreira bibliotecária. Com relação à ABEBD, Souza (2006) relaciona suas finalidades das quais destacam-se algumas que têm impacto no perfil e formação profissional:

[...]

- Planejar o desenvolvimento da Formação Biblioteconômica;
- Preconizar medidas que objetivem a formação e aperfeiçoamento do pessoal docente;
- Sugerir o estabelecimento de requisitos mínimos do regime de estágio e de bibliotecas-laboratório cuja adoção deve ser generalizada;
- Sugerir medidas que visem o aperfeiçoamento dos meios de seleção de candidatos ao estudo de Biblioteconomia [...].

Voltando a Corte (1991, p. 67-123) e às entidades representativas, a autora parte dos artigos 5º, 8º e 37º da Constituição brasileira de 1988, para resgatar os fundamentos normativos que poderiam justificar e defender a causa das associações de classe. Depois dessa introdução ela lista as associações vigentes à época de seu estudo, apresenta o texto do estatuto da Federação das Associações de Bibliotecários – FEBAB, igualmente mostra o estatuto da Associação Brasileira do Ensino de Biblioteconomia e Documentação – ABEBD, da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia – ANCIB, tudo isso precedido do texto do então código de ética do bibliotecário.

Após todos esses anos, as associações de bibliotecários não parecem ter conseguido se tornar organismos nos quais os bibliotecários têm participação ativa e que sejam efetivamente representativos da categoria, poucos são os sindicatos profissionais (apenas quatro foram identificados – Bahia, Minas Gerais, Paraná e São Paulo) além de criadas outras organizações representativas como a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação – ABECIN (criada em 2001). Moreno *et al.* (2007) ponderam, em sua pesquisa, que muitas associações profissionais não possuem páginas na *Internet*, o que dificulta o contato e o acesso à informação, além de essa ausência na *web* não contribuir para encurtar a distância entre esses organismos e os profissionais. Esse comentário merece ser considerado e observado pelas entidades representativas dessa categoria profissional que tem, nas tecnologias de informação e de comunicação, em muitos casos, sua fonte primária de obtenção de conteúdos, tanto para seu próprio aprimoramento profissional, quanto para o de seus usuários.

Mesmo os códigos e estatutos tendo sido atualizados, algumas associações de classe e sindicatos criados após o levantamento de Corte (1991) (embora duas associações tenham sido extintas – Bahia e Rondônia), permanece a questão levantada anteriormente acerca da

influência dessas organizações representativas dos bibliotecários em suas construções e elaborações de auto-imagem profissional.

As associações de bibliotecários e/ou de profissionais da informação, embora possam ter funções um pouco diferenciadas nos diversos países, guardam semelhanças tanto de propósitos, quanto de funções e objetivos, igualmente de problemas. Essas associações são também reflexo da realidade socioeconômica e cultural dos países.

Analisando a história das associações profissionais na África do Sul, num período que varre a maior parte do século XX, Walker (2006) mostra as dificuldades de seu estabelecimento num país cujos problemas relacionados ao *apartheid* não ficaram à margem da associação dos bibliotecários – *South African Library Association/SALA*⁴⁵ – que chegou, em determinado momento a se constituir de uma associação apenas para brancos. A história narrada por Walker (2006, tradução nossa) apresenta a instabilidade das associações, suas junções e separações, não apenas por questões relacionadas ao preconceito relacionado à cor da pele, mas também pela sua atuação que em alguns momentos permitia o ingresso de membros que não tivessem o curso universitário, em outros momentos não abrindo essa possibilidade para os técnicos ou outros perfis que atuavam no segmento de informação, conforme trecho extraído de seu artigo:

Ao final da década de 1970 o impacto dos computadores e dos sistemas computadorizados de armazenamento e recuperação da informação nas bibliotecas foi substancial e “ciência da informação” estava mudando o perfil dos bibliotecários qualificados. Vendo isso como uma oportunidade de fortalecer ainda mais a imagem dos bibliotecários como “cientistas da informação” ou pelo menos como “profissionais da informação” e implicitamente tratar da questão da exclusão racial, os membros mais antigos da Associação dos Bibliotecários da África do Sul visitaram as filiais, promovendo a idéia de um novo instituto para os novos graduados onde o único requisito para se tornar membro da associação dos bibliotecários seria o de ter obtido uma qualificação de quatro anos na universidade.

Outro exemplo de visão acerca das associações de bibliotecários é a de Ghosh (2006, tradução nossa), que, estudando as associações de bibliotecários na Índia, entende que:

A missão básica de qualquer associação de bibliotecários é desenvolver produtos e serviços que oferecem soluções práticas aos problemas deste mundo de mudanças rápidas, prover liderança para o desenvolvimento, promover e melhorar serviços de bibliotecas, promover a excelência por meio de programas de educação continuada, publicações, comunicações e prêmios, e levar a cabo outros programas inovadores.

Ghosh (2006) acrescenta que as associações têm a responsabilidade de prover os profissionais da informação de países em desenvolvimento de informações relevantes para que possam seguir competitivos no mercado. Mas é do trabalho de Abram (2006), acerca de

⁴⁵ Associação dos Bibliotecários da África do Sul.

associações profissionais no Canadá, que se extraem as mais significativas observações acerca do papel e da relevância das associações de bibliotecários para os profissionais em exercício e para os novos.

Na visão de Abram (2006, tradução nossa) “As associações de bibliotecários existem por três razões principais: manter uma rede entre seus membros, prover oportunidades para o desenvolvimento profissional e advogar para a profissão e/ou usuários.” De acordo com o autor, o papel de uma associação deve ser o de contribuir para o engrandecimento da profissão e formar novos líderes de modo a mantê-la viva e em constante desenvolvimento, sem demérito para os bibliotecários com mais tempo de profissão. E, por outro lado, se elas não fornecerem produtos e serviços aos seus membros, está fadada a não sobreviver. Em *slides* disponíveis na *Internet*⁴⁶, D’Amicantonio considera que as funções das associações nacionais de bibliotecários são as de construir uma rede de contatos, educar e treinar seus associados e servir como órgão de representação. E, prossegue D’Amicantonio, entre os benefícios provenientes das associações estão, além dos relacionados às funções especificadas por ele, divulgar os avanços tecnológicos, compartilhar conhecimentos, oportunidades de emprego e de ter acesso a pesquisas e publicações.

Modelo de associação, mesmo que de forma não evidenciada pelos textos, a *American Library Association*⁴⁷ é uma entidade poderosa nos Estados Unidos, congrega 64 mil profissionais e tem, entre suas funções, conforme D’Amicantonio, definir os padrões pelos quais os cursos de Biblioteconomia e de Ciência da Informação são avaliados. No caso dos bibliotecários dos Estados Unidos, a associação profissional não parece padecer das dificuldades de outros países.

Abram (2006, tradução nossa) é bastante crítico com relação aos bibliotecários quando constata que:

Padrões têm uma grande influência na nossa profissão e, ainda, o processo para desenvolver padrões é pouco compreendido em suas raízes. As associações necessitam fazer um trabalho melhor de auxiliar seus membros a compreender o antigo mundo de desenvolvimento de padrões. [...] Se queremos manter a relevância devemos assegurar que todos entendem as conseqüências de novos padrões que podem não ter tido um envolvimento forte das novas comunidades de usuários.

Sobre os treinamentos, as observações de Abram (2006) são aplicáveis ao Brasil, que possui uma dimensão continental. Ele ressalta que os treinamentos presenciais podem ser

⁴⁶ D’AMICANTONIO, John. **Associações de bibliotecários nos EUA**. Disponível em: <<http://www.irc.embaixadaamericana.org.br/download/Library%20Associations.ppt>>. Acesso em: 30 jan. 2007.

⁴⁷ Associação de Bibliotecas Americana (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.ala.org/>>. Acesso em: 6 abr. 2007.

inviabilizados e que as associações devem reconhecer as tecnologias e adotar novos formatos que incluem educação à distância, teleconferências ou aprendizagem por meio eletrônico, o que se coaduna com o comentário de Moreno *et al.* (2007) sobre a inexistência de páginas das associações na *Internet*.

Abram (2006, tradução nossa) lembra ainda que as novas tecnologias de informação e de comunicação

[...] estão criando um novo perfil de usuário que deve ser considerado quando desenvolvemos serviços bibliotecários. E não devemos nos esquecer que o mundo dos trabalhadores das bibliotecas não está imune a essas correntes de mudança demográfica. Nós estamos em processo de identificar *gaps* relacionados às novas gerações, novas divisões digitais e um novo mosaico de valores. Isto pode não ser definido apenas pela educação, idade ou renda e pode ser sobre outras marcas de valores e estilos de vida.

Apesar dessas constatações, Abram (2006, tradução nossa) diz que não houve nenhuma mudança nas ações das associações profissionais nos últimos 15 anos, o que não é diferente do que se observa, com exceções, para as associações de bibliotecários no Brasil. O autor ilustra sua observação dizendo que “A falha de adaptação às novas modalidades pode tornar as nossas associações uns dinossauros. Dinossauros não foram extintos por causa das mudanças climáticas, mas devido à sua incapacidade de se adaptar.”

Do que se depreende dos textos e das colocações dos autores, é que o papel das associações deveria ser mais presente e atuante, especialmente no tocante ao desenvolvimento e crescimento da Biblioteconomia, o que, em última análise, acabará por influenciar a imagem da profissão.

Desse modo, finaliza-se essa primeira parte da revisão de literatura que é um panorama dos diversos temas que permeiam a questão da imagem profissional do bibliotecário. Portanto, do tema inicial da pesquisa, que trata da imagem e auto-imagem profissional, emergiram questões como a construção da identidade, os estereótipos, os valores profissionais, que embasam da questão. Sob a perspectiva de construção dessa imagem profissional, foram estudados os temas relacionados com formação profissional, subdividido em estudos sobre profissão, trabalho, emprego e competência e focalizando de forma mais específica os bibliotecários. Considerando-se, ainda, que essa pesquisa é centrada no Brasil e nos profissionais que atuam no país e levando-se em conta que outros ambientes e agentes também contribuem para essa construção e expressão da imagem profissional, a Biblioteconomia no país foi estudada, assim como as normas regulamentares que delimitam, definem e instruem quanto à forma de atuar, os ambientes de trabalho e a postura profissional, por meio de seu código de ética. Esse é o braço oficial da formação profissional, assim como os

Conselhos Regionais de Biblioteconomia, que integram esse outro segmento de formação que inclui as organizações representativas da categoria, como associações e sindicatos, último item dessa primeira parte da revisão de literatura.

2.4 Representações sociais

Onde os homens se reúnem em povo, uma influência oculta se lhes associa: uma como inteligência comum, daí, os enigmas da multidão. A solução destes enigmas não a procurem portanto nos indivíduos, que neles não reside; está na entidade coletiva; [...].⁴⁸

A constituição da auto-imagem de uma categoria profissional envolve múltiplos aspectos e diferentes abordagens são possíveis e passíveis de serem escolhidas como aporte teórico. Dada a subjetividade do tema, mas de todo modo ancorado na literatura que discute os diferentes itens que podem compor esse conjunto que poderá resultar na auto-imagem dos bibliotecários, como os estereótipos, a questão das identidades, os valores e as crenças, a abordagem baseada nas representações sociais parece ser bastante apropriada em função de sua concepção que parte da compreensão dos indivíduos acerca de sua visão de determinado fenômeno, ou grupo social e de sua expressão a respeito.

Segundo esta teoria, aquilo que um indivíduo entende como sendo um retrato de si mesmo provavelmente está coerente com o pensamento coletivo sobre esse grupo, seus modos, comportamentos e estruturas sociais. Para Moscovici (2003, p. 37),

Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévio sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.

O que se depreende dessa definição e que se encontra nos diversos textos sobre as representações sociais é que elas são uma forma de compreender o mundo, de partilhar o conhecimento e de estabelecer a comunicação entre os membros de uma comunidade. (CARDOSO, 2000; JODELET, 1988; JOVCHELOVITCH, 1996; LAHLOU, 1996; VOELKLEIN e HOWARTH, 2005; WAGNER *et al.*, 1999). Conforme Abric (2000, p. 28), então, pode-se

[...] definir a representação como uma visão funcional do mundo que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar sentido à suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo de se adaptar e de encontrar um lugar nesta realidade.

⁴⁸ DINIS, Júlio. O espólio do senhor Cipriano. In: MOUTINHO, José Viale (Org.). **Os melhores contos portugueses do século XIX**. São Paulo: Landy, 2003. p. 154.

Abric (2000, p. 28) complementa seu pensamento explicando que a “[...] representação funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas.” Essa mesma visão é expressa de forma ligeiramente diferente por Jodelet (2001, p. 22), que entende

[...] que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo e a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

Conforme Wagner (2000, p. 18), “[...] representações sociais referem-se apenas a objetos ou questões socialmente relevantes.” Para Lahlou (1996, p. 159) quando ocorre um conjunto de elementos cognitivos que são associados, isto se constitui de uma representação. E as representações sociais são as representações compartilhadas por um determinado grupo. Mas, conforme Raudsepp (2005, p. 459), não apenas isso,

As pessoas devem também ser capazes de relacionar uma representação social com sistemas de identidades de certos grupos. [...] o processo de representação social requer um alto nível de competência social: é necessário ter uma visão de representações alternativas dentro de uma comunidade e da lógica de sua distribuição social. Somente com base nesse meta-conhecimento pode um indivíduo posicionar-se apropriadamente dentro de um campo representacional.

Esse pensamento se coaduna com o de Abric (2000, p. 28), quando afirma que “A representação não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significativa.” e com Wagner (2000, p. 14) que assim se expressa:

Um certo número de pessoas compartilhando uma opinião é uma condição necessária mas não suficiente para que um sistema de conhecimento seja chamado de representação social. Adicionalmente, os membros dos grupos têm de conhecer os limites de sua validade; quer dizer, eles precisam ser capazes de atribuir uma determinada representação ao próprio grupo, se eles a subscrevem.

É igualmente importante definir o conceito de grupo que, segundo Lahlou (1996, p. 157), pode ser assim denominado se se partilha realidades, isto é conjuntos de objetos, de materiais ou outros, por meio dos quais e com os quais seus membros interagem. Outro trabalho que tenta caracterizar o que pode ser considerado grupo é o de Wagner *et al.* (1999). Segundo os autores um grupo é um subconjunto de um universo de pessoas que compartilha a compreensão do mundo e que se distingue de outros grupos nessa compreensão. Se não fosse essa diferenciação “[...] falar de grupos sociais não faria muito sentido.” (WAGNER *et al.*, 1999,

p. 97, tradução nossa). Ainda conforme esses autores (1999, p. 97, tradução nossa) “Os grupos nunca vivem de forma isolada. Eles não estão isolados nem das forças da natureza nem de outros grupos sociais.”

A teoria das representações sociais é estudada sob diversas disciplinas, embora, segundo Cardoso (2000, p. 21),

[...] dentre as diversas ciências sociais, até o presente momento, a psicologia social foi aquela que soube manejar com maior precisão, bem como com atenção às complexidades que envolve uma noção que, nas demais disciplinas (incluindo a história cultural), só aparece em formas desanimadoramente vagas [...].

No caso da Psicologia Social entende-se que

[...] o que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem a suas instituições e as imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu. (MOSCOVICI, 2003, p. 173).

Cardoso (2000, p. 23), comentando a amplitude dos estudos de representações sociais no âmbito da Psicologia Social, considera que estas “[...] têm entre suas características a de facilitar a comunicação, por assegurarem um capital cognitivo comum aos membros de um mesmo grupo.” Para Abric (2000, p. 28-30) as representações sociais respondem a quatro funções essenciais para a dinâmica das relações sociais que são:

- Função de saber, que possibilita compreender e explicar a realidade, definindo um “[...] quadro de referência comum que permite as trocas sociais, a transmissão e a difusão desse saber ‘ingênuo’”;
- Função identitária, que permite a proteção das especificidades dos diferentes grupos, o que “[...] terá um papel importante no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros, e, em especial nos processos de socialização.”;
- Função de orientação, relacionada com os comportamentos e as práticas, o que implica num caráter prescritivo “[...] de comportamentos ou de práticas obrigatórios.”, definindo aquilo que é “[...] lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.”;
- Função justificadora, que explica as tomadas de posição e os comportamentos, que podem “[...] manter ou reforçar a posição social do grupo de referência.”.

Sá (1998, p. 32-33), abordando as representações sociais como campo de pesquisa identifica três perguntas que poderiam ser formuladas para compreender esse saber dos grupos e dos indivíduos que são:

(1) “Quem sabe e de onde sabe?”, cujas respostas apontam para o estudo das condições de produção e circulação das representações sociais; (2) “O que e como se sabe?”, que corresponde à pesquisa dos processos e estados das representações sociais; (3) “Sobre

o que se sabe e com que efeito?”, o que leva a uma ocupação com o estatuto epistemológico das representações sociais.

Ao responder essas indagações Sá (1998, p. 32-33) explica que, com relação às condições de produção e circulação das representações sociais identificam-se questões ligadas à cultura, à linguagem e comunicação e à sociedade, relacionadas com fatores como valores, modelos, contexto histórico, inserção social dos indivíduos, entre outros. Para a segunda pergunta, o autor define que, nesse caso, a pesquisa se “[...] ocupa dos suportes da representação (o discurso ou o comportamento dos sujeitos, documentos, práticas, etc.) [...]” para compreender a formação das representações, sua lógica particular e suas transformações. Para a terceira pergunta, conforme Sá (1998), “[...] focalizam-se as relações que a representação guarda com a ciência e com o real [...], da difusão dos conhecimentos e da transformação de um tipo de saber em outro [...]”, assim como procura perceber as diferenças entre as representações e o objeto representado, em termos de “[...] distorções, supressões e suplementações.”

As explicações de Sá (1998) estão sintetizadas no Quadro 3 de Jodelet (2001, p. 32-39), que explica sua figura a partir das possibilidades de estudo, das aplicações e dos resultados da utilização das representações sociais para compreender os fenômenos sociais.

Cada coluna é explicada detalhadamente pela autora, mas o que se depreende do exame de seu Quadro é que as representações requerem condições de produção e de circulação que incluem a cultura, a linguagem e a sociedade para que emerjam e circulem, esquematizadas na primeira coluna, na parte central a autora mostra de que maneira a representação se caracteriza como uma forma de saber e de que modo interagem os elementos que constroem esse saber e, por fim, a terceira coluna mostra os eixos de conhecimentos que embasam a utilização dessa teoria.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

PROCESSOS E ESTADOS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Cultura (coletiva / de grupo)

- valores
- modelos
- invariantes

Linguagem e Comunicação

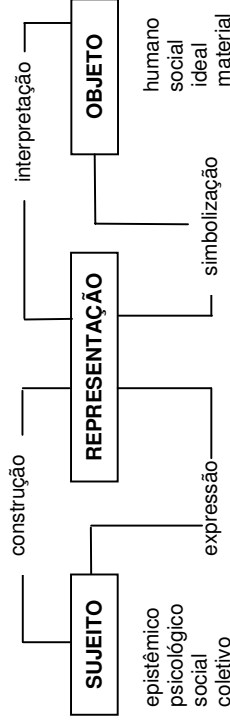
- interpessoal
- institucional
- mediática

- Sociedade
- partilha e vínculo social
 - contexto ideológico, histórico
 - inscrição social
 - posição
 - lugar e função sociais
 - pertença grupal
 - organização social
 - instituições
 - vida dos grupos

suportes
conteúdos
estrutura
processos
lógica

FORMA DE SABER

modelização



compromisso psicossocial

PRÁTICA

Experiência Ação
Função das representações sociais
Eficácia das representações sociais

Valor de verdade

- relações entre pensamentos natural e científico
- difusão dos conhecimentos
- transformação de um saber em outro
- epistemologia do senso comum

Representação e Ciência

Representação e Real

Defasagem

- distorção
- subtração
- suplementação

Valor de realidade

Quem sabe e de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que sabe e com que efeitos?

Quadro 3 – O espaço de estudo das representações sociais⁴⁹

⁴⁹ Fonte: JODELET, Denise. Quadro 1. O espaço de estudo das representações sociais. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001. p. 33.

Jovchelovitch (1996, p. 122, tradução nossa), discutindo a importância das representações sociais, declara que estas “[...] são formas de mediação simbólica firmemente ligadas à esfera pública – como espaço de realidade intersubjetiva –, que é o terreno onde elas são geradas, cristalizadas e eventualmente transformadas.” A autora continua, afirmando que “Representações sociais [...] não são produtos de mentes puramente individuais, mesmo que elas encontrem expressão nas mentes individuais. [...] elas têm uma gênese social, desenvolvidas num espaço social e funcionam como parte da vida social.” Wagner *et al.* (1999, p. 96, tradução nossa) também evidenciam o caráter coletivo das representações enfatizando que “Ao invés de imaginar as representações dentro das mentes é melhor imaginá-las através das mentes [...].”

Moscovici (2001, p. 63) estabelece de forma clara essa importância das representações quando diz que:

Cada vez que um saber é gerado e comunicado – torna-se parte da vida coletiva –, isso nos diz respeito. E, em particular, quando esses saberes enquanto tais servem para a solução de algum problema social ou para a explicação de algum evento: o aparecimento de uma epidemia – a Aids no momento –, uma catástrofe como a de Tchernobyl. Enfim, tudo o que resulta da ideação coletiva nos afeta em maior ou menor grau.

Em relação às definições, Franco (2004) estabelece que “[...] as representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos.”. Para esta autora, a forma de explicitação de sua compreensão ou percepção de determinada situação é realizada por meio de mensagens que são “[...] mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão *ancoradas* no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.”. Para Wagner *et al.* (1999, p. 96, tradução nossa) “[...] uma representação social é o conjunto de pensamentos e sentimentos expressados em forma de comportamento verbal e público de atores os quais constituem um objeto para um grupo social.”.

Finalmente, para Farr (1988, p. 386, tradução nossa) “As representações sociais têm uma dupla função: tornar o que é estranho em algo familiar e o que é invisível, perceptível.”

2.4.1 Ancoragem e objetivação

Como as representações são uma forma de compreender o mundo e os fenômenos, parece ser relevante conhecer o ponto de vista de Bourdieu (2004, p. 8) que, estudando a questão do poder simbólico, inicia seu trabalho falando acerca do significado de simbólico e de sua evolução. Para ele, “[...] a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes (senso = consenso).” O que é uma idéia que encontra sua relação com o que, recorrentemente, aparece na teoria das representações

sociais quando se fala em senso comum. Pode-se traçar um paralelo e entender que senso comum pode se tratar, em verdade, do consenso. Wagner (2000, p. 17-18) pondera que mesmo reconhecendo que o consenso de uma representação não seja referente a 100% do grupo, ele pode ser compreendido como um consenso funcional que, nesse caso, expressaria a “[...] necessidade de manter o grupo como uma unidade social reflexiva e de uma maneira organizada [...].”

Conforme Moscovici (2003, p. 45), que desenvolveu essa teoria por meio de um estudo, realizado em 1960, acerca da compreensão dos franceses sobre a psicanálise, o conceito de representações sociais, nasceu de Durkheim, que identificou as representações coletivas que “[...] abrangiam uma cadeia completa de formas intelectuais que incluíam ciência, religião, mito, modalidades de tempo e espaço, etc.” Para Moscovici, entretanto, as representações sociais diferem das representações coletivas de Durkheim por se constituírem de uma maneira de compreender e comunicar o que já se sabe e por possuírem uma dinâmica ao longo do tempo, que explica o “nascimento” e a “morte” de algumas representações. Essa constatação casa-se com o entendimento de Voelklein e Howarth (2005, p. 433, tradução nossa) que reconhecem o caráter temporal das representações e sua mobilidade:

Uma representação não é um mero reflexo ou reprodução de uma realidade externa. Existe um espaço simbólico no desenvolvimento e na negociação das representações, que é porque todas as pessoas possuem um poder criativo e intervêm na sua formação e uso.

A teoria das representações sociais está fundamentada em dois processos que são a ancoragem e a objetivação. Por ancoragem Moscovici (2003, p. 60) entende que é o mecanismo de reduzir idéias estranhas a “[...] categorias e imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar.” Nesse sentido, o que fazemos é tentar aproximar o desconhecido (seja uma idéia, um comportamento, uma pessoa) a uma categoria ou uma classificação próxima de conceitos que reconhecemos. Segundo o autor, esse sistema de classificação e nomeação tem por objetivo principal “[...] facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões.” (MOSCOVICI, 2003, p. 70)

Outra autora que apresenta uma definição acerca de ancoragem é Marková (1996). Para ela, tanto o conceito de ancoragem quanto o de objetivação constituem-se de processos de globalização. Assim, a autora (1996, p. 187, tradução nossa) considera que “Ancoragem é um processo de globalização que faz com que o mundo se torne mais simples e mais dócil. Uma pessoa enfrenta a complexidade do mundo agrupando eventos e objetos e tratando-os como similares ou equivalentes.” Billig (1998, p. 6, tradução nossa), cujo trabalho discute acerca do caráter universal ou particular da teoria das representações

sociais, reforça essas definições dizendo ser a ancoragem o mecanismo de reduzir o medo pela imposição de classificações familiares. Para ele, a ancoragem não está confinada à vida de sociedades específicas, mas opera através de divisões históricas e antropológicas.

Jodelet (1988, p. 371-372, tradução nossa) comentando acerca da complexidade do conceito de ancoragem e de sua relação com a objetivação esclarece que este processo (de ancoragem) “[...] articula as três funções base da representação: função cognitiva de integração da novidade, função de interpretação da realidade, função de orientação da condução e de relação social.”, que são compatíveis com as quatro funções associadas às representações sociais de Abric (2000, p. 28-30), mencionadas anteriormente.

Objetivação é definido por Moscovici (2003, p. 71-72) como o processo de “[...] descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem.” Marková (1996, p. 187) apresenta o conceito de objetivação em outros termos como sendo a reconstrução de um evento em algo que é menos diferenciado, ou seja similar a algo já conhecido, alguma coisa convencional. Wagner *et al.* (1999, p. 99, tradução nossa) explicam a objetivação da seguinte forma:

Grupos sociais que são relativamente fechados em termos de comunicação estão provavelmente desenvolvendo suas próprias interpretações de fenômenos não familiares ou assustadores. [...] Objetivação é o mecanismo pelo qual o conhecimento socialmente representado alcança sua forma específica. Isto significa construir um ícone, metáfora ou tropo⁵⁰ que representa o novo fenômeno ou idéia.

Billig (1988, p. 7, tradução nossa) entende que a objetivação tem função semelhante à da ancoragem que é a de tornar o fenômeno não familiar em familiar, mas considera que somente alguns tipos de crenças podem ser objetivados. Ele complementa essa posição reiterando que essas crenças são essencialmente não religiosas, o que se compreende, pois a religião transcende a racionalidade e situa-se num plano mais relacionado aos dogmas e à fé que cada grupo religioso professa. A objetivação, assim, conforme Billig (1988, p. 7, tradução nossa) “[...] pode ser vista como um processo que produz uma natureza particular de uma experiência comunitária na qual o abstrato é traduzido para o mundo dos objetos.”

Em síntese, para Marková (1996, p. 189, tradução nossa), que ao longo de seu texto discute o desenvolvimento do pensamento e do conhecimento sob a perspectiva individual e a coletiva,

Tanto a ancoragem quanto a objetivação são características do desenvolvimento do conhecimento humano em geral e das representações sociais em particular. Ambas são processos, antagônicos, embora complementares, para a diferenciação cognitiva. Na aquisição, manutenção e mudança do conhecimento, globalização e diferenciação ocorrem. No entanto, enquanto no desenvolvimento do intelecto e do conhecimento

⁵⁰ Tropo: emprego de uma palavra em sentido figurado. (FERNANDES, Francisco; LUFT, Pedro Celso; GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário brasileiro globo**. 46. ed. São Paulo: Globo, 1996.)

científico o foco é na auto-diferenciação cognitiva, na formação das representações sociais o foco é na globalização.

2.4.2 Aplicações, estudos e críticas

A teoria das representações sociais tem sido utilizada, como dito anteriormente, na fundamentação de estudos em diversas áreas, notadamente na de Saúde, na de Sociologia, na de Educação, na de Psicologia Social e, de modo ainda tímido, na Ciência da Informação, e centra seu interesse de pesquisa no “[...] ser humano, enquanto ele faz perguntas e procura respostas ou pensa e não enquanto ele processa informação, ou se comporta.” (MOSCOVICI, 2003, p. 43) e sua “[...] análise detalhada [...] e de suas transformações ou substituições no tempo, na sociedade em estudo, pode servir para uma inferência confiável das motivações envolvidas naqueles processos decisórios que orientem as ações dos sujeitos individuais ou coletivos.” (CARDOSO, 2000, p. 34).

Em sua tese de doutoramento, Jovchelovitch (2000) apresenta um robusto estudo sobre a importância das representações sociais para a construção e compreensão do que se entende por espaço público no Brasil. Além da relevância do tema, o trabalho contém uma análise aprofundada da teoria das representações sociais, de suas limitações e de suas conexões com outras teorias igualmente importantes, como a questão das imagens, do desenvolvimento do Eu, da relação do Eu individual com o meio ambiente e dos símbolos.

Outro ponto abordado por Jovchelovitch (2000) é a importância da noção de representação de Denise Jodelet. Em seu estudo, Jodelet (1988, p. 358-359) mostra que a representação é uma forma de conhecimento social e pode ser percebida nos diferentes contextos e segmentos, como, por exemplo, o resultado da elaboração de uma coletividade sobre um determinado tema ou problema, ou a noção de representação sócio-espacial por grupos que vivem na periferia, ou, ainda, acerca das percepções sobre uma determinada ação governamental, aspectos que ela demonstra por meio de diferentes estudos. De todo modo, o que Jodelet (1988, p. 360) coloca é que as representações sociais são um modo de perceber o senso comum, um instrumento para compreender o outro.

Cardoso (2000, p. 34), de certo modo, compartilha dessa definição, quando considera que

[...] os seres humanos tendem, individualmente ou em grupo, a efetuar escolhas que orientem suas ações em dada situação ou conjuntura, mais frequentemente em razão de representações socialmente difundidas do que de características objetivas dos referentes (objetos) a que essas representações remetem.

Essa afirmação é importante e relevante se pensarmos nas conseqüências dessas ações sob a perspectiva do exercício profissional, sobre o olhar dos indivíduos tanto para seu próprio grupo quanto para os demais grupos sociais e da resultante que essas

representações têm do ponto de vista mercadológico, social e, por que não, da imagem profissional.

Para Jodelet (1988, p. 360, tradução nossa), as representações sociais

[...] se apresentam sob formas variadas, mais ou menos complexas. Imagens que condensam um conjunto de significações; sistemas de referência que nos permitem interpretar as ocorrências, ou mesmo dar um sentido ao inesperado; categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos, os indivíduos com os quais nos relacionamos [...].

e os meios pelos quais apreendemos esses códigos e esses conhecimentos do senso comum são por intermédio das tradições, da educação e da comunicação social. Esse conceito de Jodelet é, de certa forma, compartilhado por Giddens (2002, p. 28) quando este afirma que “A linguagem e a memória estão intrinsecamente ligadas, tanto ao nível da lembrança individual quanto ao da institucionalização da experiência coletiva.”, já que a linguagem é o meio pelo qual os homens se distinguem, ainda segundo Giddens, “[...] elevando a atividade humana além da imediatez da experiência dos animais.”

Em texto bastante denso, Wagner (1996) levanta questões acerca da relação do construcionismo e das representações sociais mostrando seus pontos de convergência e o distanciamento do primeiro com o desenvolvimento dos estudos da segunda. De todo modo, o que é mais se destaca em seu trabalho é análise que faz das nuances de cada uma das teorias, especialmente focalizando os estudos de Moscovici e de Jodelet, além de sua interpretação para a teoria das representações sociais.

Segundo Wagner (1996, p. 106, tradução nossa)

Difícilmente alguém negará que a grande maioria, se não todo, do nosso conhecimento é socialmente elaborado, assim construído por e dentro de processos sociais. Mesmo aparentemente idiossincrático o conhecimento e as crenças pessoais derivam basicamente de instituições sociais como escola, mídia e outras formas de processos de comunicação.

Wagner (1996, p. 109, tradução nossa) acrescenta, ainda, que

[...] representações são as formas e os nomes específicos que um grupo ou uma sociedade dá a certas áreas do mundo. Este mundo de coisas não deve necessariamente ser passível de descrição em termos físicos. Mesmo ‘nadas’ físicos, como Deus, justiça, democracia, amor etc., constituem relevantes áreas em mundos sociais.

O autor, explicando o que considera representações, coloca que “O que aparece como uma relativa constante através de diferentes contextos e pessoas em um grupo constitui a representação.” e complementa afirmando que esta (a representação) tem relação com um determinado período (WAGNER, 1996, p. 111, tradução nossa), o que é compatível com o que os autores identificam acerca da perspectiva temporal relacionada à visão de mundo de uma dada sociedade.

Um aspecto que merece destaque no trabalho de Jovchelovitch (2000, p. 79) é a idéia de que os estudos de representações sociais devem ser vistos além do “[...] psiquismo individual [...]”. Segundo ela, quando tratamos de representações sociais “[...] a análise já não está centrada no sujeito ontológico, mas nos fenômenos produzidos pelas construções particulares do campo social”. Continuando, a autora diz que

[...] a questão central é o reconhecimento de que o olhar da Psicologia Social – e a análise das representações sociais – se dirigem ao social enquanto totalidade. E da mesma forma que o social é mais do que um agregado de indivíduos, as representações sociais são mais do que um agregado de representações individuais.

Moscovici (2003, p. 41) confirma o caráter coletivo das representações quando afirma que elas “[...] não são criadas por um indivíduo isoladamente [...]”, mas reconhece a influência dos pensamentos individuais e do tempo quando adiante diz que uma vez que as representações são criadas, “[...] elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.” Essa constatação do processo evolutivo das representações é importante pois se assim não fosse essa teoria não poderia explicar a óbvia evolução e modificação das sociedades em todos os âmbitos: comportamental, cultural e mesmo científica.

Outro autor que reconhece a influência do pensamento do indivíduo para o grupo é Wagner (2000, p. 15). Conforme seu argumento, explicando essa relação, “Qualquer tipo de conhecimento idiossincrático, atitudes pessoais, etc., pode ser incluído [...]” na categoria de conhecimento pessoal ou teorias subjetivas. Para Wagner (2000, p. 15), as representações individuais “São dispositivos para definir e categorizar individualmente situações relevantes, explicar e justificar experiências subjetivas, e por esse meio estabilizar sentimentos e auto-estima.” Finalmente, ele estabelece que se não houvesse espaço para esse pensamento idiossincrático permear o pensamento social não seria possível explicar a criatividade e a inovação, que estariam engessadas pela dependência do conhecimento coletivo.

O estudo e a compreensão do fenômeno das representações sociais são, no dizer de Spink (2004, p. 89), questões complexas, pois pressupõem a desconstrução da dicotomia entre o individual e o coletivo. Para a autora, não basta analisar o fenômeno sob a perspectiva do que ela denomina de nível intra-individual “[...] (como o sujeito processa a informação) ou social (as ideologias, mitos e crenças que circulam em uma determinada sociedade).” Spink reforça a necessidade de compreender de que forma o pensamento individual “[...] se enraíza no social [...]”, identificando, nesse ponto, as condições em que esse pensamento se produziu, e, continua a autora, de “[...] como um e outro se modificam mutuamente.”

Spink (2004, p. 89) diz que essa forma de entender as representações sociais

[...] implica em um triplo esforço:

1. Compreender o impacto que as correntes de pensamento veiculadas em determinadas sociedades têm na elaboração das Representações Sociais de diferentes grupos sociais ou de indivíduos definidos em função de sua pertença a grupos;
2. Entender os processos constitutivos das Representações Sociais e a eficácia destas para o funcionamento social. Entender, portanto: a) o papel das representações na orientação dos comportamentos e na comunicação; b) sua força enquanto sistema cognitivo de acolhimento de novas informações;
3. Entender o papel das Representações Sociais nas mudanças e transformações sociais, no que diz respeito à constituição de um pensamento social compartilhado ou à transformação das representações sob o impacto das forças sociais.

A teoria das representações sociais é analisada em Marková (1996) como o estudo do conhecimento leigo. Seu texto merece destaque pelas comparações e exemplos que apresenta para esclarecer sua posição, além de ser rico nas definições dos conceitos embutidos na teoria de Moscovici. Conforme Marková (1996, p. 179) as representações sociais são definidas como ambientes sociais simbólicos que encontram sua expressão nas atividades dos indivíduos. Ainda segundo a autora (1996, p. 180), esta teoria diz respeito à interdependência entre os processos de pensamento consciente e reflexivo e os processos de pensamento habituais e automatizados. Para outro autor, Lahlou (1996, p. 172, tradução nossa),

A finalidade, se é que existe uma, do sistema de representação, e da nossa realidade socialmente construída, é proporcionar que esta determinada sociedade possa continuar existindo coletivamente e como um conjunto de indivíduos. Assim, representações são os modos de propagar os padrões de realidade (o contexto público) de modo que cada parte deste complexo sistema possa se adaptar ao contexto.

Numa tentativa de esclarecer como se formam as representações sociais, o que explica o “nascimento” de novas representações para os grupos, Wagner *et al.* (1999, p. 98, tradução nossa) elaboraram o que denominaram de “[...] descrição esquemática da sociogênese das representações sociais”:

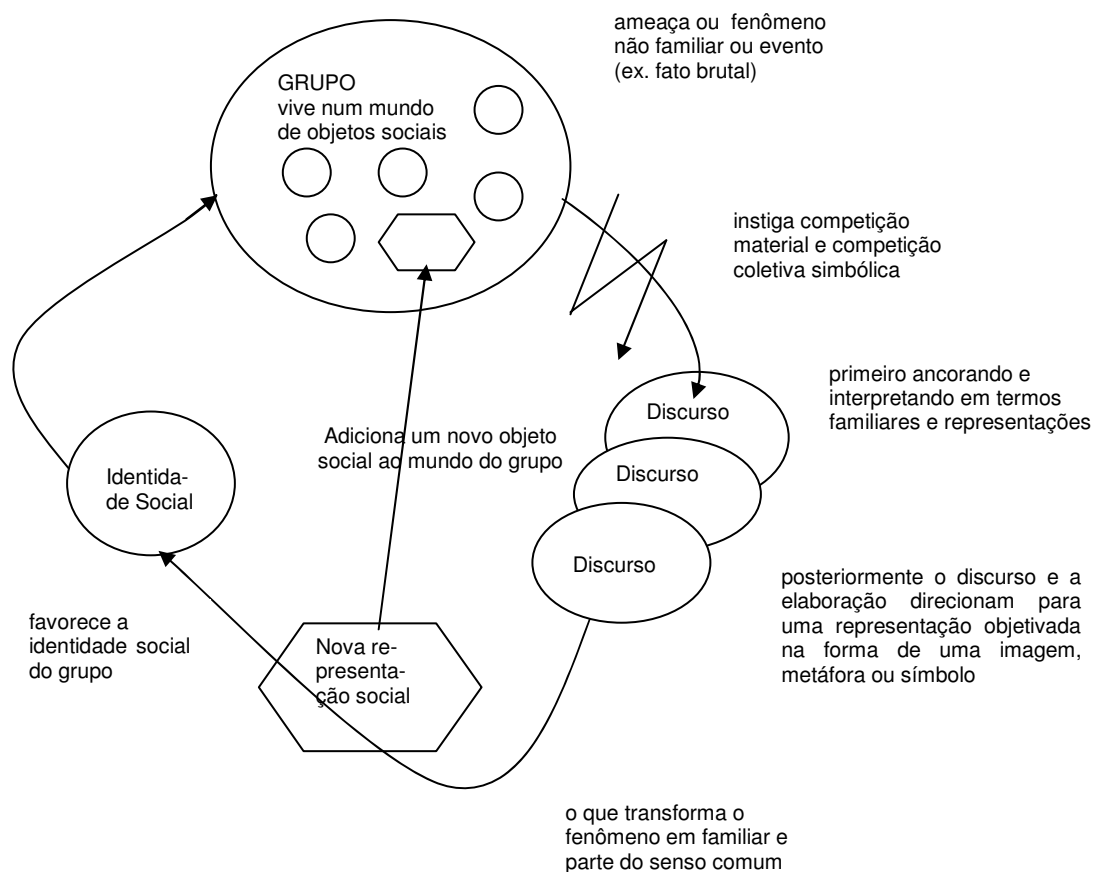


Figura 7 – Descrição esquemática da sociogênese das representações sociais⁵¹

Para Wagner *et al.* (1999), conforme ilustra a Figura 7, os grupos vivem em mundos de objetos sociais e interagem e reagem com o meio. Quando ocorre um evento que modifica a visão ou as relações do grupo, são acionados os mecanismos de interpretação e de absorção para compreender, apreender e representar aquele evento. Esses mecanismos, traduzidos na teoria das representações sociais pela ancoragem e pela objetivação, transformam o fenômeno em algo familiar, nascendo, assim, uma nova representação social, que é adicionada ao mundo do grupo. Essas representações favorecem a identidade, tornam familiares os fenômenos e facilitam os processos de comunicação e relação do grupo.

Mas essa teoria não encontra apenas adeptos. Existem críticas a ela, conforme Voelklein e Howarth (2005, p. 432, 435, tradução nossa) demonstram em seu artigo, relacionadas com o fato de que “Em muitas teorias de psicologia social, a relação entre o psicológico e o social é descrita como uma *separação* da percepção e da cognição do indivíduo de um lado e pelo contexto cultural e social por outro [...]”, enquanto que a teoria

⁵¹ Fonte: Adaptado de: WAGNER, Wolfgang *et al.* Theory and method of social representations. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 98, 1999.

das representações sociais, como dito anteriormente, situa-se simultaneamente no social e no individual, o que causa conflito e críticas.

Essa característica das representações sociais de permear o social e o individual é entendida por Abric (1992, *apud* Abric 2000, p. 33-34) como um duplo sistema, sendo um central e outro denominado de periférico. O sistema central “[...] cuja determinação é essencialmente social, ligada às condições históricas, sociológicas e ideológicas [...]”, constitui-se da base social e coletiva que “[...] define a homogeneidade de um grupo.” e que “[...] tem papel imprescindível na *estabilidade e coerência* da representação; assegura a perenidade [...]; [...] é duradouro e evolui – salvo em circunstâncias excepcionais de modo muito lento.” O sistema periférico, por outro lado, “[...] cuja determinação é mais individualizada e contextualizada.” é associado às características individuais e no contexto no qual os indivíduos estão inseridos, possibilitando “[...] uma adaptação, *uma diferenciação em função do vivido, uma integração das experiências cotidianas.*” Por ser mais flexível que o sistema central, permite a integração de informações e uma “[...] certa heterogeneidade de comportamento e de conteúdo.” Esses dois sistemas estão bastante bem esquematizados, no texto de Abric (2000, p. 34), em um quadro no qual são descritas suas características em relação a uma representação.

Outros pontos de controvérsia relacionados à teoria das representações sociais, segundo Voelklein e Howarth (2005) apontam de outros trabalhos, são de que ela é muito ampla e muito vaga e carece de fundamentação para ser efetivamente entendida como uma teoria e não apenas um conceito.

As autoras (2005, p. 436, tradução nossa) rebatem essas críticas, dizendo que as definições estão sim, disponíveis na literatura, o que é possível comprovar, pelos textos aqui identificados. Para elas, essas críticas devem-se ao fato de que como as pesquisas de Moscovici não estão disponíveis em língua inglesa tornam-se inacessíveis para os psicólogos sociais anglo-saxões. Além disso, são concretas e conhecidas as dificuldades de tradução de textos em que a palavra em um idioma não possui, necessariamente, o mesmo significado em outra língua, exemplificando isso com o termo representação, que em francês tem uma acepção mais ativa do que em inglês.

Farr (1993) igualmente aponta para as críticas à teoria das representações sociais, especialmente focalizando a questão dos diferentes métodos de pesquisa passíveis de utilizar no estudo das representações. O autor também fala acerca das diferenças culturais – e nesse sentido ele utiliza as diferenças culturais dos cientistas de origem francesa daqueles de origem inglesa e dos Estados Unidos – na apresentação das pesquisas realizadas por cientistas franceses e cientistas britânicos ou dos Estados Unidos.

Segundo Farr (1993, p. 21) os cientistas de língua inglesa consideram que os franceses não fazem descrições acuradas e precisas dos métodos de pesquisa que

utilizaram, o que dificultaria a replicação dos experimentos e a confirmação dos resultados. Farr rebate essas críticas com a seguinte colocação:

Como as representações sociais são específicas para uma cultura particular e para um ponto particular no tempo dentro daquela cultura, seria pouco apropriado pensar em termos de replicação de qualquer estudo particular.

Essas ponderações de Farr têm relação com seu estudo acerca das possibilidades de utilização de diferentes métodos de pesquisa para conduzir trabalhos de identificação de representações sociais, inclusive reforçando que fazer experimentos laboratoriais para estudar as representações sociais não deve ser o único modo adotado. Conforme Farr (1993, p. 22, tradução nossa) isto se deve ao fato de que as representações sociais acontecem na “[...] sociedade, ao invés de nos laboratórios.”

Farr (1993, p. 29, tradução nossa) observa, ainda, que dentre as muitas recomendações que o pesquisador deve atentar destaca-se o fato de que as técnicas menos estruturadas de investigação tendem a ser menos direcionadoras e tendenciosas que aquelas mais estruturadas, que poderiam conduzir as respostas dos investigados, direcionando-as:

No estudo das representações sociais é importante que o pesquisador não imponha sua própria representação para seus informantes, o que é a razão pela preferência geral, entre tais pesquisadores, para o uso de técnicas não estruturadas de investigação sobre o uso de técnicas mais estruturadas.

Farr (1993, p. 35, tradução nossa) encerra seu estudo, reiterando sua defesa da teoria das representações sociais, dizendo que “O que as pessoas precisam é de uma teoria apropriada e uma diversidade de métodos de pesquisa.” o que, conforme ele, esta teoria provê.

Em artigo sobre uma pesquisa conduzida junto a bibliotecários, Morigi e Silva (2005) explicam que o objetivo de seu estudo era o de identificar quais as representações relacionadas com seu perfil e suas práticas profissionais. Tendo por base essa colocação dos referidos autores, então, finaliza-se esse capítulo explicitando que esta pesquisa visa identificar as representações sociais relacionadas à profissão dos bibliotecários, sob a perspectiva de Serge Moscovici, com relação:

- aos bibliotecários respondentes dos questionários:
 - de que modo interpretam a profissão;
 - como analisam as possibilidades de mercado;
 - como percebem a influência da escola na formação da auto-imagem profissional;
 - se as visões variam em função da região que atuam ou das atividades que desenvolvem.

- ao corpo docente entrevistado:
 - inserção de questões sobre ética, sobre imagem profissional, sobre mercado de trabalho;
 - existência de conexão e de encadeamento entre os conteúdos das diferentes disciplinas ministradas ao longo do curso;
 - importância, ou não de passar ao discente a idéia de continuidade e de relação entre as disciplinas ou se elas são ministradas de forma estanque;
 - visão dos professores em relação à profissão no tocante ao mercado, postura e influência deles na formação da imagem profissional dos bibliotecários.

3 Metodologia

3.1 Tema e abordagem teórica

Pretendeu-se, com este estudo, compreender como os bibliotecários no Brasil percebem a profissão, suas representações dela, se sua visão é positiva sobre a carreira, seus pares, o mercado e a formação que receberam e procurar verificar quais são os fatores que interferem na visão que possuem.

Paralelamente, buscou-se identificar o papel das organizações representativas da categoria nesse processo e se seriam encontradas evidências de que o corpo docente tem influência sobre a auto-imagem profissional dos bibliotecários tanto do ponto de vista dos profissionais quanto dos professores. Como a pesquisa junto ao corpo docente foi qualitativa, pretendeu-se levantar se:

- As representações profissionais dos bibliotecários no Brasil são influenciadas pela forma como o corpo docente percebe a profissão;
- O corpo docente percebe sua influência na construção da auto-imagem profissional dos bibliotecários;
- A construção da imagem profissional dos bibliotecários faz parte das práticas pedagógicas do corpo docente.

Os dados coletados podem ser utilizados, por exemplo, para:

- Atuar junto ao corpo docente e discente nos diversos cursos para que essa auto-imagem seja positiva e que isso se projete no exercício profissional de maior qualidade e maior espectro. Esse aspecto pode ser útil não só para a categoria, de modo particular, mas para as diferentes organizações que receberão esses profissionais em seus quadros e para a sociedade, de modo geral;
- Identificar, com relação aos estudantes que ingressam nos diversos cursos brasileiros, as razões da escolha e a imagem que possuem da profissão e de seu

futuro profissional e atuar junto a Conselhos, associações de classe e sindicatos no sentido de intensificar as ações de divulgação da profissão;

- Identificar se existe alguma relação entre a região de atuação dos bibliotecários e uma imagem mais positiva ou mais negativa da profissão e reforçar, junto aos professores das regiões onde for identificada uma imagem negativa, para que trabalhem esse ponto, em suas práticas pedagógicas.

A teoria que fundamentou esse estudo é a das representações sociais (capítulo 2.4), sob a perspectiva de Serge Moscovici, que busca compreender como os grupos sociais constituem e constroem suas realidades e como compartilham conhecimento, imagens, valores, atitudes, opiniões e símbolos.

3.2 Constructos e definições operacionais para o estudo

3.2.1 Constructos

- **Auto-imagem profissional do bibliotecário:** “[...] é a representação de si mesmo, expressa no somatório de fatores que indicam seus valores ocupacionais e atitudes a respeito da Biblioteconomia” (OLIVEIRA, 1983, p. 11)

- **Atitudes a respeito da Biblioteconomia:** modos de realizar as atividades profissionais expressos pela utilização de tecnologias de informação e comunicação, educação continuada, investimento na carreira.

- **Competência:** conceito baseado em três dimensões que são os conhecimentos, as habilidades e as atitudes, “[...] englobando aspectos cognitivos, técnicos, sociais e afetivos relacionados ao trabalho. Neste caso, competência diz respeito ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes interdependentes e necessários à consecução de determinado propósito.” (BRANDÃO, 1999, p. 24; DURAND, 2000 e 2000a).

- **Identidade:** “A identidade construída pode ser pessoal ou coletiva. A primeira é configurada pela história e experiência pessoal e implica um sentimento de unidade, originalidade e continuidade, enquanto que a segunda é uma construção social que se processa no interior dos grupos e das categorias que estruturam a sociedade e que conferem à pessoa um papel e um *status* social. A identidade profissional configura-se como uma identidade coletiva”. (BRZEZINSKI, 2002, p. 8)

- **Representação Social:** o que um indivíduo entende como sendo um retrato de si mesmo, provavelmente está coerente com o pensamento coletivo sobre esse grupo, seus modos, comportamentos e estruturas sociais. “Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e

imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente.” (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

- **Valores profissionais:** conjunto de fatores que definem os valores ocupacionais e que incluem itens como competição, senso de progressão, reconhecimento profissional, dinamismo, criatividade, sucesso, rotina, segurança. (OLIVEIRA, 1983, p. 11).

3.2.2 Definições operacionais

- **Bibliotecário:** No caso do Brasil são os bacharéis em Biblioteconomia de acordo com a Lei Nº 9.674/1998 e que “[...] disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria”⁵².

- **Formação profissional dos bibliotecários no Brasil:** “o conjunto de conhecimentos, qualidades e competências”, bem como as habilidades e atitudes (MUELLER, 1989)⁵³, identificadas por meio da análise curricular.

- **Imagem profissional dos bibliotecários:** caracterização da imagem profissional por meio de material levantado na literatura técnica e em páginas específicas na *Internet*.

- **Profissional da informação:** de acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego⁵⁴, pela definição da Classificação Brasileira de Ocupações, os profissionais da informação englobam:

- **Bibliotecário** - Bibliógrafo, Biblioteconomista, Cientista de informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação.
- **Documentalista** - Analista de documentação, Especialista de documentação, Gerente de documentação, Supervisor de controle de processos

⁵² Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego, disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2006.

⁵³ No texto de Mueller a definição está especificada para perfil profissional, embora adiante no texto a autora coloque que “O tema perfil profissional e a questão da formação profissional são assuntos indissociáveis”.

⁵⁴ Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2006.

documentais, Supervisor de controle documental, Técnico de documentação, Técnico em suporte de documentação.

- **Analista de informações (pesquisador de informações de rede)** - Pesquisador de informações de rede.

3.3 Pressuposto, problema, hipóteses

O pressuposto da presente pesquisa é de que a auto-imagem profissional dos bibliotecários no Brasil é influenciada por diversos fatores que podem redundar em uma visão mais positiva ou uma visão mais negativa da profissão. Assim, o levantamento de dados buscou identificar que fatores contribuem para a construção positiva ou negativa da imagem, envolvendo questões relacionadas a salário, motivação na escolha do curso, avaliação do curso realizado, sexo, idade, influência do corpo docente, de outros profissionais, tipo de unidade de informação e atividades realizadas pelos bibliotecários.

3.3.1 Problema

O problema que norteou a presente pesquisa tem relação com o exercício profissional dos bibliotecários e também com sua formação, o mercado em que atuam, as influências recebidas por eles das escolas em que se formaram, dos organismos representativos da categoria, de seus colegas, de outros perfis que emergem na área de informação com os cursos de pós-graduação em Ciência da Informação, a noção de valorização profissional, a influência das tecnologias, da idade, do sexo, dos conteúdos programáticos dos cursos, os salários e as atividades realizadas. Por outro lado, buscou-se perceber essas mesmas questões sob a ótica dos docentes, nesse caso acrescentando-se o aspecto de ingresso no curso e da forma como os professores percebem seus alunos, o que foi igualmente levantado junto aos profissionais. Desse modo, chega-se à questão de pesquisa que foi sintetizada na pergunta:

- Que fatores influenciam a auto-imagem profissional dos bibliotecários no Brasil?

3.3.2 Hipóteses

Para essa pesquisa foram definidas as seguintes hipóteses de trabalho:

- A auto-imagem dos bibliotecários no Brasil tende a ser negativa em virtude de os profissionais perceberem que a profissão não é valorizada pelos outros e nem pelos próprios bibliotecários;
- As representações profissionais dos bibliotecários no Brasil têm relação com a baixa média salarial que o bibliotecário recebe;

- O corpo docente, durante o período de formação, não atua diretamente para reverter a tendência de representações profissionais negativas dos bibliotecários no Brasil;
- As representações profissionais dos bibliotecários no Brasil tendem a ser mais positivas se seus superiores são bibliotecários;
- As representações profissionais dos bibliotecários no Brasil tendem a ser mais positivas se a avaliação do curso de graduação foi positiva;
- Bibliotecários com mais tempo de formação e mais idade tendem a ter uma imagem mais negativa da profissão⁵⁵.

3.4 Universo e amostra

Conforme definido nos objetivos, o trabalho foi centrado nos bibliotecários e corpo docente no Brasil para verificar que fatores constituíam a imagem profissional dos bibliotecários e se ela era positiva. A pesquisa não foi realizada junto a estudantes nem incluiu os pós-graduados em Biblioteconomia e Ciência da Informação que não tivessem graduação em Biblioteconomia, já que o foco do estudo foi na carreira profissional dos bibliotecários.

O estudo foi realizado em etapas paralelas visando à verificação da visão dos bibliotecários e do corpo docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação acerca dos fatores que influenciam a auto-imagem profissional do bibliotecário, se ela era positiva e de que forma era construída esta imagem profissional, pelos dois segmentos.

Além disso, buscou-se verificar como os bibliotecários e o corpo docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação definiam o que é o bibliotecário e o seu mercado de trabalho e que elementos se destacavam nessa definição; quais as competências os bibliotecários e o corpo docente destacavam sobre a profissão bibliotecária e para o profissional contemporâneo; e examinar quais as condutas (morais e éticas) apontadas pelos bibliotecários e o corpo docente como essenciais na vida profissional do bibliotecário.

Finalmente, identificar quais os valores e as crenças sobre os bibliotecários que os docentes transmitiam aos alunos através da prática pedagógica e dos conteúdos das disciplinas ministradas nos cursos para bibliotecários.

O estudo foi efetuado por meio de uma pesquisa quantitativa, junto a uma amostra de bibliotecários em atividade no Brasil, realizando um *survey*, com utilização de

⁵⁵ A definição de maior ou menor idade é relacionada à expectativa média de vida de homens e mulheres no Brasil e a de mais ou menos tempo de formação de graduação é considerada em relação ao tempo mínimo de atuação de homens e mulheres no Brasil até que possam se aposentar.

questionários enviados por correio tradicional, arquivo eletrônico, anexado a mensagem eletrônica, ou, ainda, respondido diretamente na *Internet*, pois dependeu dos cadastros fornecido pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia das regiões pesquisadas ou da preferência dos respondentes. Mesmo considerando as vantagens e desvantagens acerca desse método de pesquisa, muito bem descritos em Gil (1999, p. 70-72), em relação aos dados que se pretendia obter junto aos bibliotecários e considerando o aspecto regional como uma das variáveis que poderia interferir na auto-imagem profissional, este pareceu ser o meio mais apropriado para obtenção dos dados, além de ser mais factível, dada a extensão territorial do Brasil.

Com relação ao corpo docente era mais rico e permitiria maior aprofundamento a realização de entrevistas semi-estruturadas, gravadas, dependendo da anuência do entrevistado, pelas quais podem ser obtidos os mesmos dados perguntados aos bibliotecários. Nesse sentido, a pesquisa teve um caráter qualitativo, em função do que se pretendia coletar de informações, conforme Richardson *et al.* (1999, p. 80), que têm relação com

Situações em que se evidencia a importância de uma abordagem qualitativa para efeito de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos devido à complexidade que encerra. Nesse sentido, temos estudos dirigidos à análise de atitudes, expectativas, valores etc.

Em outro segmento de pesquisa foi realizada análise documental dos projetos pedagógicos e dos currículos dos cursos vigentes nas Escolas às quais pertenciam os professores entrevistados por meio da qual foi verificada a ênfase em disciplinas das áreas que envolvem conhecimentos sobre organização de conteúdos, gerência, tecnologia da informação e aquelas cuja proposição fosse mais voltada ao estudo dos aspectos sociais. Dessa análise, buscou-se identificar se os currículos dos cursos de graduação podiam ser considerados indicadores de tendências de formação, em contraponto com os fatores detectados da auto-imagem profissional dos bibliotecários.

Outro ponto de análise documental foi efetuado em relação às normas vigentes relacionadas com o exercício da profissão bibliotecária no Brasil.

O cruzamento de todas essas informações com os dados obtidos junto aos professores entrevistados, igualmente, indicam tendências de ensino, que analisadas em conjunto com as respostas dos bibliotecários permitiram analisar a influência ou o efeito da formação profissional recebida na construção da auto-imagem profissional dos bibliotecários.

Ainda como análise comparativa, foram verificadas, entre as práticas da profissão, quais as mais destacadas pelos bibliotecários e corpo docente, para os participantes dessa pesquisa.

Considerando a extensão territorial brasileira, suas características e peculiaridades sócio-culturais regionais e em decorrência do número de profissionais em exercício no Brasil o trabalho foi idealizado, inicialmente, pela seleção pelo menos dois estados por região, de acordo com as seguintes características:

- Possuir Escola de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação, com, no mínimo, 10 anos de efetivo funcionamento e que seja reconhecida pelo Ministério da Educação; (Anexo 3 – Escolas)
- Possuir no mínimo 150 profissionais cadastrados no Conselho Regional de Biblioteconomia, que abranja o estado selecionado, para envio de questionários para 20% dos inscritos. (Anexo 4 CRB);

As entrevistas seriam realizadas com dois professores por Escola em um estado por região da amostra selecionada.

Ficou decidido que o Distrito Federal necessariamente seria uma das localidades integrantes da pesquisa tanto em relação aos questionários para os bibliotecários, quanto à entrevista com os professores, devido às suas características de forte concentração de profissionais em atuação no serviço público, escola tradicional, com pós-graduação em efetivo funcionamento há mais de 25 anos e pela possibilidade de percepção de bons postos de trabalho (considerando não apenas a remuneração, mas também fatores como infra-estrutura de tecnologia, pessoal capacitado, ambiente de pesquisas e de discussão).

A seleção das amostras das pesquisas, de acordo com as definições estabelecidas, redundou inicialmente no Quadro 4 – Amostra inicial da pesquisa, que se constituiria do grupo de pesquisa. Para os estados selecionados seriam pesquisados todos os bibliotecários. Entretanto, devido aos custos de correio e ao não recebimento de cadastros dos bibliotecários de alguns Conselhos, o quadro de amostra foi modificado, constituindo-se então, do Quadro 5 – Amostra da pesquisa. Com relação às entrevistas, foram realizadas com apenas um docente de um dos estados da amostra tanto em função dos custos da pesquisa quanto pela modificação do questionário, no qual foram introduzidas nove questões abertas. Como, no caso dos professores a pesquisa foi qualitativa e exploratória, buscou-se selecionar professores que não tivessem como principal linha de pesquisa o estudo da profissão e dos profissionais, que atuassem necessariamente na graduação e terem ou não Biblioteconomia como formação básica na graduação não foi um aspecto considerado relevante.

Estado/ Região	Denominação do Curso	Vinculação Institucional
Acre (N)	Não possui curso no estado	----
Amazonas (N)	Departamento de Biblioteconomia Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Amazonas – UFAM Instituto de Ciências Humanas e Letras
Bahia (NE)	Curso de Biblioteconomia / Curso de Arquivologia	Universidade Federal da Bahia – UFBA Instituto de Ciência da Informação
Ceará (NE)	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Ceará – UFC Centro de Humanidades
Distrito Federal (CO)	Curso de Biblioteconomia / Curso de Arquivologia	Universidade de Brasília – UnB Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Goiás (CO)	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Goiás – UFG Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Minas Gerais (SE)	Curso de Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MINAS / Instituto de Informática
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG Escola de Ciência da Informação
Paraná (S)	Curso de Biblioteconomia / Curso de Arquivologia	Universidade Estadual de Londrina – UEL Departamento de Ciência da Informação
	Curso Gestão da Informação	Universidade Federal do Paraná – UFPR Setor de Ciências Sociais Aplicadas Departamento de Ciência e Gestão da Informação
Roraima (N)	Não possui curso no estado	----
Rondônia (N)	Não possui curso no estado	----
Santa Catarina (S)	Curso de Biblioteconomia - Habilitação em Gestão da Informação	Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Centro de Ciências da Educação Departamento de Ciência da Informação
São Paulo (SE)	Curso de Biblioteconomia	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA/Lorena
	Curso Administração da Informação	Faculdades Tereza Martin – FATEMA DESATIVADO
	Curso de Biblioteconomia	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação
	Curso de Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-CAMPINAS Faculdade de Biblioteconomia
	Curso de Biblioteconomia e Documentação	Universidade Estadual Paulista – UNESP Faculdade de Filosofia e Ciências Departamento de Ciência da Informação
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar Departamento de Ciência da Informação
	Curso de Biblioteconomia	Universidade de São Paulo – USP Escola de Comunicação e Artes – ECA Departamento de Biblioteconomia e Documentação
	Curso de Ciências da Informação e Documentação - Habilitação em Biblioteconomia	Universidade de São Paulo – USP - Campus Ribeirão Preto Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto Departamento de Física e Matemática
	Faculdade de Biblioteconomia	Faculdades Integradas Coração de Jesus – FAINC
	Curso de Biblioteconomia	Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior - IMAPES

Quadro 4 – Amostra inicial da pesquisa ⁵⁶

⁵⁶ Fonte: <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm>. Acesso em: 14 maio 2005.

A estimativa de respondentes para os questionários era de aproximadamente 10.316 bibliotecários. A seleção de 20%, então, seria de 1.300 bibliotecários, mas, como no estado de São Paulo o contato foi apenas para aqueles que possuíam endereços eletrônicos cadastrados, então a amostra foi substancialmente reduzida, pois conforme informações verbais da então presidente do CRB 8, o órgão possuía endereço eletrônico de aproximadamente 1.000 profissionais. O Quadro 5, a seguir, apresenta a distribuição da amostra realizada.

Estado/ Região	Denominação do Curso	Vinculação Institucional
Bahia (NE)	Curso de Biblioteconomia / Curso de Arquivologia	Universidade Federal da Bahia – UFBA Instituto de Ciência da Informação
Sergipe (NE)	Não possui escola	---
Ceará (NE)	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Ceará – UFC Centro de Humanidades
Piauí (NE)	Não possui escola	---
Distrito Federal (CO)	Curso de Biblioteconomia / Curso de Arquivologia	Universidade de Brasília – UnB Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Goiás (CO)	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Goiás – UFG Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Rio Grande do Sul (S)	Curso de Biblioteconomia	Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG Departamento de Biblioteconomia e História
	Curso de Biblioteconomia / Curso de Arquivologia	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS Departamento de Ciências da Informação
	Curso de Arquivologia	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM Centro de Ciências Sociais e Humanas
	Curso de Licenciatura em Biblioteconomia	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI Departamento de Pedagogia
Santa Catarina (S)	Curso de Biblioteconomia - Habilitação em Gestão da Informação	Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Centro de Ciências da Educação - Departamento de Ciência da Informação
São Paulo (SE)	Curso de Biblioteconomia	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA/Lorena
	Curso Administração da Informação	Faculdades Tereza Martin – FATEMA DESATIVADO
	Curso de Biblioteconomia	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP - Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação
	Curso de Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-CAMPINAS - Faculdade de Biblioteconomia
	Curso de Biblioteconomia e Documentação	Universidade Estadual Paulista – UNESP / Faculdade de Filosofia e Ciências - Departamento de Ciência da Informação
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar Departamento de Ciência da Informação
	Curso de Biblioteconomia	Universidade de São Paulo – USP / Escola de Comunicação e Artes – ECA - Departamento de Biblioteconomia e Documentação
	Curso de Ciências da Informação e Documentação - Habilitação em Biblioteconomia	Universidade de São Paulo – USP - Campus Ribeirão Preto / Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Departamento de Física e Matemática
Faculdade de Biblioteconomia	Faculdades Integradas Coração de Jesus – FAINC	
Espírito Santo (SE)	Curso de Biblioteconomia	Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior - IMAPES

Quadro 5 – Amostra da pesquisa

3.4.1 Características das Escolas

Os dados acerca das características gerais das Escolas foram levantados com alguns objetivos dentre os quais:

- identificar o perfil profissional esperado dos egressos;
- verificar a descrição da profissão que as escolas fornecem, que, de certa forma, contém a visão que aquela escola possui acerca de mercado de atuação e de potencial de trabalho;
- examinar as listas de disciplinas oferecidas, que se constituem no arcabouço teórico e prático que contribuirá para formar o bibliotecário;
- identificar a qualidade das informações fornecidas por meio da *Internet*, já que essa é uma fonte de informação e de divulgação da profissão que poderia atrair candidatos.

Foram analisadas apenas as escolas que estão situadas nos estados nos quais atuam os professores entrevistados, ou seja, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Santa Catarina e São Paulo. Esses estados contêm 14 escolas, sendo que Bahia, Distrito Federal e Goiás possuem uma única escola federal, Santa Catarina, duas em atividade, sendo uma federal e outra estadual e, finalmente, São Paulo, que possui nove em atividade, sendo uma federal, três estaduais e as demais particulares. As escolas estão apresentadas em ordem alfabética de Estado, não implicando nenhuma indicação nem avaliação hierárquica entre elas.

- Bahia –

- Universidade Federal da Bahia-UFBA –

A Universidade Federal da Bahia – UFBA⁵⁷, localizada em Salvador, dentre os diversos cursos de graduação e pós-graduação, abriga o Instituto de Ciência da Informação-ICI⁵⁸, criado pela Resolução nº 07, de 12 de março de 1998, do Conselho Universitário, que contém os cursos de graduação em Biblioteconomia, reformulado em 1996 e de Arquivologia, criado em 1998 juntamente com o Instituto e com a implantação do Programa de Pós-graduação com mestrado em Ciência da Informação.

De acordo com as informações da página do Instituto de Ciência da Informação, sua criação teve por objetivo

[...] o desafio de oferecer respostas às questões emergentes sobre Informação, como ramo do conhecimento, contribuindo com estudos e pesquisas sobre o assunto e formando pessoal para atender à demanda da sociedade pela formação de profissionais alinhados com as visões, conceitos e papel proeminente que a

⁵⁷ Disponível em: <http://www.ufba.br>. Acesso em: 5 mar. 2008.

⁵⁸ Disponível em: <http://ici.ufba.br/twiki/bin/view/ICI>. Acesso em: 5 mar. 2008.

informação alcançou como elemento agregador de valor econômico e fator de desenvolvimento organizacional e social, a partir do século passado.⁵⁹

A estrutura do Instituto inclui a Direção e dois Departamentos, sendo um de Documentação e Informação e outro de Fundamento e Processos Informacionais. O Curso de Biblioteconomia e Documentação, conforme dados da página do Instituto, tem a duração mínima de oito e máxima de 14 semestres e define que seu propósito de formação:

Tendo em vista a função social da biblioteca, o bibliotecário é o profissional a quem compete: auxiliar, direta ou indiretamente, os usuários potenciais e reais da informação sócio-cultural econômica, científica e/ou técnica dos centros e serviços bibliográficos e referenciais; atender as tendências presentes e futuras do mercado de trabalho no que se refere ao planejamento, instalação, direção e execução dos serviços bibliográficos e documentários; reunir e organizar a informação de modo que seja proporcionado um serviço ótimo aos estudantes, pesquisadores, docentes e ao público em geral; atuar como um agente de transformação e desenvolvimento na comunidade, tendo-se em vista que a informação é uma fonte de inesgotável energia; conhecer os métodos e técnicas para recuperar e avaliar a informação, estabelecendo o nível de interesse do usuário; identificar e analisar problemas afetos à Biblioteconomia, a fim de atender as demandas e necessidades de leitura, ensino, aprendizagem, pesquisa, e informação de diferentes grupos sócio-econômico-culturais.⁶⁰

As disciplinas estão relacionadas na matriz curricular apresentada na página, que inclui as que são obrigatórias e as optativas oferecidas. Todas as disciplinas oferecidas pelo Instituto de Ciência da Informação possuem ementas e percebe-se, pela grade, que o objetivo é que os egressos estejam embasados tanto nas técnicas biblioteconômicas tradicionais quanto nas novas tecnologias e em algum foco no aprendizado do português, de línguas estrangeiras e de artes e cultura geral. Os professores relacionados ao curso possuem, na maior parte, graduação em Biblioteconomia, em alguns casos outras graduações e pós-graduação *stricto sensu*.⁶¹

Pelos dados disponíveis na página da UFBA, são oferecidas, anualmente, 60 vagas e a demanda pelo curso de Biblioteconomia em 2008 foi de 2,4 candidatos por vaga. De 2004 a 2007 a média de procura foi de 5,07 candidatos para cada vaga oferecida.

⁵⁹Disponível em: <http://ici.ufba.br/twiki/bin/view/ICI>. Acesso em: 5 mar. 2008.

⁶⁰Disponível em: <http://ici.ufba.br/twiki/bin/view/ICI>. Acesso em: 5 mar. 2008.

⁶¹ Disponível em: <http://ici.ufba.br/twiki/bin/view/ICI/Corp%20Docente>. Acesso em: 5 mar. 2008.

- Distrito Federal –

- Universidade de Brasília-UnB –

O Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID⁶² é vinculado à Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília – UnB⁶³, localizada em Brasília, e possui os cursos de graduação em Biblioteconomia e em Arquivologia e o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação com mestrado e doutorado.

De acordo com as informações do Portal da UnB, o bibliotecário que se formar pelo CID terá as seguintes competências e possibilidades de atuação:

[...] Hoje o bibliotecário é visto como o profissional da informação. Mais do que organizar e arquivar livros na estante, ele é o responsável por processar, administrar e disseminar as informações encontradas em livros, revistas, fitas cassetes, filmes, vídeos, CD-Rom e outros instrumentos.

[...]

O estudante de Biblioteconomia da UnB recebe uma formação multidisciplinar. Como bibliotecário, você está apto a planejar, implantar e organizar bibliotecas e centros de documentação; fazer pesquisas bibliográficas mais elaboradas; recuperar informações para usuários; informar e auxiliar usuários em suas pesquisas; cuidar da conservação de acervos de livros e outros materiais; ser professor em universidades; estruturar banco de dados, além de outras funções.

[...] Cartórios, fóruns, instituições bancárias, empresas de comunicação, bibliotecas, centros de análises de informação, centros de pesquisa e serviços de informação em aeroportos e rodoviárias são algumas das instituições que empregam esses profissionais.

[...]

O currículo inclui disciplinas da Filosofia, Sociologia, História, Comunicação, Letras e outras. Noções de Administração e Planejamento também fazem parte do aprendizado. [...] A parte tecnológica do curso abrange noções de informática que possibilitem a elaboração uma página na internet, planejamento e estruturação de uma base de dados, dentre outras atividades.⁶⁴

Do mesmo modo que o Instituto de Ciência da Informação da UFBA, os tempos mínimo e máximo de permanência são, respectivamente, oito e 14 semestres e as disciplinas oferecidas também incluem as obrigatórias e as optativas, que se dividem em área conexa e módulo livre, cujas ementas estão disponíveis para consulta pela *Internet*, contendo uma bibliografia básica⁶⁵. O elenco de disciplinas oferecido abrange as técnicas biblioteconômicas tradicionais, algumas disciplinas de tecnologia de informação e outras introdutórias dos demais cursos da UnB. Os professores possuem perfil predominantemente

⁶² Disponível em: <http://www.cid.unb.br>. Acesso em: 6 mar. 2008.

⁶³ Disponível em: <http://www.unb.br>. Acesso em: 6 mar. 2008.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.unb.br/graduacao/cursos/sobre/biblioteconomia.php>. Acesso em: 6 mar. 2008.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/curriculo.aspx?cod=8222>. Acesso em: 6 mar. 2008.

com formação de graduação em Biblioteconomia, em alguns casos outras graduações e todos com pós-graduação *stricto sensu*⁶⁶.

De acordo com os dados disponíveis na *Internet*, a UnB realiza dois vestibulares e oferece 80 vagas por ano, sendo 40 por semestre. No 1º vestibular de 2008, a média foi de 17,25 candidatos por vaga, considerando-se 20 vagas para o período, sendo 32 denominadas sistema universal e oito do sistema de cotas para negros, além de 20 destinadas aos egressos do ensino médio pelo Programa de Avaliação Seriada-PAS. Com relação às médias de candidatos por vaga de 2004 a 2007 foi de aproximadamente 12,47, já que os dados não estão fornecidos de maneira semelhante para esses anos.

- Goiás –

- Universidade Federal de Goiás-UFG –

A Universidade Federal de Goiás – UFG⁶⁷, localizada em Goiânia, possui o curso de bacharelado em Biblioteconomia predominantemente matutino, vinculado à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia – FACOMB⁶⁸. Conforme dados contidos na página, as características do curso e do egresso estão definidas conforme transcrição:

O curso de Biblioteconomia prepara o profissional para ser capaz de planejar, organizar, administrar, recuperar e disseminar serviços de informações técnicas, científicas, educacionais, culturais e utilitárias a partir de documentação em qualquer suporte (impressa, audiovisual, magnética, digitalizada, etc.) em amplitude local ou em redes. Sua formação humanística enfatiza a consciência das necessidades pessoais ou institucionais de informação. O profissional é um dos principais agentes de transferência de informação como instrumento de transformação social, capaz de aplicar e desenvolver atividades técnicas documentárias e biblioteconômicas, conforme a realidade do meio e a capacidade técnicoeconômica disponível.

O bibliotecário pode atuar nas áreas de:

- * planejamento, organização e gerência de unidades de informação, de quaisquer tamanhos, bancos/bases de dados, em rede ou isoladas, para a iniciativa pública ou privada, a partir de acervos documentais de diversos tipos (livros, revistas, jornais, discos, fitas audiovisuais, etc.), utilizando as técnicas adequadas de classificação, catalogação, armazenagem e disseminação;

- * planejamento, organização e gerência de atividades culturais, educacionais e de lazer vinculadas a unidades de informações públicas, escolares e universitárias, centros de cultura e associações profissionais.

A duração do curso é prevista para oito semestres, as disciplinas oferecidas dividem-se entre as de núcleo comum, as obrigatórias e as optativas do núcleo específico⁶⁹.

⁶⁶ Disponível em: http://www.cid.unb.br/31/M0011000.asp?txtID_PRINCIPAL=31. Acesso em 6 mar. 2008.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.ufg.br>. Acesso em: 5 mar. 2008.

⁶⁸ Disponível em: <http://facomb.ufg.br>. Acesso em 5 mar. 2008.

⁶⁹ Disponível em: http://www.facomb.ufg.br/biblioteconomia/Page.php?menu_id=3022&pos=esq. Acesso em: 6 mar. 2008.

Conforme a página sobre o curso, para tornar-se apto a desempenhar as funções de bibliotecário as disciplinas cobrem, entre outros:

[...] Métodos e Técnicas de Pesquisa, História da Cultura, da Imprensa, do Livro e das Bibliotecas, Teoria da Comunicação e da Informação, Catalogação e Classificação Bibliográfica, Produção de Registros do Conhecimento, Informática Aplicada, Planejamento e Administração de Unidades de Informação, Marketing, Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Inglês Instrumental, etc. A Universidade oferece cursos extracurriculares de informática e de línguas (inglês, espanhol, francês, italiano, etc.). Durante o curso, o aluno tem acesso a Laboratórios de Informática e cumpre estágio no Sistema de Bibliotecas da UFG e em outras unidades de informação de escolas, universidades, empresas, etc.

O curso possui professores com formação basicamente em Biblioteconomia, alguns com graduação sem informação disponível de que possuam outros cursos *lato* ou *stricto sensu*, já que não possuem currículo Lattes.⁷⁰

São 30 vagas oferecidas anualmente e o prazo para conclusão do curso é de oito semestres, não constando informação acerca de limite máximo de permanência no curso. De acordo com informações obtidas na página da UFG, o vestibular de 2008 teve uma concorrência de 3,77 candidatos por vaga e a média para os anos de 2004 a 2007 foi de 4,4 candidatos/vaga.

- Santa Catarina – - Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC –

A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC⁷¹, localizada em Florianópolis, possui o Departamento de Ciência da Informação⁷², que está inserido no Centro de Ciências da Educação, que contém o curso de graduação em Biblioteconomia e mestrado em Ciência da Informação.

Conforme expresso na página do Departamento, os objetivos do curso de graduação são:

[...] formar profissionais capazes de trabalhar a informação de modo a atender as necessidades de informação, entende-se os aspectos: Políticos, Econômicos, Educacionais, Sociais, Saúde, Culturais, Recreativos e Tecnológicos.
[...] Favorecer Condições para desenvolver no Aluno uma visão crítica da realidade.
[...] Estimular o desenvolvimento de Pesquisas Biblioteconômicas.
[...] Capacitar o Aluno a selecionar, adquirir, organizar, disseminar e transferir a informação de forma eficaz.

⁷⁰ NA: A Plataforma Lattes, disponível na página do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq (www.cnpq.br), possui um banco de dados de currículos de profissionais/pesquisadores, em atividade no Brasil, de todas as áreas do conhecimento. Os dados dos docentes de Biblioteconomia da UFG estão disponíveis em: http://www.facomb.ufg.br/biblioteconomia/Page.php?menu_id=3440&pos=esq. Acesso em: 6 mar. 2008.

⁷¹ Disponível em: <http://www.ufsc.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

⁷² Disponível em: <http://www.cin.ufsc.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

O prazo para conclusão do curso não é explicitado, ficando condicionado aos termos da Resolução nº 017/CUn/97, de 30 de setembro de 1977⁷³, que trata do Regulamento dos Cursos de Graduação, com as alterações introduzidas pelas Resoluções nº 07/CUn/1998, 10/CUn/2000 e 08/CUn/2001, cujo artigo 103 define que:

Art. 103 – A integralização curricular dar-se-á pela conclusão do currículo pleno aprovado pelo Colegiado do Curso e pela Câmara de Ensino e Graduação.

O elenco de disciplinas inclui aquelas relacionadas às técnicas biblioteconômicas tradicionais, como catalogação e classificação, assim como prevê o ensino das tecnologias de informação, além daquelas de cunho mais geral, divididas em fases que a partir da 4ª recebe a denominação de ciclo profissional⁷⁴. Quanto ao corpo docente é composto por professores com graduação tanto em Biblioteconomia quanto em outras formações e possuem pós-graduação⁷⁵.

Em relação ao número de vagas oferecido pelo Departamento, são em número de 80, sendo 40 para o 1º semestre e 40 para o 2º semestre e a relação de candidatos por vaga, no vestibular de 2008 foi de 2,80, e nos períodos compreendidos entre 2004 e 2007, a média foi de 3,75.

- Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC –

A Universidade do Estado de Santa Catarina⁷⁶, localizada em Florianópolis, possui o curso de Graduação em Biblioteconomia⁷⁷, com habilitação em Gestão da Informação, vinculado à Faculdade de Educação e pertencente ao Centro de Ciências da Educação.

Na página do Departamento, o curso, o perfil do egresso e o mercado potencial de atuação são descritos conforme transcrição a seguir:

O curso de Biblioteconomia (Habilitação em Gestão da Informação) forma profissionais aptos a produzir e/ou utilizar conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos no processo informacional para atender às demandas da sociedade. Proporciona ao aluno capacidade crítica e competência para o processo de investigação científica, uso de tecnologias da informação e desenvolvimento de atividades interdisciplinares em suas múltiplas dimensões necessárias às práticas sociais inerentes à sociedade da informação.

O profissional formado em Biblioteconomia poderá atuar em: centros de análise de informação, arquivos públicos e privados, bibliotecas, museus, centros de restauração de documentos, cartórios, empresas de comunicação, editoras, gráficas, livrarias, videotecas, discotecas, serviços autônomos de consultoria e assessoria empresarial e

⁷³ Disponível em: http://www.ced.ufsc.br/men/resolucao_17.htm. Acesso em: 7 mar. 2008.

⁷⁴ Disponível em: <http://www.cin.ufsc.br/men/curriculo.htm>. Acesso em: 7 mar. 2008.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.cin.ufsc.br/docentes.htm>. Acesso em: 7 mar. 2008.

⁷⁶ Disponível em: <http://www.udesc.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

⁷⁷ Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/modules.php?name=Conteudo&pid=12>. Acesso em: 7 mar. 2008.

outros. Pode atuar também na implantação de serviços de informação e em institutos e centros de pesquisa.

A UDESC coloca à disposição na página dedicada ao curso de Biblioteconomia um caderno⁷⁸ contendo o histórico, os objetivos, perfil e competências profissionais, além da matriz curricular. Com relação aos objetivos do curso, o documento diz que são:

- Formar profissional em Biblioteconomia, apto a produzir e/ou utilizar conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos no processo informacional para atender às demandas da sociedade.
- Desenvolver capacidade crítica e competências para o processo de investigação científica;
- Habilitar o aluno na utilização das tecnologias de informação e comunicação nos processos de organização, tratamento, armazenamento, recuperação e disseminação da informação;
- Habilitar o aluno para o exercício de atividades profissionais relativas ao planejamento e gestão de unidades, serviços e sistemas de informação;
- Formar profissionais habilitados para desenvolver produtos e serviços de informação que atendam as demandas do mercado de trabalho;
- Propiciar ao aluno conhecimentos interdisciplinares em suas múltiplas dimensões, necessárias ao desenvolvimento de práticas sociais inerentes à sociedade da informação.

Em relação ao perfil profissional assim está expresso:

O egresso do curso de Biblioteconomia como gestor da informação estará apto a atuar crítica e tecnicamente na utilização dos recursos informacionais existentes em instituições e sistemas de informação, em âmbito local, regional, nacional e do Mercosul, visando à democratização da informação como meio de garantir o exercício da cidadania. Este profissional será capaz de utilizar as tecnologias como recurso na organização, armazenamento, acesso e uso da informação e do conhecimento.

Suas competências são identificadas em conformidade com as diretrizes curriculares do Ministério da Educação, divididas em caráter geral e comum e caráter específico:

- Caráter geral e comum:

- Articular elementos empíricos e conceituais com propriedade;
- Gerar produtos resultantes dos conhecimentos adquiridos;
- Desenvolver e aplicar instrumentos de trabalho adequados;
- Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos;
- Utilizar racionalmente os recursos disponíveis;
- Desenvolver e utilizar novas tecnologias;
- Traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;
- Responder a demandas determinadas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo.

- Caráter específico:

- Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação em todo e qualquer ambiente;

⁷⁸ Disponível em: http://www.faed.udesc.br/userimages/Caderno_biblioteconomia1.pdf. Acesso em: 7 mar. 2008.

- Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;
- Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;
- Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;
- Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.

Conforme dados constantes da página, o prazo para conclusão do curso é de oito semestres e as disciplinas estão divididas em formação geral e formação profissional específica, onde igualmente percebe-se a inclusão daquelas de cunho bibliotecário tradicional, algumas de formação cultural geral e outras relacionadas com tecnologias e gestão da informação, em função da habilitação específica do curso. A maior parte dos professores possui graduação em Biblioteconomia, poucos com outras formações básicas e todos têm mestrado ou doutorado.

São 40 vagas oferecidas anualmente, em 2008 a relação de candidatos por vaga foi de 3,25 e a média de 2006 e 2005 foi de 3,89, não havendo dados disponíveis para 2007 e para 2004.

**- São Paulo –
- Faculdades Integradas Coração de Jesus-FAINC/SP –**

As Faculdades Integradas Coração de Jesus- FAINC⁷⁹ são constituídas por sete unidades particulares de ensino superior, dentre as quais a Faculdade de Biblioteconomia, situa-se na cidade de Santo André, em São Paulo, curso noturno que tem por objetivo formar bibliotecários com o perfil identificado em sua página:

- Formar profissionais que compreendam o papel da Unidade de Informação no processo de transformação da sociedade, estando aptos a identificar demandas de informação e propor soluções inovadoras.
- Capacitar profissionais para atuarem ao nível de planejamento, administração, assessoria e prestação de serviços em redes e sistemas de Bibliotecas, em Centros de Documentação e / ou serviços de informação.
- Preparar profissionais para atuarem como especialistas no tratamento da informação e do conhecimento, visando a sua máxima utilização.
- Habilitar profissionais para a realização de pesquisas pertinentes aos desempenhos profissional, cultural, social e educacional de seus clientes.
- Contribuir para o aprimoramento técnico e prático da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

O número de vagas é de 80 anualmente, com duração mínima de 8 semestres, e máxima de sete anos (14 semestres). Possui pós-graduação *lato sensu* em Planejamento e Gerenciamento de Sistemas Automatizados de Informação. A estrutura curricular é composta por matérias denominadas de fundamentação geral, instrumentais, formação

⁷⁹ Disponível em: <http://www.fainc.com.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

profissional, complementares e optativas. Conforme expresso na página, o perfil do egresso é:

O Bibliotecário graduado pela FAINC é um profissional com sólida formação geral, cultural e técnica, politizada, gestor, líder e com visão de conjunto da Unidade de Informação, capaz de acompanhar as mudanças que interferem em seu âmbito de atuação, bem como possui capacidade de análise crítica das necessidades sócio-cultural, científica e tecnológica de sua comunidade (bibliotecas escolar e infantil, universitária, especializada, centros de documentação e informação, Banco de dados, Internet, arquivos empresariais) buscando soluções criativas e inovadoras

Na página da instituição não constam informações sobre o corpo docente do curso de Biblioteconomia, sobre a forma de ingresso e nem sobre a relação de candidatos por vaga.

- Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FATEA/SP –

As Faculdades Integradas Teresa D'Ávila-FATEA⁸⁰, situadas na cidade de Lorena, no estado de São Paulo, são uma instituição privada que contém cursos de graduação e pós-graduação, dentre os quais o curso de Biblioteconomia. De acordo com os dados coletados em sua página o curso é noturno e o perfil é assim descrito:

Você já ouviu falar em sociedade da Informação? Em revolução informacional? Tem idéia do que representa vivermos na Era do Conhecimento? São conceitos modernos para expressar o fato de a informação ter se tornado a principal ferramenta para o desenvolvimento hoje, da mesma forma como a posse da terra, dos meios de produção e do capital foi fonte de poder em outros tempos.

Esta importância que a informação adquire hoje faz com que a Biblioteconomia seja uma das áreas cujo mercado de trabalho mais cresce. Este curso forma profissionais capazes de analisar, projetar e implementar unidades de informação. Para isso, além de manejar corretamente as técnicas aplicadas ao tratamento da informação (tecnologia) é necessário desenvolver também visão crítica da sociedade (humanismo).

As visões sobre o bibliotecário, sobre suas atividades e sobre as área de atuação são:

É um profissional liberal, mediador entre a informação e o usuário que quer transformá-la em conhecimento. Não importa onde a informação esteja registrada, se em CD-ROM, em revistas, em livros, em DVD, em bases de dados, em bibliotecas digitais ou em páginas pessoais na internet.

[...] A nova - Classificação Brasileira de Ocupações CBO - insere o bibliotecário no rol dos profissionais da informação, isto é, onde há informação para ser administrada, organizada, processada e disponibilizada há campo de trabalho para o bibliotecário. [...]

[O bibliotecário] atua nos níveis gerencial, operacional e educacional em unidades de informação de uma forma geral: arquivos, museus, hemerotecas, pinacotecas, mapotecas, bibliotecas (infantis, escolares, universitárias, públicas, empresariais, particulares), brinquedotecas, videotecas, escritórios de advocacia, editoras (normalização e indexação de livros e outras publicações), centros de documentação de indústrias, empresas de comunicação (agências de publicidade, jornais, emissoras de rádio e de televisão), bancos/bases de dados, bibliotecas digitais, centros de

⁸⁰ Disponível em: <http://www.fatea.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

cultura e lazer, internet (desenvolvendo projetos de arquitetura informacional de sites, localizando informações específicas, etc.).

A grade curricular colocada na página da FATEA não inclui as ementas das disciplinas, mas pelas denominações adotadas depreende-se que abrangem as disciplinas tradicionais da Biblioteconomia, as de tecnologia da informação e, também, aquelas de cunho mais voltado à cultura e conhecimentos gerais. Não há indicação de disciplinas obrigatórias ou optativas, apenas o fluxo que as mesmas devem seguir, por série. Pelo mapa da página consta a existência de Biblioteconomia EAD que indicou se tratar de duas disciplinas que são oferecidas pela modalidade de ensino à distância, que são Antropologia teológica e Processos de leitura.

São 80 vagas oferecidas anualmente em vestibular que ocorre nos meses de novembro e janeiro, também conforme a página, e a duração do curso é de no mínimo quatro anos (oito semestres) e no máximo sete anos (14 semestres). Quanto aos professores, com exceção de um, que tem graduação em computação, os demais possuem graduação em Biblioteconomia, sendo que pelos dados constantes do currículo Lattes, além dos professores que possuem dedicação exclusiva, um informa que é horista, outro é colaborador e dois também atuam como bibliotecários da Faculdade. Alguns possuem mestrado, outros especialização e um está cursando doutorado.

Não foram identificadas informações nem sobre o vestibular nem sobre a concorrência, com dados sobre o número de candidatos por vaga.

- Faculdades Integradas Teresa Martin-FATEMA/SP –

As Faculdades Integradas Teresa Martin-FATEMA⁸¹, instituição privada, localizada em São Paulo, possuía o curso de Administração, com habilitação em Informação, que formava bacharéis em Biblioteconomia. Em diversas pesquisas realizadas na página, não foram recuperados dados sobre o referido curso, mesmo tendo sido recebidos questionários que indicaram a formação pela FATEA. Na pesquisa realizada na página da Secretaria de Ensino Superior, do Ministério da Educação⁸², verificou-se que esse curso foi avaliado em 2002. Foi, então, contatada a secretaria da referida Faculdade e, conforme informações verbais, o curso realmente deixou de funcionar em 2004.⁸³ Conforme dados da página do MEC a duração era de oito semestres e em período noturno.

⁸¹ Disponível em: <http://www.fatema.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

⁸² Disponível em: http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/info_curso_new.asp?curso=27344&cHab=2138&pIES=416. Acesso em: 10 mar. 2008.

⁸³ Informação verbal recebida em 18 de março de 2008 de Cristiane de Oliveira Caldas, da Secretaria das Faculdades Integradas Teresa Martin-FATEMA, telefone (11)3931-2755, horário de funcionamento de 12h às 21h, de segunda a sexta-feira.

- Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo-FESPSP/SP –

A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo-FESPSP⁸⁴, entidade privada que funciona em São Paulo, possui a Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação⁸⁵, cuja história institucional está vinculada a Rubens Borba de Moraes e à necessidade de criação de curso de Biblioteconomia, já que o único existente à época era o da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. A visão da profissão está expressa na página da FESPSP:

Hoje, os bibliotecários se caracterizam como profissionais gestores da informação, não importando apenas a questão do livro, mas em todos os tipos de suporte informacional.

Afinal, o que é biblioteconomia?

É a área do conhecimento que estuda, pesquisa e ensina regras, normas e métodos para organizar materiais de informação. Organizar implica tornar a informação acessível, divulgá-la e ordená-la de maneira correta, preservar adequadamente seus suportes, para que resistam ao tempo e ao uso.

Informações complementadas pelo manual de seleção da FESPSP de 2008⁸⁶, que apresenta o curso, que pode ser matutino ou noturno, e os conhecimentos que o candidato adquirirá:

Seu foco está na formação de profissionais gestores da informação, capazes de torná-la acessível, analisá-la, divulgá-la e ordená-la de maneira correta, preservando adequadamente seus suportes para que resistam ao tempo e ao uso.

Desde sua criação, a grade curricular da Fa-BCI ampliou-se e atualizou-se de acordo com as exigências do mercado de trabalho e do desenvolvimento de novas tecnologias.

Hoje, o seu currículo proporciona formação integral e competência para a gestão e a mediação de informações, com disciplinas associadas em torno de áreas específicas de conhecimento profissional.

O objetivo desta estrutura curricular é oferecer conteúdos necessários à compreensão dos aspectos teóricos e metodológicos das ciências da informação, bem como dos conhecimentos provenientes de áreas correlatas; indispensáveis ao entendimento dos fenômenos sociais e das técnicas envolvidas nos procedimentos de transferência da informação.

A grade curricular igualmente observa a distribuição de disciplinas técnicas e de fundamentação geral, não há distinção explícita entre disciplinas obrigatórias e optativas, sendo oferecidos cursos de pós-graduação. A atuação, conforme dados constantes da página sobre o processo seletivo inclui os ambientes tradicionais de bibliotecas, museus, arquivos e também em editoras, bancos, bases de dados, portais e outros espaços de informação como escritórios e empresas.

São 300 vagas oferecidas, sendo 150 para o período matutino e 150 para o noturno e a duração prevista para o curso é de quatro anos (oito semestres). Seus professores são

⁸⁴ Disponível em: <http://www.fespsp.com.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁸⁵ Disponível em: <http://www.fespsp.com.br/bib.htm>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.fespsp.com.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

horistas contratados em regime da Consolidação das Leis do Trabalho-CLT. O perfil de graduação é variado, não havendo predominância para os graduados em Biblioteconomia, sendo que alguns possuem graduação, outros especialização, mestrado e poucos com doutorado, conforme dados da página do curso de Biblioteconomia.

Não foram identificadas informações sobre a relação de candidatos por vaga.

- Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior-IMAPES/SP –

O Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior-IMAPES⁸⁷, entidade privada localizado em Sorocaba, no estado de São Paulo, teve seu curso de Biblioteconomia reconhecido em 2005. A proposição do curso, conforme dados da página, é formar bibliotecários para atuar em qualquer ambiente e o perfil do egresso deverá contemplar uma formação ampla:

Formação voltada a um posicionamento analítico e crítico perante todo o ciclo de produção, organização e consumo de informação como estrutura básica para o processo de tomada de decisão em ambientes informacionais. Objetiva-se formar profissionais capacitados para atuar na organização e gestão de informações a partir da compreensão crítica do valor social, econômico, político e cultural do conhecimento, visando a democratização e acesso aos recursos informacionais. Devem ter familiaridade com as novas tecnologias de informação e serem capazes de projetar e desenvolver serviços de organização, tratamento e disseminação de informações. Desta forma, ao concluir o curso, o aluno estará preparado para atuar num mercado de trabalho diversificado, influenciado pelas transformações conjunturais e tecnológicas que estão ocorrendo na sociedade. Deverá enfrentar o desafio de novos ambientes que demandam profissionais com habilidades voltadas para o acesso à informação como recurso estratégico, político e social, tanto para o mercado como para a sociedade em geral.

Diante deste elenco de habilidades e competências necessárias ao profissional e gestor da informação, podemos resumir o perfil geral deste profissional, indicando que o Curso [...] formará um profissional voltado para o planejamento e implementação de serviços adequados aos usuários e para a formação, organização e tratamento de acervos em diversos tipos de suporte. Será capaz de interagir no processo de transferência da informação, desde sua geração até seu uso, preparado para atuar num mercado de trabalho diversificado, influenciado pelas transformações conjunturais e tecnológicas. Para quem gosta de trabalhar com pessoas, com pesquisas, novas tecnologias, com os mais variados tipos de suportes informacionais e em distintos ambientes de informação, encontrará [...] uma excelente oportunidade de trabalho e pesquisa.

Os bibliotecários, segundo descrição do curso podem atuar em diferentes ambientes:

O bibliotecário atua em: Bibliotecas de Instituições Públicas e Privadas (Bibliotecas Universitárias, Bibliotecas Municipais, Bibliotecas Infantis, Bibliotecas Especializadas, etc); Museus; Arquivos (Públicos, Privados e Especializados); Ambientes de Informação de Empresas Públicas e Privadas; Centros de Documentação Especializados; Escritórios Jurídicos e em departamentos que fazem uso estratégico da informação. Destaca-se a atuação deste profissional em ambientes de pesquisa, ou seja, além do mercado de trabalho, o bibliotecário também pode se especializar

⁸⁷ Disponível em: <http://www.imapes.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

para atuar como professor no nível superior e/ou para trabalhar em instituições (públicas e privadas) com pesquisas para fins estratégicos.

As disciplinas são oferecidas por semestre, não havendo indicação de serem obrigatórias ou optativas e cobrem as de natureza mais técnica da Biblioteconomia e outras relacionadas a tecnologias e a gestão, não tendo sido possível ter acesso às ementas. Os professores relacionados ao curso são, em sua maior parte, formados em Biblioteconomia, apenas um formado em Processamento de Dados e todos possuem mestrado.

O curso é noturno, deverá ser concluído em 8 semestres e oferece 50 vagas, não havendo indicação de relação candidatos por vaga, sendo que no vestibular de 2008 foram oferecidas, por essa modalidade, 41 vagas.

- Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUC Campinas/SP –

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUC Campinas⁸⁸, localizada na cidade de Campinas, no estado de São Paulo, é uma entidade privada que possui a Faculdade de Biblioteconomia, vinculada ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas, que também ministra curso de mestrado em Ciência da Informação. A carreira é descrita na página específica do curso⁸⁹:

[..] o curso foi recentemente reformulado para formar cientistas da informação [...]. O boom de informações gerado pelo fácil acesso aos meios de comunicação passou a exigir um profissional capaz de ordenar adequadamente a vasta documentação, selecionar e disponibilizar a informação na Web. Atento a essa demanda, a Faculdade de Biblioteconomia reformulou o curso de graduação em Biblioteconomia, que passou a denominar-se Ciência da Informação com habilitação em Biblioteconomia. Os novos profissionais da era da gestão do conhecimento organizam e armazenam informações, sejam elas películas, textos ou tridimensionais. Os alunos se habilitam em Organização e Tratamento de Informação, Análise da Informação, Linguagem Documentária, História do Registro do Conhecimento e Bibliometria (técnica de aferição do grau de uso ou não de determinado livro ou documento), Editoração e Marketing. Também realizam trabalho voluntário na organização de locais de leitura em escolas, associações de bairro e hospitais.

Objetivos

Capacitar o cientista da informação a identificar necessidades, adquirir material bibliográfico (inclusive multimídia), restaurar, acondicionar, conservar, localizar e filtrar as informações e saber o que guardar e o que descartar. Em resumo, aprender a agregar valor às informações. Formar profissionais de espectro bem mais amplo que o até aqui oferecido pelas escolas da área, isto é, formar cientistas da informação com formação em gestão de fluxos de informação. São eles que respondem pelo armazenamento e localização da informação qualificada, matéria-prima hoje indispensável em qualquer grande empresa, órgão público, biblioteca ou meio de comunicação.

Sobre o perfil do egresso:

⁸⁸ Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.puc-capinas.edu.br/centreos/ccsa>. Acesso em: 9 mar. 2008.

O profissional da Ciência da Informação com habilitação em Biblioteconomia é o mediador entre o homem e o conhecimento registrado. É o especialista em tratar a informação preparando-a e sendo responsável pela democratização do acesso a essa informação. Dessa forma, o trabalho do Cientista da Informação contribui para o desenvolvimento social e para o avanço científico e tecnológico. Sendo um profissional envolvido com a informação, atua no mercado de trabalho com uma visão ampla e objetiva da sociedade e de seus variados segmentos. De acordo com o Conselho Federal de Biblioteconomia o piso salarial do bibliotecário é de R\$ 1.600,00 iniciais. Na verdade, o salário médio está atrelado ao tipo de instituição, seja ela biblioteca pública e escolar ou em empresa multinacional, chegando até a R\$ 12.000,00. É um campo em ascensão segundo recentes pesquisas e também um campo de trabalho que é muito amplo podendo o profissional, desempenhar suas funções em bibliotecas (públicas, escolares, infantis, universitárias e especializadas), Centros e Serviços de Documentação e Informação, Arquivos (históricos, administrativos e técnicos), Museus, Discotecas, Cinematecas, Video-clubes, Hemerotecas, Editoras, Assessorias (parlamentares, empresariais, jurídicas e educacionais) ou exercendo a profissão como autônomo e também em : bibliotecas e serviços de banco de dados; empresas públicas (tribunais, autarquias, secretarias); empresas privadas em geral (bancos, livrarias, clínicas); instituições de ensino e pesquisa (universidade e escolas); como autônomo (orientação de pesquisas bibliográficas, teses, monografias); empresas de consultoria (assessoramento e implantação de bancos de dados). Existem poucos profissionais com a formação de Cientista da Informação com habilitação em Biblioteconomia no mercado e a demanda por eles é crescente. Há, portanto, mais vagas do que candidatos. A atividade desse profissional, antes limitada a bibliotecas públicas ou escolares, tem seu campo de trabalho bem diversificado agora. Até bem pouco tempo, a informação era sinônimo de livro. Hoje está em vários lugares, na Internet, em CD-Roms e em outros meios eletrônicos. E não é pouca informação: só os Estados Unidos produzem mais de um bilhão de documentos todos os dias. Por isso, cada vez mais os profissionais da informação são importantes para o mercado. Afinal, essas áreas sofreram uma revolução nos últimos anos e, agora, suas atividades não se limitam a lidar apenas com bibliotecas. Eles organizam e permitem o acesso à informação, onde quer que ela esteja. Os cientistas da informação são preparados para buscar, selecionar, classificar e disponibilizar informações de uma maneira fácil e rápida de localizar - algo fundamental nesses tempos de excesso de informação. Com o instrumental da Internet e dos CD-Roms, é o cientista da informação quem organiza os arquivos que vão para a rede mundial. Como o curso não é muito conhecido, há muitas vagas no mercado de trabalho. A Faculdade de Biblioteconomia da PUC-Campinas tem um serviço de Bolsa Emprego para recém formados. Não há no momento cientistas da informação formados nos últimos 5 anos sem colocação.

O currículo do curso é ordenado pelos semestres não havendo indicação de disciplinas obrigatórias ou optativas. As ementas não estão disponíveis para consulta e as denominações dessas disciplinas, embora sejam apresentadas de modo diferentes das usuais sugerem que aquelas tradicionais da Biblioteconomia são ministradas, como catalogação, mas, conforme dito na página, de modo revisitado, possivelmente tendo sido substituída pela Representação Descritiva. As tecnologias de informação estão presentes, mas não parece haver intenção, como nos outros cursos, de fornecer conhecimento em todas as áreas ditas gerais, parecendo mais focalizado nas competências para gestão da informação em seu espectro mais amplo.

O curso de Biblioteconomia da PUC Campinas é noturno, deve ser concluído em oito semestres e oferece 60 vagas anuais, não tendo sido identificadas informações sobre a

relação de candidatos por vaga. Finalmente, conforme dados da própria página do curso, os professores têm formações de graduação variada, alguns formados em Biblioteconomia, todos com mestrado ou doutorado.

- Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”-UNESP Campus de Marília/SP –

A Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”-Unesp Campus de Marília/SP⁹⁰, localizado na cidade de Marília, no estado de São Paulo, contempla diversas Faculdades, dentre as quais a Faculdade de Filosofia e Ciências, que é dividida em Ciências Humanas e Ciências Biológicas e da Saúde. Sob as Ciências Humanas está o curso de Biblioteconomia, inserida no Departamento de Ensino de Ciência da Informação, que possui mestrado e doutorado em Ciência da Informação. A visão sobre o perfil profissional do graduado em Biblioteconomia está expresso a seguir:

O curso de Biblioteconomia visa à formação de profissionais da informação para atuar em um amplo espectro de unidades de informação, desde as tradicionais bibliotecas públicas, escolares e universitárias até os centros de informação empresariais. Para tanto, é dada ênfase especial à formação científica do aluno de modo a prepará-lo para uma futura vida acadêmica (ensino e pesquisa na área) e às novas tecnologias, enquanto ferramentas indispensáveis ao tratamento e gerenciamento da informação na atualidade, sem, no entanto, desvincular-se do caráter humanista e da natureza eminentemente social da profissão.

A grade curricular disponível na página do curso não inclui as ementas e contém disciplinas de cunho técnico específico de Biblioteconomia, como catalogação e estudos de usuário, bem como outras voltadas para o aprendizado das tecnologias e algumas de formação geral, como idiomas, história e português. Existe abertura para fazer disciplinas optativas e o curso é estruturado para ser realizado em quatro anos (oito semestres).

O quadro de professores do curso de Biblioteconomia contém perfis diferenciados, sem predominância de graduados em Biblioteconomia e todos possuem mestrado ou doutorado.

A Biblioteconomia da Unesp, campus de Marília, oferece 35 vagas anuais e no vestibular de 2008 teve uma demanda de 3,6 candidatos por vaga. A média de procura para o curso, entre 2004 e 2007 foi de 4,76 candidatos por vaga, conforme dados da página específica sobre o vestibular da Unesp⁹¹.

⁹⁰ Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁹¹ Disponível em: <http://www.unesp.br/vestibular>. Acesso em: 9 mar. 2008.

- Universidade Federal de São Carlos-UFSCar/SP –

A Universidade Federal de São Carlos-UFSCar⁹², localizada na cidade de São Carlos, no estado de São Paulo, contém o Centro de Educação e Ciências Humanas, que engloba, dentre outros, o Departamento de Ciência da Informação⁹³, com o curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, cuja visão da profissão e proposta de formação de pessoal é assim colocada:

A sociedade contemporânea gera, supervaloriza e descarta informações, num ritmo cada vez mais intenso. Como área de conhecimento, a Ciência da Informação têm suas principais preocupações voltadas para solucionar questões relativas às necessidades de acessar, obter, organizar, disseminar e gerenciar a informação e o conhecimento produzidos.

Os campos de estudo e de ação em Biblioteconomia e Ciência da Informação têm crescido continuamente. O mercado de trabalho é amplo e em contínua expansão, inclusive para a atuação profissional como autônomo. O profissional tem oportunidade de atuar em diferentes unidades de informação, tanto de organizações públicas, quanto privadas, dos mais diferentes setores: industrial, mídia, financeiro, jurídico, educacional, cultural e da saúde, entre outros. Preservar a memória da produção intelectual de indivíduos, instituições, regiões e sociedades e disponibilizar informação para apoiar atividades de pesquisa, produção e lazer, agregando valor à informação de forma adequada às necessidades do usuário, são os principais objetivos e contribuições desta formação profissional.

O curso de Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar [...] assume aspectos diferenciados quanto à sua proposta curricular. Os conteúdos curriculares, além de abrangerem os campos do conhecimento teórico e prático da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), enfatizam a utilização de recursos da Internet, CD-ROM e de outros meios de rastreamento, acesso e recuperação da informação. Também utiliza ferramentas de geração e uso de base de dados para organizar e informatizar acervos de forma a facilitar o gerenciamento da informação e do conhecimento disponível.

O caráter inovador do curso pode ser atribuído, dentre outros fatores, à organização curricular em duas ênfases – Informação Tecnológica e Empresarial e Informação Social - além do aspecto interdisciplinar que se reflete, tanto pelas diferentes áreas de formação do corpo docente, quanto pela diversidade dos temas explorados pelos alunos em suas atividades de iniciação à pesquisa científica. (Folder eletrônico sobre o curso)⁹⁴

Além disso, conforme apresentado, o bibliotecário formado pela UFSCar pode atuar em diversos segmentos e possui as seguintes características:

Em função das transformações sociais que vêm ocorrendo e com base nas características do atual mercado de trabalho, o corpo docente está atento às necessidades de formação de um profissional capacitado para exercer os novos papéis a ele destinados.

Assim, o curso tem por objetivo formar profissionais da informação não apenas tecnicamente aptos mas, sobretudo, profissionais críticos, éticos, criativos, adaptáveis

⁹² Disponível em: <http://www.ufscar.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁹³ Disponível em: <http://www.dci.ufscar.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁹⁴ Documento eletrônico. Disponível em: http://www.ufscar.br/~dci/folder_bci_2002.doc. Acesso em: 9 mar. 2008.

e conscientes das exigências de contínua atualização profissional. (Folder eletrônico sobre o curso)⁹⁵

Seleciona, analisa, processa, organiza e dissemina registros do conhecimento, em quaisquer suportes e ambientes.

Possibilidades de atuação: em unidades de informação educacionais (bibliotecas públicas, escolares e universitárias), científicas e de pesquisa e empresariais, entre outras.⁹⁶

O projeto pedagógico do curso⁹⁷ é colocado à disposição para consulta e inclui um histórico sobre a Biblioteconomia e sobre o curso propriamente dito e outros aspectos acerca do perfil desejável do egresso, baseado em referencial teórico elaborado pela Associação Brasileira de Ensino em Ciência da Informação-ABECIN, para quem:

Tais aspectos convergem para a formação de alunos com visão técnico-científica, ou seja, que compreendam a provisoriedade da verdade científica e suas aplicações, portanto, críticos, reflexivos, autônomos e éticos, para fazer frente aos desafios próprios da área com competência. Isso lhes pressupõe clareza no reconhecimento da dimensão social da profissão, bem como uma atuação solidária - e não apenas competitiva, tal como tem induzido a ideologia hegemônica - voltada para modificar o meio onde atua, de modo a buscar reduzir desigualdades.

Conforme dados do Projeto Pedagógico, o perfil projetado para o profissional é:

A missão do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação é graduar Bacharéis em Biblioteconomia dotados de visão interdisciplinar, capazes de contribuir para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia como cidadãos partícipes e comprometidos com a construção de uma sociedade justa, equilibrada e auto-sustentável. Esta missão está em estreita consonância com a filosofia norteadora das atividades da Universidade Federal de São Carlos, que busca aliar alta qualificação e competência acadêmico-profissional ao exercício democrático e da cidadania.

Para tanto, com base nas sugestões das comissões de avaliação já mencionadas, definiu-se o perfil e as respectivas competências profissionais e pessoais com vistas a oferecer um curso que atenda às necessidades sociais na área, com a qualidade esperada, respeitando-se as especificidades de São Carlos e região e buscando atender às demandas sociais existentes.

O principal objetivo do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação é formar profissionais com competências e habilidades para solucionar questões relacionadas à seleção, à coleta, à organização, ao tratamento, à disseminação e ao acesso da informação e do conhecimento produzidos, em diferentes meios e suportes, bem como aptos a gerenciar os fluxos e estoques, de forma a eliminar os excessos de informação. Este objetivo é operacionalizado pela expressiva articulação entre ensino, pesquisa e extensão, visando a formação de profissionais flexíveis, aptos a dialogar com a sociedade, tendo em vista as rápidas transformações sociais, tecnológicas e no mundo do trabalho.

Além desse perfil o projeto lista as competências desejáveis que são:

- Formular e gerenciar projetos, produtos e serviços de informação.
- Dirigir, administrar, organizar e coordenar unidades, sistemas e serviços de informação.
- Aplicar técnicas de marketing, liderança e de relações públicas.

⁹⁵ Documento eletrônico. Disponível em: http://www.ufscar.br/~dci/folder_bci_2002.doc. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁹⁶ Informações sobre o vestibular. Disponível em: <http://www.vestibular.ufscar.br>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁹⁷ Disponível em: http://www.prograd.ufscar.br/projetoped/projeto/projeto_bci.pdf. Acesso em: 9 mar. 2008.

- Assessorar no planejamento de recursos econômico-financeiros de unidades, serviços e sistemas de informação, utilizando modelos comerciais e administrativos apropriados para comunicar à administração superior a importância dos serviços de informação.
- Desenvolver e gerir serviços de informação convenientes, acessíveis e efetivos, baseados no custo e alinhados com a direção estratégica da organização.
- Elaborar produtos de informação, com base em um conhecimento especializado do conteúdo dos recursos de informação, inclusive habilidade de avaliá-los e filtrá-los criticamente.
- Identificar, criar, avaliar e compartilhar recursos, produtos, serviços e processos informacionais.
- Selecionar, avaliar e utilizar recursos automatizados apropriados para adquirir, organizar e disseminar informação em unidades, serviços e sistemas de informação.
- Planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação.
- Prover instrução e apoio aos usuários das unidades, sistemas e serviços de informação.
- Avaliar as necessidades, os projetos, os serviços e produtos informativos de valor agregado para atender às necessidades identificadas dos usuários e à demanda social.
- Ter conhecimento especializado do ambiente de negócios da informação.
- Selecionar, avaliar, representar, organizar e difundir a informação gravada em qualquer meio para os usuários de unidades, serviços e sistemas de informação.
- Dominar a lógica do sistema de indexação.
- Conhecer sistemas de classificação das fontes de informação; acesso, recuperação e análise e proteção da informação.
- Assessorar a avaliação de coleções bibliográfico-documentais.
- Utilizar e disseminar fontes, produtos e recursos de informação de quaisquer naturezas.
- Planejar, coordenar e avaliar a preservação e a conservação dos materiais armazenados nas unidades de informação.
- Planejar, constituir e utilizar redes globais de informação.
- Ter embasamento teórico e prático sobre o funcionamento das organizações virtuais de informação.
- Avaliar os resultados do uso da informação e investigar as soluções dos problemas relacionados ao trabalho com a informação.
- Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação.
- Promover uma atitude crítica e criativa a respeito das resoluções de problemas e questões de informação.
- Fomentar atitudes abertas e interativas com os diversos atores sociais.
- Utilizar as metalinguagens pertinentes.
- Desenvolver ações expositivas, visando à extroversão dos acervos sob sua responsabilidade.
- Ser membro efetivo da administração superior e consultor da organização com respeito aos assuntos de informação.
- Refletir criticamente sobre sua prática profissional e estar dedicado ao aprendizado permanente e à planificação de sua carreira.
- Estar dedicado à excelência do serviço
- Buscar desafios e encontrar novas oportunidades dentro e fora dos serviços, unidades e sistemas de informação.
- Buscar associações e alianças.
- Criar um ambiente de respeito mútuo e confiança.
- Ter habilidades efetivas de comunicação.
- Trabalhar bem com os outros e em equipe.

As disciplinas oferecidas, até o 6º semestre são denominadas de tronco comum e contemplam aqueles temas tradicionais em Biblioteconomia, agregados das que contribuem para a formação geral e diferencia-se a partir do 7º semestre, em que os alunos optam pela ênfase que desejam seguir, que pode ser, conforme pôster sobre o curso disponível na página, em Informação Tecnológica e Empresarial e em Informação Social. De todo modo, as disciplinas são divididas entre as obrigatórias e as optativas.

O curso é noturno, oferece 40 vagas por ano e deve ser concluído em oito semestres. O quadro de professores, assim como os demais, possui perfis de graduação variados, sem predominância de bacharéis em Biblioteconomia, todos com pós-graduação *stricto sensu*.⁹⁸

Com relação à demanda no vestibular de 2008 foi de 5,75 candidatos por vaga e a média para os anos de 2004 a 2007 foi de 7,35 candidatos/vaga.

- Universidade de São Paulo-USP –

A Escola de Comunicação e Artes-ECA⁹⁹, pertence ao complexo da Universidade de São Paulo-USP¹⁰⁰, localizada na cidade de São Paulo, instituição pública estadual de ensino, abriga o Departamento de Biblioteconomia e Documentação, com bacharelado em Biblioteconomia. Conforme dados constantes da página da ECA, o curso pretende formar pessoas aptas a lidar no mundo da informação, com sua complexidade e exigências:

A informação é, neste final de século, um dos fatores de maior importância para o fortalecimento das relações entre os seres humanos, perpassando todas as atividades pessoais, intelectuais e comerciais. Dominar os instrumentos de acesso e recuperação da informação é condição necessária para o progresso em qualquer área do conhecimento. A diversidade de suportes (papel, disquetes, CD-ROMs etc.), de formatos (textual, visual, sonoro, auditivo etc.) e de tipos de materiais informacionais (livros, periódicos, discos, filmes, patentes etc.), bem como a complexidade das demandas informacionais dos vários segmentos da sociedade exigem um profissional com formação multi e interdisciplinar - o administrador da informação ou o bibliotecário, como é conhecido tradicionalmente. Assim, integrado ao universo de profissionais da informação, cabe ao bibliotecário responder pelo planejamento, implementação e gerenciamento de sistemas informacionais. É um mercado de trabalho com potencial de expansão ainda insuficientemente explorado. O curso propõe-se a integrar o futuro bacharel neste ambiente em ebulição: por um lado, propiciando-lhe os conhecimentos e instrumentos necessários para fazer frente às novas exigências da sociedade; e, por outro, preparando-o para atuar não apenas nos ambientes tradicionais (como bibliotecas públicas, escolares, universitárias, de institutos de pesquisa, empresas etc.), mas também em ampla variedade de instituições e atividades vinculadas à área de informação, como empresas de comunicação, arquivos, museus e grupos específicos (sindicatos e movimentos populares, entre outros).

O curso de Biblioteconomia da ECA-USP oferece vagas no período matutino e noturno, com prazos diferenciados de conclusão, sendo, respectivamente, oito e dez semestres. As disciplinas estão divididas entre obrigatórias e optativas cuja abrangência contempla as de cunho técnico da Biblioteconomia tradicional e aquelas mais voltadas às tecnologias de informação. O Departamento ministra cursos de pós-graduação, em nível de

⁹⁸ Disponível em: <http://www.dci.ufscar.br/docentes.htm>. Acesso em: 9 mar. 2008.

⁹⁹ Disponível em: <http://www.eca.usp.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.usp.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

mestrado e de doutorado e todos os professores possuem doutorado, sendo que a maior parte tem graduação em Biblioteconomia e alguns com formação básica em outras áreas.

Quanto ao número de vagas, o curso de Biblioteconomia da ECA-USP oferece 35 vagas anuais, sendo 15 para o período matutino e 20 para o noturno. No vestibular de 2008 foram 9,46 candidatos por vaga, com média de 12,73 para os períodos compreendidos entre 2004 e 2007.

- Universidade de São Paulo-USP Ribeirão Preto –

A Universidade de São Paulo, no campus de Ribeirão, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras¹⁰¹, o Departamento de Física e Matemática possui o curso de Ciências da Informação e Documentação, bacharelado em Ciências da Informação e Documentação. O curso é noturno e os alunos podem optar por uma das três especializações oferecidas, que são Agricultura e Serviços, Educação e Saúde.

De acordo com as informações contidas na página do Departamento, o perfil do curso é:

- sólida formação humanista nas áreas de história e ciências sociais.
- desenvolvimento das competências para atuar na organização da informação e construção de produtos documentários.
- capacitação para efetuar a gestão de unidades de informação, seja no ambiente tradicional, seja no eletrônico.
- preparação para responder a demandas de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.
- realização de especializações para o tratamento da informação e da documentação nas áreas de saúde, educação e agronegócios.

O curso de Ciências da Informação e Documentação se propõe a formar profissionais que possam atuar em diferentes contextos:

O curso visa a formação de profissionais em informação e documentação, permite atuação do formado em Biblioteconomia, e prioriza as áreas da Educação, Saúde e Agricultura como áreas de especialização integradas ao quadro da formação geral. Tem seus fundamentos na necessidade de desenvolvimento de um campo científico e de formação relativamente novos: o das Ciências da Informação. Com o advento das "Sociedades da informação", as questões informacionais ganharam um novo estatuto e foram colocadas no centro da vida social. A informação, uma matéria-prima valiosíssima no mundo atual, é capaz de mobilizar profissionais de diferentes ordens e matizes, imensos investimentos financeiros, tecnologias sofisticadas e variadas, com implicações em leis, políticas e instituições diversificadas. Observa-se uma crescente necessidade de pessoal capacitado para atuação em estruturas, públicas ou privadas, que requerem coleta, armazenamento, organização e apresentação de informações de natureza variada. O progresso nas diferentes áreas do conhecimento caminha paralelamente ao domínio dos instrumentos de acesso e recuperação da informação e as demandas informacionais dos vários segmentos da sociedade exigem um profissional com formação multi e interdisciplinar. Ao concluir o curso, o aluno estará preparado para atuar num mercado de trabalho diversificado, influenciado pelas transformações conjunturais e tecnológicas que estão ocorrendo na sociedade. Deverá enfrentar o desafio de novos ambientes que demandam

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.ffclrp.usp.br>. Acesso em: 8 mar. 2008.

profissionais com habilidades voltadas principalmente ao acesso à informação. O currículo satisfaz os requisitos necessários para a habilitação profissional em biblioteconomia, obedecendo às Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Todavia o curso prepara o aluno para atuar não apenas nos ambientes tradicionais (como bibliotecas públicas, escolares, universitárias, de institutos de pesquisa, empresas etc.), mas também em ampla variedade de instituições e atividades vinculadas à área de informação, como empresas de comunicação e organizações da sociedade civil como sindicatos, movimentos populares, entre outros. As especializações no nível de graduação consistem em contextualizações estabelecidas a partir das áreas de educação, saúde e agronegócios.

O curso oferece 40 vagas anuais¹⁰² e deve ser concluído em oito semestres, suas disciplinas e ementas, disponíveis para consulta na página da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras¹⁰³ estão distribuídas em obrigatórias e optativas, que do mesmo modo que os cursos apresentados anteriormente contemplam as disciplinas tradicionais da Biblioteconomia, aquelas mais voltadas para a tecnologia e outras que permitem a formação mais específica em alguns temas da área de saúde, especialmente.

Todo o corpo docente possui pós-graduação e a graduação, nesse caso, é dividida quase que pela metade, sendo 50% de professores com graduação em Biblioteconomia e os demais com formações básicas em outras áreas, como Letras, História, Ciências Sociais, entre outras.

No vestibular de 2008, conforme dados da Fundação Universitária para o Vestibular-FUVEST¹⁰⁴, o curso teve uma demanda de 4,68 alunos por vaga e a média de 2004 a 2007 foi de 5,58 candidatos/vaga.

- Resumo dos dados das Escolas -

Retomando, então, os objetivos de verificar as informações sobre as escolas, que foram: identificar o perfil profissional esperado dos egressos; verificar a descrição da profissão que as escolas fornecem, que, de certa forma, contém a visão que aquela escola possui acerca de mercado de atuação e de potencial de trabalho; examinar as listas de disciplinas oferecidas, que se constituem no arcabouço teórico e prático que contribuirá para formar o bibliotecário; identificar a qualidade das informações fornecidas por meio da *Internet*, já que essa é uma fonte de informação e de divulgação da profissão que poderia atrair candidatos, pelos dados apresentados verificou-se que:

¹⁰² Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2008/manual/man2008.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2008.

¹⁰³ Disponível em: <http://www.ffclrp.usp.br>. Acesso em: 8 mar. 2008.

¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.fuvest.br>. Acesso em: 7 mar. 2008.

- em todos os cursos, a proposta é formar um profissional moderno, com visão de futuro, em condições de atuar em qualquer ambiente onde haja necessidade de informação, preparado para coletar, organizar, tratar, disseminar e mediar informação, independentemente de suporte, sendo que o caráter social da profissão é ressaltado com maior ou menor ênfase em todas as páginas que falam sobre a profissão e sobre a carreira;
- pelas grades curriculares disponíveis, percebe-se que há poucas variações em relação ao conjunto das disciplinas, todos os cursos procurando formar profissionais com conhecimentos gerais sobre a profissão e suas técnicas, alguns procurando ampliar a formação com disciplinas de conhecimentos gerais, com idiomas, português e história predominando;
- com exceção da UFSC, todos os cursos indicaram que a conclusão deve ser em oito semestres e aqueles que colocaram prazo limite estabeleceram 14 semestres;
- a procura pelos cursos varia pouco sendo o da USP-ECA o que apresenta a maior média de relação candidato por vaga no período compreendido entre 2004 e 2007 (12,73) e a UFSC o que teve menor relação, com 3,75, explicada, provavelmente pela existência de outro curso na esfera pública na mesma cidade, oferecido pela UDESC (3,89). Mas essa relação deve ser analisada ponderando-se o número de vagas ofertado pelas instituições que varia de 30 por ano, pela UFG a 300 por ano, pela FESPSP. Em nenhuma das instituições privadas constam os dados de relação candidato por vaga.
- os professores de todos os cursos em que constaram os dados sobre o corpo docente, em geral possuem graduações variadas, havendo predominância de bibliotecários em poucas delas e a formação de pós-graduação *stricto sensu* é maior nas instituições públicas;
- com exceção do estado de São Paulo, que possui escolas no interior, nos demais estados as escolas estão localizadas na capital e as vinculações dos cursos são variadas, havendo pouca coincidência.

Estado / Região	Escola / Curso	Local	Vínculo da Escola	Duração do Curso ¹	Nº de Vagas ²	Candidatos por vaga ³	Pós-Graduação (<i>stricto sensu</i>)
Bahia (NE)	UFBA (federal)	Salvador	Instituto de Ciência da Informação / Curso de Biblioteconomia	8 a 14	60	5,07	Mestrado
Distrito Federal (CO)	UnB (fundação)	Brasília	Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação / Departamento de Ciência da Informação e Documentação	8 a 14	40	10,01	Mestrado e Doutorado
Goiás (CO)	UFG (federal)	Goiânia	Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia / Curso de Biblioteconomia	8	30	4,4	---
Santa Catarina (S)	UFSC (federal)	Florianópolis	Centro de Ciências da Educação / Departamento de Ciência da Informação	---	80	3,75	Mestrado
	UDESC (estadual)	Florianópolis	Centro de Ciências da Educação / Faculdade de Educação / Curso de Biblioteconomia	8	40	3,89	---
São Paulo (SE)	FAINC (privada)	Santo André	Faculdade de Biblioteconomia	8 a 14	80	---	---
	FATEA (privada)	Lorena	Curso de Biblioteconomia	8 a 14	80	---	---
	FATEMA (privada)	São Paulo	Administração em Informação – desativado em 2003	8	---	---	---
	FESPSP (privada)	São Paulo	Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação	8	300	---	---
	IMAPES (privada)	Sorocaba	Curso de Biblioteconomia	8	50	---	---
	PUC Campinas (privada)	Campinas	Centro de Ciências Sociais Aplicadas / Faculdade de Biblioteconomia	8	60	---	Mestrado
	UNESP (estadual)	Marília	Faculdade de Filosofia e Ciências / Departamento de Ensino de Ciência da Informação	8	35	4,76	Mestrado e Doutorado
	UFSCar (federal)	São Carlos	Centro de Educação e Ciências Humanas / Departamento de Ciência da Informação	8	40	7,35	---
	USP-ECA (estadual)	São Paulo	Escola de Comunicação e Artes	8 matutino 10 noturno	35	12,73	Mestrado e Doutorado
	USP-Ribeirão Preto (estadual)	Ribeirão Preto	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras / Departamento de Física e Matemática / Curso de Ciências da Informação	8	40	5,58	---

¹ em semestres. ² por ano. ³ Média dos anos de 2004 a 2007.

Quadro 6 - Escolas pesquisadas – características gerais

3.5 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos para coleta de dados para a presente pesquisa foram questionários, para os dados de natureza quantitativa, e entrevistas, para os qualitativos. No caso dos dados qualitativos foi utilizada a técnica de análise de conteúdo tanto para análise das

questões abertas dos questionários, quanto para as entrevistas e também para a parte documental da pesquisa, que inclui as normas que regulamentam a profissão, os projetos pedagógicos e os currículos das escolas pesquisadas.

3.5.1 Questionários

Na construção do questionário para levantamento de dados junto aos bibliotecários foram consideradas as seguintes variáveis:

- Auto-imagem profissional do bibliotecário

- valores profissionais
 - percepção dos bibliotecários acerca do exercício profissional, se consideram que as atividades exigem criatividade, se são rotineiras ou desafiadoras, se a carreira é promissora, se a profissão é importante para a sociedade, os modelos profissionais.
- atitudes profissionais
 - percepção dos bibliotecários acerca do exercício profissional no tocante à acomodação pessoal e da classe, os estereótipos percebidos, a postura profissional que se traduz pela atitude mais agressiva ou mais tímida
 - satisfação no exercício profissional
 - a influência das tecnologias de informação e comunicação, da formação profissional.
- identidade profissional
 - como o bibliotecário percebe a profissão em termos de suas características, utilizando os mesmos parâmetros contidos nos itens relativos a valores ocupacionais e atitudes
 - como o bibliotecário acha que a sociedade percebe essa profissão
 - como os bibliotecários analisam os bibliotecários e os demais profissionais da informação.
- influência da instituição e/ou do tipo de atividade realizado na constituição da auto-imagem.
- autonomia no trabalho (se influencia a auto-imagem).
- influência da Escola na construção da auto-imagem.
 - imagem dos professores.
 - imagem dos profissionais a partir dos estágios realizados.

- Perfil dos profissionais

- formação profissional
- sexo
- idade
- estado civil
- tempo de atuação
- motivação na escolha da carreira
- forma pela qual tomou conhecimento da profissão
- tipo de instituição e atividade que desenvolve
- treinamentos
- pós-graduação
- região de trabalho e de formação
- salário.

No Anexo 1 consta a versão final utilizada para realização da pesquisa. Pelo esquema da Figura 8, abaixo, é possível identificar de que modo se pretendeu operacionalizar a pesquisa junto aos bibliotecários, na parte quantitativa.

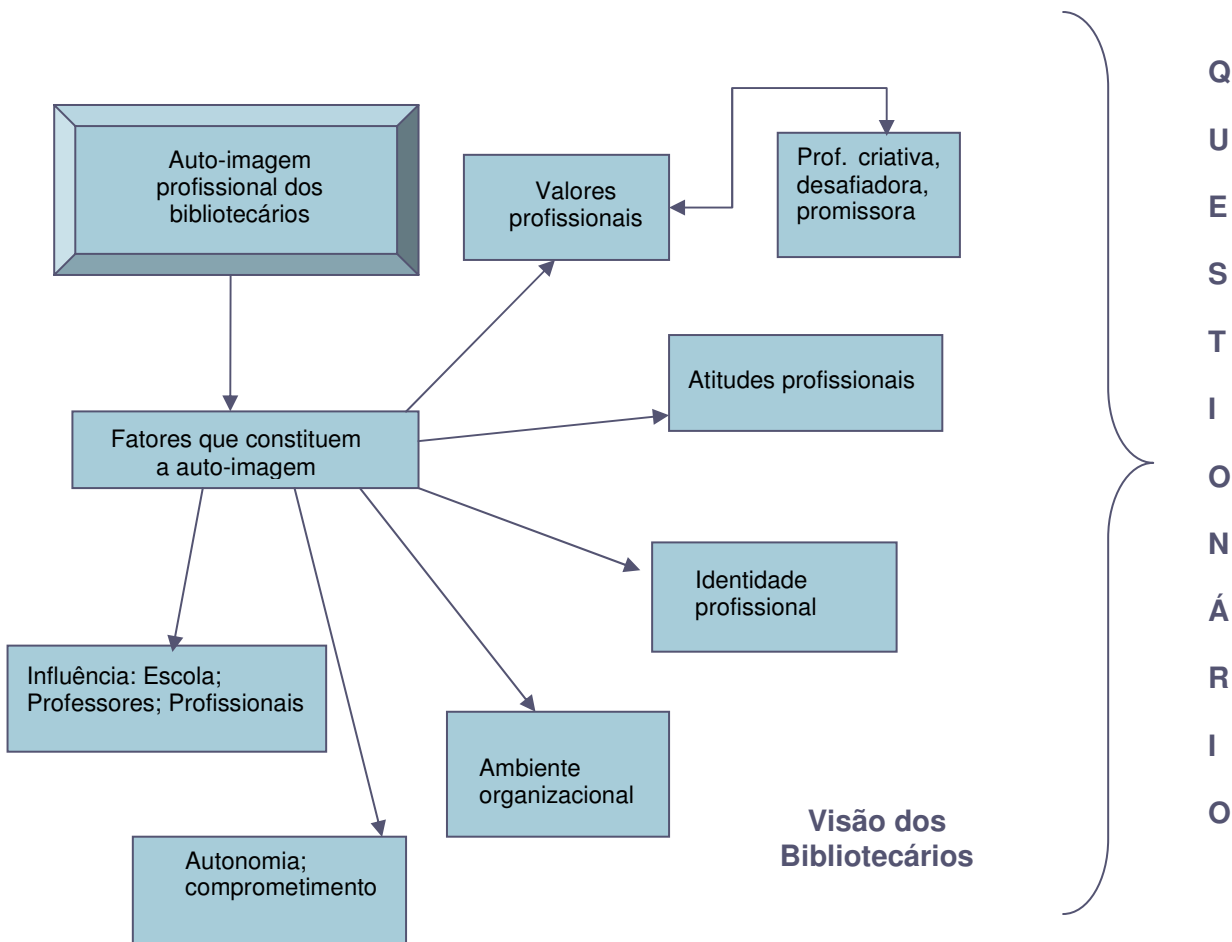


Figura 8 – Esquema de pesquisa/questionário

Em junho de 2005 foi elaborada a primeira versão do questionário, dividido em duas partes. Na primeira, as perguntas formuladas, em número de 99, foram extraídas de Oliveira

(1980), Baptista (1998) e redigidas a partir das variáveis definidas para o estudo e da literatura técnica que estuda o profissional.

As perguntas extraídas do trabalho de Oliveira (1980) foram revisadas, considerando e atualizando as diferenças de época, de realidade profissional para os bibliotecários, de alterações curriculares e de geração dos bibliotecários em relação a este estudo.

Na segunda parte, foram elaboradas questões para identificação do respondente, Escola e época de ingresso e de formatura, sexo, estado civil, motivação na escolha e forma de conhecimento da carreira, entre outras.

A primeira versão foi submetida a teste para quatro bibliotecários em Brasília, sendo um recém-formado, um com 12 anos de formado e dois com mais de 20 anos de conclusão do curso, cada um deles formado em diferentes escolas, sendo um de Brasília e os demais de São Paulo, de São Carlos e de Porto Alegre. Essa distribuição visava à identificação de diferenças de visão e de possibilidade de resposta, em função de experiência no exercício profissional, realidade de mercado para iniciantes e tempo despendido na resposta. Foi solicitado que todos descrevessem as dificuldades de compreensão das perguntas, a impressão geral sobre o questionário e, por fim, que formulassem as sugestões.

Após recebimento das respostas, sugestões e críticas, as perguntas foram reagrupadas por itens específicos, por exemplo, questões que tratam do bibliotecário, da Biblioteconomia, do mercado e, por fim, da formação profissional, o número de questões foi diminuído para 61, mantendo-se a segunda parte praticamente inalterada.

Esse novo instrumento foi submetido a um estatístico que reviu os itens de pesquisa e sugeriu alterações na formulação de algumas perguntas, desdobrou algumas questões, propôs alterações dos itens de identificação que foram rearrajados e sua apresentação foi modificada para facilitar a resposta, melhorar a visualização dos itens e diminuir espaços. Este instrumento constou de 64 questões.

Embora a realidade tecnológica e o suporte teórico e metodológico já disponível permitam a aplicação de questionários utilizando a *Internet*, seja pelo envio de mensagens eletrônicas com arquivo anexado ou mesmo a colocação do instrumento como página, controlando o acesso por senhas ou identificação dos protocolos das máquinas para evitar duplicação de respostas, a seleção da forma de aplicação dependia totalmente dos cadastros de bibliotecários disponíveis nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia dos Estados selecionados para a pesquisa, sendo que a maioria somente facultou o acesso aos endereços de correio tradicional.

O pré-teste do questionário foi efetuado com bibliotecários cadastrados no Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região, no Estado de Goiás, pela maior facilidade de contato e pelo fato de este Estado responder às delimitações definidas para a pesquisa. O envio do questionário para o pré-teste foi feito, então, por meio de correio tradicional,

contendo o questionário e um envelope pré-selado e endereçado para facilitar a devolução, uma vez que o cadastro do CRB 1 é fornecido somente em formato de etiquetas auto-adesivas, sem inclusão de endereço eletrônico.

O total de bibliotecários cadastrados no estado de Goiás era de 188 profissionais. Entretanto, na fase do pré-teste, foram excluídos os que moravam no entorno do Distrito Federal, pois provavelmente teriam estudado e trabalhariam no Distrito Federal. Foram, então, encaminhados 40 questionários, entre 16 e 29/9/2005 e, até 17/11/2005, retornaram 12. Desses 12, dois pediram e responderam o questionário pelo correio eletrônico. Até dezembro foram recebidos mais quatro questionários, além de dois devolvidos pelo correio por mudança de endereço dos destinatários, totalizando 16 questionários, correspondentes a 40%, que validaram o instrumento.

Pela análise das respostas formuladas percebeu-se que não havia dúvidas quanto ao conteúdo das perguntas e decidiu-se que os demais bibliotecários do Estado seriam convidados a participar, não mais como pré-teste, utilizando também o questionário pela *Internet*, desenvolvido com a finalidade de ampliar as chances e facilitar as respostas pelos sujeitos da pesquisa.

Após o exame de qualificação, ocorrido em setembro de 2006, e em função de sugestões da Banca Examinadora, o questionário foi revisto para inserção de perguntas abertas, que possibilitassem a obtenção de dados e informações que a literatura e as fontes utilizadas para a elaboração do instrumento não tivessem previsto. Em função disso, foi reduzido o número de perguntas fechadas, as partes foram identificadas pelos assuntos cobertos e perguntas abertas foram incluídas, relacionadas a cada dimensão específica que se pretendeu abordar – Parte A Bibliotecários, Parte B Biblioteconomia, Parte C Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação e Parte D Formação Profissional, mantendo-se as perguntas da Parte 2 do questionário inalteradas.

Também esse instrumento foi submetido a pré-teste com bibliotecários de Brasília, em outubro de 2006, foi constatado que não havia dúvidas quanto aos itens formulados e apenas feita uma correção de redação das perguntas abertas na formulação final (Anexo I).

Paralelamente a esse trabalho de elaboração e teste do questionário, foram contatados os Conselhos Regionais de Biblioteconomia – CRB solicitando primeiramente o número de bibliotecários cadastrados em atividade. Em novembro de 2005, após a seleção dos Estados que comporiam a amostra, foram enviadas correspondências solicitando os cadastros dos bibliotecários em atividades dos seguintes CRB:

- CRB 1 – Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul
- CRB 3 – Ceará e Piauí
- CRB 5 – Bahia, Sergipe
- CRB 6 – Minas Gerais

- CRB 8 – São Paulo
- CRB 9 – Paraná
- CRB 11 – Amazônia, Acre, Roraima, Rondônia
- CRB 14 – Santa Catarina

Os CRB 1 e 3 forneceram os cadastros, sendo o CRB 1, por etiquetas auto-adesivas e o CRB 3 em arquivo eletrônico sem formatação.

Em 4/5/2006, entretanto, diante do baixo índice de resposta dos CRB e considerando que 2005 foi ano de mudança de gestão nos Conselhos, foi enviada nova correspondência (Anexo V), dessa vez para todos os Conselhos, explicando os objetivos da pesquisa, a disposição em ressarcir os Conselhos em seus potenciais gastos para fornecimento dos cadastros e reiterando o compromisso de utilização dos dados apenas para fins de pesquisa. Considerando o quanto é sensível o fornecimento de dados pessoais de terceiros, essas cartas foram enviadas por correio tradicional em papel com timbre da Universidade de Brasília e assinadas pela Prof^a Orientadora, Dr^a Sofia Galvão Baptista.

Até o final de maio de 2006 foram recebidos os cadastros dos Conselhos 5 - Bahia e Sergipe e 14 – Santa Catarina. O CRB 8 – São Paulo entrou em contato e se ofereceu para mediar a pesquisa, sem fornecer os cadastros, o que foi aceito. Em 19/7/2006 o CRB 12 – Espírito Santo enviou seu cadastro.

Em relação aos demais Conselhos, foram tentados outros meios de contato e acesso aos dados em março de 2007, por intermédio do Conselho Federal de Biblioteconomia, para obtenção de mais três cadastros, referentes aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia 6 (Minas Gerais), 9 (Paraná) e 11 (Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia), sem sucesso.

Como era importante manter a proposição de verificar se havia diferenças significativas de constituição da auto-imagem profissional dos bibliotecários nas diferentes regiões do país e diante das dificuldades de obtenção de dados, com a Região Norte não enviou os cadastros, os estados do Piauí, Sergipe e Espírito Santo foram incluídos na pesquisa, mesmo quando não respondiam às delimitações inicialmente formuladas, assim como Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Para facilitar o trabalho de coleta e tabulação de dados, além de testar outro meio de pesquisa, foram contratados dois estudantes de ciência da computação para fazer a programação do questionário para colocação na *Internet*, pois poderia ser mais provável que as pessoas se dispusessem a responder por essa forma, já que é mais fácil e não exige nenhum deslocamento. Para essa finalidade, foi gerada uma lista de senhas para impedir que uma mesma pessoa respondesse várias vezes ao questionário e, também, para bloquear o acesso ao questionário após salvamento, por questões relacionadas com segurança.

Esse questionário ficou hospedado na página do Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID da Universidade de Brasília, o que foi importante para que os respondentes se sentissem mais seguros de que se tratava de uma pesquisa acadêmica formalmente vinculada à Universidade. Esses cuidados são relevantes especialmente em meio digital, já que as fraudes eletrônicas são uma realidade e assustam, com razão, pelas possibilidades de invasão de privacidade ou outros problemas decorrentes de acessos indevidos aos equipamentos e sistemas.

O questionário foi mantido na página do Departamento por nove meses (de março até o final do mês de setembro de 2007) e os dados das respostas, gerados de forma automática, foram importados para o SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences* onde foram tabulados juntamente com os dados obtidos dos questionários enviados em papel, ou formulários eletrônicos (questionário como anexo de mensagem) permitindo, assim, efetuar a apuração dos dados.

Em função do volume de material distribuído, os questionários e os envelopes foram confeccionados em gráfica, para tornar mais ágeis os procedimentos de identificação, especialmente nos envelopes de envio e de retorno.

Em pesquisas cujo instrumento de coleta de dados é o questionário de resposta voluntária fica descaracterizada a qualidade de aleatoriedade da amostra, não permitindo a extrapolação dos resultados. Por esse motivo, buscou-se aumentar o número de participantes oferecendo várias opções de resposta (questionário impresso, questionário como arquivo anexado a mensagens eletrônicas e questionário disponível na *Internet*), de forma a ampliar a representatividade.

3.5.2 Roteiro da entrevista

Na elaboração do roteiro da entrevista para levantamento de dados junto aos professores foram consideradas as seguintes variáveis:

- Imagem profissional do bibliotecário

- valores profissionais
 - percepção dos professores e dos bibliotecários acerca do exercício profissional dos bibliotecários, se consideram que as atividades exigem criatividade, se são rotineiras ou desafiadoras, se a carreira é promissora, se a profissão é importante para a sociedade, os modelos profissionais.
- atitudes profissionais
 - percepção dos professores e dos bibliotecários acerca do exercício profissional bibliotecário no tocante à acomodação pessoal e da

classe, os estereótipos percebidos, a postura profissional que se traduz pela atitude mais agressiva ou mais tímida

- satisfação no exercício profissional
- a influência das tecnologias de informação e comunicação, da formação profissional na visão dos professores e dos bibliotecários.
- identidade profissional
 - como o professor e os bibliotecários percebem os bibliotecários em termos de suas características, utilizando os mesmos parâmetros contidos nos itens relativos a valores ocupacionais e atitudes
 - como o professor e os bibliotecários acham que a sociedade percebe o bibliotecário
 - como os professores e os bibliotecários analisam/avaliam os bibliotecários e os demais profissionais da informação.
- influência da instituição e/ou do tipo de atividade realizado na auto-imagem.
- autonomia no trabalho (se influencia a auto-imagem).

- Perfil dos professores

- formação profissional
- sexo
- idade
- tempo de atuação
- tipo de instituição e atividade que desenvolve
- treinamentos
- pós-graduação

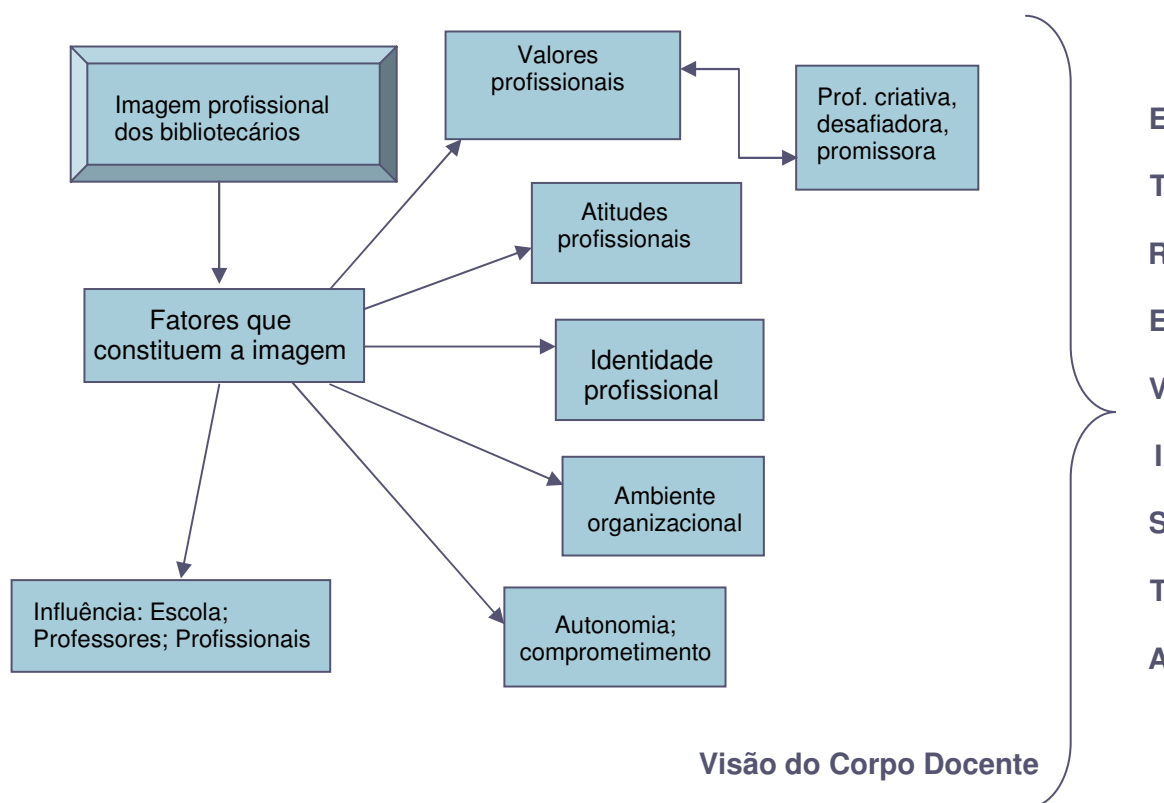


Figura 9 – Esquema de pesquisa/entrevista

Em função de dificuldades de contato com os professores da Universidade Federal de Goiás, o pré-teste da entrevista foi feito com professor do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da UnB, em 22 de maio de 2006, com a ciência do entrevistado de se tratava de pré-teste. A entrevista foi produtiva, no sentido de perceber que pelo roteiro traçado de fato era possível obter os dados relativos ao posicionamento e opinião dos entrevistados. Entretanto, foi necessário ajustar a forma de realização da entrevista, para captar melhor o áudio da gravação, e a não utilização de roteiro tão detalhado (Anexo II). O tempo de entrevista foi de uma hora, aproximadamente, e o entrevistado foi bastante receptivo e aberto a fornecer suas opiniões.

Igualmente em decorrência de sugestões da Banca, no exame de qualificação, as entrevistas foram diminuídas, em relação ao número de Estados pesquisados, pois foram incluídas questões qualitativas no questionário dos bibliotecários.

Para realização das entrevistas foram selecionados cinco professores, sendo um de cada estado, necessariamente atuantes nos cursos de graduação e que não pertencessem a linhas de pesquisa sobre o profissional da informação, de forma a verificar de que maneira e se as questões relacionadas com identidades, valores, nichos de mercado, potencial da profissão, entre outros itens, eram tratadas no âmbito das disciplinas ministradas. Outras características como: possuir graduação em Biblioteconomia, sexo, idade, tempo de docência não foram consideradas importantes e não se constituíram de parâmetros para seleção dos professores entrevistados. Então, seguindo o plano de pesquisa e seguindo esses parâmetros, os professores foram selecionados de acordo com as características relacionadas, a pesquisa dos nomes foi feita pelo ambiente de pesquisa do currículo Lattes¹⁰⁵ e o contato para marcação das entrevistas foi por meio de mensagens por correio eletrônico.

As transcrições das gravações foram feitas nos meses de dezembro de 2007 e janeiro de 2008 e a análise dos conteúdos foi efetuada utilizando-se o método proposto por Bardin (2007) adaptado, em capítulo que trata de respostas a questões abertas. Nele Bardin (2007, p. 56) propõe que após uma primeira leitura, que ela denominou de flutuante, a partir da qual podem surgir intuições com relação às hipóteses da pesquisa, ao conjunto das leituras realizadas para a revisão de literatura e aos temas propostos aos participantes da pesquisa, podem ser feitas classificações e identificadas dimensões de análises.

Outra autora que trata do tema de análise dados qualitativos, Minayo (2007), embasa seu capítulo de análise de conteúdo em Bardin, mas alerta para outros pontos que devem ser considerados no processo de realização e análise de pesquisas qualitativas. Dentre os pontos que Minayo (2007, p. 299) ressalta para evitar que o pesquisador incorra em erros de interpretação, especialmente se tiver familiaridade com o objeto, destacam-se:

¹⁰⁵ Disponível em www.cnpq.br, Plataforma Lattes.

[...] analisar, compreender e interpretar um material qualitativo é, em primeiro lugar, proceder a uma superação da sociologia ingênua e do empirismo, visando a penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade. O segundo obstáculo é o que leva o pesquisador a sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, esquecendo-se do mais importante, isto é, a fidedignidade à compreensão do material e referida às relações sociais dinâmicas e vivas.

Minayo (2007, p. 300) prossegue dizendo que “[...] métodos e instrumentos são caminhos e mediadores para permitir ao pesquisador o aprofundamento de suas pergunta central e de suas perguntas sucessivas, levantadas a partir do encontro com seu objeto empírico ou documental.” e levanta outro problema concreto que enfrentam os pesquisadores que trabalham com dados qualitativos que tem relação com a dificuldade de “[...] junção e síntese das teorias e dos achados em campo ou documentais.”

Para Bardin (2007, p. 37) a análise de conteúdo é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Nesse processo de análise de conteúdo, o pesquisador pode utilizar um conjunto de operações analíticas existente ou por ele criado, adaptado ao material de trabalho. (BARDIN, 2007, p. 37)

Considerando que as entrevistas gravadas tiveram uma dinâmica própria, relacionada com o entrevistado, com as condições dos locais em que aconteceram e com colocações que ensejaram outras perguntas, optou-se por seguir a metodologia de Bardin, mas adaptando à realidade das respostas. Deve-se reiterar que embora houvesse um roteiro, as perguntas não eram tão fechadas para que as respostas fossem prontas e sem comentários dos entrevistados. A análise foi feita, conforme sugere Bardin (2007), agrupando por temas, mas não foi construída uma tabela de assuntos e relações, conforme preconizado pela autora.

Embora todos os professores tenham sido extremamente gentis e disponíveis para as entrevistas, não se mostrando impacientes para terminar ou mesmo cansados pela quantidade de questões propostas, percebeu-se que o ambiente em que se realiza a entrevista pode ter alguma influência na conversa. Duas das entrevistas foram realizadas em locais com bastante barulho, por serem ou próximos de passagem, o que prejudicou a gravação em alguns momentos, ou pela aproximação de pessoas avisando do início das palestras ou cumprimentando os professores, sem perceber que havia uma gravação em curso. Ressalta-se que em todos os momentos os entrevistados, mesmo quando atrasados

para os trabalhos do Enancib¹⁰⁶ e perguntados se preferiam continuar depois, deixaram clara a disponibilidade para finalizar com calma todos os itens, o que foi bastante produtivo.

Entretanto, o local e a circunstância da entrevista devem ser considerados quando esta fizer parte da metodologia, pois além de o entrevistador não se sentir constrangido por perceber que pode estar incomodando aquele participante de sua pesquisa, inegavelmente a qualidade das gravações é melhor, facilitando o trabalho posterior de transcrição do conteúdo.

Todas as entrevistas foram iniciadas por outra apresentação formal do entrevistador, já que na mensagem de marcação, encaminhada anteriormente, haviam sido enviados os dados relacionados com o nome, orientador, escola e objetivos da tese e duraram, em média, 40 minutos, embora tenha havido algumas que ultrapassaram uma hora. A análise da entrevista recebida por escrito seguiu os mesmos parâmetros das demais, realizadas pessoalmente.

3.5.3 Análise documental

A análise documental foi efetivada buscando-se obter dados de acordo com as seguintes variáveis:

- Junto às Escolas de Biblioteconomia no Brasil
 - **Formação Profissional dos Bibliotecários no Brasil**
 - Análise curricular.
- Outras fontes:
 - **Normas legais que regulamentam a Biblioteconomia no Brasil**
 - Levantamento na legislação federal acerca das normas que regulamentam o exercício da profissão bibliotecária

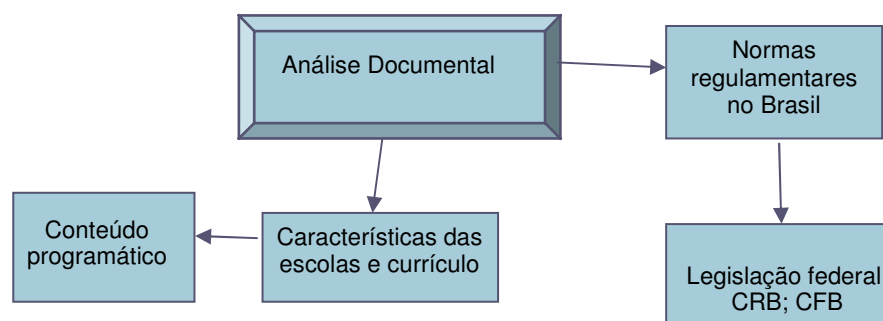


Figura 10 – Esquema de Pesquisa/Análise Documental

A análise documental relacionada com a coleta de dados para a pesquisa envolveu duas etapas principais, sendo uma para coletar os dados relativos às normas que

¹⁰⁶ VIII Enancib-Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, em Salvador/BA, de 28 a 31 de outubro de 2007.

regulamentam o exercício profissional dos bibliotecários no Brasil e a outra para examinar os currículos e projetos pedagógicos, além de outros dados sobre os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação das regiões pesquisadas.

Para cumprir a primeira fase da análise documental, foram pesquisadas algumas páginas na *Internet*, entre as quais a do Conselho Federal de Biblioteconomia-CFB¹⁰⁷ que tem por função fiscalizar, por intermédio dos Conselhos Regionais, o exercício profissional, a do Palácio do Planalto¹⁰⁸, que possui uma base da legislação federal do Brasil, atualizada diariamente, com os textos integrais e, por fim, a base de dados de legislação do Senado Federal¹⁰⁹, que tem as mesmas características da base do Palácio do Planalto. Os dados levantados compuseram o capítulo 2.3.1 desta pesquisa.

Quanto ao trabalho de verificação das informações sobre as escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação também seguiu os mesmos caminhos para a pesquisa das normas, com levantamentos nas páginas das universidades disponíveis na *Internet*. Após o exame de qualificação, por sugestão da banca examinadora esse capítulo foi modificado visando a uma padronização dos dados apresentados, além de ter sido incluído no capítulo que contém as informações sobre universo e amostra da pesquisa, 3.4.

Como foi sugerido pela banca de qualificação excluir o capítulo sobre os bibliotecários na mídia, esse subconjunto da análise documental foi igualmente suprimido. Entretanto, deve-se destacar que embora a revisão de literatura também componha o trabalho de análise documental, como se trata de uma atividade padrão para qualquer pesquisa, não foi destacada como metodologia. Para essa finalidade, foram utilizadas várias fontes, como o Portal de Periódicos da Capes¹¹⁰, o Scielo¹¹¹, a própria *Internet*, especialmente utilizando o *Google* e informações sobre publicações recebidas por intermédio das listas de discussão: *bibref* e *bibdigi*, coordenadas pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT, além, naturalmente, de informações recebidas dos professores e dos colegas do curso, que encaminharam valiosas referências sobre os diversos temas da revisão de literatura.

¹⁰⁷ Disponível em <http://www.cfb.org.br>. Opção legislação. Acesso em: 18 fev. 2008.

¹⁰⁸ Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br>. Opção legislação. Acesso em: 18 fev. 2008.

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/sicon/PreparaPesquisa.action>. Acesso em: 18 fev. 2008.

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.bce.unb.br>. Acesso ao longo da pesquisa, de 2004 a 2008. Especialmente os bancos de dados *Science Direct* e *ProQuest*.

¹¹¹ Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso ao longo da pesquisa, de 2004 a 2008.

4 Análise e discussão dos resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados das coletas de dados qualitativa, quantitativa, documental e os cruzamentos de informações. Os dados obtidos referem-se aos respondentes desta pesquisa e indicam tendências, mas não devem ser extrapolados, em função de as amostras terem sido não-probabilísticas, constituídas por resposta espontânea à distribuição prévia de questionários. Somente amostras probabilísticas, selecionadas aleatoriamente permitiriam a extrapolação dos resultados para toda a população de bibliotecários em exercício no Brasil.

A seleção dos profissionais que receberiam o convite para a participação na pesquisa foi feita segundo um esquema de amostragem sistemática. Esse tipo de amostra, conforme Crespo (2002, p. 23), pode ser utilizada quando os elementos da população se acham ordenados, não havendo necessidade de construir nenhum sistema de referência. Como exemplos de populações ordenadas, o autor relaciona os prontuários médicos de um hospital, os prédios de uma rua e as linhas de produção. Por conseguinte, os cadastros profissionais dos bibliotecários, que estão ordenados alfabeticamente em quase todas as listas recebidas, ou pelos números de registros, respondem a essa qualidade de organização que permite a utilização dessa forma de seleção de amostra.

Desse modo, conforme Crespo (2002, p. 23) “[...] a seleção dos elementos que constituirão a amostra pode ser feita por um sistema imposto pelo pesquisador”. Assim, prossegue ele, se de uma linha de produção retira-se um de cada 10 itens produzidos diariamente, o pesquisador “[...] está fixando uma amostra de 10%.”

Nesta pesquisa, definiu-se que a amostra seria composta por 20% dos bibliotecários dos estados cujos cadastros foram recebidos, mesmo quando não responderam a todas as delimitações definidas, dada a dificuldade de obtenção dessas informações. A observância de todos os critérios, embora desejável, acabaria inviabilizando a pesquisa. A seleção dos respondentes, então, foi feita pelo sorteio de um a cada cinco componentes dos cadastros, perfazendo 20 pessoas em cada grupo de 100, ou seja, 20% do cadastro.

O nome inicial foi sorteado entre os cinco primeiros nomes de cada cadastro e, daí em diante, foi selecionado o quinto subsequente a este, repetindo esse procedimento até que se esgotasse toda a lista. Como a quantidade de respostas era baixa, foi enviado convite a um novo grupo de profissionais, selecionados em uma nova amostra sistemática que seguiu o mesmo critério. Houve três rodadas de envio de questionários, que ocorreram nos meses de abril, julho e outubro de 2007. A repetição foi efetuada devido ao baixo índice de retorno observado, na tentativa de atingir a representatividade pretendida de 20%.

A seleção dos nomes teve que considerar a completeza dos cadastros, sendo descartados nomes, mesmo quando selecionados pelo método de amostragem, cujo endereço não estava explicitado ou incompleto.

A imposição de todos esses ajustes contribui para descaracterizar a amostra probabilística, uma vez que, mesmo com a distribuição prévia para resposta espontânea, a amostra seria probabilística apenas se todos os convidados na primeira rodada respondessem ao questionário. Na prática, esse é um resultado improvável e a consequência é a necessidade de realizar amostras de substituição, como foi feito.

No caso das entrevistas, foram selecionados cinco professores, sendo um de cada estado¹¹², necessariamente atuantes nos cursos de graduação e que não pertencessem a linhas de pesquisa sobre o profissional da informação. Essa ressalva teve por objetivo identificar se as questões levantadas nesta pesquisa são tratadas pelos professores que não estão identificados com esse problema em suas linhas de pesquisa e, então, se de alguma forma introduzem essas questões nas disciplinas que ministram. Outras características como: possuir graduação em Biblioteconomia, sexo, idade, tempo de docência e titulação não foram consideradas importantes e não se constituíram de parâmetros para seleção dos professores entrevistados, conforme dito anteriormente.

Essa forma de seleção do grupo de participantes da pesquisa caracteriza a amostra como sendo intencional. Esse tipo de amostra, conforme Levin e Fox (2004, p. 178), “[...] se baseia exclusivamente no que é conveniente para o pesquisador. Isto é, o pesquisador inclui tão-somente os casos mais convenientes em sua amostra.”, que para Richardson (1999, p. 161) deve representar as características da população e que “Os elementos que formam a amostra relacionam-se intencionalmente de acordo com certas características estabelecidas no plano e nas hipóteses formuladas pelo pesquisador.” Esse conceito de Richardson confunde-se com outra forma de seleção de amostra, denominada amostra por julgamento, que conforme Mandim (2003, p. 112) pressupõe “[...] uma boa compreensão da população.” Levin e Fox (2004, p. 179) também falam da seleção de amostra por julgamento que confirma o que Mandim disse sobre a representatividade da população. De todo modo, a amostra foi selecionada intencionalmente, tendo em mente a ponderação de Richardson (1999, p. 161) de que: “Na prática, é muito difícil que uma amostra intencional seja representativa do universo [...]”, pois seria necessário conhecer detalhadamente todas as características da população. Seguindo o plano de pesquisa, esses parâmetros foram utilizados para selecionar os professores de acordo com as características relacionadas anteriormente, a pesquisa dos nomes foi feita pelo ambiente de pesquisa do currículo

¹¹² Com exceção de Santa Catarina, conforme explicações no capítulo 4.1, que trata das amostras.

Lattes¹¹³ e o contato para marcação das entrevistas foi por meio de mensagens por correio eletrônico.

4.1 Participantes da Pesquisa

A amostra dos participantes da pesquisa constituiu-se dos bibliotecários dos estados da Bahia e Sergipe (CRB 5), Ceará e Piauí (CRB 3), Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (CRB 1), Espírito Santo (CRB 12) e Santa Catarina (CRB 14), em função de terem sido esses os Conselhos que enviaram os cadastros e pela maioria dos Estados responder às delimitações do estudo, conforme capítulo Universo e Amostra.

O Conselho de São Paulo (CRB 8) encaminhou lista de endereços eletrônicos de seus afiliados, tendo sido essa a forma de contato. Foram enviados questionários como arquivo anexado para todas as pessoas da lista, que correspondia a aproximadamente 800 bibliotecários. O cadastro continha instituições, empresas e também estudantes, como foi posteriormente verificado. No caso de instituições e empresas os questionários não foram enviados e os questionários recebidos de estudantes não foram usados na tabulação dos dados, já que o grupo de interesse é formado pelos bibliotecários formados cadastrados nos Conselhos.

Em junho de 2007, o Conselho Federal de Biblioteconomia-CFB, solicitou formalmente aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia-CRB, por meio de correspondência, o apoio à pesquisa. O CRB10, Rio Grande do Sul, colocou o questionário em sua página, o que possibilitou que outro Estado da Região Sul do país também pudesse constar do grupo de pesquisa.

A correspondência encaminhada com o questionário oferecia a opção de resposta por meio de arquivo anexado a mensagens eletrônicas ou pela *Internet*. Muitos profissionais preferiram responder por meio do documento eletrônico, mas poucos pela *Internet*, totalizando apenas 24 respostas recebidas dessa forma.

Em cada uma das três rodadas foram enviados 750 questionários. Inicialmente na segunda quinzena de abril, depois na segunda quinzena de julho e, finalmente, em outubro, sempre seguindo o padrão de envio com envelope pré-selado para ampliar as chances de recebimento das respostas, conforme Quadro 7, que inclui, também, os dados de devoluções por erros de endereçamento.

¹¹³ Disponível em: <http://www.cnpq.br>, Plataforma Lattes.

Estado	Abril/2007 ²	Julho/2007	Outubro/2007	Total	Devoluções ³	Porcent.
BA	180	180	180	540	14	2,59
CE	80	80	80	240	31	12,91
DF	180	180	180	540	32	5,92
ES	90	90	90	270	14	5,18
GO	30	30	30	90	3	3,33
MS	15	15	15	45	3	6,66
MT	15	15	15	45	4	8,88
PI	10	10	10	30	7	23,33
SC	130	130	130	390	17	4,35
SE	20	20	20	60	1	1,6
Total geral	750	750	750	2.250	126	5,6

¹ CRB 1 (DF, GO, MS, MT) CRB 3 (CE, PI) CRB 5 (BA, SE) CRB 12 (ES) CRB 14 (SC)

² Os dados nas células indicam as quantidades de questionários enviadas por correio tradicional.

³ As devoluções foram decorrentes de erros de endereçamento ou mudança do profissional.

Quadro 7 – Questionários enviados e devolvidos pelo correio

Com relação aos professores entrevistados, visando diminuir os custos da pesquisa e também viabilizar as análises qualitativas, decidiu-se entrevistar um professor de um dos estados pesquisados, ao invés de dois originalmente previstos, pois foram coletados outros dados qualitativos junto aos bibliotecários, em decorrência da modificação no questionário para inclusão de perguntas abertas, conforme orientação da banca de qualificação.

Assim, considerando a realização do VIII Enancib-Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, em Salvador/BA, de 28 a 31 de outubro de 2007, foram contatados professores de São Paulo, Santa Catarina e Bahia para solicitar as entrevistas, que foram realizadas nesse período, paralelamente ao evento, o que significou economia de recursos de deslocamentos. As entrevistas em Goiânia e Brasília foram realizadas no mês de novembro de 2007. Um dos professores informou que não participaria do Enancib, mas se dispôs a responder por mensagem de correio eletrônico. Durante o Enancib outro professor do mesmo estado também foi entrevistado, ficando assim, o estado de Santa Catarina com duas entrevistas, sendo uma pessoalmente e outra por correio eletrônico.

Todas as entrevistas com contato direto foram gravadas. O roteiro serviu como orientação e para evitar perda de informação, mas as entrevistas foram feitas em função das colocações e das respostas dos entrevistados. Foram dois professores do sexo masculino e quatro professores do sexo feminino, cinco professores com doutorado concluído e um com doutorado em andamento, quatro com graduação em Biblioteconomia e dois com outras graduações e mestrado ou doutorado em Ciência da Informação. A condição básica era que todos fossem professores na graduação.

4.2 Análise dos questionários aplicados aos bibliotecários

Reiterando considerações anteriores, os dados apresentados devem ser compreendidos no âmbito desta pesquisa, não podendo, portanto, ser considerados para a

população de bibliotecários membros dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia-CRB de todo o país, em função da forma de seleção das amostras.

Os questionários foram apurados utilizando o *SPSS – Statistical Package for the Social Sciences*. No total, somando os questionários em papel (262) com os documentos eletrônicos¹¹⁴ (202) e 24 que responderam pela *Internet*, houve 488 respostas.

Utilizando como parâmetro de porcentagem de respostas apenas o quantitativo de questionários enviados por correio tradicional foram recebidos 21,73%, ou 488 questionários. Esse percentual, entretanto, se reduz quando considerados os 800 enviados a São Paulo por correio eletrônico e o potencial do Rio Grande do Sul, cujo Conselho registrava a inscrição de 923 bibliotecários. Nesse caso, o índice de respostas foi de 12,31%, para os potenciais 3.973 bibliotecários que tiveram acesso ao questionário. Foram descartados nove questionários, sendo um por ter sido devolvido totalmente em branco, três por terem sido recebidos fora do prazo, três por terem sido de estudantes que constavam da lista de endereços do CRB8 (SP) e dois em decorrência da formatação que não permitiu a visualização e que não foram respondidos novamente pelos bibliotecários, quando contatados.

O primeiro exame do questionário foi o levantamento das freqüências simples para todas as variáveis/questions relacionadas em cada uma das partes, conforme Quadro 8, de forma obter uma visão geral das respostas recebidas e da caracterização da população da pesquisa, com identificação de sexo, idade, estado civil, ano de ingresso e de formatura, escolas em que se formaram, dentre outros aspectos.

A partir desse ponto, as variáveis foram agrupadas por dimensão Parte A – Bibliotecários, Parte B – Biblioteconomia, Parte C – Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação e Parte D – Formação profissional, seguindo a divisão temática do questionário. As dimensões, conforme Sellitto e Ribeiro (2004, p. 78), são deduzidas de forma a “[...] especificar os aspectos constituintes do conceito que são relevantes para o objetivo da pesquisa.” Ainda de acordo com esses autores, “Essas dimensões podem ser avaliadas e comparadas por indicadores [...]” que “[...] podem fazer parte de esquemas teóricos que auxiliem o pesquisador a representar a realidade na qual os fenômenos de interesse se inserem.” Assim, no caso dessa pesquisa, o fenômeno são as representações da profissão bibliotecária, expressas pelos bibliotecários no Brasil. Esse fenômeno foi analisado pelas dimensões Bibliotecário, Biblioteconomia, Mercado de Trabalho e Formação Profissional, anteriormente apresentadas.

¹¹⁴ Somatório dos questionários encaminhados a pedido dos bibliotecários que receberam pelo correio, dos respondentes do cadastro do CRB8 (São Paulo) e dos bibliotecários do Rio Grande do Sul (CRB10).

Dimensão	Variáveis
Bibliotecário (Parte A)	1. Valorização profissional
	2. Estabilidade profissional
	3. Acomodação profissional
	4. Orgulho da profissão
	5. Reconhecimento profissional
	6. Resistência a mudanças
	7. Satisfação profissional
	8. Aprendizado contínuo
Dimensão	Variáveis
Biblioteconomia (Parte B)	9. Normatização da profissão
	10. Caracterização da profissão bibliotecária
	11. Mobilidade profissional
	12. Limitações da profissão
	13. Importância da profissão
Dimensão	Variáveis
Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação (Parte C)	14. Caracterização do mercado profissional
	15. Caracterização do suporte documental
	16. Tecnologias de informação e de comunicação
	17. <i>Internet</i>
	18. Atividades realizadas
	19. Utilidade do trabalho do bibliotecário
	20. Carreira
	21. Oportunidades profissionais
	22. Relacionamento profissional
	23. Possibilidade de realização das proposições
	24. Variabilidade nas unidades de informação
Dimensão	Variáveis
Formação profissional (Parte D)	25. Conhecimentos adquiridos na graduação
	26. Perfil dos professores de graduação
	27. Comprometimento do corpo docente
	28. Comprometimento dos bibliotecários no mercado
	29. Grade curricular
	30. Disciplinas oferecidas
	31. Automação do trabalho
	32. Organizações representativas da categoria

Quadro 8 – Variáveis do questionário

Dimensão	Variáveis
Dados complementares	33. Idade
	34. Sexo
	35. Estado civil
	36. Formação acadêmica
	37. Ano de ingresso no curso de Biblioteconomia
	38. Ano de formatura no curso de Biblioteconomia
	39. Escola em que se formou
	40. Avaliação do curso
	41. Forma de conhecimento da carreira
	42. Motivação na escolha da carreira
	43. Tipo de unidade de informação
	44. Vinculação da unidade de informação
	45. Função
	46. Atividade
	47. Número de bibliotecários que atua na organização
	48. Número de usuários da organização
	49. Evento nos últimos 24 meses
50. Faixa salarial	

Quadro 8 – Variáveis do questionário (Cont.)

Em seguida, foram criados indicadores para cada dimensão, para compor o que seria uma escala de visão mais positiva ou negativa sobre cada uma delas. Como as questões de imagem e opinião valorativa foram respondidas por uma escala de concordância-discordância com afirmativas propostas, a visão foi considerada positiva quando a resposta era estar de acordo com uma afirmativa positiva¹¹⁵. A escala vai de 1 a 4, sendo 1 a discordância total e 4, a concordância total, para as dimensões das partes A, B, C e D.

Entretanto, algumas afirmativas tinham cunho negativo ou depreciativo, de forma que a concordância implicaria a visão negativa. Para permitir a criação dos indicadores, essas afirmativas de cunho negativo ou depreciativo foram transformadas invertendo a escala de respostas¹¹⁶. Desse modo, quem assinalou que concordava totalmente com uma afirmativa negativa, resposta 4, teve sua resposta substituída pelo ponto oposto na escala, no caso, por 1. Assim, a cada uma dessas perguntas originalmente negativas, correspondeu uma nova variável com a resposta invertida, de forma que a escala crescesse de 1 para 4, significando que quanto maior, mais positivo em todas as variáveis utilizadas para construir os indicadores.

Como exemplo, uma pessoa que tenha assinalado que concorda que as atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras, implica uma visão negativa da profissão, pois, conforme a literatura sobre o tema, os modernos profissionais da informação são aqueles capazes de identificar novos nichos de atuação, de planejarem ações para melhorar o

¹¹⁵ A classificação de visão positiva ou negativa relacionada com a afirmativa foi realizada em conformidade com o que a literatura aponta sobre os itens abordados.

¹¹⁶ Essa transformação é efetuada por uma operação realizada diretamente no *SPSS*.

trabalho e que identificam oportunidades de ação com base nos trabalhos que desenvolvem. Na nova variável com a escala invertida, para quem concordou com a afirmativa e assinalou 3 ou 4 na escala, respectivamente recebeu 2 ou 1 como substituição, como se a afirmativa tivesse sido proposta ao contrário.

A primeira dimensão, Bibliotecário, que contém opiniões sobre o profissional, suas características, atividades e satisfação com o exercício profissional, era formada pelas questões 1 a 11. Entre essas, seis eram afirmativas de cunho negativo ou depreciativo: 2, 3, 5, 6, 8 e 10. A escala dessas variáveis foi invertida, criando novas variáveis.

Desse novo conjunto de variáveis que mesclou as originais e as transformadas, foi calculada a média das respostas para cada respondente. Quanto mais próxima de 4 for a média, mais positiva é a visão do entrevistado. Inversamente, quanto mais próxima de 1, mais negativa. Esse mesmo procedimento foi feito em cada dimensão.

Cabe salientar que nem todas as variáveis previstas por dimensão foram incluídas nos cálculos dos indicadores. A seleção das variáveis foi feita utilizando-se o coeficiente Alfa-Cronbach, que mede a consistência de um grupo de variáveis. O teste de Alfa-Cronbach é utilizado para “[...] medir a confiabilidade dos indicadores que compõem um construto [...]”, que “[...] oferece como saída um valor compreendido entre 0 e 1, sendo 1 a situação de máxima confiabilidade.” (SELLITTO e RIBEIRO, 2004, p. 82) e, ainda de acordo com os autores:

Por confiabilidade de indicadores entende-se a consistência com a qual esses indicadores representam o conceito ou construto latente ao qual estão designados. Indicadores de construtos de alta confiabilidade são altamente intercorrelacionados, indicando que todos eles medem o mesmo construto.

Mais uma vez tomando a primeira dimensão como exemplo, das 11 questões que a compunham, nove foram aproveitadas na construção do indicador.

Esse primeiro levantamento dos dados, em frequências simples, possibilita, com base nas hipóteses de trabalho formuladas, fazer um exercício de cruzamento de diversas informações para verificar que fatores podem contribuir para explicar aquelas variáveis ou as dimensões, por meio de testes estatísticos que serão posteriormente apresentados.

O tratamento das questões qualitativas do questionário está contido no capítulo 4.2.4.

4.2.1 Perfil pessoal e profissional da amostra de bibliotecários

Para o grupo participante desta pesquisa, verificou-se que 426 eram do sexo feminino e 58 do sexo masculino, correspondendo, respectivamente a 88% e 12% dos dados válidos, sendo que quatro pessoas deixaram de responder. Se examinadas as listas de cadastros recebidas observa-se fenômeno semelhante na população de bibliotecários

cadastrados, mesmo descartados aqueles nomes que podem ser utilizados tanto para homens quanto para mulheres. Esse é um dado percebido intuitivamente pelas pessoas quando afirmam tratar-se de uma profissão com maior predominância de mulheres, o que é confirmado quando são resgatados os dados obtidos por Oliveira (1980) – 88%, e Baptista (1998) – 94,9%, que igualmente constataram que a maior parte dos bibliotecários era do sexo feminino, em suas respectivas pesquisas. Embora Tarapanoff (1997) tenha realizado um estudo bastante extenso sobre o perfil dos profissionais da informação, anteriormente mencionado, como sua pesquisa não limitava a participação aos bibliotecários, os dados não são comparáveis.

Mesmo sendo uma profissão com predominância de mulheres, conforme atestam as pesquisas anteriormente realizadas e a verificação dos cadastros recebidos dos Conselhos Regionais, para o presente estudo, há autores que afirmam que a profissão não se desenvolve e não possui um *status* mais elevado por ter essa característica de maioria feminina, como, por exemplo, Carvalho (2007, grifo nosso)¹¹⁷, que, além de reputar a melhoria da profissão à entrada de mais homens nos cursos, afirma que:

Historicamente, **a biblioteconomia apresenta um perfil predominantemente feminino, contribuindo, assim para emperrar o desenvolvimento da profissão**, fato este confirmado por ocasião da coleta e análise de dados, essa apresentada no item anterior. Isso não significa que a profissão está isenta de esforços, visando transpor as barreiras sociais, educacionais, tecnológicas e econômicas que favorecem as profissões predominantemente masculinas. Entretanto, os fatos relatados indicam a necessidade de reflexões e discussões para compreender e correlacionar a desvalorização social da profissão.

Esses pontos, conforme levantado no capítulo acerca dos estereótipos, apenas reforçam os aspectos negativos, colocando no gênero – nesse caso o feminino – a culpa pela baixa visibilidade da profissão, pelo pouco reconhecimento social para a categoria e pela má qualidade do exercício e do desenvolvimento da profissão e de seus profissionais. Conforme Radford e Radford (1997) realmente parece necessário indagar a quem de fato serve ressaltar essa associação de melhoria da profissão com a questão de gênero. Embora não estivesse reforçando essa colocação, a percepção de que os homens têm uma atitude mais assertiva, enquanto que das mulheres espera-se outros comportamentos, como levantado anteriormente, é percebida na fala do Professor E¹¹⁸, quando comenta que:

Sobre essa última questão: atitude mais agressiva ou mais tímida. O que a gente observa é que perfil do bibliotecário está mudando, estão [ingressando] mais homens na profissão. E a entrada de mais homens, a gente percebe, que [eles] têm uma

¹¹⁷ Documento eletrônico.

¹¹⁸ No caso do Professor E (ver explicação sobre a identificação dos professores no capítulo 4.3), o comentário foi feito no contexto de explicação sobre o trabalho de pesquisa realizado para verificar a presença feminina em posição de liderança nos espaços digitais e tinha um sentido de explicação dessa postura mais submissa em consequência da história de dominação sofrida pelas mulheres.

atitude mais agressiva mais proativa. E as mulheres são mais [interrompe o pensamento], e aí vem toda essa [questão da] própria condição da mulher na sociedade, que apesar dos avanços a gente ainda está numa condição submissa. (Professor E)

Quanto ao estado civil, entretanto, para a população da pesquisa, somados os que se afirmaram casados ou com união estável, viúvos, separados e outros totalizaram 332 (69%), do total que informou esse dado (482 pessoas), enquanto os solteiros foram 150 bibliotecários (31%), sugerindo que, para os participantes desta pesquisa, esse estereótipo de que a maioria dos bibliotecários seriam solteiros não parece ser uma afirmativa conclusiva. Dos 150 solteiros, 131 (87,3%) são mulheres e 19 homens (12,7%) e a maior parte dos solteiros (53,1%) está na faixa etária de até 39 anos, sendo mais jovens. Oliveira (1980) encontrou proporção menos acentuada em termos de diferença, mas com maior predominância dos que se declararam casados ou outros, 51,3%, em relação aos que se declararam solteiros, que totalizaram 42,4%, enquanto Baptista (1998) não levantou essa informação.

A Tabela 1 apresenta as Classes de idade dos bibliotecários participantes da presente pesquisa:

Tabela 1 - Classes de idade

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	até 29 anos	67	13,7	14,0	14,0
	30 a 39 anos	105	21,5	22,0	36,0
	40 a 49 anos	159	32,6	33,3	69,2
	50 a 59 anos	123	25,2	25,7	95,0
	60 anos e mais	24	4,9	5,0	100,0
	Total	478	98,0	100,0	
Dados perdidos ¹¹⁹	System	10	2,0		
Total		488	100,0		

Com relação à faixa etária dos bibliotecários, observa-se que o maior número dos que responderam ao questionário situa-se entre 40 e 49 anos (33,3% dos dados válidos), embora os que se declararam entre 30 e 39 anos e 50 e 59 respondam, respectivamente, por 22% e 26% dos percentuais válidos. Observa-se aqui uma diferença de média de faixa etária dos respondentes da pesquisa realizada por Oliveira (1980), cujos bibliotecários tiveram uma concentração na faixa etária até 40 anos (255 pessoas, 80,6%), em comparação aos 61 bibliotecários (19,3%) que se declararam com idades a partir de 41 anos. Em relação a Baptista (1998), entretanto, os dados coletados para esta pesquisa são

¹¹⁹ Dados perdidos refere-se aos questionários não contabilizados por terem questões deixadas em branco ou com duas opções assinaladas, anulando a resposta para a afirmativa, informação constante em outras tabelas.

mais aproximados, verificando-se que a maior concentração de bibliotecários que participaram da pesquisa ficou igualmente na faixa de 40 a 49 anos, com 41,4%.

Em relação à formação profissional, optou-se por construir uma tabela que indicasse a maior formação acadêmica que os bibliotecários assinalaram. Isso significou que para aqueles que informaram possuir mestrado e doutorado, foi considerado como doutorado, se a indicação era especialização e mestrado, o dado foi mantido apenas para o mestrado e assim por diante. Considerando-se que a maior formação acadêmica é a que prevalece, inclusive na indicação de titulação, optou-se por apresentar os dados dessa maneira (Tabela 2), de modo que ficasse caracterizada a formação acadêmica da população que possibilitasse cruzamentos de dados que pudessem identificar se o grau ou os conhecimentos adquiridos tinham alguma influência nas representações da profissão pelos bibliotecários.

Tabela 2 – Maior formação acadêmica

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Bacharel	213	43,6	43,8	43,8
	Especialização	220	45,1	45,3	89,1
	Mestrado	46	9,4	9,5	98,6
	Doutorado	7	1,4	1,4	100,0
	Total	486	99,6	100,0	
Dados perdidos	System	2	,4		
Total		488	100,0		

Além, naturalmente, da graduação, que todos possuem, alguns dados são destacados: 43,8% dos bibliotecários informaram não ter realizado nenhum outro curso na área. Entretanto, 36 bibliotecários preencheram também a opção outros e alguns informaram que se encontravam [2007] cursando mestrado ou especialização. Esse dado foi desconsiderado e apenas foram registrados os que informaram terem concluído os cursos. Desses 36, nove (1,84%, em relação aos 488 participantes da pesquisa) indicaram possuir outras graduações.

Dos que fizeram pós-graduação (273 bibliotecários), a maior parte (45,3%), optou pela especialização, como curso de pós-graduação. Como as razões pela escolha de um ou outro curso de pós-graduação não foi levantado, qualquer comentário acerca dessa questão seria especulativa, requerendo, portanto, que outros estudos sejam realizados de modo a identificar essa aparente tendência de procura pelos cursos de especialização. Oliveira (1980) não identificou nenhum bibliotecário com especialização, o que pode ser explicado pela época em que foi feita a pesquisa, quando os cursos de especialização não tinham a

capilaridade que passaram a ter a partir do final do século XX. Baptista (1998) registrou 26,8% de bibliotecários com especialização.

Observa-se que aumentou proporção de pessoas que continuaram seus estudos, em relação às pesquisas de Oliveira (1980) quando se consideram os cursos *stricto sensu*. Aquela pesquisadora registrou 6% de bibliotecários com mestrado e 0,9% com doutorado, enquanto nesta pesquisa foram identificados 9,5% de mestres e 1,4% de doutores. Em relação a Baptista (1998) os dados são aproximados, sendo a maior diferença para 7,9% de mestres e 2,1% de doutores, encontrados por ela na população analisada. O maior número de profissionais com titulação de mestrado e doutorado, em relação a Oliveira (1980), é possivelmente explicada pela abertura de cursos de pós-graduação nas diferentes regiões do país, embora ainda concentrados nas capitais e ministrados por universidades públicas.

Além dos itens identificados na Tabela 2, a questão possibilitava indicar outras formações, o que foi feito por 35 bibliotecários (7,17%), que informaram possuir outras graduações (8, ou 22,85%), MBA, pós-graduação *lato sensu* ou especialização em curso (18, ou 51,42%), cursando mestrado (5, ou 14,28%) e cursando doutorado (2, ou 5,7%), o que de certo modo sugere a tendência de opção pela especialização. O que se pode considerar, a partir dos dados das três pesquisas, de todo modo, é que parece haver uma coerência com o que a literatura aponta de necessidade de educação continuada, igualmente expressada pelos bibliotecários que participaram desta pesquisa, com a atitude dos profissionais nesse sentido.

O dado relacionado com as escolas em que se graduaram foi levantado para que fosse possível identificar a origem de formação dos bibliotecários e a opinião deles acerca da qualidade do curso e as razões para suas opiniões (Quadro 9). Deve-se ressaltar que não foi controlada a questão de mobilidade, ou seja, pessoas que se formaram em determinada escola, mas que atuam em outros locais, pois a opinião que interessava era acerca do próprio curso.

Região	Estado	Escola	Frequência	Percent.	Percent. valido
Norte	PA	Universidade Federal do Pará – UFPA (Belém)	1	,2	,2
Nordeste	BA	Universidade Federal da Bahia – UFBA (Salvador)	61	12,5	12,5
	CE	Universidade Federal do Ceará – UFC (Fortaleza)	24	4,9	4,9
	MA	Universidade Federal do Maranhão – UFMA (São Luis)	3	,6	,6
	PB	Universidade Federal da Paraíba – UFPB (João Pessoa)	6	1,2	1,2
Total parcial			95		

Quadro 9 – Escola em que se formou

Região	Estado	Escola	Frequência	Percent.	Percent. valido
Nordeste (cont.)	PE	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Recife)	18	3,7	3,7
	RN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (Natal)	6	1,2	1,2
	SE	Universidade Tiradentes – UNIT (Aracaju)	9	1,8	1,8
Centro-Oeste	DF	Universidade de Brasília – UnB (Brasília)	84	17,2	17,2
	GO	Universidade Federal de Goiás – UFG (Goiânia/GO)	16	3,3	3,3
	MS	Instituto de Ensino Superior da Funtec – IESF (Campo Grande/MS)	1	,2	,2
	MT	Centro Universitário UNIRONDON (Cuiabá/MT)	2	,4	,4
Sudeste	ES	Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (Vitória/ES)	54	11,1	11,1
	MG	Centro Universitário de Formiga – UNIFOR – MG (Formiga)	2	,4	,4
		Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (Belo Horizonte/MG)	10	2,0	2,0
	RJ	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (Rio de Janeiro/RJ)	5	1,0	1,0
		Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói/RJ)	7	1,4	1,4
		Universidade Santa Úrsula (Rio de Janeiro/RJ)	1	0,2	0,2
	SP	Faculdades Integradas Teresa d'Ávila – FATEA (Santo André, Lorena, São Paulo)	12	2,5	2,5
		Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP (São Paulo)	27	5,5	5,5
		Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas (Campinas)	2	0,4	0,4
		Universidade de São Paulo – USP (São Paulo)	12	2,5	2,5
		Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Catanduva)	1	0,2	0,2
		Fundação Educacional de São Carlos (São Carlos)	1	0,2	0,2
		Universidade Estadual Paulista – UNESP (Marília)	13	2,7	2,7
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR (São Carlos)	7	1,4	1,4		
Total parcial			290		

Quadro 9 – Escola em que se formou (cont.)

Região	Estado	Escola	Freqüência	Percent.	Percent. válido
Sul	PR	Universidade Federal do Paraná – UFPR (Curitiba)	4	0,8	0,8
		Universidade Estadual de Londrina – UEL (Londrina)	4	0,8	0,8
	RS	Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG (Rio Grande/RS)	9	1,8	1,8
		Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Porto Alegre)	28	5,7	5,7
	SC	Universidade do Desenvolvimento de Santa Catarina (Florianópolis?) ¹	1	,2	,2
		Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (Florianópolis)	25	5,1	5,1
		Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC / Convênio FURB (Blumenau)	1	,2	,2
		Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Florianópolis)	26	5,3	5,3
Total parcial			98		
Total geral			483		

¹ Informação transcrita conforme questionário do respondente, embora não tenha sido possível confirmar os dados dessa Universidade.

Quadro 9 - Escola em que se formou (cont.)

As regiões de origem dos bibliotecários estão expressas na Tabela 3, que indica a Região Sudeste com o maior número de respondentes. Esse é um dado esperado até pelo número de Escolas existentes na região e pelo número de bibliotecários inscritos nos Conselhos¹²⁰.

Tabela 3 – Região

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Norte	1	,2	,2	,2
	Nordeste	127	26,0	26,2	26,4
	Sudeste	154	31,6	31,8	58,3
	Sul	99	20,3	20,5	78,7
	Centro-Oeste	103	21,1	21,3	100,0
	Total	484	99,2	100,0	
Em branco	System	4	,8		
Total		488	100,0		

Para a identificação acerca da forma pela qual os bibliotecários tomaram conhecimento do curso, os dados constam da Tabela 4:

¹²⁰ Ver informações sobre número de bibliotecários inscritos nos Conselhos no Anexo IV.

Tabela 4 – Forma de conhecimento do curso

Formas de conhecimento	Respostas		
	Nº de pessoas	Percent.	Percent. de casos
Há outros bibliotecários na família ou entre amigos da família	132	24,1%	27,5%
Teste vocacional	16	2,9%	3,3%
Livros	46	8,4%	9,6%
Manual de profissões do vestibular	102	18,6%	21,3%
Bibliotecária da escola que estudei	37	6,8%	7,7%
Filmes	9	1,6%	1,9%
Outras formas	206	37,6%	42,9%
Total	548	100,0%	114,2%

Para essa questão, poderia ser assinalada mais de uma opção, motivo do número total de respostas 548, o maior percentual de bibliotecários indicou outras formas de conhecimento (42,21%), equivalendo a 206 respostas, dentre as quais destacam-se:

- Experiência pessoal em ambientes de informação (já trabalhava em bibliotecas, convívio com pessoas que trabalhavam na área, estágio de nível médio em biblioteca), indicado por 46 respondentes (22,33% dos que assinalaram outras formas de conhecimento);
- Ambiente familiar, amigos, colegas ou outras pessoas relacionadas aos amigos, indicado por 42 bibliotecários (20,38%);
- Divulgações por fôlderes, visitas orientadas, palestras de profissionais ou guias de cursos, 14 respostas nesse sentido (6,79%);
- Contato com bibliotecários, 11 (5,33%).

Para os itens indicados no questionário, optou-se, pela proximidade das opções, por agrupar “Há outros bibliotecários na família” e “Há outros bibliotecários entre amigos da família”, cujo somatório revelou ser a segunda maior fonte de informação sobre o curso (24,1%). Reunido esse resultado aos que assinalaram a opção “Bibliotecário na escola que estudei” e aqueles que indicaram na categoria “Outros” o contato com bibliotecários esse percentual sobe para 36,88%. Desse modo, os dados sugerem que a experiência anterior com bibliotecários, seja no ambiente familiar ou por outras formas parece ser positiva, já que significou que aqueles que indicaram esse conhecimento prévio de profissionais em exercício perceberam na Biblioteconomia uma boa carreira, já que optaram por realizar o curso.

O Manual de profissões do vestibular (18,6%) foi outra fonte indicada para o conhecimento da profissão, assim como na opção “Outros”, os fôlderes, guias de curso etc. alteram essa porcentagem para 23,77%. Esses dados podem indicar que uma política mais agressiva de divulgação profissional, entre os alunos de ensino médio poderia tornar mais visível a profissão, o mercado potencial e despertar vocações que somente serão descobertas se houver uma possibilidade de ter contato anterior com a profissão. Mesmo considerando-se algumas mudanças no cenário das demandas por vagas nas universidades brasileiras, que mostram outros cursos despontando, parece que os jovens ainda são socialmente mais incentivados a procurar os cursos tradicionais, como indicam os dados de candidatos por vagas nos vestibulares que mostram que os cursos de Medicina e Direito parecem manter, de modo geral, a liderança em termos de atrativo.¹²¹

Ainda em relação à Tabela 4, na opção aberta, “Outro”, destacam-se algumas colocações feitas pelos respondentes, cujos discursos indicam o significado da forma de contato inicial, cujas grafias foram mantidas conforme os questionários recebidos:

- “Jamais pensei em fazer faculdade, mas surgiu nas minhas mãos um fluxo de matérias do curso e me encantei.”; (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)¹²²
- “Não lembro. Só lembro que no meio do meio ensino médio, antigo 2º grau, eu decidi que queria ser bibliotecária.”; (Bibliotecário 285, 26, fem., 1997)
- “Quando pela primeira vez aos 13 anos entrei em uma biblioteca (do SESI) senti algo estranho e prazeroso e disse a mim mesma: ‘é com isso que quero trabalhar’”; (Bibliotecário 407, 53, fem., 1978)
- “Não consegui pagar a faculdade de jornalismo e tive que parar. Daí, resolvi fazer o vestibular para biblioteconomia que dava para passar sem nem abrir o livro.”; (Bibliotecário 441, 34, masc., 2002)
- “Caí no curso de paraquedas. Confusão na hora de marcar a opção no vestibular unificado.”; (Bibliotecário 114, 45, masc., 1975)
- “Fui descobrir no primeiro dia de aula, nem sabia que para ser bibliotecário era exigido curso superior.”. (Bibliotecário 333, 26, masc., 2006)

Sobre as motivações na escolha da carreira, Tabela 5, a questão possibilitava a marcação de mais de uma opção:

¹²¹ Ver dados de demanda por vagas disponíveis na *Internet*, acesso em: 28 fev. 2008:

- UFBA – <http://www.vestibular.ufba.br/concorrenca2008.htm>
- UFSC – <http://www.vestibular2008.ufsc.br/vestcva02.htm>
- UFRJ – http://vestibular.ufrj.br/Downloads/Concurso_2008_candXVaga_Apos_THE.pdf
- FUVEST – http://download.uol.com.br/vestibular/fuvest_conc_2008.pdf
- UnB – http://www.cespe.unb.br/vestibular/1VEST2008/arquivos/Vestunb_08_1_Demanda.PDF

¹²² Trata-se da indicação do número recebido pelo questionário quando feita a tabulação dos dados no SPSS e que possibilita o acesso aos demais dados de cada questionário para verificação ou confirmação de informação, já que não foi solicitada a identificação dos respondentes da pesquisa. Em seguida são apresentados os dados de idade, sexo (sendo fem., para sexo feminino e masc. para masculino) e ano de formatura.

Tabela 5 - Motivação na escolha da carreira

Motivação na escolha da carreira	Respostas		Percent. de casos
	Nº de pessoas	Percent.	
Oportunidade de emprego	147	15,2%	30,6%
Menor concorrência no vestibular	105	10,9%	21,8%
Curso mais fácil de concluir	30	3,1%	6,2%
Incentivo da família	48	5,0%	10,0%
Falta de opção	16	1,7%	3,3%
Gosto pela leitura	214	22,2%	44,5%
Gosto pela pesquisa	182	18,9%	37,8%
Possibilidade de lidar com o público	116	12,0%	24,1%
Inexistência de outros cursos em minha cidade	4	,4%	,8%
Outras motivações	102	10,6%	21,2%
Total	964	100,0%	200,4%

Observa-se que o maior grupo de pessoas 214 (22,2%) assinalou o gosto pela leitura, seguido de 182 (18,9%) que indicaram o gosto pela pesquisa. 147 bibliotecários (15,2%) indicaram a oportunidade de emprego como motivação e a possibilidade de lidar com o público foi assinalada por 116 (12%) profissionais. Os itens relacionados com a menor concorrência no vestibular e maior facilidade de concluir o curso foram apontados por, respectivamente, 105 (10,9%) e 30 (3,1%) pessoas, o que parece não confirmar o que comumente se diz sobre o curso, de que normalmente é escolhido por permitir o ingresso fácil e por possibilitar a conclusão sem maiores esforços. Tampouco, pela quantidade de pessoas que assinalaram o item falta de opção pode-se afirmar que o curso é escolhido por esse motivo, posto que foi apontado por apenas 16 bibliotecários, ou 1,7% dos pesquisados.

Assim como ocorreu na questão relacionada com o conhecimento da carreira, foi inserida uma opção aberta para indicar outros itens para explicar a motivação na escolha da carreira, resposta para a qual algumas manifestações foram destacadas, dos 102 bibliotecários (10,6%) que assinalaram essa opção:

- “‘Bolsa integral’ 100% desconto. Isso é uma grande razão”; (Bibliotecário 78, 38, masc., 2002)

- “Achei bonito o nome do curso e ser um curso de baixa concorrência na época.”; (Bibliotecário 450, 36, fem., 1999)

- "Fiquei apaixonada pelas disciplinas, e achei muita riqueza no curso. Hoje, amo o que faço na minha área de trabalho. Fiz estágio em várias áreas do conhecimento."; (Bibliotecário 480, 26, masc., 2004)

- "Na época do colegial fiz 3 mini-cursos; um de auxiliar em hospitais, um em edificações e outro em arquivo. Estava decidida ingressar no Curso de Enfermagem, foi quando minha irmã passou para o curso, então resolvi não mais estudar enfermagem, fiquei na dúvida. Foi aí que tive um sonho no qual alguém me dizia que se fizesse vestibular para Biblioteconomia passaria. Eu sabia apenas que o profissional organizava documentos. E eu só não queria ser professora, porque era tímida. Quando já estava no terceiro semestre eu tive vontade de mudar para o curso letras, porque as disciplinas eram monótonas. Na época o básico (o primeiro semestre) era junto com o pessoal de letras, o qual me identifiquei bastante, mas pensei se mudasse seria professora ou escritora e professora não queria ser, nem muito menos não se vivia de escritos, o campo era de difícil acesso, então tomei a decisão de continuar no curso." (Bibliotecário 217, 54, fem., 1979)

No caso dessas motivações, expressadas pelos bibliotecários na opção aberta "Outro", as maiores incidências de respostas foram gosto pela área de informação (organização, bibliotecas, museus, livros antigos, percepção de vocação), apontado por 32 bibliotecários (31,37%) e experiência anterior na área de informação (auxiliar de bibliotecas, organização de bibliotecas em projetos específicos ou na infância, cursos de auxiliar de bibliotecas etc.), que foi indicado por 19 profissionais (18,62%).

A Tabela 6 apresenta os dados relacionados aos tipos de unidades de informação nas quais os bibliotecários trabalham:

Tabela 6 - Tipo de unidade de informação que trabalha

		Frequência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Biblioteca escolar	69	14,1	16,1	16,1
	Biblioteca pública	38	7,8	8,9	24,9
	Biblioteca universitária	155	31,8	36,1	61,1
	Biblioteca especializada	121	24,8	28,2	89,3
	Centro de documentação	27	5,5	6,3	95,6
	Arquivo	8	1,6	1,9	97,4
	Autônomo	11	2,3	2,6	100,0
	Total	429	87,9	100,0	
Dados perdidos	System	59	12,1		
Total		488	100,0		

Para essa questão, observou-se que o maior percentual, dos participantes dessa pesquisa, concentrava-se nas bibliotecas universitárias, 155 (36,1%), e especializadas, 121 (28,2%), totalizando 64,3%. Os autônomos ainda são uma porcentagem menor, 2,6% dos dados válidos, enquanto as bibliotecas escolares responderam por 16,1% e as bibliotecas

públicas por 8,9% dos postos de trabalho informados. Ainda em menor quantidade foram os bibliotecários que informaram trabalhar em arquivos, totalizando 1,9%, ou oito bibliotecários.

Comparando esses dados com os obtidos por Oliveira (1980), verifica-se que são mantidas as tendências de atuação em bibliotecas universitárias e especializadas – 202 (63,9%), conforme dados daquela pesquisa. Quanto a Baptista (1998, p. 217), embora não tenham sido especificados os números, reafirma-se essa mesma tendência:

Apesar do objetivo da pesquisa não ter sido o de descrever o mercado de trabalho do bibliotecário institucionalizado, e sim usá-lo como elemento de comparação [...]. Os bibliotecários institucionalizados da amostra estão concentrados em bibliotecas universitárias e bibliotecas especializadas, instituições públicas, empresas de grande porte (mais de 1000 pessoas).

Nesse sentido, os dados indicam que parece haver uma tendência de percepção de que os postos tradicionais são, ainda, os que mais absorvem profissionais e que o serviço público ainda é o maior empregador, também para o grupo desta pesquisa, com 249 bibliotecários com essa vinculação, ou 70,5% dos casos válidos, seguido pelas empresas públicas que foram apontadas por 54 profissionais ou 15,3% dos casos válidos, constatando-se que 85,8% dos profissionais atuam na esfera pública.

Embora a literatura aponte vários caminhos para o exercício profissional dos bibliotecários, os dados sugerem que poucos saíram do espaço das bibliotecas – universitárias ou especializadas –, vinculadas aos órgãos governamentais. Sobre esse tema, que foi objeto da pergunta C2 do questionário¹²³, houve 437 respostas, que significam que em relação ao total respondido, manifestaram-se 89,54% de bibliotecários. Com relação a essas respostas, houve coincidência em 190 casos (43,47%) que apontaram as bibliotecas como os principais segmentos de mercado de atuação profissional, independentemente do tipo. De todo modo, quando indagados acerca dos nichos de atuação para o bibliotecário, em 115 questionários (26,31%), os profissionais informaram que, de acordo com sua percepção, seriam todos os ambientes onde se necessitasse de informação. Sobre essa e as demais questões abertas, ver também o capítulo 4.2.4.

Quanto aos dados referentes às funções realizadas, poderia ser marcada mais de uma opção, considerando-se, inclusive, a hipótese de a organização possuir apenas um bibliotecário em seu quadro. Os cargos de gerência, que incluem chefia, supervisão e direção, foram agrupados e totalizaram 210 bibliotecários (44,9%), enquanto que os bibliotecários que assinalaram as funções de assessoria e técnico totalizaram 258, correspondendo a 55,1% dos casos válidos.

¹²³ Pergunta C2. Quais são, na sua opinião, os segmentos de mercado mais adequados ao exercício profissional dos bibliotecários, em relação à formação que recebem?

Também para a pergunta relativa às funções foi colocada uma opção aberta, “Outro”, para verificar as demais atividades realizadas e não previstas. Foram 86 respostas (17,62%), cujos maiores índices foram verificados para aqueles que indicaram realizar a função de bibliotecários, 34 (39,56%), e de direção, chefia, gerência (de bibliotecas, de sistemas de bibliotecas, de seção), 17 (19,76%). A explicação para esse índice de respostas com relação à função de bibliotecário pode dever-se ao fato de que embora esse item do questionário tivesse como objetivo identificar aqueles profissionais que exerciam algum tipo de função de comando, aqueles que realizavam funções técnicas de bibliotecários, sem chefias, entenderam que deveriam ter indicado essa opção.

O número de bibliotecários nas organizações foi outro dado solicitado, visando identificar se a maior parte trabalha de forma isolada ou se existem outros profissionais com mesma formação na equipe. Conforme as respostas dos questionários, 159 bibliotecários (36% dos casos válidos) informaram serem únicos nos respectivos trabalhos, 120 (27,1%) relataram serem de dois a três bibliotecários e 163 (36,9%) informaram que nas suas organizações atuam mais de três bibliotecários. Esse é um dado que, relacionado com a questão das atividades que realizam, opção em que mais de um item poderia ser assinalado, foi perguntado para verificar o grau de acúmulo de atividades pelos profissionais.

Cabe, nesse ponto, verificar que as porcentagens de números de bibliotecários acima de três e de somente um são semelhantes, girando em torno de 36%. Esse fenômeno poderia indicar que as bibliotecas ou unidades de informação representadas pelos respondentes dessa pesquisa parecem confirmar a percepção do Professor F acerca da estrutura delas no Brasil:

Nas instituições pequenas, aqui no Brasil, a impressão que me dá eu não sei se isso é verdade, mas a impressão que me dá é o seguinte: você tem biblioteca muito grande, biblioteca universitária que tem lá 15 bibliotecários, 20 bibliotecários, 12 bibliotecários e mais um monte de estagiários e você tem bibliotecas de um bibliotecário só. Ou não tem bibliotecários. Você não tem meio termo. (Professor F)

Retomando, então, a pergunta acerca das atividades executadas, o bibliotecário poderia marcar até sete opções, incluindo “Outras” (resposta aberta). Conforme identificado pelos dados, em 32,8% dos casos, os profissionais indicaram que executam apenas uma atividade e 12,3% assinalaram duas opções, totalizando 45,1% que indicam que a atuação desse grupo da pesquisa é de até duas atividades. Apenas 5,1% dos respondentes indicaram realizar todas as atividades indicadas e acrescentaram outras na opção aberta. Isso parece colocar em dúvida a afirmação de que por serem poucos nas organizações os bibliotecários tenderiam a acumular tarefas, redundando em dificuldades para propor novos

trabalhos ou elaborar projetos, ou, ainda, aperfeiçoar os produtos e serviços que são fornecidos.

Com relação ao exercício profissional, os grupos de atividades que indicaram maior porcentagem de marcação foram Catalogação/classificação, 277 (56,8%) e Referência/pesquisa, 276 (56,6%), o que não deixa de ser um resultado esperado na medida em que seja qual for a unidade de informação de trabalho, as necessidades mais prementes são exatamente as de tratamento e as de recuperação da informação. Para a opção “Outras”, 114 bibliotecários (23,36%) acrescentaram informações sobre as demais atividades que realizam, além das apontadas. Para esse grupo, predominaram as respostas relacionadas aos usuários, nesse caso utilizando os termos atendimento ou capacitação de usuários, 22 (19,29%) e de que faziam todas as atividades, indicada por 19 bibliotecários (16,66%). Com relação aos acréscimos de atividades, não se ressaltou nenhuma informação sobre algum trabalho diferente ou que se destacasse pelo ineditismo, pois todos estão relacionados às atividades tradicionais em unidades de informação e compreendem questões relacionadas a normalização de trabalhos, organização ou verificação de documentação arquivística ou eletrônica, contador de histórias e atuação vinculada às tecnologias de informação.

A questão sobre o número de usuários atendidos pela unidade de informação tinha o mesmo propósito daquela relacionada com as atividades, que era de identificar a relação entre esse dado e o número de profissionais contratados, pois não é raro ouvir, em conversas informais entre os profissionais, que esse é um ponto relevante e a razão para explicar diversos problemas enfrentados pelos bibliotecários, como por exemplo: o baixo investimento em proposições novas; as reclamações relacionadas com as chefias que não reconhecem o trabalho que realizam; as dificuldades de elaborar projetos; a inexistência de recursos para atualização dos acervos, pois não há pessoas que possam atuar junto às instâncias superiores e assim por diante.

De fato, mesmo considerando que as atividades realizadas restringem-se a uma ou duas e que o número de usuários apontados é estimado, parece difícil não levar em consideração esse fator como limitante da atuação, pois mesmo que não sejam usuários reais, mas sim potenciais, os números são expressivos. Essa pergunta foi respondida por 353 bibliotecários que, em 75,1% dos casos indicaram que as respectivas organizações atendem até 2500 usuários. Quando o bibliotecário respondeu que era único na organização, indicou, também, que em 89,9% dos casos, atendia até 2500 usuários, dado que não se pode deixar de considerar relevante com relação às possibilidades de atuação profissional.

Mesmo não tendo sido incluída nenhuma pergunta acerca do número de profissionais – nesse caso total e independente do perfil de formação – que atua na

unidade, o trabalho especializado que é feito pelo bibliotecário provavelmente sofre pela maior dificuldade desse profissional que atua de forma isolada desenvolver frentes de trabalho diversificadas. Esse dado mereceria maior observação e pesquisas e pode ser um indicativo de que esse baixo reconhecimento social tem relação com as limitações impostas pelo exercício profissional, que fica comprometido quando somente um bibliotecário atua naquela organização, cujo porte indicaria a necessidade de contratação de outros bibliotecários.

Para o dado seguinte dessa pesquisa, que tratava da faixa salarial, observou-se que a maior predominância foi de recebimento de até R\$3.000,00 (61,3%), sendo que desse grupo, 34,8% recebem entre R\$1.500,00 e R\$3.000,00. Os salários entre R\$5.000,00 e R\$7.000,00 e acima de R\$7.000,00 foram indicados por, respectivamente, 9,6% e 8,5% dos casos válidos. Quando o salário foi relacionado com o tipo de unidade de informação que o bibliotecário atua, verificou-se que as bibliotecas escolares, as públicas e os autônomos indicaram, nessa pesquisa, que são o grupo que está entre as menores faixas salariais, conforme Tabela 7.

Tabela 7 – Faixa salarial x unidade de informação¹²⁴

Faixa Salarial ¹²⁵	Tipo de unidade de informação							Total
	Bibl. escolar	Bibl. pública	Bibl. universitária	Bibl. especializada	Centro de documentação	Arquivo	Autônomo	
Até R\$1.500,00	32 47,8%	24 64,9%	34 22,5%	15 12,7%	2 7,7%	3 37,5%	4 36,4%	114 27,3%
R\$1.500,00 a R\$3.000,00	28 41,8%	8 21,6%	69 45,7%	31 26,3%	7 26,9%	1 12,5%	5 45,5%	149 35,6%
R\$3.001,00 a R\$5.000,00	7 10,4%	3 8,1%	31 20,5%	27 22,9%	8 30,8%	2 25%	2 18,2%	80 19,1%
R\$5.001,00 a R\$7.000,00	0 0%	2 5,4%	12 7,9%	21 17,8%	3 11,5%	1 12,5%	0 0%	39 9,3%
Acima de R\$7.001,00	0 0%	0 0%	5 3,3%	24 20,3%	6 23,1%	1 12,5%	0 0%	36 8,6%
Total	67 100%	37 100%	151 100%	118 100%	26 100%	8 100%	11 100%	418 100%

As bibliotecas escolares e as públicas são um resultado comum, já que, como sempre é apontado pela literatura, estas são unidades de informação que recebem pouca ou nenhuma atenção da sociedade de modo geral, independentemente da vinculação pública ou privada. Nesse sentido resgata-se a pesquisa de Paiva e Berenblum (2007, p. 13-

¹²⁴ Ver também os comentários associados à questão salarial e o tipo de biblioteca, associados à Tabela 10.

¹²⁵ O salário mínimo vigente em 2007, de acordo com a Lei nº 11.498, de 7 de julho de 2007 era de R\$380,00, alterado a partir de 1º de março de 2008 para R\$415,00, pela Medida Provisória nº 421, de 29 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12 mar. 2008.

14) que, estudando as ações e resultados do Programa Nacional de Biblioteca da Escola, constataram que:

Do ponto de vista do profissional que atua nas bibliotecas, registrou-se a inexistência quase total de bibliotecários com formação, a ausência de cursos que qualifiquem os responsáveis para a função e a pouca valorização da problemática do livro, da leitura e da biblioteca no currículo da maioria dos cursos de formação. A figura mais comum encontrada neste espaço é a do “professor readaptado”, ou seja, deslocado da função de regente de turma por problemas de saúde.

Mesmo sendo uma informação conhecida ela não deixa de ser preocupante pois as bibliotecas públicas e escolares podem ser consideradas fundamentais sob vários aspectos, já que seriam a base de formação na educação da população brasileira e a chance de pessoas de menor renda terem acesso a informações e a possibilidade de adquirirem conhecimento. A literatura que estuda as bibliotecas públicas e escolares encontra um entrelaçamento acerca de suas funções e importância social, mas quando são feitas pesquisas para identificar a situação, mesmo sendo casos específicos, pode-se verificar uma constante de baixos salários, baixo investimento em recursos de toda natureza, confirmando Paiva e Berenblum (2007).

Em pesquisa realizada no estado de Pernambuco Cunha Junior e Correia (2007, p. 13) constata o mesmo baixo índice de bibliotecários atuando nas bibliotecas:

As seis bibliotecas pesquisadas possuem 67 funcionários, destes apenas 02 são bacharéis em biblioteconomia (3,28% - n=02), mesmo assim não são os coordenadores das instituições nas quais trabalham, como apresenta a Tabela 4. Dentre os coordenadores das bibliotecas, 83,4% (n=05) são formados em outros cursos de Nível Superior, e os auxiliares das bibliotecas, na sua maioria (72,13% - n=44) tem o Nível Médio como grau de instrução.

E prosseguem na análise acerca das dificuldades de orçamento para essas instituições:

A maioria das bibliotecas encontrou dificuldade em informar sobre recursos financeiros, já que nenhuma tem orçamento próprio, e não existe recurso destinado exclusivamente às bibliotecas (100% - n=06).

De maneira geral, esses recursos são geridos pela Secretaria, ou órgão, hierarquicamente superior [...], mesmo assim são irrisórios, o que tem prejudicado os usuários, ocasionado a desatualização do acervo e dificultado a aquisição de móveis, equipamentos, etc. (CUNHA JUNIOR e CORREIA, 2007, p. 13-14)

Sobre salários para esse grupo, a pesquisa de Vasco *et al.* (2003), ainda que restrita à cidade de Florianópolis, não parece diferente dos dados levantados, conforme as autoras relatam. No caso específico da pesquisa realizada elas indicaram o número de salários mínimos recebidos¹²⁶:

¹²⁶ Conforme dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, o salário mínimo de 2003 era de R\$240,00. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/rel/rac/salminnov03.xml>. Acesso em: 29 mar. 2008.

A maior parte da população, 53,85%, trabalha 40 horas semanais [...] e recebe de 6 a 8 salários mínimos. As faixas salariais pertinentes foram a de 2 a 5 salários mínimos e a de 6 a 8 salários mínimos.

Dentro da faixa de 2 a 5 salários a maioria, 50%, trabalha 40 horas semanais. O que também ocorre na faixa de 6 a 8 salários, onde 57,14% da população desta faixa salarial trabalham 40 horas semanais [...].

A faixa de 6 a 8 salários mínimos predomina entre 4 e 8 anos de tempo de serviço e a faixa de 2 a 5 salários mínimos predomina no tempo de serviço de 1 ano. Aparece também, como salário de um profissional que atua na área há 12 anos. [...].

Levando-se em consideração a recomendação salarial da ACB, em todos os casos verificados, os salários das bibliotecárias estão abaixo do indicado.

Esse baixo investimento nos acervos, produtos, serviços e nos profissionais que ali atuam é um retrato importante das políticas educacionais do país, indicadas, também pelos profissionais que responderam à questão sobre o reconhecimento social do bibliotecário, na pergunta A3¹²⁷. Dos 470 (96,31%) bibliotecários que responderam essa pergunta, 283 (60,21%) acham que o bibliotecário não tem esse reconhecimento social. Mesmo tendo uma visão otimista de que tem melhorado, muitos apontam, dentre as causas para isso o baixo nível educacional da população, mas também indicam que a atuação profissional contribui para agravar essa situação.

Quanto aos autônomos, que são 2,6% dos respondentes, a faixa salarial de 81,9% fica abaixo de R\$3.001,00. Esse dado não pode ser comparado com Baptista (1998), em função de as faixas salariais adotadas pela pesquisadora generalizarem para acima de R\$1.000,00. Oliveira (1980) não coletou essa informação. De todo modo, a atividade como autônomo não parece ter destaque entre os profissionais participantes dessa pesquisa, o que pode ter relação com o que um deles indicou, quando perguntado sobre as disciplinas que deveriam ser ministradas nos cursos para que o bibliotecário fosse um profissional dinâmico¹²⁸. Conforme suas palavras:

Não conheço muitos currículos dos cursos de graduação. Na minha formação senti falta de disciplinas da área de informática, falta de laboratórios de informática, conhecimento de *softwares* para bibliotecas e centros de documentação. Outra falha é falta de orientação quanto ao trabalho autônomo, como vender nossa imagem e nosso trabalho, para empresas e instituições. (Bibliotecário 340, 37, fem., 2004)

Sobre esse ponto, também, é relevante lembrar que a tradição maior dos bibliotecários no Brasil é estarem vinculados a alguma instituição, sendo a carreira autônoma ainda um universo a ser explorado, entendido e estudado. Nesse sentido, ainda

¹²⁷ Pergunta A3. Você acha que o bibliotecário é um profissional reconhecido socialmente? Por que? Ver também detalhamento dessa questão no capítulo 4.2.3.

¹²⁸ Pergunta D1. Quais as disciplinas que deveriam ser ministradas nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação para que o bibliotecário pudesse ser considerado um profissional contemporâneo e competitivo?

são realidade as palavras de Oliveira (1980) que em suas conclusões constatou que os bibliotecários não percebiam seu trabalho como uma mercadoria passível de troca.

4.2.2 Resultados das dimensões bibliotecário, Biblioteconomia, mercado de trabalho e formação profissional

Conforme explicação no capítulo 4.2, as variáveis dos questionários foram agrupadas por dimensão, considerando: Parte A – Bibliotecários, Parte B – Biblioteconomia, Parte C – Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação e Parte D – Formação profissional. Após a transformação das variáveis em um único sentido, foram calculadas as médias para cada dimensão e calculados os indicadores de confiabilidade (Alfa-Cronbach)¹²⁹ para cada uma dessas dimensões.

- Dimensão bibliotecários -

A dimensão denominada de Bibliotecários, que compreendeu a Parte A do questionário, incluía as perguntas de 1 a 11 e três questões abertas que visavam complementar as anteriores e possibilitar a expressão de outras representações profissionais, pelos bibliotecários, que ainda não tivessem sido levantadas anteriormente pela literatura técnica da área, pelas pesquisas realizadas ou pelas afirmativas colocadas no questionário.

Para a seleção do melhor conjunto de variáveis para a construção do indicador sobre a imagem do bibliotecário, pelo teste Alfa-Cronbach, foram, então, utilizadas as variáveis de 1 a 11 e, após realização dos testes, foi obtido o Alfa = 0,619, retirando as variáveis v2x (que é a variável v2 modificada) e a v11. O indicador foi obtido pela média das variáveis v1 v3x v4 v5x v6x v7 v8x v9 v10x excluídas, conforme dito anteriormente, as variáveis v2x e v11¹³⁰.

Iniciou-se, com esse indicador, a realização de testes de análise de variância que “[...] é uma técnica que pode ser usada para determinar se as médias de duas ou mais

¹²⁹ O Alfa-Cronbach mede a consistência de um grupo de variáveis e é utilizado para “[...] medir a confiabilidade dos indicadores que compõem um construto [...]”, que “[...] oferece como saída um valor compreendido entre 0 e 1, sendo 1 a situação de máxima confiabilidade.” (SELLITTO e RIBEIRO, 2004, p. 82)

¹³⁰ Variáveis: **v1** O bibliotecário é valorizado como profissional da informação; **v2** Não preciso me preocupar com a concorrência profissional, pois as bibliotecas são espaços seguros de atuação exclusiva dos bibliotecários; **v3** Percebo tendência à acomodação profissional nos bibliotecários; **v4** Sinto orgulho ao informar às pessoas que sou bibliotecário(a); **v5** Como bibliotecário, tenho dificuldade em conseguir recursos financeiros para o trabalho; **v6** O bibliotecário se apegua a detalhes e se preocupa mais com forma que com conteúdo; **v7** De modo geral, os bibliotecários são profissionais que têm disposição para atender às necessidades de informação das pessoas; **v8** Percebo resistência, em meus colegas, quando é feita uma proposição de mudança ou de implantação de novos serviços e produtos; **v9** Aconselharia um(a) amigo(a) a ser bibliotecário; **v10** Gostaria de mudar de profissão; **v11** O exercício da profissão bibliotecária requer aprendizado contínuo.

populações são iguais” (STEVENSON, 2001, p. 254), relacionando-o com as outras variáveis do estudo. Desse modo, identificou-se que:

- O indicador imagem do bibliotecário não é influenciado:

- pela idade dos participantes da pesquisa (teste: análise de variância => $F=1,738$; $P=0,141$)¹³¹, considerando-se que para configurar alguma relação entre o indicador e a variável, P tem que ser menor que 0,05, ou seja, as médias do indicador para cada faixa de idade foram estatisticamente equivalentes;

- pelo sexo, ou seja, as médias do indicador foram equivalentes para homens e mulheres. Nesse caso, como são apenas duas possibilidades (feminino ou masculino), utilizou-se o teste: T-Student, que teve o seguinte resultado: $t=-0,097$; $P=0,923$;

- pelo estado civil (teste: análise de variância => $F=1,120$; $P=0,347$). Assim, a visão acerca desse indicador não sofre influência relacionada ao estado civil do bibliotecário;

- pela formação acadêmica (teste: análise de variância => $F=0,693$; $P=0,557$), o que de certa forma surpreende, pois poder-se-ia pensar que quanto maior a formação acadêmica, mais críticos os profissionais tenderiam a ser, especialmente em relação aos seus pares;

- pelo ano de ingresso¹³² (teste: análise de variância => $F=0,756$; $P=0,519$);

- pela escola em se formaram (teste: análise de variância => $F=0,826$; $P=0,640$);

- para os que desempenham uma única atividade (160 pessoas), o indicador não é influenciado pela atividade que desempenham (teste: análise de variância=> $F=0,285$; $P=0,920$);

- pela função (direção ou técnico) do respondente (teste: T-Student => $t=1,092$; $P=0,276$). Nesse caso, as funções foram separadas apenas em função de direção e função técnica, prevalecendo função técnica quando mais de uma opção foi assinalada. Embora pudesse ser feita a inferência de que os profissionais em cargos de gestão pudessem, potencialmente ter alguma diferença de visão daqueles que realizam funções técnicas isso não ficou demonstrado;

- pela quantidade de bibliotecários que atuam na organização do bibliotecário (teste: análise de variância => $F=2,815$; $P=0,061$). Assim, trabalhar como

¹³¹ As faixas de idade utilizadas foram: até 29 anos, de 30 a 39, de 40 a 49, de 50 a 59 e 60 anos e mais.

¹³² O ano de ingresso foi agrupado nas seguintes faixas: até 1979, de 1980 a 1989, de 1990 a 1999, a partir de 2000.

único bibliotecário ou com outros profissionais não influenciou a visão desse indicador;

- pela vinculação da organização do respondente (teste: análise de variância => $F=1,155$; $P=0,332$), o que não deixa de ser um dado que surpreende, pois se o tipo de unidade de informação influencia na visão, a vinculação – se público, privado, ou outro – não teve relação com a visão desse indicador. Esperava-se que a vinculação com o serviço público, que traz alguma segurança para o profissional pudesse ter interferência na visão geral da profissão e isso não foi verificado pelos dados obtidos;

- pela região onde se formou o bibliotecário (teste: análise de variância => $F=1,022$; $P=0,383$).

Apesar de o ano de ingresso não ter influenciado na visão positiva ou negativa sobre a imagem do bibliotecário, o ano de formatura teve influência (teste: análise de variância => $F=3,222$; $P=0,023$). Observa-se, pela Tabela 8 que os bibliotecários que se formaram até 1989 e aqueles que colaram grau a partir de 2000 têm uma visão mais positiva do que quem se formou entre 1990 e 1999.

Tabela 8 – Indicador bibliotecário e ano de formatura

Ano de formatura	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1 ¹³³	2
1990 a 1999	79	2,5963	
1980 a 1989	80		2,7194
até 1979	71		2,7371
a partir de 2000	105		2,7545
Sig.		1,000	,811

Student-Newman-Keuls

Foi utilizado o teste Student-Newman-Keuls para verificação dessa diferença de visão. Os números 1 e 2 da tabela são apenas para a indicação e separação dos grupos em relação às médias obtidas. No caso, os valores de média do subconjunto 1 correspondem à visão mais negativa, média estatisticamente menor, e o 2 à visão mais positiva desse indicador¹³⁴.

Não existem ocorrências na literatura que possam explicar esse fenômeno, assim como nas pesquisas de Oliveira (1980) e Baptista (1998) essas medidas não foram

¹³³ Essa indicação repete-se para todos os testes estatísticos que apresentaram influência para o cruzamento do indicador com alguma variável.

¹³⁴ O número de casos é diferente do número de respostas da análise de freqüência simples, pois quando é feita a média para definir o indicador, em caso de resposta em branco todas as respostas daquele questionário, para a dimensão que está sendo medida, não são somadas. Assim, cada dimensão, quando feitos os testes, pode apresentar, para as mesmas variáveis, números de casos diferentes, em decorrência de respostas em branco para cada dimensão do questionário.

efetuadas com o objetivo de identificar a visão sobre a profissão, mas apenas como caracterização da população pesquisada. Os dados identificados por meio dessa pesquisa, mesmo que não passível de extrapolação poderiam ser melhor estudados para identificar a razão de os bibliotecários que se formaram no período compreendido entre 1990 e 1999 terem a visão mais negativa com relação aos seus pares.

Se por um lado a escola pela qual se formou não tem influência no indicador relacionado com a visão que os bibliotecários expressaram sobre eles mesmos, por outro os dados apontam que esse indicador é influenciado pela avaliação do curso (teste: análise de variância => $F=4,564$; $P=0,001$). Pelos resultados, quem considerou o curso péssimo tem uma visão mais negativa do que quem considerou o curso de regular a ótimo. As pessoas que consideraram o curso ruim ficaram numa zona intermediária, conforme os dados da Tabela 9.

Tabela 9 - Indicador bibliotecário e avaliação do curso

Avaliação do curso	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Péssimo	2	2,1111	
Ruim	5	2,3556	2,3556
Regular	63		2,6226
Bom	192		2,7164
Ótimo	77		2,7951
Sig.		,213	,114

Student-Newman-Keuls

Independentemente do número de bibliotecários que avaliaram os próprios cursos como péssimos, o fato de possuírem uma visão mais negativa sobre essa dimensão não deixa de ser um dado que indica uma certa coerência, pois parece difícil desenvolver uma visão positiva, se a experiência de formação, para aqueles profissionais foi tão expressivamente negativa. As razões apontadas por essas pessoas que avaliaram seus cursos como péssimos foram explicadas em relação às muitas greves sofridas ao longo do curso, professores fracos ou desinteressados e disciplinas desatualizadas em relação à realidade de mercado percebida por eles quando se formaram. De todo modo, a qualidade dos cursos, ou a percepção do que os discentes levaram para a vida profissional, em relação aos mesmos, parece indicar que essa influência não deve ser desprezada. Além disso, deve-se buscar, por intermédio de pesquisas mais específicas sobre os cursos, dados mais concretos acerca da influência da visão dos egressos nas perspectivas percebidas pelos bibliotecários quando se trata de buscarem melhores posições, outras oportunidades e mesmo investir nas próprias carreiras.

Por outro lado, essa visão negativa pode também reforçar o complexo de inferioridade profissional que alguns bibliotecários ou mesmo que a literatura aponta para essa carreira, quando comparada com outras.

O indicador, de acordo com os dados dessa pesquisa, também indicou influência relacionada ao tipo de unidade de informação na qual o bibliotecário atua (teste: análise de variância => $F=4,435$; $P=0,002$)¹³⁵.

Tabela 10 - Indicador bibliotecário e tipo de unidade de informação¹³⁶

Tipo de unidade de informação que trabalha	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Biblioteca pública	25	2,5422	
Biblioteca escolar	54	2,6296	2,6296
Biblioteca especializada	97	2,7045	2,7045
Centro de documentação	20	2,7333	2,7333
Biblioteca universitária	100		2,8222
Sig.		,092	,088

Student-Newman-Keuls

Pelos dados da Tabela 10, quem trabalha em biblioteca pública tem uma visão mais negativa do que quem trabalha em biblioteca universitária. Com relação às bibliotecas públicas, não se pode dizer que esse é um dado que impressiona, em função do que a literatura nacional coloca sobre as suas dificuldades. Suaiden (1980, p.19) constatou o número de bibliotecários formados em atuação nas bibliotecas públicas, no período de seu estudo, era pequeno. Conforme suas palavras:

As vinte e três bibliotecas possuem 310 bibliotecários com cursos de graduação [...]. Considerando-se que no Brasil há cerca de 10.000 bibliotecários graduados pelas 30 escolas de Biblioteconomia existentes, conclui-se que o número de bibliotecários absorvidos pelas bibliotecas públicas é absolutamente insignificante. Isso demonstra a falta de interesse por parte das autoridades para melhorar os serviços prestados por essas instituições [...].

Sobre os salários mencionados pelo autor, a comparação é complexa em função das mudanças da moeda brasileira entre 1980 e 1994, mas, conforme análise feita à época pelo autor, os salários eram compatíveis com outras categorias profissionais e com a média percebida pelos demais bibliotecários. Nesse sentido, com relação aos dados obtidos pela presente pesquisa, como a maior parte dos bibliotecários que atuam nesse tipo de biblioteca recebe até R\$1.500,00, parece que houve um aumento da diferença desses profissionais para os que atuam em outras unidades de informação, o que mereceria pesquisas mais amplas para estudar essa questão.

As bibliotecas universitárias, por outro lado, são o extremo oposto dessas situações. Mesmo considerando que os salários estão, em sua maioria, concentrados nas faixas de

¹³⁵ Para esse teste, foram excluídos os que informaram atuar em arquivos e os autônomos, em função do número de casos, sendo três e sete, respectivamente.

¹³⁶ Ver também Tabela 7.

R\$1.500,00 a R\$5.000,00 (66,2%), 11,2% estão nas faixas a partir de R\$5.001,00. Além disso, como nas universidades brasileiras é que estão concentrados, em maior quantidade, os pesquisadores, é possível que esse conjunto de melhores salários, percepção de uso efetivo das informações produzidas ou tratadas pela biblioteca, uso efetivo do espaço da biblioteca, maior contato com os usuários e maior reconhecimento das competências profissionais dos bibliotecários, redunde na visão mais positiva desse grupo, em relação aos demais desta pesquisa.

Prosseguindo, então, nos testes, o indicador foi influenciado pelo número de usuários da unidade de informação (teste: análise de variância => $F=3,799$; $P=0,001$). Conforme Tabela 11 quanto menor a quantidade de usuários, mais negativa a imagem para o indicador bibliotecário. O grupo que indicou atender mais de 2500 usuários possui uma visão mais positiva.

Tabela 11 - Indicador bibliotecário e nº de usuários

Número de usuários	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Até 250	59	2,6309	
801 até 2500	61	2,6685	
251 até 800	70	2,7143	2,7143
Mais de 2500	64		2,8264
Sig.		,404	,085

Student-Newman-Keuls

As faixas da Tabela 11 foram construídas pela frequência (todas possuem aproximadamente 25% dos casos), onde se evidenciou a diferença de visão em relação à quantidade de usuários atendidos. Também nesse caso, a literatura nem as pesquisas anteriores indicaram que poderia haver alguma relação dessa variável com a visão que os profissionais possuem da profissão. Ressalta-se que 45,5% dos bibliotecários que indicaram atender mais de 2500 usuários são de bibliotecas universitárias.

O indicador também mostrou sofrer influência do salário do respondente (teste: análise de variância => $F=2,842$; $P=0,024$), sendo a visão mais positiva para a faixa compreendida entre R\$5.000,00 a R\$7.000,00, conforme Tabela 12.

Tabela 12 - Indicador bibliotecário e salário

Faixa salarial	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Até 1500,00	86	2,6150	
Acima de 7001,00	28	2,6706	2,6706
3001,00 a 5000,00	72	2,7068	2,7068
1501,00 a 3000,00	114	2,7349	2,7349
5001,00 a 7000,00	31		2,8530
Sig.		,365	,066

Student-Newman-Keuls

Esse dado parece sugerir que apesar de ser corrente considerar que salário não é fator motivador, os maiores salários estão entre os que têm visão mais positiva o que, num mundo capitalista e de incertezas econômicas e sociais, parece ser apenas um dado que confirma a tendência de associar sucesso, visão positiva ou reconhecimento com os salários recebidos. Não se trata de questionar se motivação é ou não influenciada pelo quanto os profissionais recebem por seu trabalho, já que motivação não foi objeto dessa pesquisa, mas os dados indicam que salário tem um grau de importância para os participantes dessa pesquisa na medida em que esse cruzamento do indicador com a faixa salarial indicou essa visão mais negativa para aqueles que recebem menores salários. Políticas mais agressivas de divulgação dos potenciais de atuação profissional dos bibliotecários e de suas competências, assim como a fiscalização do exercício profissional que levasse em consideração também a qualidade do trabalho realizado, pelas organizações competentes, poderiam ser fatores que ajudariam na questão de oferta de trabalho com melhores remunerações.

Na lista de discussão “Bibamigos”¹³⁷, no início de 2008 foram veementemente discutidos os casos de concursos públicos em prefeituras que variavam a oferta salarial de R\$316,00 a R\$900,00. Mesmo considerando o aspecto positivo de essas prefeituras reconhecerem a importância de ter um bibliotecário em seus quadros e de não ter sido indicado o regime de trabalho, o salário oferecido girou em torno de um a três salários mínimos, cujo valor vigente era, até fevereiro de 2008, de R\$380,00 passando em março de 2008, por medida provisória¹³⁸, para R\$415,00. Os dados apontados como tendo uma visão negativa, indicada pelas pessoas com menores salários, são compreensíveis se considerados os anos de investimento para conclusão do curso, pensando numa perspectiva salarial mais alta, o que pode gerar essa situação.

Na mesma lista, comentando sobre os salários dos bibliotecários, Teresa Silva (cibertecaria@yahoo.com.br), postou uma notícia dizendo que o Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro orientou seus filiados a não se inscreverem em concurso para médico da Prefeitura, em protesto ao salário oferecido, de R\$669,48, até que o valor fosse revisto. Considerando que o poder de pressão de médicos é bem mais forte que o dos bibliotecários, pela natureza de suas ocupações, parece que a situação das prefeituras não distingue propriamente o perfil profissional. Isso não invalida os protestos e o reconhecimento de que a categoria profissional dos bibliotecários deveria criar espaços de

¹³⁷ A lista de discussão Bibamigos, foi criada em 1998 por estudantes da Escola de Comunicações e Artes da USP - ECA/USP (CABi-ECA/USP), disponível em <http://brgroups.yahoo.com/groups/bibamigos>. As mensagens mencionadas foram postadas em janeiro e fevereiro de 2008, conforme especificações:

- Prefeitura de Porto Velho (RO), R\$316,00, postada por Sirlaine Galhardo (sissbiblio@yahoo.com.br)
- Prefeitura de São Caetano (SP), R\$900,00, postada por Paola Pretola (pa_np@yahoo.com.br)
- Prefeitura de Natal (RN), R\$380,00, postada por Alan Freire Freud (freudfreire@yahoo.com.br).

¹³⁸ Medida provisória nº 421, de 29.2.2008, disponível em: www.planalto.gov.br, acesso em 2 mar. 2008.

pressão política não apenas para a questão salarial, mas também pela demonstração de que as unidades de informação e as pessoas às quais essas unidades servem, sejam elas públicas, escolares ou técnicas seriam melhor atendidas se houvesse um bibliotecário mediando o acesso à informação. Entretanto, como muitos profissionais se manifestaram quando perguntados acerca do reconhecimento profissional dos bibliotecários, a desunião da classe é um dos fatores que explica esse baixo reconhecimento para a carreira.

Assim, com relação à dimensão imagem do bibliotecário, esse indicador não é influenciado pela idade, pelo sexo, pelo estado civil, pela formação acadêmica, pelo ano de ingresso no curso, pela escola em que estudou, pela atividade que realiza (para aqueles que realizam apenas uma atividade), pela função, pelo número de bibliotecários, pela vinculação da unidade de informação e nem pela região em que se formaram os participantes dessa pesquisa.

O indicador, entretanto, é influenciado pelo ano de formatura, pela avaliação do curso, pelo tipo de unidade de informação em que trabalham, pelo número de usuários que atendem e pelo salário que recebem os bibliotecários desta pesquisa, conforme Quadro 10.

Dimensão	Variável
Bibliotecários	Ano de formatura Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Número de usuários Salário

Quadro 10 – Relação entre a dimensão bibliotecários e as variáveis

- Dimensão Biblioteconomia -

A dimensão denominada de Biblioteconomia, que compreendeu a Parte B do questionário, incluía as perguntas de 15 a 21¹³⁹ e duas questões abertas que, do mesmo modo que na dimensão bibliotecário, visavam complementar as anteriores e possibilitar a expressão de outras representações profissionais, pelos bibliotecários, que ainda não tivessem sido levantadas anteriormente nem pela literatura técnica da área nem pelas pesquisas realizadas.

Para a seleção do melhor conjunto de variáveis para a construção do indicador sobre a imagem relacionada com a Biblioteconomia, pelo teste Alfa-Cronbach, foram, então,

¹³⁹ Variáveis: **v15** A legislação que regulamenta o exercício da profissão bibliotecária deve ser ampliada para garantir a reserva de mercado para os bibliotecários em unidades de informação em geral e não apenas nas bibliotecas; **v16** A atividade de atendimento a usuários é a que melhor traduz a profissão bibliotecária; **v17** A gestão do conhecimento é mais afeita aos profissionais de informática que de Biblioteconomia; **v18** A Biblioteconomia oferece poucas oportunidades de ascensão a cargos de direção que não sejam nas bibliotecas tradicionais; **v19** A profissão bibliotecária é prioritariamente voltada para o trabalho nas bibliotecas, centros de informação e documentação; **v20** A Biblioteconomia é uma boa profissão para o exercício da iniciativa individual; **v21** O desenvolvimento de ferramentas de automação de serviços e produtos de informação tende a diminuir a importância da profissão bibliotecária.

utilizadas as variáveis de 15 a 21 e, após realização dos testes, foi obtido o Alfa = 0,542, retirando as variáveis v15 v16 e v20, que não expressam valoração (ser bom ou ruim), mas apenas opiniões. O indicador foi obtido pela média das variáveis v17x v18x v19x v21x excluídas, conforme dito anteriormente, as variáveis v15 v16 e v20.

Seguindo, então, o mesmo modo como foi analisada a dimensão anterior, iniciou-se, com esse indicador, imagem sobre a Biblioteconomia, a realização de testes de análise de variância, relacionando-o com as outras variáveis do estudo. Assim, verificou-se que o indicador imagem da Biblioteconomia não é influenciado:

- pela idade do respondente (teste: análise de variância => $F=1,106$; $P=0,353$). Assim, imagem positiva ou negativa acerca da Biblioteconomia não tem relação com a idade do respondente, embora os bibliotecários tenham verbalizado algumas opiniões acerca da profissão e do exercício profissional, fazendo essa relação, com a melhoria da visibilidade e diminuição de estereótipos pelo ingresso de jovens na profissão:

- Acho que existem estereótipos sim, mas de uma realidade que já existiu. Penso que o bibliotecário vem buscando uma nova postura profissional, porque tem visto que as demandas hoje são diferentes. Talvez ainda leve algumas gerações (de novos profissionais) para que esta nova postura seja bem evidente. Então, talvez até lá tenhamos que lutar contra estereótipos de uma realidade que já vem mudando. (Bibliotecário 204, 30, fem., 1998)

- Considero que já foi pior. Esses estereótipos não correspondem à realidade e como outros profissionais carregamos uma herança cultural. (Bibliotecário 69, 52, fem., 1978)

- Existem vários estereótipos. Bibliotecário é muitas vezes associado: a uma velha rabugenta que usa óculos e coque no cabelo, que quer extremo silêncio na biblioteca; a um profissional que só serve para tirar traças ou pó dos livros; ou a um profissional que aprende durante a faculdade as diversas maneiras de se empilhar livros. Na minha opinião eles não correspondem à realidade. Podem ter correspondido um dia, mas hoje não correspondem mais. (Bibliotecário 334, 23, fem., 2004)

- pelo sexo do respondente (teste: T-Student => $t=0,914$; $P=0,361$), o que indica que, apesar de muitas opiniões acerca de profissões com predominância de mulheres, conforme colocado pela literatura técnica, indicar que são consideradas subprofissões, o sexo não parece ser importante com relação à visão mais positiva ou mais negativa acerca da profissão. Ainda assim, por alguns comentários feitos nos questionários, parece persistir a visão de que as pessoas mais antigas na profissão, especialmente as mulheres, contribuíram para que algumas percepções acerca dos bibliotecários se consolidassem no imaginário popular. Atente-se para o comentário do Bibliotecário 161, sobre as idosas:

- Os estereótipos físico e de gênero quase não existem mais, mas ainda podem ocorrer. Acho que a maioria dos bibliotecários ainda ficam numa postura muito passiva em relação às mudanças pelas quais a profissão passa. Acho que

passividade seria uma palavra bem empregada nesse caso. (Bibliotecário 128, 34, fem., 1995)

- Sim, ainda existem (idosas pedindo silêncio). Não corresponde porque a grande maioria dos bibliotecários que conheço e convivo são jovens, dinâmicos, ousados e inovadores. (Bibliotecário 161, 52, fem., 1978)

- pelo estado civil do bibliotecário (teste: análise de variância => $F=0,996$; $P=0,410$);
- pela formação acadêmica do respondente (teste: análise de variância => $F=1,537$; $P=0,204$) o que, conforme colocado na dimensão bibliotecário, também pode ser um dado não esperado, já que poder-se-ia pensar que quanto maior o grau acadêmico, mais positiva seria a visão acerca desse indicador, pois maior qualificação, preparo técnico e intelectual, de acordo com a literatura, poderiam significar maiores chances de atuação profissional, percepção de melhores remunerações e melhoria na relação com outros profissionais;
- o ano de ingresso do respondente (teste: análise de variância => $F=0,855$; $P=0,464$) e o ano de formatura (teste: análise de variância => $F=0,790$; $P=0,500$) também não influenciaram o indicador imagem da Biblioteconomia, diferentemente do ano de formatura que indicou que formados entre 1990 e 1999 possuíam uma visão mais negativa da profissão, diferentemente de egressos em outras datas;
- a escola em que se graduou o bibliotecário (teste: análise de variância => $F=1,586$; $P=0,080$) também não fez diferença na visão sobre a Biblioteconomia;
- pela avaliação do curso do respondente (teste: análise de variância => $F=1,507$; $P=0,199$), o que não deixa de ser contraditório em relação ao resultado encontrado para a dimensão bibliotecário, cuja imagem mais negativa foi relacionada com a avaliação péssima do curso. O fato dessa mesma relação não ter sido encontrada para a dimensão Biblioteconomia pode indicar que a avaliação negativa relacionada com a dimensão bibliotecários teve mais relação com os profissionais e com o exercício profissional e não com a profissão propriamente dita;
- para os que desempenham uma única atividade (160 pessoas), o indicador não é influenciado pela atividade que desempenha (teste: análise de variância => $F=1,361$; $P=0,234$);
- assim como pela função (direção ou técnico) do respondente (teste: T-Student => $t=1,712$; $P=0,117$);
- do mesmo modo o indicador não foi influenciado pelo tipo de unidade de informação do respondente (teste: análise de variância => $F=0,877$; $P=0,512$);
- pelo número de usuários da unidade de informação do respondente (teste: análise de variância => $F=0,363$; $P=0,780$);

- pelo salário (teste: análise de variância => $F=0,634$; $P=0,638$), de modo diferente do que foi indicado para a dimensão bibliotecário;
- pela região onde se formou o bibliotecário (teste: análise de variância => $F=1,677$; $P=0,171$)

Ao contrário da dimensão bibliotecários, a dimensão Biblioteconomia é influenciada pela quantidade de bibliotecários que atuam na organização do respondente (teste: análise de variância => $F=3,100$; $P=0,046$). Observa-se que a visão é negativa quando a organização possui de dois a três profissionais e positiva quando os respondentes indicaram trabalharem com mais de 3 bibliotecários e situa-se numa zona intermediária, quando possui apenas um profissional, conforme Tabela 13.

Tabela 13 – Indicador Biblioteconomia e nº de bibliotecários

Número de bibliotecários na organização	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
2 a 3 bibliotecários	112	2,6942	
1 Bibliotecário	149	2,7131	2,7131
Mais de 3 bibliotecários	154		2,8328
Sig.		,760	,053

Duncan

Sobre essa questão a literatura e as pesquisas anteriores igualmente não apresentam dados, não havendo embasamento maior para que se possa explicar essa ocorrência. Assim, há necessidade de realização de pesquisas para identificar de que modo e quais são as possíveis razões relacionadas ao número de profissionais que atuam na organização interferir na visão sobre a Biblioteconomia, identificada para esta pesquisa.

O indicador imagem da Biblioteconomia é influenciado pela vinculação da organização do respondente (teste: análise de variância => $F=2,163$; $P=0,058$). Embora para considerar que há ou não influência, o P tenha que ser menor que 0,05, o teste Student-Newman-Keuls - SNK detectou a diferença para os autônomos, incluindo-os entre os que têm uma visão negativa da profissão, conforme Tabela 14.

Tabela 14 - Indicador Biblioteconomia e vinculação da unidade de informação

Vinculação da unidade de informação na qual trabalha	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Autônomo	10	2,3250	
Indústria	14	2,6429	2,6429
Serviço público	231		2,7749
Empresa pública	50		2,8550
Escritório de advocacia	7		2,8571
Empresa de prestação de serviço de informação	15		2,9000
Sig.		,094	,655

Student-Newman-Keuls

Essa visão mais negativa de bibliotecário autônomos pode ser interpretada à luz da questão do mercado de informação no Brasil, que coloca os profissionais autônomos em um ambiente incerto, ainda sem tradição de absorção, cujos salários, apurados na presente pesquisa não se encontram entre os mais altos. Embora os dados relacionados com os salários não possam ser comparados aos de Baptista (1998), em decorrência das faixas salariais definidas pela autora, suas palavras sobre o comprometimento dos autônomos sugere que essa incerteza é um fator que altera essa relação e pode interferir na visão da profissão:

Os resultados mostram bibliotecários autônomos mais comprometidos com a organização para a qual trabalham. Eles são conscientes da falta de estabilidade (segurança) da sua atividade e buscam organizações que oferecem oportunidades de inovação. (BAPTISTA, 1998, ii)

Esse ponto merece ser examinado igualmente em função da baixa visibilidade profissional dos bibliotecários e da sensação latente que as pessoas possuem de que para “arrumar” livros qualquer um faz, minimizando, desse modo, o trabalho que um profissional pode realizar, aspectos várias vezes mencionados pelos respondentes do questionário. Nesse sentido, seria importante pesquisar qual a visão desse potencial contratador para identificar as reais perspectivas tanto para esse profissional que deseja atuar como autônomo, quanto por aqueles que buscam a vinculação organizacional mais formal, de modo a tornar a profissão mais conhecida e mais atraente seja qual for o nicho de atuação.

A entrevista do Professor E ilustra esse desconhecimento, quando relata um trabalho que tem sido realizado de colocação de estagiários atuando em empresas. Segundo suas palavras, esse é um mundo estranho aos professores e aos alunos, que precisam se ajustar à dinâmica dessas organizações, assim como os empresários puderam constatar que a gama de competências oferecida pelos bibliotecários extrapola o edifício da biblioteca e não necessariamente implica no investimento em acervos, mas sim na obtenção de serviços e produtos de informação especializados e específicos para aquele ambiente:

[...] o [...] Programa de Incubação [...], teve no mínimo dois objetivos: primeiro abrir espaço de estágio de nossos alunos que optam por essa linha. Segundo sensibilizar [...] o pequeno empresariado, porque [...] ele é [...] quem vai contratar. Então [...] conhecendo o bibliotecário, quando [...] precisar ele vai falar assim, ah! O bibliotecário pode me ajudar nisso! É mostrar na prática o que a gente pode fazer por aquele empresário. E os nossos alunos estão estranhando muito a dinâmica. E nós também. A dinâmica de uma empresa, principalmente uma pequena empresa com uma equipe muito pequena. Geralmente o dono com mais três, quatro funcionários. [...] São coisas muito rápidas. Ah! Ele me pede alguma coisa agora, daqui a pouco não é mais isso. Porque mudou foi numa reunião não sei para onde. E aí desmancha tudo e tem que fazer outras coisas. E as ausências constantes. Porque o bibliotecário está lá presente, o diretor está presente, o pedagogo está presente e o empresário não. Ele está buscando novas oportunidades. Então está sempre em movimento. Então os alunos estranharam bastante essa dinâmica. (Professor E)

A dificuldade de lidar com essa dinâmica, apontada pelo Professor E, pode ser estendida para o ambiente do profissional autônomo que terá que percorrer esses mesmos caminhos. Sua jornada tem, no mínimo, dois componentes bastante significativos que desbravar que são o de mostrar que pode realizar um determinado trabalho de informação que torne aquela empresa ou outro profissional liberal mais competitivo em sua área e o de ajustar-se àquele mundo para o qual está emprestando sua força de trabalho, que provavelmente é menos estruturado e provavelmente requer outras regras de organização, tratamento e difusão de informação que não sejam os códigos de catalogação e classificação. E, nesse sentido, as palavras de Rezende (2002) têm mais peso, nas críticas que faz à formação profissional dos bibliotecários que, segundo a autora, não os prepara para mundos diferenciados daqueles tradicionais. É evidente que não se pode defender um mundo em detrimento de outro, mas parece ser prudente pensar que se o mercado aponta para a fragilização das relações de emprego, então cabe pensar na preparação dos profissionais também com essa vertente, de forma a ampliar e tornar mais atraente esse nicho de atuação.

Finalmente, verificou-se que para a dimensão relacionada com a Biblioteconomia, o indicador é influenciado apenas pelo número de bibliotecários que trabalha na organização e pela vinculação da unidade de informação, não sendo influenciada pela idade, sexo, estado civil, formação acadêmica, ano de ingresso e de formatura, escola em que se formou, avaliação do curso, atividade realizada (no caso da única atividade realizada), função, tipo de unidade de informação, salário, número de usuários atendidos e região em que se formou o profissional.

Dimensão	Variável
Biblioteconomia	Número de bibliotecários Vinculação da unidade de informação

Quadro 11 – Relação entre a dimensão Biblioteconomia e as variáveis

- Dimensão mercado de trabalho -

A Parte C do questionário foi denominada de dimensão mercado de trabalho, e incluía as perguntas de 24 a 35 e duas questões abertas que, do mesmo modo que nas dimensões das Partes A e B, anteriormente analisadas, visavam complementar as anteriores e possibilitar a expressão de outras representações profissionais, pelos bibliotecários, sobre esse ponto.

Para a seleção do melhor conjunto de variáveis para a construção do indicador sobre a imagem relacionada com o mercado de trabalho, pelo teste Alfa-Cronbach, foram, então, utilizadas as variáveis de 24 a 35¹⁴⁰ e, após realização dos testes, foi obtido o Alfa = 0,602, retirando as variáveis v24 v25 v30 v31 v33 e v35x. As variáveis v24, v25, v31 e v35x não expressam valoração (ser bom ou ruim), mas apenas opiniões. No caso da variável 30 foi decidido retirar, mesmo não reduzindo o valor de alfa, pois a pergunta tinha por objetivo apenas confirmar se as tecnologias de informação e de comunicação de fato alteraram a relação e o contato dos bibliotecários com os usuários. O indicador foi obtido pela média das variáveis v26x v27x v28 v29 v32 e v34, excluídas, conforme dito anteriormente, as variáveis v24 v25 v30 v31 v33 e v35x.

Seguindo a mesma forma de análise das dimensões anteriores, então, pelos testes de análise de variância, relacionando o indicador imagem do mercado de trabalho com as outras variáveis do estudo, identificou-se que ele não é influenciado:

- pela idade do respondente (teste: análise de variância => $F=0,144$; $P=0,966$);
- pelo sexo do respondente (teste: T-Student => $t=0,168$; $P=0,867$);
- pelo estado civil do respondente (teste: análise de variância => $F=0,998$; $P=0,409$);
- pelo ano de ingresso do respondente (teste: análise de variância => $F=0,146$; $P=0,932$);
- pelo ano de formatura do respondente (teste: análise de variância => $F=0,704$; $P=0,505$);
- pela escola do respondente (teste: análise de variância => $F=1,555$; $P=0,094$);
- para os que desempenham uma única atividade (160 pessoas), o indicador não é influenciado pela atividade que desempenham (teste: análise de variância => $F=1,168$; $P=0,334$);
- pela quantidade de bibliotecários que atuam na organização do respondente (teste: análise de variância => $F=1,657$; $P=0,193$);
- pela vinculação da organização do respondente (teste: análise de variância => $F=0,618$; $P=0,686$);
- pelo nº de usuários da unidade de informação do respondente (teste: análise de variância => $F=1,221$; $P=0,303$);

¹⁴⁰ Variáveis: **v24** A gerência de bibliotecas e serviços de informação deve ser atribuição exclusiva dos bibliotecários; **v25** Trabalho basicamente com documentos em suporte tradicional (papel); **v26** A internet diminuiu a necessidade de trabalho bibliotecário no atendimento às demandas dos usuários/clientes; **v27** As atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras; **v28** O trabalho que desenvolvo na instituição para a qual trabalho é útil para que ela atinja seus objetivos; **v29** A organização para a qual trabalho oferece oportunidade de crescimento na carreira e progresso profissional; **v30** Na unidade de informação que trabalho, o atendimento de usuários de forma presencial é mais freqüente do que o atendimento remoto (telefone, internet etc.); **v31** O trabalho de atendimento a usuários é mais valorizado que o tratamento técnico (catalogação, classificação, indexação); **v32** Sinto que realizo minhas idéias sem grandes obstáculos; **v33** Meu chefe imediato é bibliotecário; **v34** Mesmo sem ser bibliotecário, meu chefe imediato compreende e respeita meu trabalho; **v35** Um dos fatores que mais aprecio na unidade de informação na qual trabalho é que ela muda pouco ao longo do tempo.

- pela região em que se formou o bibliotecário (teste: análise de variância => $F=1,807$; $P=0,146$).

O indicador imagem do mercado de trabalho é, entretanto, influenciado pela formação acadêmica do respondente (teste: análise de variância => $F=7,595$; $P<0,001$). Verifica-se, pela Tabela 15, que os bibliotecários que possuem doutorado têm uma visão mais positiva desse indicador, em contraponto aos que possuem o bacharelado ou a especialização.

Tabela 15 – Indicador mercado e formação acadêmica

Maior formação acadêmica	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Bacharel	118	2,7274	
Especialização	131	2,9122	
Mestrado	14	3,1667	3,1667
Doutorado	3		3,5000
Sig.		,102	,120

Student-Newman-Keuls

Uma possível explicação para essa relação do indicador com a formação acadêmica é o que a própria literatura aponta como a educação continuada permitindo melhores oportunidades de trabalho, maiores salários e melhor percepção de oportunidades. O exame da relação entre a maior qualificação e os salários mostrou que todos dos bibliotecários que possuem doutorado encontram-se nas faixas salariais acima de R\$3.000,00, atuam em bibliotecas especializadas ou universitárias, sendo 57% em função de direção.

Novamente avaliação do curso do respondente (teste: análise de variância => $F=4,246$; $P=0,002$) tem influência sobre o indicador mercado de trabalho (Tabela 16).

Tabela 16 - Indicador mercado e avaliação do curso

Avaliação do curso	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Péssimo	2	1,6667	
Ruim	2		2,5833
Regular	42		2,7778
Bom	159		2,8491
Ótimo	61		2,9508
Sig.		1,000	,625

Student-Newman-Keuls

Pela Tabela 16 observa-se que a avaliação péssima do curso redundou em visão negativa para esse indicador, o que é coerente. Se o profissional reconheceu que a qualidade de seu curso foi tão ruim, pode-se pressupor que ele tenha sentido dificuldade de colocação, ou de apreensão das rotinas de trabalho.

Com relação à suposição de que essa avaliação possa ter relação com o fato de os bibliotecários perceberem que as disciplinas do curso tiveram pouca ou nenhuma relação com a realidade, os dados desta pesquisa não confirmam essa afirmativa, pois indagados sobre essa questão, 72,6% dos bibliotecários concordaram ou concordaram totalmente com a frase “Os conhecimentos que obtive na universidade têm relação com a realidade de atuação profissional dos bibliotecários”.

A função (direção ou técnico) do respondente (teste: T-Student => $t=2,283$; $P=0,023$), também influencia o indicador mercado de trabalho, conforme Tabela 17, que mostra que a média de visão é maior para o grupo que informou ocupar cargos de direção, indicando uma percepção mais positiva acerca de mercado de trabalho. Verificando-se esse dado e relacionando-o com o item relativo à formação, essa visão mais positiva pode ter relação com maior satisfação na carreira, maiores salários, possibilidade de idealizar e realizar produtos e serviços, liderar projetos, entre outras oportunidades, que a ocupação gerencial permite e que poderia influenciar a visão sobre o mercado.

Tabela 17 - Indicador mercado e função

		Nº de casos	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
Função	Direção	127	2,9199	,46993	,04170
	Técnico/assessoria	133	2,7832	,49449	,04288

Conforme Tabela 18, o indicador mercado de trabalho é influenciado pelo tipo de unidade de informação do respondente (teste: análise de variância => $F=3,316$; $P=0,012$).

Tabela 18 - Indicador mercado e tipo de unidade de informação

Tipo de unidade de informação que trabalha	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Biblioteca pública	23	2,5580	
Biblioteca especializada	65	2,7795	2,7795
Biblioteca escolar	51		2,8791
Biblioteca universitária	69		2,8913
Centro de documentação	19		3,0175
Sig.		,052	,155

Student-Newman-Keuls

Também nesse caso foram retirados os autônomos e os que informaram atuar nos arquivos. No caso dessa pesquisa, os dados apurados mostram que os bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas têm uma visão mais negativa em relação àqueles que atuam em centros de documentação. Se os dados acerca de salários, maior formação acadêmica e aqueles indicados pela literatura técnica da área mostram que os profissionais que atuam

em bibliotecas públicas, em geral recebem menores salários e atuam em condições precárias, em vários sentidos (acervos deficientes, baixo investimento em modernização, ambientes desfavoráveis e não atrativos aos usuários), esses dados de que a visão de mercado para esse grupo pode ser mais negativa sugere que a constatação dessa relação tem alguma procedência.

Mesmo quando há relatos isolados de profissionais que são extremamente motivados e satisfeitos por atuarem nesse segmento, é recorrente a literatura apontar para a quase inexistência de bibliotecas públicas de qualidade para suprir as demandas sociais, o que pode redundar, então nessa visão mais negativa do mercado.

O indicador mercado de trabalho também é influenciado pelo salário do respondente (teste: análise de variância => $F=8,133$; $P<0,001$).

Tabela 19 - Indicador mercado e faixa salarial

Faixa salarial	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Até 1500,00	81	2,6214	
1501,00 a 3000,00	93		2,8728
5001,00 a 7000,00	22		2,9773
3001,00 a 5000,00	43		3,0310
Acima de 7001,00	22		3,0379
Sig.		1,000	,415

Student-Newman-Keuls

A Tabela 19 mostra que os bibliotecários que recebem até R\$1.500,00 têm visão mais negativa do mercado. Mesmo levando-se em consideração que 51,2% dos que estão nessa faixa formaram-se a partir de 2000, podendo ser considerados em início de carreira, em contrapartida aos que atuam a mais tempo – formados até 1989 –, que estão nas faixas mais altas (72,5%), a questão salarial é sempre sensível para as análises e avaliações feitas pelos profissionais. Em vários casos, os bibliotecários que responderam o questionário apontaram que, de acordo com sua visão, os salários oferecidos são incompatíveis com o que deveria ser oferecido a profissionais de nível superior. Então, esse é um dado que não pode deixar de ser considerado relevante para estimular ou não o profissional ou fazê-lo perceber o mercado como promissor, se as perspectivas salariais não são atraentes.

Assim, para o indicador mercado de trabalho, observou-se que a idade, o sexo, o estado civil, o ano de ingresso e o de formatura, a escola em que se formou, a atividade que realizam (para aquela maioria que indicou realizar apenas uma atividade), o número de bibliotecários na organização, a vinculação da organização para a qual trabalham, o número de usuários atendidos e a região em que se formaram não influenciam a visão que os bibliotecários desta pesquisa possuem sobre o indicador.

Por outro lado, a formação acadêmica, a avaliação que fizeram do curso, a função que desempenham (direção ou técnico), o tipo de unidade de informação em que atuam e a faixa salarial tiveram influência sobre a imagem que os bibliotecários participantes dessa pesquisa têm sobre o mercado de trabalho.

Dimensão	Variável
Mercado de trabalho	Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Salário Formação acadêmica Função

Quadro 12 – Relação entre a dimensão mercado de trabalho e as variáveis

- Dimensão formação profissional -

Na Parte D do questionário, então, no processo de seleção do melhor conjunto de variáveis para a construção do indicador sobre a imagem relacionada com a formação profissional, pelo teste Alfa-Cronbach, foram, então, utilizadas as perguntas de 38 a 48¹⁴¹ e, após realização dos testes, foi obtido o Alfa = 0,622 pela média das variáveis v38x v39 v40 v41 v43, retirando as variáveis v42 v44x v45 v46 v47 e v48x.

Seguindo a mesma forma de análise das dimensões anteriores, então, pelos testes de análise de variância, relacionando o indicador imagem sobre a formação profissional com as outras variáveis do estudo, identificou-se que ele não é influenciado:

- pelo sexo do respondente (teste: T-Student => $t=0,824$; $P=0,410$), indicando, então que o sexo não influi na avaliação da formação profissional;
- pelo estado civil do respondente (teste: análise de variância => $F=0,276$; $P=0,824$);
- pela formação acadêmica do respondente (teste: análise de variância => $F=0,724$; $P=0,538$);
- pela escola em que se formou o respondente (teste: análise de variância => $F=0,991$; $P=0,461$);

¹⁴¹ Variáveis: **v38** Os conhecimentos que adquiro como bibliotecário são de pouca utilidade fora da profissão; **v39** Os conhecimentos que obtive na universidade têm relação com a realidade de atuação profissional dos bibliotecários; **v40** Os professores do curso de graduação eram comprometidos com a qualidade de ensino; **v41** Os professores de meu curso de graduação influenciaram decisivamente a imagem da profissão bibliotecária que possuo; **v42** Os meus professores de graduação eram todos bibliotecários; **v43** Nos estágios que fiz, quando estudante, os bibliotecários eram, de modo geral, bons exemplos de profissionais; **v44** Pela formação que recebem nas escolas, os bibliotecários têm capacidade técnica para atuar melhor em bibliotecas tradicionais; **v45** As disciplinas do curso de Biblioteconomia deveriam ser mais fortemente dirigidas para o aprendizado de tecnologias de informação e comunicação; **v46** A formação humanista é útil para o bibliotecário atuar nas diferentes unidades de informação; **v47** Os cursos de Biblioteconomia deveriam procurar formar pessoal especializado em áreas específicas para manter sua competitividade como profissão; **v48** Aprender a desenvolver sistemas de informação na Universidade é mais importante que aprender a tratar e organizar conteúdos de informação.

- para os que desempenham uma única atividade (160 pessoas), o indicador formação profissional não é influenciado pela atividade que desempenha (teste: análise de variância => $F=0,928$; $P=0,477$);
- pela função (direção ou técnico) do respondente (teste: T-Student => $t=1,753$; $P=0,080$);
- pela quantidade de bibliotecários que atuam na organização do respondente (teste: análise de variância => $F=0,686$; $P=0,503$);
- pelo tipo de unidade de informação do respondente (teste: análise de variância => $F=0,857$; $P=0,527$);
- pela vinculação da organização do respondente (teste: análise de variância => $F=1,066$; $P=0,329$);
- pelo salário do respondente (teste: análise de variância => $F=2,209$; $P<0,067$);
- pela região em que se formou o bibliotecário (teste: análise de variância => $F=0,580$; $P=0,628$).

O indicador de formação profissional, no entanto, é influenciado pela idade do respondente (teste: análise de variância => $F=4,595$; $P=0,001$). Conforme Tabela 20, verifica-se que os bibliotecários cujas idades são a partir de 50 anos têm uma visão mais positiva da formação profissional que tiveram, enquanto que aqueles situados na faixa compreendida entre os 30 e os 39 anos têm uma visão mais negativa da formação profissional.

Tabela 20 – Indicador formação e idade

classes de idade	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
30 a 39 anos	99	2,8121	
até 29 anos	61	2,8656	2,8656
40 a 49 anos	148	2,9230	2,9230
60 anos e mais	23		3,0522
50 a 59 anos	113		3,0602
Sig.		,395	,103

Student-Newman-Keuls

A questão de formação profissional envolve múltiplos aspectos e os pontos levantados para tentar compreender as razões disso são apenas sugestões que podem e devem ser estudadas mais profundamente. Dentre as potenciais razões pelas quais os bibliotecários com mais idade apontaram uma visão mais positiva para a formação profissional pode ser considerado o fato de que esse grupo já ultrapassou a maior parte do tempo de atuação profissional e a avaliação que fazem é com base nesses anos de experiência e, possivelmente, pela forma que lidaram com seus problemas e desafios e que resultaram em saldo positivo, conforme suas concepções. De fato, embora nas considerações feitas na questão relacionada com os estereótipos muitos bibliotecários

tenham identificado que a visão sobre pessoas idosas é de que elas são acomodadas, sem curiosidade e temerosas das tecnologias, parece que esse grupo está satisfeito com a formação que recebeu e soube lidar com as mudanças no exercício profissional.

Oliveira (1980, p. 66-92), na parte de discussões, em seu trabalho identificou três fatores, segundo ela, responsáveis pelas atitudes profissionais dos bibliotecários que foram a natureza do trabalho bibliotecário, o salário e o comportamento profissional. Para o primeiro fator, a idade não teve influência. Entretanto, para o fator dois, conforme a autora, o avanço da idade tende a neutralizar as opiniões sobre o salário. Por fim, para o fator natureza do trabalho, a autora afirma que os bibliotecários com mais idade tendem a negar que o detalhismo e a omissão são características do seu comportamento profissional, conforme suas palavras, “[...] talvez como decorrência de amadurecimento pessoal e profissional.” Em alguma medida, essas constatações de Oliveira (1980) podem ser, então, trazidas para essa dimensão, com essa mesma visão de amadurecimento pessoal e profissional, que redundam em visão mais positiva da formação que receberam.

Além disso, se relacionado esse fato com a competitividade exigida pelo mercado de informação, com o advento das tecnologias e da Internet, aumento no número de profissionais egressos das universidades, pode ser que a formação profissional que os bibliotecários mais velhos receberam tenha sido suficiente e satisfatória para que atuassem e se sentissem seguros com a formação, avaliando, assim, positivamente, a formação.

Para os mais jovens, entretanto, esse aspecto da formação é bastante sensível, especialmente se considerados os outros perfis profissionais que competem por nichos semelhantes, como, por exemplo, os pós-graduados em Ciência da Informação e os arquivistas. Uma formação sólida e consistente, especialmente para os que estão ingressando no mercado é um diferencial apontado na literatura e que os dados dessa pesquisa parecem confirmar. Esse aspecto, inclusive, é reforçado pela influência que a imagem sobre a formação profissional teve, relacionada ao ano de ingresso dos bibliotecários, conforme Tabela 21. Por ela, percebe-se que aqueles que ingressaram nas universidades a partir de 1990 possuem uma visão mais negativa do que os que ingressaram até 1989 (teste: análise de variância => $F=0,146$; $P=0,932$).

Tabela 21 - Indicador formação e ano de ingresso

ano de ingresso	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
a partir de 2000	48	2,8375	
1990 a 1999	152	2,8671	
1980 a 1989	107	2,9140	2,9140
até 1979	140		3,0400
Sig.		,503	,066

Student-Newman-Keuls

Por esses dados é possível imaginar que a formação profissional sofreu um forte impacto relacionado com a introdução das tecnologias de informação nas unidades de informação, a partir de 1990. Nesse caso, considerando o lapso de tempo em que os cursos tiveram para adaptar seus currículos, treinar os próprios professores e repassar para os alunos, esse conjunto de fatores sugere que essa pode ser uma das razões para a visão negativa da formação, nesse indicador. Sobre as tecnologias de informação o Professor F assim se manifestou, em relação à formação dos bibliotecários:

[...] eu falo para eles, como é que deve ser o comportamento do bibliotecário em relação ao pessoal da tecnologia: de não ter medo, de desmistificar o computador aquelas coisas todas que o cara vem, ah mas isso é muito difícil nossa o pessoal é muito inteligente e eu não sou inteligente. Tem essa coisa da baixa auto-estima. E isso eu tento trabalhar: olha você não é menos que ninguém é uma questão de [...] sentar e fazer os cursos corretos e encarar as coisas e discutir e colocar o seu lado. Ele não é melhor do que você [...] a profissão já resolve problemas de informação há séculos antes do computador. Tem que respeitar toda uma bagagem esquemática que o bibliotecário tem. Porque o resto é moda. (Professor F)

Para o Professor D, o fator tecnologia modificou a relação de disciplinas oferecidas no curso e a utilização de laboratórios de informática:

Então hoje a gente tem muito mais disciplinas que usam tecnologia de informação do que a gente tinha antes. Antes a gente montava o laboratório só para automação de bibliotecas. E para recuperação da informação. Aquilo era alocado direto. Agora a gente já viu que precisa pedir mais [...]. (Professor D)

Mas para o Professor C, a questão do ensino e aprendizado de tecnologia de certa forma parece confirmar essa percepção de que ainda há um longo caminho a percorrer até que os bibliotecários se sintam preparados e possam atuar de modo mais efetivo nesse mundo tão tecnológico:

É algo que eu diria que está em processo, mas que não foi consolidado ainda porque o bibliotecário ele ainda usa a tecnologia para o processo de informatização, mas ele mesmo, pelas pesquisas que a gente está trabalhando, ele mesmo não tem competência informacional. Ou seja, não é capaz de buscar nas várias mídias uma informação correta, capaz de analisá-la, criticá-la, escolhê-la e apropriar-se dela. Então, ao mesmo tempo que ele é um intermediário da informação ele não é um letrado informacionalmente. Ele às vezes sabe usar a máquina [...]
Mas uma coisa é saber manusear tecnicamente a máquina. Outra coisa é saber as fontes de informação, o uso das bases de dados, como que v. deve analisar, interpretar aquilo, a relevância ou não das informações. Para isso o bibliotecário não é preparado. Os currículos não preparam não dão formação e competência. Os currículos trabalham a tecnologia de informação, a máquina. Tem tal *software*, tal esse, tal esse, mas eles não trabalham. Porque isso já é uma questão lá de baixo, é um problema da nossa educação básica, que é a questão do letramento, na sua concepção maior, não só codificação, ler, mas do letramento. Então quem não sabe ler, e quem não sabe interpretar um texto, quem é semi-alfabetizado [...], tanto faz a máquina como o papel, como *cd-rom*, não vai conseguir chegar nessa inclusão aí. (Professor C)

Por outro lado, aqueles que ingressaram nos cursos até 1979, aparentemente não sofreram com a passagem do tempo, em relação à formação que receberam, pois estão no grupo que teve uma visão positiva desse indicador, o que pode ter relação com a análise de Oliveira (1980), com relação à maior maturidade pessoal e profissional. As mudanças que aconteceram não foram, aparentemente, significativas para esse grupo, que embora não tenha recebido nenhuma formação na graduação com relação às tecnologias, provavelmente soube se adaptar e apreender esses novos conhecimentos, conceitos e metodologias de trabalho. Outra possibilidade é que esses profissionais tenham sido colocados em postos de trabalho nos quais esses conhecimentos mais aprofundados não eram fundamentais, embora a automação tenha permeado todas as áreas de informação, mesmo as mais tradicionais, como os processos técnicos, com tesouros automáticos, planilhas eletrônicas e outras inovações.

Outro ponto, que pode ter alguma relação, é que esse conjunto de bibliotecários é o que tem mais idade, maiores salários e que demonstrou ter uma relação melhor com o mercado, conforme dados analisados na dimensão mercado de trabalho, o que potencialmente poderia explicar a visão mais positiva que possuem acerca da formação.

O indicador também foi influenciado pelo ano de formatura do respondente (teste: análise de variância => $F=6,477$; $P<0,001$), conforme apresentado na Tabela 22. Para aqueles que se formaram até 1979, a visão sobre a formação é mais positiva do que para os que ingressaram no mercado de trabalho a partir de 1980.

Tabela 22 - Indicador formação e ano de formatura

ano de formatura	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
a partir de 2000	133	2,8481	
1990 a 1999	111	2,8739	
1980 a 1989	105	2,9390	
até 1979	95		3,1032
Sig.		,309	1,000

Student-Newman-Keuls

Embora de certa forma esse dado guarde alguma coerência com a questão da visão mais positiva pelos bibliotecários que ingressaram há mais tempo no curso, muitos aspectos podem interferir na imagem sobre a formação, relacionada com o ano de formatura. Dentre essas possibilidades de interferência estão pontos relacionados à economia do país, à política de oferta de empregos, à consolidação e especialização do mercado de trabalho, à concorrência com os pares e com outros perfis emergentes. Bibliotecários que se formaram até 1979 podem perceber menores interferências desses pontos em suas atividades laborais ou tiveram menores entraves para iniciar a vida profissional que os que se formaram posteriormente.

As unidades de informação nesse período, possivelmente, eram menos aparelhadas tecnologicamente, o acesso à informação não era tão amplo, usuários eram mais facilmente identificáveis e suas necessidades de informação provavelmente eram formuladas com menores expectativas. Por outro lado, o nível de organização da informação no país ainda não era tão visível de forma massiva como passou a ser posteriormente, com os catálogos coletivos, com as redes de bibliotecas e, por fim, no final do século XX, com os catálogos eletrônicos na *Internet*, início do acesso a textos integrais, com usuários se tornando mais exigentes, mais independentes e com uma maior necessidade de desenvolver produtos e serviços de qualidade, já que a transparência da *Internet*, se por um lado valorizou a informação, por outro tornou mais visíveis as fragilidades dos serviços oferecidos.

Retomando Barros (2001), que reafirma a tecnologia como a base para toda e qualquer revolução que tenha havido em qualquer área, esse mundo mais opressivo do trabalho, que se tornou mais exigente, pode ser um fator relevante para que os bibliotecários, a partir dessa perspectiva das tecnologias de informação, tenham percebido a importância e igualmente se tornado mais críticos, em relação à formação que receberam.

Os pontos levantados anteriormente têm coerência com os dados indicados na Tabela 23, que mostram a influência sofrida pelo indicador formação profissional relacionada com a avaliação do curso dos respondentes (teste: análise de variância => $F=41,806$; $P<0,001$).

Tabela 23 - Indicador formação e avaliação do curso

Avaliação do curso	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05			
		1	2	3	4
Péssimo	3	1,9333			
Ruim	5		2,3200		
Regular	88		2,6500	2,6500	
Bom	250			2,8984	
Ótimo	103				3,3068
Sig.		1,000	,081	,188	1,000

Student-Newman-Keuls

Mais uma vez, os dados apontam para a importância da relação e da percepção que os bibliotecários tiveram dos cursos realizados para a avaliação que fazem. Pelo que se percebe, a opinião sobre o curso relacionada com o indicador formação mostra que quanto melhor avaliado foi o curso, mais positiva se mostrou a visão sobre a formação que receberam, sendo os dois extremos: avaliação péssima, visão mais negativa e avaliação ótima visão mais positiva, para os dados deste estudo.

Alguns bibliotecários reconheceram neles mesmos os problemas com relação ao curso que fizeram, como indicado por alguns dos respondentes:

- A culpa deve ter sido minha. (Bibliotecário 38, 48, fem., 1982)
- A culpa foi minha que não me dediquei. (Bibliotecário 21, 47, masc., 1992)

Outros, entretanto, apontam fatores diferentes:

- A grade curricular deve ser alterada de forma significativa, preparando o aluno para a nova realidade informacional. (Bibliotecário 343, 25, fem., 2004)
- A maioria dos professores não tem competência necessária para trabalharem frente as novas tecnologias. (Bibliotecário 470, 31, fem., 1999)

Entretanto, é relevante pensar que a avaliação do curso sugere que ocorre impacto na visão que os profissionais têm de sua própria formação e a essência dessa avaliação, mesmo considerando os dados qualitativos acerca dessa mesma questão, poderiam ser explorados de modo mais profundo. Assim, um exercício de pesquisa relevante seria identificar aquelas que tiveram pior desempenho, conforme visão dos egressos, comparando com as mais bem avaliadas, para ver que interferências foram responsáveis por cada uma das tendências de avaliação.

O indicador formação profissional é, também, influenciado pelo nº de usuários da unidade de informação do respondente (teste: análise de variância => $F=2,423$; $P=0,066$). Pela Tabela 24 percebe-se que os bibliotecários que atendem entre 251 e 800 têm uma visão mais negativa do que os demais, reiterando que as faixas foram construídas de acordo com a frequência aproximada de 25% em cada uma delas.

Tabela 24 - Indicador formação e nº de usuários

Número de usuários	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
251 até 800	91	2,8527	
801 até 2500	78	2,8718	2,8718
Até 250	79	2,9620	2,9620
Mais de 2500	84		3,0214
Sig.		,157	,051

Duncan

Esse é outro dado que não possui parâmetros nos estudos anteriormente realizados e nem na literatura técnica da área, requerendo pesquisas que procurem entender a relação entre o número de usuários atendidos e a visão que os profissionais possuem de sua formação profissional.

Então, em relação ao indicador sobre a formação profissional, constatou-se que sexo, estado civil, formação acadêmica, atividade realizada (para aqueles que indicaram realizar apenas uma atividade), função, número de bibliotecários, tipo e vinculação da de unidade de informação, salário e região em que se formaram, não tiveram influência sobre a visão positiva ou negativa dos bibliotecários desta pesquisa.

Já a idade, o ano de ingresso e de formatura, a avaliação que fizeram do curso e o número de usuários atendidos pela unidade de informação influenciaram na visão acerca da formação profissional.

Dimensão	Variável
Formação profissional	Idade Ano de ingresso Ano de formatura Avaliação do curso Número de usuários

Quadro 13 – Relação entre a dimensão formação profissional e as variáveis

Em resumo, todas as dimensões – bibliotecário, Biblioteconomia, mercado de trabalho e formação profissional –, não foram influenciadas por: sexo, estado civil, atividade (para as pessoas que indicaram realizar apenas uma atividade), escola e região de formação.

O Quadro 14 apresenta uma síntese de todas as dimensões e as variáveis estudadas que foram influenciadas na referida dimensão, para o presente estudo.

Dimensão	Variável
Bibliotecário	Ano de formatura Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Número de usuários Salário
Biblioteconomia	Número de bibliotecários Vinculação da unidade de informação
Mercado de trabalho	Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Salário Formação acadêmica Função
Formação profissional	Idade Ano de ingresso Ano de formatura Avaliação do curso Número de usuários

Quadro 14 – Relação entre as dimensões e as variáveis

Observa-se que a variável avaliação do curso foi a que mostrou influenciar o maior número de dimensões, nos cruzamentos efetuados. Essa constatação talvez sinalize que, para esse grupo de pesquisa, esse é um dado relevante para indicar se a visão é mais positiva ou mais negativa, quando associada com a valoração atribuída à experiência de aprendizagem na graduação.

4.2.3 Análise dos dados quantitativos dos questionários

As questões fechadas dos questionários, que implicavam numa marcação de escala de quatro pontos – Discordo totalmente, Discordo, Concordo, Concordo totalmente –, mais uma opção “Não se aplica”, tiveram por objetivo coletar dados de valoração e de opinião dos bibliotecários. Além de permitir a definição de dimensões para realização dos testes estatísticos, utilizando as médias das respostas para cruzamento com as outras variáveis do questionário, como idade, sexo, estado civil, grau de formação, atividades, dentre outras, que compuseram a segunda parte das perguntas, as questões fechadas apresentam respostas que igualmente podem servir para orientar a análise acerca da imagem que os profissionais constroem sobre eles mesmos e sobre a profissão.

Os dados foram consolidados sempre pelos dois pólos, reunindo as respostas concordo e concordo totalmente e igualmente somando as marcações feitas nas opções discordo e discordo totalmente, embora as tabelas, para fins de ilustração, tenham mantido as marcações originais.

- Dimensão bibliotecários: dados quantitativos

A Parte A do questionário contou com 11 frases que versaram sobre os bibliotecários e sua elaboração teve o propósito de tentar verificar a opinião dos profissionais sobre eles mesmos, sobre seus pares, sobre quanto se identificavam com a profissão e em que medida estavam satisfeitos com a escolha efetuada.

Para a primeira pergunta, se os bibliotecários consideravam que eram valorizados como profissionais da informação, 55,2% (262 respondentes) discordaram ou discordaram totalmente, para os 475 casos válidos, enquanto que 44,9% concordaram ou concordaram totalmente. Esses dados são consistentes com as respostas obtidas pela pergunta A3, sobre se percebiam que a profissão era reconhecida socialmente, 60,21% dos bibliotecários que responderam essa pergunta manifestaram-se negativamente, ou seja, que não achavam que o bibliotecário é um profissional reconhecido socialmente. Mesmo considerando-se a proximidade dos dados, com diferença de 10,3% entre um grupo e outro, os dados sugerem que a visão tende a ser mais negativa para essa percepção de valor como profissionais da informação.

Por outro lado, indagados sobre a percepção de concorrência em relação à segurança que as bibliotecas apresentam como espaços de atuação exclusiva para os bibliotecários, que poderia indicar acomodação por parte dos profissionais, os dados de respostas foram de 86,9% de discordância (e total discordância), em relação a 13,1% dos que concordaram ou concordaram totalmente, para os 473 casos válidos. Esse posicionamento dos profissionais sugere que mesmo sabendo da proteção da lei que

regulamenta a profissão, os bibliotecários parecem perceber que necessitam estar atentos à qualidade de seu trabalho, o que pode ser comparado com as diversas respostas que atribuíram bastante importância para a educação continuada de forma que a profissão se mantenha competitiva.

Essas respostas também têm coerência com a questão 11, que solicitava a opinião dos bibliotecários acerca da necessidade de aprendizado contínuo para o exercício profissional. Nesse caso, 98,3% dos respondentes concordaram ou concordaram totalmente com a afirmativa. Assim, para os bibliotecários participantes dessa pesquisa, parece haver uma percepção de que a educação continuada é um fator relevante, considerados os pontos relacionados: à evolução da profissão, às demandas sociais por maiores e melhores práticas e à necessidade de qualquer profissional que deseje se manter em posições de vantagem e competitividade, para acompanhar a marcha inexorável de mudança em todos os aspectos da vida, especialmente em relação a profissões tão fortemente conectadas com as tecnologias de informação, como é o caso daquela ligadas ao fenômeno da informação.

Isso parece apontar para uma percepção realista do exercício profissional e pelo atendimento das constatações da literatura técnica que reforçam essa necessidade de aprendizado e educação contínuos. Comparando esses dados com o que Oliveira (1980, p. 93) levantou, parece que com o passar dos anos os bibliotecários que participaram dessa pesquisa têm uma visão menos idealizada da profissão e uma percepção mais afinada com o que a literatura aponta sobre as necessidades dos profissionais para se manterem competitivos. Nesse sentido, a passagem do tempo, o maior número de professores titulados *stricto sensu*, maior produção de pesquisas na, para e sobre a área, assim como a maior acessibilidade a informações, documentos e acervos, pelas facilidades da *Internet*, entre outros itens, contribuíram para que os bibliotecários não mais demonstrassem a “[...] dissonância cognitiva entre as negações profissionais e as realidades apontadas pela literatura.”, considerada pela autora, constatando que os bibliotecários tinham uma visão positiva em relação aos fatores levantados por ela.

Para a pergunta sobre a percepção de acomodação que os profissionais sentem em relação aos demais, Tabela 35¹⁴², 83% das pessoas concordaram ou concordaram totalmente com a afirmativa. Esses dados sugerem que os bibliotecários têm um olhar bastante crítico em relação aos demais, o que poderia sofrer um exame mais aprofundado no sentido de buscar se de fato o que se percebe é acomodação, no sentido de desistência da profissão em si, ou se a realidade percebida é que não faz diferença o esforço que se faz, já que a profissão não é valorizada, não é reconhecida e não merece o esforço adicional de lutar por espaço, recursos, pessoal, entre outros itens. Essa pergunta pode ter relação

¹⁴² Ver Tabela 35 - Percebo tendência à acomodação profissional nos bibliotecários no capítulo 4.2.4.

com a quinta afirmativa que questionava sobre a dificuldade de obtenção de recursos, pelo fato de ser bibliotecário, o que foi confirmado por 282 respondentes (65,6%), que pode implicar que a percepção de acomodação em relação aos demais profissionais poderia ter como uma das explicações essa dificuldade apontada por grande parte dos respondentes do questionário, de acesso a recursos que permitiriam o pleno desenvolvimento de seu trabalho.

Ainda relacionado com essa visão foi a pergunta acerca da percepção dos profissionais sobre os colegas, em relação à resistência a mudanças. Conforme Tabela 25, novamente os participantes dessa pesquisa apontaram que concordam ou concordam totalmente em 328 casos (69,5%).

Tabela 25 - Percebo resistência, em meus colegas, em proposições de mudanças ou implantação de novos produtos e serviços

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	18	3,7	3,8	3,8
	Discordo	126	25,8	26,7	30,5
	Concordo	244	50,0	51,7	82,2
	Concordo Totalmente	84	17,2	17,8	100,0
	Total	472	96,7	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	12	2,5		
	System	4	,8		
	Total	16	3,3		
Total		488	100,0		

Esse olhar sobre os bibliotecários também foi objeto da afirmativa acerca do comportamento dos profissionais, para identificar de que forma o grupo dessa pesquisa se posicionava em relação à afirmativa de que o apego aos detalhes e maior preocupação com forma que conteúdo era a tônica dos demais colegas de profissão. Nesse caso não foi possível definir uma tendência, pois 231 (49,1%) concordaram ou concordaram totalmente e 240 (51%) discordaram ou discordaram totalmente. Esse “empate técnico” parece indicar que existe uma zona nebulosa de visão sobre a forma de atuação profissional, que igualmente se diferencia de Oliveira (1980), que indicou que a maioria dos bibliotecários pesquisados naquela ocasião não concordava com essa classificação de seu trabalho.

Mas nenhum dos aspectos mais negativos associados ao comportamento e à percepção sobre os demais profissionais teve, sobre o grupo dessa pesquisa, impacto suficiente para que expressassem desejo de mudar de profissão. Indagados sobre essa possibilidade, 84,1% (366 bibliotecários) dos casos válidos (435) discordaram ou discordaram totalmente. Esse é um dado relevante de ser explorado na medida em que revela que a despeito das dificuldades percebidas pelos profissionais, sua expectativa não é de abandono da profissão. As razões para que se mantenham na profissão seria uma

vertente do estudo, já que esse aspecto não foi explorado, e as respostas obtidas poderiam ser um norteador das atividades das organizações representativas da categoria e das escolas, no sentido de aprofundarem esse aspecto, que parece reforçar uma visão positiva da categoria sobre a própria profissão.

A quarta questão tratava do orgulho do respondente de informar acerca de sua profissão. A porcentagem dos que concordam ou concordam totalmente foi de 83% (422), o que aparentemente demonstra que mesmo que os pares sejam acomodados, mesmo que haja dificuldades em obter recursos para o próprio trabalho e ainda que não haja uma opinião muito definida acerca da forma de realização das atividades, isso não influencia a visão que o profissional tem de si mesmo e que o faz se sentir orgulhoso de sua profissão. Essa questão se coaduna com o que foi respondido quando indagados se aconselhariam um amigo a seguir a carreira bibliotecária. Conforme Tabela 26, 391 bibliotecários (87,5%) concordaram ou concordaram totalmente com essa afirmativa, o que sugere que, na percepção dos participantes dessa pesquisa, essa é uma opção que deve ser considerada pelas pessoas próximas. No caso de Oliveira (1980), a percepção positiva foi medida com relação à auto-estima, constructo que não foi objeto desta pesquisa, conforme levantado no capítulo 2.1.

Tabela 26 - Aconselharia um amigo a ser bibliotecário

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	11	2,3	2,5	2,5
	Discordo	45	9,2	10,1	12,5
	Concordo	214	43,9	47,9	60,4
	Concordo Totalmente	177	36,3	39,6	100,0
	Total	447	91,6	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	32	6,6		
	System	9	1,8		
	Total	41	8,4		
Total		488	100,0		

Considerando, também, o aspecto social da profissão e o quanto os usuários mostraram-se presentes no exercício profissional na percepção dos participantes dessa pesquisa, perguntados sobre a disponibilidade para atendimento de necessidades de informação de usuários, 85,6% (411) dos bibliotecários concordou ou concordou totalmente com essa afirmativa, em 480 casos válidos.

- Dimensão Biblioteconomia – dados quantitativos

A Parte B do questionário, sobre Biblioteconomia constou de sete itens cujo objetivo era captar a opinião dos bibliotecários sobre a profissão e seu exercício. A legislação que regulamenta a profissão foi, então a primeira afirmativa, colocando a possibilidade de ampliação de reserva de mercado para assegurar o exercício do bibliotecário em outros ambientes de informação. Essa questão tem relação tanto com a realidade de alteração de denominação dos locais, retirando o nome de biblioteca para permitir que outros perfis atuem, quanto identificar a percepção dos profissionais sobre esse ponto, se isso é importante ou não, se a legislação é satisfatória ou se não há consenso sobre esse ponto.

Dos 467 casos válidos, 385 (82,4%) concordaram ou concordaram totalmente com a proposição de ampliação da reserva de mercado para outras unidades de informação que não somente as bibliotecas. Como não foi perguntada a razão para uma ou outra opinião, seria oportuno investigar esse dado, que poderia ter algumas razões que vão desde a proteção da categoria, propriamente dita, até a garantia de que nas unidades de informação atuem pessoas preparadas para aquela finalidade.

Então, com relação à primeira opção, de proteção de mercado, pode-se relacionar esse dado com a afirmativa sobre a percepção de que os bibliotecários são acomodados e pode induzir à constatação de que mais que competências, os bibliotecários pretendem dispor de espaços de atuação exclusivo, que apenas requereriam seu diploma e registros legais. Assim, a demanda por ampliação dos espaços garantiria, sem maiores esforços de aquisição de competências, o mercado tranqüilo que os receberia por força normativa.

Por outro lado, se comparada essa resposta com o dado sobre necessidade de educação continuada, apontado pela maior parte dos respondentes desse questionário, também poderia ser imaginado que a percepção sobre a ampliação da zona de reserva de mercado revelaria uma preocupação com a qualidade de produtos e serviços que são oferecidos nessas unidades de informação. Conforme dados qualitativos¹⁴³, em várias circunstâncias os bibliotecários colocaram que são confundidos com qualquer pessoa que esteja fornecendo informações ou que trabalhe nas unidades de informação e que essa pode ser uma das causas para o baixo reconhecimento social da profissão. Assim, essa desinformação ou desconhecimento do público em geral sobre as competências dos bibliotecários seriam minimizadas se os profissionais que atuam nesses segmentos de fato tivessem habilitação para ocuparem aquelas posições, o que elevaria a qualidade dos serviços para os usuários e, em certa medida, o reconhecimento social para a profissão.

Qualquer que seja a interpretação feita, entretanto, somente poderá ser compreendida na medida em que outras pesquisas forem realizadas. Retomando Mueller

¹⁴³ Ver capítulo 4.2.4

(2004, p. 43-47), no estudo sobre a evolução das profissões de informação, as mudanças têm ocorrido, no Brasil e no mundo, incluindo a denominação dos cursos e os títulos dos profissionais, com conseqüente alteração em suas possibilidades de atuação. Como a legislação profissional não foi reformulada, alguns desses novos titulados estão enfrentando dificuldades de colocação nos postos oferecidos pela esfera pública, já que os Conselhos somente conferem o registro aos bacharéis em Biblioteconomia. Assim, a importância das exigências legais assume outro papel diante dessas mudanças, sejam as alterações para ampliar ou para reduzir a esfera de atuação dos bibliotecários. De todo modo, independente da legislação existente ou de potenciais alterações, a natureza do trabalho dos bibliotecários requer, como quase toda literatura apregoa, educação continuada, consonância com as necessidades sociais, atuação conjunta com outros perfis de profissionais, já que, conforme Cunha (2003), “[...] nossa profissão é uma profissão essencialmente social, uma profissão de mediação e de contato, de “fazer com o outro” de fazer para o outro, o bibliotecário só tem a ganhar com a colaboração com outros profissionais.”

Essa questão tem relação com a quinta afirmativa de que a profissão bibliotecária é prioritariamente voltada para o trabalho nas bibliotecas, centros de informação e documentação. Como a amplitude do termo unidade de informação é grande, pois abrangeria, em princípio, qualquer segmento em que a informação seja recuperada, organizada, tratada e disseminada, então a maior parte dos respondentes (61,4%) concordou ou concordou totalmente, enquanto que 38,7% discordaram ou discordaram totalmente. Isso pode indicar que os bibliotecários percebem outros nichos de atuação profissional não necessariamente vinculados a unidades de informação, mesmo que tenham esse sentido tão abrangente, e se sentem aptos a atuar, com base em seus conhecimentos, com outros segmentos e em outros locais. Entretanto, nas perguntas abertas sobre os nichos de mercado não foram incluídas outras informações sobre esse dado de modo explícito.

Ainda em relação à caracterização da Biblioteconomia, foi colocada a afirmativa que dizia que o atendimento ao usuário é a atividade que melhor traduz a profissão bibliotecária. Os dados da Tabela 27 sugerem que a visão dos bibliotecários sobre a profissão não parece ser focalizada apenas nos usuários, mas tem uma outra dimensão maior. Dos 467 casos válidos, 219 (46,9%) discordam ou discordam totalmente, enquanto 248 (53,1%) concordaram ou concordaram totalmente. Embora a tendência, para os participantes dessa pesquisa, pareça ser no sentido de associar a atividade bibliotecária com os usuários, há uma parcela significativa para os quais a profissão tem outros pontos que a caracterizam, conforme dados do capítulo 4.2.4, que mostram que a organização da informação tem um papel de destaque com relação à caracterização da área.

Tabela 27 - Atividade de atendimento é a que melhor traduz a profissão bibliotecária

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	45	9,2	9,6	9,6
	Discordo	174	35,7	37,3	46,9
	Concordo	176	36,1	37,7	84,6
	Concordo Totalmente	72	14,8	15,4	100,0
	Total	467	95,7	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	4	,8		
	System	17	3,5		
	Total	21	4,3		
Total		488	100,0		

Sobre as poucas oportunidades percebidas pelos bibliotecários de ascensão funcional a cargos de direção que não apenas nas bibliotecas, a Tabela 28 mostra que para os respondentes do questionário, foi observada uma tendência de concordância em 337, dos 469 casos válidos.

Tabela 28 - Biblioteconomia oferece poucas oportunidades de ascensão a cargos de direção que não sejam em bibliotecas tradicionais

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	31	6,4	6,6	6,6
	Discordo	101	20,7	21,5	28,1
	Concordo	221	45,3	47,1	75,3
	Concordo Totalmente	116	23,8	24,7	100,0
	Total	469	96,1	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	5	1,0		
	System	14	2,9		
	Total	19	3,9		
Total		488	100,0		

Nesse caso, 71,8% dos profissionais que participaram dessa pesquisa percebem que atingir cargos de chefia restringe-se a espaços tradicionais de atuação, o que é compatível com a resposta à pergunta sobre as dificuldades de obtenção de recursos pelos bibliotecários. Esses sentimentos de restrição de esfera de ação e de possibilidades de melhoria poderiam estar creditados à pouca aceitação das competências dos bibliotecários fora das paredes das bibliotecas, do baixo reconhecimento social pela sociedade, identificado pelo grupo dessa pesquisa, e pela não distinção dos bibliotecários de outros profissionais que estejam nas unidades de informação prestando serviços que, no modo de ver desses profissionais, não correspondem ao que poderia ser feito pelos bibliotecários, o que também não contribui para melhorar a imagem deles para a sociedade.

A afirmativa acerca de ser a Biblioteconomia uma boa profissão para o exercício da iniciativa individual teve por objetivo identificar quanto os bibliotecários percebiam acerca

das possibilidades de atuação como autônomos ou mesmo sem a participação de outros grupos. Nesse caso, não foi possível identificar alguma tendência de resposta, pois dos 440 casos válidos, 219 (49,8%) discordaram ou discordaram totalmente e 221 (50,2%) concordaram ou concordaram totalmente. Essa resposta analisada sob a perspectiva dos salários recebidos pelos autônomos (Tabela 7) parece ter alguma coerência de que essa ainda não parece ser uma perspectiva positiva de atuação profissional.

Em relação às fronteiras, tanto no aprendizado quanto no exercício profissional, foram as duas afirmativas relacionadas às tecnologias de informação e à gestão do conhecimento. Na primeira delas, perguntados se o melhor perfil para atuar com gestão do conhecimento seria dos profissionais da informática mais que os bibliotecários, dos 459 casos válidos, 387 (84,3%) discordaram ou discordaram totalmente. Essa percepção de posicionamento que indica que os bibliotecários, integrantes desta pesquisa, se sentem aptos a atuar nessa atividade, o que parece positivo em termos de abranger outras formas de organização e tratamento de informação, que de certo modo são diferenciados dos modelos e modos tradicionais. De todo modo, essa foi uma das disciplinas sugeridas para inclusão em sua formação profissional, conforme analisado no capítulo 4.2.4.

Finalmente, indagados sobre a influência das tecnologias de informação, no sentido de automatizarem produtos e serviços de informação, se tenderiam a diminuir a importância da profissão, dos 475 casos válidos, 93,5% discordaram ou discordaram totalmente. Parece que os estudos disponíveis na literatura técnica realmente apontam para uma visão bastante positiva dos bibliotecários em relação à introdução das tecnologias em seu ambiente de trabalho, o que, na presente pesquisa, também foi confirmado pelos dados da parte C do questionário, especialmente a questão C1¹⁴⁴, assim como já havia verificado Cunha (1984), sobre a influência positiva das tecnologias no trabalho dos bibliotecários e na percepção dos usuários, e na literatura técnica que aponta as tecnologias como o grande divisor de águas no trabalho com a informação.

- Dimensão mercado de trabalho e tecnologias de informação – dados quantitativos

A dimensão mercado de trabalho e tecnologias de informação, em termos de questões fechadas, constou de 12 itens de avaliação que visavam ao mapeamento de pontos como percepção de relações de trabalho, satisfação no trabalho, forma de atuação profissional, relacionada às tecnologias de informação, e itens que versavam sobre gestão e relação com a organização.

¹⁴⁴ Questão C1. Como você percebe as tecnologias de informação em relação ao exercício profissional dos bibliotecários? Houve mudanças? Quais as mais significativas para você?

A primeira, décima e 11ª perguntas estão vinculadas à chefia, com os objetivos de verificar a que perfil profissional deveria ser atribuída a chefia de bibliotecas, de identificar a relação com as hierarquias superiores, se é exercida por bibliotecários ou não e, nesse caso, como se dá esse processo.

No caso da primeira afirmativa, sobre se a gerência de bibliotecas e serviços de informação deveria ser atribuição exclusiva dos bibliotecários, então, dos 473 casos válidos, 387 (81,9%) concordaram ou concordaram totalmente. Nesse sentido, a avaliação sobre a ampliação da legislação de proteção e reserva de mercado tem sentido, já que parece haver uma inclinação dos bibliotecários, no que se restringe a essa pesquisa, já que em sua maior parte concordaram com essa possibilidade.

Quanto à constatação acerca da chefia imediata do respondente ser um bibliotecário, a Tabela 29 mostra que essa não é uma afirmativa generalizada, pois dos 369 casos válidos, 190 (51,5%) discordaram ou discordaram totalmente.

Tabela 29 - Meu chefe imediato é bibliotecário

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	112	23,0	30,4	30,4
	Discordo	78	16,0	21,1	51,5
	Concordo	85	17,4	23,0	74,5
	Concordo Totalmente	94	19,3	25,5	100,0
	Total	369	75,6	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	101	20,7		
	System	18	3,7		
	Total	119	24,4		
Total		488	100,0		

Mesmo sendo uma diferença que não é expressiva, com relação aos que concordaram ou concordaram totalmente, 179 (44,1%) dos casos válidos, os dados sugerem que a ocorrência de chefias imediatas, que podem ser externas à biblioteca ou não, não têm a formação em Biblioteconomia. A pergunta não foi formulada visando à identificação de essa chefia ser exercida dentro da unidade de informação ou não. Ressalta-se, ainda, que 101 bibliotecários (20,7% do total de questionários) assinalaram que essa afirmativa não se aplica, o que poderia indicar outras vinculações hierárquicas ou outras relações administrativas.

Sobre essa relação com os chefes não bibliotecários, pela pergunta de número 11, então, verificou-se que, para essa pesquisa, foram 298 dados válidos e, desses, a maior parte, 194 (65,1%), concordou ou concordou totalmente que mesmo sem ser bibliotecários os chefes compreendiam e respeitavam o trabalho realizado por eles. Assim, os dados indicam que a relação dos bibliotecários com seus chefes não bibliotecários é percebida de

modo positivo, contra 34,9% dos que discordaram ou discordaram totalmente dessa afirmativa.

Com relação ao trabalho realizado, as perguntas foram as de número dois, três, sete e oito, dessa dimensão. Desse conjunto, a primeira afirmativa era com respeito ao suporte mais constante do trabalho dos bibliotecários ainda ser o papel. Nesse caso, dos 446 casos válidos, 357 (80%) discordaram ou discordaram totalmente, o que sugere que as tecnologias de informação passaram a ocupar uma parcela significativa do trabalho realizado, com as bibliotecas digitais, as pesquisas quase que exclusivas em meio eletrônico e ao crescente número de publicações em meio eletrônico, que cada vez mais integram as coleções ou os serviços prestados. Essa situação parece ocorrer mesmo em ambientes mais tradicionais, que são as bibliotecas, que correspondem aos locais de trabalho da maioria dos respondentes dessa pesquisa. Isso pode significar que, de acordo com o que diz a literatura sobre esse tema, que relaciona as tecnologias de informação com a formação profissional dos profissionais da informação, as ações de treinamento, seja nas graduações ou nos programas de pós-graduação, requerem uma atenção especial no sentido de dotar os profissionais de competências para lidarem com esse acervo eletrônico ou em outras mídias.

Sobre esse ponto, a pesquisa visava à identificação não apenas de potenciais alterações nos suportes do trabalho, mas também com relação ao atendimento aos usuários, objeto da pergunta de número sete dessa dimensão. Sobre a afirmativa de que o atendimento presencial ainda ser o mais freqüente, com relação aos usuários, 312 (70,1%), dos casos válidos concordaram ou concordaram totalmente com a afirmativa. Esse dado parece indicar que a presença física ainda é mais constante do que o atendimento remoto, seja ele por correio eletrônico ou outras formas, ainda que os sistemas de informação estejam caminhando para a independência desses usuários, com possibilidades antes inimagináveis como a gestão pessoal de seus empréstimos e renovações, remodelando inclusive as relações de confiança da organização com aqueles aos quais atende. Dos participantes dessa pesquisa, 29,9% discordaram dessa afirmativa.

Ainda em relação aos usuários, foram feitas duas afirmativas. A de número três, do bloco C do questionário, tinha por objetivo verificar o impacto das tecnologias no atendimento de usuários, redundando em diminuição da importância do bibliotecário nessa atividade. Para essa afirmativa, 391 bibliotecários (82,3%) discordaram ou discordaram totalmente, dado coerente com o fato de os profissionais que participaram dessa pesquisa terem indicado que a presença física dos usuários ainda é maior no atendimento que o remoto. Esse ponto parece apontar para o fato de que as relações bibliotecários e usuários ainda requerem atenção na fase de formação profissional, pois, independentemente do distanciamento físico, ainda parece necessário que o profissional esteja apto a reconhecer e

atuar de forma a construir serviços e produtos adequados ao seu público o que somente será possível se ele estiver preparado para essa finalidade, em ambientes diferenciados como na própria biblioteca ou por meio dos espaços digitais.

Considerando-se também as discussões acerca da maior ou menor importância de um ou outro serviço nas unidades de informação, polarizada entre o pessoal do tratamento técnico e o de atendimento, a pergunta oito visava à verificação da opinião dos bibliotecários sobre se o serviço de atendimento a usuários é mais valorizado que o de tratamento técnico. 311 (69,4%) bibliotecários concordaram ou concordaram totalmente com essa afirmativa, embora nos dados qualitativos, a organização de informação tenha sido apontada por mais pessoas como a atividade que mais caracteriza a atuação profissional. O relevante dessa afirmativa, entretanto é que parece indicar que os profissionais atribuem valor às diferentes atividades realizadas pelos bibliotecários e aprofundar essa pesquisa permitiria conhecer em que medida isso afeta o olhar e a escolha profissionais no futuro e o reforço de aprendizado naqueles trabalhos que são menos valorizados inclusive pelo próprio grupo ocupacional.

Sobre a relação do bibliotecário com a organização para a qual empresta sua força de trabalho, foram formuladas as afirmativas de número cinco, seis e nove. A afirmativa de número cinco, que tem relação com o mundo da qualidade e a percepção do profissional sobre a importância de seu trabalho para a organização (O trabalho que desenvolvo na instituição para a qual trabalho é útil para que ela atinja seus objetivos), indica que essa percepção é positiva, pois a maioria concordou ou concordou totalmente com ela, conforme Tabela 30. Essa constatação ser positiva, mesmo que restrita ao ambiente dessa pesquisa, parece indicar o grau de pertencimento dos profissionais, com relação à organização, já que se reconhecem nos resultados obtidos pela instituição, em sua esfera de responsabilidade.

Tabela 30 - O trabalho que desenvolvo na minha instituição é útil para que ela atinja seus objetivos

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	8	1,6	1,7	1,7
	Discordo	10	2,0	2,2	3,9
	Concordo	171	35,0	37,3	41,2
	Concordo Totalmente	270	55,3	58,8	100,0
	Total	459	94,1	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	15	3,1		
	System	14	2,9		
	Total	29	5,9		
Total		488	100,0		

Essa visão positiva, entretanto, não parece se traduzir na percepção de oportunidades de crescimento na organização, conforme Tabela 31, que ficou praticamente equivalente tanto para a concordância quanto para a discordância dessa afirmativa.

Tabela 31 - Onde trabalho existem oportunidades de crescimento na carreira e progresso profissional

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	88	18,0	20,3	20,3
	Discordo	130	26,6	30,0	50,2
	Concordo	162	33,2	37,3	87,6
	Concordo Totalmente	54	11,1	12,4	100,0
	Total	434	88,9	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	34	7,0		
	System	20	4,1		
	Total	54	11,1		
Total		488	100,0		

Se as instituições não possuem planos de carreira para seus empregados de modo geral ou se esse fato é relacionado com os bibliotecários é um ponto a ser estudado mais detidamente e, dependendo dos resultados, definir ações específicas para que a situação seja modificada, pois o sentido de progressão na carreira pode servir de impulso para que qualquer profissional invista mais em ações de treinamento, em proposições novas ou ainda que atue no sentido de valorizar a informação para aquela comunidade específica, seja ela uma universidade ou uma indústria.

Para a pergunta sobre a possibilidade de realizar ou concretizar as idéias sem maiores obstáculos, pergunta de número nove, pelos dados coletados essa é uma percepção positiva para 245 bibliotecários (54,7%) dos 448 casos válidos, enquanto que 203 (45,3%) discordaram ou discordaram totalmente. Outra questão a ser verificada, com relação à autonomia de realização de trabalhos é se essa deveria ser uma possibilidade num ambiente de informação em que, teoricamente, esperar-se-ia haver inter-relação em todas as etapas do ciclo documental. De todo modo, como não foram formuladas perguntas para identificar as ações relacionadas com o uso de ferramentas de planejamento pelos profissionais, não se pode fazer nenhuma inferência sobre esse ponto, embora essa atuação baseada em planejamento seja citada na literatura como uma forma positiva e profissionalizada de atuar.

Sobre a pergunta de número quatro (As atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras) a tendência nas respostas, conforme Tabela 32, parece indicar que os bibliotecários discordaram dessa afirmativa, mas houve uma parcela significativa que concordou ou concordou totalmente.

Tabela 32 - As atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	86	17,6	18,6	18,6
	Discordo	206	42,2	44,5	63,1
	Concordo	156	32,0	33,7	96,8
	Concordo Totalmente	15	3,1	3,2	100,0
	Total	463	94,9	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	6	1,2		
	System	19	3,9		
	Total	25	5,1		
Total		488	100,0		

Cruzando essa informação com o fato de que grande parte dos profissionais realiza apenas uma atividade em suas unidades de trabalho, mesmo assim, parece que não consideram esse um aspecto de monotonia de atividades, já que a maior parte discordou ou discordou totalmente.

Retomando o estudo de Oliveira (1980), os dados daquela pesquisa indicaram que havia uma polarização de opinião sobre as atividades serem consideradas por uma determinada parcela como criativas e, por outro, rotineiras. De acordo com a autora, os bibliotecários daquela pesquisa discordaram, de modo geral, da afirmativa quanto às características de monotonia e rotineiras atribuídas às atividades profissionais.

Finalmente, a última pergunta desse bloco, tinha o propósito de identificar quanto à imobilidade e à pouca ou nenhuma mudança nas organizações, que seria condizente com a opinião sobre a tendência à acomodação dos demais bibliotecários. O aspecto avaliado era com relação a ser esse um dos motivos de satisfação para os profissionais. Nesse caso, houve discordância ou discordância total em 87,5% dos casos válidos, o que parece indicar que mesmo sendo avaliados como acomodados, pelos próprios pares, nessa pesquisa, as mudanças em suas unidades de informação não são percebidas como negativas.

- Dimensão formação profissional – dados quantitativos

A última dimensão, que tratou da formação profissional contou com 11 perguntas, que incluíram avaliações dos professores dos cursos, das disciplinas e de sua aplicação e dos profissionais nos estágios extra-curriculares.

Perguntados sobre se os professores do curso eram comprometidos com a qualidade de ensino, dos 471 casos válidos, 350 (74,3%) concordaram ou concordaram totalmente. Essa opinião parece indicar uma percepção positiva da atuação dos docentes e um papel relevante na formação dos bibliotecários, questão que se complementava com a de número quatro desse bloco, sobre a influência deles na imagem da profissão, adquirida

no período de formação. Nesse caso, dos 475 casos válidos, 312 (65,2%) concordaram ou concordaram totalmente com essa afirmativa, enquanto que 34,3% discordaram ou discordaram totalmente.

De todo modo, esse é um dado que não se pode definir como desconhecido, na medida em que é por intermédio dos docentes que os profissionais aprendem e apreendem os caminhos da profissão e de quem absorverão a visão que possuem sobre cada segmento específico, o que torna sua atuação bastante significativa e relevante sob todos os aspectos. Seu grau de responsabilidade, seu envolvimento com a profissão, as pesquisas que realiza e a projeção que têm, são aspectos que parecem estar sob avaliação e absorção dos alunos e que merecem ser pensados e estudados. Quanto os professores estão satisfeitos com o trabalho que fazem e quanto se realizam com a profissão podem ser aspectos merecedores de estudos mais aprofundados, especialmente se confrontados com a percepção dos profissionais sobre maior ou menor valor de uma determinada atividade, que pode estar relacionada com a forma como é ensinada ou ainda com uma influência dos docentes nessa perspectiva.

Nesse sentido, o trabalho de Ganzarolli (2003) chama a atenção por levantar o aspecto relacionado com a formação dos professores de Biblioteconomia e Ciência da Informação, já que não existe licenciatura para a área, o que reforça a necessidade de atenção no ingresso dos docentes nos cursos. Em sua pesquisa, a autora relata os caminhos para profissionalização continuada dos docentes. Para Ganzarolli (2003), “Nas reflexões feitas ficou evidente o quanto é preciso – nós professores – pesquisarmos sobre nossa própria condição de docentes do Ensino Superior.” Complementado seu pensamento, a autora constata que em decorrência das demandas cotidianas e pelo volume de trabalho dos docentes, “[...] muitas vezes deixamos de pensar sobre ser professor, sobre a dimensão de nossa profissão, das nossas ações dentro da sala de aula e nos contextos maiores como a sociedade na qual estamos em constante interação.”

Conforme dados reforçados pela análise das características gerais das escolas estudadas a pergunta cinco, para verificar se a maioria dos professores dos cursos de graduação eram ou não bibliotecários, 60,7% dos respondentes do questionário discordaram da afirmativa, o que se foi compatível com a análise do corpo docente das escolas que mostraram, em geral, perfis variados, alguns com tendência maior de professores graduados em Biblioteconomia, mas todos com quadros que possuem outras formações. Independentemente da formação básica, entretanto, merece destaque a colocação de Guimarães (2004, p. 91) quando, acerca da responsabilidade dos docentes, disse que:

[...] à área acadêmica (instituições de ensino e pesquisa na área, em seus distintos níveis) cabe assumir o seu duplo papel, de formação profissional para um mundo diversificado e em constante mudança, buscando não apenas formar para as

contingências de hoje, mas para as perspectivas do amanhã e, também, de criação de novos mercados profissionais.

que se casa com as colocações de Cunha e Silva (2004, p. 132) acerca da nova abordagem de ensino/aprendizagem, também apontada por Souza (2004). Para as autoras:

O ensino, centrado na transmissão do conhecimento, está ultrapassado. O centro do processo educativo desloca-se para aprender a aprender ou aprender a conhecer. Neste novo paradigma educacional o estudante é o sujeito de seu aprendizado, em um processo cada vez mais autônomo.

cuja abordagem remete a Morin (2003) e suas proposições de uma visão mais ampla do ensino, que toca nessa responsabilidade dos docentes com a construção desses futuros profissionais de uma maneira mais global, integrada e comprometida com valores sociais e humanos.

Sobre as disciplinas cursadas foram feitas várias afirmativas, que tinham propósito de identificar o grau de relação com a realidade de atuação profissional, com a amplitude de oportunidades, fora da esfera tradicional de atuação, com a realidade tecnológica atual e espectro das ofertas, abrangendo uma maior variedade de temas e domínios.

A pergunta de número um desse bloco, afirmava que os conhecimentos adquiridos no curso tinham pouca utilidade fora da área, o que foi negado por 89,4% (428 bibliotecários, de 479 casos válidos). Essa visão sugere que os profissionais percebem que podem atuar em segmentos diferenciados, ainda que quando indagados sobre os nichos de atuação profissional mais adequados, relacionados à formação que recebem, as indicações foram todas de alguma modo identificadas com o segmento de informação, conforme comentado anteriormente.

Talvez seja o caso de investigar se a dificuldade de verbalizar em que segmentos seriam úteis tenha relação com a formação bastante eclética que os bibliotecários recebem e que de fato parece capacitá-los a absorver inúmeras atividades. Considerando-se, ainda, que trabalhar com informação é uma questão quase que inerente a toda atividade humana, mesmo que em graus e modos diferenciados, talvez seja essa a percepção dos bibliotecários que responderam a essa pergunta, afirmando-se capazes de atuar, com os conhecimentos adquiridos nos cursos, em diferentes searas.

Do mesmo modo, questionados sobre a relação entre o que aprendem com a realidade de atuação, novamente a maior parte (72,2%) dos participantes da pesquisa concordou ou concordou totalmente, indicando que os conhecimentos adquiridos foram válidos em suas atividades profissionais. Verificando-se essa informação com as grades curriculares das escolas, esse é outro dado que não deixa de ser, de certo modo, compatível, já que os currículos são abrangentes e inserem disciplinas que cobrem todo o

ciclo documentário, além de, caso de grande parte das escolas analisadas, terem abertura para disciplinas de formação humanista e de conhecimentos mais gerais.

Esses dados também são comparáveis àqueles obtidos pela questão D1, que apenas identificou de forma numérica a maior atenção às tecnologias de informação, mas não deixou de reconhecer, em muitos casos, que a formação já seria suficiente, mas que faltaria desenvolver o outro aspecto das competências que trata das atitudes. Em certo sentido, essa colocação de muitos bibliotecários tem relação com o relato apresentado por Mueller (1984, p. 160), acerca de discussão sobre a compatibilização do ensino de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia:

1.3 O contexto geral da formação profissional foi identificado como a necessidade de se produzir pessoal competente para a demanda existente e futura. Atitudes foram consideradas mais importantes que práticas, e assim, se sugeriu a criação de cursos capazes de formar pessoal receptivo a mudanças e desenvolvimento na demanda de informações.

Ainda que percebam que podem atuar em outras frentes de trabalho, quando confrontados com a afirmativa de que pela formação que recebem, os bibliotecários estão mais aptos a atuar em bibliotecas tradicionais, novamente verificou-se que a maioria, dos participantes dessa pesquisa, concordou ou concordou totalmente, conforme dados da Tabela 33.

Tabela 33 - Pela formação que recebem, os bibliotecários têm capacidade técnica para atuar melhor em bibliotecas tradicionais

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	35	7,2	7,5	7,5
	Discordo	140	28,7	29,9	37,3
	Concordo	252	51,6	53,7	91,0
	Concordo Totalmente	42	8,6	9,0	100,0
	Total	469	96,1	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	5	1,0		
	System	14	2,9		
	Total	19	3,9		
Total		488	100,0		

Sobre o maior peso que deveriam ter as disciplinas relacionadas com as tecnologias de informação, na grade curricular, objeto da pergunta de número oito, novamente a maior parte (378, 80,2%) concordou ou concordou totalmente, o que é compatível com os dados da questão D1¹⁴⁵ em que aquelas relacionadas às tecnologias figuraram entre as mais sugeridas pelos bibliotecários e que ainda espelha, apesar de em todas as grades

¹⁴⁵ D1. Quais as disciplinas que deveriam ser ministradas nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação para que o bibliotecário pudesse ser considerado um profissional contemporâneo e competitivo?

constarem no mínimo duas disciplinas sobre o tema, que esse ainda parece ser um campo a explorar.

Ainda nessa perspectiva das tecnologias, entretanto, quando colocados diante da afirmativa de que “Aprender a desenvolver sistemas de informação na universidade é mais importante que aprender a organizar conteúdos de informação”, 83,2% dos respondentes discordaram ou discordaram totalmente o que parece indicar que os profissionais têm consciência da importância de conhecer com mais profundidade as tecnologias, mas reconhecem que sua maior habilidade está em tratar os conteúdos, o que parece corroborar a opinião sobre o que mais caracteriza a área que foi, para os integrantes dessa pesquisa, a organização de informação, conforme análise dos dados qualitativos dos questionários.

Por outro lado, a sempre lembrada disputa entre a erudição e as técnicas, que remonta às origens das criações dos cursos de Biblioteconomia, essa questão parece persistir. Novamente, a maior parte dos bibliotecários desta pesquisa (96,6%) assinalou a importância da formação humanista para atuar em diferentes unidades de informação, conforme Tabela 34.

Tabela 34 - A formação humanista é útil para o bibliotecário atuar nas diferentes unidades de informação

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	1	,2	,2	,2
	Discordo	15	3,1	3,2	3,4
	Concordo	258	52,9	54,8	58,2
	Concordo Totalmente	197	40,4	41,8	100,0
	Total	471	96,5	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	3	,6		
	System	14	2,9		
	Total	17	3,5		
Total		488	100,0		

Esse dado, confrontado com a opinião de alguns dos professores entrevistados que constataram que os alunos dos cursos de Biblioteconomia, em geral, não tinham uma formação mais sólida¹⁴⁶, pode indicar que essa opinião tem mais relação com uma deficiência de formação anterior, que os profissionais percebem que podem diminuir na universidade. Daí a importância atribuída de forma tão expressiva, nesta pesquisa, sobre a formação humanista, que também foi apontada quando indagados sobre as disciplinas que deveriam ser incluídas no currículo.

Outro ponto recorrente sobre a formação profissional dos bibliotecários é se deveriam ter algum tipo de especialização para se manterem competitivos, objeto da afirmativa de número 10, o que indicou alguma tendência, já que 55,6% (261) concordaram

¹⁴⁶ Ver as análises das entrevistas com os professores, no capítulo 4.3.

ou concordaram totalmente, enquanto que 44,3% (208 bibliotecários) discordaram ou discordaram totalmente.

Por fim, quanto à percepção advinda dos profissionais em exercício no processo de formação profissional, a perspectiva foi positiva quanto a considerá-los bons exemplos em 338 (71,8%), dos 471 casos válidos, o que reveste de uma importância maior o estágio extra-curricular, objeto de preocupação expressada pelo Professor F, acerca desse ponto.

4.2.4 Análise dos dados qualitativos dos questionários

As questões abertas dos questionários foram formuladas seguindo as mesmas dimensões, sendo a Parte A – Bibliotecários, composta por três perguntas, e as Partes B – Biblioteconomia, Parte C – Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação e Parte D – Formação profissional, nas quais foram incluídas duas perguntas para cada uma delas.

Além dessas perguntas abertas, mais dirigidas para as dimensões, a segunda parte do questionário contou com várias opções de preenchimento livre, já analisadas no capítulo 4.2.2, uma pergunta para identificar os cursos, eventos ou outras ações de treinamento dos bibliotecários e um espaço que poderia ser utilizado por aqueles que quisessem fazer quaisquer observações ou análises que julgassem procedentes, importantes ou simplesmente para se manifestarem.

A forma de construção e o conteúdo das perguntas conforme relato do capítulo 3.5.1, teve, dentre os propósitos principais para sua inclusão, a busca por outros pontos não levantados na literatura e também criar um espaço para a manifestação dos profissionais que participaram da pesquisa sobre os vários fatores relacionados com a imagem da profissão. Para a maior parte das perguntas, os bibliotecários efetivamente contribuíram com colocações, sendo uma média de 92,1% que se manifestaram a respeito das nove perguntas abertas, o que contribuiu significativamente para complementar e indicar direcionamentos para esta pesquisa e para outras que se realizem sobre o tema:

- A pesquisa é de extrema importância para conhecermos o verdadeiro perfil da profissão. Entretanto, percebo que para mudar a auto imagem do bibliotecário é necessários modificar os currículos dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Os professores, em geral, são muito ruins e acham que os alunos também são. Ou seja, a mediocridade impera. Se quisermos realmente mudar a imagem dos bibliotecários devemos lutar para incrementar o curso com matérias que saiam do escopo de atuação do tratamento técnico e do biblioteconomês. Outra sugestão que faço é corrigir algumas perguntas do questionário que apresentam a palavra bibliotecária em vez de bibliotecário. Parece até que a profissão não pode ser exercida por homens¹⁴⁷. (Bibliotecário 441, 34, masc., 2002)

¹⁴⁷ NA: No questionário foi utilizada, em algumas perguntas, a expressão “profissão bibliotecária”, que ocorre em muitos textos técnicos. Não houve ato falho ou lapso nesse sentido.

- Acho importante assumirmos que nós somos os responsáveis pela desvalorização da classe. Nós somos, de fato, acomodados. Preferimos administrar belas coleções e suas encadernações à sair em campo, buscando informações que façam a diferença para a instituição. (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

- Acredito que todo e qualquer desenvolvimento deve ser oriundo da educação e para nós não deve ser diferente. A questão da educação continuada, não é uma questão isolada, é imposta pelo mercado. Quem se sente capaz e profissional vai ter que pegar este trem que não tem ponto final. O novo paradigma, esta determinando o novo perfil do profissional. Não é a sociedade que tem que ver a gente melhor somos nós que devemos nos apresentar da melhor forma possível!! (Bibliotecário 448, 35, fem., 2002)

- Ainda vejo um profissional muito preocupado em fazer seu trabalho da melhor forma possível mas pouco preocupado com aprimoramento contínuo e empreendedorismo. Achar ruim a situação muitos acham mas poucos fazem alguma coisa. É uma classe que ainda não acordou para o lema "a união faz a força". (Bibliotecário 442, 26, fem., 2004)

Apesar de o questionário ter ficado muito extenso, conforme palavras de alguns, houve bibliotecários que se manifestaram no sentido de reforçar a importância do tema da pesquisa e com esperança de que os dados coletados possam servir de algum modo à comunidade bibliotecária para que se conheça melhor e invista mais na profissão. Em algumas respostas, observou-se que o espaço dado pelo questionário foi percebido de maneira bastante positiva. Algumas manifestações ocorreram em forma de diálogo com o pesquisador, em outros casos percebeu-se que aquelas pessoas sentiram-se valorizadas por terem tido a oportunidade de responder perguntas sobre a profissão e que o questionário foi utilizado como um canal por intermédio do qual puderam manifestar-se livremente.

Essas considerações são feitas principalmente para ponderar que os canais que hoje existem de comunicação entre os bibliotecários talvez mereçam ser revistos e repensados de tal modo que favoreçam aqueles que gostariam de se manifestar e não encontram o caminho para que assim o façam, sem se sentirem desconfortáveis sobre sua opinião, especialmente se ela for de cunho mais negativo ou depreciativo.

- Acho o bibliotecário muito reservado. Pouco agressivo. O fato de não sermos valorizados socialmente nos deixa tímidos. Parabéns pela sua pesquisa. Tive um pouco de dificuldade. Achei muito extensa. Foi bom para fazermos pensar sobre nossa área. Não temos este hábito. (Bibliotecário 92, 43, fem., 2000)

- Nos dias de hoje, se perde muito tempo para responder este questionário, deveria ser repensado. (Bibliotecário 241, 46, masc., 1998)

- Primeiramente quero pedir desculpas, pois acabei fazendo com que minhas respostas ao seu questionário se tornasse uma forma de desabafo da realidade frustrante que esta carreira me trouxe. Quando abracei este curso, foi com a total certeza de que exerceria o ramo que mais me apeguei - arquivo e restauro - porém a minha realidade foi totalmente oposta fazendo com que eu começasse a desgostar da profissão. Como sempre morei longe da capital o acesso aos cursos que me dariam chance de atingir meus objetivos sempre chegavam com atraso ao meu conhecimento até que parei de ir atrás... Mas sempre buscando algo na *internet*. Hoje

trabalho numa escola particular que também não atende as minhas expectativas. (Bibliotecário 297, 36, fem., 1995)

- Que parem de reclamar, e se sentirem coitadinhos e comecem a trabalhar, realmente com a mão na massa para mostrar que temos sim nosso valor, somos necessários, úteis e importantes, porque se fingindo de mortos e ou num barranco qualquer aí sim fica complicado... (Bibliotecário 471, 35, fem., 2004)

- Espero colaborar com o seu trabalho. Acredito que iniciativas desse porte podem contribuir muito para revermos a imagem que temos da profissão e conhecer o que as pessoas pensam sobre o bibliotecário. Obrigada! (Bibliotecário 340, 37, fem., 2004)

- Espero ter contribuído para o seu trabalho, e agradeço a oportunidade de manifestar minha opinião, considero a profissão de bibliotecário, excelente por servir de ponte entre o indivíduo e o conhecimento acumulado, tenho o maior orgulho de exercê-la a 33 anos, acredito que além de ter muita paixão pelo que faz qualquer pessoa deve se capacitar continuamente para fazer da melhor forma possível, usando toda sua criatividade, terminei meu mestrado em 2002, e à partir de 2005 integro um grupo de profissionais que trabalham com educação permanente. (Bibliotecário 282, 57, fem., 1974)

- Gostei muito de responder este questionário. Além de ele ser muito claro e objetivo me alertou a muitas coisas que, devido ao afastamento de outros profissionais da área, acabam passando despercebidas. (Bibliotecário 312, 35, fem., 1994)

A análise de conteúdo foi o método utilizado para examinar essas questões, conforme definido no capítulo 3.5.2, seguindo de forma mais estrita as orientações de Bardin (2007, p. 56). Nos casos das perguntas das partes A, B, C, e D foi construída uma tabela para cada uma das perguntas abertas, contendo todas as respostas recebidas, sem interferir na forma e conteúdo das redações, mesmo quando havia erro de grafia, ainda que claramente tenha sido por troca de letras.

Para essas perguntas, como havia um direcionamento relacionado ao tema das dimensões, foi possível a elaboração dessas tabelas. Após a colocação dos dados nessas tabelas, os conteúdos em branco foram eliminados, foi feita a numeração das respostas para verificar a porcentagem de bibliotecários que havia respondido à pergunta e as respostas foram colocadas em ordem alfabética. Por essa forma foi possível identificar as respostas e agrupá-las por suas semelhanças, contabilizando as quantidades de opiniões equivalentes para cada uma das dimensões, conforme análises a seguir.

Quanto ao espaço aberto para que os bibliotecários fizessem as colocações que achassem pertinentes, o tratamento dos dados seguiu a forma adotada para as entrevistas, dada a diversidade de perspectivas e de colocações formuladas, não tendo sido possível construir tabelas com dados semelhantes.

- Dimensão bibliotecários: dados qualitativos –

Essa parte do questionário, no aspecto qualitativo, incluiu três perguntas abertas que foram:

- A1. Segundo sua percepção, existem imagens, estereótipos (físicos, comportamentais, de conhecimentos ou outros) associados aos bibliotecários? Você acha que correspondem à realidade? Por que?
- A2. Quais as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) dos bibliotecários que você destaca como relevantes e que o distinguem de outros profissionais?
- A3. Você acha que o bibliotecário é um profissional reconhecido socialmente? Por que?

O objetivo dessas perguntas era identificar de que modo os bibliotecários percebem o olhar que a sociedade possui sobre suas atividades, seu comportamento e as potenciais explicações para aquelas questões levantadas por eles mesmos.

Para a primeira pergunta, 460 bibliotecários se manifestaram, o que significou um retorno de 94,26%. Para a segunda pergunta foram 464 respostas, ou 95,08% e para a pergunta A3 foram 470 respostas, totalizando 96,31%.

- Estereótipos –

Em relação à colocação sobre os estereótipos, objeto da pergunta A1, que parecem, de acordo com a literatura técnica¹⁴⁸, permear o senso comum sobre os bibliotecários, o objetivo da pergunta foi confirmar se os bibliotecários possuíam essa mesma impressão, se percebiam que recebiam esse retorno ou se não procede tanta discussão sobre o tema.

Como a pergunta possuía várias questões, as respostas foram contabilizadas, quando havia distinção explícita, de acordo com esses diferentes pontos. Assim, lembrando que foram 460 respostas para esse tópico, 305 ou 66,30% foram de que sim, os bibliotecários entendem que existem estereótipos associados à figura do profissional, enquanto que essa associação não foi confirmada por 48 (10,43%) pessoas, assim como 14,78% (68) acham que existem em parte e algumas das respostas não se posicionavam com relação a essa questão. Independentemente de reconhecerem a existência de estereótipos, essa associação nem sempre era de aspectos negativos, pois permeou, também, uma identificação positiva com relação aos aspectos levantados:

- Antigamente existiam estereótipos bastante negativos hoje não mais, a necessidade de informação é muito grande e as pessoas hoje associam a imagem do bibliotecário à dinamismo, agilização, parceria. (Bibliotecário 65, 46, fem., 1992)

- Sim, de conhecimento. Acho, porque todo profissional tem a preocupação de informar da maneira mais acertada possível. (Bibliotecário 20, 44, fem., 1993)

- Não percebo alusão a estereótipos físicos. Comportamentais, talvez pela solicitude. Em geral percebo que a maioria das pessoas tem a idealização de um bibliotecário culto, com conhecimentos gerais acima da média. Em relação aos profissionais que

¹⁴⁸ Ver capítulo 2.1.2.

auxiliam o bibliotecário, sinto que as administrações ainda têm a idéia de que a biblioteca é depositária de profissionais problemáticos que em geral já causaram problemas em outros setores. (Bibliotecário 437, 34, masc., 1995)

- A imagem que persiste, ainda, é de uma mulher com óculos, vestida de forma austera e muito disciplinada. No que se refere às atividades, a imagem é de um profissional que toma conta de livros, faz as fichas de catalogação e empresta os livros. Uma parte dos profissionais bibliotecários já mudaram essa imagem porque trabalham em instituições que promovem a mudança, e exigem isso, muitas vezes provocada pela inclusão de novas tecnologias. Outros profissionais, por estarem distante de situações novas, com novas idéias, novos recursos, não percebem as mudanças ou quando percebem não estão motivados para isso. (Bibliotecário 430, 51, fem., 1978)

Alguns bibliotecários expressaram que mesmo não havendo os estereótipos, pois isso seria mais coisa do passado ou da literatura, não têm uma percepção muito positiva do olhar que a sociedade tem sobre essa profissão. Já outros têm uma visão mais positiva com relação a esse ponto e percebem que a profissão tem horizontes mais amplos do que podem fazer crer as imagens mais literárias:

- Se pensar apenas nas bibliotecas públicas, ainda é possível ver alguns estereótipos ligados aos bibliotecários, ou melhor, as bibliotecárias, pois no passado a imagem de uma senhora de óculos grandes austera era muito associada à imagem de uma bibliotecária, já nos tempos modernos onde há uma gama muito grande bibliotecas privadas e escolares a imagem da bibliotecária já não é mais de guardiã e sim de uma pessoa qualquer, isto é, bibliotecário e atendente é a mesma coisa. A imagem atual é que o bibliotecário não tem nem mesmo o segundo grau. Há uma falta de informação para a sociedade sobre o profissional da informação que chamo de desanimador. (Bibliotecário 224, 38, fem., 2001)

- Penso que já existiram: a bibliotecária de coque, óculos na ponta do nariz mas acredito que isso não exista mais. Se existia era por culpa dos próprios bibliotecários, muito acomodados em seu mundinho. (Bibliotecário 168, 52, fem., 1994)

Os estereótipos apontados pelos respondentes refletem o que comumente se associa aos bibliotecários e incluem questões físicas e comportamentais, como as imagens físicas de gênero – mulher de idade, apontada por 66 respondentes –, idoso(a), aspecto reconhecido tanto vinculado às mulheres quanto aos homens em 54 casos, de acessórios – óculos e coque nos cabelos –, e as comportamentais que têm relação com a forma como os bibliotecários relatam que são vistos nas ações de atendimento aos usuários ou em relação ao seu modo de agir de forma geral. Nesses casos, em 34 respostas foi apontado que os bibliotecários atendem com rispidez, mau humor e má vontade. Mas há os que associam estereótipos mais positivos como bom atendimento, embora indicado por apenas cinco pessoas.

- Sim, há o estereótipo da bibliotecária velha de óculos, pedindo silêncio. Talvez pelo nome bibliotecário, devíamos ser chamados de profissionais da informação ou outro nome. (Bibliotecário 380, 52, fem., 1977)

- Acredito que existam sim estereótipos em relação ao bibliotecário da mesma maneira que existe em relação a qualquer outro profissional, mas essa imagem vai depender do contato que cada indivíduo teve com o profissional. Por ex., quando eu

era criança via o bibliotecário como a pessoa que tinha todos os livros que eu queria, era o "guardião" de tudo aquilo, nunca vi a bibliotecária como uma senhora de meia-idade fazendo tricô e dizendo pra ficarem quietos, muito pelo contrário, eu fiquei amiga da bibliotecária da escola porque ia lá todo dia e sempre fui bem recebida. Detalhe: ela não era bibliotecária, mas eu só descobri isso quando resolvi ser bibliotecária. Quanto a segunda parte da pergunta, acredito que nenhum estereótipo é completamente verdadeiro, uma vez que estamos falando de pessoas, de seres humanos diferentes, cada um com sua personalidade, seu caráter, sua visão de mundo, etc. Mesmo que tenham a mesma formação acadêmica nenhum bibliotecário atuará igual ao outro, ele sempre encontrará uma maneira (mesmo que inconsciente) de exteriorizar sua maneira pessoal de ver e de sentir o mundo. (Bibliotecário 298, 26, fem., 2005)

Outro item levantado foi relacionado com o estabelecimento de correspondência entre bibliotecários e pessoas intelectualizadas, que gostam de ler e que têm comportamento e postura conservadores.

- Percebo duas vertentes acerca de nossas imagens profissionais. Uma mais moderna rechaça a tal "imagem da bibliotecária sizada (no feminino) de cabelos presos e óculos na ponta do nariz constantemente pedindo silêncio". Aliás, essa frase já virou jargão da imprensa ao falar da Biblioteconomia atual. Esse grupo, normalmente composto por parte da imprensa, algumas instituições e pesquisadores mais dependentes de informação, reconhece o atual leque de atuação do bibliotecário. No entanto, considero que longe desse ciclo restrito, o cidadão comum e as instituições mais conservadoras ainda mantêm o estereótipo da função bibliotecária como algo tecnicista, sem maior valor agregado. Uma curiosidade é que algumas vezes, eu e alguns colegas recebemos observações de que "não parecemos bibliotecários", simplesmente por manter uma vida social, como se nossa profissão significasse reclusão. (Bibliotecário 216, 24, masc., 2005)

As atividades realizadas pelos bibliotecários também foram listadas nessa pergunta como associações feitas pelas pessoas em geral. Alguns itens foram levantados como se os bibliotecários fossem pessoas perfeccionistas, comportamento que tem relação com as atividades de processamento técnico, normalmente associado a detalhes e a minúcias. Essa é uma constante por parte de um segmento da literatura, que recorrentemente critica os bibliotecários por se preocuparem excessivamente com regras e normas, mais que com o conjunto de ações que engloba o trabalho com informação.

- Sim. Muitas vezes (infelizmente) sim. Devido o trabalho ser muito concentrado (não coloco aqui a questão da gestão) quando se fala em serviços de processamento técnico, o profissional tende a se fechar no seu mundo. (Bibliotecário 185, 34, fem., 1999)

- Sim, existem estereótipos, mas acredito que alguns profissionais estão conseguindo modificar a imagem do bibliotecário. Em alguns casos o estereótipo corresponde à realidade de alguns bibliotecários pois estes continuam difundindo a imagem de um profissional extremamente técnico, perdido atrás de pilhas de livros e rabugento com o público jovem. (Bibliotecário 188, 40, fem., 1997)

Outro ponto levantado pelos respondentes foi de que o público em geral acha que os bibliotecários trabalham com um conjunto de atividades muito simples e que seu exercício profissional se encerra no ambiente biblioteca. Essa percepção é limitadora da esfera de

atuação profissional, mas espelha o que os dados dessa pesquisa apontam para a maioria dos bibliotecários estar associada a algum tipo de biblioteca e pela divulgação da profissão ainda estar tão fortemente alicerçada no local de exercício e não nas atividades propriamente ditas.

- Segundo minha experiência, o bibliotecário é um "chato" que exige silêncio, que deveria ter a resposta solicitada na "ponta da língua" e é um "faxineiro de luxo". A maior parte das bibliotecas onde trabalhei como profissional/consultora, as chefias pensam que devemos carregar caixas de livros, limpar a poeira do acervo e outras barbaridades. Na verdade, não somos valorizados. (Bibliotecário 438, 53, fem., 1986)

- Sim. Na medida em que sua imagem era associada a da biblioteca tradicional. Mas, como organismo vivo que é, a biblioteca passa por mudanças que se refletem no profissional. (Bibliotecário 364, 44, masc., 1994)

Ainda outros pontos levantados foram de que, pela sua percepção do que a sociedade imagina sobre a profissão, o bibliotecário teria por função tomar conta, arrumar, guardar e limpar livros:

- Existem. A profissão ainda é vista por muitos como uma profissão quase exclusivamente feminina. Além disso, consideram que somente as pessoas que não tem competência para passar no vestibular ou não sabem o que escolher optam por fazer o curso. Infelizmente muitas pessoas usam o curso para depois transferir p/ outro dentro da UFES. O público em geral vê o bibliotecário como guardador de livros, mas aos poucos essa visão está mudando. (Bibliotecário 328, 37, fem., 1999)

A vigilância ao comportamento geral dos usuários foi levantada por 27 bibliotecários, incluindo o pedido de silêncio como o mais comum.

- Existem sim o estereótipo do profissional mal-humorado e que só pede silêncio, geralmente mulher. Infelizmente, em algumas unidades de informação encontramos colegas assim, mas acredito que a maioria dos profissionais bibliotecários se esforça para mudar a imagem da profissão. (Bibliotecário 351, 24, fem., 2005)

- Sim, e hoje sei que não correspondem à realidade. Vou ilustrar com um exemplo pessoal: freqüentei muito as bibliotecas públicas e escolares até terminar o ensino médio e a imagem que tinha, até então, era a de que as bibliotecárias eram "chatas" (ficavam pedindo silêncio a todo instante) e extremamente austeras - e isto já faz 30 anos.... Sem saber, já trazia uma imagem estereotipada... Mas hoje é diferente: estou do lado de cá do balcão, tenho colegas maravilhosos com os pés no século XXI. Como construí esta imagem? não sei... talvez pelo tratamento recebido. Hoje os usuários da Biblioteca onde trabalho não tem contato com a austeridade, afinal, temos que mostrar nossa eficiência e nossa importância na mediação da informação. Está na hora de desmistificar esta imagem. (Bibliotecário 191, NI¹⁴⁹, fem., 2005)

A percepção sobre se esses estereótipos guardam alguma relação com a realidade observada pelos bibliotecários que responderam esse questionário foi confirmada por 29 deles. Para 84, entretanto, esses estereótipos correspondiam em parte. Finalmente, para 158 bibliotecários, essa associação não corresponde ao que de fato ocorre. Quando concordavam total ou parcialmente com essa relação com a realidade, na maior parte dos

¹⁴⁹ NA: NI = dado não informado.

casos, a culpa ou o motivo pelo qual esses estereótipos, especialmente os negativos, existem seria, de fato, do próprio profissional, por sua postura de atendimento aos usuários, pelo seu baixo investimento em educação continuada, pela ineficiência do *marketing* tanto pessoal quanto da própria profissão. Foram identificadas também como potenciais explicações para essas imagens, pelos participantes da pesquisa, o desconhecimento da profissão pela sociedade em geral, que tem relação com a questão de divulgação, mencionada anteriormente, por haver muitas bibliotecas sem bibliotecários e pelo cinema e literatura que insistem nos óculos e vestimentas austeras.

- Em parte, sim; muito pelo desconhecimento dos usuários; esses ignoram o potencial e profundidade de um bibliotecário competente. Também por parte do profissional que é algumas vezes despreparado culturalmente, na sua própria área também e desinteressado. (Bibliotecário 429, 63, fem., 1996)

Um ponto ressaltado por 54 bibliotecários foi de que os mais jovens são diferentes e que não têm relação com esses estereótipos, especialmente os relacionados aos comportamentos muito associados à questão do conservadorismo.

- Acredito que há um estereótipo dos bibliotecários mais antigos. São acomodados e se deixam envolver por uma cultura organizacional, não vendo perspectiva de crescimento da unidade. (Bibliotecário 33, 24, fem., 2004)

- Ainda existe estereótipo associado aos bibliotecários, principalmente físico, muitas pessoas pensam que esses profissionais são do sexo feminino e "mais velhos", aos poucos percebe-se que a realidade é diferente, pois existem profissionais jovens e do sexo masculino. (Bibliotecário 59, 41, fem., 1996)

Finalmente, muitos bibliotecários associaram as melhorias na percepção social da profissão ao maior dinamismo que o trabalho foi adquirindo, dando particular destaque às tecnologias de informação e de comunicação.

- Existia anteriormente, imagens que não correspondiam à realidade por culpa do próprio bibliotecário e das bibliotecas. Atualmente tudo é mais dinâmico em relação tanto ao bibliotecário quanto as bibliotecas. (Bibliotecário 222, 55, fem., 2003)

- O bibliotecário sempre teve a sua imagem associada a estereótipos, pois era considerada uma figura austera, que se sentava atrás de uma mesa e pedia silêncio a todo tempo. Mas em virtude das novas tecnologias da comunicação e da informação como ferramentas de trabalho, podemos perceber que, aos poucos, esse conceito está mudando. (Bibliotecário 348, 39, fem., 2001)

- Sim, e muitos. O preconceito já diminuiu bastante, mas ainda é presente. Estas imagens associadas aos bibliotecários no cenário atual não se aplicam mais devido aos avanços na área da tecnologia da informação e o novo perfil do profissional bibliotecário. Todavia, a auto-estima ainda precisa ser trabalhada. (Bibliotecário 412, 37, masc., 2001)

- Competências –

Com relação à pergunta A2, sobre as competências mais importantes para os bibliotecários, foram 462 respostas (94,67%) e as referências aos usuários foram uma constante. Foi recorrente, ao relacionarem um determinado item, associar ao atendimento e à função de mediar, suprir ou mesmo antecipar as necessidades de informação das pessoas que recorrem aos serviços profissionais dos bibliotecários, explicitamente colocados por 146 respondentes.

Agilidade mental, raciocínio lógico, habilidade com pesquisa, para tratar a informação, organização, capacidade de síntese, competência para planejar atividades, serviços e produtos em unidades de informação, a importância de conhecer normas, técnicas biblioteconômicas e fontes de informação, a atuação para disseminar informações, foram relacionadas em 362 questionários (78,35%).

Do mesmo modo, 261 ocorrências (56,49%) relacionadas a comportamentos como possuir sensibilidade para o próximo, ser dinâmico, analítico, bem humorado, perseverante, elegante, cordial, alegre, diplomático, sereno, responsável, disciplinado e atencioso foram relacionados. Curiosidade e criatividade foram igualmente identificadas como importantes assim como estar atentos ao aprendizado contínuo que a profissão requer e muitos ressaltaram que era fundamental gostar do que fazem.

Os conhecimentos gerais, somados aos de informática e aos idiomas totalizaram 171 ocorrências (37,01%).

- O bibliotecário antes de qualquer outra coisa precisa saber localizar, recuperar, tratar, disponibilizar e disseminar a informação independente do suporte e do usuário. Ele precisa saber o que é a Biblioteconomia, porque e para que ela existe, porque ele "é" bibliotecário, porque alguém vai até ele solicitar ajuda. (Bibliotecário 298, 26, fem., 2005)

- No âmbito dos conhecimentos, disciplinas técnicas à parte, o bibliotecário deve acrescentar informação de todos os domínios do conhecimento humano à sua bagagem pessoal, diariamente: isto fará a diferença. Referente à atitude, creio que é estufar o peito, encher a boca, ter orgulho da profissão que abraçou: eu sou bibliotecário! Já as habilidades devem ser técnicas, humanísticas, de gerenciamento de pessoas; conciliar inteligência cognitiva, técnica e emocional seria, portanto, uma "fórmula" bastante interessante para um bom profissional bibliotecário. (Bibliotecário 276, 55, fem., 1974)

- Não sei se seria o caso para se distinguir de outros profissionais. Fiz uma junção de leituras que já fiz sobre o assunto, mas a minha própria vivência e o mínimo que o bibliotecário deva ter na sua atuação seria: - Ter competência intelectual - Estar aberto ao processo de aprendizagem, assimilação de novos conceitos, buscar e praticar a educação continuada.; - Competência prática - Ter uma base técnica sólida, saber fazer, treinar, ter iniciativa, ser pró-ativo.; - Competência social - Ter facilidade de relacionamento, ter a capacidade de ensinar e aprender no convívio social, familiar e nas organizações onde atuam.; - Competências éticas - Ser ético com seus princípios e valores; com os outros ao seu redor; com a profissão e estar direcionado para a prática do bem, de preferência o bem coletivo; discurso e prática caminhando juntos . (Bibliotecário 253, 46, fem., 1998)

- O bibliotecário possui uma habilidade bastante privilegiada no que diz respeito à alcançar a informação esteja ela onde estiver. Isso é interessante, pois nos remete à condição de sermos imprescindíveis na composição de uma equipe multidisciplinar, por exemplo, para tomada de decisões. Vale lembrar que essas tomadas de decisões ocorrem a todo instante na vida de qualquer pessoa, seja na vida acadêmica, seja na vida profissional. (Bibliotecário 294, 30, fem., 2004)

Sobre a relação dos conhecimentos, habilidades e atitudes desejáveis ou que distinguem o bibliotecário de outros profissionais, os respondentes não apresentaram muitas diferenças daqueles elencos atribuídos aos profissionais da informação na literatura. De certa forma, concordando com o que a literatura técnica apresenta, as manifestações dos respondentes ratificam o que se espera de um profissional que se pretenda atualizado, dinâmico, útil à sociedade de forma que possa ser reconhecido por suas qualidades. Alguns questionários levantaram problemas em relação à atitude de seus pares como apegados ao passado, dissociados das demandas de seus usuários e avessos ao aprendizado contínuo. Essa questão foi levantada também com uma pergunta específica no questionário que buscou verificar como os próprios bibliotecários percebiam seus companheiros de profissão.

Assim, para a pergunta: Percebo tendência à acomodação profissional nos bibliotecários, a Tabela 35 apresenta dados preocupantes, pois 398 respondentes concordaram ou concordaram totalmente com a afirmação, o que implica em um índice de 83% dos casos válidos.

Tabela 35 - Percebo tendência à acomodação profissional nos bibliotecários

		Freqüência	Percent.	Percent. válido	Percent. acumulado
Dados válidos	Discordo Totalmente	8	1,6	1,7	1,7
	Discordo	74	15,2	15,4	17,1
	Concordo	283	58,0	59,0	76,0
	Concordo Totalmente	115	23,6	24,0	100,0
	Total	480	98,4	100,0	
Dados perdidos	Não se Aplica	4	,8		
	System	4	,8		
	Total	8	1,6		
Total		488	100,0		

Mesmo se tratando de uma pesquisa específica, cujos dados não podem ser extrapolados para toda a população de profissionais, parece relevante manter essa informação de modo latente, pois além de ser uma avaliação bastante negativa, o significado dessa opinião é que de modo geral os bibliotecários se percebem tendentes a se acomodarem em situações diversas. Nesse sentido, as respostas para a questão A3, que trata do reconhecimento social da profissão têm seu alcance amplificado e de certa forma explicado com base nessa constatação dos participantes dessa pesquisa.

- Reconhecimento social da profissão -

Para a pergunta A3, sobre o reconhecimento social da profissão, foram 470 respostas (96,31%), dos quais 283 bibliotecários (60,21%) responderam negativamente, ou seja, não consideram que o bibliotecário é reconhecido socialmente e 76 (16,17%) que sim. Alguns participantes dessa pesquisa entenderam que há parcialmente reconhecimento tanto numa percepção positiva (24, ou 5,10%), quanto negativa (40, ou 8,51%).

- Acho que a sociedade não reconhece mais porque, muitas vezes, não sabem o que fazemos. Quando prestei o vestibular para biblioteconomia ouvi coisas como: existe faculdade pra ensinar a colocar livros nas estantes, pra alcançar livros e por aí vai. Já presenciei falta de reconhecimento até por chefes e patrões no local de trabalho. Eles têm o bibliotecário porque é lei, mas não entendem, ou não querem entender o que fazemos. Nesse caso era para não conhecer e não pagar o que o profissional valia. (Bibliotecário 285, 26, fem., 2002)

- Não! Basta verificar nos sites para concurso onde raramente é mencionada a profissão de bibliotecário ou nas listas de profissões ao preencher cadastros de empresas, quando é solicitado ao candidato que marque a opção referente a sua ocupação, nunca encontramos a opção Bibliotecário. É necessário marcar OUTROS e acrescentar BIBLIOTECÁRIO. O Bibliotecário dificilmente é convidado para falar sobre suas atividades, em programas que visam preparar os jovens para o vestibular. (Bibliotecário 188, 40, fem., 1997)

- Acredito que já foi pior. Atualmente o bibliotecário tem mais espaço no mercado de trabalho. No entanto, ele ainda é relacionado a um profissional burocrático, apático e etc. Culpa dos próprios bibliotecários (não todos, claro) que não atuam de maneira a mudar esse quadro. (Bibliotecário 112, 29, fem., 2003)

- De uma forma geral sim. As pessoas estão mais informadas acerca da profissão, talvez pelo advento da criação de muitas instituições de ensino superior, que por força das circunstâncias requer o profissional, dos sistemas de informações gerenciais existentes nas empresas e da evolução da própria tecnologia. (Bibliotecário 436, 48, fem., 1982)

- Sou formada há quase 3 anos, antes de passar no concurso público do Cefetes, coordenei um centro de documentação (formado por uma biblioteca, um arquivo e um pequeno museu) de uma organização não-governamental. Lá o valor do bibliotecário era reconhecido. A participação nas tomadas de decisões era bastante ativa. Em todas as comissões era convidada a participar com direito a voz e voto, inclusive coordenando muitas delas. Comecei falando um pouco da minha experiência como bibliotecária para responder à pergunta porque acho importante dizer que embora essa tenha sido a minha realidade enquanto profissional, acredito ser uma exceção. Hoje, na instituição em que estou, tenho lutado muito para estabelecer esse reconhecimento, e confesso que têm sido muito difícil. Agora, parte dessa falta de reconhecimento que enfrentamos em muitas instituições é culpa do próprio profissional, pois não encara esse problema como profundo, sem se dar conta de que acaba por se desdobrar em muitos outros que enfrentamos na nossa profissão. (Bibliotecário 294, 30, fem., 2004)

Além de a maior parte dos profissionais não perceber que essa é uma profissão que a sociedade entende como importante e relevante, acrescentaram outras opiniões nas quais identificaram que ela é desconhecida e desvalorizada.

- O profissional bibliotecário é reconhecido socialmente. O que acontece é o desconhecimento de suas competências; e nesta situação não há o devido reconhecimento. (Bibliotecário 325, 50, fem., 1979)

- Totalmente desvalorizado. Sempre foi assim. Pensei que havia melhorado após a popularização da *Internet*, que é uma grande biblioteca desorganizada com recursos de busca limitadíssimos, mas o relato dos estagiários e recém-formados com os quais tenho contato me provam que continuamos desvalorizados, ainda ouvindo aquela clássica pergunta: "E Biblioteconomia precisa fazer curso superior?" (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

Talvez essa questão seja mais abrangente e as colocações do Bibliotecário 298 merecem destaque por suas considerações:

- Depende da visão sobre o que é ser reconhecido socialmente. Um médico é reconhecido socialmente? Um advogado é reconhecido? Um professor/educador é reconhecido socialmente? Um gari é reconhecido socialmente? Bem, a saúde/vida das pessoas depende do médico, a liberdade depende do advogado e a educação, depende de quem? E a limpeza das praças e ruas? Alguém lembra que esses profissionais existem? A educação não é valorizada e os trabalhos "braçais" são "invisíveis" para grande parte da sociedade. O que eu percebo é que existe uma alteração de valores, o "socialmente" é muitas vezes confundido com "monetariamente". Um bancário é mais reconhecido do que um professor, no entanto não acredito que seja mais importante. (Bibliotecário 298, 26, fem., 2005)

Outra constatação de alguns questionários foi com relação à falta de união da classe bibliotecária, que talvez seja um dos motivos, de acordo com a visão dessas pessoas, para o baixo nível de reconhecimento social para a profissão, percebida pela maioria dos respondentes desse questionário.

- Não, porque a própria classe bibliotecária não se dá o respeito, não acho a nossa classe unida, e não temos amparo por parte de nosso conselho para que obrigue o empregador a contratar o bibliotecário na vaga que ele tem disponível. Não temos fiscais para visitação as bibliotecas e aos profissionais bibliotecários e pouco se faz efetivamente para o engrandecimento da nossa profissão. (Bibliotecário 459, 48, fem., 1985)

As críticas aos próprios bibliotecários também foram muito contundentes, em alguns casos:

- Não, por falta de postura, comprometimento, seriedade daqueles que só fazem Biblioteconomia porque ouviu alguém dizer que é bom ou ganhou o curso porque trabalha na faculdade e não teve outra opção. Admiro sim, aqueles que sabem o que quer, ama a profissão e batalha por ela e para ser um profissional de ponta (Aquele que tem qualidade e perfil de um bom bibliotecário com conhecimentos, ético, organizado, competente, atualizado e cordial). (Bibliotecário 337, 38, fem., 1995)

Ou ainda o reconhecimento pessoal da forma como ingressou na profissão, mesmo que, nesse caso, isso não tenha sido motivo pelo qual não tenha se desenvolvido e se envolvido com a profissão posteriormente:

- Não, o bibliotecário não é bem reconhecido e nem recompensado pela sociedade, várias pessoas não sabem nem para que serve o bibliotecário, em vários lugares que

já passei a maioria deles nem sabiam que a profissão bibliotecário existe. Curiosidade: eu mesma não sabia que a profissão existia somente descobri que existia, simplesmente escolhi pelo nome, depois que soube como é e o que é a profissão bibliotecário, e posso lhe dizer que amo minha profissão. (Bibliotecário 450, 36, fem., 1999)

Finalmente, pode-se dizer que mesmo não tendo o reconhecimento que os profissionais sentem que mereceriam, pôde-se perceber que os sentimentos que permearam as respostas são de que, de modo geral, mesmo não se sentindo valorizados, os bibliotecários têm, na maior parte das vezes, o discurso de que algo precisa e merece ser feito de forma a mudar esse quadro. Nesse sentido, cabem novamente considerações sobre os papéis das diferentes instituições que integram esse conjunto – profissionais, escolas, Conselhos, Associações, Sindicatos – e de seus níveis de responsabilidade na promoção da profissão, na fiscalização de seu exercício de qualidade, além de ações para tornar claros aos olhos da sociedade os benefícios advindos da atuação dos bibliotecários. Retomando Mueller (2004, p. 29) quando coloca que “A resistência ou fragilidade desses laços são consequência da prática diária do trabalho profissional.”, a permanência, então, pode-se deduzir, dependerá das práticas e do quanto a sociedade perceber da importância delas para satisfação de suas próprias necessidades.

- Dimensão Biblioteconomia: dados qualitativos –

A segunda parte do questionário, então, que teve por objetivo verificar a opinião dos bibliotecários acerca da Biblioteconomia contou com duas questões abertas. O propósito da primeira pergunta era o de identificar a percepção acerca da inserção de outros perfis profissionais da área de informação no universo dos bibliotecários. Quanto à segunda, visava ao levantamento acerca dos fatores mais relevantes do exercício profissional e em que medida essa categoria profissional se distingue de outras:

- B1. Qual a sua opinião sobre o exercício profissional dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia nos Centros de Informação e Documentação, Serviços de Informação, Bibliotecas, etc?
- B2. Que elementos você destaca na Biblioteconomia em relação a fatores como objetivos da profissão, atividades mais importantes e relevantes ou outros pontos que julgar relevantes para caracterizar a área?

- Exercício profissional de pós-graduados em Ciência da Informação –

Para a pergunta B1, foram obtidas 455 respostas (93,64%), dos quais 105 (23,07%) colocaram opiniões diversas, sem definição de uma posição, 138 (30,32%) manifestaram-se peremptoriamente contrários a essa situação, além de outros 29 (6,33%) que discordam em parte e possuem uma visão negativa dessa situação, mas não desconsideram totalmente a

possibilidade. As razões alegadas situam-se entre a colocação sobre o desconhecimento desses pós-graduados da parte técnica da Biblioteconomia, à constatação de que esse grupo recebe uma formação parcial que não os capacita a atuar em todos os ambientes de informação, especialmente nas bibliotecas, por se tratar de um desrespeito aos bibliotecários, ou ainda pela diminuição de colocações no mercado, que essas pessoas acarretariam.

A defesa da profissão foi bastante veemente em diversos casos e muitos consideraram que a formação que recebem na graduação é única em seu conteúdo e que os conhecimentos adquiridos nesse período os torna diferentes e exclusivos para atuarem. Além disso, a visão do trabalho focalizado no usuário, que os cursos, em geral, desenvolvem, foi outro aspecto ressaltado, para a defesa da exclusividade de atuação dos graduados em Biblioteconomia.

Em vários casos, os bibliotecários fizeram comparações com outras profissões e suas práticas e se elas aceitariam, por exemplo, que um bibliotecário que fizesse pós-graduação em Direito passasse a advogar, ou mesmo exercer a Medicina, na mesma situação. Mas, o argumento mais utilizado pelos que refutam a idéia de aceitação incondicional desses pós-graduados é a de que eles não teriam a capacitação adequada para o exercício em todas as áreas.

Se por um lado existe um aspecto positivo nessas opiniões, mesmo que possam ser consideradas corporativistas, os bibliotecários expressam, de alguma forma, que entendem que sua profissão tem um valor e um conhecimento que outros não possuem. Pode-se argumentar, por outro, que se os bibliotecários se sentem especiais em relação àqueles, não deveriam temer a concorrência, pois estariam mais aptos a serem escolhidos e mantidos nas posições que reivindicam. Essa defesa percebe-se em outras profissões, como o Direito e a Medicina, que zelam de modo bastante eficiente para que outros não atuem nos nichos que eles consideram exclusivos. Não é recente a luta dos optometristas e dos acupunturistas, no campo da saúde, para atuarem sem serem formados em Medicina.

Entretanto, não se pode desconhecer que se os Departamentos de Ciência da Informação aceitam e formam profissionais com perfis de graduação diferenciados, há que se pensar nessa situação, para aqueles que realmente se interessam pela área. Mueller (2004, p. 48-50) discutiu esses pontos, com base em levantamento preliminar realizado na Universidade de Brasília, sobre o perfil dos profissionais que procuravam a pós-graduação em Ciência da Informação. É possível que muitos tenham escolhido esse caminho não pelo gosto propriamente dito, mas por diversas outras razões como a inexistência de cursos de mestrado e doutorado nas áreas de formação básica, a maior dificuldade e concorrência de outras áreas, ou que apenas se interessavam em obter o grau por força de planos de cargos salários que reconhecem em forma de remuneração maior aqueles que possuem titulação.

Não está implícito nenhum julgamento pelas razões de cada um, mas parece relevante verificar se os pós-graduados em Ciência da Informação, sem graduação em Biblioteconomia, de fato se interessam por essa integração e continuam suas pesquisas e trabalhos, cooperando para o crescimento da área, ou se esse é um debate acadêmico.

- A pós-graduação é o aperfeiçoamento num determinado campo do saber. A base do conhecimento é adquirido na graduação, logo, o fato de um profissional de uma outra área, mesmo com pós em ciência da informação, não está adequadamente habilitado para atuar numa área que exige conhecimentos específicos como é o caso da biblioteconomia. (Bibliotecário 306, 48, fem., 1995)

- A pós-graduação é insuficiente para o desempenho das atividades envolvidas no tratamento da informação. Imagina se fosse suficiente fazer um mestrado em direito do consumidor para ser advogado, dessa forma anula-se a graduação e todo o conhecimento adquirido nesse período. (Bibliotecário 228, 26, fem., 2003)

- Sou bem crítica. Minha opinião é que tudo tem um começo, meio e fim, é a mesma coisa se entrar num curso de 04 módulos e fazer só o 4º Módulo. Fica sem conhecimento anterior que é o mais importante para entender um processo, não sai nada correto. É óbvio que precisa fazer a Biblioteconomia antes. Como vai entender o processo para melhorias contínuas para um produto final. Não dá para aplicar tanta praticidade se não planejar antes, para aplicar as metodologias de Plano de Classificação e Gestão da Informação é preciso entender desde o início (É IMPOSSÍVEL COMEÇAR PELO FIM). (Bibliotecário 337, 38, fem., 1995)

- Primeiro gostaria de salientar que o bacharel em Biblioteconomia em seu currículo tem diversas disciplinas específicas como: catalogação, indexação e formação e desenvolvimento de coleções, o que diferencia dos demais profissionais. Logo percebe-se que os pós-graduados em CI sem a graduação em Biblioteconomia nos Centros de Documentação seria como se tirasse os médicos das atribuições deles e fosse posto no lugar os nutricionistas e enfermeiros. (Bibliotecário 14, 36, masc., 2003)

- Minha opinião é a de que cabe aos profissionais bibliotecários o exercício profissional de sua profissão nestes ambientes. Porém, se o próprio profissional não se preocupa em chamar para si este direito, outros profissionais o farão e cada vez mais perdemos nosso espaço próprio. Não concordo com esta ocupação. Mas entendo que a responsabilidade é do próprio profissional bibliotecário que se acomoda e não reclama seus direitos. (Bibliotecário 301, 42, fem., 1988)

- Acredito que esses profissionais só desejam o título e não atuam após consegui-lo em Ciência da Informação, em Centros de Informação. Não escrevem sobre esses temas (areas). (Bibliotecário 435, 45, fem., 1985)

- Acho péssimo para a profissão, mas se o mercado sinaliza a necessidade desse profissional e os habilitados em Biblioteconomia não assumem sua posição, nada mais justo que outros o façam. Isso só prova a falta de visão dos profissionais, em parte culpa dos próprios cursos de graduação da categoria. (Bibliotecário 473, 26, fem., 2006)

Manifestaram-se favoravelmente ao exercício profissional dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia, inclusive nos espaços tradicionalmente ocupados pelos bibliotecários e com registro nos Conselhos, 111 (24,39%) respondentes, além de outros 72 (15,82%) que concordaram em parte, mas com uma visão positiva sobre esse assunto.

Para esses profissionais que se manifestaram favoravelmente, a maioria considera que esse é um aspecto bastante positivo e acreditam que devam ter direito de atuar sem restrições. Nesse sentido, as opiniões variaram desde a constatação de que esses profissionais viriam agregar valor ao trabalho realizado, em função dos conhecimentos adquiridos na pós-graduação, por poderem contribuir para dar maior visibilidade às atividades de informação e, também, que se os próprios bibliotecários não estavam se movimentando para adquirirem essa formação, então que se conformassem em ceder lugar àqueles que investiram na aquisição de maiores conhecimentos. Para aqueles que concordam em parte, fazem apenas a ressalva de que a atuação deve ser nas áreas em que o pós-graduado fez seu trabalho.

- Acredito na importância destes profissionais, pois não há bibliotecários suficientes no país para preencher a demanda do mercado de trabalho na área de informação. A concorrência também é importante, porque estimula o profissional a não ficar parado e buscar mais conhecimentos e que faz a profissão crescer, se desenvolver. E, para profissionais bons, sempre haverá espaço no mercado. (Bibliotecário 488, 41, fem., 1990)

- Isto é um reflexo que me chama a atenção, porque foi justamente numa pós graduação de área relacionada à Biblioteconomia que entendi que errei inúmeras vezes no meu comportamento quanto a desenvoltura das minhas atividades. Hoje acredito que o bibliotecário obrigatoriamente teria que ter uma formação de pós graduação, haja vista, da necessidade de viver com pesquisa e para que haja uma compreensão de tal campo não é possível apenas com um curso de graduação, que no caso da biblioteconomia, não leva o aluno a maturar idéias, e sim executar tarefas. Eu encaixaria com um curso técnico bem elaborado. Quais os princípios filosóficos da Biblioteconomia? Estes princípios são esclarecidos na graduação? (Bibliotecário 280, 47, fem., 2000)

- Considero viável e compatível. Deveria ter registro no Conselho de Biblioteconomia. Deve ajustar-se ao que acontece nos outros países que nem tem graduação. O que importa é a competência. Acredito que valorizaria a profissão com profissionais qualificados. (Bibliotecário 55, 59, fem., 1970)

- Considero a iniciativa muito interessante. A profissão deve - sim, ser abraçada por outros profissionais distintos. Acredito que o processo de valorização da graduação em Biblioteconomia tende a crescer agregando valor ao profissional quando percebido pelo mercado que profissionais de outras áreas estão fazendo doutorados, mestrado em Ciência da Informação. Servindo inclusive de estímulo para nós bibliotecários. (Bibliotecário 8, fem., 1995)

- Depende muito do profissional. Tem alguns que se destacam com boa competência em *software* e gerenciamento de rede, mas não sabem administrar e vice-versa para o bibliotecário sem pós-graduação. (Bibliotecário 148, 37, fem., 1996)

- A interdisciplinaridade é uma conseqüência do mundo em que vivemos e precisamos nos adaptar a essas mudanças. O bibliotecário que é corporativista provavelmente está com medo de perder seu espaço de trabalho e por esse mesmo motivo que está limitando suas possibilidades de trabalho. Em alguns casos, essencialmente técnicos, como por exemplo na catalogação, classificação e indexação controlada faz-se necessário a presença do profissional bacharel em biblioteconomia (Faço a seguinte comparação - posso ir na farmácia e pedir para o farmacêutico indicar um remédio, mas não vou fazer uma cirurgia com ele). Sendo assim, acredito que as regras de contratação precisam ser explícitas, pois dificilmente

um analista de sistemas/jornalista/recursos humanos/administrador poderão ser contratados para realizar processamento técnico, ou mesmo para iniciar a montagem de uma biblioteca (escolher o sistema de classificação, nível de catalogação, *thesaurus*, *software* de automação, regras de utilização etc). Acredito que há espaço e oportunidades de trabalho para todos. (Bibliotecário 443, 30, fem., 2001)

- Acho que é uma boa questão para discussão. Não vejo com bons olhos esta necessidade de reserva de mercado. Vejo necessidade é em qualificar o profissional para que ele atenda às exigências do mercado. (Bibliotecário 448, 35, fem., 2002)

- Se o curso de Ciência da Informação o capacita com as disciplinas obrigatórias que permitam exercer as atividades biblioteconômicas sem prejuízo da mesma, não vejo empecilho que esse profissional exerça a profissão. Quero aqui lembrar que acontece o mesmo com relação a bibliotecários que estão exercendo as atividades dos arquivistas. Então não é agora que vou ser contra. (Bibliotecário 394, 49, fem., 1982)

Ambas as posições não estão consolidadas nem mesmo no universo dessa pesquisa em particular, mas é uma situação que tende a crescer juntamente com o número de egressos desses cursos de pós-graduação em Ciência da Informação e que pode influenciar o mercado de trabalho. Da mesma forma que aparentemente a pós-graduação para os graduados em Biblioteconomia parece ter sido positiva em termos de remuneração e visão da profissão, seria curioso conhecer a vida dos egressos desses cursos que possuem graduação em outras áreas, se atingiu os objetivos daqueles profissionais, se continuam pesquisando e publicando na área de informação, mesmo considerando as restrições de acesso que aqueles que não estão na academia têm de continuar a trabalhar com pesquisa.

- Características distintivas da profissão bibliotecária –

A pergunta B2, que solicitava que os respondentes especificassem os elementos que julgassem relevantes para caracterizar e distinguir a profissão foi respondida por 405 bibliotecários (82,99%). Nesse caso, as respostas concentraram-se em quatro grandes eixos que foram: organizar a informação, com 169 manifestações (41,72%), atendimento ao usuário, com 145 indicações (35,80%), atuar em pesquisa (99, 24,44%) e outras respostas (90, 22,22%).

Percebeu-se, pelas colocações feitas, que o usuário permeia o pensamento dos profissionais, mas a organização da informação foi, na visão dos participantes dessa pesquisa, o fator dominante para caracterização da profissão e como destaque em termos de atuação profissional. Na maior parte das vezes esse ponto era agregado à necessidade de informação de usuários, mas as técnicas biblioteconômicas foram ressaltadas como importantes. Talvez essa seja uma característica marcante dos cursos em geral e, por esse motivo, essas sejam as disciplinas e atividades para as quais os profissionais têm uma percepção mais forte e se sentem diferentes de outros perfis, tendendo a valorizar esse segmento.

Por outro lado, a *Internet* evidenciou a informação organizada, por meio dos catálogos de bibliotecas individuais ou coletivos, que facilitaram o acesso à informação pelos usuários, que por sua vez passaram a reconhecer a interferência dos bibliotecários nesses processos, antes restritos às áreas físicas das bibliotecas às quais pertenciam. Outro ponto favorecido pela exposição na *Internet* foi a oferta de produtos e serviços de informação, além de ter se expandido e se tornado mais comum o atendimento de usuários externos e distantes fisicamente das unidades de informação, o que contribuiu para essa constatação de que efetivamente as bibliotecas não estão entrincheiradas em suas paredes. Desse modo, essas podem ser algumas das razões que fizeram com que a organização de informação fosse a atividade mais mencionada pelos participantes desta pesquisa.

- Para ser um bom bibliotecário, tem que amar o que faz. Respeitar o nível dos usuários, procurar trabalhar bem as informações que tem em seu poder, pois quem "tem informação (bem trabalhada) tem poder", é respeitada, é valorizada. Atualizar-se sempre. Desapegar-se dos velhos métodos e incorporar livremente (e sem preconceito e medo) as novas tecnologias. (Bibliotecário 407, 53, fem., 1978)

- O objetivo maior do profissional bibliotecário é sua responsabilidade em disponibilizar a informação, selecioná-la e atender com presteza o usuário que dela necessita. É uma responsabilidade com a sociedade, independente de qualquer coisa, obstáculo que seja. O profissional que tem esse objetivo mesmo sem ser reconhecido profissionalmente ele se sente realizado, pois ele está cumprindo sua missão maior, que é transmitir a informação para aquele que necessita, e as vezes até não tem acesso. (Bibliotecário 53, 37, fem., 2004)

- Objetivo da Profissão: lidar com a informação - indiferentemente do seu suporte, armazenando-a e tornando-a recuperável quando necessário.

- Atividades mais importantes: CATALOGAÇÃO!!! É importantíssimo alimentar corretamente uma base para que a recuperação seja efetivada. Quanto mais informação, maiores são as chances de tipos de buscas e refinamentos para que se ache exatamente o que se procura.

- Caracterizar a área: reforçar que lidamos com informação. Não só livros ou bibliotecas. (Bibliotecário 131, 35, masc., 2002)

- A Biblioteconomia objetiva organizar, recuperar e facilitar/intermediar o acesso do usuário à informação esteja ela onde estiver e em qualquer suporte. A atividade de indexar, catalogar, classificar, ou seja, de tratamento e recuperação da informação são a base da profissão, bem como o registro dessas informações em sistemas de informação, por exemplo. O papel social e de ação cultural, a meu ver, pode vim a consolidar a imagem do bibliotecário como fazedor de práticas que auxiliam o usuário na sua construção cidadã. A tecnologia, ferramenta de apoio ao profissional bibliotecário, vem intensificar seu papel de gestor da informação e do conhecimento, permitindo-o atuar em bases e sistemas de informação. A internet, os portais, as bibliotecas virtuais, dentre outros exemplos, são espaços emergentes que podem também consolidar essa imagem de gestor da informação, por ser pública e atingir a um percentual muito grande da sociedade. (Bibliotecário 106, 29, fem., 1999)

- Acho que a decodificação do conhecimento deveria ser o foco principal na atuação do bibliotecário. São importantíssimas as atividades de coleta, registro e disponibilização da informação, porém, acho que o erro da classe é focar-se apenas na informação registrada e publicada. Penso que se nos desprendêssemos das "coleções" e "estantes" e partíssemos para o incentivo à produção intelectual, e promoção do registro do conhecimento, seríamos muito mais reconhecidos profissionalmente. (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

O posicionamento em relação aos usuários, considerando o atendimento de suas necessidades como uma das marcas de caracterização profissional também não se constitui de um dado desconhecido na medida em que provavelmente os cursos valorizam essa tendência. Os profissionais, então, absorvem essa visão de que suas atividades devem ser realizadas sempre em função do outro que é seu usuário. Desse modo, estudos de usuários e do modo como percebem o exercício profissional dos bibliotecários, o que esperam deles, efetivamente deveriam ser realizados, não apenas numa visão local, institucional, mas tendo por perspectiva, por exemplo, segmentos de usuários, como estudantes, em bibliotecas escolares, cientistas, em bibliotecas especializadas e assim por diante. Isso poderia se constituir de uma linha de pesquisa que permitisse aos diferentes cursos conhecer os usuários dos vários tipos de unidades de informação, verificar se de fato os egressos dos cursos estão aptos a responder a essa demanda e, desse modo, responder de forma mais efetiva a essa necessidade social para a profissão. Estudos dessa natureza, em âmbito nacional, poderiam, aliados a pesquisas sobre e para o bibliotecário, contribuir para a construção de um conjunto de informações que permitisse aos cursos confirmar se suas grades de disciplinas realmente estão próximas do que a sociedade espera e afinados com a percepção dos bibliotecários sobre eles mesmos, quando ingressam no mercado.

De todo modo, retornando ao atendimento ao usuário, na visão dos bibliotecários que responderam ao questionário, essa também se constitui numa característica marcante da profissão.

- Acho que o mais importante a destacar é o papel pedagógico da profissão. O bibliotecário é um auxiliar do pesquisador, deve ser seu aliado e não um rival, numa escola ou universidade deve ser o auxiliar do professor. Disciplinas como didática e psicologia da educação ajudariam muito na graduação em biblioteconomia. A interação do profissional com o pesquisador é muito importante como orientador da pesquisa. (Bibliotecário 320, 29, fem., 1999)

- A questão dos "objetivos da profissão", pra mim, é difícil de ser definida, pois acho que o objetivo último de qualquer profissão é um bom retorno financeiro, que proporcione conforto (me perdoe a franqueza), mas acredito também que deva haver a busca pelo prazer na atividade profissional. Então, eu destacaria em primeiro lugar, retorno financeiro, em segundo lugar satisfação na atividade escolhida e em terceiro lugar a consciência de que o bibliotecário tem o dever de ser um modificador da sociedade. Particularmente, considero que ser um agente modificador da sociedade, e participar do desenvolvimento intelectual das pessoas são objetivos que devem ser buscado pelo bibliotecário. Nossa atividade mais importante é contribuir para modificar a sociedade, para auxiliá-la em suas buscas por informação. (Bibliotecário 281, 33, fem., 1999)

- Em cada período da história as bibliotecas tiveram finalidades diferentes: armazenar e preservar, democratizar, socializar, etc. Atualmente, nossa profissão exige mais engajamento, participação, integração no ambiente onde atuamos. A chamada sociedade da informação, exige de nós a prestação de serviços informacionais aos nossos usuários. Nossa área é dinâmica. (Bibliotecário 305, 43, fem., 1990)

- Gostaria de confidenciar que fui surpreendido com a Biblioteconomia, pois ao ingressar no curso não tinha idéia de quanto esta é uma profissão privilegiada. Digo isso pelo fato de que o Bibliotecário participa de um processo que para mim é o mais importante da vida de uma pessoa, a educação. Não que o Bibliotecário seja um educador, mas contribui de maneira efetiva para isso, e mesmo atuando fora de uma Biblioteca, dentro de empresas, hospitais e etc, seu papel não muda, que é sempre tornar as informações mais disponíveis. (Bibliotecário 221, 23, masc., 2004)

- Penso que o problema que se apresenta é a falta de objetivos da profissão como colocados pelas escolas, que repetem o que consta na lei sem mostrar a dimensão mais ampla das atividades do profissional. O objetivo maior é o suporte às necessidades de informação, independente do ambiente onde o bibliotecário trabalhar. As atividades importantes, excetuando-se as tarefas de natureza propriamente técnicas, referem-se àquelas ligadas à busca (e conseqüente encontro) da informação necessária, independente da forma como se processe. (Bibliotecário 325, 50, fem., 1979)

Prosseguindo, o terceiro eixo indicado pelos bibliotecários foi a realização de pesquisa, que tem estreita relação tanto com a organização da informação quanto ao atendimento ao usuário. Diversos bibliotecários ressaltaram que a capacidade de realizar pesquisas em conformidade com os requisitos dos usuários é um diferencial e não foram poucos que mencionaram que pesquisar no *Google*¹⁵⁰ qualquer pessoa é capaz, mas realizar pesquisas especializadas e filtrar informação são competências dos bibliotecários. Associada à pesquisa e recuperação estão outras atividades como disseminar informação, prestar serviços de informação aos usuários e mediar informação. Todos valorizados como distintivos da profissão bibliotecária.

- Penso que a mais importante é a disseminação da informação - o serviço de referência - seja numa biblioteca ou num setor de uma grande empresa. A assessoria deveria ser a palavra ideal, o profissional da informação deve guiar, assessorar o usuário para a recuperação da informação, escolhendo as melhores ferramentas tecnológicas para auxiliar sua busca. (Bibliotecário 376, 31, fem., 2000)

- A busca pela informação. Não importa aonde ela esteja e nem como, mas quando a encontramos, é algo gratificante. (Bibliotecário 338, 40, fem., 1991)

- Acredito que o setor de Referência e a Disseminação seletiva da informação será o grande "pulo do gato" da biblioteconomia, a principal função do bibliotecário será filtrar as informações disponíveis na internet, e disseminar as informações que estão em outros suportes. (Bibliotecário 193, 26, masc., 2001)

Muitas respostas não eram propriamente relações ou afirmações dessa ou daquela opinião sobre um segmento mais expressivo. Nesse grupo, considerado de outras respostas, foram feitas colocações acerca do baixo reconhecimento pelo trabalho, por parte das organizações, críticas à formação profissional, à atitude dos pares, reafirmações sobre o gosto pela profissão e, muitos, incluíram informações sobre como acreditam que deva ser um bom profissional.

¹⁵⁰ NA: *Google*: sistema de pesquisa na *Internet*, popular pela sua facilidade de manipulação e quantidade de páginas indexadas. Disponível em: www.google.com.br.

- Eu acredito que o que falta em nossa profissão é uma maior oferta de eventos voltados às diversas especialidades de bibliotecas. Tornar o CFB (Conselho Federal de Biblioteconomia) mais atuante e militante em prol da exposição do profissional e da profissão. A exemplo da ALA (*American Library Association*¹⁵¹) que coloca cartazes na mídia e utiliza a imagem dos atores de Hollywood em suas campanhas de incentivo à leitura, além de realizar um mega-congresso, todos os anos, atraindo profissionais de diversas partes do mundo e promovendo palestras de interesses diversos, desde bibliotecários infantis e escolares até universitários. Os objetivos da profissão precisam ficar claros e serem massificados na cabeça da população. Precisamos atrair as pessoas e nos tornar carismáticos, pois se as pessoas não gostarem de ler, jamais frequentarão uma biblioteca. (Bibliotecário 188, 40, fem., 1997)

- Os objetivos da profissão de bibliotecário, muitas vezes, se perdem no meio do caminho quando tropeçamos em dificuldades que sabemos que sempre existirão: desvalorização da profissão, baixos salários, péssimas condições de trabalho, falta de verbas para adquirir acervos (atualizando-os) e não devemos esquecer que o livro tem vida curta se for praticado o empréstimo domiciliar (rasgam livros, riscam, não devolvem, etc.). (Bibliotecário 31, 43, fem., 1991)

- Particularmente considero o campo da Biblioteconomia bastante vasto o que falta são profissionais que amem a profissão e bem qualificados a ponto de gerar mudanças em todas as esferas, ou seja, balançar as estruturas, se é que me entende! (Bibliotecário 8, 40, fem., 1995)

- Particularmente sinto que existe muita confusão em relação ao papel atual do bibliotecário. As inovações tecnológicas avançam rapidamente sem que tenhamos tempo para nos situar. Ao mesmo tempo, trabalhamos em instituições onde as chefias (bibliotecárias), já perto ou aposentadas, travam nossas iniciativas de buscar atualização e inovações. (Bibliotecário 395, 41, fem., 1998)

- Vejo a Biblioteconomia como uma área em ascensão e que ainda não foi totalmente descoberta e valorizada. Com o surgimento de novas tecnologias, o serviço do profissional bibliotecário tem passado por reestruturações. Lembro que há um tempo atrás, logo que se começou a falar em livros eletrônicos e bases de dados, havia uma grande discussão a respeito da extinção do livro em papel e da obsolescência do trabalho bibliotecário. O que se vê hoje é justamente o contrário: abriu-se um leque enorme de novas oportunidades, novos campos de conhecimento tem sido criados a cada dia. O que há, sim, é uma necessidade de atualização constante por parte dos profissionais - atualmente, não basta concluir a faculdade para ser um bom profissional: é preciso buscar sempre novos conhecimentos e mesmo se especializar dentro de uma área específica da biblioteconomia. (Bibliotecário 271, 30, fem., 2000)

De modo geral, percebeu-se que as atividades mais tradicionais dos bibliotecários estão mesmo entre as mais destacadas pelos respondentes, o que parece indicar que as tecnologias que foram incorporadas à quase totalidade das rotinas, apenas contribuiu para reforçar esses trabalhos, mas não apontaram para caminhos outros que se destacassem, pelo menos na visão do grupo participante da presente pesquisa.

- Dimensão mercado de trabalho: dados qualitativos –

A parte que tratava de mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação incluiu duas perguntas abertas:

¹⁵¹ Associação de bibliotecários americanos.

- C1. Como você percebe as tecnologias de informação em relação ao exercício profissional dos bibliotecários? Houve mudanças? Quais as mais significativas para você?

- C2. Quais são, na sua opinião, os segmentos de mercado mais adequados ao exercício profissional dos bibliotecários, em relação à formação que recebem?

As análises de cada uma delas estão efetuadas a seguir.

- Tecnologias de informação e exercício profissional dos bibliotecários –

Pela questão C1 pretendia-se identificar a relação dos bibliotecários com as tecnologias de informação e de comunicação. Foram recebidas 454 respostas para essa pergunta, significando um percentual de 93,03%. Embora a questão contivesse três perguntas, as respostas recebidas foram formuladas de modo mais genérico, não especificando exatamente para cada um dos itens, mas, segundo avaliação feita por 422 profissionais, as tecnologias significaram mudanças nas atividades dos bibliotecários. Essas mudanças foram percebidas como positivas e têm relação com melhorias nos sistemas de automação de bibliotecas, informatização dos processos e, sobretudo reconhecendo um diferencial profundo com o advento da *Internet*.

- As TI favoreceram enormemente os bibliotecários, visto que a estrutura da área é anterior ao avanço tecnológico. As mudanças foram muito grandes nas automações dos processos (pesquisa, empréstimo, devolução, reserva etc), na cooperação dos serviços (classificação, catalogação, normalização, indexação etc) e nas parcerias com outras áreas (Informática, Comunicação etc). (Bibliotecário 292, 52, fem., 1999)

- Como toda a história das tecnologias de informação, percebemos que muito se alterou no exercício profissional dos bibliotecários; do apoio e uso do papel e do livro, da biblioteca tradicional, passamos por várias inovações e transformações (criação de transistor, surgimento de PCs, microcomputadores e todas suas redes de transmissão) que permitem aos usuários intercambiar e localizar suas informações rapidamente, a nanotecnologia inova estes objetos constantemente passando do analógico ao digital e do eletromagnético ao opto-eletrônico. Enfim, muito mudou. Todas estas mudanças são muito significativas para mim (pessoalmente), porque no campo profissional tudo isso ainda é utópico. (Bibliotecário 486, 47, fem., 1985)

- Houve uma mudança de 80% em tudo. Não ouço falar em *Kardex*, catálogos topográficos, desdobramento de fichas e uma série de outras coisas há uns 15 anos ou desde nem sei quando. A cada dia os computadores estão mais velozes, os softwares sempre com uma ou outra novidade a mais. Porém, o que sempre mais me fascinou foi a capacidade da máquina fazer as buscas com diversos tipos de combinações. Isto acho que foi revolucionário na nossa área. (Bibliotecário 244, 40, fem., 1988)

- Percebo que as tecnologias de informação sempre estiveram presentes, mas sofrem naturalmente uma evolução, como foi a microfilmagem, depois a informática com programas com sistema operacional e a tendência é sempre facilitar, sempre de ser usadas como ferramentas para facilitar e otimizar nosso trabalho. (Bibliotecário 193, 26, masc., 2001)

- Sim, houve mudanças. Com as TIC's temos que trabalhar ainda mais a informação. Esse ponto não mudou. As bibliotecas sempre construíram seus sistemas de informação somente que impressos. Agora, podemos construir catálogos automatizados, bibliotecas digitais, etc. Precisamos da colaboração de analistas de sistemas, mas eles não serão capazes de tratar a informação como nós. (Bibliotecário 305, 43, fem., 1990)

A rapidez no tratamento e disseminação de informação, aumento do volume de informações à disposição dos usuários na rede, a informatização dos acervos, integração de produtos e serviços, maior alcance dos trabalhos realizados e democratização do acesso aos acervos também foram ressaltados. Essas questões são importantes sob todos os aspectos e de fato resultam em maior visibilidade profissional, mesmo que não necessariamente se traduzam em reconhecimento pelo trabalho dos bibliotecários. Mas essa é uma mudança inexorável em qualquer unidade de informação que pretenda subsistir, conforme mencionado pelos bibliotecários.

- As tecnologias vieram somar, pois facilitam e agilizam o trabalho bibliotecário. Com as mudanças que essas tecnologias trouxeram temos mais tempo disponível para focar em atividades mais socializáveis dentro das instituições ao invés de ficarmos "presos" as atividades técnicas. (Bibliotecário 328, 37, fem., 1999)

- As tecnologias de informação aperfeiçoam o trabalho do bibliotecário, mas não se constituem na razão de existência do seu exercício profissional. Não posso opinar sobre mudanças antes das tecnologias de informação com base na minha experiência, pois sempre atuei nesse contexto. Contudo, posso citar as mudanças mais significativas a partir do estudo da graduação: maior agilidade e facilidade nos processos técnicos e no atendimento ao usuário. (Bibliotecário 226, 28, fem., 2004)

- Contribuíram bastante. Com essas novas ferramentas o profissional utiliza menos tempo para o trabalho técnico, restando-lhe tempo para planejar e executar outros serviços de interesse dos usuários. Pode focar sua atenção nas necessidades do usuário, melhorar o atendimento de referência, ampliar os serviços oferecidos. (Bibliotecário 340, 37, fem., 2004)

Outro aspecto destacado, que tem estreita relação com o aumento na velocidade e no volume de trabalho realizado pelos bibliotecários, foi a ampliação quantitativa e qualitativa na oferta de produtos e serviços aos usuários, além de o mercado, aos poucos, parecer estar se abrindo para essa categoria profissional, num reconhecimento das competências adquiridas em relação à organização de conteúdos de informação em qualquer ambiente.

- A tecnologia da informação revolucionou o trabalho do bibliotecário. Isso ajudou até a romper com os estereótipos. Com os *softwares*, *Internet*, bases de dados, o trabalho do bibliotecário rompeu fronteiras, se expandiu. (Bibliotecário 90, 27, fem., 2001)

- Acredito que tenha transformado a forma de trabalhar, oferecendo inclusive novos nichos para atuação. (Bibliotecário 178, 49, fem., 1984)

- As mudanças significativas foram o acesso remoto a estas novas tecnologias de informação. A criação de repositórios; acervos e catálogos digitais; *help desk*, *virtual reference* entre outros serviços em rede. (Bibliotecário 388, 45, fem., 1985)

- Foram muitas as mudanças depois do advento das novas tecnologias dentro das bibliotecas. O mercado de trabalho se ampliou com os bibliotecários trabalhando nas construções de sites e na busca por informações virtuais. Quanto mais informações dispersas no espaço mais é preciso a ajuda do bibliotecário como um filtro informativo. (Bibliotecário 300, 42, fem., 1990)

- Sou totalmente suspeita pois trabalho com bibliotecas digitais desde 1998. Acho que a demanda por nossos serviços aumentou assustadoramente, porém, a maioria dos profissionais da área prefere incentivar as rotinas tradicionais de tratamento da informação e atendimento ao usuário. Com a assimilação das TICs pelas UI o escopo se amplia muito, e o bibliotecário não demonstrou preocupação/segurança para definir e declarar quem é seu público alvo, e costuma oferecer preocupação e segurança ao seu público potencial. Por isso as TICs "aumentaram" nossa carga de trabalho. (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

Apenas seis bibliotecários não consideraram as tecnologias um ponto positivo na profissão, 37 levantaram problemas decorrentes dos processos de automação e 26 fizeram colocações que não se enquadram em avaliações positivas ou negativas sobre a questão.

- Para mim não houve mudanças pois não vou ao campo melhorar. (Bibliotecário 184, 50, fem., 1983)

- Na área das bibliotecas escolares quase não houve mudanças. (Bibliotecário 283, 50, fem., 1990)

- Grandes mudanças. Já trabalhei com pessoas que não sabem fazer uma planilha em *excel*, não entendem o funcionamento do *PowerPoint*, usam o editor de texto (*word*) com dificuldade, chegam ao cúmulo de não saber anexar um arquivo em um *e-mail* e achar que todos os documentos devem ser abertos pelo *word*...um caos. Isso é básico. Todos precisam saber. A minha geração (30 anos) fica sobrecarregada por ter que prestar constante ajuda a colegas (extremamente capazes intelectualmente, bons bibliotecários e/ou auxiliares) que precisam preparar uma apresentação, enviar um arquivo etc. Percebo que o bibliotecário aprende a utilizar (na maioria das vezes bem) o *sw* que gerencia a biblioteca, mas se esquivava de aprender a utilizar o *windows*, o *office*, gerenciador de conteúdos *web*, sistema de arquivo (protocolo, *workflow*) da instituição. Consequentemente sua agilidade é menor e seu trabalho acaba sendo menor, pois alguém terá que fazer para ele o "serviço" em outros aplicativos. Percebo uma total incongruência com bibliotecários que querem utilizar a catalogação cooperativa, utilizar o protocolo Z39.50, o protocolo ILL, a indexação automática (em síntese ter um serviço de ponta na biblioteca) mas em contrapartida se esquivam de aprender a utilizar o *outlook*, o *office*, o CMS etc. Infelizmente alguns bibliotecários querem toda inovação tecnológica para a biblioteca mas pouco sabem usufruir dessa inovação tecnológica. Querem um *site*, mas não querem administrar (atualizar, modificar, planejar) o *site*, querem catalogação cooperativa, mas não querem entender sobre o Z39.50, os riscos de invasão à rede da instituição - quase um trabalho para a área de informática onde cabe ao bibliotecário conferir dados dentre outras situações. (Bibliotecário 443, 30, fem., 2001)

- É uma ameaça aos bibliotecários e às bibliotecas, porque vai acabar o papel. (Bibliotecário 375, 35, masc., 1998)

Aparentemente, as novas gerações lidam com as tecnologias de informação e de comunicação de forma corriqueira.

- Como sou graduado há apenas dois anos, não tive contato com muitas tecnologias antigas, a não ser como leitor, buscando livros em catálogos de fichas. Para mim, a mudança melhor e mais importante é a valorização do conteúdo em detrimento da forma. Ou seja, a possibilidade de uso flexibilizado de padrões, a quebra do paradigma de informação organizada por e para bibliotecários, e o nascimento de outro: leitores clientes. Ou seja, os padrões são necessários para a qualidade na recuperação, mas quem indica o que deve ser recuperado, e portanto, os padrões e tecnologias a serem usadas, são os clientes. (Bibliotecário 216, 24, fem., 2005)

Entretanto, as várias gerações de bibliotecários ainda em exercício lidaram com essas transformações que aconteceram em um período relativamente curto da história, se considerada a *Internet*, a partir do início dos anos de 1990, praticamente sem preparo ou treinamento anterior. Embora o uso de tecnologias não fosse novidade nas bibliotecas de maior porte, que assinavam bases de dados estrangeiras, que rodavam nos computadores de grande porte, ainda em meados dos anos de 1980, conforme relatos de Cunha (1984), que pesquisou o uso de bases de dados nas bibliotecas, naquele período as funções dos bibliotecários eram limitadas à pesquisa. As iniciativas para automação da recuperação das coleções ainda eram localizadas e igualmente naquelas bibliotecas que possuíam maior aporte de recursos humanos e materiais, além de se constituírem de uma ação local, sem acesso externo.

A diferença mais marcante após esse período foi que lidar com as tecnologias, para os profissionais, não se restringia mais a aspectos como a seleção das bases, a aquisição das mesmas e a realização de pesquisas. A mudança foi de paradigma de automação nos serviços das bibliotecas, que passou a vê-las como um sistema que deveria ser entendido de forma integrada e que incluía todos os processos do ciclo documentário. A complexidade dessa visão e a disponibilidade de tecnologia e conhecimento que respondesse a essa demanda exigiu, em contrapartida, que os profissionais passassem a integrar as equipes de desenvolvimento, transpondo a etapa de treinamento e buscando adquirir conhecimentos que os permitissem transitar nessa nova via com mais segurança. Esse período não foi percorrido sem percalços que ainda podem ser sentidos pelas palavras dos bibliotecários que responderam esse questionário quando indagados sobre as maiores necessidades de treinamento, conforme será apresentado na dimensão formação profissional e que tem relação com as tecnologias de informação e de comunicação.

Verificou-se, também, pelas respostas, que aqueles que ingressaram nos cursos a partir de 2000 possuem outros parâmetros para avaliar as tecnologias, pois sua formação já foi realizada tendo esse embasamento, mesmo que ainda não considerem suficiente para disputar o mercado de trabalho nesse segmento.

- Houve mudanças. Como me formei há apenas sete anos as mudanças para mim não foram tão grandes, no que se refere ao desenvolvimento do meu trabalho, mas

percebo a grande diferença do tempo em que eu era usuária e agora sou profissional. (Bibliotecário 270, 29, fem., 2000)

- Já comecei estudando com o *boom* da informática a *Internet*, desta forma já iniciei a minha profissão totalmente inserida com as novas tecnologias, mas conforme algumas disciplinas, observei que houve um avanço muito grande com as novas tecnologias. (Bibliotecário 224, 38, fem., 2001)

- Mercado de trabalho dos bibliotecários –

A questão C2 pretendeu levantar as representações dos bibliotecários acerca de sua avaliação sobre os nichos de mercado mais adequados para o exercício profissional, conforme qualificações recebidas pela formação que tiveram. Essa pergunta foi respondida por 437 bibliotecários (89,54%), que elaboraram listas de locais ou atividades e, ainda suas reflexões sobre esse ponto.

Para esse conjunto de dados, foram relacionados os locais ou as atividades, conforme lista quantificada:

- Bibliotecas de todos os tipos – 190	- Administração ou gestão – 19
- Todos os segmentos de informação – 115	- Editoras/livrarias – 17
- Centros de informação/documentação – 91	- Museus ou memoriais – 17
- Diversos (de aeroportos a <i>Web</i>) – 65	- Escritórios (de todos os tipos, inclusive secretariado) – 16
- Áreas vinculadas à educação ou universidades – 57	- Assessoria/consultorias – 16
- Empresas – 46	- Serviço público – 16
- Arquivos – 44	- Tarefas tradicionais dos bibliotecários – 15
- Tecnologias da informação – 32	- Organizações (sem especificação de tipo, mas que necessitassem de informação) – 11
- Não souberam ou não quiseram opinar – 32 ¹⁵²	- Docência/treinamentos – 10
- Ambientes ou ações vinculadas à pesquisa – 27	- Atendimento a usuários – 7

Quadro 15 – Nichos de mercado

Para alguns bibliotecários a formação recebida é adequada, mas caberia ao profissional manter-se atualizado e estudando para conseguir se colocar no mercado. Para outros, ao contrário, a relação entre a formação e as demandas do mercado não são positivas:

¹⁵² Trata-se das respostas com esse conteúdo, uma vez que quando deixadas em branco não foram computadas, caso de 51 questionários (10,46%).

- Precisamos ser inovadores e conhecermos técnicas modernas de gerenciamento e de administração para que os serviços que manejamos cumpram com a função no desenvolvimento da sociedade que se defronta com grandes desafios. (Bibliotecário 404, 56, fem., 1982)

- Percebo que o bibliotecário não sai bem preparado para o mercado de trabalho. Muita coisa o profissional tem que aprender sozinho ou com outros profissionais. O curso não prepara o aluno para novas tecnologias e nem para auxiliar as empresas na gestão do conhecimento. (Bibliotecário 85, 31, fem., 2002)

- Infelizmente nossa formação acadêmica é muito pobre sob o ponto de vista das necessidades de informação da população. Os cursos são voltados para a elite acadêmica; os professores mostram uma realidade européia/norte americana e nosso mercado de trabalho prova o contrário. A maior parte dos profissionais têm baixíssimo nível cultural. Quando se trata de bibliotecas escolares e/ou públicas, com raríssimas exceções, a presença de bibliotecários é inexistente. Acredito que poderíamos atuar em qualquer segmento, desde que houvesse a graduação no segmento específico. (Bibliotecário 438, 53, fem., 1986)

- Infelizmente, nossas escolas ainda formam o bibliotecário do século IX. Precisa-se de uma nova oferta para formação de um bibliotecário do século XXI. Portanto, com base na formação que temos hoje, o bibliotecário tende a ocupar somente as bibliotecas. (Bibliotecário 481, 31, fem., 1998)

- Segmentos definidos baseados no negócio. Empresas que precisam de informações atualizadas sobre qualquer assunto. Empresas que pesquisam. A área de atuação do bibliotecário na empresa que pesquisa, ou que monitora seu mercado NÃO deve restringir-se à biblioteca, geralmente utilizada por concursandos, filhos de funcionários que não têm com quem ficar ou funcionários que vão relaxar, ler jornais, etc. Precisamos atuar com os pesquisadores e com os tomadores de decisão e quando temos esta oportunidade, somos muito valorizados. (Bibliotecário 210, 36, 1995)

- Dimensão formação profissional: dados qualitativos –

O último conjunto de questões abertas constou de duas perguntas que tinham relação com a formação recebida e sugestões de disciplina que pelo exercício em trabalho foram percebidas como necessárias e a percepção dos profissionais acerca das influências recebidas por organismos de representação de classe, na construção da visão que possuem da profissão.

- D1. Quais as disciplinas que deveriam ser ministradas nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação para que o bibliotecário pudesse ser considerado um profissional contemporâneo e competitivo?

- D2. Você acha que os Conselhos Federal e Regionais de Biblioteconomia, Associações Profissionais e Sindicatos de Bibliotecários têm alguma influência na formação profissional dos bibliotecários e na visão que você tem da profissão?

As análises para as duas perguntas formuladas para essa última dimensão estão especificadas a seguir.

- Disciplinas para os cursos de Biblioteconomia –

A pergunta D1, então, foi respondida por 439 bibliotecários (89,95%) e a compilação das disciplinas ou questões levantadas seguiu o mesmo padrão das análises anteriores. A lista de sugestões foi elaborada com a indicação da quantidade de ocorrências.

- Tecnologia de Informação (em geral) – 298	- Administração (geral) – 52
- Formação geral (humanista, disciplinas específicas como direito, sociologia, comunicação, educação, introdução a todas as disciplinas, física, química, artes, cultura geral, conhecimentos gerais, atualidades etc.) – 116	- Gestão do conhecimento e de informação – 42
- Gestão e gerência (de pessoas, projetos, negócios etc.) – 91	- Filosofia, ética, lógica – 34
- Biblioteconomia (técnicas, filosofia, história do livro e das bibliotecas, atendimento ao usuário etc.) – 97	- Planejamento e projetos – 25
- Psicologia, relações humanas / interpessoais, trabalho em equipe – 62	- Empreendedorismo, liderança – 15
- Idiomas (incluindo português, técnicas de redação, lingüística, semântica) – 61	- Estatística – 11
- Administração específica (de recursos humanos etc., Organização & Métodos, Qualidade, Negócios) – 60	- Arquivologia, museologia – 9
	- Inteligência empresarial e competitiva – 9
- Marketing, publicidade, etiqueta social, postura – 56	- Metodologia científica e de pesquisa – 8

Quadro 16 – Disciplinas sugeridas para os cursos

Percebe-se, pelos dados, que os bibliotecários que participaram dessa pesquisa colocaram a necessidade de maior reforço na área de tecnologia da informação. Dentre os comentários e sugestões incluem-se as demandas por aprender a desenvolver bases de dados, organização de conteúdos eletrônicos, linguagens específicas, bibliotecas digitais, dentre outros. Considerando-se que a faixa etária de 59% desses profissionais situa-se entre 40 e 59 anos, essa quantidade de sugestões tem coerência, pois 47,7% formaram-se até 1989, quando essas disciplinas ainda não tinham, provavelmente, a amplitude que alcançaram posteriormente.

Um comentário do Professor E também merece ser destacado, com relação a essa questão do ensino de tecnologia, quando foi colocada a pergunta sobre a importância dela no curso:

Estamos falando de biblioteca digital, estamos falando de mundo digital, estamos falando de automação de bibliotecas e os nossos professores não têm qualificação para isso. A minha qualificação, a minha formação é aquela formação tradicional e que não dá conta desse momento. Então no último concurso nós conseguimos contratar um profissional da informática, [...] então ela está por conta de toda essa parte de tecnologia de informação [...].

Porque [...] as bibliotecas digitais ainda não deslancharam? Por que os profissionais não estão sabendo [...]. Não estão sabendo porque os professores não estão sabendo. A gente só repassa o que a gente sabe. A gente não tem essa experiência [...] a gente não tem como orientar nossos alunos nesse sentido. Então com a entrada

da profª [...] isso deu até [...] uma segurança maior da gente estar falando dessas novas tecnologias, [...] desses ambientes e [...] propondo soluções. (Professor E)

Mas ainda parece permanecer a necessidade de possuir conhecimentos, mesmo que superficiais de quase todas as disciplinas. Talvez pela carência de formação da maioria das pessoas, no ambiente de trabalho essas lacunas se evidenciam e fragilizam o profissional. Não foi feita a ressalva de que esses conhecimentos seriam mais para as pessoas que atendem na referência, mas também para aqueles que têm por função o tratamento da informação. De fato, se considerada a maioria dos profissionais participantes dessa pesquisa (70,6%), que atuam em ambientes universitários, de bibliotecas especializadas ou centros de documentação, novamente esse dado tem coerência com os requerimentos que esses ambientes possuem.

Houve a ocorrência de 26 comentários sobre o fato de os currículos serem bons, mas os bibliotecários não terem postura profissional, não se interessarem, serem arcaicos em seus trabalhos e pouco abertos às inovações. Do mesmo modo que em 17 casos foram feitas críticas aos currículos, por estarem defasados, ou aos professores, por serem desinteressados, ou despreparados para esses novos tempos. Em 11 questionários os respondentes não indicaram disciplinas, mas reforçaram a necessidade de que os currículos consigam manter o profissional competitivo. Apenas dois casos falaram em valorização da profissão e 34 não souberam ou não quiseram opinar.

- Vou iniciar minha resposta pelo final de sua pergunta. Apesar das fortes e pesadas ideologias das mídias e de mercado estarem a todo momento fomentando e martelando que é pela competição que conseguimos um espaço neste mundo, sou totalmente contrária a este conceito. Acho que nossa auto-destruição está justamente ligada à isso. Por que a grande maioria dos bibliotecários não gosta de trabalhar em conjunto com outros bibliotecários? Por que muitos deles sentem arrepios quando ouvem a palavra "rede"? É simples, porque trazem em si a fórmula viva da competição embutida e trabalhada ao longo da vida e aperfeiçoada nas escolas de biblioteconomia. Entendo que ser um profissional contemporâneo é ser dinâmico, pró-ativo, ter perfil cooperativo, ter visão multidisciplinar. É sentir prazer em propor um planejamento para a unidade de informação e convidar a todos os envolvidos (diretores, funcionários, comunidade) para discutirem os problemas e encontrarem juntos as soluções. É propor, democraticamente, um plano de desenvolvimento e sustentabilidade (no seu conceito mais amplo) para a unidade de informação. É criar e participar de redes de discussão, trocas de experiências, enfim. Peguei esse caminho para iniciar minha caminhada pela profissão de bibliotecária. Confesso que estou muito feliz apesar de as vezes ter que forçar algumas situações de atritos para ser ouvida. Mas sou ouvida! Ao meu ver duas palavras jamais devem ser perdidas de vista pelo profissional contemporâneo, são elas: COOPERAÇÃO E INOVAÇÃO. Baseada neste ponto de vista, acho que assuntos como administração e gestão de unidades de informação, metodologias participativas em programas e projetos de unidades de informação, bases teóricas relacionadas à resultados em gestão de pessoas, podem contribuir com resultados positivos no sentido de transformar a nossa realidade enquanto profissionais da informação. Não sei se dei conta de responder à pergunta, espero que me perdoe se fugi do assunto. (Bibliotecária 294, 30, fem., 2004)

- Todas as disciplinas técnicas essenciais; disciplinas voltadas para as novas tecnologias no "*métier*" da biblioteconomia e uma disciplina que refletisse um panorama geral ou perfil essencial das classes do conhecimento humano: filosofia, religião, c. sociais, artes... enfim, seguindo mesmo o roteiro das dez classes, que afinal evoluíram do meio filosófico. Como professora de Biblioteconomia, passei por aluno que jamais ouvira falar no Alcorão, que não possuía a referência mais básica do termo, desconhecendo mesmo tratar-se de um livro sagrado; outro nunca ouvira o termo "impressionistas". Então, penso que pra resgatá-los deste abismo da falta de bagagem, e não tendo que esperar colher isto ao longo da trajetória profissional, quando terá exposto demais suas falhas, só mesmo com uma disciplina de cultura geral. (Bibliotecário 276, 55, fem., 1974)

- Disciplinas que permitem à adequada compreensão interdisciplinar do fenômeno "informação", das transformações sociais, da forma dinâmica e sistemática do mundo globalizado no qual o bibliotecário está inserido. Disciplinas que permitam que os futuros bibliotecários sejam pessoas criativas, curiosas, imaginativas, com opinião própria e visão ampla do mundo, especialmente relacionada ao conhecimento das necessidades de informação dos segmentos sociais. Em síntese, todo bibliotecário tem que obter uma boa formação em termos de fundamentos da Biblioteconomia, conhecê-la em sua essência para que tenha condições plenas de operacionalizá-la. (Bibliotecário 382, 48, fem., NI)

- Ele já é. O problema é que existem profissionais acomodados que mancham e minimizam o perfil da classe criando assim estereótipos que prejudicam a imagem do profissional bibliotecário: salva-guarda e pesquisador da informação. (Bibliotecário 155, 33, fem., 1999)

- As organizações representativas da categoria na visão dos bibliotecários –

A questão D2, finalmente, tinha por objetivo identificar o grau de influência de associações, Conselhos e sindicatos na formação profissional dos bibliotecários e na visão da profissão, para a qual houve 361 respostas (94,46%).

Das pessoas que se manifestaram sobre o assunto, 258 (71,4%) consideraram que não houve influência na formação nem na visão profissional advinda dessas organizações, 117 (32,4%) consideraram que sim, percebiam influências diversas, tanto positivas quanto negativas e 59 fizeram outras colocações sem se posicionarem. Poucos separaram as respostas em relação à influência sobre a formação (10 bibliotecários) e sobre a visão e 16 consideraram que havia influência de forma parcial.

Essa pergunta deu margem a inúmeras reclamações acerca, especialmente, da atuação dos Conselhos, tendo sido usadas palavras bastante duras em relação a eles, mas poucos se lembraram de que essas organizações são mantidas, trabalhadas e divulgadas pelos próprios bibliotecários. A percepção mais evidente quando da compilação dos dados dessas respostas foi a de que a culpa pela situação de baixo nível de fiscalização, de pouca divulgação, de carência na defesa da profissão, de baixos salários, dentre outros aspectos, pertence ao outro e não a cada um dos bibliotecários que, em tese, teria sua parcela de responsabilidade nesse sentido. Parece haver um círculo vicioso em que as escolas não atuam no sentido de aproximar os profissionais dessas organizações, que por sua vez não

têm capacidade de buscar essa mesma aproximação e quando aquele estudante se forma é que passa a saber e a ter que desenvolver uma relação com esses órgãos, notadamente os Conselhos, que aparecem apenas como cobradores de impostos. Mais uma vez pode-se recorrer a Radford e Radford (1997) e perguntar a quem interessa esse distanciamento.

- Se dependesse desses órgãos com certeza eu não seria uma bibliotecária. A imagem que eu tenho dessas instituições não é das melhores. Considero que elas têm contribuído muito pouco para a formação e imagem social do bibliotecário. E até mesmo os profissionais não se sentem bem representados. Na maioria das vezes sentem-se revoltados, principalmente com o CRB, no caso de Goiás, que pouco tem atendido aos anseios da classe. A imagem que eu tenho da profissão é positiva, mas sem influência de Conselhos e Associações. (Bibliotecário 340, 37, fem., 2004)

- Tenho experiência positiva apenas nas Associações, mas gostaria que tanto as associações como as outras entidades deveriam lutar com empenho pela promoção do bibliotecário. Se hoje o profissional não é reconhecido devidamente é porque as entidades não estão atuando como deveriam e os profissionais, acomodados como as entidades de classe, não estão reivindicando. Para mudar este quadro, acredito que as escolas de biblioteconomia deveriam ter outros olhares e ações na formação de seus alunos. (Bibliotecário 126, 51, fem., 1981)

- Acho que sim, mas deveria fazer muito mais, se houvesse mais união e entrosamento por parte de todos (união é que faz a força). É um por todos e todos por um, assim que deveríamos nos comportar para melhorar a *performance* do bibliotecário tão desgastada atualmente; ainda hoje a figura do profissional é desconhecida e desvalorizada por muita gente. Nosso país subdesenvolvido contribui um pouco para que nossa auto-imagem ainda continue esquecida. (Bibliotecário 405, 44, fem., 1985)

- Infelizmente, a atuação desses entes ainda é muito irrisória. Em alguns estados da federação nem existem as associações ou sindicatos, ficando os Conselhos encarregados de agregar os profissionais, muitas vezes saindo totalmente se sua competência. (Bibliotecário 187, 46, fem., 1983)

- Infelizmente, essas entidades de classe têm feito pouco pela profissão, entretanto eu também sou culpada por este marasmo, pois ainda estou na minha zona de conforto apontando este e aquele erro e não me coloquei como sujeito ativo no processo. Ainda há tempo! (Bibliotecário 286, 40, fem., 1997)

- Sempre tem, porque os profissionais que atuam nos Conselhos, Associações e Sindicatos, geralmente são professores dos cursos de Biblioteconomia, ou são doutores ou mestres da área. A profissão está sendo exercida por muitos profissionais não habilitados, estamos perdendo espaço no mercado. No interior do país e dos Estados as bibliotecas funcionam, em sua maioria, sem o bibliotecário. Falta o bibliotecário assumir o comando geral no país, através de uma política séria, através dos órgãos federais, estaduais e municipais. A legislação tem que ser respeitada. É hora da profissão ser reconhecida e exigida. Amontoados de livros com nome de biblioteca temos muito, só que quem atua nelas geralmente são leigos, às vezes quase sem conhecimento. Sou adepta da divulgação da informação, mas já temos bastante bibliotecários no mercado. (Bibliotecário 369, 58, fem., 1980)

- Participação em eventos técnicos –

Na segunda parte do questionário, foram incluídas duas perguntas sendo uma acerca dos eventos, cursos e treinamento pelos quais haviam passado os bibliotecários nos últimos 24 meses¹⁵³ e um espaço aberto para livre manifestação.

Com relação aos treinamentos, 374 (76,63%) dos bibliotecários responderam essa pergunta, mas não necessariamente para informar os nomes e períodos dos treinamentos, mas para constatar dificuldades financeiras que impediam a participação, mesmo quando tinham necessidade e percebiam a importância e aqueles que colocaram zero treinamentos. Houve, também, críticas às associações e entidades promotoras de eventos por somente realizarem cursos, palestras, seminários, entre outros, em São Paulo e em Brasília, o que dificultaria a participação para muitos.

De modo geral, percebeu-se que existe uma preferência pelos Congressos e Seminários da área, com destaque para o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia Documentação e Ciência da Informação – CBBDD e o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias – SNBU, além de a indicação dos treinamentos apontar para os conteúdos especializados e de mais curta duração, possivelmente vinculados à natureza do trabalho dos bibliotecários.

- Espaço aberto aos bibliotecários –

Quanto ao espaço aberto, foi utilizado por 236 bibliotecários (48,36%) para manifestarem suas opiniões, sugestões e ponderações. As colocações variaram desde manifestações de profundo desagrado com a profissão, com os colegas e com a classe bibliotecária, até aquelas que notadamente exprimiam um posicionamento mais positivo, assertivo e de satisfação muito grande sobre os mesmos pontos.

- A imagem de que o bibliotecário só fica catalogando e guardando livros na estante está ainda muito presente na opinião da sociedade, então quando expomos quais as nossas atividades as pessoas se surpreendem e se admiram. Também há profissionais que não valorizam o seu trabalho maldizendo a sua própria profissão. As entidades de classe deveriam ser mais atuantes principalmente no quesito salários a que os bibliotecários se sujeitam por falta de oferta de trabalho. (Bibliotecário 309, 54, fem., 2003)

- A imagem do bibliotecário na Bahia - Trabalho em duas instituições, uma pública e outra privada. Tento ao máximo tornar o trabalho dinâmico, ativo, interessante para não cair na crise da rotina. Mas, o que fica registrado é o outro profissional que desanimado e apático com o salário não ajuda, não tem interesse em melhorar o serviço e diz: "não ganho para isso!" Aí, esta imagem contagia e outros profissionais de outras áreas e fica aquele dotado de dinamismo frente ao "paredão" - pois precisa trabalhar para sustentar família - e acaba na vil rotina do NADA. (Bibliotecário 378, 37, fem., 1993)

¹⁵³ O questionário foi distribuído entre abril e outubro de 2007. Assim, últimos 24 meses refere-se à participação em ações de treinamento que retroagem ao ano de 2005.

- A imagem é difícil de mudar. Muito se deve aos próprios bibliotecários que são apáticos, sem cultura, sem expressão e sem coragem p/ ousar. São colegas que até na forma de vestir se apresentam como pessoas de segundo escalão, o que não é preciso, pois se apresentar bem hoje, pode ser c/ pouco dinheiro. Muitos passam idéia de preguiça e de estarem sendo incomodados quando são instados a fornecer informações. Ainda continuam presos aos acervos, arrumando estantes e emprestando livros, qdo deveriam estar produzindo, criando, selecionando e disseminando informações (a *internet* está aí p/ ajudar). Não se reciclam, não sabem falar em público, não sabem criar projetos. Em geral os diretores e colegas mais graduados não respeitam esse profissional e hoje, com a *internet*, não vê sua utilidade. É lamentável se continuarem agindo assim. Vejo no meu trabalho, por exemplo, ninguém mais se dirige à biblioteca. Todos têm computador e "pensam" que sabem tudo sobre busca e uso da informação e os bibliotecários não vêem uma oportunidade nesse "pensam"... de se projetarem, de se tornarem úteis. (Bibliotecário 428, 50, fem., 1975)

- A maioria dos profissionais ainda é do sexo feminino, tem uma atitude maternal, infantil e submissa no trabalho que influencia os seus produtos, que tende ao público geral e à informação genérica, não sabe o valor que tem e quão fundamental pode ser o seu trabalho para o avanço do conhecimento em qualquer instituição. (Bibliotecário 417, 44, fem., 1985)

- A questão da imagem (externa) e auto-imagem dos bibliotecários tem que ser repensada a partir das escolas de Biblioteconomia, através de mudanças efetivas nos currículos, acompanhando a evolução técnica e comportamental da sociedade, com professores capacitados com real experiência na profissão. (Bibliotecário 325, 50, fem., 1979)

- Acho que a imagem do bibliotecário, pelo menos na minha região, ainda é bastante acanhada. Em sua grande parte vejo profissionais parados no tempo, sem motivação para trabalhos associativos, sem expressão literária nem vontade de mudar o quadro. É lamentável a quantidade deles que apenas vêem o emprego e não um modo de se projetar como profissional realmente que faça a diferença no meio em que vive. Como em sua maioria o contingente é feminino, se escondem atrás da maternidade e responsabilidades domésticas para justificar sua não aderência aos eventos da área de interesse para sua educação continuada. Não sei de outras regiões mas presumo que o curso atraia sim este perfil de pessoas. Lamentavelmente. No entanto, sei que existem àqueles que sempre irão se destacar e fazer valer seu diferencial. Sem maiores comentários, me incluo neste grupo. Boa sorte e resultados produtivos! (Bibliotecário 170, 54, fem., 1977)

- Revi minhas repostas e reparei negatividade em muitas, respondi de acordo com o que estou presenciando e vivendo, mas não quer dizer que penso assim, acho que isto me mostrou o quanto não investi nesta profissão, talvez, na minha opinião, por estar em uma má administração, talvez por não ter escolhido outra profissão que mais se adequasse ao meu perfil, talvez. (Bibliotecário 189, 48, fem., 1990)

- Somos profissionais importantes para o desenvolvimento de nossa comunidade, cidade, estado, país. Entretanto, somos vistos como profissionais de 5ª categoria, haja vista as faixas salariais em que somos inseridos. Toda empresa/instituição faz exigências absurdas para nos contratar, oferecendo 800,00 de salário! E o CRB1 ainda ousa disponibilizar tal disparate em sua *home page* no *link* emprego!! Assim, não há auto-estima que suporte. (Bibliotecário 438, 53, fem., 1986)

- O grande problema do bibliotecário é exatamente a acomodação. Os bibliotecários não querem lidar com a concorrência de outros profissionais, ficam se fiando na reserva de mercado garantida por lei, e acabam perdendo terreno profissional. Não se preocupam com a concorrência de seus pares, porque seus pares são tão acomodados que se contentam com o que tem. O fato de nosso grande empregador

ser o serviço público e o servidor público gozar de estabilidade é um fator que contribui para a acomodação. A classe vive reclamando que não é reconhecida e ao mesmo tempo não se une e não produz o que é capaz. Fica fazendo pouco e tentando passar despercebida. Quando deveria ser exatamente o contrário. A classe reclama de salário e não se propõe a fazer um curso qualquer, a participar de um evento na área. Estão sempre muito ocupados para procurar o engrandecimento profissional. (Bibliotecário 215, 46, fem., 1981)

- Eu gosto de ser bibliotecária, apesar das piadas, da desconsideração, dos baixos salários, mas... eu preferiria mudar de profissão para algo relacionado, algo como gestão da informação. Considero que o Conselho Federal e os regionais deveriam se preocupar menos com arrecadação e mais com os profissionais, principalmente os que atuam em bibliotecas escolares e públicas, pois estes são em sua maioria os mais desconsiderados profissionalmente pelos próprios colegas. É complicado tentar vender uma imagem profissional digna quando entre os próprios colegas existe uma categorização de bibliotecários que valem "mais" e "menos". A imagem da bibliotecária ainda é muito afetada pela mídia negativa, ainda somos vistas como "caçadoras de maridos", ou "assexuadas", ou, pior ainda, ainda ouvimos a clássica pergunta: "Precisa fazer faculdade pra colocar etiqueta em livro?" Suponho que em SP e RJ isso não seja tão sério, mas aqui no RS ainda sofremos bastante. Pessoalmente, embora não sinta orgulho de ser bibliotecária, não tenho vergonha, pois batalhei para ser uma ótima profissional e o sou, infelizmente sem a contrapartida financeira... Mesmo com pós... não obtive reconhecimento profissional e financeiro. O bibliotecário deve aparecer mais, atuar mais junto aos usuários, ser um guerreiro para poder mudar a imagem da profissão. No momento por motivos de saúde estou resguardada, mas costumo ser uma feroz defensora da atuação bibliotecária. Mas repito; sem o apoio dos conselhos, fica muito difícil. (Bibliotecário 246, 38, fem., 1999)

- Eu penso que ainda temos muito a fazer, a primeira coisa é sair da toca e nos firmar como profissionais, pois, há muitas profissões que já estão abocanhando nosso mercado, por conta de nossa falta de atitude. A Administração vive se reinventando, e acho que estamos no momento propício de mostrar o nosso valor e importância nessa cadeia empresarial. Como vocês devem ter reparado meu salário é baixo. E isso é decorrente da imagem do bibliotecário no âmbito estadual e também da atitude de alguns profissionais, infelizmente. Amo muito que faço e tento reverter essa imagem. Luto para ter outras oportunidades, e poder realizar alguma coisa relevante para nossa área. (Bibliotecário 341, 45, fem., 2001)

- Gostaria de informar que ainda sou bibliotecária numa escola de Ensino Fundamental no município de Gaspar-SC. A biblioteca funciona numa sala própria, com móveis e estantes precárias, mas o acervo é de boa qualidade, prioriza literatura com um ótimo acervo bastante dinâmico. Trabalho sozinha, por isso minha atenção maior é com o usuário, deixando de lado o processamento técnico. Toda a comunidade escolar tem consideração com a profissão de bibliotecário e respeito. (Bibliotecário 432, 52, fem., 1978)

- Gosto demais da minha profissão. Me considero muito dedicada ao trabalho. Gostaria de ser mais audaciosa, criativa. Acho que ainda existem muitos espaços que não são ocupados por bibliotecários, mesmo nos espaços obrigatórios como nas escolas de ensino fundamental e médio. Na minha cidade por exemplo, é assim. Muitas vezes esses espaços são ocupados por pessoas que não possuem nenhuma qualificação. Além de saber trabalhar a informação, temos que nos envolver com a instituição onde trabalhamos, saber quais os seus projetos, necessidades de informação, etc. Temos que mostrar nossas habilidades e competências. Acho que somos tímidos, ou não nos envolvemos o suficiente. Às vezes somos apenas um "anexo". Temos que acabar com essa história que bibliotecário serve somente para catalogar livros. Depende de nós, da nossa atuação conquistar ou não nossos espaços. (Bibliotecário 305, 43, fem., 1990)

- Gosto muito do que faço, minha especialização me abriu muitos caminhos. Trabalhar na Universidade onde atuo é muito gratificante, do ponto de realização profissional. E como sugestão gostaria que minhas opiniões a respeito da profissão e também da falta de atuação dos conselhos fosse bem observada. Assim como minha grande sugestão é todos os profissionais de nossa área, se preparem para acompanhar a modernidade e lutem sempre para serem cada vez mais valorizados. Muito obrigada. (Bibliotecário 464, 59, fem., 1978)

- Não me importo com a imagem que outros tenham da minha profissão, estou com 27 anos de trabalho em bibliotecas e amo a profissão e o meu trabalho e procuro passar esse amor e auto-estima aos meus alunos! Obrigada pela oportunidade! (Bibliotecário 172, NI, fem., 1988)

- No meu dia-a-dia tento atender e prestar um serviço de excelência para me fazer respeitar pelos usuários, nos seus diversos perfis e exigências, e ser respeitada como uma profissional plena, e não como mais uma burocrata. Lidar com pessoas não é uma tarefa fácil, mas penso que dessa forma estarei contribuindo para a mudança no inconsciente coletivo da sociedade. Não há nada mais gratificante do que você ver que o material que você catalogou, classificou, indexou está na mão do usuário; bem como, o agradecimento do usuário dizendo que a informação/dica/fonte que você indicou foi de grande ajuda para o seu trabalho. Mesmo sendo uma profissão não desejada pela minha família, acredito que acertei na escolha e não me vejo fazendo outra coisa. (Bibliotecário 175, 36, fem., 2004)

- O bibliotecário assim como tantas outras profissões vive crises temporárias de identidade, mas acredito que não precisamos constantemente mudar nossa identidade para acompanhar as mudanças no mundo da ciência e do conhecimento. Sejamos apenas excelentes bibliotecários e isso já será o suficiente para sermos reconhecidos. Essa história de mudar o nome da profissão levará a classe para um grande abismo. Daqui 100 anos continuaremos com as mesmas crises. Com as devidas proporções, a Medicina assim como o Direito não precisou mudar seus nomes para se tornarem profissões reconhecidas em tese, pela sociedade. A Biblioteconomia tem tudo para ser ainda mais reconhecida, dependerá de um trabalho conjunto entre as Associações e Escolas de Biblioteconomia esse trabalho. (Bibliotecário 329, 35, masc., 1999)

- O bibliotecário tem como responsabilidade mudar qualquer imagem negativa sobre a profissão, cabe a ele dentro de seu ambiente de trabalho o reconhecimento da importância de sua atuação. Quanto a parte financeira existem várias realidades nesse nosso Brasil tanto para o bibliotecário como para qualquer profissão. Gostaríamos todos de melhores salários, infelizmente vivemos em épocas difíceis, mas isso não deve interferir na atuação profissional. Procurar novas oportunidades? Sempre. Não se esquecendo de fazer o melhor possível dentro de seu ambiente de trabalho. (Bibliotecário 107, 49, fem., 2004)

- Podemos fazer mais, sermos mais, nos doarmos mais ao outro, buscar o crescimento pessoal e profissional, eu acredito que o livro transforma um cidadão e me sinto feliz pois faço minha parte com paixão! (Bibliotecário 159, 43, fem., 1987)

4.3 Análise das entrevistas realizadas com os professores

De acordo com o que foi apresentado no capítulo 3.5.2 e 4 para realização das entrevistas foram selecionados cinco professores, sendo um de cada estado. Houve uma exceção com relação a Santa Catarina, pois um professor respondeu por meio de mensagem de correio eletrônico e um pessoalmente e ambas as respostas foram incluídas na análise. Para facilitar a compreensão e percepção do pensamento dos professores e

identificá-los, sem nomeá-los, já que a nenhum foi solicitada autorização de registro dos nomes, sempre que transcritos trechos de suas palavras, serão identificados por Professor A, Professor B, Professor C, Professor D, Professor E e Professor F.

O primeiro passo foi a transcrição de todas as entrevistas, procedimento iniciado em dezembro de 2007 e finalizado em janeiro de 2008 e foram efetuadas a partir das fitas, digitando-se diretamente no computador, o que é uma operação bastante lenta e que exige inúmeras repetições. Esse é o segundo contato com a entrevista, que possibilita verificar outros pontos como os silêncios, as interrupções de pensamento, as hesitações dos entrevistados, que embora não estejam no conjunto dos dados analisados, são indicadores para aqueles que forem fazer análises de discurso, em que pesam as questões lingüísticas e as inferências comportamentais.

O segundo passo para o exame das entrevistas, do mesmo modo que para os questionários, foi a elaboração de um quadro geral sobre os professores que incluía informações mais genéricas de mapeamento. Algumas dessas informações foram obtidas pessoalmente e outras diretamente na página do Currículo Lattes¹⁵⁴ e incluíram os dados acerca de:

- idade
- graduação: curso de formação básica e tempo de formado
- especialização: nome do curso e ano de realização
- mestrado: nome do curso e ano de conclusão
- doutorado: nome do curso e ano de conclusão
- tempo de docência

A ação seguinte foi fazer uma primeira leitura de todas as entrevistas, para verificar novamente a fidedignidade das transcrições e corrigir erros, para então proceder à análise de conteúdo, em conformidade com as indicações de Bardin (2007, p. 56). Não foram elaboradas tabelas com os conteúdos, pois cada entrevista teve um caráter bem pessoal, conforme análise a seguir.

As entrevistas, conforme explicitado no capítulo 3.5.2, transcorreram em clima de muita receptividade pelos professores, que responderam todas as perguntas formuladas. A impressão geral é de que todos os entrevistados constantemente refletem sobre o curso, sobre os alunos e sobre as melhores práticas pedagógicas para levar para a sala de aula e procuram desenvolver, nos alunos, espírito crítico, incentivam a busca do conhecimento não só em Biblioteconomia e Ciência da Informação, mas procuram melhorar suas posturas diante da vida, encarando os desafios com profissionalismo e não com autopiedade, mesmo que tenham consciência de que a maioria dos discentes não ingressou no curso por vocação.

¹⁵⁴ Disponível em: www.cnpq.br. Acesso em: set. 2007 e 7 fev. 2008.

Cada item levantado na entrevista não teve necessariamente um peso igual para todos os professores, mas para cada um deles foi possível verificar que havia, de alguma forma, a percepção de responsabilidade que extrapola um pouco a relação mais burocrática entre o professor e o aluno, o que pode ser exemplificado por algumas de suas colocações. Um deles, mesmo reconhecendo que pela natureza da disciplina que ministra praticamente não fala sobre valores, identidades, imagem e satisfação profissionais, verbaliza sua preocupação com a atitude do aluno:

Então o que eu coloco para eles é isso: olha vocês estão na universidade, uma das melhores universidades do Brasil, tem gente que daria um dedo da mão para estar aqui. Vocês vão encontrar um monte de coisas erradas e talvez quando vocês saírem vocês vão ajudar a consertar essas coisas. Eu sempre tento situar nesse contexto que eu chamo de momento histórico. Ele tem que estar consciente de que ele vai sair e de que ele está nesse momento histórico em que ele tem que lutar muito para poder as coisas se transformarem. Que foi talvez uma das razões para eu vir para cá. Eu vim para cá para começar essa transformação. Eu não vim para cá só para dar aula. (Professor F)

Em razão da dinâmica das entrevistas, o roteiro não foi seguido de forma linear e somente a primeira pergunta foi padrão para todos. Os demais pontos do roteiro seguiram o pensamento e os tópicos abordados por cada entrevistado, não necessariamente na ordem prevista. Nesse sentido, dependendo das respostas dos docentes, algumas perguntas não previstas foram sendo intercaladas com aquelas previamente formuladas, mas não houve padrão nelas, já que dependeram do posicionamento de cada professor. Em algumas ocasiões essas perguntas foram feitas para confirmar alguma frase, em outras para esclarecer o que havia sido dito pelo docente, como, por exemplo, a vinculação administrativa do curso ou o grau e denominação dos egressos do curso.

Esses pontos que foram levantados, embora não tenham sido originalmente previstos para a pesquisa, poderão indicar caminhos para estudos futuros, se houver alguma intenção ou se for considerado importante ou relevante pensar em identidade dos bibliotecários brasileiros. Sobre esse ponto, deve-se reiterar que não se propõe, com essas colocações, que seja idealizada uma forma a partir da qual todos os egressos saiam iguais, mas que haja um pensamento bibliotecário nacional e maior consciência de coletividade para a profissão, o que responderia algumas das críticas formuladas pelos respondentes do questionário, que consideraram a classe desunida e individualista.

Outro exemplo desses temas foi a denominação profissional dos egressos e também a introdução desses tópicos que tratem de valores, identidade, exercício profissional. Conforme palavras de um dos professores:

Eu acho que é uma questão de postura profissional. Porque em termos de conteúdos acho que todos [...] levam à formação do profissional. Mas o que faz a diferença é a postura. Uma postura proativa, fazer com que as pessoas tenham conteúdo, mas também que tenham inserção social, que saibam conduzir uma reunião, saibam fazer

trabalhos que mostrem a realidade do bibliotecário. O problema é postura é uma coisa que não se ensina. Você se coloca e a pessoa é que faz. (Professor D)

Não necessariamente todas as perguntas foram formuladas, pois em várias ocasiões as respostas dos professores já incluíam pontos que teriam sido colocados isoladamente.

Mesmo Bardin (2007, p. 56) tendo admitido a quantificação das semelhanças nas análises de conteúdo, no caso das entrevistas, considerando seus caracteres únicos, somente serão agrupadas as idéias afins, diferentemente dos dados qualitativos dos questionários aplicados aos bibliotecários, que permitiram a análise de conteúdo mais de acordo com a proposta da autora.

Verificou-se que há algumas diferenças de posicionamento e de visão da profissão entre os docentes com graduação em Biblioteconomia e aqueles que não possuem, não implicando essa observação numa questão valorativa no sentido de que uma posição é melhor ou pior que outra, mas apenas que essa diferença foi percebida em pequenas questões como, por exemplo, a de um desses professores, quando explicando porque não aprofunda determinados temas em sala:

As matérias que eu dou são muito mais operacionais. [...] Não entra muito nessas questões. Porque também se eu fosse entrar nessas questões, eu não sei se fica bem, não sei se eu teria uma legitimidade. Porque eu não sou bibliotecário. (Professor F)

Esse desconforto pode ou não ser sentido por outros docentes que atuam nos Departamentos de Ciência da Informação e Documentação sem a graduação em Biblioteconomia ou alguma outra disciplina tradicionalmente vinculada à área de informação. De todo modo, caberia o aprofundamento dessa investigação, pois esse sentimento pode ter nascido por uma percepção de rejeição dos próprios colegas professores, ou da classe bibliotecária. Por outro lado, os alunos, eventualmente, estão perdendo a oportunidade de ter contato com outros ensinamentos que poderiam auxiliá-los a construir uma imagem profissional rica, ampla e aberta, agregando essas perspectivas originadas dessas outras visões da profissão. Se isso é um fato isolado ou não cabe investigar, na medida em que todos fazem parte de um mesmo mundo da informação e têm por função formar bibliotecários competentes e aptos a atuar com conhecimento sólido em ambiente de mercado, seja ele qual for.

Com relação aos professores com graduação em Biblioteconomia, houve uma clara divisão. Dois professores fizeram comentários mais desanimados com a profissão e o futuro dela, embora suas ações não sejam exatamente compatíveis com essa postura, já que colocaram que procuram tratar desses tópicos em sala, num sentido de valorizar e estimular seus alunos, enquanto que dos outros dois percebeu-se um grande entusiasmo com as

perspectivas de mudança, dos caminhos que são passíveis de percorrer e de que modo atuam para essa finalidade.

Outro aspecto que as entrevistas apontaram foi que nenhum dos professores tem uma relação paternalista e protetora com os alunos. Ao contrário, o que ficou demonstrado claramente por alguns é que o aluno tem que ser proativo e buscar caminhos alternativos e se colocar de forma mais afirmativa com trabalho e não com discursos:

Sabe uma coisa que me irrita totalmente? Quando o aluno vem com um projeto TCC: a importância do bibliotecário para a empresa. Não tem nenhuma! A gente está com um projeto [...] projeto da incubadora [...], quando nós chegamos lá para fazer essa parceria, para inserir nossos alunos numa área de estágio, eles disseram nós não queremos bibliotecários, nós não queremos biblioteca. Mas eu disse vocês não terão biblioteca. Vocês terão gestão de informação. Gestão de conteúdo, gestão do conhecimento. Então eles ainda têm aquela visão tradicional de que o bibliotecário é para ficar em bibliotecas, principalmente bibliotecas escolares, públicas e universitárias.

Então falar de importância de bibliotecário nessa área, qual a importância que ele me dá, parte de você. Acho que tem que inverter. Qual a importância que eu me dou para essa área. O que que eu faço para contribuir com os meus projetos para essa área? E aí vem a auto-estima. Se eu não estou consciente da minha bagagem de conhecimento para estar negociando essa bagagem de conhecimentos nessa empresa aí vai ficar aquela história: eles não me reconhecem, eles não me vêem. [...] Então isso tem muito da auto-estima. Eu tenho que ter confiança, eu tenho que acreditar na formação que eu recebi. (Professor E)

4.3.1 Perfil pessoal e profissional da amostra de docentes

As entrevistas foram realizadas com seis professores, sendo dois de Santa Catarina, um de São Paulo, um da Bahia, um de Goiás e um de Brasília. Foram quatro mulheres e dois homens, com média de idade de 49 anos, cinco com doutorado concluído e um cursando. Todos atuam na graduação em média há 11 anos, sendo o professor que está a mais tempo na docência tem 23 anos de experiência e os que têm menor tempo atuam há quatro anos como professores.

Dos professores entrevistados, dois possuem graduação em outras áreas – Processamento de Dados e Ciências Sociais – e os demais em Biblioteconomia. O tempo médio de graduação é de 27,2 anos, para cinco professores que informaram as datas de conclusão, apenas dois professores informaram possuir cursos de especialização. Quanto ao tempo de mestrado é de 16 anos em média e de doutorado, considerando que um está em curso e não foi contabilizado, foi de 7 anos. Os cursos de doutorado de quatro professores foram na área de Ciência da Informação, um em Engenharia de Produção e um em Ciências Sociais.

Todos atuam em instituições públicas, de âmbito estadual ou federal.

Embora a pesquisa junto aos docentes não tivesse o objetivo de ser quantitativa, cabe o resgate do trabalho coordenado por Figueiredo (1978, p. 55-63). Por ocasião

daquela pesquisa, ainda foram identificados muitos professores sem titulação de mestrado e doutorado, o que, pelas análises das características das escolas (capítulo 3.4.1) e pelos dados dos professores entrevistados, parece ter diminuído sensivelmente, especialmente nas universidades do setor público. Nas particulares, manteve-se o que se identificou na época, com muitos professores apenas graduados.

Com relação ao gênero dos professores, essa questão não foi sequer trazida à tona, para esse grupo ocupacional, e as escolas também se modificaram nesse sentido, diferentemente do constatado pela pesquisa de Figueiredo (1978). Parece que a maioria de docentes ser de mulheres, dado levantado naquela época, se configurou como uma constatação de problema, assim como a literatura técnica aponta para os bibliotecários. Conforme relato do documento: “É de notar-se também uma grande preponderância de elementos femininos nos quadros docentes, sem dúvida um ponto de desequilíbrio para o melhor desenvolvimento da profissão.” (FIGUEIREDO, 1978, p. 59).

4.3.2 Análise dos conteúdos das entrevistas

A análise seguirá o roteiro preparado para as entrevistas¹⁵⁵, mesmo que ao longo das conversas essa ordem não necessariamente tenha sido respeitada. Conforme dito anteriormente, os conteúdos foram analisados com base na metodologia definida por Bardin (2007), verificando-se as aproximações de idéias ou a completa diferença entre elas, para as mesmas questões.

Todas as perguntas visavam identificar de que forma esses temas são percebidos pelo professor, se são relevantes, ou não, se são trazidos para discussão nas turmas ou não, se têm algum efeito na formação profissional dos bibliotecários e se influenciam na imagem que projetarão da profissão.

Em todos os momentos os professores foram solicitados a colocar as visões pessoais acerca do item levantado, mesmo que isso não significasse um posicionamento do departamento ao qual pertencem ou mesmo da proposta pedagógica do curso. Considerando o aspecto qualitativo desse segmento da pesquisa, cujos dados não podem ser extrapolados, era importante garantir a visão particular dos docentes, até porque nem todos possuem a graduação em Biblioteconomia e poderia haver alguma diferença em relação àqueles que possuem esse bacharelado.

Um ponto que deve ser destacado foi que ambos os professores que não possuem graduação em Biblioteconomia demonstraram preocupação com esse fato, evidenciando que não queriam distorcer os dados que pudessem ser obtidos. Foi reiterado, entretanto, que o objetivo era entrevistar professores de graduação em Biblioteconomia e se eles

¹⁵⁵ Ver roteiro da entrevista no Anexo II.

estavam nesses departamentos a opinião e a visão que possuem das questões levantadas certamente têm tanto peso quanto dos “professores bibliotecários”, já que essa mescla de diferentes formações parece ser comum a todos os cursos da área. Além disso, outro objetivo da pesquisa era tentar verificar a influência da escola e dos professores na construção da imagem profissional pelos bibliotecários, o que pode tornar relevante a formação do corpo docente.

- Formação profissional dos bibliotecários na visão dos docentes -

Esta parte da entrevista tinha por objetivo identificar de que modo os professores introduzem, tratam ou se consideram, ou não, relevante desenvolver, no âmbito de suas disciplinas, os temas relacionados com valores, atitudes, identidade e exercício profissional dos bibliotecários.

Existem diferentes modos de verificar a abordagem dessas questões em sala de aula pelos docentes. De modo geral, todos os professores informaram que tratam desses temas em sala, embora alguns de maneira mais tangencial, já que argumentaram que as disciplinas que ministram não teriam essa finalidade, mas sim outras dos respectivos cursos. Um dos professores disse que não inclui esses temas nas disciplinas que ministra. Apenas dois professores disseram que esses tópicos fazem parte da rotina de ensino/aprendizagem, independentemente das disciplinas, pois nos projetos pedagógicos dos cursos esses temas não são considerados.

Como essa primeira pergunta incluía várias questões, observou-se que cada docente seguiu por um caminho em sua resposta. A seguir são destacados alguns trechos de suas colocações, mostrando que no caso de um deles a resposta demonstra sua visão, relacionada à atitude dos alunos, que serão futuros profissionais:

O balizador do sucesso profissional bibliotecário sempre será o desempenho, insisto muito nisso, os estereótipos não existem por acaso, reproduzem atitudes de sala de aula, alunos sem iniciativa, desinteressados, incultos, certamente serão profissionais pouco valorizados. (Professor A)

Sobre essa atitude de os bibliotecários serem acomodados e pouco interessados, a literatura também trata dessa questão e parece que a experiência docente reforça isso. De certo modo, as palavras desse professor encontram eco nos relatos de dois outros quando comentam sobre o ingresso dos alunos nas universidades que está, na visão deles, muito menos voltada a uma questão vocacional que à maior facilidade de passar no vestibular:

Eu nunca vi ninguém chegar e dizer assim: quando eu crescer eu quero ser bibliotecário. Eu nunca vi. Como eu lido com o pessoal da graduação, [...] já [...] pelo menos há uns 6 ou 7 anos, eu faço uma palestra para os calouros [...] sempre faço uma mesma pergunta para eles: porque que vocês estão aqui? Eu falo assim: Quem está aqui é porque quer ser bibliotecário e já conhece a profissão? Menos de 10%

levantam a mão. Entram entre 35, 39, 40. Eu já tive respostas mãos levantadas entre 4 e 7 nunca mais do que isso. Então eles já entram para ver qual é. Raramente entram vocacionados. [...] Eu quero o diploma de nível superior para fazer um concurso.

Eu acho que esse é o perfil básico, infelizmente, dos nossos alunos. O aluno da Biblioteconomia, e aí volto lá naquela questão minha intenção é trabalhar na entrada, para acabar com isso. É muito atrativo essa possibilidade de entrar aqui. A nota de corte ser negativa é um sintoma muito grave. Atrapalha o resto todo. Qualquer planejamento que você faz, por mais bem feito que seja o currículo, que tenha laboratório, tenha tudo, você está dando aula para pessoa que não quer aprender aquilo. Ele quer pegar o diploma para poder se candidatar no concurso e isso é feio. Tem gente que faz isso, mas eu não quero fazer isso não. E aí eu quase entrei em parafuso com isso. Mas isso não é possível. E aí eu entendi que eu tenho que dar aula para meia dúzia a meia dúzia que vai ser bom bibliotecário, bom profissional, engajado socialmente, intelectualmente desenvolvido e que provavelmente chega na pós, se quiser. (Professor F)

Palavras confirmadas pelo Professor C:

[Entram no curso] Como segunda opção. Geralmente são pessoas que não passam, isso em termos de federal, [...] em outros cursos e colocam a Biblioteconomia como segunda opção e aí eles entram porque precisam de um diploma. Mas é raro. Às vezes você encontra um aluno dedicado. Que tenha orgulho da profissão. (Professor C)

Ou como colocado por outro docente, que acrescenta outros pontos de reflexão para a temática da formação profissional:

[...] eles têm uma ignorância a respeito do que faz um profissional da informação da ciência da informação, mas também do que faz um bibliotecário, aí acho que entra uma coisa assim de imagem meio cristalizada socialmente, ou seja, o cientista da informação seria mais inteirado com o moderno, *Internet*, tecnologia e bibliotecário o sujeito que só fica ali pondo livro na estante. E aí a gente diz que não é bem isso. O bibliotecário hoje faz uma série de outras coisas, não é, e num certo sentido é um dos funcionários da informação se você for ver, então eu falo para eles entrarem lá e verem a divisão das profissões no MEC essas coisas e muitos vão e xerocam.

Agora o que a gente sempre bate na tecla para eles é o seguinte [...]: em primeiro lugar você não tem que ter uma visão estereotipada da sua profissão, porque tanto a sua profissão como as outras estão em importantes processos de mudança, de atualização.

[...] Em segundo lugar, bem ou mal nós estamos numa instituição pública de sorte que a gente não está oferecendo educação como mercadoria e não estamos atrelados ao mercado. Obviamente que precisamos dialogar, tem que pensar e tem que ver essas perspectivas que estão se abrindo para os nossos alunos. (Professor B)

Sobre a imagem profissional dos bibliotecários e o nível sócio-econômico cultural dos alunos, outro professor colocou que:

Olha, eu acho que isso é muito uma questão do próprio professor. Porque a gente não tem uma disciplina para trabalhar a imagem, mas quando a gente recebe o aluno: primeiro o perfil socioeconômico desse aluno. Ele já vem com um perfil socioeconômico, se comparado com outros cursos, ele é de uma classe média baixa, baixa. Então ele já vem para o curso de Biblioteconomia porque acha que não consegue passar em nenhum outro, não vem com a vocação, não conhece a profissão, vem porque acha que aquela é a única possibilidade dele entrar na

universidade. Então a gente já recebe o aluno com uma história de vida não muito favorável.

Eu, particularmente, [...] tento ficar atenta a essas questões e até eles reclamam que eu coloco muito esses desafios para eles. Eles reclamam: Não pode! E eu não aceito não pode antes de tentar! Ah! Mas a gente não vai conseguir. Antes de colocar resistência de que não vai conseguir, tente fazer! Então eu acho que essa questão de trabalhar esse aluno, nós não temos a disciplina, então vai muito de cada professor. Se o professor acredita na profissão, no potencial da profissão, ele trabalha isso muito bem com o aluno. Se o professor não acredita, e a gente sabe que tem professores que não acreditam na profissão, uma decepção, sei lá o que aconteceu, então acho que aí há tendência de reforçar essa imagem negativa. (Professor E)

Que é semelhante ao depoimento de outro professor, que assim ponderou:

O perfil do nosso curso, que é uma coisa também que a gente tem que trabalhar, não é aquele aluno muito envolvido tecnologicamente não. Eu não sei se estou falando assim meio em falso, mas a sensação que dá é que o aluno nosso é mais para baixa renda, mais para periferia e com ausência de envolvimento tecnológico. Pelo menos ainda. Ele não está, vamos dizer assim, nessa coisa de [...], escolas boas, [...], envolvimento tecnológico, micro em casa, banda larga. Não é o típico da turma. Tem alunos que você sente. Ele logo desponta, logo desponta. Porque ele se interessa mais, desempenha mais, tem mais iniciativa. Mas esse não é o nosso perfil. Eu diria que 70% é o contrário. (Professor F)

Palavras que são reforçadas pelo depoimento de outro professor, embora já com uma visão menos negativa, após o contato com a profissão de modo mais integrado e não como usuário da informação:

Quando eu entrei, eu tinha essa impressão que o bibliotecário é o sujeito que bem ou mal está na biblioteca não só guardando livros, mas está intimamente ou quase totalmente relacionado a esse universo da palavra impressa. Obviamente a gente vem destacando que não é isso a própria proposta do curso não vai por aí. Mas o que eu percebo é que a área é bem dividida. Tem gente que é muito criativa e percebe novas potencialidades, experiência em outros espaços, procura agregar coisas e tem gente que ainda é muito normativa, muito quadradinha, embora assuma que esses discursos de bibliotecário hoje mudou etc., na real, na concretude ainda tem referências muito antigas ainda tem uma visão muito normativa, muito quadradinha. Acho que isso e os alunos acabam percebendo. Nas falas dos professores que vão lá, nas falas dos professores, nas falas das pessoas com quem eles convivem. (Professor B)

Uma narrativa importante, pela força de suas palavras e pelas colocações sobre a profissão, foi de um dos docentes que afirmou preferir ser conhecido por ser professor que por ser bibliotecário. Antes, de acordo com sua visão sobre os bibliotecários foi dito que:

[...] a gente sempre tenta levantar a auto-estima do profissional da Biblioteconomia. Mas eu creio que diante de tantos desafios nessa nova sociedade, nesse novo paradigma, o bibliotecário acabou perdendo o bonde da história.

Ele quis se proteger através de leis, através de discursos e a proteção da profissão é feita em atitudes, em atos. Então eu acredito que embora todos nós saibamos da importância do profissional bibliotecário o próprio bibliotecário não sabe da sua importância.

Então é uma imagem que é uma imagem distorcida e que está se mesclando com as outras profissões. O bibliotecário ele acaba sendo corporativista querendo defender a profissão dele ao invés de se articular com as outras e tornar realmente o profissional

interdisciplinar que é exigido pela sociedade. Então essa conversa eu sempre procuro dizer aos meus alunos em sala de aula.
Mas olhando pelo meu lado pessoal eu prefiro ser chamada de professora do que de bibliotecária. (Professor C)

Não se pretende com esse destaque, questionar se essa é uma posição certa ou errada, mas de certo modo ela traduz o que a literatura técnica diz sobre a baixa visibilidade profissional do bibliotecário, que induz a pensar que seu *status* é inferiorizado em relação a outras profissões. De toda forma, pelas colocações feitas, esse professor consegue separar seu papel pessoal daquele de formador de opinião. Mas todos aqueles que se sentem desse modo, preferindo a opção de se apresentarem como professores, ou com essa ou aquela titulação ou especialização, conseguirão ter esse discernimento e ainda encontrar meios de buscar construir uma imagem positiva e de confiança na profissão para alunos em formação? Esse conjunto parece indicar que essa reflexão sobre as mensagens subliminares mereceria maior atenção e pesquisas poderiam ser realizadas para verificar tanto se outros professores pensam desse mesmo modo, quando perguntados sobre as respectivas profissões, quanto de que modo lidam com isso em suas práticas pedagógicas.

Há outros olhares sobre essa questão, conforme atesta a transcrição da entrevista de outro docente, que credita aos professores uma influência bastante profunda e que demonstra, pelo conteúdo de suas respostas, as atitudes práticas para que o desenvolvimento de valores, de postura profissional, de identidade ocorra. Perguntado se a postura do professor tinha alguma relação com essas questões, assim foi dada a resposta:

Do professor, eu acho que sim. É uma coisa como liderança, você precisa desenvolver, mas precisa colocar um ambiente em que ele tenha condições de desenvolver essa liderança. Eu vejo que às vezes faltam mais trabalhos para que esses alunos tenham chance de experimentar, essas situações. Eu particularmente faço assim: na apresentação de trabalhos eu peço que eles façam de conta que estão num evento: vão vestidos adequadamente, não fiquem dizendo gracinhas lá na frente, não usem gírias [...]. Eu tento criar oportunidades para que ele se sinta profissional. Independente se ele está na primeira fase do curso ou se ele é formando. Ele entrou para o curso ele precisa começar a despertar para os colegas. Para mim isso é fundamental. E a gente tem colegas professores que acham que não é bem assim. Se colocam numa posição mais superior e eles são alunos. Eu já acho que eles são futuros colegas. E começar a respeitar. Como é que se ensinam determinados valores éticos? O aluno pode fazer? Um aluno pode se portar mal na sala? Não. Tem que começar esse discurso desde o início. Valores a gente não ensina, a gente vivencia. Se os professores começarem a vivenciar isso, os alunos vão absorver. (Professor D)

A preocupação dos alunos com a sobrevivência da profissão foi apontada por dois dos docentes. Um deles falou que esse questionamento ocorre eventualmente:

[...] vez ou outra surge uma pergunta que leva a essa discussão: o bibliotecário vai desaparecer? Professora o que que a senhora acha? Ontem assisti a uma palestra e o fulano falou que o bibliotecário está por fora.
Então sempre ocorre. Aí vem à tona essa discussão. Aí eu sempre procuro mostrar da necessidade de o bibliotecário ser criativo e estar atualizado para se articular. [...]

A gente procura complementar o programa, com disciplinas que abram um pouco, com discussões que abram um pouco a cabeça, a maneira de pensar. (Professor C)

Palavras que se complementam com o que outro professor disse acerca da disputa no âmbito de mercado em relação à formação:

[...] então a gente fala: vocês vão construir a imagem da profissão de vocês lá fora. Então, uma boa parte do trabalho de vocês inicial vai ser mostrar aquilo a que veio. Vai ser mostrar a capacidade que vocês têm, as habilidades que vocês têm, como vocês podem eventualmente contribuir com a empresa com a universidade com os órgãos públicos, a partir da sua capacitação. Mas aí é que está, tem que ser capacitado. Tem que ter uma comprovação. Então vocês estudem, ralem, pesquisem. Não interessa exatamente o rótulo daquilo que vocês fazem, mas a competência e a capacidade que vocês têm para oferecer. (Professor B)

Esse tópico de formação se complementa com as várias análises dos docentes acerca dos nichos de mercado percebidos pelos docentes e objeto latente de preocupação dos alunos, relatados em outro tópico.

- Organização das disciplinas nos cursos-

Com relação à organização das disciplinas, outro tópico da entrevista, foi perguntado aos professores se existe alguma articulação entre elas. Os depoimentos ficaram divididos, sendo que três professores relataram que nos respectivos cursos há essa preocupação, enquanto outros três evidenciaram que elas não só não existem como, pela percepção apontada, isso pode ter algum reflexo no exercício profissional, como mostrado na análise dos conteúdos das entrevistas relacionados a mercado. Mas mesmos os professores que relataram ações no sentido de que ocorram, reconheceram que são dependentes de fatores como a vontade dos professores e a disponibilidade de tempo dos docentes para atuarem de forma organizada. No caso dos depoimentos dos Professores B, D e E eles demonstram que existe essa preocupação e ações no sentido de tornar o curso mais fluido, conforme relatos a seguir:

- No início do curso as coisas estavam mais estanques. Entraram os professores aos poucos. Os primeiros que entraram eram justamente aqueles que não tinham formação na área. [...] Quando a gente conseguiu formar o grupo maior, as pessoas tinham formação na área, [...] deu uma mudada grande na grade, [...] misturou, alterou a disposição das disciplinas na grade, o oferecimento delas, para desde o início eles terem disciplinas de formação geral e disciplinas específicas até quase o final. Então até o sexto semestre eles vão tendo essa mistura.

A gente tem procurado no decorrer do semestre, então [...] tem, em geral, uma reunião pedagógica por mês, tentar tirar os conteúdos, ter uma discussão coletiva dessa grade, [...] já transferiu alguns conteúdos, você trata disso eu trato disso na seqüência [...]. Ainda está em processo de afinação, mas tem essa intenção das coisas estarem dialogadas. (Professor B)

- Em sala de aula. A gente tem procurado [...] desenvolver as reuniões por fase, para que cada disciplina tenha tipo um conselho de classe como tinha nos colégios, nós já

fizemos isso uma vez e [...] viu que deu certo. Depois a gente passou a, por conta de muito acúmulo de trabalho [...] deixou. Agora [...] vai começar de novo. Se reunir por fases para que os professores passem a integrar os seus projetos, os seus conteúdos, os trabalhos também. (Professor D)

- A gente tenta [...] dar essa correlação entre as disciplinas. Nós tentamos muito. Um exemplo agora foi com os alunos do primeiro ano, os alunos do segundo semestre. [...] Eles têm a disciplina História do registro do conhecimento, que é a antiga história dos livros, administração, Pensamento administrativo, principalmente organização do trabalho e tem a disciplina teoria da ação cultural. Eles mesmos [...] chegaram aqui e falaram: professora, vamos reunir essas três disciplinas e a gente propõe um projeto para avaliação final dessas disciplinas e a gente se propõe a fazer uma amostra de Biblioteconomia e Cultura [...]. Que é o que está acontecendo agora. Aquilo é uma ação dos alunos. E se você pegar a programação você fala: [...] não acredito que foi aluno do primeiro ano que fez isso. Eles trouxeram fiandeiras, eles trouxeram palestrantes de grupos da homossexualidade, das minorias, para discutir [...] racismo, inclusão. Trouxeram pessoas para falar sobre cinema. Então eles conseguiram. A gente pode perguntar: o que que tem administração, com teoria da ação cultural com história do livro e das bibliotecas? Eles conseguiram perceber que para ter ação cultural precisa ter planejamento, precisa de organização, precisa de motivação. (Professor E)

Mas os demais depoimentos não mostraram que existe essa articulação entre as disciplinas dos cursos:

- A articulação entre as disciplinas é sempre almejada, mas sempre acaba ficando na dependência do professor ministrante. Se ele for consciente sempre buscará estabelecer relações, até porque isto gerará mais interesse e facilitará o processo de aprendizagem. (Professor A)

- Olha, muito pouco. O que existe é disciplinas que são pré-requisito. Por exemplo: para você fazer catalogação II você tem que ter passado pela I. Para você ter que fazer metodologia científica você tem que ter passado pela estatística. Mas não existe essa integração. Essa proposta de transdisciplinaridade. De que você corta as disciplinas, que todas elas têm um veio. Não existe não. (Professor C)

- Infelizmente o trabalho dos professores não é nesse sentido. Foi outra coisa que também me espantei quando eu cheguei aqui. [...] Me irrita esse isolamento acadêmico. [...] Equipe é pressuposto. [...] eu diria para você que além da concepção curricular integrada, você tem muito pouca coisa nessa direção. Se os professores estão seguindo realmente aquele programa integrado, não é? Porque muitos não seguem. Então tem duas questões graves em relação a esse encadeamento. Os alunos relatam muito isso. Fiz um curso e o outro foi igualzinho, dado por outro professor. As coisas são repetidas. [...] Por quê? [...] A coordenação acadêmica na graduação [...] é mais para apagar incêndio. [...] O aluno não está no foco da prioridade. A conveniência do professor, ou da pós, ou da avaliação da Capes está na frente, entendeu? (Professor F)

- Mercado de trabalho na visão dos docentes -

Outro ponto abordado foi acerca de mercado, nichos potenciais de atuação profissional, percepção dos professores acerca da relação entre o que é ministrado e o direcionamento ao trabalho ou emprego. Conforme relatos, aparentemente, mesmo que os alunos, de modo geral, pela percepção dos professores, raramente entrem no curso por vocação, demonstram alguma preocupação com o mercado potencial que os absorverá.

A visão de mercado pelos professores tem alguns pontos em comum, mas outros são mais céticos com relação à análise que fizeram. Um dos professores, perguntado sobre a atuação profissional mais adequada para a formação que recebe respondeu: “Acredito que ainda sejam as bibliotecas de qualquer tipo.” (Professor A). Outro professor constata que: “Escolar e público. Com esse currículo: escolar e público.” (Professor C). Pode ser que esses professores não passem aos alunos essa noção de limitação curricular que percebem. Mas se passam, isso pode significar que a visão da profissão pelos futuros bibliotecários seja direcionado para esses ambientes, sem que eles tenham tido a oportunidade de sentir que possuem capacidade para atuar em outros segmentos de mercado. Por outro lado, se de fato os cursos não capacitam o futuro bibliotecário a atuar em unidades de informação menos tradicionais, conforme constatado por esses professores, então a literatura da área e as pesquisas poderiam ter outro direcionamento, no sentido não de criticar a formação, mas de ampliar a discussão sobre a graduação e não apenas na pós-graduação.

E há, também, outros que julgam que o exercício profissional pode ter outros caminhos:

Olha, lá, o que a gente está tentando apontar para eles tentarem principalmente as organizações do terceiro setor, ONGs, fundações, centros de pesquisa, centros de documentação, eu acho o governo com seus diversos níveis, a gente percebe que em muitos casos as prefeituras ali da região estão passando a absorver os nossos alunos.

Eles vão fazer estágio: mas o que você faz? Mas que negócio é esse? As pessoas começam a perceber: todos os documentos que estão aqui é uma loucura! E que essas pessoas têm algo a fazer por eles. Os cartórios também, a gente tem uma aluna que trabalhava em cartório, ela fez o nosso curso, se formou, já foi promovida a chefe e os cartórios agora só querem estagiários de Direito e de Ciência da Informação. E os tradicionais. Empresas é um caso a se pensar, a inserção. Muita gente acaba indo para uma zona híbrida entre Ciência da Informação e Administração. Eu acho interessante, acho que as pessoas têm que ter uma formação híbrida. Graduação numa coisa e pós na outra. Eu sempre falo para os meus alunos para montar uma empresa Junior e quem sabe, especialmente o pessoal da pós. (Professor B)

Por outro lado, existe o fator utilitário do curso que garante diploma de nível superior à pessoa, possibilitando a realização de concursos públicos em qualquer área. Nesse sentido, o interesse não é no curso, mas no resultado prático que é a obtenção do diploma que credenciará a concorrer em vagas de nível superior, não importando os conhecimentos prévios, conforme transcrição anterior do depoimento do Professor F.

O Professor E assim se manifestou sobre a questão de mercado, levantando outros pontos, com relação à atuação dos diferentes segmentos e seus níveis de responsabilidade com relação à inserção do bibliotecário.

Olha existe o tradicional. Aqueles espaços tradicionais esses estão garantidos acho inclusive legalmente: biblioteca escolar, se bem que isso não é bem observado, na biblioteca, aí vem a atuação do Conselho. O Conselho deveria estar atento a isso,

nas bibliotecas escolares coloca o pedagogo, mas não coloca o bibliotecário. Mas eu acho que nesse espaço tradicional, bibliotecas públicas, bibliotecas universitárias, bibliotecas escolares, isso acho que não mudou não. Isso está garantido. [...] Tem um outro espaço que está se abrindo bastante dentro dessa perspectiva da gestão de informação, informação para competitividade, informação para facilitar o aprendizado organizacional, que isso a gente tem que trabalhar bastante. Como eu te falei dessa nossa iniciativa, a nossa iniciativa de procurar o [...] Programa de Incubação da [universidade], ela teve no mínimo dois objetivos: primeiro abrir espaço de estágio de nossos alunos que optam por essa linha. Segundo sensibilizar o empresariado, o pequeno empresariado, porque ele é quem vai demandar, quem vai contratar. Então ele conhecendo o bibliotecário, quando ele precisar ele vai falar assim, ah! O bibliotecário pode me ajudar nisso! É mostrar na prática o que a gente pode fazer por aquele empresário. E os nossos alunos estão estranhando muito a dinâmica. E nós também. A dinâmica de uma empresa, principalmente uma pequena empresa com uma equipe muito pequena. Geralmente o dono com mais três, quatro funcionários. Então eles estão estranhando muito essa dinâmica. São coisas muito rápidas. Ah! Ele me pede alguma coisa agora, daqui a pouco não é mais isso. Porque mudou foi numa reunião não sei para onde. E aí desmancha tudo e tem que fazer outras coisas. E as ausências constantes. Porque o bibliotecário está lá presente, o diretor está presente, o pedagogo está presente e o empresário não. Ele está buscando novas oportunidades. Então está sempre em movimento. Então os alunos estranharam bastante essa dinâmica. Mas foi muito interessante. Então [...] a gente teve esse objetivo. Também abrir um possível mercado de trabalho mostrando a esses empresários qual é a competência e a capacidade do aluno. (Professor E)

Pelas suas palavras, podem ser feitas algumas inferências, que dizem respeito aos Conselhos, que embora tenham a incumbência de fiscalizar o exercício profissional não têm condições de realizar esse trabalho, aos professores, que por meio de associações e projetos específicos poderiam contribuir para o maior conhecimento da profissão fora do ambiente acadêmico e aos próprios alunos, que mesmo sem ter certeza se atuarão na área, deveriam ser mais empreendedores e buscar novos caminhos de aprimoramento profissional.

Sobre estágio e trabalho, outros pontos foram trazidos pelo Professor F, que merecem reflexão:

Eu levava uma tecnologia nova que eu aprendi aqui [na universidade]. Aqui parece que é o contrário. Eles vêem lá fora o que funcionou [...] e porque resolveu ele [...] tenta até trazer para cá para resolver desse jeito no projeto deles numa disciplina especificamente. É interessante como ele não reconhece essa maior importância do que é visto aqui em relação ao que é visto no mercado. E mercado tem uma solução: para aquela biblioteca, naquele momento e naquela circunstância ali, não é? E a gente não dá isso. [...] E acho que não tem que dar mesmo. Mas em alguns momentos eu acho que a relação graduação estágio [interrompe o pensamento] eu acho que tem muito mais coisa para ser explorada aí. [...] eu tentei proibir o estágio não curricular.

Houve muito reclamação, mas eu consegui proibir para quem estivesse entrando. [...] O estágio para mim hoje ele prejudica o desempenho [...]. Ele desarruma os fluxos de disciplinas todos lá dentro. Porque o estágio hoje tem mais prioridade do que o curso. Ele prefere fazer uma disciplina à noite [...] que o cara vai falar alguma coisa que não tem nada a ver com ele, mas é obrigatório e ele pode substituir disciplina da manhã e que tem a ver com ele, para fazer um estágio [...]. E depois ele se vira, depois ele vê como é que é a história, entendeu? [...] Porque é o contrário, para mim o estágio é a aplicação do aprendizado que você teve aqui.

E a pessoa que dá o estágio tem que ter essa consciência: de que olha, o que que esse cara viu e como é que eu posso encaixar aquilo aqui? Eu acho que o pessoal que dá estágio hoje não está preparado para isso. O pessoal que recebe os alunos

para estágio está preocupado única e exclusivamente em resolver o problema dele ali: eu tenho alguém que toma conta disso, eu tenho alguém que está no balcão ali e ele resolve o problema de mão de obra. E não é esse o propósito do estágio. Eu acho que estágio precisa ser totalmente repensado. E eu acho que [...] devia ser proibido o aluno fazer estágio antes do 4º semestre. [...] Antes ele vai fazer o que? Se ele ainda não tem nenhuma dessas matérias específicas dos bibliotecários? Então ele vai ser explorado. Exploração de mão de obra. [...] Eu tenho dúvidas sobre essa outra coisa que ele viu. Eu acho que o estágio hoje atrapalha. No início, ele atrapalha mais do que ajuda. A única ressalva que o pessoal faz é por conta da baixa vocação: o estágio anima [...] a continuar no curso.

Mas ele vai continuar com prejuízo da formação. Por quê? Porque ele viu o estágio primeiro, depois ele viu a parte teórica aqui, não gostou e pega o modelo do estágio como sendo a solução para ele. Se for assim nós precisamos de cursos técnicos, não precisamos de universidade.

[...] faz uma escola técnica boa e pronto. A gente vai fazer pessoas que são capazes de pegar um manual e seguir aquele manual. Não vão pensar em como fazer alguma coisa na indexação, na classificação. É assim vamos treiná-los a serem bons técnicos em Biblioteconomia. É ótimo se o mercado estiver precisando disso, aí R\$1.500,00 é razoável. Eu faria um curso de 1 ano, 1 ano e meio para ser um indexador, um classificador. Cada curso de acordo com o que o mercado precisasse. E pronto. Aí eu acho que dá. (Professor F)

Deve-se lembrar que estágios de Biblioteconomia são, de certa forma, um problema complexo. Se por um lado poderiam representar aquisição de conhecimentos por meio do aprendizado em ambiente real de trabalho, por outro, observa-se, conforme constatado pelo Professor F, que raramente as organizações estão preparadas para recebê-los tendo essa perspectiva em mente. Os bibliotecários recebem os estagiários e fazem um treinamento específico para que desempenhem essa ou aquela função. Raramente situam o aprendiz no contexto da organização, raramente informam em que parte do ciclo documental aquela atividade se encaixa, dificilmente demonstram a importância daquela atividade para a organização e normalmente atêm-se a informar sobre aquele ponto específico do trabalho, sem ampliar as fronteiras de conhecimento do estudante. Caberia investigar, também, até que ponto o próprio bibliotecário, como disse o Professor F, tem consciência de todas essas questões e se ele próprio pensa em suas atividades de maneira holística ou se sua percepção do exercício profissional é mais focalizada nas atividades de seu segmento específico. E, finalmente, se de fato a formação profissional recebida é que o condicionou ao pensamento menos amplo de seu trabalho.

Essas ponderações têm relação com a pergunta sobre a forma mais segmentada com que as disciplinas são ministradas que o Professor C percebe se reproduzir no exercício profissional, conforme suas palavras:

É uma profissão que ainda está bastante segmentada, positivista. E nesse sentido ela restringe até a criatividade do profissional. Toda vez entro em sala primeira vez que vou falar em temática eu passo na lousa o processo como um todo. Para depois eu falar olha nós vamos falar desse pontinho. Mas esse ponto tem a ver com esse e com esse.

[...]

Eu percebo que eles não sabem que são coisas concatenadas. Pelo menos aqui [...].

[...]

Acho que transporta para o exercício. Eu já conversei com bibliotecários formados que não são professores, mas que atuam na profissão bibliotecária, que eu vejo que têm um discurso desconectado. Que se atrapalha com essa terminologia nova. Não se atualizou, à vezes não por causa dele, mas por dificuldade mesmo e também não consegue fazer essa integração, que é o que a gente propõe hoje em dia toda a educação ela tem um fundamento interdisciplinar, multidisciplinar, sem estereótipo. Mas o bibliotecário ele é compartimentalista. (Professor C)

Segundo relato do Professor B, essa situação também é percebida pelos alunos quando fazem estágio:

Tradicionalmente pelo que eu tenho observado ainda está muito estanque, ainda tem pouca fluência, ainda tem pouca comunicabilidade dessas coisas. Lá mesmo no campus, a gente tem uma biblioteca central e a gente percebe isso. Os alunos vão estagiar e eles dão esse retorno [...]: Ah! não lá é tudo muito separado, quadradinho, o pessoal não informa, a gente tem que descobrir. Deixa a desejar um pouco.

- Influências percebidas pelos professores relacionadas a escola, estágios, atividades, instituições –

As perguntas desse bloco tinham por objetivo verificar, na percepção dos professores, se a imagem profissional dos bibliotecários sofre influências de diferentes agentes, como a própria escola, os professores, os profissionais que fornecem estágios, as instituições em que trabalham, as atividades que desempenham, ou outras que potencialmente poderiam ser apontadas.

Como esse grupo de perguntas não foi formulado de modo separado, não foi possível perceber alguma tendência de pensamento com relação aos vários itens abordados, até porque, conforme relatado anteriormente, as entrevistas seguiram mais as colocações que iam sendo feitas pelos professores que o roteiro.

O Professor A, por exemplo, reforçou que a escola tenta sempre estimular o aluno a perceber o potencial da profissão, mas nem sempre tem sucesso:

A importância dos bibliotecários na sociedade da informação e a responsabilidade social desse profissional são incessantemente ressaltadas em várias disciplinas desde a 1ª fase do curso e isso tem reforçado uma auto-imagem mais positiva, pena que as ações nem sempre correspondam com a auto-imagem projetada. Pensam que são importantes, mas não agem para que isso tenha correspondência efetiva. (Professor A)

Para o Professor B parece existir uma influência do tipo de instituição em que os bibliotecários atuam, o que confirma os dados identificados nos questionários dos bibliotecários que mostraram que aqueles que atuam em bibliotecas públicas tendem a ter uma visão mais negativa da profissão. Conforme suas palavras, essa influência existe até mesmo para os estudantes:

Dependendo do meio em que ela se insere, por exemplo, lá [...] uma coisa que tem um peso simbólico muito grande na cidade é a Faculdade de Medicina. [...]. Então o pessoal que trabalha na medicina tem aquela aura. Então às vezes tem essa coisa não sou só bibliotecário: vou trabalhar na medicina [...]. Então o pessoal que está fazendo estágio, está fazendo pesquisa, tem outro posicionamento. Diferente do pessoal que vai trabalhar numa biblioteca escolar, por exemplo. Então eu acho que tem uma transferência de *status*.

[...]

É uma questão simbólica mesmo. Eles têm a mesma bolsa, mas está situado num *locus* diferenciado.

Essa percepção de influência de atividade que realiza é mais claramente identificada pelo Professor C, que aponta as atividades mais tradicionais como menos valorizadas pela sociedade, não necessariamente pelos próprios bibliotecários:

Tem. Quem trabalha com gestão tem um arquétipo melhor na sociedade que quem trabalha com catalogação. Acho que a gente conserva muito essa coisa do positivismo de hierarquizar e valorizar algumas disciplinas. A época passada era de física, matemática que era valorizada. Agora que as humanas estão, as sociais. Acho que também as funções do bibliotecário [...] também: ele é catalogador. Ah! ele trabalha com gestão. Olha que chique!

Gestão é chique! Porque ela tange na administração. Ela já fala a linguagem capitalista, a linguagem de mercado. A sociedade que a gente vive ela valoriza (ou banaliza?) mesmo. Porque essa coisa de massificação ela banaliza até as profissões. Nós não temos mais o bibliotecário tradicional, aquele conhecido guardião etc. Nós temos o pacote, aquele que pode ser descartado, porque cada hora tem uma novidade que supera o trabalho dele. Então se ele não se dedicar a um trabalho de relação pessoal, de potencializar a informação ele não vai conseguir ficar meramente na sua técnica. Por isso é que acho que a gestão dá uma sacudida nele como profissional.

Para o Professor D, essa influência tem relação muito maior com o interior da profissão, que propriamente um reflexo da percepção social, que se manifesta se o público percebe que está sendo bem atendido por aquele profissional:

O *status* eu acho que é muito mais entre nós: a bibliotecária da biblioteca da instituição tal. Puxa deve ganhar!! Da biblioteca escolar da escola tal. Mas para a comunidade que está tendo acesso a esses serviços se ele for uma pessoa que recupera bem informação, que dissemina bem, que ele se faz presente, ele é importante. Nós temos bibliotecários muito bons na área pública, na rede pública de ensino e tem outros bibliotecários que trabalham em universidade particular, que tem recurso e não faz o mesmo nem um quinto do que aquele lá daquela biblioteca simples lá está fazendo. Aí eu penso: dependo do que? É do conhecimento ou é da disponibilidade da pessoa?

Liderança, empreendedorismo, inovação, sensibilidade com o público que ela está servindo.

Outro fator identificado pelo Professor C foi com relação à influência dos professores: “O professor que é apaixonado pelo que ele faz [...] consegue transmitir mais do que o que é tecnicamente preparado. Então o professor influencia muito na imagem que o aluno vai ou não ter da profissão.”

Já para o Professor D, a influência dos professores sobre vários aspectos, como imagem, postura, ética, percepção profissional, parece ser uma questão bastante clara que

permeia quase todas as questões propostas. De acordo com vários pontos de sua entrevista, percebe-se que essa consciência está muito presente em suas colocações. Essa parece ser a mesma visão do Professor E, em cuja entrevista também essa postura ficou evidenciada, inclusive nas ações de colocar o curso no mercado, por intermédio de parcerias e estágios que potencialmente permitem a segmentos não tradicionais perceberem as possibilidades de atuação dos bibliotecários. Mesmo que esse modelo de *marketing* possa sofrer críticas, como outros segmentos mais tradicionais, como as bibliotecas universitárias privadas e mesmo os órgãos públicos que trabalham com poucos bibliotecários e muitos estagiários, de fecharem o mercado ao invés de abrir. Entretanto, numa economia mais fortalecida e que permita investimentos, aqueles segmentos que foram sensibilizados para as competências dos bibliotecários, poderão ser futuros empregadores dos egressos e não apenas dessa mão-de-obra mais econômica, embora mais especializada, representada pelos estagiários.

Com relação aos organismos de classe, o Professor B não fez nenhum comentário específico. Com relação aos demais professores, assim foram as manifestações:

- Aqui [...], a Associação dos Bibliotecários, procura oferecer cursos de atualização profissional, promover eventos, audiências públicas e com isso possibilitar o reconhecimento social da profissão. (Professor A)

- É difícil falar nessa questão. Mas eu acho que tanto os Conselhos como os sindicatos muito corporativistas, pouco eficientes. O Conselho não dá conta de cumprir o que ele tem que cumprir. Fiscalizar a profissão. Como que você vai fiscalizar a profissão se [...] não tem dinheiro. Sinceramente não gosto da atuação dos Conselhos de classe, fui conselheira duas gestões, em São Paulo, fui da comissão de ética em São Paulo. Mas acho que os conselhos acabam por transmitir uma imagem negativa da profissão. Justamente porque querem se fechar em corporativismos. Sindicatos é só aquela visão trabalhista mesmo. As associações eu acho que acaba sendo mais democratizada. Os Conselhos ficam sendo mais elitizados. O diálogo nas associações é mais intenso. (Professor C)

Enquanto que para o Professor D, embora a formação seja influenciada também pelos organismos de classe, pela sua percepção, existe um nível de responsabilidade de cada um, que contribui para a construção da imagem profissional, o que inclui escola, bibliotecários que fornecem e orientam estágios e organismos de classe:

- Eles reclamam muito, reclamavam muito que a associação não dava espaço para eles. Eles estavam fazendo, mas. [...] Acho que tem limites. Nós podemos ajudá-los em termos de conteúdo e a desenvolver essa postura. A prática disso vai ser nessa arena fora. Que é na associação. E os estágios ajudam muito porque as pessoas estão trabalhando. [...]

E aí se eles vêm que naquele trabalho as pessoas são respeitadas, têm uma postura, aquilo reforça o que a gente falou. Não tem um peso maior. Acho que é dividido, compartilhado esse peso. (Professor D)

Para o Professor E, embora a Universidade procure fortalecer uma parceria com a associação, seu relato é de que os profissionais são pouco atuantes. Segundo sua

percepção, esse fortalecimento da associação é importante inclusive para que a associação possa lutar pelos interesses profissionais e sociais, já que na própria capital do estado em que atua, nenhum dos órgãos possui o cargo de bibliotecário e os salários pagos aos profissionais não são altos. E, conforme suas palavras, “Então fica complicado você trabalhar questões salariais, questões até da educação continuada desses profissionais se você não tem esses movimentos associativos.”

Quanto ao Professor F, para ele o Conselho pertence a uma esfera normativa que é obrigatória, então poucos bibliotecários falam sobre ele. Quanto à Associação, segundo suas colocações, não há relatos sobre ela. Por outro lado, assim como o Professor D, este professor, conforme mostrada sua visão anteriormente, acerca dos estágios, tem posições bem críticas e que poderiam ser mais exploradas e estudadas de forma que a responsabilidade desse segmento pudesse ser melhor exercida. Mesmo se considerar a outra variável desse estágio, que é a remuneração, já que esse mesmo professor e o Professor E reconhecem que seus alunos pertencem a camadas socioeconômicas mais carentes e que essas bolsas podem ser um diferencial bastante significativo na vida de seus familiares, a exploração dessa formação mereceria ser realizada de forma mais integrada com o ambiente da universidade, em programas e avaliações conjuntos. Não se pode deixar de reconhecer a propriedade das palavras do Professor F quando critica a miopia dos alunos ao não atribuir o grau de importância devido à teoria aprendida na universidade, em contraposição às práticas dos estágios. Segundo sua percepção:

Quando o nível intelectual é baixo, uma aula teórica ou um esquema não muito específico, esse nível de abstração eu acho que falta: [...] eu estou aprendendo uma coisa que não vai resolver aqui e agora em lugar nenhum, mas que depois eu vou poder adaptar para [outras realidades], quando chegar o momento lá na frente. Ele não tem essa visão.

[...]

Aí quando ele vai num lugar que é muito mais simples: olha você pega isso aqui bota na estante, ele ah! Entendi! Agora sei! Agora estou seguro [...]. (Professor F)

Antes, esse Professor já havia discutido, também, a competência dos bibliotecários que orientam os estágios e sua preparação para essa função:

[...] em algumas disciplinas eles relatam que: olha eu aprendi mesmo foi no estágio. [...]. Eu aprendi mesmo foi no estágio. E aí isso me faz pensar o seguinte: com quem será que ele aprendeu? O que será que ele aprendeu que foi tão melhor, do ponto de vista dele, do que o que ele viu aqui? Será que foi a forma como foi colocado? Será que foi a simplicidade do que foi colocado? Aquela questão da prática e não do quando você está numa aula explorar todos os lados que a teoria tem, para você depois um dia sozinho resolver. (Professor F)

Assim, mesmo de formas variadas, em graus diferenciados e independentemente de um posicionamento positivo ou negativo com relação a cada um, percebe-se que todos os professores reconhecem que a formação e constituição da imagem profissional que o

bibliotecário constrói sofre influência da escola, dos professores, dos orientadores de estágio, dos organismos representativos de classe e da instituição em que atuam.

Nesse sentido, é oportuna a colocação do Professor B, quando perguntado sobre sua percepção em relação à existência de uma identidade dos bibliotecários. Conforme suas palavras:

Eu acho que tem dois universos, tem o universo da prática profissional e aí eu acho que os Conselhos exercem um papel importante nesse sentido de dar uma unidade dar uma cara, então acho que essas pessoas sim se vêem em alguma medida, em grau maior ou menor como possuindo uma identidade. Agora no universo acadêmico acho que é um balaio de gatos. As pessoas têm falado pela área muitas vezes não estão falando da posição da área, mas da posição delas. Se você conviver com as pessoas dos diversos cursos, são preocupações muito distintas, práticas muito distintas. As próprias inserções funcionais são muito diferenciadas, então um curso está faculdade de economia, outro está na faculdade de comunicação, outro está na de educação [...] no departamento de física e matemática. (Professor B)

Independentemente de se considerar uma responsabilidade excessiva para os professores que já possuem tantas atribuições, eles parecem ser, ainda, os mais importantes nesse contexto e que poderiam realizar algum tipo de trabalho de coordenação dessas diversas áreas. Essa coordenação não tem um sentido autoritário, mas fundamentalmente de acompanhamento desses graus de influência, correção de rotas, estudos sobre a influência dessas inserções funcionais dos cursos que formam os bibliotecários em todo o país e estímulo para que os alunos aprendam a atuar em equipes e que isso forme laços que perdurarão quando do ingresso na vida profissional. Essa experiência de se ver pertencente a um grupo, a uma organização, a uma profissão, a um segmento de atuação pode ser produtiva no exercício profissional, traduzindo-se em equipes que discutam e atuem de forma cooperativa, complementar, respeitando-se as diferenças, estimulando os pontos fortes e corrigindo os pontos fracos, criando, enfim, uma identidade profissional dos bibliotecários no Brasil. Pode ser que dessa forma, os reflexos da atuação dos profissionais não se traduzam pelo reconhecimento de um ou outro bibliotecário, mas de uma categoria profissional que tem um conjunto de competências a oferecer, o que leva ao questionamento do módulo seguinte, que trata da visão dos professores acerca do reconhecimento social para a profissão e seus profissionais.

- Reconhecimento social da profissão na visão dos docentes –

É recorrente na literatura técnica da área de Biblioteconomia que os autores expressem, seja por uma posição pessoal ou reproduzindo as falas de seus entrevistados, que a profissão bibliotecária não é reconhecida socialmente. Esse reconhecimento social não trata apenas do conhecimento da profissão, traduzido pelos muitos relatos que mostram

que é comum a pergunta “Biblio o quê?”¹⁵⁶, mas pelo grau de importância atribuído aos fazeres dos bibliotecários. Sobre essa questão, assim se manifestaram os professores:

- Alguns profissionais são reconhecidos e são por vários motivos: alguns pela competência, outros pela simpatia, outros pela capacidade de dar atenção a usuários carentes (alunos de pós-graduação em geral). Depende da pessoa. (Professor A)

- Não, eu não acho que é ela reconhecida não. Pouco valorizada, pouco reconhecida inclusive por quem deveria ter um conhecimento e deveria valorizar mais, ou seja o pessoal da educação. As próprias políticas educacionais para as bibliotecas escolares. Coloca lá o que, o professor com problema: que deu piti em sala de aula, que está querendo se aposentar etc. Não se contrata um bibliotecário, alguém que não vai fazer um trabalho fácil numa unidade de informação, que vai poder dar uma outra dinâmica no ensino. Então se a própria educação, ela tem esse desprezo, que dizer do resto da sociedade. (Professor B)

- Ela não é reconhecida não. Eu torço para que seja, mas ela não é reconhecida socialmente não. (Professor C)

- Eu acredito que hoje desde o final do século, as pessoas têm mais noção do que é ter um bibliotecário, do que é ter uma biblioteca organizada, de usar recursos da *Internet* que podem facilitar se ele conhecer algumas estratégias. Aos poucos as pessoas vão reconhecendo isso. (Professor D)

- Não. Começa quando você fala que é bibliotecário. O que que a pessoa fala: biblio o quê? Isso já é sintomático. Por isso que eu falo. Ah! Professora. O que que v. quer? Aí ele diz: Eu quero mostrar que a Biblioteconomia... Eu digo: então mostre fazendo. Você não precisa discursar porque ninguém vai escutar o seu discurso. Faça! Ah! Eu acho que a biblioteca tem um papel muito fundamental na ação cultural. Não discursa. Mostre então. Faça. Não espere que o empresário chegue e fale assim: olha bibliotecário você é muito importante! Que lindo o seu trabalho! Ninguém chega [...] para falar assim! Você é que tem que mostrar no seu dia-dia a sua competência. Dando respostas efetivas. (Professor E)

- Eu acho que não. Não tem. Tirando o meio acadêmico, [...] o bibliotecário é o cara que toma conta da biblioteca. Bibliotecário é o cara que está lá na biblioteca. E acabou. [...] Uma das coisas que me espantou, não sei onde é que eu li, conversando com um estrangeiro, bibliotecário e médico nos Estados Unidos, por exemplo, têm o mesmo *status*. [...] Pessoal fala bibliotecário, poxa bibliotecário tem *status* como se fosse médico, como se fosse engenheiro. [...]. A sensação que eu tenho é que a gente vive num deserto cultural. O Brasil é um deserto cultural. Isso também eu coloco para eles. Todas as turmas de graduação eu falo isso: estejam preparados para entrar numa biblioteca e fazer a mudança. Vocês não vão encontrar isso que eu estou descrevendo aqui, lá. Você vai ser o agricultor no deserto. Você vai ter que preparar a terra, trazer a água, trazer o fertilizante, criar todo o ambiente para depois você plantar. Não vai chegar lá e encontrar a coisa pronta. [...] Você tem que trazer tudo e fazer aquilo ali funcionar. (Professor F)

Essa pouca visibilidade social talvez explique um pouco do tom queixoso, ou crítico ou catastrófico que a literatura técnica sobre o bibliotecário apresenta. E esse ressentimento é perceptível para as pessoas de fora da profissão conforme depoimento do Professor E:

¹⁵⁶ Ver: CRUZ, Felipe Feitosa *et al.* **Biblio o quê?!**: conhecendo o profissional da informação. 2007. 104 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2007.

A minha filha [...] faz psicologia. Um evento em Brasília, esse último evento CBB¹⁵⁷, em Brasília, eu tive que urgente apresentar o trabalho porque a outra autora não podia. Não, deixar um buraco no evento é horrível! Então eu vou. E ela tinha que fazer também uma coisa lá em Brasília, então eu disse vamos, mas antes tenho que passar lá, fazer a apresentação e depois eu te deixo. Então ela ficou lá quietinha assistindo os trabalhos enquanto eu estava esperando a minha hora. Depois ela falou assim, meu deus, porque que o bibliotecário tem assim tanta necessidade de falar assim eu sou importante, eu sou importante. Vocês não estão convencidos de que vocês são importantes? Você já viu um médico falar assim para a sociedade: eu sou importante viu?! eu sou importante!

Ela até brincou com o Prof. [...] e falou assim: Prof. [...] quando eu me formar eu vou escrever um livro auto-estima para bibliotecário. Porque eu nunca vi um pessoal que não acredita na sua importância! Ela é do terceiro ano de psicologia e fez essa leitura pelas apresentações dos trabalhos que estavam lá.

Esse complexo de inferioridade é repassado de várias formas, mais ou menos subliminares, no contexto da profissão e fora dela. Na disciplina optativa “Profissional da informação”, ministrada no curso de mestrado e doutorado em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, no segundo semestre de 2003, uma bibliotecária da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa foi convidada a ministrar uma palestra relatando sua experiência de lidar com profissionais de outras áreas.

Conforme sua palestra, ela sentiu muita dificuldade, pois, assim colocou: “[...] imagine ela, bibliotecária, tendo que lidar com aqueles doutores pesquisadores [...]”. E, embora isso não queira dizer que ela não tenha sabido lidar com essa situação, se essa profissional, que pertence a uma organização que lida com a informação de maneira estratégica, que possui curso de doutorado, experiência docente e em treinamento, assim percebe essa troca com outros perfis profissionais, no contexto de Brasília, onde há várias unidades de informação que alcançaram uma respeitabilidade e uma projeção bastante evidentes, pode-se imaginar como se expressam, como se comportam em outros contextos, em que essas situações ocorrem, bibliotecários que se sentem do mesmo modo. Esses relatos requereriam também investigação mais aprofundada, para verificar a causa e as razões de os bibliotecários não saírem dos cursos com confiança no que sabem e no que podem apresentar aos seus empregadores reais e potenciais.

Certamente não é tarefa fácil reunir todos esses pontos e identificar de que modo é preciso trabalhar a construção desse profissional de forma que ele ingresse no exercício profissional consciente de suas dificuldades, mas também de sua capacitação. Inclusive pensando nas reflexões do Professor F sobre a duração e o conteúdo do curso e sua perspectiva de formação:

[...] o Brasil não precisa de arquitetos, o Brasil não precisa de médicos, o Brasil não precisa de veterinários. Nem de bibliotecários, nem de arquivistas. Não precisa! Acabou a fase que a gente precisava desses profissionais a qualquer preço. O Brasil

¹⁵⁷ CBB – XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, ocorrido em Brasília, em julho de 2007.

precisa de bons veterinários, bons médicos, bons arquivistas, bons bibliotecários. Acabou não é mais quantidade. Isso eu bato logo de cara eu já falo isso para eles. Quem quiser ser portador de diploma vai sumir na multidão. Tem que ser bom. [...] Senão você vai se perder na multidão. (Professor F)

- A pós-graduação em Ciência da Informação –

As perguntas relacionadas a esse tópico tinham, inicialmente, o propósito de identificar a visão dos professores acerca do exercício profissional dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia em ambientes e serviços de informação. Dessa questão derivaram-se outras, como a atração que esses cursos têm, ou não, para os próprios bibliotecários.

Para o Professor A, por exemplo, ambas as questões receberam a mesma resposta, ou seja, segundo sua percepção, tanto os bibliotecários pós-graduados quanto aqueles oriundos de outros cursos, somente terão melhores oportunidades dependendo da própria pessoa, pois “[...] não é a pós-graduação que fará diferença. Se teve um desempenho medíocre como aluno, como profissional, a pós-graduação não fará milagre, continuará sendo medíocre.”

Em certo sentido os demais professores ponderam na mesma direção, reconhecem que a pós-graduação pode diferenciar o exercício profissional, no caso dos bibliotecários, mas que a atração não é tão forte:

- Em relação aos meus alunos vários demonstraram interesse em fazer pós-graduação. Em continuar e seguir uma carreira acadêmica. Agora, a experiência que eu tive lá na ECA, metade do pessoal vem de outras áreas. Muita gente que estava fazendo lá, pessoal já mais velho, que esgotou seus recursos profissionais, voltou a estudar agora, ou porque cansou um pouco do que estava fazendo ou porque sentiu necessidade, mas de modo geral pelo menos lá em São Paulo, a gente percebe é que o pessoal espirra para o mercado de trabalho mesmo. Isso é fato. (Professor B)

- Eu acho que a pós-graduação em Ciência da Informação ele trabalha melhor essa concepção de interdisciplinaridade. [...] ela não prepara tecnicamente, mas ela acorda o profissional. Acorda porque vê a necessidade de você estar articulando com outras disciplinas, de estar formando uma *gestalt* nova. Eu acho que a pós ela contribui muito para a formação do bibliotecário. (Professor C)

- Com relação a se eles têm uma maior inserção eu acredito que sim. A gente vê hoje, por exemplo, nós temos muitos bibliotecários de bibliotecas universitárias indo fazer o mestrado. Melhora a interlocução com os professores e os pesquisadores. Porque sempre o pesquisador quanto mais elevado o nível de sua titulação, menos ele quer se esclarecer para perguntar as coisas. Infelizmente a gente vê isso nas áreas. E um bibliotecário em uma biblioteca universitária às vezes é considerado mais um funcionário da universidade. Se ele é um mestrando ou um doutorando, ou se ele já é um doutor, já é tratado diferente. Ele não é um funcionário comum. Ele é um igual. E até a forma de você conversar com ele e saber qual a pesquisa que ele está fazendo, em que fase da pesquisa ele está, para poder auxiliá-lo. Quando a pessoa só fez graduação ela não sabe desses problemas, ela não passou por eles. Então ela não entende a aflição de alguém que precisa daquele material agora. E eu acho que a melhor maneira [de] entender isso é quando a gente é bibliotecário e vai fazer mestrado ou doutorado. Porque a gente vê o que funciona e o que não funciona na prática. Então eu acho importante que os bibliotecários façam essa pós-graduação aí

também melhora, porque determinadas instituições de pesquisa já preferem alguém com mestrado ou doutorado. Se não eles vão investir na pessoa porque eles precisam disso. Então eu acho melhora bastante. (Professor D)

Sobre essas questões o Professor E observou que muitos alunos reclamam de terem que concorrer com pessoal da informática para fazer os cursos de pós-graduação em Ciência da Informação. De acordo com sua visão, entretanto, não é com reserva de vagas para bibliotecários nesses cursos que essa situação terá solução:

Não existe sorte nisso. Ou você pára e estuda, e estuda seriamente, ou você vai ficar fazendo cinco anos e vai ficar se sentindo coitadinho o tempo todo. Ah! porque tem que ficar concorrendo com a informática. Vai ter que concorrer com a informática sim! Vai ter que concorrer com a administração sim! Porque essa é a realidade. Porque se você for para uma empresa para [...] ocupar o seu lugar vai ter que concorrer com esses profissionais também. Mostrar para o que [...] vocês vieram. Então essa história da reserva de vaga para Biblioteconomia em pós-graduação, isso não tem a menor lógica!

Para o Professor F, a pós-graduação também é um fator importante para melhorar a competitividade dos bibliotecários. De acordo com suas palavras, o ingresso de pessoas de outras áreas contribuiu para aumentar o nível intelectual desses cursos:

Eu acho que agora o interesse é maior. [...] Eu acho que o engajamento na pós do bibliotecário também é maior. Porque quando a pessoa entra na pós, com a maior parte não é bibliotecário, tem um impacto tecnológico muito grande, [...] não só o nível intelectual é muito grande, mas vem com toda uma parafernália tecnológica que o bibliotecário se assusta. O que eu estou sentindo é que cada vez mais o bibliotecário que entra na pós ele não tem tanto medo quanto ele tinha, embora alguns alunos realmente sentem o impacto e refugam. [...] Ele olha, vê o nível e fala: eu tenho que me preparar mais. Senão eu não dou conta. O nível da pós eu acho que aumentou consideravelmente, a partir do momento em permitiu que o pessoal [de outras áreas] viesse. Então o nível da pós é um nível que não deixa a desejar para curso de pós-graduação nenhum! Pelo contrário! [...] Você vê pessoas inteligentíssimas assim, que você diz o cara podia estar em qualquer universidade no Brasil, mandando bala. Se ele é bibliotecário ou não, não interessa. Ainda bem! Porque isso significa que o bibliotecário que conseguir sobreviver nesse meio ele está pronto para qualquer coisa inclusive para pós em outras áreas. (Professor F)

Os dados dos questionários para essa pesquisa indicam que os bibliotecários com pós-graduação, especialmente mestrado e doutorado possuem uma visão mais positiva da profissão e estão entre os maiores salários. De todo modo, há outras variáveis nesse mundo da pós-graduação que é o exercício dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia. Sobre esse ponto alguns docentes não se manifestaram diretamente acerca dessa questão, reconhecem que os cursos atraem perfis diferenciados, alguns acreditam que esses pós-graduados estão preparados para atuar em determinados segmentos de informação, mas não todos, e que a entrada deles nos cursos tem contribuído positivamente para os próprios bibliotecários que também optam por seguir a linha de educação continuada com cursos *stricto sensu*.

Sobre esse ponto destaca-se a colocação do Professor E:

Teve inclusive uma reunião aqui [...] que o Conselho questionou essa situação. Olha o nosso papel, enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão é qualificar e não discriminar. Então eu não posso falar com o pessoal da informática [que] eu não vou qualificar vocês, porque isso é discriminação. O meu papel é formar. O exercício profissional, aí é coisa de vocês. [...] E a legislação diz que para atuar, ser diretor de biblioteca, só tem que ser formado em Biblioteconomia é a legislação [...] que vale. Quem quiser mudar essa legislação que vá lá no Senado, vá lá na Câmara e mude essa legislação. Então pode parecer até um pouquinho legalista, mas acredito que se tem a legislação, e que esse profissional, como eu te falei, não domina o núcleo *hard* da Biblioteconomia. [...] A gente não pode fechar a porta para outros profissionais, porque a combinação dos conhecimentos de diversos profissionais é uma combinação interessante. Mas existe um campo em que só o pessoal da informática vai poder atuar, um campo que só os bibliotecários vão poder atuar e um campo que só os administradores vão poder atuar. Aí é questão dos Conselhos de resolverem. Mas eu acho que o nosso papel, enquanto instituição de ensino superior a gente está fazendo. Legislação é outra questão. (Professor E)

Além das considerações efetuadas, bastante razoáveis sob todos os aspectos, os cursos de pós-graduação em Ciência da Informação deveriam acompanhar seus egressos para identificar se de fato eles estão investindo na área com pesquisas posteriores, se suas publicações são em periódicos da área e se passaram a participar dos eventos técnico-científicos da área. Ou se, ao contrário do que se pensa, o motivo dessa procura é tão somente o mesmo que, teoricamente, move os alunos que ingressam nos cursos de graduação em Biblioteconomia, ou seja: por considerarem mais fácil de ingressar e de cursar, optam por essa solução, pois sabem que a área, por esses contornos difusos que possui, aceita a orientação de pesquisas em quase todos os temas, com braços fortes na Administração, na Informática, na Comunicação, para citar apenas os casos mais comuns.

Estimular o acesso de um determinado perfil em detrimento de outros aos cursos de pós-graduação evidentemente não é solução nem jamais se preconizaria esse caminho. Mas estudar mecanismos de estímulo para ingresso dos bibliotecários e também para manter esses mestres e doutores com formações em outros cursos de graduação, com interesse mais longo na área seria uma forma de manter o espírito trans e interdisciplinar que tanto se reforça nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação. E esse ponto toca, inclusive, os bibliotecários. Na maior parte das vezes as próprias universidades não oferecem alternativas para aqueles egressos dos cursos de pós-graduação (aqui tratando de todos os perfis) que desejam continuar estudando e pesquisando na área. Uma vez obtido o título, a universidade de certa forma perde o interesse naqueles indivíduos, que com outros olhares, mais próximos até do mercado e da realidade do exercício profissional em ambientes diversos poderiam contribuir para o desenvolvimento da área com pesquisas, estudos ou mesmo com alguma forma de colaboração com o ambiente universitário, conforme tratado anteriormente.

5 Conclusões

Retomando os objetivos que nortearam esse trabalho, então, a pesquisa teve como proposta geral: verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, constroem a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa imagem são positivos.

Além disso, foram definidos os objetivos específicos de: verificar como os bibliotecários e o corpo docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação definem o que é o bibliotecário e o seu mercado de trabalho e que elementos se destacam nessa definição; identificar quais competências os bibliotecários e o corpo docente destacam sobre a profissão bibliotecária e para o profissional contemporâneo; examinar quais as condutas (morais e éticas) apontadas pelos bibliotecários e o corpo docente como essenciais na vida profissional do bibliotecário; verificar, entre as práticas da profissão, quais são as mais destacadas pelos bibliotecários, corpo docente e pela literatura técnica; identificar quais os valores e as crenças sobre os bibliotecários que os docentes transmitem aos alunos através da prática pedagógica e das disciplinas ministradas nos cursos para bibliotecários.

5.1 As conclusões dos questionários

Traçando-se um perfil do grupo dessa pesquisa, então, verifica-se que a maioria é de mulheres, a maior predominância da faixa etária situa-se entre 40 e 49 anos, uma pequena maioria com pós-graduação e, nesse caso, a maior parte com especialização. As escolas de formação estão distribuídas por todo o país, já que nessa pesquisa não foi controlada a mobilidade dos profissionais, mas a maior concentração foi de bibliotecários formados no Sudeste e no Nordeste. Com relação às escolas, aquelas que foram analisadas para a pesquisa, com exceção de São Paulo, situam-se nas capitais dos estados, onde parece, igualmente, que se concentram os bibliotecários em exercício.

Dentre as formas de conhecimento da carreira a maioria indicou que foi por contato com outros bibliotecários da própria família, ou vinculados de algum modo ao grupo familiar e o gosto pela leitura e pela pesquisa foram os aspectos mais indicados para explicar a motivação para a escolha da carreira. Para os participantes dessa pesquisa, a maioria atua em bibliotecas universitárias e especializadas e as organizações a que pertencem, em sua maioria, têm apenas um bibliotecário em seus quadros ou mais de três, com proporções semelhantes para um e outro caso.

Conforme identificado pelos participantes desta pesquisa, as organizações às quais pertencem atendem um número expressivo de usuários, sendo que o maior contingente indicou a faixa de até 2500. A maioria dos bibliotecários informou realizar entre uma e duas

diferentes atividades, que estão centradas em catalogação/classificação e/ou referência/pesquisa. Quanto ao salário, a maioria indicou que recebe até R\$3.000,00¹⁵⁸, dos quais a maior parte situa-se na faixa entre R\$1.500,00 e R\$3.000,00. As bibliotecas públicas, as escolares e os autônomos estão entre os grupos que recebem os menores salários.

Sobre os objetivos da tese, os resultados obtidos não podem ser conclusivos pela indicação de uma ou outra perspectiva de avaliação. O que pode ser inferido com algum grau de confiança é o de que há fatores que, pelos testes estatísticos realizados, influenciam a visão que os profissionais têm acerca das diferentes dimensões que compõem esse universo maior que é a profissão bibliotecária, nesse caso separando entre os que têm percepção mais positiva ou mais negativa. Quanto aos demais objetivos, os dados não são definitivos e apenas direcionam para a percepção sobre a forma como os docentes e os profissionais constroem a imagem profissional do bibliotecário e definem o que é esse profissional, assim como algumas das competências requeridas e que práticas são mais apontadas. Quanto a questões éticas, valores e crenças o que se pode é depreender alguns pontos e manifestações a partir das colocações feitas pelos dois grupos pesquisados, mas não pareceu haver um padrão norteador.

Nesse sentido, conforme análises no capítulo 4, verificou-se que a dimensão bibliotecários foi influenciada pelo ano de formatura, avaliação do curso, tipo de unidade de informação, número de usuários atendidos e salário, indicando, em cada segmento, que a visão mais positiva ou mais negativa tem relação com essas variáveis, o que mereceria um aprofundamento dos estudos nesse sentido. A dimensão Biblioteconomia, por sua vez, foi influenciada pelo número de bibliotecários e vinculação da organização para a qual trabalham. Já a visão sobre a dimensão mercado de trabalho teve a influência da avaliação do curso, tipo de unidade em que atua o bibliotecário e salário. Finalmente, a dimensão formação profissional sofreu influência de: idade, ano de ingresso, ano de formatura, avaliação do curso e número de usuários atendidos pela unidade de informação.

Por outro lado as variáveis: sexo, estado civil, atividade (para as pessoas que indicaram realizar apenas uma atividade), escola e região onde se formaram não influenciaram nenhuma das dimensões.

A partir do conjunto dos dados obtidos, é possível ter um quadro geral para essa pesquisa, que parece indicar alguns pontos acerca da visão geral a respeito dos próprios bibliotecários e sobre a profissão, mas não uma tendência sobre o que é mais evidente para esse grupo de pesquisa com respeito às diferentes dimensões. Em vários casos, pelos

¹⁵⁸ O salário mínimo vigente em 2007, de acordo com a Lei nº 11.498, de 7 de julho de 2007 era de R\$380,00, alterado a partir de 1º de março de 2008 para R\$415,00, pela Medida Provisória nº 421, de 29 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12 mar. 2008.

dados obtidos, foi nítida a divisão quase que simétrica e diametralmente oposta em relação à pergunta efetuada, entre aqueles que concordaram e os que discordaram da afirmativa feita.

5.1.1 As conclusões sob a perspectiva dos bibliotecários –

- Dimensão bibliotecários – dados quantitativos e qualitativos

Conforme esses parâmetros, então, com relação à dimensão bibliotecários, no que diz respeito aos dados quantitativos, para as perguntas fechadas, as respostas indicaram que a diferença percentual entre os que se sentem e os que não se sentem valorizados como profissionais da informação foi de aproximadamente 11%, sendo que a maior parcela informou que não sente que o bibliotecário é valorizado. Ao mesmo tempo, não consideram as bibliotecas espaços seguros e sem necessidade de preocupação com a concorrência, a despeito da proteção legal existente em razão da legislação que regulamenta a profissão.

A maior parte dos respondentes considerou que percebe tendência à acomodação e resistência a mudanças por parte dos demais bibliotecários, assim como sente que tem mais dificuldades de obtenção de recursos junto às unidades de informação para as quais prestam serviço. Não houve uma percepção clara nem em termos de concordância nem de discordância acerca da afirmativa sobre os bibliotecários serem demasiadamente apegados a detalhes, mas a maior parcela concordou que, de modo geral, os profissionais têm disponibilidade para atender seus usuários.

A maior parte dos profissionais que participaram dessa pesquisa não deseja mudar de profissão, têm orgulho de dizer que são bibliotecários e aconselhariam amigos a seguirem a carreira.

Com relação à parte qualitativa da dimensão bibliotecário, a compilação dos dados indica que os profissionais, desse grupo pesquisado, percebem que há estereótipos associados aos bibliotecários, tanto físico quanto comportamentais, em geral negativos, que são aqueles conhecidos e registrados pela literatura, de pessoas idosas, normalmente mulheres, usando óculos, ranzinzas e atentas à observância do silêncio pelos usuários. Mas há os positivos como pessoas dispostas a ajudar, que lidam bem com o público, que se preocupam em oferecer informação de qualidade e que organizam a informação com competência e foco no usuário. Associam os estereótipos ao desconhecimento da profissão e muitas vezes ao comportamento dos próprios bibliotecários. Alguns consideram que os jovens bibliotecários são diferentes e que esses procuram passar uma imagem diferente do passado. Conforme apontado, também, as tecnologias ajudaram tanto a dar maior visibilidade à profissão quanto diminuir essa associação negativa dos estereótipos.

Quanto às competências, na maior parte dos questionários foi constante associá-las com a importância da mediação da informação, ou seja, o usuário como o ente mais importante nesse mundo da informação. Muitos atributos foram levantados, especialmente associados aos comportamentos desejáveis e muito, novamente, associado ao atendimento ao usuário. Parece haver um reconhecimento de que há necessidade de uma cultura e formação geral mais sólidas, incluindo os idiomas, e que o conhecimento das possibilidades relacionadas às tecnologias são fundamentais, assim como o conhecimento de fontes de informação e de normas técnicas.

Conforme relatado no capítulo 4.2.4, a relação dos conhecimentos, habilidades e atitudes que são esperados ou que distinguem o bibliotecário de outros profissionais não apresentou muitas diferenças daqueles elencos atribuídos aos profissionais da informação na literatura. De certa forma concordando com o que a literatura técnica apresenta, as manifestações dos respondentes ratificam o que se espera de um profissional que se pretenda atualizado, dinâmico, útil à sociedade de forma que possa ser reconhecido por suas qualidades.

Em alguns dos questionários foram feitas críticas em relação à atitude de seus pares como apegados ao passado, dissociados das demandas de seus usuários e avessos ao aprendizado contínuo. A maioria não acha que o bibliotecário é reconhecido socialmente e ainda acrescentou que percebe uma desvalorização dos trabalhos realizados por eles, mas atribui esse baixo reconhecimento tanto ao comportamento negativo dos próprios profissionais, que não se empenham, não têm postura profissional e não são capacitados, quanto do desconhecimento da profissão pela maioria das pessoas. Esse desconhecimento apontado por muitos foi associado à baixa importância da educação no país e também à fraca atuação dos organismos representantes de classe que, segundo percepção de vários profissionais, não se movimentam com essa finalidade. Mas, mesmo com uma visão negativa, de modo geral os profissionais acham que poderia e deveria haver ações para mudar essa situação, o que sugere que valorizam a profissão em detrimento de um quadro aparentemente tão diverso, em consonância com os dados obtidos na parte quantitativa, sobre sentirem orgulho de serem bibliotecários.

- Dimensão Biblioteconomia – dados quantitativos e qualitativos

Sobre a dimensão Biblioteconomia, relacionada aos dados quantitativos, para esse grupo da pesquisa verificou-se que a maioria acha que a legislação deveria ser ampliada para garantir a presença dos bibliotecários em outros espaços de informação, embora tenham apontado que a profissão bibliotecária é mais voltada para o trabalho em bibliotecas, centros de informação e documentação.

Não houve diferença significativa de opinião entre os que concordam e aqueles que não concordam que o atendimento ao usuário é o que melhor traduz a profissão, assim como também não houve uma definição clara acerca de ser a Biblioteconomia uma boa profissão para a iniciativa individual.

A maior parte dos respondentes concorda que são poucas as chances de ascender a cargos de direção fora dos ambientes tradicionais de atividade dos bibliotecários, do mesmo modo que discorda das afirmativas de que para atuar em gestão da informação o perfil ideal é do pessoal de informática e de que a automação de produtos e serviços tende a diminuir a importância do trabalho dos bibliotecários.

Na parte qualitativa dessa dimensão, na pergunta sobre o exercício dos pós-graduados sem graduação em Biblioteconomia o posicionamento parece tender para a discordância com o argumento de que eles não poderiam atuar em trabalhos para os quais os bibliotecários são treinados ao longo dos anos de graduação. Mas existem os francamente favoráveis tanto motivados pela questão da multidisciplinaridade, quanto para servir de estímulo de forma que os profissionais percebam que estão perdendo terreno e devem tomar providências no sentido de melhorar a qualidade da atuação e ter uma postura mais assertiva com relação ao exercício profissional.

A segunda pergunta solicitava que os respondentes especificassem os elementos que julgassem relevantes para caracterizar e distinguir a profissão e, nesse caso, as respostas concentraram-se em quatro grandes eixos que foram: organização da informação, atendimento ao usuário, atuar em pesquisa, além de um grande número de outras repostas que tratavam de considerações sobre a profissão, sobre postura profissional e outros nessa linha.

De modo geral, percebeu-se que as atividades mais tradicionais dos bibliotecários estão mesmo entre as mais destacadas pelos respondentes, o que parece indicar que as tecnologias, que foram incorporadas à quase totalidade das rotinas, apenas contribuíram para reforçar esses trabalhos. Não foram, entretanto, apontados outros caminhos, pelo menos na visão do grupo participante da presente pesquisa.

- Dimensão mercado de trabalho – dados quantitativos e qualitativos

Para a dimensão mercado de trabalho e tecnologias da informação, na parte quantitativa, a maior parte considera que a gerência de bibliotecas deveria ser de atribuição exclusiva de bibliotecários, dado que se coaduna com a concordância acerca de sentirem que a legislação nesse sentido deveria ser ampliada. Não houve definição clara quanto à chefia imediata ser ou não ocupada por um bibliotecário ou por profissional com outra formação. De todo modo, para aqueles que indicaram possuir chefias com outros perfis, a maior parte considerou que eles respeitavam e compreendiam o trabalho dos bibliotecários.

Quanto ao atendimento aos usuários, grande parte informou que a forma presencial é a mais comum e que a automação de produtos e serviços não diminuiu a importância desse serviço. Da mesma forma, a maior parte considera que sua atividade é importante para a realização dos objetivos da organização para a qual trabalha, mas essa importância, na percepção dos bibliotecários, não parece reverter em maiores chances de melhoria na carreira, já que não foi um dado conclusivo nem para a concordância nem para a discordância. Essa mesma indefinição foi o resultado da pergunta acerca da possibilidade de realização das próprias idéias sem maiores barreiras.

Quanto ao aspecto de as atividades dos bibliotecários serem rotineiras, a maior parte discordou, assim como discordou de ser um fato positivo se a organização não muda muito ao longo do tempo.

Na parte qualitativa da dimensão, conforme analisado no capítulo 4.2.4, a primeira questão pretendia identificar a relação dos bibliotecários com as tecnologias de informação e de comunicação. Conforme dados obtidos para o grupo desta pesquisa, as mudanças foram muitas e positivas e têm relação com melhorias nos sistemas de automação de bibliotecas, informatização dos processos e, sobretudo houve um diferencial profundo com a *Internet*. A rapidez no tratamento e disseminação de informação, aumento do volume de informações à disposição dos usuários na rede, a informatização dos acervos, integração de produtos e serviços, maior alcance dos trabalhos realizados e democratização do acesso aos acervos foram ressaltados. Essas questões são importantes sob todos os aspectos e de fato resultam em maior visibilidade profissional, mesmo que não necessariamente se traduzam em reconhecimento pelo trabalho dos bibliotecários. Conforme observado pelas respostas, a ampliação quantitativa e qualitativa na oferta de produtos e serviços aos usuários, além de o mercado, aos poucos, parecer estar se abrindo para essa categoria profissional, num reconhecimento das competências adquiridas em relação à organização de conteúdos de informação em qualquer ambiente podem ser úteis para aquela organização.

Sobre os nichos de mercado, continuam sendo apontados com maior número as bibliotecas, mas muitos colocaram que seria onde houvesse necessidade de informação. Também nessa questão foram feitas mais críticas aos bibliotecários e à sua atitude.

- Dimensão formação profissional – dados quantitativos e qualitativos

Na última dimensão, que tratava de formação profissional, os dados quantitativos, então, indicam que os bibliotecários que responderam ao questionário concordaram que seus professores foram comprometidos com a qualidade de ensino e que contribuíram de forma decisiva com a visão que possuem da profissão. Quanto à formação básica do corpo docente, não houve definição nas respostas, pois existem diferentes perfis atuando nos

diversos cursos, o que foi identificado pela caracterização das escolas pesquisadas, no capítulo 3.4.1.

Em relação aos conhecimentos adquiridos na graduação, a maior parte concordou que tanto permitem atuar em outras áreas e não apenas na Biblioteconomia, quanto considerou que a formação foi eficiente para que pudessem exercer a profissão quando se formaram. Mas grande parte também considerou que pela formação que receberam, o melhor espaço de atuação ainda é o das bibliotecas.

Acerca da aprendizagem relacionada às tecnologias de informação a maior parte considerou que deveria haver maior ênfase, mas não para desenvolver programas, e sim para organizar conteúdos, do mesmo modo que reafirmou a importância da formação humanista. Quanto à formação especializada em alguma área não houve uma definição significativa, mas uma tendência a concordar com essa possibilidade.

Tanto quanto os professores, a maior parte considerou positivo o exemplo percebido em relação aos profissionais em atuação no mercado durante realização de estágios extracurriculares, na fase de graduação.

Sobre as disciplinas que deveriam ser ministradas para que os bibliotecários pudessem concorrer no mercado com qualidade, a maioria apontou sobre a importância de aprofundar os conhecimentos em tecnologia da informação, mas nada de muito diferente do que as universidades já oferecem. Conforme apuração dos dados, a formação humanista e de conhecimentos gerais foi bastante demandada, talvez por deficiência na educação de base que os profissionais percebem e que alguns professores apontaram. Também nesse item foram efetuadas mais críticas aos bibliotecários e seu comportamento, já que para muitos o currículo é bom e os profissionais é que não se esforçam para atuar com mais qualidade. De fato, os currículos das escolas analisadas parecem ser abrangentes e procuram, de modo geral, oferecer uma formação ampla, que possibilite ao bibliotecário exercer sua atividade em variados locais e com diferentes temas ou especialidades, embora o aprofundamento do conhecimento específico no assunto ou especialização do local de trabalho tenha sido considerado importante por alguns dos participantes da pesquisa.

Quanto à influência dos Conselhos, associações e demais organismos de classe na visão sobre a profissão, a maior parte não percebe haver e o espaço foi utilizado para críticas, manifestações várias sobre o desagrado com essas organizações, desconhecendo que as mesmas são compostas pelos próprios bibliotecários, que teriam a responsabilidade coletiva de tentar fortalecer os laços, comparecer aos eventos programados e lutar por causas coletivas como o várias vezes mencionado piso salarial para o profissional. Com relação à inexistência de piso salarial e sobre os salários oferecidos serem baixos, foram queixas recorrentes, assim como a necessidade de fiscalização do exercício irregular da profissão, sobretudo nas bibliotecas escolares, aspectos que contribuem, na visão dos

bibliotecários, para a baixa visibilidade e pouco reconhecimento social da profissão. Todos esses pontos deveriam ser mais fortemente observados pelas organizações representativas da categoria, na visão desse grupo da pesquisa.

- Eventos e espaço aberto –

No questionário foi incluída, também uma pergunta que solicitava a informação acerca de nomes de eventos ou ações de treinamento nos quais os bibliotecários participaram nos últimos 24 meses¹⁵⁹ e foi colocado um espaço aberto para livre manifestação. Sobre os eventos os mais indicados foram os congressos e seminários, notadamente o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação-CBBB e o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias-SNBU, além de vários cursos especializados, de temas variados. Esse é um dado compreensível, já que como o CBBB abrange todos os segmentos de informação e apresenta também inovações na área, é sempre um bom momento de ter algum nível de reciclagem, igualmente pelos cursos que são oferecidos. Deve-se lembrar, também, das dificuldades de conseguir verbas e permissão de ausência pelas organizações, o que embora não tenha sido perguntado diretamente, foi colocado por diversos profissionais. Quanto ao SNBU, considerando-se que o maior contingente de bibliotecários, pelo menos nesta pesquisa, parece atuar nas bibliotecas universitárias, então esse evento se torna bastante importante.

O espaço aberto contou com várias manifestações, cujos conteúdos não tiveram necessariamente relação apenas com a imagem profissional. Muitos colocaram explicitamente suas frustrações com relação à profissão, seus descontentamentos com muitas situações percebidas, demonstraram um certo desagrado com o que percebem dos colegas de profissão, explicitaram que sentem que muitos realmente não gostariam de ser bibliotecários e por conseguinte não se esforçam por merecer a profissão.

Outro grupo demonstra bastante entusiasmo pela profissão, mesmo reconhecendo que há problemas, que os salários são baixos, que a valorização profissional quase não ocorre para a categoria. Entretanto, percebem que pessoalmente são valorizados, respeitados e ouvidos em suas organizações e que essa situação é fruto de esforço cotidiano pelo trabalho que fazem e se sentem realizados e recompensados por sua dedicação. Muitos agradeceram pela oportunidade de participarem da pesquisa, talvez com uma indicação de que se houvesse mais canais de comunicação e de livre expressão de suas idéias, desconfortos, alegrias e tristezas, talvez houvesse maiores chances de agregação, de formação de laços profissionais e de fortalecimento da identidade entre os bibliotecários.

¹⁵⁹ O questionário foi distribuído entre abril e outubro de 2007. Assim, últimos 24 meses refere-se à participação em ações de treinamento que retroagem ao ano de 2005.

Essa percepção de necessidade de pertencimento permeou várias colocações nesse espaço aberto, mesmo naquelas em que as críticas foram bastante contundentes. De todo modo, muitas delas não eram de desesperança ou desistência sobre os rumos da profissão, mas de reforço no interesse de que a classe se aglutine em torno de idéias, de ideais, de projetos de informação para a sociedade. O senso de responsabilidade social ficou latente, também, em várias dessas colocações e mesmo nas demais perguntas abertas do questionário.

5.2 As conclusões das entrevistas

Sobre essas mesmas questões colocadas para os bibliotecários, mas sob a perspectiva docente, percebeu-se as mesmas oscilações entre a constatação de que a maior parte dos bibliotecários não se forma por vocação, mas muito mais por conveniências outras que perpassam as possibilidades de ingresso em uma universidade federal, ou a insegurança sobre a própria capacidade de tentar outras carreiras, embora, pelos questionários, a opção “ser mais fácil o ingresso”, como motivação na escolha da carreira não tenha sido o fator dominante. Com relação aos professores entrevistados, temas como valores da profissão, identidade, postura não fazem necessariamente parte das ementas das disciplinas que ministram, mas de algum modo são trazidas para a sala de aula tanto por demandas e dúvidas dos próprios alunos quanto por questões mais pragmáticas ligadas ao comportamento dos alunos, que não são, de modo geral, para os professores entrevistados, muito engajados em sua formação profissional.

Outro ponto percebido foi de que nenhum dos entrevistados tem uma postura paternalista com os alunos. Reconhecem que eles chegam à universidade sem vocação, que desconhecem no que se transformarão, reconhecem que, em muitos casos, têm origem socioeconômica em classes menos favorecidas, que têm deficiências em sua formação básica, mas colocam essas questões aos alunos como mais um desafio que eles têm que vencer para serem melhores. Nesse sentido tentam, em suas práticas pedagógicas, contribuir para que todas essas barreiras se transformem em motivação, que sejam futuros profissionais proativos e conscientes de suas capacidades. Alguns reforçam, também, o fato de que mais que discursos eles precisam de competência.

De forma mais ou menos explícita os professores percebem a influência que têm na construção da visão sobre a profissão que o aluno está desenvolvendo e, por isso, mesmo quando não é parte de suas disciplinas, esses pontos são debatidos quando surge a oportunidade. Poucos se manifestaram sobre se percebem ou não que os bibliotecários possuem uma identidade profissional no Brasil e um dos professores considerou que se a

própria vinculação hierárquica das escolas de Biblioteconomia no Brasil é tão diferenciada¹⁶⁰ é difícil falar em uma identidade. Para ele é nesse ponto que se inserem os Conselhos de Biblioteconomia, tão criticados pelos bibliotecários, que deveriam e de certa forma atuam para permitir que seja desenvolvido algum laço identitário.

Outro ponto levantado junto aos professores foi sobre a forma como as disciplinas são apresentadas aos alunos, se existe alguma conexão ou articulação explícita entre elas, no sentido de ensinar aos alunos a relação entre tratamento técnico e recuperação da informação, entre desenvolvimento de sistemas de informação e normas e técnicas de tratamento, entre as diversas disciplinas de formação geral e o exercício da profissão. Não houve consenso sobre a existência institucionalizada dessa postura de os professores mostrarem a relação entre as diferentes disciplinas. As resultantes desse modo fragmentário de formar o bibliotecário, também na visão de alguns docentes entrevistados, são levadas para o exercício profissional, redundando em bibliotecários que têm dificuldade de dialogar e de perceber o efeito de suas ações na atividade dos demais companheiros, em resumo, de perceber o trabalho de modo holístico.

De modo geral os professores percebem que os organismos de classe deveriam ter uma participação mais efetiva no processo de formação profissional dos bibliotecários, alguns deles relataram que trabalham no sentido desse estreitamento de relações, mas isso não é uma prática comum a todos dessa pesquisa. Por outro lado, os professores reconhecem que o estágio é um fator relevante e que mereceria ser acompanhado de forma mais efetiva pelas escolas, pois são importantes pontos de formação do perfil profissional, podem servir de estímulo a alunos desestimulados, mas também podem interferir no processo pedagógico, se não for conduzido de forma integrada com as ações da escola.

Os professores consideram que a profissão não é reconhecida socialmente embora alguns achem que essa situação já mudou um pouco. Mesmo assim, não pareceu haver políticas das diferentes escolas para tentar atuar nessa frente, se é que isso seria papel delas. Sobre o exercício dos pós-graduados, as respostas dos professores foram mais no sentido de que os bibliotecários não têm sido atraídos, embora achem que aqueles que se interessam acabam se sobressaindo de algum modo na profissão, o que, nesta pesquisa, foi confirmado pela média salarial mais alta que os pós-graduados possuem.

Considerando-se o perfil dos docentes, a formação de graduação diferenciada deles parece ser percebida como uma característica positiva, na medida em que possibilitaria aos futuros bibliotecários adquirir conhecimentos mais aprofundados de cada um dos docentes, permitindo, desse modo, melhorar as suas competências.

¹⁶⁰ Ver capítulo 3.4.1 sobre as características das escolas pesquisadas.

5.3 As conclusões e os objetivos

Em relação aos objetivos, então, embora os dados não possam ser considerados conclusivos, conforme colocado anteriormente, no sentido de uma resposta exata às proposições formuladas, podem ser feitas inferências que direcionam para a compreensão do fenômeno representações acerca da imagem profissional expressada pelos bibliotecários e pelos professores. De todo modo, não necessariamente os dados expressam uma escala de valor para negatividade ou positividade, tanto na perspectiva dos docentes quanto dos bibliotecários.

Pelos dados obtidos, assim, pode-se identificar alguns elementos constitutivos da definição dos bibliotecários e de seu mercado, quais as competências e quais as práticas mais destacadas. Assim, para essa pesquisa, os bibliotecários são vistos, de modo geral, como acomodados, resistentes a mudanças, existem estereótipos associados a eles, que não necessariamente correspondem à realidade, tendem a ser prestativos no atendimento aos usuários, aos quais atribuem bastante importância relacionado-os a praticamente todas as ações das unidades de informação.

Consideram que a profissão não é valorizada e atribuem essa desvalorização a algumas causas, dentre as quais destacaram: o comportamento daqueles profissionais que não se empenham em melhorar e propiciar um serviço de qualidade aos seus usuários; a baixa atenção que a educação e as bibliotecas recebem dos governos no país, o que tem como consequência o desconhecimento da profissão pela sociedade, que não oferece bons serviços de informação à população em geral; e à pouca distinção das competências dos bibliotecários em relação aos demais profissionais que atuam nas unidades de informação que, em muitos casos nem os possuem em seus quadros. Percebem que quanto maior o grau de instrução das pessoas maior é tanto o conhecimento quanto a valorização dos trabalhos realizados pelos bibliotecários, considerando, em certa medida, um trabalho elitizado.

Percebe-se que a classe incorporou as tecnologias de informação em suas rotinas, mas ainda tem uma sensação de que haveria necessidade de maior treinamento na área. Sobre treinamento, no caso desta pesquisa, observou-se que houve uma divisão quase que pela metade daqueles que investiram e daqueles que mantiveram-se na graduação, sem fazer cursos de pós-graduação. Daqueles que prosseguiram a maior parte optou por cursos de especialização, considerando-se a educação continuada realizada de forma institucionalizada, por cursos formais. Não foram apontadas ações individuais de estudo ou treinamentos informais no ambiente do trabalho. Não houve, entretanto, uma definição clara sobre quais as atividades que se destacam para os profissionais, mas os pólos entre o

atendimento ao usuário e a organização da informação foram citados em diversas partes dos questionários.

No caso dos professores, embora as opiniões não tenham constituído uma tendência, a análise das entrevistas conduziu à construção de um quadro que, pela percepção dos docentes entrevistados, indicou que o ingresso ao curso é feito, de modo geral, por pessoas que não possuem vocação para a área. Por outro lado, a forma como o curso é conduzido, com pouca articulação formal entre as disciplinas, reflete-se de alguma maneira no modo compartimentalizado dos profissionais no exercício profissional.

5.4 As conclusões e as hipóteses

Retomando o problema de pesquisa proposto, que foi o de identificar que fatores influenciam a auto-imagem profissional dos bibliotecários no Brasil, serão analisadas as hipóteses formuladas para o presente trabalho, em relação aos resultados obtidos:

- A primeira hipótese foi de que a auto-imagem dos bibliotecários no Brasil tende a ser negativa em virtude de os profissionais perceberem que a profissão não é valorizada pelos outros e nem pelos próprios bibliotecários. Mesmo não sendo possível identificar se a imagem é positiva ou negativa de forma global, o grupo desta pesquisa concordou que os bibliotecários não são mesmo valorizados nem pela sociedade em geral nem pelos próprios bibliotecários o que, segundo percepção de muitos é consequência do comportamento dos próprios pares. Assim, a hipótese foi parcialmente confirmada, na medida em que confirmou-se a percepção de não valorização e reconhecimento da profissão.
- A segunda hipótese dizia que as representações profissionais dos bibliotecários no Brasil têm relação com a baixa média salarial que o bibliotecário recebe. Nesse caso, os testes estatísticos indicaram haver relação entre salários mais baixos e visão mais negativa da profissão, o que confirma a hipótese, especialmente nas dimensões bibliotecários e mercado de trabalho.
- O corpo docente, durante o período de formação, não atua diretamente para reverter a tendência de representações profissionais negativas dos bibliotecários no Brasil, que foi a terceira hipótese, não foi confirmada. Pela análise das entrevistas com os professores ficou evidenciado que mesmo que tratar de questões vinculadas a valores e atitudes na formação não seja objeto das respectivas disciplinas, os docentes entrevistados procuram, no geral, incentivar e promover a profissão seja por meio de ações, de pesquisas ou de manifestações de opiniões sobre as competências que os alunos precisam buscar para reverter o quadro geral de negatividade em relação à imagem da profissão. Por outro lado, a maior parte dos

bibliotecários considerou que os professores foram comprometidos com a qualidade de ensino e contribuíram para a formação da imagem da profissão.

- A quarta hipótese, que dizia que as representações profissionais dos bibliotecários no Brasil tendem a ser mais positivas se seus superiores são bibliotecários também não foi confirmada, pois a relação com chefes que não são bibliotecários foi apontada pelos que se enquadraram nesse caso, como sendo positiva.

- Quanto à quinta hipótese, de que as representações profissionais dos bibliotecários no Brasil tendem a ser mais positivas se a avaliação do curso de graduação foi positiva, foi confirmada pelos dados obtidos pelos testes estatísticos que indicaram que a opinião sobre os cursos influencia a visão. Nesse caso, a avaliação mais negativa do curso, redundava em visão mais negativa das dimensões.

- Finalmente a última hipótese dizia que bibliotecários com mais tempo de formação e mais idade tendem a ter uma imagem mais negativa da profissão¹⁶¹, que não foi confirmada já que o que se identificou, pelos dados dessa pesquisa, foi que a visão mais negativa esteve mais associada aos jovens e não às faixas etárias mais elevadas.

6 Síntese geral

Esta pesquisa procurou identificar as representações relacionadas à profissão dos bibliotecários, tanto sob a perspectiva dos próprios profissionais, quanto dos docentes dos cursos de graduação. Com relação aos bibliotecários, os dados coletados procuraram captar suas manifestações acerca do modo como interpretam a profissão; de que forma analisam as possibilidades de mercado em relação à formação que recebem; como percebem a influência da escola na formação da auto-imagem profissional; e, finalmente, se as visões variam em função da região que atuam ou das atividades que desenvolvem.

Sob a perspectiva dos docentes, as entrevistas buscaram perceber a opinião sobre: a inserção de questões sobre ética, sobre imagem profissional e sobre mercado de trabalho nas disciplinas pelas quais são responsáveis nos cursos em que atuam; a existência de conexão e de encadeamento entre os conteúdos das diferentes disciplinas ministradas ao longo do curso; a importância, ou não de passar aos discentes a idéia de continuidade e de relação entre as disciplinas ou se elas são ministradas de forma estanque; a visão dos professores em relação à profissão no tocante ao mercado, postura e influência deles na formação da imagem profissional dos bibliotecários.

¹⁶¹ A definição de maior ou menor idade é relacionada à expectativa média de vida de homens e mulheres no Brasil e a de mais ou menos tempo de formação de graduação é considerada em relação ao tempo mínimo de atuação de homens e mulheres no Brasil até que possam se aposentar.

O trabalho foi fundamentado na teoria das representações sociais, sob a perspectiva de Serge Moscovici, que parte da compreensão dos indivíduos acerca de determinado fenômeno, ou grupo social e de sua expressão a respeito. Ainda conforme essa teoria, então, aquilo que um indivíduo entende como sendo um retrato de si mesmo provavelmente está coerente com o pensamento coletivo sobre esse grupo, seus modos, comportamentos e estruturas sociais.

Embora a forma como as representações nascem não tenha sido estudada, pôde-se perceber, pelas respostas dos questionários e narrativas dos docentes, que as representações profissionais dos bibliotecários parecem ter sido construídas por intermédio tanto de informações que os indivíduos recebem diretamente, desde a fase de escolha da carreira, quanto no próprio processo de formação e também pelos processos de comunicação científica da área. De todo modo, retomando Moscovici (2003, p. 37), esses “[...] sistemas de classificação e imagens que circulam [...]” no grupo social dos bibliotecários, parecem encontrar algum consenso acerca de pontos específicos, como a percepção dos profissionais sobre seus pares, a importância das tecnologias de informação para a profissão e o reconhecimento social desse grupo ocupacional, conforme percebido pelos participantes dessa pesquisa.

A caracterização da área com concentração mais explícita nos dois grandes eixos que foram a organização de informação e a pesquisa, encontra respaldo em alguns autores que definem as representações, como sendo uma forma de compreender e compartilhar conhecimento, estabelecer a comunicação entre os membros desta comunidade profissional (CARDOSO, 2000; JODELET, 1988; JOVCHELOVITCH, 1996; LAHLOU, 1996; VOELKLEIN e HOWARTH, 2005; WAGNER *et al.*, 1999) e, conforme definição de Abric (2000, p. 30), pode-se definir as representações como: “[...] uma visão funcional do mundo que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar sentido à suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo assim ao indivíduo se adaptar e encontrar um lugar nesta realidade.” Assim, a “redução” do trabalho bibliotecário nesses dois pólos, fortalece a identidade da área e permite a comunicação entre os pares, já que parecem ser os mais representativos para esse grupo pesquisado.

Do mesmo modo, retomando a discussão sobre os estereótipos – tanto os positivos quanto os negativos – associados aos bibliotecários, pelo grupo da pesquisa e pela literatura técnica, ainda reconhecidos pelas novas gerações, talvez seja, em realidade, uma forma de lidar com essas incertezas do mundo e ancorar entre os conceitos de bons e maus estereótipos. Do mesmo modo, percebe-se que novas representações estão nascendo, considerando-se os eventos externos que interferem no grupo dos bibliotecários, como as tecnologias de informação e de comunicação, a emergência de outros perfis atuando na

área de informação e os contornos difusos da área, que as normas que regem a profissão não são suficientes para “proteger” os indivíduos e o grupo.

Embora os dados da presente pesquisa não sejam extrapoláveis para a população de bibliotecários do país, considerando-se que as amostras não foram probabilísticas, e nem representem a visão de todos os docentes que atuam nas graduações das escolas no Brasil, pois tratou-se de uma pesquisa exploratória, foram obtidas algumas indicações sobre variáveis que influenciam a auto-imagem dos bibliotecários, que incluem número de profissionais na equipe de trabalho, avaliação do curso que realizaram, tipo de unidade de informação que atuam e salário que recebem. Esses dados requerem aprofundamento, pois alguns não encontraram nenhuma indicação na literatura, como, por exemplo, o ano de formatura e o ano de ingresso.

Mas a questão da imagem é relevante, conforme Costa (2002, p. 46), pois pode influenciar vários aspectos da vida pessoal e profissional dos indivíduos, dependendo de sua percepção ser positiva ou negativa.

Os instrumentos de coleta de dados e a perspectiva de análise dos conjuntos de informações obtidos igualmente foram desenvolvidos tendo por base a construção das informações a partir das narrativas dos indivíduos, confrontando, em alguma medida com esses fatores que permeiam esse grupo, que são as normas que regem a profissão, o código de ética, que pretende inserir um aspecto identitário para os bibliotecários e a literatura técnica. Sob esses ângulos, foi possível perceber as unidades que permearam esses pensamentos expressos e, em algum nível, a visão dos bibliotecários acerca de sua percepção sobre a Biblioteconomia, sobre os pares, sobre o mercado e sobre sua própria formação profissional, emergindo aqueles pontos que foram comuns e mais destacados pelos participantes dessa pesquisa. Igualmente, percebeu-se que aspectos como valores, identidade e estereótipos, encontram suas raízes no senso compartilhado pelos membros do grupo.

Foi possível perceber, também, que os participantes dessa pesquisa têm orgulho de se apresentarem como bibliotecários e indicariam a profissão para amigos, o que pode indicar que essa identidade com a profissão foi adquirida ao longo do exercício profissional, o que poderia ser melhor explorado por todos os sub-grupos que atuam nesse contexto.

- Perspectivas de estudos futuros –

Essa pesquisa não investigou alguns pontos como a migração de profissionais de um estado para outro, não analisou a relação entre os salários recebidos e as escolas de origem dos profissionais, não identificou diferenças em relação à remuneração e oferta de trabalho para os que atuam em capitais e os que atuam em outras localidades.

Além disso, algumas questões se colocam como desafio para estudos futuros acerca da profissão. Não se pode afirmar que a visão geral sobre a profissão é negativa ou positiva, dessa forma polarizada. Percebeu-se, entretanto, que as opiniões situam-se numa linha tênue que, mais do que bom ou ruim, são mais realistas e duras com relação aos profissionais. Talvez esse posicionamento seja resultado da maior concorrência tanto entre os próprios profissionais, quanto de outros perfis que emergiram no mundo da informação e que têm pressionado pela ocupação dos espaços. De todo modo, a visão sobre o outro acomodado, resistente a mudanças entre outros adjetivos depreciativos e constantes desta pesquisa utilizados pelos próprios profissionais e de algum modo pelos docentes, para avaliar os bibliotecários mereceria atenção dos organismos que têm por função formar, fiscalizar ou mesmo representar os bibliotecários.

Outro ponto a investigar seria essa aparente desatenção com as associações e Conselhos e a isenção de responsabilidade da maioria, que expressou seu desagrado com essas instâncias como se delas não fossem os principais representantes e que deveriam ser os mais empenhados em participar, interagir e integrar. O que se observou foi que não se forma nos bibliotecários essa noção de pertencimento com relação à classe e com todos os organismos que integram esse conjunto. E talvez isso merecesse ser mais bem compreendido, quando em outras profissões os Conselhos são atuantes politicamente e influenciam decisões sociais, as associações são reconhecidas e consideradas importantes, diferentemente do que ocorre com os bibliotecários.

Mesmo no início do século XXI e ainda que o ingresso de alunos do sexo masculino tenha aumentado relativamente, a imagem negativa associada às mulheres velhas ainda perdura, o que igualmente poderia ser examinado em pesquisa específica que focalizasse o gênero e as avaliações negativas ao bibliotecário, de modo a evitar o reforço negativo dessa associação, que ainda persiste no imaginário e nas palavras de muitos autores.¹⁶²

Quanto aos professores e às disciplinas, parece que haveria necessidade realizar pesquisas que explorassem as relações de ensino aprendizagem, no sentido verificar se a institucionalização de questões como valores, ética, identidade, respeito pela profissão como integrantes de todas as disciplinas, contribuiria para formar bibliotecários com maior espírito de coletividade e que trouxessem, para o exercício da profissão, uma visão mais de conjunto e de que discursos e práticas, se alinhados, podem redundar em maiores benefícios tanto para os profissionais quanto para a sociedade. Nesse mesmo sentido, a noção de articulação e de dependência entre as diferentes disciplinas poderia ser mais claramente colocada aos alunos de modo que se formassem com essa noção mais holística e menos compartimentalizada como alguns professores manifestaram perceber. Ainda com relação à formação, os Conselhos e os demais organismos representativos da categoria

¹⁶² Ver Carvalho (2007), no capítulo 4.2.1.

mereceriam maior espaço nos cursos de graduação, em alguma medida criando e fortalecendo laços que seriam benéficos no futuro do exercício profissional. Essa percepção de identidade, pertencimento e coletividade profissional poderia criar ambientes de discussão e de desenvolvimento da profissão que poderiam redundar em ganhos para a sociedade e para os próprios profissionais.

Com relação às competências, parece que o eixo atitudes é o mais frágil em relação aos bibliotecários já que grande parte dos participantes da pesquisa percebe que os currículos são bastante completos, mas o que garantiria a melhoria da profissão seria uma mudança nas atitudes. Essa seria outra vertente a estudar e analisar de forma mais aprofundada.

Enfim, ainda são muitos os aspectos nebulosos e merecedores de atenção dos pesquisadores da área, de forma a construir esse caminho sobre a formação dos bibliotecários que ultrapasse essa tendência de associação negativa da profissão, expressada de vários modos por muitos dos próprios profissionais e em alguma medida pela literatura técnica da área. Examinar a relação da visão sobre o número tanto de profissionais quanto de usuários atendidos, que emergiu dos dados desta pesquisa, seria outro ponto para análise.

Finalmente, esta pesquisa teve como intenção ouvir os bibliotecários e os docentes e tentar compreender de que modo expressavam suas crenças, valores e opiniões sobre a profissão, sobre os profissionais, sobre o mercado de trabalho e sobre a formação que receberam. E é com a palavra de um desses bibliotecários que se encerra esse trabalho, que talvez represente, se não todos, aqueles que de algum modo perceberam na profissão um caminho vasto e possível:

Pode parecer absurdo, mas entendo que o bibliotecário, uma vez assumindo sua formação acadêmica, passa a exercer sua profissão por onde passa e com o que estiver fazendo, seja pela organização dos dados para recuperação por seus colegas seja pelo repasse de informações importantes para as pessoas que delas necessitam. Então, dentro ou fora de uma biblioteca, sou bibliotecária! (Bibliotecário 286, 40, fem., 1997)

7 Referências

- ABBOTT, Andrew. The information professions. In: _____. **The system of professions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988. cap. 8, p. 215-246.
- ABDULLAHI, I. Education the information professional for the twenty first centure. In: CHINA-UNITED STATES LIBRARY CONFERENCE, 1., Beijing, China, 1996. [Procedures...]. Disponível em: <<http://www.uoregon.edu/~felsing/ala/abdullahi.html>>. Acesso em: 28 out. 2002.
- ABELS, Eileen *et al.* **Competencies for information professionals of the 21th century**. Disponível em: <<http://www.sla.org/content/SLA/professional/meaning/comp2003.clin>>. Acesso em: 11 ago. 2003. Revised edition, June 2003.
- ABRAM, Stephen. Technoschism: the real world and libraries, librarians and our associations: a view from Canada. **Library Management**, v.27, n. 1/2, p. 14-26, 2006.
- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-38.
- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 7-33, out. 2001.
- ALLAN, Davina. Values. In: MCLEISH, K. **Key ideas in human thought, facts on file**. New York, 1993. p. 769-770.
- ALLEN, Gillian. Work values in librarianship. **Library & Information Science Research**, Boston, MA, v. 20, n. 4, p. 415-424, 1998.
- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Da arte de não participar. **Palavra-chave**, n. 5, p. 8-9, maio 1985.
- ANDRADE, Maria Antônia Alonso de. Identidade como representação e a representação da identidade. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 141-149.
- ARANALDE, Michel Maya. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 337-368, jul./dez. 2005.
- ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (Ed.). **The images and roles of the librarian**. New York: The Haworth Information Press, 2002. 186 p.
- ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de; FREIRE, Isa Maria. Conhecimento para o desenvolvimento: reflexões para o profissional da informação. **Revista Informação & Sociedade: Estudos**, v. 9, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuuev9n199.html>> Acesso em: 4 nov. 2002.
- AROT, Dominique. Les valeurs professionnelles du bibliothécaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, v. 45, n. 1, p. 33-41, 2000.
- ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000.

- ASLIB. **A career in information science**. London, 19?. 6 p.
- BAILEY, Joseph A. Self-image, self-concept, and self-identity revisited. **Journal of the National Medical Association**, v. 95, n. 5, p. 383-386, may 2003.
- BAPTISTA, Sofia Galvão. **Bibliotecário autônomo versus institucionalizado: carreira, mercado de trabalho e comprometimento organizacional**. 1998. 234 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- BAPTISTA, Sofia Galvão. **Habilidades necessárias para o profissional atuar na era da informação: uma reflexão sobre as tendências do mercado**. Trabalho apresentado no XXI CBBB, Fortaleza, 2002.
- BAPTISTA, Sofia Galvão. A inclusão digital: programas governamentais e o profissional da informação – reflexões. **Inclusão Social**, v. 1, n. 2, p. 23-30, abr./set. 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/revistainclusaosocial/search.php?op=authorDetail&id=40>>. Acesso em: 3 jun. 2006.
- BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 53-60, jan./abr. 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007. 223 p.
- BARROS, Fernando Antônio Ferreira de. Os avanços da tecnociência, seus efeitos na sociedade contemporânea e repercussões no contexto brasileiro. In: BAUMGARTEN, Máira. **A era do conhecimento: matrix ou agora?** Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Brasília: Ed. UnB, 2001. p. 73-87.
- BASEFSKY, Stuart. The library as na agent of change: pushing the client institution forward. **Information Outlook**, v. 3, n. 8, p. 37-40, Aug. 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110 p.
- BAUMEISTER, Roy F. *et al.* Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? **Psychological Science in the Public Interest**, v. 4, n. 1, p.1-44, may 2003. Disponível em: <http://www.psychologicalscience.org/journals/pspi/pdf/pspi411.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2005.
- BAUMEISTER, Roy F. *et al.* Exploding self-esteem myth. **Scientific American.com**, 20 dec. 2004. Disponível em: <<http://www.sciam.com/article.cfm?chanID=sa006&colID=1&articleID=000CB565-F330-11BE-AD0683414B7F0000>>. Acesso em: 5 jan. 2005.
- BERAQUET, Vera Silvia Marao; VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Competências exigidas do profissional da informação e novas estratégias de formação. In: ENCUENTRO DE DIRECTORES, 3.; ENCUENTRO DE DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTELOGÍA DEL MERCOSUR, 2., Santiago de Chile, 1998. **Formación de recursos humanos en el área de la información en el Mercosur: compatibilización**

- curricular; competencias del profesional de la información en el Mercosur. Disponível em: <<http://www.utem.cl/deptogestinfo/extension.htm>>. Acesso em: 30 out. 2002.
- BILLIG, Michael. Social representation, objectivation and anchoring: a rhetorical analysis. **Social Behaviour**, v. 3, p. 1-16, 1988.
 - BLATTMANN, Ursula; RADOS, Greggório J. Varvakis. **Bibliotecários na sociedade da informação: mudança de rótulos, funções ou habilidades?** Disponível em: <http://www.geocities.com/ublattmann/papers/biblioSI_18.html>. Acesso em 22 out. 2002. Artigo apresentado no 18. Painel de Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, 22 out. 1999.
 - BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formação, competências e habilidades. In: Baptista, Sofia Galvão; Mueller, Suzana Pinheiro Machado. (orgs.) **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus / CID-UnB, 2004. p. 55-69.
 - BOUDON, Raymond. **The origin of values: sociological and philosophy of beliefs**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2001. 230 p.
 - BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 7-16.
 - BRADLEY, Fiona. **The anti-stereotype stereotype**. 2003. Disponível em: <<http://www.blisspix.net/library/image.html> >. Acesso em: 9 abr. 2006.
 - BRANDÃO, Hugo Pena. **Gestão baseada nas competências: um estudo sobre competências profissionais na indústria bancária**. 1999. 158 f. Dissertação (Mestrado em Administração)-Universidade de Brasília, Departamento de Administração, Brasília, 1999.
 - BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. Resolução nº 42, de 11 de janeiro de 2002. **Dispõe sobre Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia**. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/legislacao/resolucoes/Resolucao%20042-02.asp>. Acesso em: 24 mar. 2008.
 - BRAUN, Linda W. New roles: a librarian by any name. **Library Journal**, Feb. 1st 2002. Disponível em: <http://www.libraryjournal.com/index.asp?layout=articlePrint&articleID=CA191647>. Acesso em: 12 jun. 2004.
 - BROWN, Patricia M.; TURNER, John C. The role of theories in the formation os stereotype content. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 67-89.
 - BURD, Barbara. **Work values of academic librarians: exploring the relationships between values, job satisfaction, commitment and intent to leave**. In: ACRL NATIONAL CONFERENCE, 11., Charlotte, North Carolina, 2003. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrelevents/burd.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2004.
 - CABRERA-MORALES, Idalmis M. Comportamiento de las nuevas tecnologías de la información y su impacto en el trabajo bibliotecário. In: FORO SOCIAL DE INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS, 2004, Buenos Aires. **Programas de acción alternativa desde Latinoamérica para la sociedad del conocimiento**.

Disponível em: <<http://www.inforosocial.org/ponencias/eje03/15.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

- CARDOSO, Ciro Flamarion. Uma opinião sobre as representações sociais. In: _____; MALERBA, Jurandir (Org.). **Representações: contribuições a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000. p. 9-39.
- CARMICHAEL, James V. Introduction: makeover without a mirror: a face for lesbigay library history. In: _____ (Ed.). **Daring to find our names: the search for lesbigay library history**. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1998. p. 1-23.
- CARMICHAEL, James V. The gay librarian: a comparative analysis of attitudes towards professional gender issues. **Journal of Homosexuality**, v. 30, n. 2, p. 11-37, 1995.
- CARMICHAEL, James V. The male librarian and the feminine image: a survey of stereotype, status, and gender perceptions. **Library and Information Science Research**, v. 14, n. 4, p. 411-446, 1992.
- CARVALHO, Ana Maria de Sá. Formação do profissional bibliotecário: tendências e perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília. [**Anais**] do Congresso... Brasília, 2007. Em CD-Rom.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 530 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 2).
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 1).
- CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 288 p.
- CASTRO, César Augusto. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.
- CASTRO, César Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Revista Informação & Sociedade**, v. 10, n. 1, 2000a. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev10n100.html>>. Acesso em: 16 out. 2002.
- CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004.
- CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O autoconceito. In: _____. **Possíveis influências do autoconceito e do locus de controle sobre o rendimento acadêmico**. 1991. p.13-37. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho)-Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Brasília, 1991. 132 f.
- CHARTIER, Roger. O universal particular. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, 8 jan. 2006. Entrevistadora: Silvia Colombo.

- CHENG, Grace. The shifting information landscape: re-inventing the wheel or a whole new frontier for librarians. **New Library World Journal**, Bradford, v. 102, n. 1/2, p. 26-33, 2001.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T.M.; CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. ed. 4. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 58-75.
- CÔRTE, Adelaide Ramos e. **Biblioteconomia: legislação e organismos de classe**. Brasília: ABDF;SAIBA, 1991. 138 p.
- COSTA, Patrícia Cristiane Gama da. **O poder organizacional e sua influência sobre o autoconceito no trabalho**. 2002. 128 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho)-Universidade de Brasília, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, 2002.
- CRESPO, Antônio Arnot. **Estatística fácil**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 224 p.
- CUARTAS, Enriqueta Graciela D.; PESSOA, Maria Lucia de Moura da Veiga; COSTA, Cosme Guimarães da. **Código de Ética profissional do bibliotecário 15 anos depois**. [2000?]. Disponível em: http://www.cfb.org.br/html/sala_leitura/saladeleitura_03.asp. Acesso em: 16 fev. 2007.
- CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 15, 1º sem. 2003. Disponível em: http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_15/cunha_papelsocial.pdf. Acesso em: 1º abr. 2008.
- CUNHA, Miriam Vieira da; SILVA, Edna Lúcia da. Os mapas conceituais e a representação do conhecimento através de redes semânticas: uma experiência na formação de bibliotecários. In: RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). **A (re) significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação: novas abordagens didático-pedagógicas**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 131-142.
- CUNHA, Murilo Bastos da. **Bases de dados e bibliotecas brasileiras**. Brasília: ABDF, 1984. 224 p.
- CUNHA JUNIOR, Moaci Vilarino da; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho. Abrindo e fechando portas: diagnóstico das bibliotecas públicas municipais da Região Metropolitana Norte de Recife – PE. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 1, 20 p., 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/viewFile/1498/1159>. Acesso em: 29 mar. 2008.
- DALTON, Margaret Stieg. Old values for the new information age. **Library Journal**, New York, v. 125, n. 18, p. 43-46, Nov 1 2000.
- DICKINSON, Thad E. Looking at the male librarian stereotype. ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (eds.). **The images and roles of the librarian**. New York: The Haworth Information Press, 2002. p. 97-110.
- DOLE, Wanda V.; HURYCH, Jitka M.; KOEHLER, Wallace C. Values for librarians in the information age: an expanded examination. **Library Management**, Bradford, v. 21, n. 6, p. 285-297, 2000.

- DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2. ed. rev. e ampl. 1. reimpr. São Paulo: Ed. Unesp, 2001. 134 p.
- DUPRÉ, Deirdre. The perception of image and status in the library profession. **Hermés: revue critique**, n. 8. automne 2001. Disponível em: <<http://pages.globetrotter.net/charro/HERMES8/dupre.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2004.
- DURAND, Thomas. L'Alchimie de la compétence. **Revue Française de Gestion**, n. 127, p. 84-102, janv./febr. 2000.
- DURAND, Thomas. Forms of incompetence. **Advances in Applied Business Strategy**, v. 6A, p. 69-95, 2000a.
- DUTRA, Tatiana N. Augusto; CARVALHO, Andréa Vasconcelos. O profissional da informação e as habilidades exigidas pelo mercado de trabalho emergente. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 22, 2º sem. 2006. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_22/dutra.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2007.
- ESTABROOK, Leigh. The growth of the profession. **College & Research Libraries**, v. 50, n. 3, p. 287-296, 1989.
- FARR, Robert M. Les représentations sociales. In: MOSCOVICI, Serge (Ed.). **Psychologie social**. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 389-379.
- FARR, Robert M. Theory and method in the study of social representations. In: BREAKWELL, G.M.; CANTER, D.V. (Ed.). **Empirical approaches to social representations**. Oxford: Clarendon, 1993. p. 15-38.
- FEATHER, John. The information profession. In: _____. **The information society: a study of continuity and change**. London: Library Association, 1994. cap. 7, p. 133-153.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da informação: perfil e habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan./abr. 2003.
- FIGUEIREDO, Nice (Coord.). **O ensino de Biblioteconomia no Brasil**: relatório de equipe de pesquisa sobre o *status quo* das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente. Brasília: MEC/CAPES, 1978. v. 1, 145 p. v. 1 - Análise e caracterização de entidades e do pessoal docente.
- FINKS, Lee W. Values without shame. **American Libraries**, v. 20, n. 4, p. 352-356, Apr. 1989.
- FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979. 112 p.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. 153 p.
- FONSECA, Fábio Jose Lobo da; FONSECA, Fernanda Maria Lobo da; FONSECA, Nádia Lobo da. Ruptura de paradigmas biblioteconômicos, autoformação e mercado de trabalho: estudo de caso. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 10, n. 2, p. 207-223, jan./dez. 2005.

- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 4 nov. 2004.
- FREIDSON, Eliot. **O renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp, 1998. 280 p.
- GANZAROLLI, Maria Emilia. Memórias, relatos e percursos de formação: constituição de professoras de Biblioteconomia. In: CIBERÉTICA – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA, 2.; ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA, 8.; PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 22., 2003, Florianópolis, SC. **Anais**. Disponível em: <http://www.ciberetica.org.br/anais.php>. Acesso em: 23 jun. 2004.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. 233 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.
- GHOSH, Mailtrayee. The emerging role of national and regional associations in library development: an Indian perspective. **Library Research**, v. 55, n. 1/2, p. 45-59, 2006.
- GRIFFITHS, J.-M. The changing role of librarians: managing new technologies in libraries. **Vistas in Astronomy**, Amsterdam, v. 39, p. 127-135, 1995.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A divulgação profissional como perspectiva de diálogo entre a atividade acadêmica e a prática profissional: reflexões sobre uma experiência didático-pedagógica na área de fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. In: RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; CAMPELLO, Bernadete Santos (Org.). **A (re) significação do processo de ensino/aprendizagem em Biblioteconomia e Ciência da Informação**: novas abordagens didático-pedagógicas. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 89-99.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, v. 9, n. 1, jan./abr. 1997. Disponível em: <<http://www.puccamp.br/~biblio/guimaraes91.html>>. Acesso em: 28 out. 2002.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação e atuação no Mercosul com vistas ao terceiro milênio. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES, 3.; ENCUESTRO DE DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTELOGÍA DEL MERCOSUR, 2., Santiago de Chile, 1998. **Formación de recursos humanos en el área de la información en el Mercosur**: compatibilización curricular; competencias del profesional de la información en el Mercosur. Disponível em: <<http://www.utem.cl/deptogestinfo/extension.htm>>. Acesso em: 7 set. 2007.
- HACKMAN, J. Richard; OLDHAM, Greg R. Motivation through the design of work: test of a theory. **Organizational Behaviour and Human Performance**, v. 16, p. 250-279, 1976.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005. p. 7-22.
- HAMILTON, David L. A cognitive-attribitional analysis of stereotyping. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 12, p. 53-84, 1979.

- HENCZEL, Sue. **Translating the SLA competencies into business competencies**. Disponível em: <www.sla.org/content/Events>. Acesso em: 22 out. 2003. Conference Paper da SLA em 2002, em Los Angeles, California.
- HINTON, Perry R. **Stereotypes, cognition and culture**. East Sussex: Psychological Press, 2000. 208 p.
- JOAS, Hans. **The genesis of values**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000. 250 p.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001. p. 17-44.
- JODELET, Denise. Répresentations sociales: phénomènes, concepts et theorie. In: MOSCOVICI, Serge (Ed.). **Psychologie social**. 2.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1988. p. 357-378.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. In defense of representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p.121-135, 1996.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais na esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000. 232 p.
- KNEAL, Ruth A. **Where's the librarian?: patrons view's of public perception in the Internet age**. [s.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <http://www.librarian-image.net/wheres_the_librarian.html>. Acesso em: 22 jan. 2006.
- KNYCHALA, Catarina Helena. **Evolução do conceito de core curriculum em Biblioteconomia**. Brasília: ABDF, 1981. 48 p.
- KOEHLER, Wallace C. *et. al.* Ethical values of information and library professionals: an expanded analysis. **International Information & Library Review**, v. 32, p. 485-507, 2000.
- KOEHLER, Wallace C.; PEMBERTON, J.M. A search for core values: towards a model code of ethics for information professionals. **Journal of Information Ethics**, v. 9, n. 1, p. 26-54, 2000.
- KUPIEC, Anne. Qu'est-ce qu'un(e) bibliothécaire? **Bulletin de Bibliothèques de France**, t. 48, n. 1, p.5-9, 2003.
- LAHLOU, Saadi. The propagation of social representation. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 157-175, 1996.
- LAPÈLERIE, François. Y a-t-il un(e) bibliothécaire dans la bibliothèque? **BIBLIothèque(s) – Revue de l'Association dès Bibliothécaires Français**, n. 15, p. 64-67, juil. 2004.
- L'ECUYER, René. **Le concept de soi**. Paris: Presses Universitaires de France, 1978. 211 p.
- LEVIN, Jack; FOX, James Alan. **Estatística para Ciências Humanas**. 9. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004. 497 p.

- LIMA, Justino Alves; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas & bibliotecários**: situações insólitas (ou) crônicas bem-humoradas da biblioteconomia aplicáveis a outras profissões desprestigiadas. São Paulo: Polis, 1998. 118 p.
- MCGARTY, Craig. Stereotype formation as category formation. In: ____; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. **Stereotypes as explanations**: the formation of meaningful beliefs about social groups. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 17-37.
- MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation. In: _____. **Stereotypes as explanations**: the formation of meaningful beliefs about social groups. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-15.
- MANDIM, Daniel. **Estatística descomplicada**. 10. ed. Brasília: Vestcom, 2003. 228 p.
- MARCHIORI, Patricia Zeni. Bibliotecários, jornalistas e informáticos: a ocupação de posições relativas no campo de atividades de informação. **Transinformação**, v.8, n.1, jan./abr. 1996. Disponível em: <<http://www.puccamp.br/~biblio/marchi81.html>>. Acesso em 31 out. 2002.
- MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel; ANDRADE, Ricardo Sodré. Preservação digital e os profissionais da informação. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, v. 7, n. 5, out. 2006. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out06/Art_05.htm>. Acesso em: 22 out. 2006.
- MARKOVÁ, Ivana. Towards na epistemology of social representations. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 177-196, 1996.
- MARTINS, Robson Dias. **Perfil do bibliotecário**: uma realidade brasileira. Disponível em: <<http://www.sindibrj.com.br/artigos/0001.htm>>. Acesso em: 16 out. 2002.
- MARTUCCI, Elizabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, p. 225-244, jul./dez. 1996.
- MERLO VEGA, José Antonio. La profesión de archivos, bibliotecas y centros de documentación: Dónde estamos? Dónde tenemos que estar? Las claves de la visibilidad y algunas ideas para querernos. In: JORNADA ESTRATÉGICA DE REVITALIZACIÓN / ALDEE, 2006, Bilbao. **La profesión de archivos, bibliotecas y centros de documentación**. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/archive/00007266/>>. Acesso em: 6 abr. 2007.
- MILANESI, Luís. Forma/formação/fôrma do bibliotecário. **Palavra Chave**, São Paulo, n. 3, p. 3-10, 1983. Disponível em: <http://academica.extralibris.info/bibliotecario/forma_formacao_forma_do_biblio.html>. Acesso em: 30 out. 2006.
- MILLS, Elinor. Most reliable search tool could be your librarian. **News.Com**, atual. Sept. 29 2006. Disponível em: <http://news.com.com/2100-1032_3-6120778.html>. Acesso em: 4 out. 2006.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. Ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 406 p.

- MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, maio/ago. 2000.
- MOORE, Nick. A sociedade da informação. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **A informação: tendências para o novo milênio**. Brasília, 1999. p. 94-108.
- MORENO, Edinei Antônio *et al.* A formação continuada dos profissionais bibliotecários: análise do conteúdo dos *sites* das entidades de classe. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 12, n. 1, p. 43-58, jan./jun. 2007.
- MORIGI, Valdir Jose; Silva, Magali Lippert da. Paradigma tecnológico e representações dos bibliotecários sobre seu perfil e suas práticas no contexto da sociedade da informação. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 15, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev15n105.htm>. Acesso em: 7 jun. 2006.
- MORIN, Edgar. Prólogo. In: _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003. p. 13-18.
- MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.
- MORRISEY, Locke J.; CASE, Donald O. There goes my image: the perception of male librarians by colleague, student, and self. **College & Research Libraries**, v. 49, n. 5, p. 453-464, Sep. 1988.
- MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2001. p. 45-66.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.
- MOSLEY, Pixey Anne. Shedding the stereotypes : the librarians in the 21st century. In: ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (eds.). **The images and roles of the librarian**. New York: The Haworth Information Press, 2002. p. 167-176.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. A importância do self na adolescência auto-imagem e auto-estima. In: _____. **Adolescência e provação: a auto-estima do adolescente**. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Livraria Sulina Ed., 1977. p. 37-45.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Em busca de uma base comum para a formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Aquivologia: relato de um simpósio promovido pela Unesco. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 12, n. 2, p. 157-165, jul./dez. 1984.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Uma profissão em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott – proposta de estudo. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.) **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus / CID-UnB, 2004. p. 23-54.

- NEVES, Elisabete da Cruz; LONGO, Rose Mary Juliano. Atuação do profissional da informação na gestão do conhecimento. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23/24, p. 161-172, 1999/2000. Número Especial.
- NEWMYER, Jody. The image problem of the librarian: feminity and social control. **The Journal of Library History**, v. 11, n. 1, p. 44-67, 1976.
- OLIVEIRA, Ivone Martins de. Vozes, percursos e opções. In: _____. **Preconceito e autoconceito**. Campinas: Papyrus, 1991. p. 15-36.
- OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **Um estudo da auto-imagem profissional do bibliotecário**. 1980. 109 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação)-Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.
- PARASHAR, Sapna; DHAR, Santosh; DHAR, Upinder. Perception of values: a study of future professionals. **Journal of Human Values**, v. 10, n. 2, p. 143-152, 2004. Disponível em: <<http://www.jhv.sagepub.com/cgi/content/refs/10/2/143>>. Acesso em: 2 nov. 2005.
- PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andrea. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LEITURA, 16, ; SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE “BIBLIOTECA”, 10., 2007, Campinas, SP. **Anais**. Seção I, Seção de comunicações. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT13-3093-Int.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2008.
- PASSOS, Rosemary; SANTOS, Gildenir Carolino. Formação da identidade profissional do bibliotecário: o desenvolvimento de competência e habilidades na área educacional. In: _____. (Org.). **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. 2. ed. rev. Bauru: Kairós, 2005. p. 9-28.
- PEREIRA, Edmeire; OLIVEIRA, Ângela Maria. Os bibliotecários e os profissionais independentes em informação à luz da nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO 2002). **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 18, 2º sem. 2004.
- PEREIRA, Marcos Emanuel *et al.* Imagens e significado e o processamento dos estereótipos. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 389-397, 2002.
- POBLACIÓN, Dinah Aguiar. **Pesquisa e pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil: duas fases (1970/85 - 1986/92)**. São Paulo: ECA/USP, 1992. 12 p. *Paper* submetido ao XII Encontro de Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, ECA/USP, março 1992.
- POLKE, Ana Maria Athayde; ARAÚJO, Elizabeth de Melo Bomfim; CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. Análise do mercado de trabalho do bibliotecário em Belo Horizonte. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 5, n. 2, p. 165-177, set. 1976.
- RADFORD, Marie L.; RADFORD, Gary P. Power, knowledge, and fear: feminism, Foucault, and the stereotype fo the female librarian. **Library Quarterly**, v. 67, n. 3, p. 250-266, jul. 1997.

- RASCHE, Francisca. Ética e deontologia: o papel das Associações Profissionais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 10, n. 2, p. 175-188, jan./dez. 2005.
- RAUDSEPP, Maaris. Why it is so difficult to understand the theory of social representations? **Culture & Psychology**, v. 11, n. 4, p. 455-468, 2005.
- REZENDE, Yara. Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, maio/ago. 2002.
- RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.
- ROBREDO, Jaime. Considerações prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da tecnologia da informação no Brasil. II. O perfil dos novos profissionais da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 22, n. 3/4, p. 13-31, jul./dez. 1989.
- ROKEACH, Milton. The nature of human values and value systems. In: _____. **The nature of human values**. New York: Free Press, 1973. p. 3-25.
- ROTHWELL, Alison. The image of librarians. **Library Management**, v. 11, n. 1, p. 25-56, 1990.
- SÁ, Celso Pereira de. O campo de pesquisa em representações sociais. In: _____. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 1998. p. 31-43.
- SABLE, Arnold P. The sexuality of the library profession: the male and female librarian. **Wilson Library Bulletin**, v. 43, p. 748-751, 1969.
- SANTOS, Angela Sirofski; TOLFO, Suzana da Rosa. Competências demandadas dos bibliotecários frente à novas tecnologias de informação em bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 21, 1º sem. 2006. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_21/santos.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2007.
- SANTOS, Jussara; NEVES, Iara Conceição Bitencourt; JOB, Ivone. A estrutura da carreira em Biblioteconomia: contribuição à Classificação Brasileira de Ocupações. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 41-61, jan./jun. 2004.
- SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Representação social e identidade. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 151-159.
- SANTOS, Plácida L. V. Amorim da Costa. A novas tecnologias na formação do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.) **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 103-116.
- SARRIERA, Jorge Castellá et al. Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 1, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 23 jun. 2004.
- SCHUMAN, Patricia Glass. The image of librarians: substance or shadow? **The Journal of Academic Librarianship**, V. 16, N. 2, P. 86-89, May 1990.

- SCHWARTZ, Shalom H. Are there universal aspects in the structure and contents of human values? **Journal of Social Issues**, v. 50, n. 4, p. 19-45, 1994.
- SELLITTO, Miguel Afonso; RIBEIRO, José Luis Duarte. Construção de indicadores para avaliação de conceitos intangíveis em sistemas produtivos. **Gestão & Produção**, v. 11, n. 1, p. 75-90, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v11n1/a07v11n1.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2007.
- SHACHAF, Pnina. A global perspective on library association codes of ethics. **Library & Information Science Research**, v. 27, p. 513-533, 2005.
- SILVA, Adriana Sousa; CUNHA, Vanda Angélica da. O olhar do serviço público estadual baiano diante do profissional arquivista. **Biblionline**, v. 2, n. 2, 2006.
- SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. Formação, perfil e competências do profissional da informação. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8., 2004, Estoril. [**Anais...**]. Tema: Nas encruzilhadas da informação e da cultural: (re)inventar a profissão. Disponível em: <http://www.sapp.telepac.pt/congresso8/com16.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2007.
- SIMPSON, Richard L.; SIMPSON, Ida Harper. Women and bureaucracy in the semi-professions. In: ETZIONI, Amitai. **The semi-professions and their organization: teachers, nurses, social workers**. New York: Free Press, 1969. p. 196-265.
- SMIT, Johanna Wilhelmina. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feitiço de psicodrama. **Palavra-chave**, n. 2, p.2-3, 1982. Disponível em: http://academica.extralibris.info/bibliotecario/bibliotecario_in_memorian_joha.html>. Acesso em: 18 jun. 2006.
- SMIT, Johanna Wilhelmina. O profissional da informação e a sua relação com as áreas de Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. (org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 119-134.
- SOARES, Maria de Fátima; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. Imagem bibliotecária(o): uma análise em películas cinematográficas. **Biblionline**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.ufpb.br>>. Acesso em: 12 fev. 2006.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. A criação da ABEBD: expectativas e caminhos adotados. **Biblios**, v. 7, n. 25-26, Jul.-Dic. 2006.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990. 116 p.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do curso de Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2002.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. A escola de Biblioteconomia e a ancoragem da profissão de bibliotecário. **Revista Informação & Sociedade: Estudos**, v. 11, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.informacaosociedade.ufpb.br/issuev.11n.201.html>>. Acesso em: 22 out. 2002.

- SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 32-46, jan./jun. 2006a.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional “bibliotecário” no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 18, 2º sem. 2004. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_18/6_O_nome_profissional.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2007.
- SPARROW, Paul R.; BONAGNO, Mario. Competency requirement forecasting: issues for international selection and assessment. In: MABEY, Christopher; ILES, Paul (Ed.). **Managing learning**. London: Routledge, 1993. p. 57-69.
- SPINK, Mary Jane Paris. O estudo empírico das Representações Sociais. In: _____. (Org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 85-108.
- STEVENS, Norman D. The last librarian: in the twilight o four profession, a stereotype dies but her bun lives on. **American Libraries**, v. 32, n. 9, p. 60-64, Oct. 2001.
- STEVENSON, William J. **Estatística aplicada à administração**. São Paulo: Harbra, 2001. 495 p.
- SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas**. São Paulo: LISA ; [Brasília]: INL, 1980. 84 p.
- TAMAYO, Natasha. **Auto-conceito profissional, suporte à transferência e impacto do treinamento no trabalho**. 2002. 97 f. Dissertação (Mestrado Psicologia)-Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2002.
- TARAPANOFF, Kira. **Perfil do profissional da informação no Brasil: diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada**. Brasília: IEL/DF, 1997. 134 p.
- TERÊNCIO, Marios Gonçalves; SOARES, Dulce Helena Penna. A *Internet* como ferramenta para o desenvolvimento da identidade profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, jul./dez. 2003.
- THOMPSON, James. The role of the librarian. In: _____. **A history of the principles of librarianship**. London: Clive Bingley, 1977. p. 102-138.
- UNGERN-STERBERG, Sara von. **The role of the information professional in the new learning environment**. Disponível em: <<http://www.abo.fi/~sungern/learning.htm>>. Acesso em 11 ago. 2003. Apresentado no Workshop Libraries for a global Future, em Kent, Reino Unido, abril de 2000.
- URRÁ, Cristián Valenzuela. Competencias profesionales de los egresados de la carrera de bibliotecología de la Universidad de la Playa Ancha de Ciencias de la Educación : una propuesta para Mercosur. **Transinformação**, v. 13, n. 1, p. 93-99, jan./jun. 2001.
- VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.

- VASCO, Fabrícia *et al.* O mercado de trabalho do bibliotecário nas escolas particulares de ensino médio em Florianópolis. In: CIBERÉTICA – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL, INFORMAÇÃO E ÉTICA, 2.; ENCONTRO NACIONAL DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO JURÍDICA, 8.; PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 22., 2003, Florianópolis, SC. **Anais**. Disponível em: <http://www.ciberetica.org.br/anais.php>. Acesso em: 29 mar. 2008.
- VOELKLEIN, Corina; HOWARTH, Caroline. A review of the controversies about social representations theory: a British debate. **Culture & Psychology**, v. 11, n. 4, p. 431-454, 2005.
- WAGNER, Wolfgang. Queries about social representations and construction. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 26, n. 2, p. 95-120, 1996.
- WAGNER, Wolfgang. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: AB, 2000. p. 3-25.
- WAGNER, Wolfgang et al. Theory and method of social representations. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 95-125, 1999.
- WALKER, Clare M. Library associations in South Africa, 1930-2005. **Library Management**, v. 27, n. 1/2, p. 26-37, 2006.
- WALTER, Maria Tereza Machado Teles Walter. A formação do profissional da informação relacionada às tecnologias de informação: os bibliotecários na perspectiva da literatura, reflexões. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 19, 1º sem. 2005. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_19/1_Walter.pdf>. Acesso em: 21 maio 2005.
- WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ij2/index.php/ies/article/view/962/1583>>. Acesso em: 4 fev. 2008.
- WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional dos bibliotecários. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 25, 1º sem. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1156/885>>. Acesso em: 8 maio 2008.
- WEIHS, Jean. Authors depict the library profession. **Technicalities**, v. 25, n. 5, p. 5-8, Sep./Oct. 2005.
- WILSON, Pauline. **Stereotype and status: librarians in the United States**. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1982. 225 p.
- WINTER, Michael F. Umberto Eco on libraries: a discussion of 'De Bibliotheca'. **Library Quarterly**, v. 64, p. 117-129, apr. 1994.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-72.

Anexos

Anexo I – Questionário



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação
Departamento de Ciência da Informação e Documentação

Brasília, de de 200 .

Sr(a). Bibliotecário(a),

Meu nome é Maria Tereza Machado Teles Walter e sou aluna do curso de doutorado em Ciência da Informação e Documentação, do Departamento de Ciência da Informação e Documentação, da Universidade de Brasília, orientada pela Profª Drª Sofia Galvão Baptista.

Este trabalho de pesquisa tem por objetivos identificar os fatores que influenciam a auto-imagem profissional do bibliotecário no Brasil, a importância da Escola e das Organizações representativas da categoria nesse processo e o mercado de trabalho potencial para atuação.

Solicito que responda ao questionário mesmo que não esteja vinculado a nenhuma organização ou realize trabalhos temporários. Os dados deste questionário serão utilizados de forma agregada, sem identificação dos respondentes.

Sua colaboração é extremamente valiosa para a compreensão dos fatores que interferem no processo de construção da imagem profissional do bibliotecário e da influência deles em diversos aspectos de nossa atuação no mercado de trabalho, motivo pelo qual agradeço antecipadamente pela colaboração. O tempo estimado para responder às questões é de 20 minutos e não existem respostas certas ou erradas, pois o importante é a sua opinião.

Para facilitar, envio um envelope selado e preenchido para devolução do material respondido, mas posso, também, encaminhar o questionário por meio de correio eletrônico ou o Sr.(a) pode responder diretamente pela Internet, bastando, para isso, enviar uma mensagem para um dos endereços abaixo, manifestando sua preferência.

Atenciosamente,

Maria Tereza Machado Teles Walter
CRB 1 – Nº 839

Maria Tereza Machado Teles Walter
SQN 203 – Bloco G – Ap. 201
Brasília/DF CEP.70.833-070
Telefone: (61)3326-9414
End. Eletrônico: mariat@stf.gov.br, terezaw@unb.br ou mtmtwalter@terra.com.br

QUESTIONÁRIO
REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DOS BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL

Parte A - Bibliotecários

ITENS	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Não se aplica
O bibliotecário é valorizado como profissional da informação					
Não preciso me preocupar com a concorrência profissional, pois as bibliotecas são espaços seguros de atuação exclusiva dos bibliotecários					
Percebo tendência à acomodação profissional nos bibliotecários					
Sinto orgulho ao informar às pessoas que sou bibliotecário(a)					
Como bibliotecário, tenho dificuldade em conseguir recursos financeiros para o trabalho					
O bibliotecário se apega a detalhes e se preocupa mais com forma que com conteúdo					
De modo geral, os bibliotecários são profissionais que têm disposição para atender às necessidades de informação das pessoas					
Percebo resistência, em meus colegas, quando é feita uma proposição de mudança ou de implantação de novos serviços e produtos					
Aconselharia um(a) amigo(a) a ser bibliotecário					
Gostaria de mudar de profissão					
O exercício da profissão bibliotecária requer aprendizado contínuo					

A1. Segundo sua percepção, existem imagens, estereótipos (físicos, comportamentais, de conhecimentos ou outros) associados aos bibliotecários? Você acha que correspondem à realidade? Por que?

A2. Quais as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) dos bibliotecários que você destaca como relevantes e que o distinguem de outros profissionais?

A3. Você acha que o bibliotecário é um profissional reconhecido socialmente? Por que?

Parte B – Biblioteconomia

ITENS	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Não se aplica
A legislação que regulamenta o exercício da profissão bibliotecária deve ser ampliada para garantir a reserva de mercado para os bibliotecários em unidades de informação em geral e não apenas nas bibliotecas					
A atividade de atendimento a usuários é a que melhor traduz a profissão bibliotecária					
A gestão do conhecimento é mais afeita aos profissionais de informática que de Biblioteconomia					
A Biblioteconomia oferece poucas oportunidades de ascensão a cargos de direção que não sejam nas bibliotecas tradicionais					
A profissão bibliotecária é prioritariamente voltada para o trabalho nas bibliotecas, centros de informação e documentação					
A Biblioteconomia é uma boa profissão para o exercício da iniciativa individual					
O desenvolvimento de ferramentas de automação de serviços e produtos de informação tende a diminuir a importância da profissão bibliotecária					

B1. Qual a sua opinião sobre o exercício profissional dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia nos Centros de Informação e Documentação, Serviços de Informação, Bibliotecas, etc.?

B2. Que elementos você destaca na Biblioteconomia em relação a fatores como objetivos da profissão, atividades mais importantes e relevantes ou outros pontos que julgar relevantes para caracterizar a área?

Parte C – Mercado de trabalho e tecnologias de informação e comunicação

ITENS	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Não se aplica
A gerência de bibliotecas e serviços de informação deve ser atribuição exclusiva dos bibliotecários					
Trabalho basicamente com documentos em suporte tradicional (papel)					
A internet diminuiu a necessidade de trabalho bibliotecário no atendimento às demandas dos usuários/clientes					
As atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras					
O trabalho que desenvolvo na instituição para a qual trabalho é útil para que ela atinja seus objetivos					
A organização para a qual trabalho oferece oportunidade de crescimento na carreira e progresso profissional					
Na unidade de informação que trabalho, o atendimento de usuários de forma presencial é mais freqüente do que o atendimento remoto (telefone, internet etc.)					
O trabalho de atendimento a usuários é mais valorizado que o tratamento técnico (catalogação, classificação, indexação)					
Sinto que realizo minhas idéias sem grandes obstáculos					
Meu chefe imediato é bibliotecário					
Mesmo sem ser bibliotecário, meu chefe imediato compreende e respeita meu trabalho					
Um dos fatores que mais aprecio na unidade de informação na qual trabalho é que ela muda pouco ao longo do tempo					

C1. Como você percebe as tecnologias de informação em relação ao exercício profissional dos bibliotecários? Houve mudanças? Quais as mais significativas para você?

C2. Quais são, na sua opinião, os segmentos de mercado mais adequados ao exercício profissional dos bibliotecários, em relação à formação que recebem?

Parte D – Formação profissional

ITENS	Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente	Não se aplica
Os conhecimentos que adquiro como bibliotecário são de pouca utilidade fora da profissão					
Os conhecimentos que obtive na universidade têm relação com a realidade de atuação profissional dos bibliotecários					
Os professores do curso de graduação eram comprometidos com a qualidade de ensino					
Os professores de meu curso de graduação influenciaram decisivamente a imagem da profissão bibliotecária que possuo					
Os meus professores de graduação eram todos bibliotecários					
Nos estágios que fiz, quando estudante, os bibliotecários eram, de modo geral, bons exemplos de profissionais					
Pela formação que recebem nas escolas, os bibliotecários têm capacidade técnica para atuar melhor em bibliotecas tradicionais					
As disciplinas do curso de Biblioteconomia deveriam ser mais fortemente dirigidas para o aprendizado de tecnologias de informação e comunicação					
A formação humanista é útil para o bibliotecário atuar nas diferentes unidades de informação					
Os cursos de Biblioteconomia deveriam procurar formar pessoal especializado em áreas específicas para manter sua competitividade como profissão					
Aprender a desenvolver sistemas de informação na Universidade é mais importante que aprender a tratar e organizar conteúdos de informação					

D1. Quais as disciplinas que deveriam ser ministradas nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação para que o bibliotecário pudesse ser considerado um profissional contemporâneo e competitivo?

D2. Você acha que os Conselhos Federal e Regionais de Biblioteconomia, Associações Profissionais e Sindicatos de Bibliotecários têm alguma influência na formação profissional dos bibliotecários e na visão que você tem da profissão?

Dados Complementares

Idade: _____ (anos)

Sexo: Feminino Masculino

Estado Civil: Casado(a) ou união estável Separado(a) Outro
 Solteiro(a) Viúvo(a)

Formação Acadêmica: Bacharel Mestre
 Especialização Doutor
 Outro (especifique):

Ano de ingresso no curso de Biblioteconomia

Ano de formatura no curso de Biblioteconomia

Escola em que se formou: _____
Cidade/UF: _____

Seu curso de Biblioteconomia foi: Ótimo Regular Péssimo
 Bom Ruim

Por quê? _____

Como tomou conhecimento da carreira de bibliotecário?

Há outros bibliotecários na família Há outros bibliotecários entre amigos da família
 Teste vocacional Bibliotecária da escola em que estudei
 Livros Filmes
 Manual de profissões do vestibular Outro (especifique):

Motivação na escolha da carreira:

Oportunidade de emprego Gosto pela leitura
 Menor concorrência no vestibular Gosto pela pesquisa
 Curso mais fácil de concluir Possibilidade de lidar com o público
 Incentivo da família Inexistência de outros cursos em minha cidade
 Falta de opção Outro (especifique):

Tipo de Unidade de Informação na qual trabalha:

Biblioteca Escolar Centro de Documentação
 Biblioteca Pública Arquivo
 Biblioteca Universitária Autônomo
 Biblioteca Especializada Outro (especifique):

Vinculação da Unidade de Informação na qual trabalha:

Empresa Pública Serviço público
 Indústria Empresa de prestação de serviço de informação
 Escritório de advocacia Outro (especifique):
 Autônomo

Função:

- Chefia
 Assessoria
 Supervisão (chefe de seção)

- Direção
 Técnico
 Outro (especifique):

Atividade:

- Seleção/aquisição
 Indexação
 Catalogação/classificação
 Referência/pesquisa

- Gerência
 Projetos
 Outro (especifique):

Número de bibliotecários que atuam na organização para a qual trabalha ou que dirige:

Número de usuários da unidade de informação para a qual trabalha ou que dirige:

Liste pelo menos um evento (curso, congresso, palestra, seminário) na área de informação que tenha participado nos últimos 24 meses:

Faixa salarial:

- até R\$1.500,00
 R\$1.501,00 a R\$3.000,00
 R\$3.001,00 a R\$5.000,00

- R\$5.001,00 a R\$7.000,00
 Acima de R\$7.001,00

Utilize este espaço para quaisquer observações, comentários e sugestões que julgar importantes para caracterizar sua opinião sobre a imagem dos bibliotecários e sua auto-imagem:

Sr.(a) Bibliotecário(a),

Novamente agradeço sua colaboração, reiterando a importância de sua opinião para a pesquisa que comporá a tese a ser defendida junto à Universidade de Brasília, quando os resultados poderão ser consultados pelos interessados.

Muito obrigada!

Maria Tereza M. T. Walter

Anexo II – Roteiro da entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS DOCENTES

IMAGEM PROFISSIONAL DO BIBLIOTECÁRIO

1 Valores Profissionais

Percepção dos professores acerca do exercício profissional dos bibliotecários, se consideram as atividades exigem criatividade, se são rotineiras ou desafiadoras, se a carreira é promissora, se a profissão é importante para a sociedade, os modelos profissionais.

2 Atitudes Profissionais

Percepção dos professores acerca do exercício profissional bibliotecário no tocante à acomodação pessoal e da classe, os estereótipos percebidos, a postura profissional que se traduz pela atitude mais agressiva ou mais tímida.

3 Satisfação no Exercício Profissional

A influência das tecnologias de informação e comunicação, da formação profissional na visão dos professores.

4 Identidade Profissional

Como o professor percebe os bibliotecários em termos de suas características, utilizando os mesmos parâmetros contidos nos itens relativos a valores ocupacionais e atitudes.

Como o professor acha que a sociedade percebe o bibliotecário.

Como os professores analisam/avaliam os bibliotecários e os demais profissionais da informação.

Influência da instituição e/ou do tipo de atividade realizado na auto-imagem.

Autonomia no trabalho (se influencia a auto-imagem).

5 Influência da Escola

De que maneira a Escola, seu currículo e os professores influenciam a auto-imagem que será construída pelos bibliotecários no exercício profissional.

6 Dados Complementares

Idade: _____ (anos)

Sexo: Feminino

Masculino

Cargo		Função		Função Administrativa	
<input type="checkbox"/>	Professor Auxiliar	<input type="checkbox"/>	Professor Substituto	<input type="checkbox"/>	Chefe de Departamento
<input type="checkbox"/>	Professor Assistente	<input type="checkbox"/>	Professor Voluntário	<input type="checkbox"/>	Diretor de Instituto
<input type="checkbox"/>	Professor Adjunto	<input type="checkbox"/>	Pesquisador Associado	<input type="checkbox"/>	Diretor de Escola
<input type="checkbox"/>	Professor Titular	<input type="checkbox"/>	Outro. Especificar.	<input type="checkbox"/>	Outro. Especifique.
<input type="checkbox"/>	Outro. Especificar	<input type="checkbox"/>			

Atividade	
<input type="checkbox"/>	Ensino
<input type="checkbox"/>	Pesquisa
<input type="checkbox"/>	Ensino e Pesquisa
<input type="checkbox"/>	Orientação de Graduação
<input type="checkbox"/>	Orientação de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i>
<input type="checkbox"/>	Orientação de Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i>
<input type="checkbox"/>	Atividades de Extensão
<input type="checkbox"/>	Outro. Especificar.

Formação Acadêmica	
<input type="checkbox"/>	Bacharel
<input type="checkbox"/>	Mestre
<input type="checkbox"/>	Doutor
<input type="checkbox"/>	Especialização
<input type="checkbox"/>	Outro. Especificar.

Curso de Formação de Graduação e ano de formatura:	
Escola em que se formou:	
Curso de Formação de Especialização e ano de formatura:	
Escola em que se formou:	
Curso de Formação de Mestrado e ano de formatura:	
Escola em que se formou:	
Curso de Formação de Doutorado e ano de formatura:	
Escola em que se formou:	

Tempo de docência	
--------------------------	--

Anexo III – Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação

Estado	Denominação do Curso	Vinculação Institucional	Endereço	Quantidade
Alagoas	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Alagoas – UFAL	Campus A. C. Simões BR 104 – Norte – Km 97 – Tabuleiro dos Martins 57072-970 – Maceió/ AL Tel.: (82) 214-1320 E-mail: biblioteconomia@decos.ufal.br URL: http://www.ufal.br/prograd/cursos/graduacao/biblioteconomia.htm	1
Amazonas	Departamento de Biblioteconomia Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Amazonas – UFAM Instituto de Ciências Humanas e Letras	Av. General Octávio Jordão Ramos, 3000 Aleixo – Campus Universitário 69077-000 – Manaus/AM Tel.: (92) 644-2244 r. 2120 E-mail: biblioteconomia@fua.br URL: http://www.fua.br/	1
Bahia	Curso de Biblioteconomia /	Universidade Federal da Bahia – UFBA Instituto de Ciência da Informação	Av. Reitor Miguel Calmon, s/n – Campus do Canela 40110-100 – Salvador/BA Tel./Fax: (71) 336-6755/6174 E-mail: ici@ufba.br URL: http://www.ici.ufba.br/	1
Ceará	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Ceará – UFC Centro de Humanidades	Av. da Universidade, 2683 – Benfica 60020-180 – Fortaleza/ CE Tel./Fax: (85) 223-1642 e-mail: bibliot@npd.ufc.br URL: http://elis.npd.ufc.br/	1
Distrito Federal	Curso de Biblioteconomia	Universidade de Brasília – UnB Departamento de Ciência da Informação e Documentação / Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação	Caixa Postal 04561 – Campus Universitário – Asa Norte 70919-970 – Brasília/ DF Tel.: (61) 307-2422/307-2841/307-2842 Fax: (61) 274-2412 E-mail: cid@unb.br URL: http://www.cid.unb.br/	1
Espírito Santo	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Espírito Santo – UFES Departamento de Ciência da Informação	Av. Fernando Ferrari, s/n – Campus de Goiabeiras 29060-970 – Vitória/ES Tel.: (27) 3337-2911 / 3335-2754 E-mail: biblioteconomia@prograd.ufes.br URL: http://www.prograd.ufes.br/	1
Goiás	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Goiás – UFG Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia	Caixa Postal 131 – Campus Samambaia 74001-970 – Goiânia/ GO Tel.: (62) 521-1335 – Fax: (62) 521-1133 E-mail: facomb@facomb.ufg.br URL: http://www.facomb.ufg.br/	1

Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil¹⁶³

¹⁶³ Fonte: <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008

Estado	Denominação do Curso	Vinculação Institucional	Endereço	Quantidade
Maranhão	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Maranhão – UFMA Centro de Ciências Sociais	Av. dos Portugueses, s/n, S-D 307 – Campus do Bacanga 65080-000 – São Luís/ MA Tel.: (98) 217-8404 – Fax: (98) 217-8163 E-mail: deblot@ufma.br URL: http://www.ufma.br/	1
Mato Grosso	Graduação em Biblioteconomia	Faculdades Integradas Cândido Rondon - UNIRONDON DESATIVADO	Av. Beira Rio, 3001 Jardim Europa 78.065-780 – Cuiabá/ MT Tel.: (65) 634-3330 - Fax: (65) 634-1881 E-mail: douglas@unirondon.br URL: http://www.unirondon.br/grad/bib/index.php	2
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT Campus de Rondonópolis	Av. Fernando Corrêa da Costa, s/n – Coxipó da Ponte 78060-900 – Cuiabá/ MT Tel.: (65) 615-8151 E-mail: jamacama@zaz.com.br URL: http://www.ufmt.br	
Mato Grosso do Sul	Curso de Biblioteconomia	Instituto de Ensino Superior da Funlec – IESF	Rua Cassildo Arantes, 322 Bairro Cachoeira 79040-450 – Campo Grande/ MS Tel.: (67) 741-9557 / 741-7153 – Fax: (67) 741-9555 E-mail: iesf@terra.com.br URL: http://www.funlec.edu.br	1
Minas Gerais	Curso de Biblioteconomia	Fundação Educacional Comunitária Formiguense – FUOM Escola de Biblioteconomia – ESBI	Avenida Dr. Arnaldo de Senna, 328 Água Vermelha – Caixa Postal 102 35570-000 – Formiga/ MG Tel./Fax: (37) 3322-4747 E-mail: esbi@fuom.br URL: http://www.esbi.fuom.br/	5
	Curso de Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MINAS Instituto de Informática	Campus do Coração Eucarístico Av. Dom José Gaspar, 500 – Prédio 34 30535-610 - Belo Horizonte/MG Tel.: (31) 3319-4006 / 3319-4117 Fax: (31) 3319-4002 E-mail: inf@pucminas.br URL: http://www.pucminas.br/cursos/graduacao/centrocurso.html	
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG Escola de Ciência da Informação	Av. Antônio Carlos, 6627 – Cidade Universitária 31270-010 – Belo Horizonte/MG Tel.: (31) 3499-5225 E-mail: dtgi@eci.ufmg.br / doti@eci.ufmg.br URL: http://www.eci.ufmg.br/	
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ubá	Rua Lincoln Rodrigues Costa, 165 – Bairro Boa Vista 36500-000 – Ubá – Minas Gerais – Brasil Tel.: (32) 3531-4769 – Fax.: (32) 3531-2362 URL: http://www.unipac.br/	

Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil (cont.)¹⁶⁴

¹⁶⁴ Fonte: <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008

Estado	Denominação do Curso	Vinculação Institucional	Endereço	Quantidade
Minas Gerais (cont.)	Curso de Biblioteconomia	Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – UNINCOR Instituto de Ciências Organizacionais e Administrativas – INCOA	Av. Castelo Branco, 82 – Chácara das Rosas 37.410-000 – Três Corações/MG Tel./Fax: (35) 3239-1218 E-mail: biblioteconomia@unincor.br URL: http://www.unincor.br/cursos/graduacao/humanas/biblioteconomia/	
Pará	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Pará – UFPA	Pavilhão 1-9 – Campus Universitário – Guamá 66075-900 – Belém/PA Tel.: (91) 211-1354 E-mail: mam@ufpa.br URL: http://www.ufpa.br/cse/frame_dep.htm	1
Paraíba	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal da Paraíba – UFPb Centro de Ciências Sociais Aplicadas Departamento de Biblioteconomia	Campus I – Castelo Branco 58051-900 – João Pessoa/PB Tel./Fax: (83) 216-7501 E-mail: dbd@ccsa.ufpb.br ou cgb@ccsa.ufpb.br URL: http://www.ufpb.br/	1
Paraná	Curso de Biblioteconomia	Universidade Estadual de Londrina – UEL Departamento de Ciência da Informação	Caixa Postal 6003 – Campus Universitário 86051-990 – Londrina/PR Tel./Fax: (43) 3371-4348 E-mail: cinf@uel.br URL: http://www.uel.br/ceca/cinf/	2
	Curso Gestão da Informação	Universidade Federal do Paraná – UFPR Setor de Ciências Sociais Aplicadas Departamento de Ciência e Gestão da Informação	Av. Prefeito Lothário Meissner, 3400 Jardim Botânico 80210-170 – Curitiba/PR Tel.: (41) 360-4420 – Fax: (41) 360-4420 E-mail: decigi@ufpr.br URL: http://www.decigi.ufpr.br	
Pernambuco	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Centro de Artes e Comunicação Departamento de Ciência da Informação	Av. dos Reitores, s/n – Cidade Universitária 50670-901 – Recife/PE Tel.: (81) 2126-8780 – Fax: (81) 2126-8781 E-mail: dci@ufpe.br URL: http://www.biblio.ufpe.br/	1
Rio Grande do Norte	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN Centro de Ciências Sociais Aplicadas Departamento de Biblioteconomia	Campus Universitário – BR 101 – Lagoa Nova 59072-970 – Natal/RN Tel.: (84) 214-3515 – Fax: (84) 215-3531 E-mail: cobi@ccsa.ufrn.br URL: http://www.ufrn.br	1
Rio Grande do Sul	Curso de Biblioteconomia	Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG Departamento de Biblioteconomia e História	Avenida Itália – Km 8 – Campus Carreiros 96201-900 – Rio Grande /RS Tel.: (53) 233-6636 E-mail: ccbiblio@super.furg.br URL: http://www.furg.br/furg/depart/dbh/db/index.htm	4
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS Departamento de Ciências da Informação	Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Santana 90035-007 – Porto Alegre/RS Tel.: (51) 3316-5116/65368 – Fax: (51) 3316-5379 E-mail: iara.neves@ufrgs.br URL: http://www.ufrgs.br/fabico/deptobib.html	

Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil (cont.)¹⁶⁵

¹⁶⁵ Fonte: <http://www.abecin.org.br/EscolasBrasil.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008

Estado	Denominação do Curso	Vinculação Institucional	Endereço	Quantidade
Rio Grande do Sul (cont.)	Curso de Licenciatura em Biblioteconomia	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI Departamento de Pedagogia DESATIVADO	Rua São Francisco, 501 – Bairro São Geraldo 98700-000 – Ijuí/RS Tel.: (55) 3332-7100 E-mail: paginas@unijui.tche.br URL: http://www.unijui.tche.br/pedagogia/index.html	
	Curso ¹⁶⁶ de Biblioteconomia	Faculdade Pelotina - FAPAS	Av. Pres. Vargas, 115 – Bairro Patronato 97020-000 Santa Maria/RS Tel.: (55) 3220-4575 Email: fapas@fapas.edu.br URL: http://www.fapas.edu.br	
Rio de Janeiro	Curso de Biblioteconomia e Documentação	Universidade Federal Fluminense – UFF Instituto de Arte e Comunicação Social Departamento de Documentação	Rua Lara Vilela, 126 – São Domingos 24210-590 – Niterói/RJ Tel./Fax.: (21) 620-6377 E-mail: gdodoc@vm.uff.br URL: http://www.uff.br/gdo/htm/gdo.htm	3
	Curso de Biblioteconomia	Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO Centro de Ciências Humanas	Av. Pasteur, 458 – 4º andar – URCA 22290-240 – Rio de Janeiro /RJ Tel.: (21) 541-1839 ramal 2008 – Fax: (21) 542-2242 E-mail: cch@unirio.br URL: http://www.unirio.br/cch/index.htm	
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Santa Úrsula – USU Instituto de Tecnologia da Informação e da Comunicação	Rua Fernando Ferrari, 75 – Botafogo 22231-040 – Rio de Janeiro/ RJ Tel.: (21) 2554-2500 E-mail: itidir@alternex.com.br URL: http://www.usu.br/	
Santa Catarina	Habilitação em Gestão da Informação	Centro de Educação Superior – ÚNICA DESATIVADO	Rua Salvatina Feliciano dos Santos, 525 Bairro Itacorubi 88034-001 - Florianópolis/SC Tel.: (48) 334-6437 - Fax: (48) 334-6437 r. 243 E-mail: eliane@unica.br URL: http://www.unica.br/graduacao.htm	3
	Curso de Biblioteconomia - Habilitação em Gestão da Informação	Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC	Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi 88035-001 – Florianópolis /SC Tel.: (48) 231-1500 – Fax: (48) 334-6000 E-mail: f2mlbh@udesc.br URL: http://www.faed.udesc.br/CursoBiblio/index.html	
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Centro de Ciências da Educação Departamento de Ciência da Informação	Caixa Postal 476 – Campus Universitário – Trindade 88040-970 – Florianópolis /SC Tel.: (48) 331-9304 – Fax: (48) 331-9756 E-mail: dptcin@ced.ufsc.br URL: http://www.ced.ufsc.br/bibliote/homepage.html URL: http://www.ced.ufsc.br/bibliote/dep/homecin.html	

Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil (cont.)¹⁶⁷

¹⁶⁶ Criado pela Portaria do MEC nº 173, de 7 de março de 2008. Informações no *link* Notícias da Faculdade. Disponível em: www.fapas.edu.br. Acesso em: 26 mar. 2008. Conforme noticiado na página, o curso iniciará somente em 2009.

¹⁶⁷ Fonte: <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008

Estado	Denominação do Curso	Vinculação Institucional	Endereço	Quantidade
São Paulo	Curso de Biblioteconomia	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA/Lorena	Av. Peixoto de Castro, 539 Vila Zélia – Caixa Postal 75 12600-000 – Lorena/ SP Tel./Fax: (12) 553-2888 E-mail: secretaria-fatea@fatea.br URL: http://www.fatea.br/cursos/biblio.htm	10
	Curso Administração da Informação	Faculdades Tereza Martin – FATEMA DESATIVADO	Rua Antonieta Leitão, 129 – Freguesia do Ó 02925-160 – São Paulo/ SP Tel./Fax: (11) 3931-2755 E-mail: fatema@fatema.br URL: http://www.fatema.br	
	Curso de Biblioteconomia	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação	Rua Cesário Mota, 262 – Vila Buarque 01221-020 – São Paulo/ SP Tel./Fax: (11) 3123-7800 E-mail: secfabci@fespsp.org.br URL: http://www.fespsp.org.br/fabci/fabci.html	
	Curso de Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-CAMPINAS Faculdade de Biblioteconomia	Rua Marechal Deodoro, 1099 – Centro Caixa Postal 317 13020-904 – Campinas/ SP Tel.: (19) 3735-5843 E-mail: biblio@puc-campinas.edu.br URL: http://www.puc-campinas.br/graduacao/curso_01.asp?d=13	
	Curso de Biblioteconomia e Documentação	Universidade Estadual Paulista – UNESP Faculdade de Filosofia e Ciências Departamento de Ciência da Informação	Av. Hygino Muzzi Filho, 737 – Caixa Postal 420 17525-900 – Marília/ SP Tel.: (14) 3402-1370 E-mail: dbd@marilia.unesp.br URL: http://www.marilia.unesp.br/ensino/graduacao/index.htm	
	Curso de Biblioteconomia	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar Departamento de Ciência da Informação	Rod. Washington Luís, km 235 Jardim Guanabara – Caixa Postal 676 13565-905 – São Carlos/ SP Tel.: (16) 260-8374/ 8389 E-mail: ccbc@power.ufscar.br URL: http://www.ufscar.br/~dci/index.htm	
	Curso de Biblioteconomia	Universidade de São Paulo – USP Escola de Comunicação e Artes – ECA Departamento de Biblioteconomia e Documentação	Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 Cidade Universitária 05508-900 – São Paulo/ SP Tel./Fax: (11) 3091-4076 E-mail: cbd@edu.usp.br URL: http://www.eca.usp.br/	

Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil (cont.)¹⁶⁸

¹⁶⁸ Fonte: <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008

Estado	Denominação do Curso	Vinculação Institucional	Endereço	Quantidade
São Paulo (cont.)	Curso de Ciências da Informação e Documentação - Habilitação em Biblioteconomia	Universidade de São Paulo – USP - Campus Ribeirão Preto Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto Departamento de Física e Matemática	Av. Bandeirantes, 3900 14040-901 – Ribeirão Preto/ SP Tel.: (16) 602-3718 / 602-3693 – Fax: (16) 633-9949 E-mail: admgraduação@ffclrp.usp.br URL: http://www.ffclrp.usp.br/	
	Faculdade de Biblioteconomia	Faculdades Integradas Coração de Jesus – FAINC	R. Siqueira Campos, 483 – Centro 09020-240 – Santo André/ SP Tel./Fax: (11) 4438-7477 – Fax: (11)4992-1787 E-mail: secretaria@fainc.com.br URL: http://www.fainc.com.br	
	Curso de Biblioteconomia	Instituto Manchester Paulista de Ensino Superior - IMAPES	Rua da Penha, 620 Centro Sorocaba/SP URL: http://www.imapes.br	
TOTAL				42 (3 desativadas)

Quadro 17 - Escolas de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação no Brasil (cont.)¹⁶⁹

¹⁶⁹ Fonte: <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm>. Acesso em: 10 mar. 2008

Anexo IV – Relação de bibliotecários em atividade nos Estados

CRB	Nº de Profissionais	Data da Informação	Pedido do cadastro	Data de resposta
CRB 1 (DF, GO, MS, MT)*	Distrito Federal – 892 Goiás – 198 MS – 062 MT – 64 Total - 1216	17/5/2005	24/11/2005	Dezembro/2005, fornecendo o cadastro
CRB 2 (PA, AP, TO)		Tentei por telefone em 14/10/2005. Enviei carta em 27/11/2005.	4/5/2006	
CRB 3 (CE, PI)*	Ceará – 357 Piauí - 035 Total: 392	10/5/2005	24/11/2005	Cadastro recebido em dezembro/2005 (agradecido em dez/2005)
CRB 4 (PE, AL)	Pernambuco - 556 Alagoas - 63 Total: 992	8/6/2005		
CRB 5 (BA, SE)*	Bahia - 860 Sergipe – 91 Total: 951	19/5/2005	24/11/2005	Cadastro recebido em 19/5/2006 (agradecido em 24/5/2006)
CRB 6 (MG)	1352	9/5/2005	24/11/2005	
CRB 7 (RJ)	2962	10/5/2005		
CRB 8 (SP)*	Ativos = 4200 Aposentados = 411 Afastados = 48 Cancelados = 2286 Total de profissionais cadastrados = 7844	9/5/2005	24/11/2005	Contato em junho, com Regina Celi de Sousa – rsousa@mmso.com.br (11)3150-7437/(11)3150-7000 que intermediará a pesquisa via email.
CRB 9 (PR)	registrados 1.426 atuantes 677	18/5/2005	24/11/2005	
CRB 10 (RS)*	923	9/5/2005		
CRB 11 (AM, AC, RR, RO)	Manaus - 271 Rondônia - 40 (2 empresas registradas em Rondônia, totalizando 42 inscrições) Acre - 8 Roraima - 22 Total: 383	20/5/2005	24/11/2005	
CRB 12 (ES)*	423	15/7/2005 (por telefone com Eliete)		Cadastro recebido em 19/7/2006 (agradecido em 19/7/2006)
CRB 13 (MA)	inscritos em atividade no CRB13 é 386	19/5/2005		
CRB 14 (SC)*	Em atividade – 658 Entre efetivos, provisórios e secundários – 953	17/5/2005	24/11/2005	Cadastro recebido em 24/5/2006 (agradecido em 24/5/2006)
CRB 15 (PB, RN) ¹	Paraíba - 250 Rio Grande do Norte - 123	---	---	---
TOTAL	15.515			

* Amostra da pesquisa.

¹ CRB Criado em 2007, com a divisão do CRB4.

Quadro 18 – Bibliotecários Inscritos nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia¹⁷⁰

¹⁷⁰ Data de solicitação de informação sobre o número de bibliotecários inscritos: 7/5/2005 e data reiterando pedido de informação sobre o número de bibliotecários inscritos: 16/5/2005.

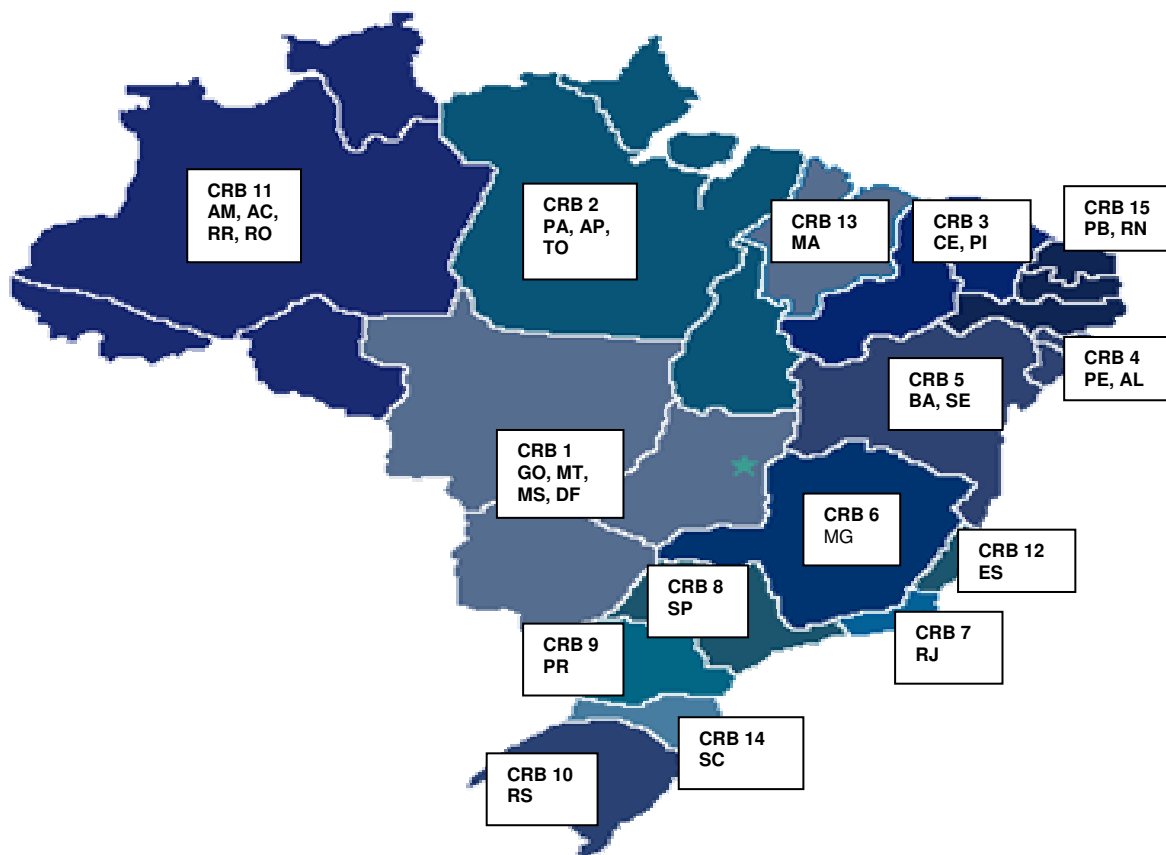


Figura 11 – Conselhos Regionais de Biblioteconomia¹⁷¹

¹⁷¹ Fonte: <http://www.cfb.org.br/hatm/institucional.asp>. Acesso em: 14 mar. 2008.

Anexo V – Modelo da Correspondência Enviada aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação
Departamento de Ciência da Informação e Documentação

Brasília, 4 de maio de 2006.

Senhor Presidente do **CRB X**,

Sou orientadora da tese de doutorado de Maria Tereza Machado Teles Walter, CRB1 nº 839, que tem por objetivos identificar a auto-imagem profissional do bibliotecário brasileiro, a importância da Escola nesse processo e o mercado de trabalho potencial para atuação.

A realização deste trabalho se dará em várias etapas e abrangerá os bibliotecários e os professores das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, no processo de coleta de dados.

Para que isso seja possível, solicitamos a V.S^a o fornecimento do cadastro de endereços dos bibliotecários **cadastrados no CRB X**.

Na oportunidade, reiteramos que:

- as informações contidas somente serão utilizadas para fins desta pesquisa e os dados serão analisados de forma agregada, sem identificação dos respondentes;
- se este Conselho necessitar de alguma declaração formal da aluna, registrada em cartório, explicitando a observação de confidencialidade e de não divulgação de endereços para terceiros, os termos deverão ser informados para que seja providenciada;
- caso haja alguma despesa envolvida na geração de listagens ou emissão de arquivos eletrônicos, a aluna deverá ser notificada com as instruções específicas para ressarcimento do CRB.

Finalmente, considerando as dificuldades de pesquisa no país e do potencial conjunto de dados que podem ser obtidos pela referida pesquisa para utilização e maior aproximação dos Conselhos com seus filiados, encarecemos considerar esse pedido, de forma a viabilizar o estudo em questão.

Desde já agradeço a atenção e solicito que o referido cadastro seja encaminhado diretamente à aluna, cujos endereços de contato são:

Correio eletrônico: mtmtwalter@terra.com.br ou mariat@stf.gov.br;
Telefone: (61) 3326-9414 (resid.) ou (61) 3217-3507 (trab. de 12h às 19h)
Endereço residencial: SQN 203 – Bloco G – Apartamento 201
Brasília/DF 70833-070

Atenciosamente,

Sofia Galvão Baptista
Chefe de Departamento
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
Universidade de Brasília

CRB-X Estado(s)

Presidente: **Nome completo**

Endereço:

Fone:

Fax:

E-mail: